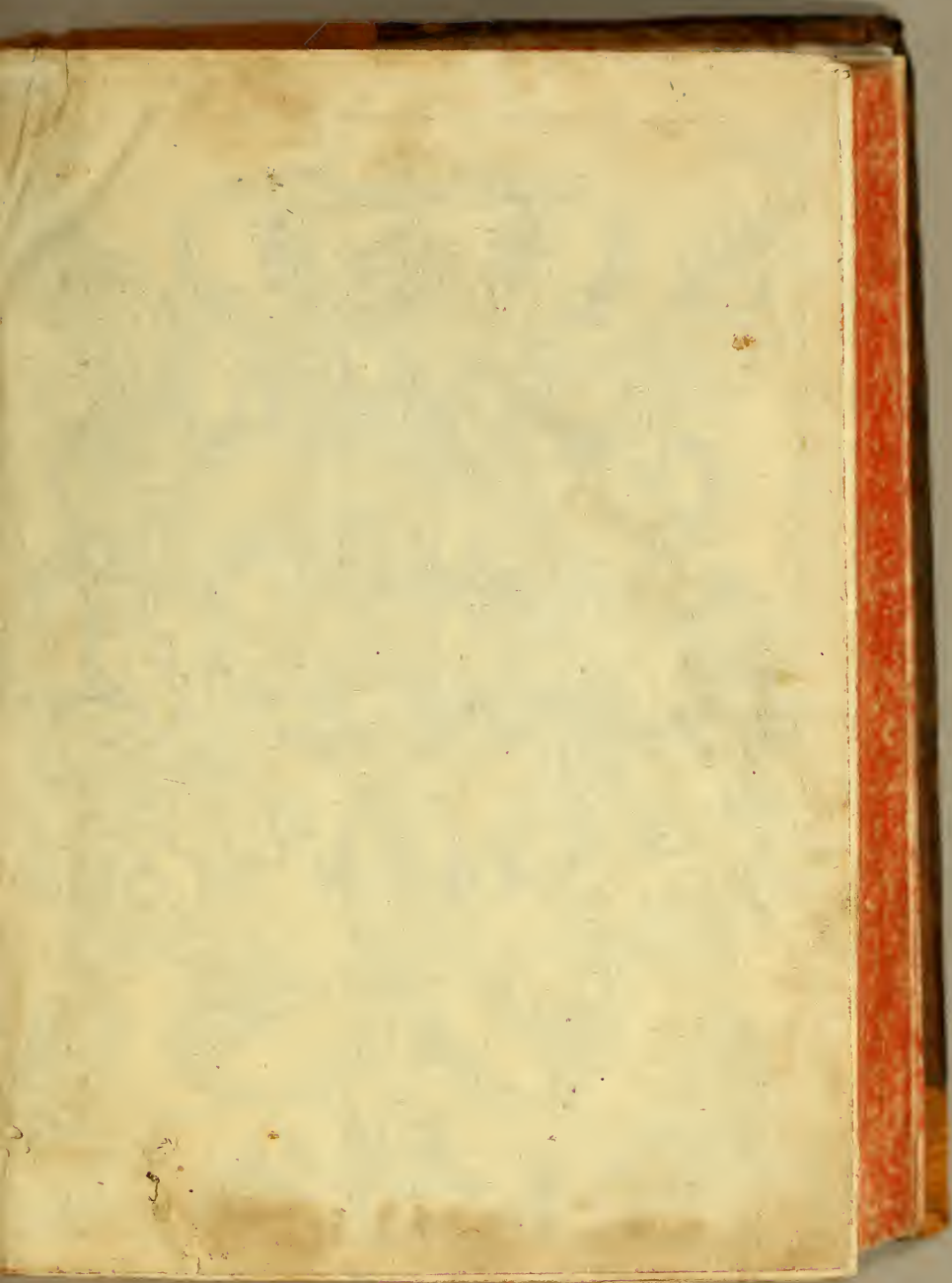


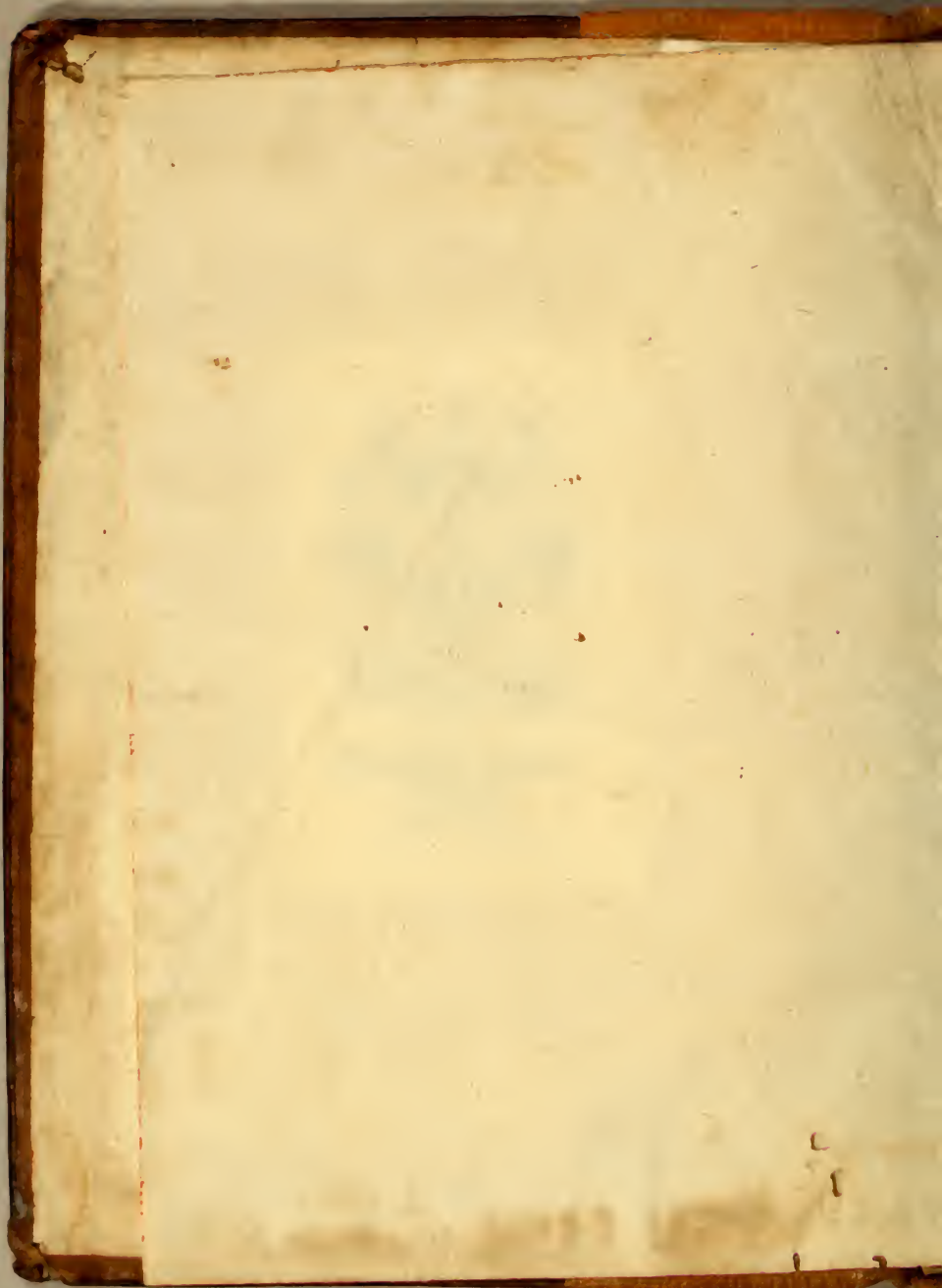


129/1500

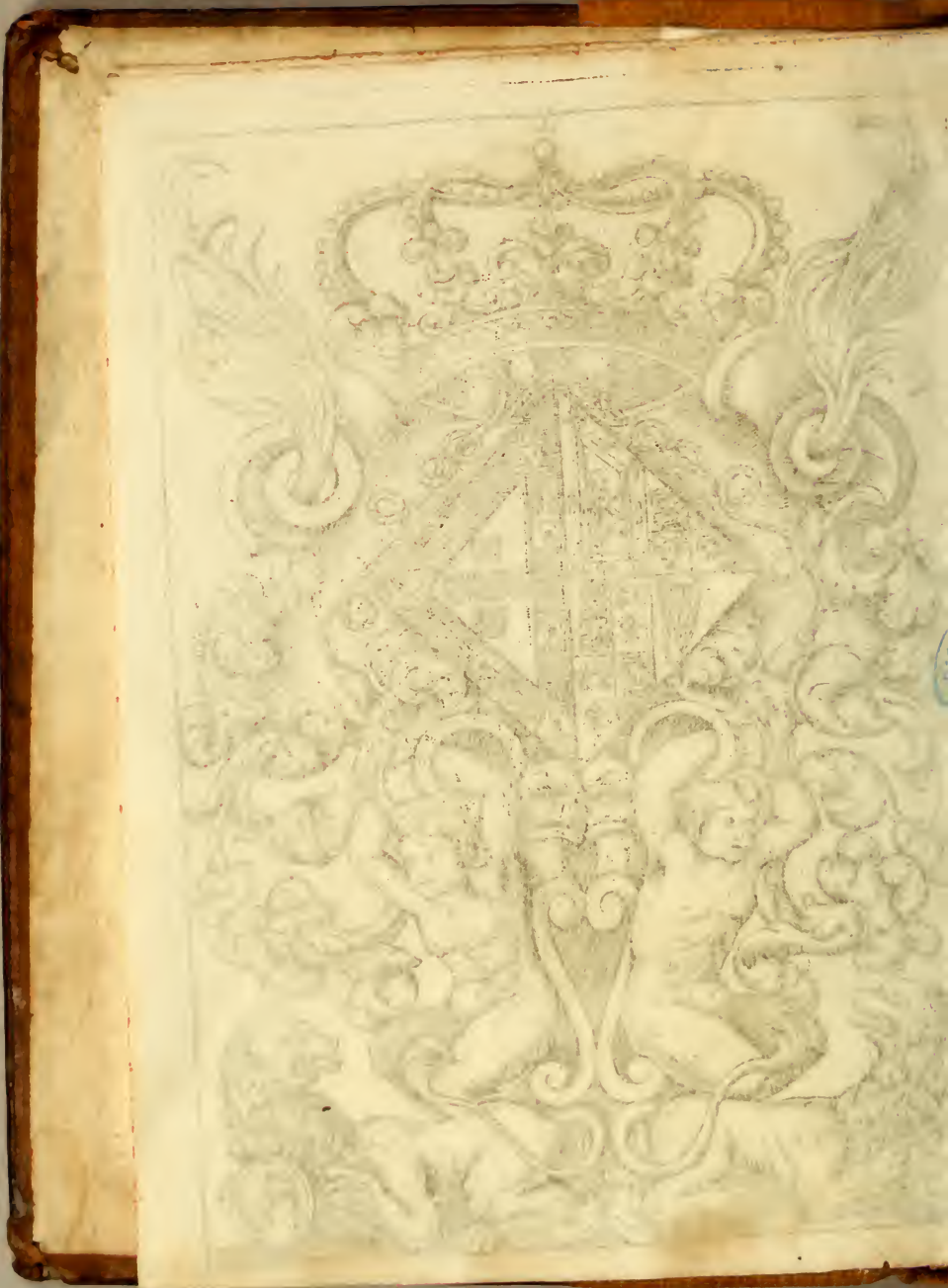


John Carter Brown
Library
Brown University









SERMOENS

DO

P. ANTONIO VIEYRA,

da Companhia de

J E S U,

Prègador de Sua Magestade.

UNDECIMA PARTE,

OFFERECIDA

à Serenissima Rainha da

GRÃ BRETANHA.



L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES,
Impressor de Sua Magestade.

M. DC. LXXXVI.

Com todas as licenças neceßarias, & Privilegio Real.



SENHORA:



MAIS antigo criado da Real Casa de V. Magestade, não sey porque destino muitas vezes resuscitado antes de morto, offerce ainda vivo à Soberana Grandeza de V. Magestade este

pequeno Volume de discursos varios, e no rosto del-
le ao glorioso nome de Catharina a roda da mesma
Santa superior a toda a variedade.

Acerca desta grandeza, e desta roda me lembra, que em duas colunas da ponte triumphal por onde dividindo o ultimo passo entre a terra, e o mar se despedio V. Magestade da Patria, fixei eu duas emprezas, que o tempo depois mostrou não serem menos panegyricas, que verdadeiras.

Alludindo ao appellido da Grã Bretanha, significuei quanto V. Magestade sendo Rainha sua lhe accrescetaua a grandeza. Mostra vase ella como Ilha no meyo do mar, tocando com huma ponta a Europa em Lisboa, com outra a Africa em Angola, com a terceira a Asia em Goa, e com a ulti-

ma a America nesta Bahia. E estendendo-se por este modo a Grã Bretanha a toda a grandeza do mundo; emendava eu o verso do Principe dos Poetas, demonstrando, como se via na pintura, que já os Ingrezes não eraõ os apartados, & divididos de todo o mundo, mas por mercè da nova Senhora, & Rainha sua, unidos a todo elle. A alma do que se via pintado se declarava nestas duas regras:

Define jam toto divisos orbe Britannos

Dicere: sic toti Britannia jungitur Orbi.

A segunda empreza verdadeiramente Real era do Serenissimo Esposo El Rey Carlos, o qual unindo a consonancia das primeiras letras dos dous nomes Carlos, & Catharina, em sinal do seu amor, & estimação debaixo da mesma Coroa mandou entalhar dous CC. Cada huma destas letras significa cento, & voltada huma para a outra, formaõ ambas hum circulo perfeito, symbolo da eternidade. Alludindo pois à differença da religião, & pintada, ou descrita esta segunda figura igualmente coroada defronte da primeira, em huma pronosticava a duração do reynado, em outra a conversão do Rey: descifrando o pensamento de ambas estes dous versos:

Bis centū Imperij CC duplex auguror annos.

Æternos faciet si se converterit unum.

O que agora direi (como em materia tam secreta)
he por boca da fama, a qual publicou em Roma, assis-
tindo

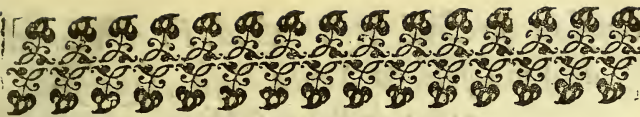
tindo en nella, que acabdra El Rey da Grã Bretanha a vida com felicissima morte, pro fessando pelos santos, & efficazes conselhos de V. Magestade a religião Catholica. Guardou a graça para o tumulo, o parto, que negou a natureza ao thalamo: sendo V. Magestade mais altamente Mãy do mesmo, que havia de ser Pay: pois quando lhe naõ deo herdeiro para a Coroa temporal da terra, o fez herdeiro da eterna no Ceo. Na volta circular daquelle C foy mais venturosa a roda de V. Magestade, que a de Santa Catharina; porque ella naõ converteo ao Emperador Maximino, que lhe offerecia as vodas; & V. Magestade aceitando as del Rey Carlos, & o seu Imperio, lhe deo por elle o Empyreo.

Com este triumpho se restituio V. Magestade à Patria; como o Sol ao mesmo ponto do Orizante donde tem sabido, contente de no tempo da sua ausencia ter alumiado os Antipodas. Menos parece que diz o numero singular na Pessoa daquelle Rey; mas a de Constantino em Roma ensinou ao mundo, que a Magestade do exemplo Real nunca sabe a elle só, senaõ acompanhada de muitos. Quatorze annos antes do nascimento de V. Magestade se tinha estampado em Lisboa, & recebido com applausos de vaticinio hum pronóstico, que de toda a nação Ingreza (tam illustre na Fé, & santidade antigamente) dizia:

Por meyo convertida de huma Infanta
Nesta conquista irá da Terra Santa.
E como a terra, antes de nacer o que ha de produzir,
primeiro conserva, & esconde em si o que nella se te
semeado (razão porq̃ os Espiritos Apostolicos são cha-
mados Aeternitatis Satores); não serãõ tão mar-
vilhosos como grandes na Grã Bretanha os effectos
das heroicãs, & religiosas virtudes, que lá admira-
vãõ, & veneravãõ nas gloriosas acçoens da sua
Rainha os mesmos que as não imitavãõ; quando a
seu tempo, como se espera, brotarem da mesma ter-
ra, & sabirem a luz os frutos dellas.

Entretanto logre Portugal a ventura de se ver
tãõ rico, enobrecido com a Real presença de V.
Magestade, que todos envejamos de tãõ longe. E eu
como mais lembrado não podendo dissimular a reflê-
xão, & mágoa de que as saudades que V. Magestade
embarcava, entregues ao mar, & ao vento, não
achassem já na Patria aquella doce respiração de q̃
huma, & outra alma vivião. Dou comtudo infini-
tas graças a Deos, que tendonos levado para si am-
bas as Magestades, assim dos filhos, como das filhas,
nos deixasse sua Providencia os dous ultimos, para
que os presentes logrem, & os ausentes venerem
por muitos annos nestas duas cópias tãõ parecidas os
heroicos, & gloriosos dous originaes, a que devemos
a liberdade, a Coroa, & a eterna memoria.

ANTONIO VIEYRA.



LICENÇAS.

Da Religião.

Alexandre de Gusmaõ da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por cõmissãõ especial, que tenho de nosso muito Reverendo Padre Thyrsõ Gonzales, Preposito Geral, dou licença, para que se possa imprimir a Undecima Parte dos Sermoens do Padre Antonio Vieira da mesma Companhia, Prègador de Sua Magestade; a qual foy revista, & approvada por Religiosos doutos della, por Nõs deputados para isso. E em testemunho de verdade dey esta, subscrita com o meu final, & sellada com o sello do meu Officio. Dada neste Collegio da Bahia aos 2. de Julho de 1695.

Alexandre de Gusmaõ.

Do Santo Officio.

O Padre Mestre Frey Manoel de Saõ Joseph & Santa Rosa, Qualificador do Santo Officio, veja o Tomo dos Sermoens de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 2. de Setembro de 1695.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.
* v *Cen-*

*Censura do M. R. P. M. Fr. Manoel
de São Joseph & Santa Rosa, Qualifi-
cador do Santo Officio.*

Illustrissimo Senhor:

M Andame Vossa Illustrissima dar o meu parecer nestes Sermoens varios do Padre Antonio Vieyra da Sagrada, & Religiosissima Companhia de Jesu, Prêgador de Sua Magestade, & sem eu os ler os havia approvar, porque bastava ver o nome do seu Author, a quem o mundo venera por Oraculo dos Prêgadores, para não necessitarem de outra approvação estes Sermoens; porêm como este obsequio ao seu nome he golpe da minha obrigação, por nam offender esta, os li com aquella attenção, que merecem todos os escritos deste insigne Prêgador, & não achei mais que grandes motivos para passar de Censor a ser seu Panegyrista; o que fizera, se não entendêra que he todo o encarcimento curto, & todo o gabo limitado a tam sublime engenho: sómente digo o que já em semelhante occasião disse Plinio lib. 1.^o Epist. 4. *Hoc opus pulchrum, validum, sublime, varium, elegans, & purum.* São estes Sermoens varios nas materias, sublimes nas emprezas, elegantes no affeyo, & propriedade das palavras, sólidos nos discursos, agradaveis nos conceitos, puros, porque nam tem cousa que possa fazer a minima dissonancia a nossa Santa Fé, & bons costumes. Lisboa no Convento de S. Francisco da Cidade, 7. de Janeiro de 1696.

Fr. Manoel de S. Joseph & Santa Rosa,

O Padre Mestre Frey Alvaro Pimentel, Qualificador do Santo Officio, veja o Tomo dos Sermoens de que esta petição trata, & informe com seu parecer. Lisboa 10. de Janeiro de 1696.

Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

Censura do M. R. P. M. Fr. Alvaro Pimentel, Qualificador do S. Officio.

Illustrissimo Senhor:

M Andou Christo nosso bem, que os seus Apostolos prégassem o seu Evangelho, & a sua Ley a toda a creatura, não só porque os Apostolos havião de achar nas diversas partes do mundo homens com as condições de todas as creaturas, como disse o Reverendo Padre Antonio Vieyra, Religioso da sempre illustre, & esclarecida Companhia de Jesu, cujos Sermoens Vossa Illustrissima me manda rever, mas, como a mim me parece, porque como havião de prégar a todos os homens, & estes sejam diversos nas condições, nas linguas, & nos officios, era conveniente que os seus Prégadores o fossem de forte, que para prégar a huma só especie de racionais soubessem tanto, como se houvessem de prégar às creaturas todas. Lendo eu todos os Sermões deste insigne Prégador, o que nelle mais admirava, era o acerto, & a propriedade com que fallava nas materias, como se acomodava com os Evangelhos, como delles tirava com naturalidade os assumptos, como media as orações nos
tristes

trifites para enternecer os ouvintes, como era sentencioso nos graves, & como era de tal forte para todos claro, que ainda os de menor esphera no juizo, quando o ouviam nos pulpitos, ou quando o liaõ nos escritos, ficavam aproveitados na intelligencia. Neste seculo, Illustrissimo Senhor, só este Prégador foy Prégador do mundo todo, assim porque só elle prégou juntamente com fruto, & admiração de todos, já em Portugal, já na America, já na Espanha, já na Italia com a pessoa, mas em todas as demais partes do Univerfo com os escritos; como porque só este Prégador soube prégar nos nossos tempos pela propria lingua a todas as creaturas. De muitos Santos se lê, que prégavão no mesmo auditorio em varias linguas, & que os percebião no mesmo auditorio naçoens diversas: deste illustre Prégador se pôde dizer, que sendo Portuguez na linguagem, não havia creatura, por diversa que fosse, que o não entendesse na sua lingua; & posto que se não attribua isto a milagre como nos Santos, o attribuirse sómente a dom da natureza, o faz parecer prodigio unico. A' vista deste meu parecer, fudado na minha lição, & na minha experiêcia, principiey a revisão deste Livro, com temor, & com seguro, com temor, porque na opinião do mundo todo sómente com o nome de seu Author se defendem, & se acreditão, com seguro, porque he seu Author tam sciente na doutrina dos Santos Padres, que ainda aquillo que para os ouvintes mais intelligentes não só he novo, mas estranho; bem considerado, he doutrina irrefragavel dos Doutores, & não pôde ninguém temer seguir a esta Aguia nos voos do discurso, quando sempre se estriba sobre o verdadeiro, & sólido da Escritura, dos Santos Padres, & razão. Finalmente parece este Tomo de Sermoens dignissimo de se imprimir em letras de ouro, porque tambem lhe não acho cou-

fa

sa contra nossa Santa Fé, & bons costumes. Lisboa no
Convêro de N. Senhora da Graça 1. de Março de 1696.

O Mestre Fr. Alvaro Pimentel.

Vistas as informações, pôdem-se imprimir os Ser-
moens de que esta petição trata, & depois de im-
pressos tornarâm para se conferir, & dar licença que cor-
rão, & sem ella não correrâm. Lisboa 2. de Março
de 1696.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

Do Ordinario.

Podem-se imprimir, & depois tornarâm para se cõ-
ferirem, & se dar licença para correrem, & sem ella
nao correrâm. Lisboa 8. de Março de 1696.

Serraõ.

Do Paço.

Manda ElRey nosso Senhor, que o Arcebispo de
Cranganor Dom Diogo da Annuniação Justi-
niano veja este Livro, & informe com feu parecer. Lis-
boa 9. de Março de 1696.

Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.

Censu-

*Censura do Illustrissimo Senhor Dom Diogo
da Annunçiação Iustiniano, Arcebis-
po de Cranganor.*

S. E N H O R :

M Andame Vossa Magestade que veja este Livro do Padre Antonio Vieira, dignissimo Prêgador de Vossa Magestade, & benemerito filho da illustrissima Companhia de Jesus. O nome do Author basta para sua approvaçãõ, porque não pôde haver juizo tam temerario, que nos escritos de hum tam insigne Orador possa deixar de reconhecer o brado geral que tem dado em todo o mundo a sua eloquencia, & a veneraçãõ com que as naçoens estrangeiras confessaõ em a Portugueza a superior ventagem com que as excede em semelhante argumento; pois teve a gloria de ter por seu filho em o Padre Vieyra o Mestre de todos os Prêgadores; ou neste Prêgador o Mestre de todas as sciencias; privilegio, (que segundo a doutrina do Apostolo) lhe deu não só o seu singular engenho, mas tambem a fecundissima Mãy, que em Christo o gerou: *Divites facti estis in omni verbo, & in omni scientia, vocati in societatem Iesu.* O Author destes Sermões verdadeiramente foy Prêgador Real, ou o Rey de todos os Prêgadores; porque não só teve o titulo de Prêgador de Vossa Magestade, mas em Roma lhe deo o mesmo titulo a gloriosa memoria da Augustissima Rainha de Suecia; não se contentando com o ouvir todas as vezes que havia de discorrer em a sua Real presença, mas ainda fóra deste lugar em todos aquelles grandes concursos, onde elle era o pancgyrista: porèm se o Rey faz Corte em todo o lugar, o Padre Vieyra

Epist. 1.
ad Co-
riuth.
c. 1.

Vieyra, como Rey de todos os engenhos, não he muito que com o feu discurso capacitasse a todo lugar para a Magestade daquella Rainha, attrahindo-a os rayos da sua doutrina, como generosa Aguia, para que ella fosse a primeira, que com a voz do feu applauso interrompesse o silencio, para despertar a admiração nos ouvintes. Cõfesso a Vossa Magestade, que todas as vezes, que leyo as obras deste grande homem, me persuado ser elle aquelle, de quem admirado disse Santo Thomás de Villa Nova: *Intellectus acumine, monstrum quoddam naturæ*: pois se nam pôde negar ser monstruosidade, que em onze partos sejaõ iguaes todos os filhos, & que em onze Livros sejaõ iguaes todos os Tomos. Luzir o Sol na visinhança do Occaso com aquelle mesmo brio, q̃ luzio no Oriete, & ter tanta aetividade nas portas do sepulchro, como no throno do Zenit, he mōstruosidade; porq̃ a experiencia mostra, q̃ nestes estados, não são iguaes as luzes do Sol. Atè nisto foy Sol o Padre Vieyra, porque atè nisto foy só, pois a visinhança do feu Occaso he a mesma, que o berço do feu Oriente: & na verdade assim he; porque este Tomo, que no numero dos seus Livros he o undecimo, ainda que pela idade do Author tenha o *In senectute genuisset eum*, de Joseph, que tambem foy o undecimo filho de Jacob; não se lhe pôde negar, que como undecimo tem aquella mesma benção a respeito das outras partes, que Joseph teve entre os demais irmaõs, porque supposto que todas tem o mesmo pay, este Tomo porém he o *Filius accrescens Joseph, Filius accrescens*; pois sendo todos grandes, este he o maximo: & se os outros foraõ capazes de enveja, bem poderiaõ contra este fazer aquella mesma queixa, que contra o undecimo fizeram os demais irmaõs: *Rex noster eris, aut subjiciemur ditioni tuæ*? porque este a respeito dos outros he o Principe de todos os Livros; ou este he aquelle Livro, que por undecimo ha de

Serm. 1.
S. Aug.

Genes.
c. 3. 7.

Genes.
c. 4. 9.

Genes. 1
c. 3. 7.

Zach.
c. 35.

Genes.
c. 35.

de voar sobre os outros Tomos ; assim como Zacharias vio voar o volume das suas profecias (que foy o undecimo Tomo dos Profetas menores) sobre os livros que continhaõ os vaticinios dos outros Profetas : *Volumen volans*; só com a differença , que o Tomo de Zacharias foy undecimo entre os menores, & este entre os mayores he o undecimo. Praza a Deos, que dos Sermoões do Padre Vieyra vejamos nós o seu ultimo Benjamin, com que satisfaz à sua promessa no duodecimo tomo , que nos falta ; & então confessaremos , que este será o seu duodecimo, & ditofo *Filius dexteræ*; quando depois de sahir a luz deixe ainda vivo ao pay, para nos poder communicar no seu celebre *Clavis Prophetarum*, aquelle monstruoso parto com que a sua sciencia tem suspena a nossa expectação. Onde concludo, que Vossa Magestade não só deve conceder a licença que se lhe pede , mas ordenar ao Author, que por credito da nossa nação se anime a não deixar enterrado em o pó do esquecimento ainda aquellos fragmentos, que tem apontado o seu incansavel estudo, pois em cada hum delles se perderá hum thesouro. Este he o meu parecer , Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa 14. de Março de 1696.

D. Arcebispo de Cranganor.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 17. de Março de 1696.

Marchaõ. Azevedo. Ribeyro.

E Stà este Livro conforme com o seu original. S. Francisco da Cidade, em 7. de Dezembro de 1696.

Fr. Manoel de S. Joseph & Santa Rosa.

V Isto estar conforme com seu original, pòde correr. Lisboa 7. de Dezembro de 1696.

Castro. Foyos. Azevedo. Pinna. Dinis.

P Ode correr. Lisboa 10. de Dezembro de 1696.

Serrão.

T Aixão este Livro em treze tostoens. Lisboa 7. de Dezembro de 1696.

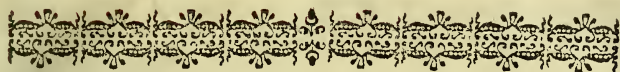
Mello P. Roxas. Azevedo. Ribeiro. Sampaio.



SERMOENS

Que contêm esta Parte.

- | | |
|---|---------|
| I. S ermão de Santa Catharina, | Pag. 1. |
| II. S ermão de São Ioseph, | P. 46. |
| III. S ermão da primeira Sexta feira da Quaresma, | P. 96. |
| IV. S ermão de Santo Antonio, | P. 138. |
| V. S ermão das Quarenta Horas, | P. 171. |
| VI. S ermão do Evangelista S. Lucas, | P. 206. |
| VII. S ermão do B. Estanislao Koska, | P. 250. |
| VIII. S ermão do Demonio mudo, | P. 281. |
| IX. S ermão domestico na Vespera da Circumcisão. | P. 322. |
| X. S ermão de S. Antonio, | P. 344. |
| XI. S ermão dos Bons Annos, | P. 399. |
| XII. S ermão da quinta Dominga da Quaresma, | P. 432. |
| XIII. S ermão das Dores da Sacratissima Virgem
Maria, | P. 470. |
| XIV. S ermão de Acção de graças pelo nascimento do
Infante Dom João, quarto filho do Sere-
nissimo Rey D. Pedro II. de Portugal. | P. 481 |
| XV. S ermão gratulatorio a S. Francisco Xavier, pe-
lo nascimento do mesmo Infante, | P. 512. |
| XVI. S ermão do felicissimo nascimento da Serenissima Infan-
ta Teresa Francisca Josepha; que por vir depois
de impresso este Tomo, se acrescentou no fim delle. | |



Erratas deste Tomo.

- P** Ag. 6. lin. 1. *omniu, omnia.*
Pag. 69. col. 2. lin. 21. o nome de Esposo, o nome
nao de Esposo.
Pag. 85. col. 1. lin. 32. feito perpetua, feito de perpetua.
Pag. 101. col. 1. lin. 22. ao homen, ao homem.
Pag. 179. col. 1. lin. 1. *Fortis, Foris.*
Pag. 211. col. 2. lin. 3. por effei-, por effei to.
Pag. 314. col. 1. lin. 33. confer var, conversar.
Pag. 370. col. 2. lin. 21. so, os.
Pag. 419. col. 1. lin. 25. resolver, revolver.



SERMAM

DE SANTA CATHARINA

Virgem, & Martyr,

Em occasião, que se festejava em Lisboa
huma grande Vitoria.

Ne fortè.

Matth. 25.

§. I.

BREVE clau-
sula para the-
ma ; porèm
grande para
Sermaõ ! He taõ grande,
& taõ forte a significação
deste *Ne fortè*, que com
ella se sustentaõ, & saõ
fortes todas as fortalezas:
& as que não saõ fortes,
Tom. II.

nem se defendem, sò por
falta della saõ fracas, sò
por falta della se rendem,
& saõ vencidas. E que
quer dizer: *Ne fortè*? Quer
dizer : Paraque não por
algum caso : Paraque não
por alguma desgraça : Pa-
raque não por algum en-
gano : Paraque não por al-
guma violencia : Paraque
não por algum descuido
pro-

A

proprio, ou diligencia, & industria alhea. He o *Ne fortè* hum adverbio sempre vigilante, mas indeciso: he huma suspenção do que he: he huma duvida do que será: he hum cuidado folicito do que pôde ser. He hum receyo temeroso do futuro, não esquecido do passado, nem divertido do presente; & neste circulo de todos os tempos acautelado para todos. Diriva-se a palavra: *Ne fortè*: daquella, que o mundo chama Fortuna, & he huma força tão poderosa, & tão forte, que desfarma a mesma fortuna de todos os seus poderes; porque a quem sempre estiver cuidadoso do que ella pôde fazer, ou desfazer, nunca lhe acontecerá que diga: Não cuidei; que he a primeira maxima da Prudencia.

2 De prudentes, & nescias se compoem toda a historia do nosso Euangelho, gloriosa para humas, & tragica para outras. As prudentes foraõ as ventu-

rosas, porque disseraõ: *Ne fortè*: as nescias as sem ventura, porque o não souberaõ dizer. As prudentes com as alampadas acetas entraraõ às vodas; as nescias às escuras, & com ellas apagadas ficaraõ de fora. Cuidaraõ as nescias, que se lhes não apagariaõ as alampadas, cuidaraõ que seriaõ soccorridas das companheiras, cuidaraõ que ainda que chegassẽ tarde, se lhes abririaõ as portas: & depois de tanto cuidar, acharaõ que não tinhaõ cuidado; porque não cuidaraõ quando, & como conyinha, nem souberaõ dizer a tempo, *Ne fortè*. Tres vezes o disseraõ as prudentes: na consideração, na prevenção, & na resolução. Na consideração, considerando que por falta do sustento natural do oleo, se podia apagar o fogo, & morrer a luz das alampadas: na prevençãõ; porque se preveniraõ de o levar nas redomas, para dellas o suprir, quando faltasse: na resolução; porque

Santa Catharina.

3

porque faltando às companhias, resolutamente lhes responderão, que não as podia soccorrer; porque podia não bastar para todas: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.*

Matth.
25. 9.

3 Oh Virgem fortíssima, & prudentíssima Catharina, que bem retratada vos vejo nas cinco prudentes do Euangelho, como Juno pelo pincel de Zeus nas cinco escolhidas de Argêntina! Offereceo o Emperador Maximino a Catharina tudo, o que podia dar neste mundo a fortuna, que eraõ as vodas, & coroa Imperial: mas porque a Virgem prudentíssima, ainda com prudencia humana, considerou nesta grande offerta não o que era, senão o que podia ser; desprezou a coroa da terra sujeita à roda da fortuna, & segurou a que hoje goza no Ceo, que a mesma fortuna nem pôde dar, nem tirar: *Ne fortè.* Este será o argumento do meu discurso, tão proprio do tempo presen-

te, como das graças, que devemos dar a Deos pelas fortunas do mesmo tempo. Mas como para acertar a dar estas graças he necessário que o mesmo Deos nos assista com a sua, peçamo-la primeiro por intercessão da chea da graça. AVE MARIA.

§. II.

Ne fortè.

4 **T**odos os titulos, que nos obrigaõ a dar graças a Deos pelos triunfos do tempo presente, me parece que estou vendo copiados, & divididos nas gloriosas insignias daquela sagrada Imagem. Está adornada a Imagem de S. Catharina com os tres instrumentos, ou trofeos da sua vitoria, huma Palma, huma Espada, huma Roda. Os Oradores Euangelicos, que entre salvas, repiques, & luminarias celebrarão atègora a felicidade de nossas armas na campanha deste anno, huns

A ij tomá-

tomárao por assumpto a Palma, outros a Espada : na Palma, fazendo panegyricos à vitoria; na Espada, ao valor dos Capitães, & soldados. E porque nenhum atêgora fallou na Roda, ella será o meu assumpto. As Palmas, que tem as raizes na terra, todas se podem seccar, ou murchar: sô são perpetuamente verdes aquellas, que vio S. Joáo no seu

Apoc. 7. *Apocalypse: Et palmae in manibus eorum.* As Espadas

tambem tem os seus revezes na terra, ainda que sejao defcidas do Ceo. Do Ceo trouxe a Alma do Profeta Jeremias a espada, que metteo na mão a Judas Machabeo: mas depois de tantas vitorias, emfim pode dizer com David aquelle valerosissimo Capitaó: *Gladius meus non salvabit me*; porque na tragica batalha contra Barchides, & Alcimo não defendeo ao grande Machabeo a sua espada, & com ella na mão cahio morto. Tudo isto são avifos às

Psalm.

43. 7.

Palmas, rebates às Espadas, & defenganos a todo o vencedor, que no meyos dos maiores triunfos podem temer a roda. Esta Roda pois, como prometti, será o meu argumento, o qual sobre os eixos della se revolverá em dous discursos, quanto for possivel, breves.

III.

5 **N**E fortè. Variamente pintárao os Antigos a que elles chamárao Fortuna. Huns lhe puzerão na mão o Mundo, outros huma Cornucopia, outros hum Leme: huns a formárao de ouro, outros de vidro, & todos a fizerão cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, & os pés sobre huma roda. Em muitas cousas errárao como Gentios, em outras acertárao como experimentados, & prudentes. Errárao no nome de Fortuna, que significa Caso, ou Fado; errárao na cegueira

Santa Catharina.

gueira dos olhos ; errarão nas insignias, & poderes das mãos ; porque o governo do Mundo, significado no Leme, & a distribuição de todas as coufas, significadas na Cornucopia, pertence sòmente à Providencia Divina, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, & com a balança de sua justiça na mão, he a que reparte a cada hum, & a todos : o que para os fins da mesma Providencia com altissimo conselho tem ordenado, & disposto. Acertarão porèm os mesmos Gentios na figura, que lhe deraõ de mulher, pela inconstancia ; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda ; & sobre tudo em lhos porems sobre huma roda ; porque nem no prospero, nem no adverso, & muito menos no prospero, teve já mais firmeza. Dos que a fizeraõ de ouro diremos depois : o que agora sòmente me

Tom. I. I.

parece dizer, he que os que a fingirão de vidro pela fragilidade, fingirão, & encareceração pouco ; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podião segurar a inconstancia da roda.

6 Em huma das fabricas particulares, & famosas do Templo, diz o Texto Sagrado, que fez Salmaõ dez bases de bronze, ^{3. Reg. 7. 27.} quadradas, & iguaes por todas as partes : *Fecit decem bases æneas, quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis.* Diz mais (o que se o não dissera, não se imaginára) que estas dez bases as assentára ^{Ibidem 30.} sobre cada huma sobre quatro rodas : *Et quatuor rotæ per bases singulas :* accrescendendo para maior clareza, que as rodas eraõ propriamente como as das carroças, com seus eixos, rayos, & tudo o mais, fundido ^{Ibidem 33.} tambem do mesmo bronze : *Tales autem rotæ erant, quales solent in curru fieri : & axes earum, & radii, & cantbi,*

cantibi, & modioli, omniu fusilia. Toda esta miudeza foi necessario que se explicasse, para que se entendesse a obra, da qual, senão fora o Author Salamaõ, quem haveria que ao menos não estranhasse tal modo de architectura? As bases são o fundamento, & firmeza de toda a fabrica; a figura quadrada entre todas as figuras a mais firme; o bronze entre todos os metaes o mais forte. Pelo contrario as rodas com eixos, & todos os outros instrumentos de se moverem, são entre todas as cousas a menos constante, a menos estavel, a menos firme. Pois porque assenta a fabedoria de Salamaõ toda a firmeza, & fortaleza das suas bases sobre rodas? Assentadas as bases sobre rodas, ficaõ sendo as rodas bases das bases: & isto, que não faria, não digo eu Vitruvio, senão o Architecto mais imperito, que o fizesse Salamaõ? Sim, & com tanta arte como mysterio.

Aquella obra era õ chamado Mar Eneo, fabricado antes de espelhos, & para espelho dos que nelle se fossem ver, & compor. Quiz pois o mais sabio de todos os homens, que na mesma traça, disposição, & ordem da fabrica vissem, & reconhecessẽ todos, que não ha, nem pôde haver neste Mundo coufa alguma tão solida, tão forte, tão firme, nem ainda tão santa, (qual aquella era) que, como se estivera fundada sobre rodas, não esteja sempre sujeita às voltas, declinaçoens, & mudanças de qualquer impulso, imprefação, ou movimento contrario. Tudo o que se diz da Fortuna, & seus poderes, he fingido & falso; sò huma coufa ha nella eerta, & verdadeira, que he a roda.

7 E para que nos vamos chegando ao nosso caso, deixados os vidros, & bronzes, que são nomes metaforicos, fallemos agora com o proprio do homem,

homem , & de todas as cousas humanas , que he o barro. Mandou Deos Nosso Senhor ao Profeta Jeremias , que fosse à officina de hum Oleiro , & que depois de ver o que aquelle homem fazia , lhe declararia o porque là o mandava. Foi o Profeta , & diz que achou o Oleiro trabalhando sobre a sua roda : *Et ecce ipse faciebat opus super rotam.* É notando então com particular advertencia o que fazia , vio que ao principio estava formando hum vaso muito polido , o qual como se lhe descompuzesse , & desmanchasse entre as mãos , desfello , & como irado contra elle , tornou a amassar , & pôr na roda o mesmo barro , & fez outro vaso muito diferente , como lhe veyo à fantasia. Aqui fallou então Deos ao Profeta , & lhe disse desta maneira : Assim como o Oleiro tem nas suas mãos o barro , & delle faz huns vasos , & desfaz outros ; assim tenho eu nas minhas

mãos o Mundo , & posso desfazer huns Reynos , & fazer outros ao meu arbitrio. E se elle com a ponta de hum pé dà estas voltas à sua roda , julga tu , se o poderei fazer eu. Vai a Jerusaleem , conta-lhe o que viste , & dize-lhe que o primeiro vaso tão polido que o Oleiro fazia , he o Reyno de Israel tão amado , & favorecido da minha Providencia , o qual com a sua rebeldia se me descompoem entre as mãos : & que ainda estou aparelhado para lhe perdoar , & me arrepender do que tenho determinado : mas que se elle se não quizer emendar , darei volta à roda , & do mesmo barro farei outro vaso. Jerusaleem passará para Babyloonia , & o Reyno , que aqui he del-Rey Joachim com liberdade , là será de Nabucodonosor com perpetuo cativoiro. E assim foi.

8 Oh que facilmente se engana o juizo humano nas apprehensoens de

Jerem.
12. 3.

qualquer successo prospero ! Por isso disse fabia, & prudentissimamente o grande Senador Romano Severino Boecio, que melhor, & mais util he ao homem a fortuna adversa,

Boet. de
Consol.
libro 2.
prof. 3. s.

que a prospera : *Plus reor hominibus adversam, quam prosperam prodesse fortunam.* E dà a razaõ ; porque a prospera mente, & a adversa defengana : *Illa enim semper specie felicitatis, cum videtur blanda, mentitur: hæc semper vera est, cum se instabilem mutatione demonstrat. Illa fallit, hæc instruit.* Quem se não quizer enganar com as lisonjas da fortuna prospera, olhe para a roda. Nella, & do mesmo barro faz Deos Reynos, & desfaz Reynos ; desfaz Jerusalems, & acrescenta Babylonias ; cativa os livres, & restitue a liberdade aos cativos. Assim o fez a benignidade Divina, dando outra volta à roda, & restituindo os cativos de Babylonia à liberdade, de que poucos já se lembra-

vaõ, no fim de setenta annos : caso bem parecido ao nosso.

§. IIII.

9 **L**A depois de setenta annos, cà depois de sessenta, huns, & outros profetizados ; mas nem por isso cuide alguem, que para todas estas voltas da roda são necessarios tantos espaços, ou tantos vagares do tempo. As rodas do carro de Ezechiel, em que Deos se lhe mostrou governando todo este Mundo, eraõ cada huma composta de duas, huma roda atravessada, & outra cruzada com ella pelo meyo. Isso quer dizer : *Rota in medio rotæ.* E que rodas eraõ, & são estas ? Huma he a roda da fortuna, outra a roda do tempo. Mas de tal maneira unidas, & travadas entre si, & taõ independentes huma do curso da outra, que para

Ezechi.
10. 10

para a roda da fortuna dar huma volta inteira, não he necessário que a dê tambem inteira o tempo. As voltas da roda do tempo são as mesmas, que as do Sol. O Sol dá huma volta maior cada anno, & huma menor cada dia. Porém para a fortuna dar huma volta inteira aos maiores Imperios, não são necessários annos, nem dias.

10 O maior Imperio, & Monarchia, que tinha havido no Mundo, era a dos Assyrios, & Chaldeos. E quantas horas houve mister a roda da fortuna para derrubar esta, & levantar sobre ella outra maior? Diga-o a Escritura Sagrada por boca de Daniel, que se achou presente. *Eadem nocte interfectus est Baltasar rex Chaldaeus, & Darius Medus successit in regnum:* Na mesma noite fatal, em que o Rey com mil Magnates da sua Monarchia convidados para hum solemne banquete estavaõ brindando

aos seus deoses, foi morto (diz Daniel) Baltasar Rey Chaldeo, & lhe succedeo no Imperio Dario Medo. De forte que tanto mais depressa deo volta a roda da fortuna, que a roda do tempo, que não tendo o tempo em ausencia do Sol andado hum dia natural, nem meyo dia; a fortuna, morto Baltasar, & succedendo-lhe na Coroa Dario, já tinha posto por terra a Monarchia dos Assyrios, & Chaldeos, & levantado atè as nuvens a dos Persas, & Medos.

11 Cahio a Monarchia, mas não cahio a Corte; porque ficáraõ em pé os famosos muros de Babilonia com os seus jardins cultivados no ar, por isso chamados Hortos penfiles; onde porém atè as flores não escapáraõ de ficar tristemente murchas, & seccas, servindo a maõs estranhas, que as não tinhaõ regado. E para que alguém não imagine da roda da fortuna, que não per-

Dan. 5.
30. 31.
te. *Eadem nocte interfectus est Baltasar rex Chaldaeus, & Darius Medus successit in regnum:*

perdoando às Côroas, ao menos dá quartel às pedras; passando do maior Imperio da Ásia à melhor Cidade da Europa; ouçamos em outra noite não menos tragica, quam precipitada he a sua volta tambem em estas ruinas.

12 Falla Seneca da antiga Lugduno, que anoitecendo Cidade, amanheceo cinza, & escreve assim: *Tot pulcherrima opera, quae singula illustrare urbes singulas possent, una nox stravit. Et in tanta pace, quantum ne bello quidem timeri potest, accidit. Quis credat? Lugdunum, quod ostendebatur in Gallia, quaeritur. Omnibus fortuna, quos publice afflixit, quod passuri erant, timere permisit. Nulla res magna non aliquod habuit ruinae suae spatium. In hac una nox interfuit inter urbem maximam, & nullam. Denique diutius illam peruisse, quam periiit, narro.* He la títima haver de afrontar com a traducção de qual-

Senec.
Epit.

quer outra lingua a elegancia destas palavras. Aquelles famosos edificios, (diz Seneca) que cada hum delles pudera ennobrecer, & illustrar huma Cidade, todos igualou com a terra huma noite: & aconteceu na bella paz o que nem da mais furiosa guerra se pudera temer. Quem tal crera? Aquella Lugduno, que se mostrava por maravilha na Gallia, busca-se nella, & não se acha. A todos os que a fortuna affligio publicamente, permittio que temessem o que haviaõ de padecer, & a nenhuma cousa grande deixou de dar o tempo algum espaço à sua propria ruina. Sõ nesta entre a Cidade maxima, & o nada; não houve mais que huma noite. Ainda acabou mais depressa do que eu o escrevo. Atèqui a narração, & ponderação do grande Filosofo. E como para as maiores voltas, & mudanças da roda da fortuna não são necessarios annos, nem

nem dias inteiros, & da ametade de hum dia fobejão ainda horas, & essas as mais occultas à vista; que segurança pôde haver taõ confiada, que entre os abraços mais lisonjeiros da felicidade não tema os seus revezes? E que Reyno, ou Republica, que Rey, ou Capitaõ prudente, que entre os maiores triunfos lhe não esteja sempre batendo às portas do coração aquella voz duvidosa, *Ne forte?*

V.

13 **N**Aõ he minha tenção com este discurso querer que a muito nobre Cidade de Lisboa entristeça a sua alegria, nem ponha silencio aos seus applausos; porque seria ser ingrata ao Ceo, & negar os publicos pregoens da fama aos que com o seu esforço, & sangue taõ honradamente lhos merecêraõ. O que sô

desejo, he que toda esta Monarchia de Portugal se não deixe tanto inchar do vento da fortuna, que se fie della, & a crea. Ovi debaixo de hum paradoxo o mais fezudo juizo da prudencia militar. Como na guerra não ha cousa mais para estimar, que o vencer; assim não ha outra mais para temer, que a mesma vitoria. Quando o sabio Capitaõ se vir mais vitorioso, & triunfante na carroça de Marte, & da fortuna, entãõ he que mais se deve temer da volta das suas rodas.

14 **V**encedor Abraham de quatro Reys, que tinhaõ vencido outros cinco, & levado cativo com parte delles a Loth seu sobrinho, fizeraõ mais famosa esta interpreza tres circumstancias notaveis: huma da parte dos Reys vencidos, outra da parte de Abraham vencedor, & a terceira da parte de Deos, que neste acontecimento lhe appareceo, & fallou. Notavel da parte dos

dos Reys vencidos ; porque naquella mesma noite, em que contentes, & divertidos estavaõ brindando à sua vitoria, deo sobre elles Abraham, com que a não chegaraõ a lograr quatro horas inteiras, bastando taõ pouco espaço de tempo para dar volta a roda, & de vitoriosos, & triunfantes se verem vencidos. Notavel da parte de Abraham vencedor ; porque voltando triunfante com parabens, & applausos de Melchisedech Rey de Salem, nenhuma demonstração fez de festejar o seu proprio triunfo. Não havia entaõ salvas de artilharia, nem repiques, nem luminarias ; mas conforme o uso daquelle tempo, pudéra levantar trofeos, que eraõ arvores, desgalhadas os ramos, & penduradas delles as armas, & despojos dos inimigos, que Abraham desprezou generosamente. Notavel emfim da parte de Deos ; porque naquella mesma

occafiaõ lhe appareceo o Senhor dos exercitos, & lhe disse estas notaveis palavras : *Noli timere*, *Gen. 15* ; Abraham, *ego protector tuus* ; ou como se lê no Texto original : *Ego scutum tuum* : Não temas, Abraham, que eu sou o teu protector, & o teu escudo. Aqui he o meu reparo, & primeiro que tudo, naquelle *Noli timere* : Não temas. Não he este Abraham aquelle mesmo, que pouco ha taõ animoso, & destemido, com resolução quasi temeraria se atreveo a accommetter quatro Reys vitoriosos, & triunfantes sô com trezentos & dez-oito homens de sua casa ? Não he aquelle mesmo, que com tanta arte, disposição, & ordem militar soube repartir os seus, & de tal modo, & a tal tempo investio os inimigos, que sem lugar de se defenderem, os poz a todos em fugida ? Pois se antes não temeo a batalha, sendo taõ arriscada, como agora teme,

teme, depois de a vencer, & taõ venturosamente? Dantes podia temer os inimigos por muitos, & vitoriosos; mas agora depois de desbaratados, & vencidos, a quem teme, ou de quem se teme? Teme-se da sua propria vitoria. Por isso Deos, que para vencer a batalha, lhe não deo a espada; para conservar, & defender a vitoria, lhe promette o escudo: *Ego scutum tuum.*

15 Vede quanta razão, & quantas razoes tinha Abraham para temer, & se temer da sua vitoria: *Noli timere.* Considerava Abraham, que elle era hum, & os Reys, que vencerá, quatro: & na comparação de hum a muitos, que coraçãõ haverá taõ agigantado, que com os pés na campanha não tema? O Gigante Goliath cuberto de ferro, & maior na sua soberba, que na sua estatura, nunca se atreveo em quarenta dias a desafiar
 1. Reg. mais que a hum: *Ad sin-*
 17. 10. *gulare certamen.* De Her-

cules, cujas forças, & façanhas he mais certo que foraõ fabulosas, do que verdadeiras; he comtudo verdadeiro o proverbio que, *Nec Hercules contra duos.* E posto que as de Judas Machabeo canonizadas na Escritura Sagrada não admittem duvida, tambem a não ha, de que na ultima batalha, que teve quasi vencida, acabou sem remedio, nem resistencia, não vencido no valor, mas opprimido da multidaõ. Considerava mais Abraham, que o poder menor competindo com o grandemente maior, ainda quando vence, sempre fica desigual: & he tal a differença nesta desproporçãõ defensiva, que o maior, ainda perdendo muitas batalhas, facilmente se conserva na sua mesma grandeza; & o menor, tendo necessidade de muitas vitorias para se conservar, bastará perder sãõ hum, para se perder. Finalmente temia Abraham a sua vitoria; porque não olhava para

para ella sò , senaõ juntamente para a dos mefmos inimigos, a quem vencéra. E se ellès (dizia comfigo) não lograraõ a sua vitoria quatro horas inteiras; que fegurança posso eu ter de me sustentar sempre na minha? Por ventura pregou ella algum crávo na roda da fortuna, para que não dè aquellas voltas, que continuamente está dando o mundo, sem já mais parar?

16 Oh como pudéra o mesmo Abraham confirmar este seu temor depois da vitoria dos quatro Reys com o exemplo de outros quatro do Egipto, onde já no tempo de Abraham se começavaõ a coroar os homens! Sefostris Rey do Egipto, depois de vencer outros quatro Reys visinhos, se desvaneeo a tanta soberba, que em lugar de outros tantos cavallos, mandou que os quatro Reys vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fez. Em hum dia porèm de grande celebridade ad-

vertio, que hum dos Reys vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que o rosto, & os olhos sempre os levava voltados, & postos no rodar da mesma carroça. E como Sefostris lhe perguntasse, com que pensamento o fazia; respondeo: *Intueor volumen hoc assiduam rotæ, in qua vicissim ima summa, & summa ima fiunt*: Levo sempre postos os olhos nesta roda; porque vejo nella, que assim como esta parte, que agora está em baixo, esteve já em cima; assim a que está em cima, com meya volta sò torna a estar em baixo. Entendeo o mysterio o Rey vitorioso & soberbo, & mandou logo tirar do jugo aos vencidos. As vitorias proprias vistas sem os olhos na roda, ensoberbecem; com os olhos nella, humilhaõ. Com os olhos na roda, aos vencidos causaõ esperança, & aos vencedores temor. Por isso Abraham temia a sua vitoria, & todos os gran-

grandes Capitaens temé-
raõ sempre as suas.

17 Ouvi isto mesmo admiravelmente discursado por Seneca o Poeta, & com a mesma propriedade representado por El-Rey Agamenon, Rey & General do exercito Grego, depois de abrazada Troya. *Stat avidus irã victor, & lentum Ilium metitur oculis*: Olhava para Troya vencida o vencedor Agamenon; & porque a não podia ver toda de huma vez, lentamente, & pouco a pouco hia medindo com os olhos sua grandeza. A primeira cousa, que deve fazer o prudente vencedor, he tomar bem as medidas ao Paiz vencido: *Et lentum Ilium metitur oculis*. E que se seguirá daqui? O que aconteceu a Agamenon. *Victamque quamvis videat, haud credit sibi potuisse vinci*: & ainda que Agamenon estava vendo vencida a Troya, não acabava de crer, nem de se persuadir a si mesmo, que elle a tivesse vencido.

Não se podia louvar mais, nem encarecer melhor a grandeza da vitoria. Na opiniaõ invencivel, aos olhos vencida. E passando da terra à Coroa, da metropoli ao Rey, & de Troya a Priamo, a conclusaõ do juizo de Agamenon foi esta: *Tu me superbum, Priame, tu timidum facis*: Tu, ô Priamo, me fazes soberbo, & tu me fazes tímido. Quando vejo que venci hum taõ grande Rey como Priamo, Monarcha, & Senhor de toda a Asia, vem-me pensamentos de soberba: *Tu me superbum, Priame*. Mas quando nõ mesmo Priamo me vejo a mim, como em espelho, & quando considero, & reconheço que assim como eu o venci a elle, outro me pôde vencer a mim, & dando volta a fortuna, como hoje me vejo vencedor, à manhã me posso ver vencido: todos os ardores da soberba se me convertem em frios de temor: *Tu me superbum, tu timidum facis*.

18 Este foi o juizo de Abraham em temer a sua vitoria : & este o de Agamenon em temer a sua : & o meu no nosso caso qual ferá ? Porque não me persuado a temer, nem quero persuadir temores, & por outra parte quizera prometter segurança às nossas vitorias, sujeitas todas aos revezes da roda da fortuna; sô no escudo, que Deos prometteo a Abraham; que he circulo permanente, as acho. Escreve Plinio, que em Roma no portico de Pompeo se via com admiração a pintura de hum soldado sem mais armas que hum escudo; obra de Pelignoto famoso naquella Arte; & o que nella se admirava, era estar pintado o soldado em tal acção no meyo de huma escada, que ninguem podia divisar se subia, ou descia. *Hujus (Pelignoti) est tabula in porticu Pompei, in qua dubitatur ascendentem cum clypeo pinxerit, an descendentem.* Toda a escada, Senhores meus, ainda

que em diferente figura, he tambem roda; porque pelos mesmos degrãos se pôde subir, ou descer. No meyo desta escada vejo aos nossos soldados armados tambem de escudo à defensiva, qual he a nossa guerra: & posto que na presente vitoria parece que estaõ em acção de subir, como igualmente he sem questaõ, que podem descer, nesta duvida, ou cõtigencia, não lhes posso afirmar cousa certa. He verdade, que estou vendo muitos arcos triunfaes levantados; mas estes, ainda que não tiverão as bases na terra, não podem segurar firmeza ao que significão. Nas Ires, ou Arcos celestes não sô observaraõ os Mathematicos, mas experimentaõ os Rusticos, que quando o Sol sobe, os Arcos descem, & quando o Sol desce, os Arcos sobem. E se nas voltas, que dà o Sol ao mundo, se vê esta differença naquelles espelhos; se quando os Arcos se abatem, he final, que

que sobe o Sol ao Zenith, & quando os Arcos cre-scem, & se levantaõ, he final, que o mesmo Principe dos Planetas desce ao occaso: que juizo se pôde formar do apparente destes triunfaes meteoros, para se-gurar o augmento das Monarchias, ou sua declina-ção? A que hoje parece que sobe, à manhã pôde descer, & a que hoje desce, à manhã pôde subir, & sò no ef-cudo, que abraça o bra-ço de Deos, (& he circulo, como dizia, permanente) se pôde segurar o prudente temor, para que não diga: *Ne fortè.*

§. VI.

19 **T**Emos satisfei-to neste primeiro discurso ao Euange-lho, ao thema, ao tempo, & caso presente, & ao *Ne fortè* das Virgens prudentes. Agora vejamos como a Virgem prudentissima, que nos deo a roda, com o exemplo, & successos gloriosos das suas vitorias nos ensina o que devemos de-
Tom. I I.

sprezar, temer, ou assegurar em todas as voltas, que à da fortuna, & à do proprio alvedrio pôde dar o Mando.

20 Primeiramente assim como he prudencia nas cousas duvidosas, & contingentes dizer, *Ne fortè*; assim nas certas, & que não podem ter duvida, dizer, *Ne fortè*, he a maior imprudencia. A mais imprudente mulher, (tambem virgem) que houve no Mundo, foi a destruidora delle, Eva: E porque? Porque sobre a verdade mais certa, & a certeza mais infallivel, da qual se não podia duvidar, disse: *Ne fortè*. Tinha Deos notificado a Adam, & nelle a Eva, que no dia, em que comessem da arvore vedada, ficariaõ sujeitos à morte. E sendo as palavras expressas do preceito: *In quocumque die comederis ex eo, morte morieris*: Eva respondendo à pergunta do demonio, & referindo o mesmo preceito, accrescentou-lhe hum *Ne fortè*: *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud,*

illud, ne fortè moriamur. E que se seguiu deste *Ne fortè da Virgem* nescia do Paraíso ? Seguiu-se o erro, que emendou o *Ne fortè* das Virgens prudentes do Euangelho. O *Ne fortè* da nescia poz duvida, onde não podia haver duvida: o *Ne fortè* das Prudentes não admittio duvida, onde podia haver muitas.

21 Podião duvidar, sendo companheiras, como eraõ, se feria contra as leys da verdadeira, & fiel companhia não ser commum de todas, o que era particular de algumas. Podião duvidar, sendo amigas, se era obrigação em tal aperto offerecerem-lhe ellas o oleo, ainda que o não pedissem, quanto mais não lho negar, tendo-o pedido. Podião duvidar, se nas circumstancias de hum caso tão preciso, era licito descompreem o acompanhamento, & desfazerem o aparato das vodas, para o qual foraõ escolhidas em tal numero, & para tantas parellas. Podião du-

vidar, se sentiriaõ, como era razaõ, o defar daquella falta o Esposo, & Esposa, que eraõ os Senhores, a quem serviaõ, & de cujo agrado, & favor dependia o seu bem, & toda a sua esperança. Podiaõ duvidar emfim, se era contra o primor, contra a cortesia, contra a nobreza, contra o credito, & reputaçãõ, & contra todos os outros respeitos, & pontos de honra, que tão escrupulosamente observaõ nas açcoens publicas os que as fazem nos olhos do Mundo, & sujeitas aos seus juizos. Pois se em dar, ou não dar aquelle focorro havia tantas duvidas, como se resolvêraõ as Prudentes ao negar, principalmente sendo muito pouco o que haviaõ de dispende, sabendo que o Esposo já vinha: *Ecce Sponsus venit?*

22 A razaõ deste tão bem fundado reparo he muito mal praticada nas Cortes, & por isso necessario que a nossa, com quem

quem fallo, a ouça. O que importava à prevençãõ das Virgens prudentes, & o que dependia de ella bastar, ou não bastar para todas, não era menos infallivelmente que o entrar às vodas, ou não entrar; o ganhar o Ceo, ou perdello; o salvar, ou não salvar: & em materia de salvação não se ha de admitir duvida, nem contingencia, por menor, ou minima que seja. Todos os pontos do primor, do credito, da reputaçãõ, & honra humana, em chegando a este ponto, são nada. Todas as obrigaçoens, & finezas da amizade, & do amor, ainda que seja o que mais cega, que he o dos pays para com os filhos, a qualquer sombra deste perigo se devem converter em odio: este sò respeito ha de vencer todos os respeitos, esta sò dependencia todas as dependencias, este sò interesse todos os interesses. Cuide o Mundo, murmure a vaidade, diga a fama

o que quizer; arrisque-se emfim tudo o que se pôde arriscar, perca-se tudo o que se pôde perder, com tanto que se não arrisque, ou ponha em duvida a salvação.

23 Taõ sezudo, & taõ forte como isto foi o *Ne forte* das Virgens prudentes. Mas por isso mesmo não sò parece deshumano, senão contrario a toda a razãõ, & proximidade. Se tanto reparo, & tanto escrupulo fazeis neste ponto, por ser da salvação; porque não reparais na de vossas companheiras? Não vedes, que seguindo o voffo conselho, vão arriscadas a se lhes fecharem as portas do Ceo, & o perderem, & se perderem para sempre? Assim o viaõ como ambias, & o sentiaõ como amigas: Mas esta he a obrigaçãõ precisa, & indispensavel, & este o privilegio soberanissimo da salvação propria. Se a duvida, ou risco da minha salvação em qualquer caso se encontra

com a alhea, seja a alhea de quem for, & de quantos for; sou obrigado a tratar taõ unicamente da minha salvaçaõ, que me salve eu, aindaque se perca todo o Mundo. Naõ he menos Divino este tremendo documento, que da boca da mesma Verdade: *Quid prodest homini, si mundum univrsam lucretur, anime verò sua detrimentum patiatur*? Que lhe aproveita a hum homem (diz o Salvador dos homens) salvar elle, ou que por seu meyo se salvem todas as almas do Mundo, se elle perder a sua? Aqui naõ ha senaõ dar hum ponto na boca. E este foi o fecho, com que as Prudentes acabáraõ de concluir naõ a desculpa, senaõ a obrigaçaõ, que tiveraõ, de naõ acudir à salvaçaõ das companheiras, pois era com duvida, & risco da propria: *Ne fortè non sufficiat nobis, & vobis.*

Matth.
16. 26.
25. 9.

VII.

24 E M confirmaçaõ desta no-

tavel verdade, que he bem sabao todos, para que nos fiiemos das diligencias proprias, & naõ de dependencias alheas; seguio-se o alegre, & triste fim da historia do Euangelho. As Prudentes entraraõ às voadas, as portas do Ceo tornaraõ a se fechar, & postoque as nefcias vieraõ, & bateraõ, ficaraõ de fora. Cuidava eu, que as Virgens prudentes, vendo-se já dentro no Ceo, sem duvida, nem perigo da salvaçaõ propria, ao menos se lembrassem de interceder pelas companheiras; mas este foi o segundo, & novo defengano, para que cada hum se fie sõ de si. Lá vaõ chorando as tristes, & miseraveis nefcias, que nem na terra tiveraõ remedio, nem no Ceo o acharaõ. E que effeitos causaria esta lastimosa vista no coraçãõ, no zelo, & no valor de Catharina? Com assombro dos outros Santos, dos Anjos, & do mesmo Euangelho, resolve-se a fazer abrir outra vez as portas do Ceo

Ceo já fechadas , & que entrem tambem as nescias.

25 Já vejo, que repa-
raõ os doutos na propofi-
ção ; mas notem o folido
fundamento della. As nescias do Euangelho são aquellas, cujas alampadas se apagáráõ por falta de oleo , & por esta falta não entráráõ às vodas. E estas nescias , que sòmente o são em parabola , & semelhança , em realidade , & verdade significação aquellas almas , a quem falta o lume da Fé , & o oleo da Charidade , sem o qual , ainda que haja Fé , he Fé morta , & o lume da mesma Fé apagado ; sendo que sò com elle ardente , & ella viva se pôde entrar no Ceo. Taes eraõ , & pela maior parte idolatras os que habitavaõ a grande Cidade de Alexandria , patria da nossa Santa, onde entãõ residia o Emperador Maximino , o maior inimigo de Christo , & o mais cruel tyranno , & perseguidor dos Christãos. Estava alli Catharina chea

de Fé entre infieis , estava chea de sabedoria entre ignorantes , estava chea de luz entre cegos , estava chea de piedade entre tyrannos. E que fariãõ dentro daquelle generoso coraçãõ , & como rebentando nelle todas estas heroicas virtudes , & cada huma dellas ? A Fé o incitava a converter a infidelidade , a sabedoria a ensinar a ignorancia , a luz a allumiara a cegueira , a piedade a abrandar , & amansar a tyrannia ; & sobre tudo o abrazava a vista da perdição de tantas almas. Se Catharina fora huma das dez Virgens , com duvida , & contingencia da salvação , diria com as Prudentes da parabola , *Ne fortè* : mas como depois de o mesmo Christo lhe dar o anel de Esposo , ella era a Esposa , que não podia deixar de entrar às vodas : *Exierunt obviam Sponso , & Sponsæ* ; por isto em lugar de dizer : *Ne fortè* : (notai muito) em lugar de dizer : *Ne fortè* : disse : *Si fortè*.

Martha
25. 1.

26 *Si fortè*, disse com novidade inaudita em lugar de *Ne fortè*: & he bem que reparemos muito na differença destes dous adverbios; porque em tão pequena mudança de letras tem a significação totalmente contraria. O *Ne fortè* significa, Paraque não, como já vimos; o *Si fortè* quer dizer, Se por ventura: o *Ne fortè*, he adverbio seguro, & frio; o *Si fortè*, animoso, & ardente: o *Ne fortè*, fecha as portas ao temor; o *Si fortè*, abre-as à esperança: o *Ne fortè*, he freyo para a cautela; o *Si fortè*, he esporapara a oufadia: o *Ne fortè*, diz, Não te arrisques; o *Si fortè*, diz, Aventurate: finalmente o *Ne fortè*, tem por effeito evitar o mal, que suspeita; & o *Si fortè*, tem por objecto emprender, & conseguir o bem, a que aspira. Mas este bem não ha de ser qualquer bem ordinario, & vulgar, senão grande, senão arduo, senão heroico, & que tenha mais

grãos de difficuloso, que de possível. Para prova do *Ne fortè*, basta o das Virgens do Evangelho, que deixamos tão debatido. Para declaração, & exemplo do *Si fortè*, temos dous famosos no Testamento Velho, & tão medonhos, como atrevidos.

27 Tendo os Filisteos com innumeravel exercito posto em tal aperto os filhos de Israel, que para guarecerem as vidas, se escondião pelas covas, & grutas dos montes, veyo ao pensamento de Jonatas filho del-Rey Saul, que se elle rompesse as sentinelas na hora mais secreta do somno, o desacordo do mesmo somno, & a escuridade da noite podia pôr os inimigos em tal confusão, que sentindo-se ferir, & matar, sem saber por quem, elles mesmos voltassem as armas huns contra os outros, & se desbaratassem, & fugissem. Assim o imaginou aquelle Principe, assim o executou, & assim succedeo: sendo

fendo os authores desta prodigiosa façanha o mesmo Jonatas, & o seu pagem da lança sòmente. Mas com que motivo racional em caso tão difficuloso? Sem outro motivo, ou impulso mais, que a ousadia de hum animoso *Si fortè*. Assim o disse o mesmo Jonatas, quando acometeo a empreza, deixando-a toda a Deos, & à ventura: *Veni, transeamus ad stationem incircumcisorum horum, si fortè faciat Dominus pro nobis*. O segundo exemplo ainda foi maior, se pôde ser; porque não teve parte nelle o soccorro da noite. Quando Josuè repartia as conquistas da terra de Promissão, pedio-lhe seu antigo companheiro Caleb hum sitio chamado o Monte dos Gigantes, em que elles se mantinhaõ inexpugnavelmente fortificados: *Da*

i. Reg.
14. 6.

Josue
14. 12.

mibi montem istum, in quo Enacim (idest Gigantes) sunt, & urbes magnæ, atque munitæ. Mas se os homens de ordinaria estatura em

comparaçãõ dos Gigantes são Pigmeos, & os muros, que defendiaõ as suas Cidades, eraõ tão agigantados como elles: com que confiança Caleb, que já contava oitenta & cinco annos de idade, se atreve a tão desigual, & difficulosa conquista? Com a mesma confiança, & impulsos de hum intrepido, & valeroso *Si fortè: Si forte sit Dominus mecum, & potuero delere eos*.

Ibidem;

28 Tal era o fortissimo *Si fortè*, de que estava armada a nossa valerosissima Aventureira para assaltar outro monte mais alto, & conquistar outras muralhas mais impenetraveis, & abrir as portas do Ceo às nescias da sua patria, tanto mais nescias, & ignorantes, que não sabião chorar, nem ainda conhecer a miseravel cegueira, que as tinha fóra delle entãõ, & para sempre. Sendo tão grande a difficulidade da empreza, ainda a difficultou com outra maior naquella mesma occasiãõ a

tyrannia do Emperador Maximino. Lançou bando, que todos os subditos do seu Imperio agradecidos às mercês, com que os deoses immortaes o favoreciaõ, lhe viessem offerer sacrificio publico, sob pena da vida, & da sua indignação aos que assim o não obedecessẽ. A indignação do tyranno significava os exquisitos tormentos, com que a morte, por si sô terrivel, se fazia muito mais formidavel. E aqui se vio Catharina metida entre dous extremos os mais repugnantes à natureza, & ainda à mesma graça. De huma parte o Ceo, da outra o inferno: de huma parte a morte temporal propria, da outra a eterna alhea: de huma parte a perdição, da outra a salvação de tantas almas. Mas naquelle sublime espirito não foraõ necessarios muitos discursos para a mais heroica deliberação. A morte (diz Catharina) he certa, a salvação duvidosa: mas

a morte he minha, a salvação he dos proximos: aventure-se pois Catharina a conseguir a salvação alhea, & perca embora de contado a vida propria.

29 Em toda a Escritura Sagrada ha sô huma deliberação, que tenha alguma semelhança com esta. Tinha passado el-Rey Asuero hum Decreto por industria, & vingança de seu grande privado Aman, para que em certo dia assignalado, nas cento & vinte & sete Provincias sujeitas a seu Imperio morressẽ todos os Hebreos, que nellas se achavaõ. Teve esta noticia Esther, que tambem era Hebrã, resolve-se a procurar a salvação do seu povo; porẽm querendo fallar ao Rey, soube que havia outro novo, & segundo Decreto seu, em que prohibia, que nenhum homem, nem mulher pudesse entrar à sua presença sob pena de perder no mesmo instante a vida: *Quòd sive vir, sive Eth. 4. mulier, non vocatus, inte. 11.*

rius atrium Regis intraverit, absque ullâ cunctatione interficiatur. Tudo eraõ traças do mesmo Aman, para que a execuçaõ da morte universal dos Hebreos se não pudesse revogar. E aqui temos a Esther metida entre as duas pontas de hum fatal dilemma, por ambas as partes mortal. Senão entra ao Rey, executa-se o primeiro Decreto, & morre o povo: se se atreve a entrar, executa-se o segundo, & morre Esther. Que faria pois a generosa Heroína, vendo se expressamente comprehendida nas palavras do Decreto: *Sive vir, sive mulier?* Execute-se embora. (diz) a morte em mim, com tanto que nesse mesmo risco me aventure eu a conseguir a salvaçaõ do meu povo. Isto disse a famosa resoluçaõ de Esther, & nisto parece que se igualou o seu *Si fortè* com o *Si fortè* de Catharina. Mas não consinto eu tal igualdade; nem foi assim: porque? Porque no mesmo Decre-

to se accrescentava esta condiçaõ: *Nisi fortè Rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clementia:* Excepto somente o caso, em que o Rey estenda o sceptro de ouro sobre quem entrar, em sinal de clemencia. De sorte que o *Si fortè* de Esther tinha por si o *Nisi fortè* de Assuero; porém o de Catharina era *Si fortè* sem *Nisi fortè*. Aquelle tinha por si a condicional do Rey, este tinha contra si a condiçaõ do tyranno: aquelle tinha por si a clemencia, este a crueldade inexoravel: aquelle o sceptro de ouro, este não o sceptro, senão a espada; não o ouro, senão o ferro tantas vezes tinto no sangue Christaõ, & infaciavel d'elle. Em summa, que o bandò era absoluto, & sem exceiçaõ, a morte certa; & sem duvida, os tormentos exquisitos, & iguaes à sevicia; & crueldade do tyranno; & a tudo isto se offereceo huma donzella, que ainda não tinha idade para se chamar mulher, com

Ibidem;

com a esperança incerta, duvidosa, & sômente possível da salvação alhea à ventura, & contingencia de se poder, ou não poder conseguir: *Si fortè.*

§. VIII.

30 **M**As porque he mais facil o desejar, que o fazer, & menos difficil o resolver, que o executar; passemos do pensamento às mãos, & vejamos como a nossa Conquistadora do Ceo, & das almas entra, & se empenha bizarra nas suas aventuras. O primeiro tiro que fez, foi à cabeça. Presenta-se ao Emperador armada da sua eloquencia, & acompanhada sô de si mesma. Estranha-lhe a publicidade do bando, o terror das ameaças, o sacrilegio dos sacrificios, a falsidade dos deoses com nome de immortaes, sendo paos, & pedras: & sobre este exordio passou à doutrina da verdadeira Fé. Pasma Maximino de

tal audacia, & atrevimento na fraqueza daquelle sexo, & idade, & comprindo-se no impio idolatra a discreta maldição de David, que sejaõ semelhantes aos idolos os que os adoraõ: *Similes illis fiant, qui faciunt ea;* elle ficou mais idolo, que idolatra. Os idolos tem olhos, & não vêem; elle ficou cego: os idolos tem ouvidos, & não ouvem; elle ficou surdo: os idolos tem lingua, & não fallaõ; elle ficou mudo: cego à luz, surdo à voz, mudo à força da razão, a que não podia resistir, nem quera ceder.

31 Não ha cabeças mais duras de penetrar, & converter, que as coroadas; & se o Rey, ou tyranno, por dentro he mão, & vicioso, & por fôra hypocrita, & devoto; estas apparencias de religião, com que se justificaõ, os endurecem, & obstinaõ mais. Taes haõde ser as artes do ante-christo na falsa introdução da sua divindade; & taes eraõ em Maximino, fem

fem artificio, o zelo, & veneração da que cria nos seus deoses, & negava, & blasfemava em Christo. Com tão pouca esperança de vencer, começou a primeira aventura de Catharina: o que ella não estranhou; porque na empreza do seu heroico *Si forte*, sempre levou os olhos postos nas duas faces da contingencia, huma alegre, outra triste; huma prospera, outra adversa; huma vencedora, outra não. Comtudo depois que o Emperador fallou, & ouviu, se não alcançou delle a inteira vitoria, conseguiu parte della. E qual foi? porque nem o mesmo Emperador o entendeu. Foi que se o não fez Catholico da nossa Fé, fello herege da sua. Alcançou delle modesta, & sabiamente a Santa, que entre ella, & seus Filozofos se disputasse publicamente a questão da verdadeira, ou falsa divindade dos deoses. E aqui fraqueou a astucia do Emperador, & se vio

a futeleza de Catharina; porque o que se poem em questão, & disputa, igualmente se poem em duvida; & quem duvida da sua fé, qualquer que seja, já he herege della.

32 Appareceração emfim os Filozofos em huma sala, que era o theatro da famosa disputa, não menos em numero que cincoenta, & tão varios cada hum nos trajos, & no mesmo aspecto, como nas feitas. Não se viaõ alli armas, posto que todas as Universidades tinhaõ destinado àquella campanha os seus Achilles. Afrontáraõ-se elles de haver de contender em letras com huma mulher; não defmayando porèm ella de vencer a tantos homens de tanta fama, & tanta presumpção, que todos se estimavaõ banhados na lagoa Estygia. Assim tinha cada hum por invulneravel a sua feita, & inexpugnavel às outras. Para abreviar pois o conflicto, & não ter suspensa a expectação

Etção dos circunstantes; todos se compromettérao na faboria de hum, o mais velho, & veneravel, de mais celebrada opiniaõ. Fallou este, & com igual arrogancia, & eloquencia ostentou por largo espaço quanto sabia. Mas Catharina sem desprezar a pompa das palavras, nem temer o estrondo dos argumentos, com modestas, & vivas razoens desfez, & desbaratou tudo com tal evidencia, que o Filosofo compromissario do duelo, attonito, & pasmado se rendeo, & convencido se lançou a seus pés. Os demais já convencidos nelle, com o mesmo assombro do que ouviraõ, & ignoravaõ, não sò reconheceraõ inteiramente a verdade, mas não podendo reprimir com o silencio os impulsos della, sem pejo do Emperador presente, & de toda Alexandria, & com afronta de todas as escolas da Grecia, confessáraõ publicamente a falsidade dos deoses, & a uni-

ca Divindade do Crucificado Jesu Christo.

33 Esta publica confissãõ foi o maior triunfo da vitoria de Catharina, maior contra Democritos, & Diogenes sem espada, que se fora contra Scipioens armados. As batallas mais invenciveis saõ as do entendimento; porque onde as feridas não tiraõ sangue, nem a fraqueza se vé pela cor, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat.* E não sò he difficil sem graça muito singular sciencia sem inchação, mas sempre a inchação he maior que a sciencia. A maior sciencia, & o maior entendimento, que Deos creou entre homens, & Anjos, foi o de Lucifer; mas ainda foi maior a sua inchação, & foberba: *Similis ero Altissimo.* Contra esta rebelião se deo no Ceo aquella grande batalha de entendimentos: *Factum est praelium magnum in celo.* Sahio vencedor Miguel, ficou vencido

1. Cor.
8. 1.

16. 14.

Apoc.
12. 7.

cido Lucifer ; mas de que modo vencido ? Com tal inchação , & soberba do seu saber, & tão namorado do mesmo entendimento que o cegou , que antes quiz cair do Ceo , que descer-se da sua opinião. Ha mais de seis mil annos , que arde no inferno Lucifer , & ha de arder por toda a eternidade , sô por não admittir hum instante , em que confessê que errou.

34 A vista desta desventura do Ceo , triunfe mais , ô Catharina , o *Sí fortè* das vossas aventuras. Maiores circumstancias teve esta vitoria vossa , que a do Capitaõ General de Deos na batalha do Emyreo. A sua partio-se entre o Ceo , & o inferno ; a vossa inteiramente toda foi do Ceo. Na sua ficáraõ sô no Ceo duas partes das tres Jerarchias , que foraõ as vencedoras ; & a terceira vencida foi precipitada no inferno. Na vossa sô foraõ cincoenta os que vieraõ à batalha , & todos

cincoenta vencéraõ , todos cincoenta vos seguiráõ , todos cincoenta pizaraõ o inferno , & voáraõ ao Ceo , cujas portas vós lhes abristes , & nenhum ficou de fóra. Mais ainda. Quando no Ceo à voz de Miguel , *Quis sicut Deus ?* se partiáraõ os dous exercitos hum vitorioso , outro cahido , houve Anjos , & Archanjos , houve Principados , & Potestades , houve Cherubins , & Serafins , houve emfim em todos os nove Córos dos Espiritos celestiaes muitos que seguiráõ a feita de Lucifer ; porêem à voz de Catharina , (que tambem foi contra os deoses falsos , Quem como o Deos verdadeiro ? sendo tantas , & tão varias as feitas dos Filósofos , como elles mesmos ; nenhum houve (fineza não vista no Ceo) que não deixasse a propria. Antes se vio naquella uniforme conversação , ou Divino metamorfosi huma singular maravilha ao entrar , & ao sair do mesmo theatro.

E foi,

E foi, que ao entrar, huns Filósofos eraõ Platonicos, outros Peripateticos, outros Academicos, outros Cinicos, outros Estoicos, outros Pitagoricos, outros Epicureos, outros Gnosticos, & os demais; & ao sair, pelo nome da nova escola, & da nova Mestra, todos eraõ, & se podiaõ chamar Catharinos. Taõ forte, & de hum sò rosto foi nesta segunda aventura sem duvida, nem exceiçaõ o seu glorioso *Si fortè*.

§. IX.

35 **A** Frontado Maximino pelo seu descredito, & muito mais pela injuria, & ignominia dos seus deoses conhecidos por falsos: para se vingar da fraqueza dos Filósofos, & do valor da que os vencéra, resolveo barbaramente matar a todos, mas não com a mesma morte: os Filósofos à espada, Catharina à fome. Mandou-a meter, ou se-

pultar em hum carcere subterraneo, escuro, & medonho, com comminaçaõ, & pena capital às guardas, que ninguem lhe dèsse de comer. Tudo isto era accrescentar trombetas à fama, & novos applausos à gloria de Catharina. E desejava a mesma Emperatriz conhecer, & ver com seus olhos, antes que morresse, huma mulher de taõ sublimes espiritos, delibera-se a ir em pessoa, & descer secretamente ao mesmo carcere. Mas reparai, Senhora, nõ que fazeis; porque descer a esta masmorra, não pôde ser sem o mesmo perigo que o Profeta Daniel ao lago dos Leoens. Os Leoens de industria esta-vaõ famintos sem a raçaõ ordinaria, para que mais raivosa a sua natural fereza com a fome, no mesmo instante remetessẽ ao Profeta, & espedaçado o comessem. Sabei pois que essa mulher, que quereis ver, com fome não menos que de quasi doze dias, como

como huma Leoa esfaimada, se ha de enviar a vós, & comer-vos. Mas antes do successo, para que não pareça fabula, ou chimera este dito, vejamos quam certo he.

36 Estando S. Pedro no porto de Joppe em oração ao meyo dia, diz o Euangelista S. Lucas, que teve fome: *Cum esuriret*: & em quanto se lhe punha a mesa na casa, onde estava hospede, vio descer subitamente do Ceo outra mesa tão abundante de iguarias, como maravilhosas, & nova: abundante de iguarias; porque eraõ todas as aves do ar, & animaes da terra: & maravilhosas, & nova; porque não vinhaõ mortas, ou guizadas, senão vivas. Vivas? & como as ha de comer Pedro? Huma voz do Ceo lho disse: *Surge, Petre, occide, & manduca.* Eya, Pedro, mata, & come. Nestas duas palavras lhe descubrio Deos o mysterio da vida, com semelhança, & propriedade

verdadeiramente Divina. O animal, quando o mata o homem, deixa de ser o que he; & quando o come, converte-se no que não he: morto, deixa de ser bruto; comido, passa a ser homem. Da mesma maneira aquelles animaes de todos os generos, significavaõ os gentios de todas as naçoens, de todas as feitas, & de todos os estados. E como Pedro era a cabeça da Igreja, & da Christandade, aquella voz, *Occide, & manduca*, foi o mesmo (declara S. Jeronymo) que dizer-lhe o Ceo a Pedro: *In corpus Ecclesiae, & tua membra ea converte*: que matando-os, & comendo-os, os incorporasse na Igreja, & fizesse membros seus. De sorte que assim como o animal, matando-o o homem, deixa de ser bruto, & comendo-o se converte em homem; assim o gentio por meyo da doutrina Evangelica, que tem a efficacia de matar, & comer, morto deixa de ser gentio, & comi-

comido se converte em Christão, & membro da Igreja. Esta era a fome de Pedro, a quem o mesmo S. Jeronymo compara neste passo ao Leão, que só come o que mata; & esta a fome de Catharina, a quem eu comparei à Leoa esfaimada, como quem tanta fome tinha da salvação das almas, & que por isso era certo, que a Emperatriz não escaparia de ser comida. E assim foi.

37 Desceo a Emperatriz ao carcere, imaginando que veria em Catharina a imagem da mesma fome, pállida, macilenta, fecca, & consumida; porém a Santa estava tão viva, & tão a mesma nas forças, no vigor, na cor, & na fermosura, como quando alli entrára. Mais desejo creyo lhe viria então à Emperatriz de a comer a ella, que medo de que ella a comesse. Assim diziaõ os que amavaõ muito a Job: *Quis det de carnibus ejus ut saturemur?* Afeiçãoada com este pri-

Job. 31.
31.

meiro milagre, & ouvindo a celestial eloquencia de Catharina, cada palavra sua lhe levava à Emperatriz hum bocado do coração, & de tal modo se deixou comer toda, que já não era gentia, nem Emperatriz, fenaõ Christã, & escrava de Christo.

38 Succedeo aqui a mutua transustanciação, que o mesmo Christo afirma dos que comem seu Corpo: *In me manet, & ego in illo.* A Emperatriz por fé transustanciada em Catharina, & Catharina por doutrina transustanciada na Emperatriz. Por isso a mesma Emperatriz teve resolução, & constancia para dalli se ir apresentar a Maximino, declarando-lhe que era Christã, & exhortando-o a que o fosse tambem. Oh como se pudéra então gloriar Catharina no seu carcere, que se dantes lhe não pode conquistar toda a alma ao Emperador, agora lhe tinha conquistado ametade! Mas elle, porque todo o amor

amor, que devia a esta natural ametade, como esposa, era muito menor que o odio, que tinha a Christo; como mão marido, a privou logo do thalamo; como mão Emperador, da coroa; & como pessimo, & cruelissimo tyranno, da vida. Morreo a Emperatriz, trocou a sua coroa pela de Martyr, abriu-se-lhe de par em par, como a tão grande Princeza, as portas do Ceo, sendo pouco antes huma, & a maior das necias. Esta foi a terceira aventura do animosissimo *Si fortè*, o qual eu confidero tão admirado, como triunfante, reconhecendo por ventura maior a vitoria, que a sua mesma esperança.

39 Se a fome da falvação das almas não fora infaciavel em Catharina, já ella se dera por satisfeita com ter ganhado para Christo tantas, tão illustres, & tão alheas de sua Fé. Mas como tivesse cercado o feu carcere hum

corpo da guarda de duzentos soldados Romanos, governados por Porfirio Capitaõ do Emperador, as muitas almas deste grande corpo lhe excitáraõ, & animáraõ o fervoroso espirito, a que tambem emprendesse sua falvação. Eu confesso, que lhe não aconselhára tão duvidosa empreza; porque não pudesse acontecer, que a natural inconstancia do *Si fortè*, nunca segura, puzesse a ultima clausula a proezas tão illustres com algum fim menos glorioso. Muito mais difficuloso he haver de vencer soldados, que ter convencido Filozofos. Os soldados não se vencem com argumentos de palavras, senão com syllogismos de ferro. Para os mais sutis de entendimento o capacete lhe defende a cabeça: & para os mais brandos de vontade, a malha, & o arnez lhe endurecem o peito. Toda a força que tem o Filozofos consiste em a

razaõ, & toda a razaõ do soldado consiste na força. Sõ à maior força, sõ à maior violencia, sõ ao maior poder se abatem as bandeiras, & rendem as armas. Alma, & salvação são as duas cousas mais precisas, & por isso as que causão maior medo de se perderem; mas para quem tem piedade de huma, & Fé da outra: & do soldado diz o proverbio: *Nulla fides pietasque viris, qui castra sequuntur.* Comtudo nenhuma destas confidências foraõ parte, para que Catharina desistisse do seu pensamento, maior que todas ellas. S. Paulo dizia que as suas prisoens, aindaque o atavaõ a elle, não atavaõ nelle a palavra de Deos: *Laboro usque ad vincula; sed verbum Dei non est alligatum.* Assim também Catharina. Ella estava presa; mas a palavra de Deos nella taõ livre, taõ efficaz, & taõ poderosa, que a todos os soldados, que guardavaõ a sua prisão, fez seus priso-

2. Tim.
2. 9.

neiros. O menos que elles fariaõ, era pôr a Santa em sua liberdade; mas ella queria-lhes abrir a elles as portas do Ceo, & não que elles lhe abrissem a do carcere. Todos se salváraõ, todos renunciáraõ o Emperador da terra, todos se fizeraõ Christaõs; maravilha, que sõ se pôde encarecer, ponderando que eraõ soldados, & soldados Romanos.

41 Todos os soldados, que concorreraõ na Paixão de Christo, eraõ da milicia Romana, que presidiavaõ a Judea. E que fizeraõ? No Horto os soldados, & Cabo da escolta de Judas prenderaõ a Christo, & atado o leváraõ a Annás: *Cohors ergo, & tribunus comprehenderunt, & ligaverunt eum, & adduxerunt ad Annam.* No Pretorio os soldados da guarda de Pilatos convocaraõ contra Christo toda a esquadra: *Milites Præsidis congregaverunt ad eum universam cohortem.* No Palacio de Herodes os solda-

Joani
13. 1
13.

Marth
27. 27

uc. 23. soldados do seu exercito, & o mesmo Rey o despre-
 záraõ, & afrontáraõ: *Spre-
 vit illum Herodes cum exer-
 citu suo*. Remetido outra
 vez a Pilatos, os soldados
 lhe tecéraõ a coroa de es-
 pinhos, lhe vestiraõ a pur-
 pura de escarneo, & puze-
 raõ o sceptro de cana na
 maõ, como aquelles, que
 se prezaõ de ter na sua as
 purpuras, os sceptros, &
 as coroas dos Reys: *Et
 milites plectentes coronam
 de spinis imposuerunt capiti
 ejus, &c.* No Calvario os
 soldados crucificáraõ a
 Christo: *Milites ergo cum
 crucifixissent eum*. Os sol-
 dados o blasfemavaõ com
 os Principes dos sacerdo-
 tes: *Illudebant autem ei &
 milites*. Os soldados lhe
 repartiraõ os vestidos, &
 jugáraõ a tunica, como
 gente, que para ter que ju-
 gar, despirá a Christo, &
 os seus altares: *Et dix-
 erunt, non scindamus eam,
 sed fortiamur de illa: & mi-
 lites quidem hæc fecerunt*.
 Finalmente depois de
 morto Christo, o que se

atreveo sobre toda a des-
 humanidade a lhe romper
 o peito com a lançada,
 tambem foi hum dos sol-
 dados: *Unus militum lan-
 cea latus ejus aperuit*.

Ibidem
 34.

4.2 Isto foi o que obrá-
 raõ contra Christo em Je-
 rusalem a impiedade, &
 perfidia dos soldados Ro-
 manos, & desta infamia os
 defafrontáraõ a elles, & a
 si os soldados tambem Ro-
 manos em Constantinopla.
 Em Jerusalem o cru-
 cificáraõ, em Constanti-
 nopla o adoráraõ: em Je-
 rusalem negáraõ a Chris-
 to, em Constantinopla o
 confessáraõ: em Jerusalem
 lhe derramáraõ o sangue,
 em Constantinopla derra-
 máraõ o seu por elle: em
 Jerusalem lhe tiráraõ a
 vida, & em Constantino-
 pla lhe sacrificáraõ não
 huma, senaõ duzentas ví-
 das. O maior dia, que hou-
 ve no Mundo, foi o da
 Paixaõ, & morte de Chris-
 to; & no dia, em que ma-
 nava das suas veas, & cor-
 ria por cinco fontes a sal-
 vaçaõ; de toda a milicia

Matth.
27. 54.

Romana se converteo sò o Centurio, que disse: *Verè Filius Dei erat iste*. Era Capitaõ de huma companhia de cem soldados, que isso quer dizer, *Centurio*; mas de cem soldados nem hum sò se converteo em tal dia. E honrou o mesmo Christo taõ admiravel, & quasi incrivelmente a morte de Catharina, que no dia, em que ella morreo, não sò se converteo por seu meyo Porfirio Capitaõ de duas Centurias; mas sendo duzentos os seus soldados, todos recebéraõ concordemente a doutrina da nossa Fé, todos com o mesmo valor se sujeitáraõ ao martyrio, sem vacillar nos tormentos, todos deixáraõ escrito com o proprio sangue o testemunho infallivel da sua vitoria, todos emfim, sem faltar hum sò, se salváraõ.

§. X.

43 **E** Sta foi a famosa historia, par-

te natural; & humana; parte sobrenatural, & Divina, que sobre o *Ne fortè* do Euangelho nos motivou a roda de S. Catharina. Sò nos resta saber qual foi a mesma roda, & que volta deo. Attonito, & raivoso Maximino das vitorias de Catharina, para se vingar, & as vingar nella, determinou inventar hum novo genero de martyrio, & tormento, em que excedesse os de Nero, & Diocleciano, & os de todos os tyrannos seus antecessores. Mandou pois fabricar a machina de huma roda armada por toda a circumferencia de dentes, ou pontas de ferro agudas em forma de navalhas, as quaes movendo-se no mesmo tempo executassem em qualquer volta o que os braços de muitos algôzes não podiaõ. As primeiras voltas feririaõ com innumeraveis golpes o corpo da Santa: as que se feguissem, depois que não houvesse nella parte sã, feririaõ as feridas, como
falla

falla S. Cypriano : & as ultimas, quando não restassem já mais que os ossos, os cortariaõ, & desfariaõ de forte, que de todo aquelle fermoso composto, mais de alabastro, que de carne, nem ficasse a semelhança.

44 Oh cegueira humana grande em todos os homens, & nos tyrannos, & perseguidores dos bons maior, & mais rematada, pois não tem olhos para ver, que onde machinaõ a ruina alhea, fabricaõ a sua ! Antigamente havia huma invençaõ, ou artificio de arcos, cujas settas depois de despedidas, como se tivessem uso de razaõ, as suas pennas voltavaõ com dobrada força as pontas, & feriaõ a quem as atirava. Assim o suppoem David, chamando a este instrumento, arco pravo : *Conversi sunt in arcum pravum.* E assim contesta com elle Oseas, chamando-lhe arco doloso : *Facti sunt quasi arcus dolosus.* Eu não entendo a arte, com que isto podia ser, posto

que nas historias Ecclesiasticas se leaõ muitos milagres semelhantes : mas tenho para mim que he justa providencia do governo Divino, que as traiçoens, & maldades sejaõ traidoras a seus proprios authores, & voltando retrogradamente vaõ buscar a cabeça, que as machinou, & lhe dem a devida paga. O mesmo Profeta Rey taõ exercitado em todo o genero de armas o disse : *Convertetur dolor ejus in caput ejus, & in verticem ipsius iniquitas ejus descendet.* Todos sabemos que a machina da roda de S. Catharina, com impulso superior, & movimento contrario, desfarmou sobre seus inimigos. E se quando a S. estava posta em huma roda Maximino tivesse olhos para ver que estava em outra, pôde ser que se não atrevesse à S. Estava Catharina na roda do seu tyranno, que era o Emperador : estava o Emperador na roda da sua tyranna, que era a fortuna ; & quando cuidou

Psal. 7. 17.

Psal.

7. 57.

Osee 7.

6.

que a da Santa lhe espedacasse o corpo, a sua lhe espedacou o Imperio.

45 He esta huma obervação, que me admiraõ não fizessem aqui os Historiadores na combinaçaõ dos tempos. Eu a farei; (para que acabemos com a roda da fortuna, como começamos) & he, que no mesmo anno foi martyrizada Santa Catharina, no mesmo anno entrou a imperar Maximino, & no mesmo anno começou a fatal declinaçaõ, & ruina do Imperio Romano. Imperando Galerio Maximiano em Roma, & conhecendo por muitas experiencias que huma Monarchia taõ vasta não podia ser bem governada por hum sô homem, (o que já tinha antevisto o mesmo Julio Cesar seu fundador, quando lhe definiu certos limites) determinou dividilla em duas partes, & duas cabeças, como com effeito a dividiu em dous Emperadores, & dous Imperios;

hum chamado Occidental, de que continuou a ser cabeça Roma; outro chamado Oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla: & foraõ os dous novos Emperadores, do Occidente Severo, & do Oriente Maximino, ambós tyrannos, mas com os nomes trocados; porque Maximino não sô foi Severo, senão o extremo da severidade, & da sevicia.

46 Por esta occasiaõ a Aguia, insignia das bandeiras Romanas, que até entãõ tinha huma sô cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje avemos: posto que he mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisaõ em todas as communidades de homens, & de coroas he indicio fatal de declinaçaõ, & ruina: assim o foi no Imperio, & Aguia Romana a divisaõ daquellas duas cabeças. Já o Profeta Daniel o tinha mostrado na mesma divisaõ, não das cabeças da Aguia, senão

senão dos pés da Estatua. Na Estatua de Nabucodonosor formada das quatro Monarchias, ou Imperios; que successivamente havia de florecer no Mundo; a cabeça de ouro significava o Imperio dos Assyrios; o peito de prata, o Imperio dos Persas; o ventre de bronze, o Imperio dos Gregos; & o resto de ferro até os pés, o Imperio dos Romanos. E porque bastou que tocasse os mesmos pés huma pedra arrancada do monte sem mãos, para que cahisse toda a Estatua, & o mesmo Imperio Romano, & as outras Monarchias, que nelle por successão se continuavaõ, ficassem convertidas em pó? Porque naquelles dous pés divididos entre si; & cada pé dividido em cinco dedos, & cada dedo dividido em ferro, & barro, teve o seu ultimo complemento a divisaõ do Imperio Romano. E assim como nas duas cabeças da Aguia, em que começou a divisaõ do

mesmo Imperio, começou a sua declinaçãõ; assim na divisaõ dos dous pés da Estatua, em que teve o ultimo complemento a sua divisaõ, teve tambem o ultimo fim a sua ruina. De sorte (reduzindo a conclusãõ aos termos da nossa metaphora) que a roda da fortuna do Imperio Romano, na divisaõ das duas cabeças da Aguia, começou a voltar, & na divisaõ dos dous pés da Estatua acabou a volta.

47 Agora havemos de ouvir a Plutarco famoso Filosofo Grego, que não he dos que convenceo Santa Catharina, porque floreceo muito antes; mas eu o quero convencer a elle, digno de se ouvir neste caso. Excitando Plutarco, & disputando huma questãõ sobre a fortuna do Imperio Romano, diz assim: *Fortuna Persis, & Assyriis desertis, cum leviter pervolasset Macedoniam, & celeriter abjecisset Alexandrum, Egyptiosque, deinde & Syriam peragrando*

*regna extulisset, & saepe
conversa Carthaginenses tu-
lisset, postquam transmissa
Tiberi ad Palatium appro-
pinquavit, alas deposuit,
talaria exiit, ac infideli,
& versatili globo misso,
Romam intravit mansura.*

Quer dizer. A fortuna de-
pois de deixar os Persas, &
Assyrios, depois de voar
levemente pela Macedo-
nia, & rejeitar Alexandre,
& os que no Egypto lhe
succederao, depois de an-
dar pela Syria levantando,
& desfazendo Reynos, &
se deter ja prospera, ja ad-
versa com os Carthagine-
zes, passando finalmente o
Tibre, chegou ao Capito-
lio Romano, & alli arran-
cou dos hombros as azas
maiores, & descalçou dos
pés as menores, alli se de-
spojou, & defarmou do
globo, ou roda variavel, &
inconstante, & alli, isto he
em Roma, fez o seu perpe-
tuo assento, para nella per-
severar, & morar sempre
firme, & sem mudança.
Isto he o que disse Plutar-
co, & isto o que criaõ os

Emperadores Romanos;
os quaes sobre esta fé fun-
daraõ de ouro huma Esta-
tua da sua fortuna, & a
collocaraõ no mesmo apo-
sento, onde elles dormiaõ,
como que pudessem dor-
mir seguros, pois a fortu-
na lhes guardava o somno:
& quando algum Empera-
dor morria, passava, & era
levada a mesma Estatua ao
successor, mostrando a vai-
dade, & superstiçaõ dos
que chegavaõ a alcançar a
coroa Romana, que po-
diaõ testar da fortuna,
como de patrimonio here-
ditario, & proprio. Estava
isto escripto nos seus Annaes,
como oraculo dos deoses:
isto celebravaõ os seus Poe-
tas, os Bucolicos com frau-
tas pastoris à sombra das
Fayas, os Heroicos com
trombetas Marciaes em as-
sombro das outras naçoẽs:
& assim o cantou com ele-
gante mentira o maior de
todos, quando disse:

*His ego nec metas rerum,
nec tempora pono,
Imperium sine fine dedi.*

48 Agora pudera eu
perguntar

perguntar aos Emperadores Romanos, ou dormindo, ou acordados, onde está aquella sua fortuna de ouro; ou o ouro daquella fortuna. Foi volta da mesma fortuna verdadeiramente lastimosa. Quando Alarico sitiou a Roma, virão-se os Romanos tão apertados, que houeraõ de remir a dinheiro o levantar-se o sitio, & entaõ entre o ouro, & prata das outras estatuas dos seus deoses, foi tambem batido em moeda o ouro da sua fortuna. Assim dormiaõ seguros os que se fiavaõ da fé de huma traidora; & da vigilancia de huma cega.

49 Mas eu sô quero confundir, & envergonhar a Plutarcho com as palavras da sua mesma lisonja. Diz que depoz a fortuna ao pé do Capitolio a roda. E quantas vezes a tornou a tomar, & lhe deo taes voltas na Italia, & dentro da mesma Roma, que meteo a que era cabeça do Mundo debaixo dos pés

de Attila, & Totila, inundada de Godos, & Hunnos, de Suecos, & Alanos, & de tantos outros barbaros? Diz do mesmo modo, que tambem depoz alli a fortuna as azas. E quantas vezes as tornou a tomar, & voou às Germanias, às Gallias, & às Hespanhas, que Roma imaginava pacificamente sujeitas com os presidios das suas Legioens, contra as quaes porèm se levantãõ entaõ aquellas mesmas naçoens, como taõ activas, & bellicosas, não sô restituindo-se cada humas ao que era seu; mas correndo às Aguias Romanas as unhas, com que lhotinhaõ roubado? Diz mais, que em Roma fez a fortuna o seu assento, para nella morar perpetuamente. E se no interior da mesma Roma recorreremos às cousas de maior duraçãõ; quaes são os marmores; quantos annos, & quantos seculos ha, que dos mesmos marmores levantados em Obeliscos, & arcos

arcos triunfaes, se vêm sô as miseraveis ruínas, ou meyo sepultadas já, ou cubertas de Era? Finalmente aquelle Imperio sem fim, a que a fortuna não poz metas, ou limites alguns, nem à grandeza, nem ao tempo; diga-nos a mesma fortuna onde está; & onde o tem escondido? Busque-se em todo o Mundo o Imperio Romano, & não se achará del-le mais que o nome, & este não em Roma, fenaõ muito longe della.

50 Acabáraõ-se as guerras, & vitórias Romanas, não sô fechadas, mas quebrados para sempre os ferrolhos das portas de Jano: acabáraõ-se os Capitolios: acabáraõ-se os Consulados: acabáraõ-se as Dictaduras: acabáraõ-se para os Generaes as ovaçoens, & os triunfos: acabáraõ-se para os Capitaens famosos as Estatuas, & inscripçoens: acabáraõ-se para os soldados as coroas civicas, Muraes, & Roftratas: acabáraõ-se emfim com o

Imperio os mesmos Emperadores, & sô vivem, & reynaõ ao revez da roda da fortuna os que elles quizeráo acabar. Acabou Nero; & vivem, & reynaõ Pedro, & Paulo: acabou Trajano; & vive, & reyna Clemente: acabou Marco Aurelio; & vive, & reyna Polycarpo: acabou Vespasiano; & vive, & reyna Apollinar: acabou Valeriano; & vive, & reyna Lourenço: acabou emfim Maximino; & vive, & reyna Catharina: elle, & os outros Emperadores, porque se fiáraõ falsamente do Imperio sem fim: *Imperium sine fine dedi*: & ella com os seus, & com os outros Martyres, porque reynaõ, & haõ de reynar por toda a eternidade com Christo no Reyno, que verdadeiramente não ha de ter fim: *Cujus regni non erit finis*.

§. XL. **B** Em acabava aqui o Sermaõ, se nos não faltára huma circumstancia tão essencial de todo o assumpto, como he a acção de graças. Não posso deixar de dizer sobre este ponto huma palavra, & ferá sô huma para emenda da brevidade mal observada, que prometti ao principio. Mas qual parte, ou qual pessoa da nossa historia nos dará este documento? Para maior exemplo do agradecimento, & maior horror da ingratitude, não quero que seja Santa Catharina, nem os Philosophos, ou soldados convertidos, nem a mesma Emperatriz, senão de quem menos se podia esperar, o Emperor Maximino. Já vimos como o primeiro motivo desta gloriosa tragedia foi o bando, & edicto de Maximino, em que sob pena da vida mandou, que todos os subditos do

seu Imperio, pelos beneficios, com que os deoses o tinhaõ favorecido, & prosperado, lhes viessem dar graças, & offerecer sacrificios. E que diremos de tal edicto? Em quanto impio, cruel, & sacrilego, foi de tyranno, gentio, barbaro, & idolatra; mas em quanto reconhecido a huma mão superior, & Divina; de quem confessava haver recebido os beneficios, foi de homem racional, prudente, & religioso, posto que enganado.

§. 2. E seria bem que na occasião da vitoria presente se contentasse a nossa Fé com as demonstrações, & applausos exteriores; sem dar muito de coração as devidas graças àquella Soberana Magestade, que sendo Senhor de todas as cousas, tomou por nome particular o de Senhor dos exercitos: *Dominus exercituum*? Oh quanto importa em semelhantes casos o fermos agradecidos a Deos, & quanto se pôde arriscar, se lhe for-

mos

mos ingratos! Quando os filhos de Israel da outra parte do mar Vermelho nos despojos do exercito de Faraõ, que o mesmo mar lançava à ribeira, reconhecerão a sua vitoria, & a segurança da sua liberdade; o que fez Moysés com todos os homens, & Maria irmã do mesmo Moysés com todas as mulheres, foi, repartidos em dous côros, cantar publicamente a Deos os louvores de tamanha vitoria, & dar-lhe as devidas graças, & glorias, como unico Author della. Ditofos elles, sea ssm perseveráraõ agradecidos! Mas indignos, & inimigos da sua propria felicidade, (porque pouco depois trocaraõ o verdadeiro agradecimento na mais impia, mais barbara, & mais cega ingraticidaõ) do mesmo ouro, de que tinhaõ despojado o Egypto, fundirão o idolo fatal do bezerro, & esquecidos do que pouco antes tinhaõ visto, & confessado, com novas festas, & musicas

roubáraõ outra vez a Deos as graças, & louvores, que lhe tinhaõ dado, atrevedo-se a dizer, & apregoar sem nenhum pejo: *Hi sunt dii tui, qui te eduxerunt de terrae Egypti.* Estes são os deoses, que te deraõ a vitoria, & te libertáraõ do poder dos Egypcios. E quantos hoje em Portugal (para que nos espantemos mais de nós) estaõ dando as graças desta vitoria cada hum ao seu idolo? Huns à sua sciencia militar, outros à sua disposiçaõ, outros ao seu conselho, outros ao seu valor, outros aos seus soccorros, & confirmando todos isto com certidoens, que aindaque por huma parte não sejaõ falsas, por outra são blasfemas, pois he verdadeira blasfemia tirar a Deos o que he de Deos. Dizia Job que pelas mercès recebidas de Deos não se beijava a maõ a si mesmo: *Si osculatus sum manum meam.* E quem beija as suas maõs, posto que tiver sem muita parte na vitoria, faiba que as maõs assim beija-

Exod. 32. 4.

Job 327.

beijadas perdem quando menos o fruto della, como o perdérao os filhos de Israel. Depois daquella victoria podiaó chegar em poucos dias à terra de Promissaó, & porque a não attribuiraó a Deos, cuja era, de seiscentos mil, que fahiraó do Egipto, sò dous, que foraó Josuè, & Caleb, conseguiraó o fim da jornada; & todos os outros em espaço de quarenta annos ficaraó sepul-

tados no deserto. Se formos agradecidos a Deos, por esta victoria nos dara outras victorias, & por esta graça outras graças: *Gratiam pro gratia*. E se pelo contrario formos ingratos, não sò perderemos a mercè recebida, mas ella, como diz S. Bernardo, nos perderá a nós: *Studete potius gloriam vestram referre ad illum, à quo est, si non vultis eam perdere, aut certe perdi ab ea.*

D. Bern.
Epist.
107.





SERMAM

Do Gloriosissimo Patriarcha

S. JOSEPH

Na Cathedral da Bahia.

Anno de 1639.

*Cum esset desponsata Mater Jesu Maria
Joseph.* Matth. 1.

§. I.

54



odos os Prédadores neste dia, accomodando-se, como devem, à historia do Evangelho, tratao dos zelos, & duvidas de S. Joseph meu Senhor. Eu como o menor de seus fervos pela obrigação, com que devo zelar sua maior honra, não determino fal-

lar nas suas duvidas; mas quanto for possível à fraqueza do meu discurso, fazer indubitavel, & certo o que muitos atègora se não atrevêrao nem a duvidar. As vodas já passadas não de Maria Filha de Joachim, mas de Maria Mãe de Jesu com Joseph, referre com ponderosa energia no Texto, que ouvimos cantar, o Evangelista S. Mattheus: *Cum esset desponsata*

sponsata Mater Jesu Maria Joseph. Digo que as referê com ponderosa energia; porque não haverá entendimento tão rude, que não pasme, considerando hum tal casamento, & em tal casa. O casamento tão alto, que não he menos que da Mãy do proprio Deos; & a casa tão humilde, como de hum pobre Official, que com o trabalho de suas mãos; & o suor do seu rosto, lavrando lenhos seccos, & sem raizes, delles recolhia o duro pão, com que sustentava a mesma casa. Para dizer pois o que entendo, he-me necessario entrar nesta mesma Officina; & tomar della emprestados tres instrumentos, huma serra, huma plaina, & hum compasso: a serra para dividir, & apartar a verdade da opiniaõ: a plaina para aplainar todas as difficuldades, que pôde ter a mesma verdade: & o compasso para medir a immensidade das grandezas de S. Joseph, que nelle estaõ encerradas.

Este he o argumento do Sermão, já dividido nas mesmas tres partes. E posto que o Espirito Santo seja Esposo da mesma Esposa de S. Joseph; sem zelos nos favorecerá com a graça; que lhe pedimos por sua intercessão. AVE MARIA.

II.

O fim para que pedi a S. Joseph o primeiro instrumento da sua Officina, foi para cortar, & meter a serra entre o falso, & o verdadeiro, ou entre o sólido, & o mal fundado da sua reputação, varia sempre, mas sempre mais crecida. Quando Christo Redemptor nosso vivia neste Mundo, foi reputado por Filho de Joseph, como nota S. Lucas: *Ut Luc. 3^o putabatur, Filius Joseph.* Huns diziaõ isto sem malicia; porque assim o entendiaõ: outros maliciosamente por desprezo, & para abater, & afrontar o Filho

Filho com o officio do
 Math. Pay : *Nonne hic est fabri*
 23. 55. *Filius*? Depois correndo o
 tempo, & dando o Mun-
 do as voltas, que em to-
 das as cousas costuma, esta
 mesma, que dantes se re-
 putava por injuria de
 Christo, chamando-lhe Fi-
 lho de Joseph, se conver-
 teo em louvor do mesmo
 Joseph, contando-se até
 hoje por huma das suas
 prerogativas mais singula-
 res. Assim o reza o Hy-
 mno do mesmo Santo:
Jesu Christi Dominum Pater
nuncupatus. Porém como
 este nome he contrario à
 sua propria significação,
 & em ser somente repu-
 tado por Pay de Christo,
 se suppoem, & affirma
 que o não era; que dirão
 os que sabem que a essen-
 cia, ou a energia, & alma
 do louvor não consiste na
 opiniaõ, ou nas vozes, fe-
 não na realidade sólida do
 que he, ou não he? Chega-
 dos à precisão deste pon-
 to, já sou obrigado a me
 declarar, & dizer o que
 sinto. Digo pois (& este

será o meu assumpto) que
 S. Joseph não só foi Pay
 putativo, como dizem,
 senão verdadeiro, & legi-
 timo Pay de Christo.

§. III.

56 **N**ÃO faltará
 quem cha-
 me a esta proposição de-
 masiada ousadia. Mas se
 eu a provar, não ha duvi-
 da que será hum grande
 louvor de meu Senhor S.
 Joseph: & quando a não
 prove, servirá de consola-
 ção ao meu desejo, & affe-
 cto; & a mesma ousadia
 morta merecerá o epitafio
 de Faetonte: *Magnis ta-*
men excidit ausis. Para pro-
 va do que disse, supponho
 duas cousas. A primeira,
 que S. Joseph foi verda-
 deiro, & legitimo Filho,
 isto he, descendente de
 David. Consta authenti-
 camente para todo o Mun-
 do pelo livro da matri-
 cula dos Romanos; &
 para os que crem no Eu-
 angelho, pelo de S. Lucas,
 quando por obedecer Jo-
 seph

seph ao edicto de Augusto Cesar, foi pagar o tributo a Belem Cidade de David: *Eo quod esset de domo, & familia David*; porque era da Casa, & familia de David. O mesmo Euangelista narrando a embaixada de S. Gabriel, diz que veyo à Cidade de Nazareth enviado por Deos: *Ad Virginem desponsatam viro, cui nomen erat Joseph, de domo David*: a huma Virgem desposada com hum Varaõ da Casa de David, por nome Joseph. E no nosso Euangelho o Anjo, que revelou a S. Joseph o mysterio da Encarnação, ou fosse o mesmo, ou outro, expressamente o nomea por Filho de David: *Joseph Fili David, noli timere*.

57 A segunda coufa, que supponho, he que o matrimonio de S. Joseph com a Virgem Maria Senhora nossa, foi verdadeiro, & legitimo matrimonio, celebrado antes da conceição do Verbo Divino. Esta ultima circun-

stancia duvidaraõ alguns Authores fundados nas palavras do nosso Texto: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph*: nas quaes chamar-se a Senhora desposada, parece que significa somente desposorios de futuro, & naõ consensu mutuo por palavras de presente, em que consiste a essencia do matrimonio. Mas o contrario se declara, & convence do mesmo Texto por duas clausulas affirmativas, manifestas, & expressas: huma, com que o Euangelista S. Mattheus no mesmo tempo dà a Joseph o nome de Esposo, senaõ de Marido: *Joseph autem vir ejus cum esset justus*: & outra, com que o Anjo nomea a Senhora com a palavra *Conjux*, que significa mulher legitima, & casada: *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam*.

58 Naõ quero passar sem reparo o termo, *Accipere*: & dizer o Anjo a S. Joseph, que naõ tema de receber

Ibidem
19.

receber à Senhora, alludindo à deliberação, em que estava de a deixar occultamente: *Voluit occultè dimittere eam.* Onde se vê que as vodas de S. Joseph com a Virgem Maria forão como as de Jacob com Rachel, a qual elle recebeu duas vezes: huma vez, sem saber o que recebia, de que se lhe seguiu aquella sua grande tristeza; & outra vez, sabendo, & vendo claramente que era Rachel, com os extremos de alegria, & festa, de que era merecedora. Do mesmo modo S. Joseph. A primeira vez estando já a Senhora levantada sobre todas as creaturas à dignidade suprema de Mãe de Deos, recebeu-a, sem saber o que era, como Filha de Joachim: & posto que dotada de muitas graças; capaz, como mulher, de lhe causar as tristezas, & angustias, em que agora se via. Mas a segunda vez? Oh homem mais venturoso, & bemaventurado de todos os nascidos! Rece-

beo-a a segunda vez com aquelle assombro, & com aquelle pasmo de ter concebido em suas entranhas o Verbo Eterno por virtude do Espirito Santo: *Quod enim in eâ natum est, de Spiritu Sancto est:* & que sendo ella tal, os mesmos Anjos, que a adoravaõ como Rainha, lhe chamavaõ mulher sua; *Noli timere accipere Mariam conjugem tuam.*

59 Provada esta supposição de se: verdadeiro, & legitimo matrimonio o da Virgem Santissima com S. Joseph, & a primeira de ser S. Joseph verdadeiro, & legitimo Filho, & descendente de David; sobre estas duas premissas passaremos à conclusão da nossa proposta. E sô advirto, para que a equivocação dos nomes não faça duvida, que sendo os proprios extremos do verdadeiro, & legitimo matrimonio Mulher, & Marido, em que necessariamente havemos de fallar; eu sô usarei commumente da pala-

palavra Esposo, & Esposa, assim para maior reverencia de huma taõ sagrada uniaõ, de ambas as partes virginal, como porque o Euangelista S. Mattheus no Texto do nosso thema usou da mesma urbanidade, naõ dizendo, *Conjugata*, ou *Nupta*: senaõ, *Desponsata*: *Cum esset desponsata Mater Jesu Maria Joseph.*

S. IIII.

60 **C**Hegando pois já à prova do nosso grande assumpto, (que como medrosa parece que tem tardado) digo assim: S. Joseph foi verdadeiro, & legitimo Filho de David; o matrimonio de S. Joseph foi verdadeiro, & legitimo matrimonio: logo S. Joseph foi verdadeiro; & legitimo Pay de Christo. Para confirmação desta consequencia naõ tenho menos Authores, que dous Euangelistas, S. Mattheus, & S. Lucas. S. Mattheus, assen-

tando por primeiro fundamento do seu Euangelho a Genealogia de Christo Senhor nosso, diz: *Liber gene-^{Matt. 1. 1.}rationis Jesu Christi Filii David*: Livro da geração de Jesu Christo Filho de David. E depois de referir quarenta & huma gerações, todas de Pay a Filho até Joseph, fecha o mesmo livro com esta clausula: *Jacob autem genuit^{Ibidem} Joseph virum Mariae, de^{16.} quã natus est Jesus, qui vocatur Christus*: Jacob gerou a Joseph Esposo de Maria, da qual nasceo Jesus, que se chama Christo. Mas se Jesus, que se chama Christo, de tal sorte nasceo da Virgem Maria, que Joseph naõ teve parte alguma na sua geração; como mete S. Mattheus a Joseph na Genealogia de Christo, & nomeadamente como Esposo de Maria: *Joseph virum Mariae*? A repõsta deste fecho, que em outro tempo foi naõ pouco difficullosa, hoje he facil; mas dependente de muitas circunstancias, & noticias.

61, A primeira, que a Virgem Maria era unica herdeira da Casa de seus Pays : a segunda, que as herdeiras assim unicas eraõ obrigadas a casar com tal Esposo, que fosse não sò do seu Tribu, senão da sua propria familia : a terceira, que a exakta derivação destas descendencias se havia de fazer pela linha, ou via masculina, & não pela feminina, como o Evangelista fez a de S. Joseph. E de toda esta junta, & concurso de condições (que naquelle tempo eraõ publicas) concluío S. Mattheus a verdade da sua proposta, que era a geração de Christo Jesu, desta maneira: Jesu Christo foi Filho de Maria; Maria foi do mesmo Tribu, & familia de Joseph; Joseph foi do Tribu, & familia de David: logo Jesu Christo, que nasceu de Maria, foi Filho de David: *Liber generationis Jesu Christi Filii David.* Disse que estas condições naquelle tempo eraõ pu-

blicas, para dar a razão de S. Mattheus as não referir, mas suppor reduzidas a tres palavras: *Joseph virum Mariae.* E a razão he; porque S. Mattheus escreveu em Hebreo, & para os Hebreos, entre os quaes o ser Christo Filho de David era cousa tão vulgar, que a sabião os mininos, os quaes quando entrou em Jerusalem, o recebêraõ cantando: *Hosanna Filio David.* E não sò os Hebreos, senão também os gentios o não ignoravaõ; como a Cananea: *Miserere mei, Domine, Fili David.* E até os cegos, como o da estrada de Jericó; o qual sentindo tropel de gente, perguntou quem era. E respondendo-lhe que era Jesus Nazareno, chamando por elle não disse: Jesus Nazareno, senão, Filho de David: *Fili David, miserere mei.*

S. V.

62

ATè aqui não apparece ainda a minha consequencia; mas ha de ser tambem minha a duvida. Reparo em não sô dizer o Evangelista: *De quâ natus est Jesus*: mas accrescentar: *Qui vocatur Christus*. Para declarar, que Jesus era Filho da Virgem Maria, & a Virgem Maria Mãe sua, bastava dizer: *De quâ natus est Jesus*: que era o seu proprio nome. Assim o nomeou o Anjo à Virgem antes de ser concebido: *Vocabis nomen ejus Jesum*: assim depois de concebido, a S. Joseph pelas mesmas palavras: *Vocabis nomen ejus Jesum*. E finalmente no dia da Circumcisaõ, que andava junta com a imposiçaõ dos nomes: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Pois se o seu nome proprio era Jesus; porque lhe accrescenta o Evangelista S. Mattheus o de Christo: *Qui voca-*

tur Christus? Tambem aqui he necessaria a serra, & dividir, & distinguir em Jesu o ser Jesus, & o ser Christo: & do mesmo modo na Virgem o ser Filha de David, & o ser Esposa de Joseph. Porque para Christo ser Jesus, bastou ser Filho de Maria: *Mariae, de quâ natus est Jesus*. Mas para Jesus ser Christo, era necessario que Maria fosse Esposa de Joseph: *Joseph virum Mariae*. Declaremos o que está encerrado nesta notavel complicaçaõ. Christo quer dizer, Ungido; & foi ungido não sô por Rey, senão nomeadamente por Rey do Reyno, & scptro de David; o qual por isso entre tantos outros Reys desta Genealogia, elle sô se chama Rey: *David autem Rex*. A successaõ, & herança deste Reyno foi o principal fim, & intentõ do livro da geraçaõ, que escreveo o Evangelista S. Mattheus, não sô do Filho de David Jesus, senão do Filho de David Jesus,

D iij

Jesus,

Tom. II.

uc. 1.

lath. 21.

uc. 2.

Matth. 1. 6.

Jesus ; & Christo junta-
mente : *Liber generationis*
Jesu Christi Filii David. E
porque esta successão , &
herança não pertencia à
Pessoa da Virgem Maria ,
fenaõ à de S. Joseph , suc-
cessor , & legitimo herdeiro
do sceptro de David :
(como dizem graves Au-
thores , & se infere effi-
cazmente do mesmo Tex-
to) esta he a forçosa razaõ ,
porque foi necessario o
verdadeiro , & legitimo
matrimonio entre Joseph ,
& Maria , para que Chri-
sto , como prole do mes-
mo matrimonio , pudesse
fer herdeiro de Joseph ,
como foi : *Jesus Nazare-*
us, Rex Judæorum : Rey,
& pelo matrimonio de Na-
zareth. Donde se segue,
que assim como o mesmo
Christo por razaõ , & be-
neficio do matrimonio de
sua Mãy teve legitimo di-
reito filial para herdar a Jo-
seph , como seu Filho ; as-
sim Joseph reciprocamente
teve o direito paterno tam-
bem legitimo para o fazer
seu herdeiro , como Pay.

Joan.

19.

63 Entre agora o Eu-
angelista S. Lucas , & po-
nha admiravelmente o fel-
lo a esta consequencia. In-
troduzindo S. Lucas a em-
baixada do Anjo à Vir-
gem , fallou com esta for-
malidade de termos : *Mis-*
us est Angelus Gabriel à
Deo in civitatem Galilææ,
cui nomen Nazareth , ad
Virginem desponsatam viro,
cui nomen erat Joseph , de
domo David, & nomen Vir-
ginis Maria. Foi mandado
o Anjo Gabriel por Deos
a huma Cidade de Galilea,
por nome Nazareth , a
huma Virgem desposada
com hum Varaõ por nome
Joseph , da Casa de David,
& o nome da Virgem era
Maria. Pois se o Euange-
lista foi taõ exacto em de-
clarar o nome da Provin-
cia , da Cidade , do Varaõ ,
& da Virgem ; & ao nome
do Varaõ accrescentou a
familia , & descendencia ;
porque a não accrescentou
tambem ao nome da Vir-
gem ? O Varaõ , & a Vir-
gem ambos eraõ da fami-
lia de David ; porque não
decla-

Luc. 1

26. 2

declarou logo, que a Virgem era tambem da mesma familia? Digo mais, que havendo de declarar a familia de hum sô dos dous contrahentes, esta havia de ser a da Virgem, & não a do Varaõ; porque sô a Virgem havia de ser a Mãy do Filho annunciado, & o Varaõ não: *Quoniam virum non cognosco.* Pois outra vez, se o Varaõ não havia de ter parte no Filho, & todo havia de ser da Virgem; porque declara a familia do Varaõ, & a da Virgem não a declara? Porque tanto importava a S. Lucas para a consequencia da sua historia declarar huma, como não declarar outra. E qual foi a consequencia? *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus.* Havia de dizer o Anjo, como disse, à Virgem, que ao Filho annunciado lhe daria Deos o throno, & sceptro de seu Pay David: & como este sceptro, & a herança delle pertencia a Christo, não pela descendencia da

Virgem, senão pela do Varaõ, que era Joseph, *Virum Mariae*; por isso sô ao nome de Joseph ajuntou o da familia de David: *Cui nomen erat Joseph, de domo David.* Como se disse: O Filho ha de ser da Mãy; mas o sceptro ha de ser do Pay: o Filho ha de ser da Virgem; mas o sceptro ha de ser do Varaõ; porque pela herança do Varaõ: *Virum Mariae*: o Filho de Maria não sô será Jesus, que quer dizer Salvador, senão Christo, que quer dizer Rey: *Jesús, qui vocatur Christus.* E isto he o que quiz provar S. Matheus no seu livro, quando disse: *Liber generationis*, não sô, *Jesu*, senão, *Christi Filii David.*

§. VI.

64. **A** Qui se devia notar, quenhum Evangelista diz expressamente, que a Virgem era descendente de David, & todos expressissimamente, & em muitos

lugares o repetem de Joseph ; porque a elle direito pertencia o jus hereditario , & legitimo direito do Reyno de David. Mas deixadas consequencias , vamos a testemunhos dos mesmos Euangelistas , em que com evidencia se prova ser o Gloriosissimo Joseph verdadeiro , & legitimo Pay de Christo.

Quando a Virgem Santissima , & seu Esposo S. Joseph levárao a Christo Minino ao Templo de Jerusalem a ser apresentado conforme a ley ; diz o Euangelista , que o introduziráo seus Pays : *Cum inducerent Jesum parentes ejus*. E quando refere que todos os annos pela Paschoa tornavao ao Templo , lhe chama segunda vez seus Pays : *Et ibant parentes ejus per omnes annos in Jerusalem in die solemnium Paschæ*. E depois que foi de idade de doze annos , na mesma jornada , em que o perdérao , & não achárao , terceira

vez lhe torna a dar o mesmo nome de Pays seus : *Remansit Puer Jesus in Jerusalem , & non cognoverunt parentes ejus*. E se quizermos ver os dous Santissimos Esposos até aqui comprehendidos debaixo do nome commum de Pays , distinctos , & divididos cada hum com o seu proprio de Pay , & Mãy , com esta distincão , & propriedade os nomea o mesmo Euangelista , quando refere , que ouvindo a Simeão se admiravao do que profetizava daquelle Minino : *Et erat Pater ejus , & Mater mirantes super his , quæ dicebantur de illo*. Agora pergunto , & haja quem me responda. Quando os Euangelistas a hum , & a outro Esposo lhe chamavao ou em commum Pays , ou em particular a Joseph Pay , & a Maria Mãy de Christo , em que sentido fallavao ? Porventura no sentido vulgar , em que o povo ignorante do mysterio reputava a Joseph por Pay de Christo :

Luc. 2.
27.

Ibidem
41.

Ibidem

Ibidem

33.

sto : *Ut putabatur Filius Joseph* : & erradamente lhe dava este nome ? De nenhum modo. Porque no tal caso diriaõ os Euangelistas huma cousa naõ sò falsa ; (o que naõ pôde ser) mas injuriosa à Virgem , a seu Filho , a seu Esposo , & à mesma verdade do Euangelho. He certo logo , & infallivel , que o sentido , em que fallavaõ os Euangelistas , era o verdadeiro , & proprio , conforme a realidade do que as suas palavras significavaõ. E assim como estas eraõ proprias , certas , & verdadeiras , quando chamavaõ a Joseph : *Pater ejus* : assim Joseph era proprio , certo , & verdadeiro Pay de Christo.

65 Ainda temos outro testemunho mais qualificado , naõ na verdade ; que naõ pôde ser maior ; mas maior sem comparação na authoridade , & na dignidade. Quando a Virgem Santissima Senhora Nossa , & S. Joseph

depois de haverem perdido o Minino de doze annos , o acháraõ no Templo , disse-lhe a Mãe Santissima com palavras muito suas : *Fili , quid fecisti nobis sic ? ecce Pater tuus , & ego dolentes querebamus te* : Filho , & que he isto , que nos fizestes ? eis-aqui vosso Pay , & Eu , que ha muito vos andamos buscando com grande dor. Desferte que da mesma boca da Mãe de Christo he Joseph Pay de Christo : *Ecce Pater tuus , & Ego*. Onde se deve notar muito , que os tres , entre os quaes se repartia este colloquio , Jesus Maria , & Joseph , todos sabiaõ o mysterio , & segredo da Encarnação de Christo , para naõ ser necessario usar de alguma metaphora , ficção ; ou cautela : Joseph sabia que naõ tinha parte alguma na conceição do Filho ; o Filho sabia que todo unicamente era de sua Mãe ; a Mãe sabia que fora concebido pelo Espirito Santo. E que a mesma Mãe ,

Ibidem
48.

Mã y, fallando com o mesmo Filho, chamasse a Joseph seu Pay : *Ecce Pater tuus* ! Que he isto ? He que S. Joseph sem concorrer, nem ter parte na geraçãõ natural de Christo, não sô podia ser, mas realmente era legitimo, & verdadeiro Pay do mesmo Christo.

§. VII.

66 **E** Para tirar qualquer duvida, ou escrupulo, que possa occorrer nesta verdade ; tomemos a plaina, & façamos toda a difficuldade, ou admiraçãõ desta grande materia, plaina, corrente, & liza. S. Mattheus comecou a geraçãõ de Christo desde David, & desde Abraham : *Filii David, Filii Abraham* : Eu hei-de ir buscar a sua primeira origem muito mais acima. Esta palavra, *Paternitas*, que he Paternidade, donde se diriva o ser, & se significa o nome de Pay, sô huma vez se acha em toda a Escritura, que he o Ca-

pitulo terceiro da Epistola aos Efesios. *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis Paternitas in caelis, & in terra nominatur.* Prostrado de joelhos, diz S. Paulo, dou graças ao Pay de nosso Senhor Jesu Christo, do qual se diriva toda a Paternidade do Ceo, & da terra. De forte que a primeira, & originaria fonte, donde mana toda a Paternidade, & todo o ser Pay em todas as creaturas, he o Eterno Padre. E diz o Apostolo : *Omnis Paternitas* : Toda a Paternidade ; porque as Paternidades, que Deos fez, & pode fazer, não são huma sô, senão muitas, todas legitimas, & verdadeiras, cada huma em seu genero. A primeira, & natural foi a de Adam, & seus filhos. A segunda he a legal na Ley Velha, em que o irmão defunto sem filho era pay legal do que nascia de seu irmão. A terceira he a adoptiva, com que Deos nos fez filhos seus,

Rom. 8. 15.
 I. Cor. 4. 15.
 seus, & nós lhe chamamos verdadeiramente Pay nosso: *In quo clamamus: Abba (Pater.)* A quarta he a da geração espiritual, da qual propriamente fallava S. Paulo, & a declarou aos Corinthios: *Nam in Christo Jesu per Euangelium ego vos genui.*

67 E quanto às Paternidades, que Deos pode fazer, baste o que disse S. João Baptista mostrando as pedras do Jordão, onde baptizava, que daquellas pedras poderoso era Deos para fazer filhos de Abraham: *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abraham.* A palavra, *Abraham*, no Texto original está em dativo. E se de huma pedra pode Deos dar filhos, & fazer pay a Abraham, a hum filho de Abraham, (qual era Joseph) porque o não poderia fazer Pay do Filho de huma Virgem? Faz Deos communmente os matrimonios de mulher fecunda, como o de Adam com Eva; fellos muitas vezes

de mulher esteril, como o de Abraham com Sára, & o de Zacharias com Isabel. E porque o não faria huma sò vez de mulher virgem, como o da Virgem Maria com seu Esposo Joseph? A primeira Paternidade he natural; a segunda he milagrosa; a terceira he sobre toda a natureza, & sobre todo o milagre; mas nem por isso impossivel. Torne o Texto de S. Paulo, com o que nelle he mais admiravel. *Ex quo omnis Paternitas in caelis, & in terra.* Diz o Apostolo, que do Eterno Padre se deriva toda a Paternidade assim no Ceo, como na terra. E no Ceo pôde haver Paternidade? A palavra, *Omnis*, & a palavra, *Ex quo*, excluem a Paternidade do Padre Eterno: logo no Ceo ficaõ sò os Anjos, que não são capazes de geração. Pois se os Anjos não são capazes de geração, como suppoem S. Paulo nelles Paternidade? O como sabe-o Deos, & tambem o podia

podia faber S. Paulo, que foi ao Ceo. O que a nós nos serve, he, que os Virgens faõ como Anjos; & em hum matrimonio taõ Angelico como o de Joseph, & Maria, em que ambos eraõ Virgens, admiravel cousa he, mas naõ impossivel, haver a Paternidade, com que S. Joseph fosse Pay, & com que foi Pay de Christo.

68 E para que vejamos quam verdadeira, quam legitima, quam propria, & quam chegada à natural foi esta Paternidade de S. Joseph; ouçamos ao grande Lume da Igreja

Auguft. lib. i. ad Val. tom. 7. S. Agostinho. *Omne nuptiarum bonum inventum est in parentibus Christ:* Todos os bens, que tem as vodas, se achaõ no matrimonio dos Pays de Christo. E nomeando-os logo, diz: *Prolem, fidem, sacramentum*: a Prole, a fidelidade, & o sacramento. E declarando qual he a Prole, ou o Filho deste matrimonio: *Prolem* (diz o Santo) *agnoscimus Domi-*

num Jesum Christum: A Prole, & o Filho deste matrimonio de Joseph; & Maria, he o Senhor Jesu Christo. Vede o que diz, & o que naõ diz Agostinho. Naõ diz que o Senhor Jesu Christo he Prole, & Filho da Virgem Maria, senaõ que he Prole, & Filho das vodas, & do matrimonio da Virgem Maria com S. Joseph. E porque? Porque ser Filho de Maria, he ser Filho da Esposa, que he huma sã Pessoa, & esta Mãe: porrèm ser Filho do matrimonio, que consta de Esposa, & Esposo, he ser Filho de duas Pessoas, & estas Mãe, & Pay, qual foi Joseph.

69 Esta he a razaõ evidente, & manifesta no Texto Sagrado; porque S. Lucas antes da conceiçaõ de Christo, & S. Mattheus depois do parto, ambos notáraõ, que antes de nascido, & concebido, jã as vodas de Maria, & Joseph eraõ celebradas. S. Lucas: *Ad Virginem desponsatam*

sponsatam viro, cui nomen erat Joseph. ES. Mattheus: Joseph virum Mariæ, de qua natus est Jesus; por- que se fosse antes do ma- trimonio, seria o Filho sô de Maria; mas depois do matrimonio; como Prole do mesmo matrimonio; era de ambos. Assim o tor- nou a notar o mesmo San- to Agostinho em outro lugar, como se commen- tasse o já referido. Dâ a razião, porque S. Mattheus deduzio a Genealogia de Christo por S. Joseph, &

& a Joseph: Præsertim quia nasci eis etiam potuit Filius sine ullo complexu carnali, qui solum propter gignendos filios adhibendus est. Onde muito se deve notar. aquella grande pa- lavra, Nasci eis: nascer a elles; naõ sô à Esposa, se- naõ a ambos os Esposos: naõ sô a ella Maria, De qua natus est; senaõ a elle Joseph, com quem estava desposada: Joseph virum Mariæ.

§. VIII.

Augst. atè S. Joseph: *Joseph vi- lib. 1. de rum Mariæ. Neque enim Conf. fas erat, ut ob hoc eum à Euang. conjugio Mariæ separandum cap. 1. putaret, quod Virgo peperit Christum.* Porque naõ era licito apartar a Joseph do matrimonio de Maria; a titulo de haver concebido a Christo sendo Virgem; porque aindaque ambos eraõ Virgens, a ambos sem. mutua communica- ção podia nascer hum Fi- lho, como verdadeiramen- te nasceo Christo, naõ sô a Maria, senaõ a Maria,

70 **S**O resta que ve- jamos pratica- mente como isto foi. Fez- se o Filho de Deos ho- mem; mas a frase, com que o diz o Euangelista S. Joaõ; he, que se fez car- ne: *Verbum caro factum* Joan. 1. *est.* E que carne era esta, ¹⁴ que unio o Verbo a si; & de quem era? Era a car- ne purissima, & santissi- ma da Virgem Maria Se- nhora nossa. E era sô sua? Senaõ fora desposada, sim. Mas sendo desposada, como

como verdadeira, & legitimamente o estava com Joseph: pelo vinculo do legitimo matrimonio tanto era delle, como sua. Assim o definio o soberano Instituidor do mesmo matrimonio por boca do primeiro, que atou com elle: *Gen. 1. Erunt duo in carne unâ.* E se a carne de que se vestio o Verbo, sendo de dous, era huma; não he contra a razão desta unidade, senão muito conforme a ella, que o Filho, que della nasceu, sendo tambem hum, pertença aos mesmos dous, a Maria como Esposa com o nome de Mãy, & a Joseph como Esposo com o de Pay.

71 Grande Texto em confirmação com authoridade Divina, & sobre Divina jurada. *Pfalm. 131. II. Furavit Dominus David veritatem, & non frustrabitur eam:* Jurou Deos a David huma verdade, cuja promessa infallivelmente se cumprirá, & não será frustrada. E que verdade não sô prometida, senão jurada pelo

mesmo Deos he esta? *De Ibidem fructu ventris tui ponam super sedem tuam:* He que do fruto do ventre de David havia de pôr Deos sobre o seu throno hum Filho tambem seu. Assim se cumprio em Christo Filho de David, & Rey do seu proprio Reyno. Mas se o Texto com o mesmo sentido podia dizer: *Ex fructu femoris tui:* porque disse: *Ex fructu ventris tui?* A replica he de Santo Agostinho, o qual responde: *Significantius dicere voluit, ex fructu ventris, quia de femina natus est Dominus.* Disse: *De fructu ventris:* com significação mais propria, porque Christo propriamente nasceu de mulher. Bem. Mas se nasceu de mulher, porque chama ao ventre ventre de David: *De fructu ventris tui?* E que David era este, se quando Christo nasceu do ventre santissimo, havia vinte & oito gerações, que David era morto? *A David usque ad transf-* Matth. 1. 17.
migrationem Babylonis generationes

nerationes quatuordecim :
 & à transmigracione Baby-
 lonis usque ad Christum , ge-
 nerationes quatuordecim. O

David , que entaõ havia ,
 era o ultimo descendente
 de David , immediato an-
 tes de Christo , S. Joseph :
*Joseph virum Mariæ ; de
 quâ natus est Jesus.* E o ven-
 tre desta Mãy era deste
 David ? Naõ sô era seu, se-
 naõ mais seu , que da me-
 ma Mãy. Assim o diz S.
 Paulo , & he de Fé , pelo
 vinculo , & direito do le-
 gitimo matrimonio : *Mu-
 lier sui corporis potestatem
 non habet, sed vir.* Mas este
 poder em matrimonio vir-
 ginal era sô quanto ao do-
 minio , (em que se verifi-
 ca o *ventris tui*) & naõ
 quanto ao uso , como bem
 nota Santo Thomas. E
 como o ventre , de que na-
 sceo Christo , era de Da-
 vid , & o David , em que
 se verificou , era Joseph ;
 vede se era Joseph verda-
 deiro , legitimo , & pro-
 priissimo Pay de Christo.

72 Replicará alguem,
 que Joseph de nenhum

modo cooperou à geraçaõ
 do bemdito fruto de sua
 Esposa , senaõ o Espirito
 Santo : logo o fruto naõ
 podia ser seu. Nego a con-
 sequencia ; porque ainda
 que a cooperaçaõ naõ foi
 sua , senaõ do Espirito San-
 to ; a Esposa , de quem na-
 sceo o fruto , era verdadei-
 ramente sua. Adam em
 dous estados era senhor
 de dous frutos muito dif-
 ferentemente plantados.

Em quanto esteve no Pa-
 raíso , eraõ seus os frutos ,
 que plantára Deos : *Plan-*

taverat autem Dominus Gen. 2.

Deus paradysum voluptatis.

Depois que esteve sôra do
 Paraíso , eraõ seus os fru-
 tos , que elle plantava : *Ut* Gen. 3.

operaretur terram, de qua 23.

sumptus est. Pois se huns

frutos eraõ plantados por
 Deos , em que Adam naõ
 teve parte , & os outros
 plantados por elle com o
 trabalho de suas maõs , &
 o suor de seu rosto ; por-
 que eraõ igualmente seus
 assim huns , como os ou-
 tros ? Porque segundo os
 diferentes estados da sua
 fortu-

fortuna, huma, & outra terra era sua. Porque era sua a terra do Paraíso, eraõ os frutos do Paraíso seus, ainda que não fosse elle, senão Deos o que os tinha plantado. O mesmo digo, & se ha de entender de S. Joseph. Como a Espôsa, de que nasceo o bemdito fruto do seu ventre, era sua, *Conjugem tuam*: ainda que elle não tivesse cooperação alguma na sua geração, & toda fosse do Espírito Santo, o fruto comrudo era seu, porque o era o ventre: *De fructu ventris tui*.

73 Falta ainda, ou pôde haver mais prova? Não porque falte, mas para que sobeje; quero que o mesmo purissimo ventre deste fruto nos diga, que o fruto he de S. Joseph. Mas antes que a Mãe Virgem no lo affirme, he necessario que demos dous passos atraz. S. Jeronymo buscando a razão, porque a Senhora primeiro houve de ser Espôsa de seu Esposo, que

Mãe de seu Filho, achou-a natural na agricultura, & no Texto de Isaías: *Egre-^{Isai.} dietur virga de radice Jesse; 1.* & *flos de radice ejus ascendet*. As palavras do Doutor Maximo são estas: *Maria virga est, flos Christus. Et nunquam flos ascendit de Virga foliis nudâ. Prius virga foliis obumbratur, & honestatur, quàm flos ascendat: prius ergo Maria erat viro honestanda; quàm Christus nasceretur.* Na arvore (diz S. Jeronymo) primeiro nascem as folhas para a sombra, & depois a flor para o fruto. Logo primeiro havia de estar a Virgem à sombra de Joseph, do que ter a Christo nos braços. E que se segue daqui? Mais disse Jeronymo naquelle *Obumbratur*, do que quiz dizer. Demos agora outro passo ao mysterio da Encarnação. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi*: A virtude do ^{Luc.} Altissimo; ô Maria, vos fará sombra; & o Filho, que debaixo desta sombra conceberdes, será Filho de Deos:

ibidem. Deos : *Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei.* E se o Filho concebido à sombra de Deos, he Filho de Deos; diremos tambem, que o mesmo Filho concebido à sombra de Joseph, he Filho de Joseph? Eu não me atrevo a afirmar a semelhança; mas dando o ultimo passo, ouçamos o que diz a mesma Virgem.

ant. 2. 74. *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi: & fructus ejus dulcis gutturi meo.* Assentei-me à sombra daquelle, que eu tinha desejado, & o seu fruto foi para mim muito doce. E quem he aquelle, a quem a Virgem tinha desejado? Excelente perifrâse de S. Joseph! Quando a Virgem, tendo estado no Templo atè idade competente, foi obrigada pelo Divino Oraculo a sair daquelle recolhimento, & tomar Esposo, como esta obediencia era contraria ao voto, q̄ tinha feito perpetuavirgindade, pediu a Deos, q̄ fosse tal o seu Esposo, q̄ tivesse a mes-

ma virgindade por voto, ou ao menõs por proposito firme. E tal foi Joseph, de pureza taõ virginal, & constante como a sua. Assim o dizem os Santos antigos, & Doutores modernos: E porque Deos satisfez à S. este seu desejo, por isso chama ao seu Esposo, aquelle, q̄ ella tinha desejado: *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi.* Assentada pois à sombra do seu desejado Joseph, entaõ he q̄ o Altissimo a assistio com a sua: *Virtus Altissimi obrabit tibi:* & naceo o fruto bemdito do seu ventre: *Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum.* Segue-se o ponto principal. E esse fruto de quem diz a Virgem q̄ he? Não diz q̄ he seu, do q̄ não se podia duvidar; mas diz q̄ he do seu Esposo, o q̄ sò podia ter duvida. *Et fructus ejus:* & o fruto delle. Deforte que a sombra era do seu desejado: *Sub umbrâ illius, quem desideraveram, sedi:* & o fruto tambem do mesmo desejado: *Et fructus ejus dulcis gutturi meo.*

de outro indifferente filho, senão do mesmo Filho de Deos : *Patris mei* : & do mesmo Filho de Maria : *Pater tuus*.

76 Sò o mesmo Filho de Deos nos pôde ponderar o altíssimo, & profundissimo encarecimento deste estupendo Equivoco. Prégando Christo Senhor nosso em huma Sinagoga de Capharnaum, & tendo diante de si aos seus discipulos, deraõ-lhe recado, que estava fóra sua Mãy, & seus irmãos, & lhe queriaõ fallar : *Ecce mater tua, & fratres tui foris stant querentes te*. Christo não tinha irmãos, mas os Hebreos chamavaõ irmãos aos parentes. E que respondeo o Senhor ao recado ? *Quæ est mater mea, & qui sunt fratres mei* ? Quem he a minha mãy, & quem são os meus irmãos ? E aqui estendeo a mão, & apontando para os Apostolos, disse : *Ecce mater mea, & fratres mei* : Eis-alli minha mãy, & os meus irmãos ; porque todo aquel-

le, que fizer a vontade de meu Padre, que está no Ceo, esse he meu irmão, minha irmã, & minha mãy : *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in celis est, ipse meus frater, & soror, & mater est*. O que nesta reposta noto, & pergunto, he : Assim como Christo disse : O que fizer a vontade de meu Padre, he minha mãy ; porque não disse também, he meu pay ? Do mesmo Texto se prova a paridade desta instancia. Porque quando disseraõ ao Senhor, que o buscavaõ seus irmãos, elle não sò respondeo, que os que faziaõ a vontade do seu Padre, eraõ seus irmãos, senão tambem as suas irmãs : *Ipsæ meæ frater, & soror est*. Logo quando lhe disseraõ que o buscava sua mãy, não sò havia de dizer (como disse) que os que faziaõ a vontade de seu Padre, eraõ sua mãy ; mas coherentemente havia de accrescentar, que eraõ sua mãy, & seu pay. Pois porque não

Ibidem
50.

disse do mesmo modo: *Ipsè mater mea, & pater est?* Porque ser Pay de Christo he huma grandeza tão superior a toda a esfera humana, que a nenhum homem a promette Christo. A primeira, & mais alta dignidade entre os homens, he a dos Apostolos; como diz S. Paulo: *Primum quidem Apostolos*: & a effes apontando os com o dedo concede Christo o nome de irmãos seus, & mãy sua: *Ecce mater mea, & fratres mei*: mas o de pay seu, nem a Pedro, nem a outro concede tal cousa. Joaõ, que he o mais amado, seja filho de minha Mãy: *Ecce filius tuus*: mas Pay meu; que he dignidade maior, sò o Eterno Padre, & Joseph.

1. Cor.
12. 28.

Joan.

19. 26.

77 Em outro genero foi Joseph tambem Pay: como Pay daquella familia, que em tão pequena casa habitava em Nazareth. Tambem aqui, & sem sair daqui, faz o compasso hum circulo maior que o do Mundo. Todo o Mundo habitado não igualava

a grandeza, que dentro daquellas quatro paredes tão estreitas, estava encerrada. Aquella pequena familia, de que Joseph era cabeça, compunhase de duas partes tão immensas, que huma era o Filho de Deos, outra a Mãy de Deos: & se esta era a magestade do corpo, qual seria a dignidade da cabeça? O Padre, o Filho, & o Espirito S. são a Trindade do Ceo: Jesus, Maria, Joseph, são a Trindade da terra. Mas na Trindade do Ceo nenhuma Pessoa manda, nem obedece; porque não ha, nem pôde haver entre ellas sujeição, ou imperio. Na da terra porèm com assombro das Jerarchias, huma manda, & duas obedecem: & sendo Jesus, & Maria as que obedecem, Joseph he o que manda, & governa.

78 Quando Josuè mandou ao Sol, & à Lua, que parassem: *Sol contra Gabaon ne movearis*, & *luna contra vallem Aialon*: parece que foi aquella a maior delegação da Omnipotencia,

nipotencia. Mas que comparação tem mandar ao Sol, & à Lua, com mandar a Jesus, & a Maria? Josuè (que como Cesar escreveo as suas batalhas) atreveo-se a dizer, que neste caso obedeceo Deos à voz do homem : *Obediente Domino voci hominis*. Mas para moderar a proposição, accrescentou ao *Obediente Domino*, como taõ grande soldado, *Et pugnante pro Israel* : que naquella occasiã Deos tambem pelejava pela parte de Israel. Quando os Reys se achão presentes nos exercitos, ao tempo de dar a batalha, costumão obedecer aos Generaes, & não se movem do lugar, que elles lhe finalão. E deste modo (com grande exemplo aos soldados) obedeceo aqui Deos. Apertando porẽm a propriedade deste *Obediente Domino* : a obediencia suppoem no obediente duas cousas : ser inferior, & ter vontade. O Sol era inferior a Josuè, mas não tinha von-

tade : Deos tinha vontade ; mas não era inferior. E que fez entã Deos ? Assim como depois unio duas naturezas : (em cuja uniaõ foi capaz do que não era cada huma dellas) assim nesta occasiã unido a vontade propria à sujeição, & inferioridade alhea, com nome mais prodigioso que o mesmo milagre, pode ser obediente : *Obediente Domino voci hominis*. Mas quanto vai deste nome, ou desta obediencia à com que Joseph era obedecido ? Em Gabaon nem Deos era Sol, nem o Sol era Deos : em Nazareth aquelle Minino maior que o Mundo, que obedecia a Joseph, taõ verdadeiramente era homem, como era Deos, & taõ verdadeiramente era Deos, como era homem.

79 Deixo de ponderar aqui, que Josuè foi obedecido em hum sã dia, huma sã vez, & em huma sã açãõ : & Joseph em tantos dias, ou em tantos milhares de dias, quantos são necessa-

rios para compor o espaço de trinta annos : & cada dia tantas vezes , & em tantas acçoens , (àlem das ordinarias , & domesticas) quantas eraõ as que se multiplicavaõ no concurso do mesmo officio , do mesmo trabalho , & da mesma obra , sendo Joseph o que como Pay , & como Mestre ordenava ; & Christo , o que como Filho , & como Discipulo obedecia . Tudo isto taõ incomprehensivel na continuacão , & no numero deixo , por ponderar nesta obediencia do Filho de Deos a Joseph , unicamente hum sò acto , & huma sò circumstancia , que pésa mais que tudo isto . Quando o Minino Jesus sendo de doze annos ficou em Jerusalem , naõ o manifestou a seus Pays :

Luc. 2. *Non cognoverunt parentes*
43. *ejus.* Quando o acháraõ

no Templo , o lugar , em que estava , era entre os Doutores , disputando com elles : *Audientem illos,*
46. *& interrogantem eos.* E quando lhe perguntáraõ a

razaõ do que tinha feito : *Quid fecisti nobis sic ?* respondeo , que por importar assim ao serviço de seu Padre : *In his , quæ Patris mei sunt , oportet me esse.* D' forte que neste caso o dictame do Minino , que sabia tanto como Deos , era emancipar-se , & governar-se por si mesmo : a sua inclinacão , & devoçãõ estar em Jerusalem , & no Templo : o seu genio , & engenho applicar-se às letras , & às sciencias : sobre tudo o fim destes intentos a importancia do maior serviço , & honra de Deos .

80 E qual foi o fim deste parenthesis da sua vida , & idade taõ contrario aos exercicios della ? Por ventura ficou em Jerusalem ? Ficou no Templo ? Ficou entre os Doutores ? Ficou assistindo ao que era mais importante às conveniencias de seu Padre ? Naõ . Deixa Jerusalem , deixa o Templo , deixa os Doutores , deixa as letras , deixa as assistencias do serviço Divino , & torna

torna para a tenda de Nazareth, & para os cavacos, fô porque assim o julgou, & entendeu, & lho ordenou Joseph. Entaõ era de doze annos; depois destes se seguíraõ dezoito, atè os trinta; & em todo este discurso, & variedade de tempo, & de idades, feni mostrar jámais outro movimento de inclinaçãõ, & vontade propria, obediente sempre, & sujeito em tudo a Joseph, & a sua Mãy: *Et erat subditus illis.*

S. X.

81 **A** Esta sujeiçãõ de Filho se segue em S. Joseph outro titulo de Pay, que he o da creaçãõ, & sustento em cinco idades, desde a infancia, & puericia atè a de perfeito Varaõ. Deste titulo, & razaõ de Pay faz mençaõ Hugo Cardeal allegando o do mesmo S. Joseph: *Propter nutritivam sicut Christus fuit Filius Joseph, & dixit Beata Virgo: Ecce Pater tuus.*

Deos he o que sustenta todas as cousas, como quem as creou; & naõ sei se he mais admiravel na sua Magestade o querer ser sustentado, ou na de S. Joseph (que naõ merece menor nome) o ser elle o que o sustentasse.

82 Naquelle taõ celebrada escada chamada de Jacob, o que mostrava a pintura, & a visãõ, era o mesmo, que no primeiro capitulo de S. Mattheus dizem as letras, & Escritura. Em huma, & outra se significava o mysterio da Encarnaçãõ, & Genealogia de Deos feito homem, & fô havia de differença, que a escada era mais curta dous degrãos; porque esta começava em Jacob, & S. Mattheus em Abraham seu Avo. Subindo pois pela escada de geraçãõ em geraçãõ, & de degrão em degrão, o ultimo, & o mais alto he S. Joseph; porque nelle se acaba o Genuit: *Jacob autem genuit Joseph virum Mariae.* Agora se segue na historia

Gen.
28. 3.

desta visão de Jacob huma proposição digna de reparo. Jacob vio a Deos no summo da escada, & diz o Texto, que Deos estava sustentado nella : *Et Dominum inmixum scale*. Parece que se havia de dizer, ou ser o contrario, & que Deos estava sustentando a escada, para que estivesse firme em tanta altura ; & não que Deos se sustentasse nella. A duvida he de Ruperto Abbade ; & tambem a solução por estas noveis palavras. *Supremus scale gradus, cui Dominus inmixus est, iste est Beatus Joseph vir Mariæ, de qua natus est Jesus. Quomodo iste Deus, & Dominus huic inmixus est ? Utrique tamquam tutori pupillus, quippe qui in hoc mundo sine patre natus est. Ita inmixus est huic Beato Joseph, ut esset infantulo iste Pater optimus.* O ultimo, & supremo degrão da escada he Joseph Esposo da Virgem Maria, da qual nasceo Jesus. Mas como se pôde verificar, que este Jesus, este Deos,

Rupert.
de glo-
riof. Si-
lio ho-
minis
lib. 1. in
Matth.

& este Senhor estivesse sustentado, & se estivesse sustentando naquelle supremo degrão, que he Joseph? O modo, & a razão he manifesta, diz o insigne Doutor ; porque como Deos feito homem nasceo neste Mundo pupillô, & orfão sem Pay ; Joseph foi escolhido por Deos para que em lugar de Pay, & Pay optimo, qual he Deos, o sustentasse como Filho : *Ita inmixus est huic Beato Joseph, ut esset infantulo iste Pater optimus.*

83 Taõ annexo andou a S. Joseph, & taõ altamente confirmado desde o Ceo pelo mesmo Deos este terceiro titulo de Pay de seu Filho, o qual elle exercitou com summa vigilancia, amor, & cuidado, não fô em quanto Minino, senão em todas as idades, sustentando o com o trabalho de suas mãos, & fuor de seu rosto, na patria, no desterro, & em toda a parte. Mas se a Elias o sustentou Deos por hum Anjo, a Daniel por hum Profeta, & a

& a todo o povo de Israel por espaço de quarenta annos com o Manná cho-vido do Ceo todos os dias; a seu Filho porque lhe não proveo os alimentos; como diz David, das def-pensas occultas da sua Om-nipotencia: & a mesa, que lhe poz, & à que o poz, foi a de hum pobre Offi-cial, ganhada com o traba-lho, & provida com o jor-nal de cada dia, & em que tambem o mesmo Filho rivesse a sua parte? A ra-zaõ desta não menor, mas muito maior providencia, que Deos teve com seu Fi-lho, foi aquella, que deo S: Paulo, quando disse: *Debit per omnia fratribus similari.* Como o Filho de Deos se tinha feito ho-mem, era conveniente que em tudo se fizesse seme-lhante aos outros homens; aos quaes tinha o mesmo Deos condemnado em Adam a comer o seu pão com o suor do seu rosto: Este he o sustento, & modo de os homens se sustenta-rem, o mais decente, o

mais natural, o mais inno-cente, & o mais justo. Os Reys sustentaõ-se dos tri-butos dos vassallos; mas quantas injustiças vão en-voltas nesses tributos? Os grandes sustentaõ-se dos seus morgados; mas quan-tos, como o de Jacob, por astucias, & enganos foraõ roubados a Esau? Outros se sustentaõ pelas armas nas guerras, outros pelas létras nos Tribunaes, ou-tros pelos governos nas Provincias remotas; & sendo tanto o paõ, que alli se recolhe, & que tal vez não chega a se comer, qual he o que não seja amassa-do com as lagrimas, & sangue dos innocentes?

84. Oh ditos, õ bem-aventurados (que com isto devia, & quero aca-bar) aquelles, de quem cantou David: *Labores manuum tuarum quia manducabis; beatus es, & bene tibi erit.* Aquelle es, & aquelle erit: o que cada hum he, & o que ha de ser; o que he nesta vida, & o que ha de ser na outra, saõ os dous cuida-

Psalms 127. 2.

Hebr. 2. 7.


cuidados maiores de todo o homem, que tem Fé, & uso de razão: & ambos reduz o Profeta à fortunação pouco estimada neste Mundo dos que comem os trabalhos das suas mãos, & se sustentaráo dellas. Estes, ou destes são os que militão debaixo da bandeira de S. Joseph, & vivem do honrado soldo da sua imitação, nesta nobilissima Irmandade. De proposito lhe chamo nobilissima, para desafrontar o nome, com que os ignorantes querao afrontar a Christo pelo officio de seu Pay: *Fabri Filius*. O primeiro Fabro, que houve no Mundo, diz S. Ambrosio, foi Deos, que fabricou o mesmo Mundo, que ensinou a Noé a fabricar a Arca, a Moysés a fabricar o Tabernaculo, a Salamao a fabricar o Templo, com todas as medidas, com todas as proporções, & com todos os primores, donde depois os tomou, & aprendeo a Arte. Mas deixado o Fa-

bro Divino, que era o Pay de Christo no Ceo, vamos ao Fabro da terra; que se o nosso discurso provou alguma cousa, já não haverá quem lhe duvide ser seu legitimo, & verdadeiro Pay: para que acabemos por onde começamos. Pergunto: Qual he o mais nobre homem, & de mais alta, & qualificada nobreza, que houve neste Mundo? Por ventura o primeiro Cesar entre os Romanos, ou o ultimo Alexandre entre os Gregos? Não. Pois quem? Aquelle humilde Official, chamado Joseph, que em huma pobre tenda de Nazareth com hum dos instrumentos da sua Arte estava cortando, ou acepilhando hum madeiro. Os Padres desta nobreza são os livros dos Evangelistas S. Matheus, & S. Lucas. E todas as outras nobrezas, por mais que se chamem Reaes, ou Imperiaes, he certo que não são Evangelho. Em S. Matheus conto a S. Joseph até El-Rey

Rey David vinte & oito Avôs , & atê Abraham quarenta & dous. E em S. Lucas , subindo a ascendencia do mesmo Joseph mais acima , & contando de Pays a Filhos setenta & quatro Avôs , não sô chega atê Adam , mas passa a Deos : *Qui fuit Adam , qui fuit Dei.* Blasonai agora là das vossas ascendencias , que a melhor cousa que podem ter , he não se saber donde começárao. E tudo isto ordenou assim a Providencia Divina , para que ? Para abater , & confundir a soberba humana. David do cajado subio ao sceptro , & he mais facil o descer , que o subir. E quantos governárao Reynos , & Monarchias , cujos descendentes estaõ hoje vivendo

ou do remo no mar , ou do arado na terra ? Ninguem se estime a si , nem despreze a outro pelo que pôde dar , ou tirar a fortuna. Ditosos os que contentes com a sua imitaõ , & servem a S. Joseph ! Neste Mundo o sangue de Joseph foi a maior nobreza : no outro o merecimento de Joseph he a maior valia ; porque o Filho de Deos em toda a parte o reconhece por Pay : & como na terra lhe obedeceo em tudo , assim no Ceo lhe concede tudo. Ditosos pois outra vez os que na confiança de imitar a taõ humilde Official , & servir a taõ grande Principe nelle , por elle , & como elle , esperaõ de seus trabalhos o premio eterno ! Amen.





SERMAM

Da primeira Sesta Feira

DA QUARESMA,

Em Lisboa, na Capella Real.

Anno de 1649.

Ego autem dico vobis : Diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos, ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est. Matth. 5.

§. I.

86



Difficultoso preceito !
Difficultoso motivo !

Difficultoso exemplo !
Difficultoso preceito : *Diligite inimicos vestros.* Difficultoso motivo : *Ego autem dico vobis.* Difficultoso exemplo : *Ut sitis filii Patris*

Math.
5. 44.
45.

vestri. Negar, ou desprezar a difficultade, não he arte, nem valor, nem razão. Reconhecella, & impugnalla : confessalla, & convencella, sim. Isto he o que pertendo fazer hoje : por isso à difficultade do preceito ajuntei a do motivo, & do exemplo. Estas tres difficultades, todas grandes, & cada huma maior,

maior, primeiro propo-
stas, & encarecidas, de-
pois impugnadas, & con-
vencidas, feráõ, com a
graça Divina, as tres par-
tes do meu discurso. Ou-
çaõ-me com attençaõ os
maiores, & os melhores;
porque effes são os que
tem mais inimigos.

§. II.

87 **C**omeçando pela
primeira parte,
he taõ difficultoso precei-
to o de amar os inimigos;
que em todas as Leys o re-
pugnáraõ os homens, &
se armáraõ contra esta
Ley. Na Ley da Nature-
za a abomináraõ os Gen-
tios: na Ley Escrita a des-
compuzeraõ os Judeos:
na Ley da Graça a despre-
zaõ, & tem por afronta
os Christaõs. Abominá-
raõ tanto este preceito os
Gentios, que o lançavaõ
em rosto aos Christaõs,
como escreve S. Justino, &
diziaõ que era ley barba-
ra, irracional, & impossi-
vel. He verdade, que na

meima Ley da Natureza
a observou Job Edumeo, &
Gentio; mas era Job o que
a observou. *Si gavisus sum* Job. 31.
ad ruinam ejus, qui me ode-
rat, & exultavi, quod in-
venisset eum malum. Ou-
tros exemplos se achaõ
deste amor nos Escriitores
Gentilicos; mas como
bem os argue S. Gregorio
Nazianzeno, nos Histo-
ricos foi mentira, nos Ora-
dores lisonja, & nos Filo-
sofos vaidade. Assim o sup-
poz o mesmo Christo hoje,
quando disse: *Si enim dili-* Math.
gis eos, qui vos diligunt, non 5. 46.
è Ethnici hoc faciunt? 47.

88 Os Judeos tambem
tinhaõ expressa esta Ley,
como parte da Natural, &
Moral. No capitulo vinte
& tres do Exodo: *Si occur-* Exod.
reris bovi inimici tui, aut asi- 23. 4.
no erranti, reduc ad eum. E
no capitulo vinte & cinco
dos Proverbios: *Si esurie-* Prov.
rit inimicus tuus, ciba illum. 25. 21.
Mas foi tanto o horror,
que concebeo aquella gen-
te, tanta a violencia, que
experimentou, & tanto o
odio, com que aborreceo
este

este amor; que sem respeito a Moysés, nem a Deos, para mais córadamente quererem mal a seus inimigos, se fizeraõ inimigos da mesma Ley. Conserváraõ o Texto; mas adulteráraõ, & corrompéraõ o sentido. Esta foi aquella glossa sem nome, que Christo hoje emendou taõ antiga, como impia: *Audistis quia dictum est antiquis, Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum.*

Matth.
5. 33.
43.

89 Finalmente nós os Christaõs, que professamos, cremos, & adoramos o Evangelho, como o observamos nesta parte? Os odios publicos o dizem, & os occultos naõ o calaõ. Comnosco fallou Christo, quando disse: *Ego autem dico vobis*; porque entaõ prégou a sua Ley, & ensinou a todos a ser Christaõs. Mas tem chegado a tal extremo de infania o desprezo deste ponto, que honrandonos da Ley, fazemos honra de a naõ guardar. Se fomos verdadei-

ros Christaõs, cessava entre nós este preceito; porque naõ havia de haver inimigos a quem amar. Assim o presumio Tertuliano, quando disse: *Christianus nullius est hostis.* Disse que nenhum Christaõ he inimigo: melhor dissera, que nenhum inimigo he Christaõ. Porém Christo, que taõ interiormente conhecia a perversa inclinaçãõ da natureza humana, & taõ experimentavelmente começava já a padecer em si mesmo a repugnancia, & difficuldade do que mandava; por isso suppoz, que sempre havia de haver inimigos: *Diligite inimicos vestros.*

90 Temos posto em campo contra a verdade, & equidade deste famoso preceito divididos em tres esquadroens; porém unidos no mesmo parecer, debaixo da bandeira da Ley da Natureza os Gentios; debaixo das taboas da Ley Escrita os Judeos; debaixo da Cruz, & Ley da Graça

os Christãos, em summa, o género humano todo. E na testa deste immenso exercito, como o Gigante Goliath no dos Filisteos, defaziando a parte contraria, & blasonando, & defendendo a sua : quem ? Não menos que a mesma razaõ natural, & humana, armada no peito de diffiduldades, & na cabeça de impossiveis : & arguindo, & declamando fortemente assim. (Vede se sendo eu o que hei-de responder, lhe enfraqueço alguma força, ou encubro, & diffimulo algum argumento dos que pôde apertar, & encarecer.)

91 He possivel, (diz a razaõ revestida em cada hum de nós, ou cada hum de nós nella) he possivel que haja eu de amar a quem me aborrece ; desejar bem a quem me faz todo o mal, que pôde ; honrar a quem me calumnia ; interceder por quem me persegue ; & não me desafrontar de quem me afronta : & que tudo isto

ha de caber em hum coraçãõ de barro ? Abalaõ-se, & rebentaõ os montes ; fahede si o mar ; enfurecem-se os ventos ; fulminãõ as nuvens ; escurece-se, & descompoem-se o Ceo ; nem cabe em si mesmo o Mundo com quatro vapores insensiveis, que se levantaõ da terra : & que em hum vaso taõ estreito, & taõ sensitivo como o coraçãõ humano, hajaõ de caber juntas, & estar em paz todas estas contrariedades ? Alma, corpo, que dizeis a este preceito ? Ajunte-se a republica interior, & exterior do homem, chame a cortes, ou a conselho todas suas potencias, todos seus sentidos, & sejaõ ouvidos nesta causa todos, pois toca a todos. Que he o que dizem ? Todos repugnaõ, todos reclamaõ, todos se alteraõ, todos se unem, & conjuraõ em odio, & ruina do inimigo. A memoria sem já mais se esquecer, representa o aggravo : o entendimento ponde-

pondera a offensa : a fantasia afea a injuria : a vontade implora , & impera a vingança. Salta o coração , bate o peito , mudaõ-se as cores , chameaõ os olhos , desfazem-se os dentes , escuma a boca , morde-se a lingua , arde a colera , ferve o sangue , fumeaõ os espiritos , os pés , as maõs , os braços , tudo he ira , tudo fogo , tudo veneno.

92 Accende , & provoca esta batalha a trombeta da fama , dizendo , & brádando , que he honra : poem-se da parte do odio , & da vingança o Mundo todo , que assim o manda , que assim o julga , que assim o applaude , que assim o tem estabelecido por ley. Sobre tudo o tribunal supremo da razão assim o prova ; porque amigo de amigos , & inimigo de inimigos , he voz , que soa justiça , merecimento , proporção , igualdade. Finalmente o mesmo Deos condemna a meu inimigo , porque he meu

inimigo : pois se Deos o condemna , & aborrece , porque o hei-de amar eu ? Deos que isto manda , não he o Author da natureza ? E que faz a mesma natureza toda movida , & governada pelo mesmo Deos ? Vingãõ-se por instincto natural as feras na terra : vingãõ-se as aves no ar : vingãõ-se os peixes no mar : vingãõ-se a mansidão dos animaes domesticos : vingãõ-se , & cabe ira em huma formiga : & basta que a natureza viva naquelles atomos , para que nelles offendida se doa , nelles aggravada morda , nelles tome satisfação da sua injuria. E se a natureza , onde he incapaz de razão , não he capaz de soffrer semrazoens ; que o homem , creatura racional a mais nobre , a mais viva , & a mais sensitiva de todas , com a balança da mesma razão no juizo , não haja de pesar aggravos , antes contra a força , & violencia do mesmo peso haja de pagar odios

odios com amor : *Diligite inimicos vestros* ? Naõ he homem, quem aqui naõ pafna, ou naõ diga, olhando para si, Naõ posso.

§. III.

93 **E** Stas são as difficuldades, que todos reconhecem, & chamaõ grandes neste preceito, que verdadeiramente he o grande. Mas com estarem taõ declaradas, & por ventura encarecidas, eu espero mostrar, & demonstrar, que naõ sãõ naõ he taõ difficultoso, como parece, o amar aos inimigos, senaõ muito facil, & natural ao homem, & tanto mais, quanto for mais homem. Primeiramente isto de ter inimigos, he huma semrazaõ, ou injuria taõ honrada, que ninguem se deve doer, ou offender della. Quem a naõ aceita como adulaçaõ, & lisonja de sua mesma fortuna, ou tem pequeno coraçãõ, ou pouco juizo. Se o ter inimigos he tentaçãõ, antes he tentaçãõ

de vaidade, que de vingança. He motivo de dar graças a Deos, & naõ de lhe ter odio a elles. Sabéis porque vos querem mal vossos inimigos ? Ordinariamente he, porque vêm em vós algum bem, que elles quizerãõ ter, & lhes falta. A quem naõ tem bens, ninguem lhe quer mal. No nosso mesmo Texto o temos. Naõ sãõ diz Christo, que amemos a nossos inimigos, senaõ tambem que lhe façamos bem : *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos*. Esta segunda parte parece mais difficultosa que a primeira : & tal vez naõ sãõ difficultosa, senaõ impossivel ; porque para amar basta a vontade, para fazer bem, he necessario ter com que o fazer. E se eu acaõ for taõ pobre, & miseravel que naõ tenha bem algum ; como posso fazer bem a meus inimigos ? Enganais-vos. Ninguem tem inimigos, que lhes naõ possa fazer bem ; porque quem

naõ tem bens, naõ tem inimigos. Tendes inimigos? pois algum bem tendes vós, porque elles vos querem mal. E porque esta supposiçãõ universalmente he certa; por isso Christo manda a todos os que tiverem inimigos, que naõ sãõ os amem, senãõ que lhes façãõ bem: *Et benefacite his, qui oderunt vos.* Quem tem bens, assim como he certo que ha de ter inimigos, assim he certo que pôde fazer bem.

94 O primeiro inimigo, que houve neste Mundo, foi Lucifer. Elle o primeiro traidor, que se revestio da serpente, elle o primeiro falsario, que enganou a Eva, elle o primeiro ladraõ, & homicida, que naõ sãõ roubou a Adam quanto possuhia, mas atè o despojou da mesma immortalidade. E porque quiz tanto mal Lucifer a Adam, que lhe naõ tinha feito nenhum mal? Porque tinha Deos revelado ao mesmo Lucifer, que se havia de fazer ho-

mem, & naõ Anjo. Bem se vio na promessa da divindade: *Eritis sicut dii*; que essa era a espinha, que elle trazia atravessada na garganta: & como Adam teve aquella fortuna, que Lucifer pertendeo, & naõ pode alcançar, claro está que havia de ser seu inimigo. O primeiro inimigo tambem, que houve entre os homens, foi Cain: & porque teve tanto odio Cain a Abel, sendo seu irmão? Porque elle sãõ podia offertar ortaligas, & Abel sacrificava cordeiros. Isto, & naõ a graça de Deos, era o que mais lhe dohia, & quebrava os olhos, como cavador emfim, que os naõ levantava da terra. O mesmo Cain se declarou, quando disse: *Ecce Gen. eijcis me à facie terræ, & à 14. facie tuâ abscondar.* E naõ debalde para executar o homicidio levou o irmão ao campo: *Egrediamur for. Ibi. 8. ras*: para que no mesmo lugar, onde pastavaõ os rebanhos, causa do odio, alli defafrontasse a sua enveja.

veja. Tambem Joseph padecco os odios naõ de hum, mas de dez irmaõs, entre os quaes, antes de o venderem, sempre andou vendido. E porque causa? Porque elle sò valia mais que todos elles. Por isso era mais estimado do pay, & o trazia mais bem vestido que todos. Grande caso, que porque o seu pe-lote naõ era de panno da Serra, como o dos outros, se resolvessem, sendo irmaõs, a lho tingir no proprio sangue!

95 Se cavarmos bem ao pé de todas as inimiza-des, & odios do Mundo, acharemos, que estas são as raizes. Assim como o motivo de amar he o bem proprio, assim o de aborrecer são os bens alheyos. Nem Saul havia de aborrecer a David, senaõ fora mais valente; nem Abimelech a Isaac, senaõ fora mais rico; nem os Satrapas a Daniel, senaõ fora mais sabio. Quando El-Rey Assuero nomeou a Aman por primeiro mi-

nistro de todo o Imperio, diz o Texto original, que o exaltou, & levantou o seu folio sobre todos os grandes da Corte: *Exaltavit Aman, & posuit so-* Esther 3. 1.
lium ejus super omnes Principes. E que se seguiu a esta exaltação, & preferencia superior aos demais? Couza maravilhosa! O mesmo Espirito Santo quiz, que foubessemos o que logo foraõ por dentro os que nesta eleição ficáraõ de fora. Em lugar das palavras referidas treladáraõ os Setenta Interpretes tambem com auctoridade Divina: *Exaltavit eum, & prior sedebat omnibus inimicis suis.* Lá diz o Texto, que o exaltou sobre todos os grandes da Corte; & cá diz a interpretação, que sobre todos seus inimigos. De maneira que nomear Assuero a Aman por maior que todos os outros, foi fazer que todos os outros fossem inimigos de Aman. Pela portaria das mercès entráraõ logo os odios: &

ao pé das provisoens se affinárao todos por seus inimigos. Não porque Aman lhes fizesse algum mal para lhe quererem mal ; mas porque o Rey, & a fortuna lhe quiz mais bem, & fez mais bem que a elles.

96 Se passarmos dos folios aos estrados, tambem acharemos nos toucados estes malmequeres. Nenhuma gentileza ha taõ confiada, a que não piquem os alfinetes de ver a outrem mais bem prendida. Tambem o exemplo he de duas irmãs da mesma confraria. Rachel não era amiga de Lia, nem Lia de Rachel. E porque? Porque a cada huma dellas faltava o bem, que lo-grava a outra. A Lia não lhe parecia bem Rachel, porque era fermosa: & Rachel não gostava de Lia, porque era fecunda. Deos repartio entre as duas irmãs os dous bens, que ellas mais estimaõ: & ellas em lugar de se darem os parabens, tomáraõ del-

les occasiã para não se quererem bem.

97 Todos os bens ou sejaõ da natureza, ou da fortuna, ou da graça, são beneficios de Deos: & a ninguem concedeo Deos esses beneficios sem a pen-saõ de ter inimigos. Mofino, & miseravel aquelle; que os não teve. Ter ini-migos parece hum genero de desgraça; mas não os ter, he indicio certo de outra muito maior. Ouçamos a Seneca não como mestre da Estoica, mas como Estoico da Corte Romana. Huma das mais notaveis sentenças deste grande Filosofo he: *Miserum te judico, quia non fuisti miser*: Eu te julgo por infeliz, & desgraçado, porque nunca o foste. Este porque, antes de explicado, he difficuloso; mas depois de explicado, muito mais. Como pôde hum homem ser desgraçado, porque o não he? Porque ha desgraças taõ honradas, que tellas, ou pade-cellas, he ventura: não as

ter,

ter, nẽm as padecer, he desgraça. E esta, de que fallava Seneca, qual era? Elle se explicou. *Transiisti sine adversario vitam*: Foste taõ mofino, que passaste toda a vida sem ter inimigo. Naõ ter inimigos, tem-se por felicidade; mas he huma tal felicidade; que he melhor a desgraça de os ter, que a ventura de os não ter. Põde haver maior desgraça, que não ter hum homem bem algum digno de inveja? Pois isso he o que se argue de não ter inimigos: *Miserum te judico, quia non fuisti miser: transiisti sine adversario vitam*. Themistocles em seus primeiros annos andava muito triste: perguntado pela causa, sendo amado, & estimado, como era, de toda a Grecia, respondeo: Por isso mesmo. Sinal he o verme amado de todos, que ainda não tenho feito açãõ taõ honrada, que me grangeasse inimigos. Assim foi. Cresceo Themistocles; & com elle a

Tom. II.

fama de suas vitórias: & não destruhia tantos exercitos de inimigos na campanha, quantos se levantavaõ contra elle na Patria. Para que vejaõ os odiados, ou pensionados do odio, se se devem prezar, ou offender de ter inimigos. Aquelles inimigos eraõ as trombetas da fama de Themistocles: & os vossos saõ testemunhas em causa propria de vos ter dado Deos os bens, que lhẽs negou a elles.

§. IIII.

98 **S**Upposto pois que o ter inimigos, he pensaõ dos beneficios, que recebemos de Deos; segue-se saber a quem havemos de pagar esta pensaõ, & em que. A pensaõ havemo-la de pagar a Deos, que nos fez o beneficio: & a paga ha de ser em amor dos inimigos, que o mesmo Deos nos manda amar: *Diligite inimicos vestros*. Elles quem-vos mal pelos bens,

F iij em

em que Deos vos aventajou a elles ? Pois vós haveis de pagar a pensão desses bens a Deos em querer, & fazer bem aos que vos querem mal. Hum dos homens mais beneficiados de Deos, que houve neste Mundo, foi David; & huma das mais famosas acçoens de David, foi o desafio seu com o Gigante, & a vitoria que alcançou d'elle. E que se seguiu de huma façanha tão notavel, & tão importante à honra, à liberdade, & à conservação do Reyno de Israel ? Da parte del-Rey Saul foi a enveja, & odio mortal contra David: & da parte de David o amor, & respeito, com que sempre guardou, & perdoou a vida a Saul. Tinha Deos dado licença a David, para que tirasse a vida a Saul, a quem havia de succeder na Coroa: & elle que fez, tendo muitas vezes debaixo da lança ? Sempre lhe guardou a vida muito melhor que os Capitaens, & sol-

dados da sua guarda. Assim se vio naquella noite, em que estando Saul em campanha, David occultamente entrou na tenda Real, & dormindo elle, lhe tomou da cabeceira a lança, & com ella na mão bradou de fora ao General Abner, que guardasse melhor ao seu Rey. Esta acção antepoem S. João Chrysofomo justamente à do sacrificio de Abraham; porque maior valor, & maior bizzarria he não tirar hum homem a vida a seu inimigo, tendo licença de Deos, que tirar a vida a seu filho, sendo mandado por Deos.

99 Pois se Deos tinha dado esta licença a David, porque não usa della ? Porque o mesmo Deos, que por huma parte lhe dava licença para que mataste a seu inimigo, por outra lhe atava as mãos para que o não fizesse. A licença de matar o inimigo era privilegio; o não o matar, antes amallo, & fazer-lhe bem, era ley geral: & Da-

vid teve por melhor guardar a ley sem obrigaçãõ, que usar do privilegio; porque se o privilegio o desobrigava de se não vingar do odio de seu inimigo, a pensãõ de pagar, & agradecer a Deos a causa do mesmo odio, era nova circumstancia da mesma ley, que mais nobre, & mais apertadamente o obrigava ao amar, & lhe querer bem. Como se differa David: Qual foi a causa da enveja, & odio, com que me persegue Saul? Foi aquella singular mercè, que Deos me fez na vitória, que em seu nome alcancei do Gigante: pois já que Saul he tão ingrato, que me paga hum tão grande serviço com me querer mal, eu hei-de ser tão agradecido a Deos, & à causa dessa mesma ingratição, que a hei-de pagar com lhe fazer bem. *Inverso gratis officio*, disse com profunda elegancia S. Zeno Veronense.

100 Julguê agora todo o homem, (& tanto mais,

quanto for mais homem) se he coufa difficultosa, & impossivel, antes muito facil, & natural, amar os inimigos, sendo este amor pensãõ dos beneficios de Deos, & os mesmos beneficios occasiãõ desse odio. Pergunto: (& haja quem me responda) Esses bens porque vos não querem bem vossos inimigos, quem vo-los deo? Deos. Pergunto mais: E esse preceito de amar os mesmos inimigos, quem vo-lo poz? Tambem Deos. Pois se vossos inimigos não vos amaõ por amor dos bens, que Deos vos deo; porque não amareis vós a esses inimigos por amor do Deos, que vós deo os bens? Se esses bens são poderosos para causar odio em quem os enveja; porque não serão poderosos para causar amor em quem os logra? Lograi-os, & não os queitais perder; porque quem não paga a pensãõ mercede que o privem do beneficio. O mesmo David o disse assim, & confessou

F iij diante

Pſalm.
7. 5.

diante de Deos: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidad meritò ab inimicis meis inanis*: Se eu, Senhor, não dei a meus inimigos bem por mal, fenaõ mal por mal, justamente me derrubareis do estado, em que me tendes posto, & me privareis, & despojareis de todos os bens, que me tendes dado: *Decidad meritò ab inimicis meis inanis*. Reparemos muito naquella *meritò*, justamente. É qual he o fundamento dessa justiça? He a ley do amor dos inimigos, & de querer, & fazer bem aos que nos querem mal. E como Deos nos dà os bens com esta pensão, & com esta obrigação, justamente são privados do beneficio os que não guardaõ a obrigação, & pensão com que lhes foi dado.

101. Pelo contrario, (notai muito o que quero dizer) pelo contrario, se guardardes a ley de amar os inimigos, não sò vos não tirará Deos os bens, porque elles vos

querem mal, fenaõ que de tal forte vos accrescentará os mesmos bens, que a vós feraõ premio do vosso amor, & a elles castigo do seu odio. Lembra-me a este proposito hum discreto, & galante memorial apresentado ao Emperador Domiciano, o qual dizia assim: Diz Marcial, que elle tem em Roma hum inimigo, o qual se doe muito das mercès, que Vossa Magestade lhe faz: Pede a Vossa Magestade lhas faça maiores, para que o dito seu inimigo se doa mais: *Da Caesar tanto tu, magis ut doleat*. Isto mesmo faz a justiça, & liberalidade Divina. Accrescenta os bens ao envejado, para maior castigo, & maior dor do inimigo envejoso. Para que a prova mostrasse a coherencia, & consequencia natural deste discurso; quiz que no la dèsse o mesmo David, & no mesmo Saul. Mas vindo à combinação do caso, achei que ainda prova mais do que eu tinha

nha promettido ; porque não sô prova que accrescenta Deos os bens ao envejado, para maior castigo, & dor do envejoso; mas que diminue, & tira tambem os bens ao envejoso, para maior honra, & vingança do envejado. Seja pois isto o que digo.

102 Quando David dentro na mesma cova, em que tinha a Saul já sepultado antes de morto, lhe perdoou a vida; disse-lhe Saul, que entãõ conheceo, & soube de certo que elle havia de reynar, & Deos lhe havia de dar a sua coroa: *Scio quòd certissimè regnaturus sis*: Agora acabei de entender certissimamente que tu, & não eu, has de ser o Rey. E donde colheo Saul esta consequencia taõ certa? De duas premissas: huma da sua parte, outra da parte de David. Da sua parte, porque Saul dava mal por bem a David: & da parte de David; porque elle dava bem por mal a Saul. E não podia haver mais

justo premio para hum, nem mais justo castigo para outro, que accrescentar os bens ao envejado, para maior dor do envejoso: & tirar os bens ao envejoso para maior vingança do envejado. Não he isto interpretação de Doutores, senãõ Texto expresso da Escritura Sagrada no capitulo terceiro do segundo livro dos Reys.

Facta est longa concertatio inter domum Saul, & domum David: Houve grande

competencia entre a casa de Saul, & a casa de David. *David proficiens, & se ipso semper robustior*: David, & a sua casa sempre crescendo, & cada dia mais forte. *Domus autem Saul decrescens quotidie*: E

a casa de Saul sempre diminuindo, & cada dia mais fraca. Para que vejaõ os que se amaõ a si, & desajaõ o seu augmento, & das suas casas, se he melhor ser inimigo, como Saul, ou amar os inimigos, como David.

103 E para que tambem

bem neste exemplo passê-
 mos dos folios aos estra-
 dos, onde não são meno-
 res os odios, & as envejas;
 Elcana Principe do povo
 de Israel, ao uso daquelles
 tempos, tinha duas mu-
 lheres, huma chamada
 Anna, esteril como Ra-
 chel, outro chamada Phe-
 nenna, fecunda como Lia.
 Anna triste pela sua des-
 graça encomendava-se a
 Deos, mas não queria
 mal a Phenenna: Phenenna
 soberba com a sua for-
 tuna desprezava, & tra-
 tava mal a Anna. E qual
 foi o successo de ambas?
 Tambem he Texto ex-
 presso. *Donec sterilis pepe-
 rit plurimos, & quæ multos
 habebat filios, infirmata est.*
 Trocou as mãos a Divina
 justiça, & a Phenenna ti-
 rou-lhe os filhos, que tin-
 ha, & a Anna deo-lhe os
 que não tinha. Mas com
 tal proporção, & ener-
 gia da Divina justiça, diz
 a tradição dos Hebreos,
 que a cada filho, que
 nascia a Anna, morrião
 dous a Phenenna. Concor-

1. Reg.
 2. 5.

da com esta tradiçãõ mui-
 to ajustadamente a mesma
 Historia Sagrada; porque
 della consta, que os filhos,
 que tinha Phenenna, eraõ
 dez, & os que depois teve
 Anna foraõ cinco. Defor-
 te que ao mesmo compas-
 so, com que Deos hia fa-
 vorecendo, & levantando
 a Anna, que não queria
 mal a Phenenna, hia justa-
 mente castigando, & aba-
 tendo a Phenenna, que
 tratava mal a Anna: atè-
 qui a que carecia de filhos,
 teve muitos; & a que con-
 tava tantos, ficou sem ne-
 nhum: *Donec sterilis pepe-
 rit plurimos, & quæ multos
 habebat filios, infirmata est.*

104 Finalmente que
 de todo este discurso (mais
 largo do que eu pertendi-
 dia) deve colher, & en-
 tender a natureza huma-
 na, em hum, & outro
 sexo, contra a razaõ en-
 ganada nas suas falsas ba-
 lanças, contra o Mundo
 louco nas suas leys igno-
 rantes, & vis, & contra o
 exemplo brutal, & indi-
 gno dos animaes; se he
 mais

mais natural, mais util, mais facil, mais generoso, mais honrado, & descansado conselho, ou querer, & fazer mal aos que nos querem mal, ou querer, & fazer bem, & amar de coraçãõ, & de obras, como manda o preceito de Christo, a nossos inimigos: *Diligite inimicos vestros, & benefacite his, qui oderunt vos.*

§. V.

105. **A** Esta primeira difficuldade do preceito segue-se a segunda do motivo: *Ego autem dico vobis.* Os antigos differãõ: Sê amigo de teus amigos, & inimigo de teus inimigos: porẽm Eu (diz Christo) digo o contrario. E em dizer Christo o contrario abfõluta, & nuamente sem dar a razãõ do seu dito; aqui estã a difficuldade. Se o Divino Mestre refuta, & condemna huma opiniaõ raõ antiga, & recebida, porque naõ dà a razãõ? Se o faz como Legislador,

os Legisladores poem a ley, & daõ a razãõ da ley, principalmente quando revogaõ huma, & promulgaõ, & introduzem outra. Pois se a ley de amar os proprios inimigos era taõ nova, & se reputava por taõ repugnante, & difficultosa a sua observancia; porque naõ declara Christo a razãõ, ou razoens da justiça, da conveniẽcia, da importancia, da necessidãde, & naõ dà outro motivo do que diz, senãõ, Eu o digo: *Ego autem dico vobis?*

106. Infinitas sãõ as razoens, & motivos, que o Senhor pudera dar para persuadir o que mandava. Ama a teu inimigo, (pudera dizer) para que elle tambem te ame; porque naõ ha modo, nem meyo, nem diligencia, nem feitiço mais efficaz para ser amado, que amar. Ama a teu inimigo; porque amando a elle, me amas a mim; & se elle te naõ merece que o ames, mereço-te Eu que me ames nelle.

Ama

Ama a teu inimigo ; porque se elle te offende com o seu odio , mais te offendes tu com o teu : o teu te mete no inferno , & o seu não . Ama a teu inimigo ; porque amigos já os não ha , & se não amares os inimigos , estará ociosa a tua vontade , que he a mais nobre potencia , & privarás o teu coração do exercicio mais natural , mais doce , & mais suave , que he o amor . Ama a teu inimigo ; porque o não ajudas contra ti , & tenhas dous inimigos , hum que te queira mal , & outro que te faça o maior de todos . Ama a teu inimigo ; porque se elle o faz com razão , debes emendarte : & se contra razão , emendallo . Ama a teu inimigo ; porque se o seu odio vil he filho da enveja , mostre o teu amor generoso , que por isso não he digno de vingança , senão de compaixão .

107 Ama a teu inimigo ; porque ou elle he executor da Divina justi-

ça para castigar a tua soberba ; ou ministro da sua Providencia , para exercitar a tua paciencia , & coroar a tua constancia . Ama a teu inimigo ; porque Deos perdoa a quem perdoa , & mais nos perdoa elle na menor offensa , do que nós ao odio de todo o Mundo nos maiores agravos . Ama a teu inimigo ; porque as settas do seu odio , se as recebes com outro odio , são de ferro , & se lhe respondes com amor , são de ouro . Ama a teu inimigo ; porque melhor he a paz , que a guerra ; & nesta guerra a vitoria he fraqueza , & o ficar vencido , triumpho . Ama a teu inimigo ; porque elle em te querer mal imita o demonio ; & tu em lhe querer bem pareces-te com Deos . Ama a teu inimigo ; porque esse mesmo inimigo , se bem o consideras , he mais verdadeiro amigo teu , que os teus amigos : elle estranha , & condemna os teus defeitos , & elles os adu-

laó,

laõ, & lisonjeaõ. Ama a teu inimigo ; porque se o não queres amar, porque he inimigo ; deve-lo amar, porque he homem. Ama a teu inimigo ; porque se elle te parece mal, amando-o tu não serás como elle. Ama a teu inimigo ; porque as maiores inimizades curam-as o tempo, & melhor he, que seja o Medico a razaõ, que o esquecimento. Ama a teu inimigo ; porque os mais empenhados inimigos daõ-se as mãos, se o manda o Rey, & o que se faz sem descredito, porque o manda o Rey ; porque se não fará, porque o manda Deos ? Finalmente, sem subir taõ alto ; ama a teu inimigo ; porque ou elle he mais poderoso que tu, ou menos : se he menos poderoso, perdoa-lhe a elle ; se he mais poderoso, perdoa-te a ti.

108 Esta ultima razaõ he de hum Filosofo gentio, Seneca, & outro tambem Filosofo, & gentio, & não menos discreto que

elle, antes muito mais, & mais solido. O grande Plutarco escreveu hum famoso, & doutissimo tratado dos bens, & utilidades, que o homem pôde tirar do odio de seus inimigos. Se das feras, & serpentes tiráraõ tantas utilidades os homens, porque as não tirará a mansidão de huns da fereza dos outros ? Hercules da pelle do Leão fez a sua maior gala : Salamaõ dos dentes do Elefante fez o seu throno : a medicina da cabeça da Vibora fez a melhor triãga ; & não ha venenosa taõ mortal, que calcinado, & temperado como convem, não se converta em antidoto. Pois se a Divindade, & humanidade de Christo tinha tantos motivos, ou conformes à natureza, ou superiores a ella, com que nos persuadir o amor dos inimigos ; porque deixados todos, sô disse : *Ego autem dico vobis ?* Porque elle he o mais forte, o mais poderoso, & o mais efficaz motivo

de

de todos. Ajuntem-se todos os Filozofos de Athenas, todos os Oradores de Roma, & o que he mais, todos os Profetas de Jerufalem: fação discursos, inventem razoens, excogitem argumentos, formem fyllogifmos, demonstraçoens, & evidencias para persuadir hum homem a que ame seus inimigos; todos estes motivos comparados com hum *Ego dico vobis* de Christo, não péfáõ hum atomo.

§. VI.

109 **P**esemos, & consideremos bem o poder, ou a omnipotencia infinita, & immensa daquelle *Ego dico*. Antes da creação do Mundo não havia nada. Appareceo subitamente esta grande machina, que vemos; & quem a fez? Ametade do nosso Texto: *Ego dico vobis* ainda o não havia, porque não havia nada. E se não havia nada, como se fez tudo isto? Porque

Deos o disse: *Ipse dixit*, & *facta sunt*. Não havia Ceo; disse Deos: Faça-se o Ceo; & fez-se o Ceo: não havia terra; disse Deos: Faça-se a terra; & fez-se a terra: estava tudo às escuras; disse Deos: Faça-se a luz; & fez-se a luz. Pois se o dizer de Deos he tão poderoso, que de nada fez tudo, & do não fer tirou o fer de todas as cousas; que motivo podia, nem pôde haver tão poderoso para que de não fer amigos nos fizesse ser amigos, como, *Ego dico*? Quem he este *Ego*? He Deos infinito Ser: quem he este *Ego*? He Deos infinita Sabedoria: quem he este *Ego*? He Deos infinita Omnipotencia: quem he este *Ego*? He Deos infinita Verdade. Pois se hum sô dizer deste *Ego*: *Ipse dixit*, bastou para dar todo o ser ao não ser; porque não bastará para que sejamos o que elle quer, depois de elle nos dar o ser, que temos?

110 Vede o que fizeraõ todas as creaturas depois

pois de Deos lhes dar o fer, bastando para que o fizessem, outro dizer sòmente do mesmo Deos. Aqui entra já todo o nosso Texto: *Ego dico vobis*. Disse Deos à terra que produzisse as plantas sem outra semente, ou agua, que a regasse mais que a mesma palavra: & no mesmo ponto os montes, os valles, os campos se vestirão todos de verde, nascirão as hervas, brotarão as flores, levantarão-se as arvores com os ramos cubertos, & sombrios de folhas, & carregados de tanta variedade de frutos. Disse ao elemento da agua, que produzisse os peixes, & as aves; & logo começarão a nadar nas mesmas aguas o vulgodos peixes menores em cardumes de tão diversas cores, & figuras, huns lisos, outros enrespados de escamas: & no pégo mais profundo as Baleas, & os outros gigantes, & monstros do mar, como galeças da natureza, remando com as barbatanas,

& batendo, ou açoutando as ondas, como senhoras dellas. As aves, ou pintadas de diversas cores, ou vestidas de huma sò, com liberdade de vagar por tres elementos; humas mais affectas à patria onde nascirão; habitarão as ribeiras; os rios; os lagos; outras fabricarão seus ninhos entre a frescura das arvores; outras nos cerros mais altos, em quanto não havia torres, & todas reconhecirão por Rainha a Aguia, porque ella sò voa, & sobe direita até se esconder nas nuvens. As feras, que povoarão os bosques, as serpentes, que arrastando sahirão das covas; & os rebanhos innocentes, & pacíficos, que cobrirão, & fecundarão os prados, também forão partos de hum sò dizer de Deos à terra.

III Mas se a terra, & a agua, os dous mais baixos, & grosseiros elementos produzirão tantos, tão varios, & tão admiraveis effeitos; o elemento do

do ar, & o do fogo, & sobre tudo os orbes celestes, tanto mais altos, & mais nobres, porque não produzirão cousa alguma? Porque Deos lho não disse. Se Deos dissera aos Ceos, que produzissem as estrellas, elles as produzirão; mas não as produzirão; porque o mesmo Deos, que já as tinha creado de nada, quando creou a luz, as poz, & repartio pelo firmamento: *Posuit eas in firmamento cæli.* O mesmo se ha de entender dos dous elementos, ar, & fogo. Elles estêreis sem nada, os outros fecundos com tantas creaturas; porque o nada, & o que tem ser, tudo depende unicamente do dizer, ou não dizer de Deos. Admiravelmente o Euangelista S. João. Tanto que no principio nomeou o Verbo Divino, que he a palavra de Deos: *Et Verbum erat apud Deum*: logo acrescentou: *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil.* Tudo o que

Gen. 1.
17.

Joan. 1.
1.
Ibidem
3.

se fez, & o nada, que se não fez, huma, & outra cousa depende totalmente do dizer, ou não dizer de Deos. Se Deos disse, por meyo de sua palavra se fez tudo: *Omnia per ipsum facta sunt*: & se Deos não disse; porque faltou a sua palavra, se não fez nada, & *sine ipso factum est nihil.* E como do dizer, ou não dizer de Deos, dependem as existencias, & as negaçoes; o tudo, & o nada; o ser, & o não ser das cousas: para os homens amarem a seus inimigos, como Christo lhes mandava: *Diligite inimicos vestros*: & para lhes não terem odio, como dizia a tradição dos antigos: *Odio habebis inimicum tuum*: para o tudo deste amor, & para o nada daquelle odio, nenhuma razão, ou motivo podia Christo allegar nem mais effcaz, nem mais forte, nem mais irrefragavel, que dizer: Eu o digo: *Ego autem dico vobis.*

112 Houve-se Christo

sto (notai muito) com as nossas vontades para o amor dos inimigos, como se ha com os nossos entendimentos para os mysterios da Fé. Se perguntarmos aos Theologos, qual he o motivo, porque cremos os mysterios da Fé sem nenhuma duvida; respondem todos com S. Paulo, que o motivo (a que elles chamaõ objecto formal) he, *quia Deus dixit*: porque Deos o disse. Todas as outras razoes (que tambem se chamaõ manuduçoens) bastaõ para conhecer o entendimento com evidencia, que os mysterios da Fé não são incriveis, antes que evidentemente são mais criveis que tudo o que propoem as feitas, & erros contrarios; mas para fazer hum acto verdadeiro, & sobrenatural de Fé, não ha, nem pôde haver outro motivo, senão, porque Deos o disse: *quia Deus dixit*. De maneira que quando Christo, para persuadir o amor dos inimigos, disse sômen-

te: *Ego autem dico vobis*: quiz por modo altissimo, & verdadeiramente Divino, que o que he unico motivo da Fé, fosse tambem unico motivo da Charidade: & que a mesma Charidade nas repugnancias deste amor nos cativasse as vontades, assim como a Fé nas difficuldades dos seus mysterios nos cativa os entendimentos: *In captivitatem redigentes omnem intellectum in obsequium Christi.*

113 Huma das maiores difficuldades da nossa Fé he o mysterio altissimo, & profundissimo da Santissima Trindade, em que confessamos a Deos por trino, & hum. Creyo que o Padre he Deos, creyo que o Filho he Deos, creyo que o Espirito Santo he Deos, & crendo juntamente que estas tres Pessoas são realmente distintas, creyo outra vez, & mil vezes, que a Pessoa do Padre Deos, & a Pessoa do Filho Deos, & a Pessoa do Espirito Santo Deos, não

2. Cor.
10. 5.

naõ saõ três Deoses, senaõ hum sô Deos. E alcança, ou comprehende o meu entendimento como isto he, ou pôde ser? Naõ. Pois se o naõ entendo, nem o alcanço, como o creyo, & com tal certeza, que darei por ella a vida?

1. Joan.
5. 7.

Quia Deus dixit: Porque Deos o disse: *Tres sunt qui testimonium dant in celo, Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus, & hi tres unum sunt.* Outra grande difficuldade da Fé, & mais sensível ainda, he o mysterio occultissimo, & patente do Santissimo Sacramento do altar. A vista diz, que vé paõ, o olfato que cheira paõ, o gosto que gosta paõ, o tacto que apalpa paõ, & atè o ouvido quando se parte a Hostia, que ouve paõ; & eu rindo-me dos meus proprios sentidos, & do testemunho conteste de todos cinco, creyo que alli naõ ha substancia de paõ, & que a substancia, que debaixo daquelles accidentes se occulta, inteira, & perfeita

em qualquer parte minima delles, he todo o corpo de Christo. E porque creyo firmissimamente tudo isto, que naõ vejo, nem sinto, contra o que parece que estou sentindo, & vendo? Porque o mesmo Christo o disse: *Hoc est Corpus meum.* Pois assim como este unico dizer de Christo he huma razaõ sobre todas as razoes, hum motivo mais poderoso que todos os motivos, & huma escuridade mais clara que a luz do Sol, para eu crer, & defender atè a morte o que elle disse; assim o mesmo Senhor, & Legislador Divino para persuadir, & estabelecer nos coraçoes dos homens o amor dos inimigos contra todas as difficuldades, repugnancias, & rebeldias da nossa inclinaçõ, naõ podia, nem devia allegar outras razoes, outros motivos, ou outras evidencias mais fortes, que dizer, Amai a vossos inimigos, porque eu sou o que o digo: *Ego autem dico vobis.*

S. VII.

114. **A**gora para confusão, & afronta dos que com nome de Christãos não obedecem à fé deste heroico motivo, oução o que por ventura não ouviraõ. Fugio Jacob occultamente da casa de Labam seu sogro com as suas duas filhas, & tudo o que em seu serviço favorecido de Deos tinha em tantos annos adquirido. Chegou esta noticia a Labam, que estava ausente, & tendo o secreto da partida por traição, & o que levava consigo Jacob por roubo, ajuntando huma grande tropa de parentes, & criados, partio em seguimento delle, com animo de o despojar de quanto levava, & ainda da mesma vida: mas quando chegou subitamente à sua presença, que foi ao sétimo dia, todo o susto de tão repentina, & estroñdosa tempestade se resolveo nestas pa-

lavras: *Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi: Cave loquaris contra Jacob quidquam durius.* Bem ves; ó Jacob, (lhe disse Labam) que tu fugitivo, & eu tão poderosamente armado nestedeferto, te pudéra fazer todo o mal, que quizesse, & tu me merecias; mas não o faço, porque o Deos de teus pays me disse hontem, que nem por obra, nem por palavra te desgostasse. Já estou vendo que todos tem reparado muito não tanto nesta mudança tão subita de Labam, quanto naquella palavra, *Deus patris vestri.* Não diz que não fazia mal a Jacob, porque lho disse Deos, senão porque lho disse o Deos de seus pays. E a razão desta differença he; porque o Deos, em que cria Labam, não era o Deos verdadeiro, em que cria Jacob, senão os seus idolos: por final que esta era huma das suas queixas, dizendo, que Jacob

Ibidem
30.

lhos levava roubados: *Cur furatus es deos meos*? E não era Jacob, fenaõ sua filha Rachel a que lhos roubára. Pois se Labam era gentio, & idolatra, & não cria no Deos de Jacob, como fez tanto caso do que esse Deos não crido lhe disse: *Deus patris vestri dixit mihi*? Ide comparando este *dixit mihi*, com o *Dico vobis*. Mas ainda teve outra grande circumstancia este caso.

Ibidem
24.

115 O modo com que Deos disse a Labam, que não offendesse a Jacob, foi em sonhos. Assim o affirmo o Texto: *Vidit in somnis dicentem sibi Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris contra Jacob*. Pois se o dito era dito sonhado, & o Deos era Deos não crido; como fez tanto caso Labam do Deos, & do dito? Aqui vereis quanto pôde, & quanta reverencia merece hum *Dixit mihi* de Deos. Pergunto: Este homem Christo Jesu, que disse: *Ego autem dico vobis*: cremos

de Fé, que he verdadeiro Deos? Sim. E estas mesmas palavras, *Ego dico vobis*, cremos tambem de Fé, que esse Deos as disse? Tambem. Pois se a hum gentio idolatra offendido, poderoso irado, & empenhado na vingança, hum dito sonhado de hum Deos não crido bastou para lhe refrear a paixãõ, amansar a ira, & atar as mãos, para que podendo se não vingasse, nem dissesse huma palavra aspera contra quem lhe tinha feito tantos agravos, & tudo isto pelo respeito somente de hum *Dixit mihi*, como pôde taõ pouco com a nossa Fé, & com as nossas inimizades o *Ego dico vobis* não sò do Deos verdadeiro, mas do Deos, que deo a vida por seus inimigos?

116 Já eu me contentára com deixar a nossa consideraçãõ esta vergonhosa consequencia, por lhe não chamar impia: mas pois Deos, & a sua palavra he o offendido, seja tambem

tambem elle o que se queixou. Quando Nabucodonosor veyo sitiar a Cidade de Jerusalem em tempo del-Rey Joachim, havia trezentos annos que nos desertos visinhos habitavaõ como Ermitaães huns pastores chamados Rechabitas, os quaes por temor dos inimigos se recolhéraõ à Cidade. Entaõ fallou Deos ao Profeta Jeremias, & lhe disse que hospedasse hum dia aos Rechabitas em hum Cenaculo do templo; & quando estivessem à mesa, lhes dissesse que bebessem do vinho, que nella lhes teria preparado. Fello assim o Profeta, mas elles responderaõ, que não podiaõ, nem haviaõ de beber vinho; porque Jonadab filho de Rechab, de quem traziaõ o nome, & a origem, lho tinha prohibido:

m. *Non bibemus vinum, quia*
 6. *Jonadab filius Rechab pater noster precepit nobis, dicens: Non bibetis vinum vos, & filii vestri usque in sempiternum.* Ouvida a reposta,

esperava Jeremias o mysterio, & fim com que Deos lhe mandára fazer aquella experiencia. E a declaração do enigma, ou a segunda parte da parabola foi, que o mesmo Jeremias mandasse chamar os Magistrados da Cidade, & que com aquelle exemplo à vista lhes notificasse a grande razão, com que Deos tinha chamado o exercito de Nabucod executor de sua justiça para a destruição, & cativoiro de Jerusalem. As palavras da consequencia, & comminação Divina foraõ estas: *Numquid non recipietis disciplinam, ut obediat* Ibidem 13. 14. *is verbis meis? dicit Dominus.* He possível, diz Deos, que taõ pouco respeito, & taõ pouca obediencia se hã de guardar em Jerusalem ao que Eu digo? *Prævaluerunt sermones Jonadab filii Rechab, quos precepit filiis suis, ut non biberent vinum; & non biberunt usque ad diem hanc: Ego autem loquutus sum ad vos de mane consurgens, & loquens, & non*

Et non obedistis mihi. Com os filhos de Rechab Moabitás, & gentios pudéraõ tanto as palavras de Jonadab, que prohibindo-lhes huma cousa, que he licita a todos os homens, haverá tantos centos de annos, a observaõ sempre atè hoje : & que Eu (diz Deos) fallando aos filhos de Israel desde pela manhã atè noite, & prohibindo-lhes o que naõ he licito a nenhum homem, nenhum caso fação do que lhes digo ? Tanto respeito ao que diz Jonadab, & taõ pouco ao que diz Deos ? Vede se o *Ego autem loquutus sum ad vos*, he o mesmo que *Ego autem dico vobis*.

117 Assim como os Ninivitas se haõde levantar no dia do juizo contra os Judeos, porque elles créraõ ao que disse Jonas, & os Judeos naõ criaõ o que dizia Christo : assim os Rechabitas se haõde levantar naquelle dia contra Jerusalem, porque elles créraõ, & observáraõ o

que lhes disse Jonadab, & Jerusalem naõ cria, nem observava o que dizia Deos. E contra nós os Christaõs quem se levantarã ? Os Turcos. O mesmo preceito de naõ beber vinho, que poz Jonadab aos Rechabitas, poz Mafoma aos seus sequazes. E que maior afronta, & vergonha da Christandade, que resistir o Turco ao seu appetite, & à sua sede, porque o manda o Alcoram, & o disse Mafoma ; & naõ mortificar o Christaõ a sua paixã, & o seu odio, porque o prèga o Evangelho, & o diz Christo ? Mas naõ he necessario ir taõ longe, nem sair de casa. Sabeis quem se ha de levantar contra nós no dia do juizo ? Nós mesmos. Dizei-me : E se estais taõ offendido, & taõ aggravado de vossõ inimigo ; porque vos naõ vingais ? Por me naõ perder. Bem. E porque beijais aquella maõ, que desejais ver cortada ? Porque dependo della. Melhor. E porque

lison-

lisonjeais com a boca este, & aquelle, que aborreceis com o coração ? Porque assim importa às minhas conveniencias. Pois o que fazeis por essa politica vil, baixa, & infame, não o fareis porque o manda Christo ? Desengane-se qualquer outro amor dos inimigos, ainda que fosse verdadeiro por outras causas, que todo he hypocrisia, & vileza. Sò he racional, virtuoso, & Christão, o que não tem outro motivo, nem outro porque, se não porque Christo o disse: *Ego autem dico vobis.*

§. VIII.

118 **V**Encida a difficuldade do preceito, & do motivo, resta sò a terceira, & ultima, & a mais difficil de todas, que he o exemplo. O exemplo para imitar o amor dos inimigos, com que o divino Mestre conclue a

sua doutrina, não he outro, nem menor, que o do mesmo Deos seu Pay, & nosso: *Ut sitis filii Patris* Matth. 5. 45. *vestri, qui in caelis est.* Mas esta mesma soberania, & Divindade do exemplo he a que o faz mais difficiltofo, não por ser tão alto, & sublime; mas porque he totalmente contrario, & repugnante à propria imitação, que persuade. A imitação ha de ser tão pa-recida ao exemplo, & o exemplo tão semelhante à imitação, como a idéa, & o ideado, o original, & a copia, a representação, & a cousa representada. E entre o amor dos inimigos, a que Deos obriga o homem, ha tanta differença da parte do homem, & tanta repugnancia da parte de Deos, não quanta pôde haver entre hum amor, & outro amor, se não quanta ha com toda a propriedade entre o verdadeiro amor, & o verdadeiro odio. Logo nem Deos pôde ser exemplo ao homem, nem o homem pôde

pôde imitar a Deos no amor dos inimigos. Os inimigos de Deos são os que estão em peccado, & fóra da sua graça: & assim como Deos ama aos seus

Prov. 8. amigos: *Ego diligentes me*
17.

assim não ama a seus inimigos, antes os aborrece, & lhes tem odio.

Eccli. *Altissimus odio habet pec-*
12. 3. *catores*, diz o Ecclesiastico:

Pfalm. *Odisti*
5. 7. *omnes, qui operantur iniqui-*

tatem. Logo se Deos não ama a seus inimigos, antes os aborrece, & lhes tem odio, como pôde dar exemplo, nem ser exemplo aos homens de como haõde amar a seus inimigos? Esta he a grande dificuldade do exemplo, que a Divina Sabedoria de Christo nos propoem, a que eu antes quizera ouvir a resposta, que ter obrigação de a dar. Mas a grande reparo, grande solução.

119 Digo primeira-mente que nos propoem Christo por exemplo a Deos, que não ama a seus

inimigos, quando nos manda que os amemos, porque he tal a bondade de Deos, que pôde o seu odio servir de exemplo ao nosso amor. Assaz fará o nosso amor, se chegar a se parecer com o seu aborrecimento. De maneira que a força, a energia, & a alma desta razão vem a ser: Sede amigos dos vossos inimigos, assim como Deos he inimigo dos seus. Considerai a Deos não com amor, senão com odio aos homens, & quando o vosso amor imitar o seu odio, entãõ satisfareis ao meu preceito; porque se tratardes a vossos inimigos como Deos trata aos seus, amareis mais finalmente os vossos inimigos, do que amais a vossos amigos. Esta he a minha resposta. E se não tenho bem declarado a força do exemplo de Christo, outro exemplo de Deos com odio, & dos homens com amor o declarará melhor.

120 Libertados os fi-
lhos

Ihos de Israel do cativoiro do Egypto, fundirão, & adorarão no deserto o idolo do bezerro: & ofendendo-se Deos tanto não fô da cegueira, mas da ingratição de tão abominavel gente, que se resolveo a lhes tirar a vida a todos, & os sepultar naquelle mesmo deserto. Deo parte da sua resolução a Moysés, que estava com o mesmo Senhor no monte, revelando-lhe o que em sua ausencia tinhaõ cometido: porèm Moysés, pondo-se da parte do povo, resistio à sentença de Deos com taes replicas, & instancias de huma, & outra parte, como se entre os dous se déra huma bem jugada batalha. Deos dizia, que havia de castigar, Moysés replicava que não: Deos allegava pela sua afronta, Moysés allegava pelo credito, & fama do nome de Deos: Deos prometia accrescentar a Moysés, Moysés instava que não se havia de diminuir o povo:

Deos fallando com Moysés, chamava-lhe o povo teu, como quem o lançava de si; & Moysés fallando com Deos, chama-lhe, Senhor, o povo voffo, como quem o queria interressar no perdaõ, & conservação de cousa sua: finalmente a contenda se accendeo de parte a parte de tal forte, que nas palavras, & no que disserão Deos, & Moysés, Deos parece que excedeo os termos do seu proprio decoro, & Moysés os da sua sujeição, & obediencia; & ainda os da estimação, que fazia da graça de Deos. E como, ou porque termos? Porque Deos como se fora homem, em cujo peito tivesse lugar a paixão, & ella o fizesse sair fora de si, disse a Moysés: Deixame, que quero desta vez desafogar a minha ira, & o meu furor: *Dimitte me,* Exod. 32. 10. *ut irascatur furor meus.* E Moysés tão grande privado de Deos, como se estimára mais o perdaõ do povo, que a privança, & graça

graça do mesmo Deos, disse: Ou haveis de perdoar ao povo este peccado, ou quando não, riscar-me dos vossos livros, em que tendes escrito o meu nome:

Ibidem
31. 32.

Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo; quem scripsisti.

121 Este foi no Monte Sinai o processo da batalha ao som de trombetas, de trovoens, & rayos, de que são foraõ testemunas os Anjos. E qual foi o fim? Da parte de Deos não podia haver maiores demonstraçoens de ira, de aborrecimento, de odio: da parte de Moysés pelo contrario os empenhos da piedade, da benevolencia, & do amor, também não podiaõ ser maiores, nem mais encarecidos. E o fim destes dous extremos taõ encontrados quaes foraõ? Foraõ taes, que se não pudéram crer, nem imaginar, se a verdade infalível do Texto Sagrado não declarára o successo. Deos com todo aquelle odio perdoou a todos:

Placatus est Dominus, ne faceret malum, quod loquutus fuerat adversus populum suum. E Moysés com

todo aquelle amor, desce do monte, convoca os Levitas, tira pela espada, & matou naquelle mesmo dia vinte & tres mil homens do mesmo povo:

Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum. Ha tal fim? Ha tal caso? Ha tal mudança? Mudou-se Deos? Mudou-se Moysés? Ou são os mesmos? Os mesmos são, não se mudáraõ: mas estes são os odios de Deos, & estes os amores dos homens. Este he Deos, quando mais inimigo; & estes os homens, quando mais amigos. Pela experiencia desta fermosa verdade; & em confirmação della disse com profundo juizo S. João Chrysofotomo: *Utilior est homini Deus iratus, quam homo propitius*: Que melhor he para os homens, & mais util, Deos irado, que o homem propicio: Deos com odio, que

que o homem com amor. É como o odio de Deos, quando mais empenhado, tem tanto melhores effeitos; que o amor dos homens; por isso a Divina Sabedoria de Christo quando nos manda amar aos inimigos, nos poem por exemplo a Deos, quando não ama; porque quando chegarmos a ser inimigos como Deos, feremos mais que amigos como homens.

§. IX.

122 **E**sta foi a subita apprehensão da minha reposta, & do exemplo della. Mas ouçamos a do Divino Mestre, que não só se ouve, mas se vê com os olhos. Definio Christo Senhor nosso o amor não com Aristoteles pela vontade de querer o bem, senão pela obra, & verdade de o fazer: *Benefacite*. A Escola de Aristoteles diz:

Amare est velle bonum alicui: & a Escola de Christo por boca do melhor discipulo della: Diligamus opere, & veritate. Daqui se segue, que assim como Deos he o melhor exemplar do amor dos amigos, assim he o melhor, & mais verdadeiro exemplo do amor dos inimigos. Agora entra o allegado por Christo tão claro como a luz do Sol, & como o elemento mais claro: *Qui sedem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos.* Amai, & fazei bem a vossos inimigos, (diz o Soberano Legislador.) para que sejais filhos de vosso Páy, que está no Ceo: o qual faz nascer o seu Sol sobre os bons, & sobre os mãos, & descer a sua chuva sobre os justos, & sobre os injustos. Os bons, & os justos são os amigos de Deos; os mãos, & os injustos são os seus inimigos: & he tal a bondade, & beneficencia do mesmo Deos, ou com amor,

1. Joan.
3. 18.

Matth.
5. 45.

amor, ou com odio, que aos amigos, & inimigos sem differença communica igualmente os seus thesouros. Se nasce o seu Sol, para todos nasce; se desce a sua chuva, para todos desce. Bem pudéra Deos fazer, que sò para os bons, & justos houvesse luz, & para os mãos, & injustos trevas: como no Egipto os Hebreos estavaõ allumiados, & os Egypcios às escuras. E do mesmo modo, como lhe pedia o Real Profeta David, bem pudéra negar a chuva aos montes de Gelboè, & dalla abundantemente aos outros montes. Mas posto que os bons, & os justos sejaõ os seus amigos, & os mãos, & os injustos os seus inimigos, sobre o que lhe merecem huns; & sobre o que lhe defmerecem os outros, quer que assentem igualmente os seus beneficios.

123 Deixado, porém o Sol no Ceo, & a chuva

nas nuvens, passemos à terra, & a toda a terra, onde moraõ os inimigos de Deos, & onde se vêem mais varia, & opulentamente beneficiados de sua maõ. Em todo este Mundo quantos saõ os amigos de Deos, & quantos os seus inimigos? Os amigos saõ muito poucos, & os que se conservaõ sempre em sua amizade, & graça, sem cair em seu odio, rarissimos. Pelo contrario os inimigos de Deos, & os que vivem perpetuamente em seu odio, naõ tem numero. Estes saõ os Hereges, & os Scismaticos; estes os Mahometanos, & os Judeos; estes os Genticos, & Atheos; estes os Apostatas, & mãos Christaõs. E a insolencia de todos estes armados do odio, que tem ao supremo, & eterno Deos, está sempre subindo, & fazendo guerra ao Ceo à escala vista com as suas ingraticidiosens, com as suas injurias, com as suas afrontas,

com

com as suas blasfemias, de pensamento, de palavra, de obra: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper.* E quem he o que là desfaz, ou suspende estas tremendas exhalaçoes, & vapores, para que não desçaõ fobre o Mundo em rayos, fenaõ o braço, ou coração do mesmo Deos com as indulgencias do seu odio? Elle he o que os sofre, elle he o que os dissimula, elle he o que tem maõ em si, & na sua justa ira. Mas não pára aqui. Esse mesmo Deos, que aos seus inimigos deo o ser, antes de o poderem ter merecido, lhes dà a vida, lhes conserva a faude, lhes acrescenta as riquezas, as honras, os Estados, os Reynos, & os Imperios: como se para a distribuição dos bens, ou da natureza, ou da fortuna (sendo elle Senhor de ambas) os bons, & os maõs todos foraõ bons, os justos, & os injustos todos foraõ justos, & os amigos, & inimigos todos foraõ amigos. He ver-

dade que nos affectos do odio, ou amor de Deos ha a differença de amados, ou aborrecidos: mas nos effectos da beneficencia do mesmo Deos taõ favorecidos, & taõ mimosos huns, & os outros, como se os amados, & aborrecidos todos foraõ amados.

124 Já nesta geral differença, com que Deos faz bem igualmente aos amigos, que estaõ em sua graça, & aos inimigos, que estaõ em seu odio, ficava bem demonstrada a verdade, & excellencia do soberano exemplar, que o Filho de Deos propoem no mesmo Deos aos homens, para que imitando-o, como bons filhos a tal Pay: *Ut sitis filii Patris vestri*, saibaõ com effeito amar, & amem a seus inimigos. Mas como o amor dos inimigos he mais alto, & elle sò heroico (para que vejamos quem he Deos, & quaes nós devemos ser neste ponto) atrevo-me a dizer, que posto Deos entre amigos, & inimigos,

migos, de huma parte os que estão em seu amor, & da outra os que estão em seu odio: se tomarmos bem as medidas aos seus favores, maiores são os que faz sem embargo do seu odio aos inimigos, que sem respeito do seu amor aos amigos. Não me atrevêra a dizer tanto, senão fallára em proprios termos pela boca de hum Profeta, & pela penna de hum Apostolo.

125 O Profeta Malachias fallando em nome de Deos, ou Deos fallando por boca do mesmo Profeta, diz: *Dilexi Jacob, Esau autem odio habui.* Eu amei a Jacob, & tive odio a Esau. E S. Paulo escrevendo aos Romanos, & fallando Deos pela sua penna, repete a mesma sentença pelas mesmas palavras: *Jacob dilexi, Esau autem odio habui.* Desorte que em dous Textos, hum do Testamento Velho, & outro do Novo, temos expresso o odio de Deos, & o amor de Deos, & as

peçoas huma amada, outra aborrecida, não occultas, senão declaradas por seu proprio nome, Jacob, & Esau. Agora vamos à Historia Sagrada, & vejamos o que fez Deos a Esau com odio de Esau, & o que fez a Jacob com amor de Jacob.

126 O que mais estima a felicidade humana, he vida, riqueza, honra. Quanto à vida, assim como Jacob, & Esau nascêraõ na mesma hora, assim acabá-raõ a vida da mesma idade, & essa taõ estendida, que não se podiaõ queixar das Parcas, porque Jacob consta que morreo de cento & quarenta & cinco annos. Quanto à riqueza, ambos crescêraõ tanto na multiplicação, & fecundidade dos gados, que creavaõ os seus pastores, & eraõ as minas, & thesouros daquelle bom tempo, que por não caberem nos campos, foi necessario que as duas poderosas familias se dividissem, como dividiraõ, habitando, & dominando

Math.

2. 3.

Rom. 9.

13.

minando Jacob as terras de Canaan , & Esau as de Edom , & Seir. Atèquinem o odio , nem o amor de Deos se distinguirão nos effeitos , & o odiado , & o amado continuáráo a sua peregrinação (que assim lhe chama a Escritura) tão irmãos na fortuna , como no sangue.

127 Mas vindo ao ponto da honra , que he o de maior estimação , & reparo , tendo já as duas familias crecido a ser duas naçoens , ou duas gentes , (como Deos revelou à mãy de ambos , quando ainda os trazia no ventre : *Dua gentes sunt in utero tuo*) foi mui notavel a grandeza , & magestade , com que a descendencia de Esau se aventajou à de Jacob. Trocando o nome de Edom , chamáráo-se os descendentes de Esau Edumeos ; & governando-se toda a nação humas vezes como Republica , outras como Monarchia , sempre os descendentes , & netos de Esau foraõ os Princi-

pes soberanos della , ou na Republica com titulo de Duques , ou na Monarchia com magestade , & coroa de Reys. E posto que em semelhantes successõens costuma haver muitas mudanças , & quebras ; esta foi tão continuada de pays a filhos sempre no mesmo dominio , que quando Moysés a escreveu no capitulo trinta & seis do Genesis , já o numero dos Duques tinhaõ sido onze , & o dos Reys coitados nove. E o que de nenhum modo se deve passar em silencio , he , que o segundo destes Reys , & bisneto de Esau , ainda em sua vida , foi o famosissimo Job , que tanto pela constancia na adversa fortuna , como pela moderação na prospera , podia fazer insigne , & memoravel qualquer Reyno dos maiores do Mundo. E quem pudéra esperar , nem imaginar taes excessos de felicidade na pessoa , & descendencia de hum homem , do qual disse o mes-

mo Deos, que lhe tinha odio : *Esau odio habui?*

128 O reparo porèm mais notavel, & digno de admiração nesta mesma historia, he a advertencia, & reflexão, com que a Escritura Sagrada começa a escrever o cathalogo dos Reys descendentes de Esau. *Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent Regem filii Israel, fuerunt hi.* Quer dizer : Estes foraõ os Reys filhos de Esau, antes que os filhos de Jacob tivessem Rey. Por ventura que não ha outra semelhante reflexão em toda a Historia Sagrada. Primeiramente Mõyses não podia notar esta differença sem particular revelação de Deos; porque quando os filhos de Jacob tiveraõ o primeiro Rey, que foi Saul, havia de ser mais de quinhentos annos depois deste tempo. Pois porque razaõ, ou com que mystério fez Deos esta revelação a Moyfés, & lhe mandou fazer esta reflexão, &

notar esta grande differença entre os filhos de Esau, & os filhos de Jacob, em materia taõ relevante nas geraçoens do Mundo, qual he ter Reys, ou não ter Reys? Para que entendessem os que isto haviaõ de ler, que o odio de Deos he taõ benefico, taõ generoso, taõ heroico, & taõ inclinado a fazer bem a seus inimigos, que não sò pôde competir com o amor do mesmo Deos em respeito de seus amigos, mas adiantar-se, & vencerlo em materias de tanto preço, & tanto peso, como foraõ neste caso a dignidade Real, & o tempo della.

129 O tempo, quanto vai de quinhentos annos antes, ou quinhentos depois: a dignidade, quanto vai de ter Reys, & tantos Reys, ou não ter Rey. Isto he o que o odio de Deos a Esau, fez a Esau; & isto o que o amor de Deos a Jacob, não fez a Jacob. Para que se veja, quam mal fundada era a diffi-

difficuldade de não poder Deos com o seu exemplo ensinar o amor dos inimigos, pois elle os não ama, antes lhes tem odio. He verdade que Deos tem odio a seus inimigos; mas he hum odio, que dà largas vidas, he hum odio, que dà immensas riquezas, he hum odio, que dà sceptros, & coroas aos que não ama. Faz isto algum, não digo odio, senão do que entre os homens se chama amor? O amor mais natural, & mais devido, he o dos pays aos filhos, & o dos filhos aos pays: & David, sendo pay, tirou o Reyno a seu filho Adonias; & Absalaó, sendo filho, tirou o Reyno a David seu pay. Estes foraó os segundos Reys da descendencia de Jacob, os quaes sò conserváraó o Reyno inteiro até a terceira geração, conservando-se os da descendencia de Esau, não sò em tantas geraçoens, como as do catalogo de Moy-

Tom. II.

fes, senão em muitas outras, que depois dellas se continuáraó, & seguiraó.

§. X.

130 **T**AÓ heroica he a beneficencia de Deos em preferir os inimigos aos amigos, ainda sobre a confissáo expressa do amor, que lhe merecem os amigos, & do odio, que tem aos inimigos: a Jacob, *Dilexi*, a Esau, *Odio habui*. E porque nós não podemos imitar o exemplar de Deos, como neste caso, em dar sceptros, & coroas; corooemos o nosso discurso com outro acto não menos heroico, nem menos generoso, senão mais. E qual he, ou pôde ser este acto? Que aos inimigos, de quem fomos mais offendidos, effesses amemos mais. Attenção.

131 He Theologia certa, que Deos podia re-

H

mir

mir o genero humano por hum homem, ou por hum Anjo ; & porque se deliberou , & decretou no Consistorio Divino, que o remisse Deos por si mesmo ? Porque o peccado de Adam na defobediencia não sô offendido a soberania de Deos, senão que direita , & mais formalmente offendeo a sua Divindade, querendo , & crendo , que podia ser como Deos : *Eritis sicut dii*. E como a Divindade naquelle caso foi a mais offendida , à mesma Divindade pertencia o perdaõ , & o remedio do inimigo , que o offendéra , & por isso o mesmo Deos foi o Redemptor. Assim o resolve , & ensina toda a mesma Theologia com o Doutor Angelico Santo Thomas. Mas ainda aqui não está totalmente satisfeita a fineza do Divino Exemplar. Na Divindade o Padre he Deos, o Filho he Deos , & o Espirito Santo he Deos ;

& taõ offendido foi Deos no Padre , como no Filho , taõ offendido no Filho , como no Espirito Santo , & taõ offendido no Espirito Santo , como no Padre ; porque foi logo o Redemptor não a Pessoa do Padre, nem a do Espirito Santo, senão a do Filho ? Pela mesma razaõ.

132 O attributo, em que Adam quiz ser semelhante a Deos, foi na sabedoria de todas as cousas : *Eritis sicut dii, scientes bonum, & malum*. Assim o disse o demonio, & assim o creio, & quiz Adam. Ao ponto agora. Nas tres Pessoas Divinas da Santissima Trindade , ao Padre attribue-se a Omnipotencia , ao Filho a Sabedoria , ao Espirito Santo a Bondade : & como na Pessoa do Filho , a que se attribue a Sabedoria , foi maior , & dobrada a offensa do peccado de Adam , huma vez offendido na Divindade,

Gen.
3. 5.

Ibidem

dade, *Eritis sicut dii*, outra vez offendido na Sabedoria, *scientes bonum, & malum*; por isso foi tambem no mesmo Filho maior, & dobrada a obrigação de ser elle, & não outra Pessoa Divina, o que procurasse o perdaõ, o remedio, & todo o bem do mesmo Adam, que o offendéra. Finalmente porque este exemplo de havermos de amar, & fazer bem aos inimigos, quanto mais offendidos delles, se acabe de verificar em Deos na Pessoa do Filho; esse foi o altissimo mysterio, com que o mesmo Filho, em quanto homem, pondo-nos por exemplo a Deos, accrescentou que o haviamos de imitar como filhos do mesmo Pay, que he o que a Pessoa do mesmo Filho fez: *Ut sitis filii Patris vestri, qui in cælis est.*

133 Vejo porèm, que pegando netta ultima clausula, *Qui in cælis est*, não faltará quem diga,

que estas Divindades, & finezas de amor são là para o Ceo, & não para a terra, onde os nossos affectos, & ainda os nossos pensamentos são tão grosseiros como ella. Mas para confusão da mesma terra, & dos que parece não nasceraõ para o Ceo; acabo com lhes mostrar, que o dictame de pertencer aos mais offendidos serem elles os que amem, & fação bem aos que os offendéraõ; he tão conforme à razão em toda a parte, que atè no inferno se entende assim. Ardendo no inferno o Rico Avarento, olhou para cima, & vendo a Lazaro entre os outros moradores daquelle arbalde do Ceo, chamado Seyo de Abraham, disse desta maneira, falando com elle: *Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma: Pay Abraham, man-*

Luc. 16.

24.

dai a Lazaro, que me venha refrigerar a lingua ao menos com hum dedo molhado na agua, porque me atormenta muito este fogo. Cada palavra destas podia ser meditação de huma eternidade. Sò reparo naquella, *Mitte Lazarum*, Mandai a Lazaro. Em todo o Seyo de Abraham não havia pessoa, de quem menos devesse esperar o Rico Avarento este socorro, & obra de charidade, do que de Lazaro; porque Lazaro era aquelle pobre cuberto de chagas, que jazia à sua porta, morto de fome, a quem o Rico Avarento tantas vezes offendia todos os dias, quantas se assentava à mesa, sem lhe permitir as migalhas, que della cahião, quantas sahia, ou entrava pela sua porta, quantas via as suas chagas, quantas ouvia os seus gemidos, & quantas sabia, que os seus caens lhe lambião as feridas.

134. Pois se tantos outros homens havia no Seyo de Abraham, de cuja piedade podia esperar o Rico Avarento aquelle socorro, & sò Lazaro era o que tantas vezes, & continuamente tinha a sua crueldade offendido; porque sò a elle nomea, & sò delle confia o remedio, & alivio, que pede? Porque entendo aquelle homem posto no inferno, & posto que condemnado, que o amar, & fazer bem aos inimigos pertence aos que maiores offensas tem recebido delles: & como Lazaro entre todos era o mais offendido, elle era o que na occasião se havia de mostrar mais amigo. Este exemplo do inferno não teve effeito; porque là todos os desejos se convertem em desesperaçoes. O que importa he, que os que là não quizerem ir acabar de entender os desenganos desta verdade, leyantem os olhos ao Ceo, onde

Sesta Feira da Quaresma.

137

onde está aquelle Pay, cujo exemplo nos manda Christo imitar : tendo por certo , que se imitarmos o amor, ou amoroso odio, com que Deos não faz

mal, senão bem a seus inimigos ; na terra feremos seus filhos por graça, & no Ceo por gloria : *Ut sitis filii Patris vestri, qui in caelis est.*



(:)

SERMAM

DE SANTO

ANTONIO

Na Festa , que se fez ao SANTO na
Igreja das Chagas de Lisboa , aos
quatorze de Setembro de 1642.

Tendo-se publicado as Cortes para o dia seguinte.

Vos estis sal terræ.

Matth. 5.

§. I.

135



ARCA do
Testamen-
to: (que af-
sim lhe cha-
mou Gregorio I X.) ao
Martello das herefias: (que
este nome lhe deo o Mun-
do) ao Defensor da Fé,
ao Lume da Igreja , à Ma-

ravilha de Italia , à Honra
de Hespanha , à Gloria de
Portugal , ao melhor Fi-
lho de Lisboa , ao Cheru-
bim mais eminente da Re-
ligião Serafica , celebra-
mos festa hoje. Necessá-
rio foi que o advertisse-
mos , pois o dia o não sup-
poem , antes parece que
diz outra cousa. Celebra-
mos

mos festa hoje ; como dizia , ao nosso Portuguez Santo Antonio : & se havemos de reparar em circumstancias de tempo , não he a menor difficuldade da festa , o celebrar-se hoje . Hoje ? em quatorze de Setembro Santo Antonio ? se já celebrámos universalmente suas sagradas memorias em treze de Junho , como torna agora em quatorze de Setembro ? Entendo que não vem Santo Antonio hoje pôr hoje , senão por à manhã . Estavaõ publicadas as Cortes do Reyno para quinze de Setembro , vem Santo Antonio aos quatorze , porque vem às Cortes . Como ha dias que o Ceo está pela Coroa de Portugal , manda tambem seu Procurador o Ceo às Cortes do Reyno . Algumas sombras disto havemos de achar entre as luzes do Evangelho . Com tres semelhanças he comparado Santo Antonio , ou com tres nomes he chamado neste Evangelho .

He chamado Sal da terra : *Vos estis Sal terræ* : he chamado Luz do Mundo : *Vos estis Lux mundi* : he chamado Cidade sobre o monte : *Non potest Civitas abscondi supra montem posita* . Esta ultima semelhança me faz difficuldade .

136 Que Santo Antonio se chame Sal da terra , sua grande sabedoria o merece : que se chame Luz do Mundo , os rayos de sua doutrina ; os resplandores de seus milagres o approvaõ ; mas chamar-se Cidade Santo Antonio : *Non potest Civitas abscondi* : Hum Santo chamar-se huma Cidade ? Sim . Em outro dia fora mais difficultosa a resposta ; mas hoje , & no nosso pensamento he muito facil . Chama-se Cidade Santo Antonio , porque os Procuradores de Cortes são Cidades ; são Cidades pela voz , são Cidades pelo poder , são Cidades pela representação ; & assim dizemos que vem às Cortes as Cidades do Reyno ;

& não vem ellas , senão seus Procuradores. E como os Procuradores de Cortes. são Cidades por esta maneira, muito a propósito vem Santo Antonio hoje representado em huma Cidade, porque he Cidade por representaçõ. Mas que Cidade ? *Civitas supra montem posita*: Cidade posta em cima, ou acima dos montes. Clara está a descripçãõ, se a interpretamos mysticamente Cidade acima dos montes, não ha outra senão a Jerusalema do Ceo, a Cidade da Gloria: *Civitas, de qua dicitur, Gloriosa dicta sunt de te, Civitas Dei*, commenta Hugo Cardeal. E por parte desta Cidade do Ceo temos hoje na terra a Santo Antonio.

137 Na Igreja de Santo Antonio se costumaõ cá fazer as eleiçoens dos Procuradores de Cortes; & tambem no Ceo se fez a eleiçãõ na Pessoa de Santo Antonio. E foi a eleiçãõ do Ceo com toda a propriedade; porque, ainda

humanamente fallando, & pondo S. Antonio de parte o Habito, & o Cordaõ, parece que concorrem nelle com eminencia as partes, & qualidades necessarias para este officio publico. As qualidades, que constituem hum perfeito Procurador de Cortes, são duas: ser fiel, & ser estadista. E quem se podia presumir mais fiel, & ainda mais estadista; que Santo Antonio? Fiel como Portuguez, Santo Antonio de Lisboa: estadista como Italiano, Santo Antonio de Padua. Deo-lhe a fidelidade a terra propria, a razãõ de estado as estranhas. Isto de razãõ de estado, com ser taõ necessaria aos Reynos, nunca se deo muito no nosso; (culpa de seu demasiado valor) & os Portuguezes que a usãõ, & praticaõ com perfeiçãõ, mais a devem à experiencia das terras alheas, que às influencias da propria. E como Santo Antonio andou tantas, & taõ politicas em sua vida,

vida, Hespanha, França, Italia; ainda nesta parte ficava mui acertada a eleição de sua Pessoa: quanto mais crescendo sobre estes talentos os outros maiores de seu zelo, de sua fadé, de sua santidade.

138. Sò fará escrupulo nesta materia o genio tão conhecido de Santo Antonio, segundo o qual parece que era mais conveniente sua assistencia em Cortes, que se fizessem em Castella, que nestas, que celebramos em Portugal: Os intentos de Castella, são recuperar o perdido: os intentos de Portugal, são conservar o recuperado. E como deparar cousas perdidas, he o genio, & a graça particular de Santo Antonio; a Castella parece que convinha a assistencia de seu patrocinio, que a nós por agora não. Quem nos ajuda a conservar o ganhado, he o que havemos mister. Ora, Senhores, ainda não conhecemos bem a S. Antonio? S. Antonio para

os estranhos he recuperador do perdido; para com os seus he conservador do que se pôde perder. Caminhava o Pay de Santo Antonio a degollar, (assim o dizem muitas historias, inda que alguma falle menos nobremente) & chegando já às portas da Sé, & às fuas; eis que appareceo o Santo milagrosamente, fez parar os ministros da justiça, resuscitou o morto, declara-se a innocencia do condemnado, & fica livre. Pergunto: Porque não esperou Santo Antonio, que morresse seu Pay, & depois de morto lhe restituio a vida? Não he menos fundada a duvida, que no exemplo de Christo Senhor nosso, de quem diz o Texto de S. Joáo, que avisado da enfermidade de Lazaro, de proposito se deteve, & o deixou morrer, para depois o resuscitar. *Distulit sanare, ut posset resuscitare,* ponderou o Chrysologo, que lhe dilatou a saude, porque lhe quiz resuscitar a vida.

a vida. Pois se he mais gloriosa acção, & mais de Christo refuscitar huma vida, que impedir huma morte: porque o não fez assim Santo Antonio?

139 Não fora maior milagre, não fora mais bizarra maravilha acabar o verdugo de passar o cutello pela garganta do Pay, & no mesmo ponto apparecer sobre o theatro o Filho, ajuntar a cabeça ao tronco, levantar-se o morto vivo, pasmarem todos, & não crerem o que viaõ, ficando sò da ferida hum fio futilmente vermelho, para fiador do milagre? Pois porque o não fez Santo Antonio assim? Se tinha virtude milagrosa para refuscitar; se refuscitou alli hum morto; se refuscitou outros muitos em diversas occasioens; porque não esperou hum pouco para refuscitar tambem a seu Pay? Porque? Porque era seu Pay. Aos estranhos refuscitou-os, depois de perderem a vida: a seu Pay

defendeo-lhe a vida, para que não chegasse a perdella: aos estranhos remedeia; mas ao seu sangue preserva. Christo Senhor nosso foi Redemptor universal do genero humano; mas com differença grande. A todos os homens geralmente livrou-os da morte do peccado, depois de incorrerem nelle; mas a sua Mãy preservou-a; para que não incorresse: aos outros deo-lhes a mão, depois de cahirem; a sua Mãy teve-a mão, para que não cahisse: dos outros foi Redemptor por resgate; de sua Mãy por preservação. Assim tambem Santo Antonio. Aos estranhos refuscitou-os depois de mortos; a seu Pay conservou-lhe a vida, para que não morresse: que essa differença faz o Divino Portuguez dos seus aos estranhos. Para com os estranhos he recuperador das cousas perdidas; para com os seus he tambem preservador de que se não percaõ. Por isso com bem

occa-

ocasionada propriedade se compara hoje no Evangelho ao sal : *Vos estis sal terræ*. O sal he remedio da corrupçãõ, mas remedio preservativo : não remedia o que se perdeu, mas conserva o que se pudera perder ; que he o de que temos necessidade.

140 Supposto isto, nenhuma parte lhe falta a Santo Antonio, antes todas estaõ nelle em sua perfeiçãõ, para o officio que lhe consideramos de Procurador do Ceo nas nossas Cortes. Como tal dirá o Santo hoje seu parecer a respeito da conservação do Reyno : & esta será a materia do Sermaõ. Santo Antonio he o que ha de prégar, & não eu. E cuido que desta maneira ficará o Sermaõ mais de Santo Antonio, que nenhum outro ; porque nos outros tratamos nós d'elle, neste trata ellé de nós. Mas como eu sou o que hei de fallar, para que o discurso pareça de Santo Antonio, cujo he, & não meu ; mui-

ta graça me he necessaria.

A V E M A R I A .

S. II.

Vos estis sal terræ.

141 **J**A Santo Antonio tem dito seu parecer. Nestas quatro palavras breves, nestas seis syllabas pen-diosas, *Vos-es-tis-sal-ter-ræ*, se resume todo o ar-rezoado de Santo Antonio em ordem ao bem, & conservação do Reyno. E ninguem me diga, que disse estas palavras Christo a Santo Antonio, & não Santo Antonio a nós ; porque como a rhetorica dos do outro mundo são os exemplos, & o que obráramos em vida he o que nos dizem depois da morte ; dizer Christo a Santo Antonio o que foi, he dizer-nos Santo Antonio o que devemos ser. *Vos estis sal terræ*, disse Christo a Santo Antonio por palavra : *Vos estis sal terræ*, diz Santo Antonio aos Portu-guezes

guezes por exemplo. Entendamos bem estas quatro palavras, que estas bementendidas nos bastaõ.

142 *Vos estis sal terræ.* O primeiro fundamento, que toma para seu discurso Santo Antonio, he suppor que devemos, & havemos de tratar de nossa conservaçaõ. Isso quer dizer (conforme a exposiçaõ de todos os Doutores) *Vos estis sal terræ*: Vós sois sal da terra. Quem diz sal, diz conservaçaõ; & á que Christo encomendava no original destas palavras tem grandes circumstancias da nossa. Muito tenho reparado, em que primeiro chamou Christo aos Apostolos Pescadores, & ao depois chamou-lhes sal: *Faciam vos fieri piscatores hominum: Vos estis sal terræ.* Se pescadores, porque sal juntamente? Porque importa pouco o ter tomado, se se não conservar o que se tomou. Chamar-lhes Pescadores, foi commendar-lhes a pesca-

Marc.
I. 17.

ria; chamar-lhes sal, foi encarregar-lhes a conservaçaõ. Sois Pescadores, Apostolos meus, porque quero que vades pescar por esse mar do Mundo; mas advirto-vos que sois tambem sal; porque quero que pesqueis, não para comer, senão para conservar. Senhores meus, já fomos pescadores, ser agora sal he o que resta. Fomos pescadores astutos, fomos pescadores venturosos; aproveitámo-nos da agua envolta, lançámos as redes a tempo, & ainda que tomámos somente hum peixe Rey, foi o mais fermoso lanço, que se fez nunca; não digo nas ribeiras do Tejo; mas em quanto rodeaõ as prayas do Oceano. Pescou Portugal o seu Reyno: pescou Portugal a sua Coroa; advirto agora Portugal, que não a pescou para a comer, senão para a conservar. Foi pescador, seja sal. Mas isto não se discorre, suppoem-se.

143 Porẽm: *Si sal eva-*
nerit,

uerit, in quo salietur? Se o
 fal não for effectivo; se os
 meyos que se tomarem
 para a conservação, sahi-
 rem vaõs, & inefficazes,
 que remedio? Esta he a ra-
 zão de se repetirem; &
 esta he a maior difficulda-
 de destas segundas Cortes.
 As primeiras Cortes foraõ
 de boas vontades, estas se-
 gundas podem ser de bons
 entendimentos. Nas pri-
 meiras tratou-se de reme-
 diar o Reyno: nestas tra-
 ta-se de remediar os reme-
 dios. Difficultosa empre-
 za, mas importantissima.
 Quando os remedios não
 tem bastante efficacia para
 curar a enfermidade; he
 necessario curar os reme-
 dios, para que os reme-
 dios curem ao enfermo.
 Assim o fez o mesmo
 Christo Deos, & Senhor
 nosso sem dispendio de sua
 Sabedoria, nem erro de
 sua Providencia. Não se
 pôde acertar tudo da pri-
 meira vez. Trabalhava
 Christo por sárar, & con-
 verter o seu povo com
 os remedios ordinarios da

doutrina, & prégaaõ Eu-
 angelica; & vendo que se
 não seguia a desejada sau-
 de, que fez? Tratou de
 remediar os remedios,
 para que os remedios re-
 mediaassem os enfermos.
 Em proprios termos o dis-
 se Santo Asterio fallando
 da resurreiçaõ da filha do
 Jairo. *Ut vidit Judæos ad
 sermones obsurdescere, factis
 ipsos instituit, ac medici-
 nae medicinam accommodat.*

Vendo Christo que estava
 a enfermidade rebelde, &
 os ouvintes surdos a seus
 Sermoens, ajuntou às pa-
 lavras obras, ajuntou à
 doutrina milagres, & to-
 mou pôr arbitrio melho-
 rar os remedios; para que
 os remedios melhorassem
 os enfermos. *Ac medici-
 nae medicinam accommodat.*

Applicou humas medici-
 nas a outras medicinas,
 para que os que eraõ re-
 medios fracos, fossem va-
 lentes remedios. Este he
 o fim de se repetirem Cor-
 tes em Portugal. Arbi-
 tráraõ-se nas passadas va-
 rios modos de tributos,
 para

para remedio da conservação do Reyno ; mas como estes tributos não foraõ effectivos , como estes remedios sahiraõ inefficazes, importa agora remediar os remedios.

§. III.

144 **M**As perguntarmeha alguma , ou perguntára eu a Santo Antonio: Que remedio teremos nós para remediar os remedios ? Muito facil , diz Santo Antonio: *Vos estis sal terræ*. Para se curar huma enfermidade, ve-se em que pecca a enfermidade: para se curarem os remedios ; veja-se em que peccáraõ os remedios. Os remedios , como diz a queixa publica , peccáraõ na violencia , muitos arbitrios , mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com a suavidade , ficarão os remedios remediados. Foraõ inefficazes os tributos por violentos , sejaõ suaves , & seraõ effectivos. *Vos*

estis sal terræ : Duas propriedades tem o sal , diz aqui Santo Hilario : conserva , & mais tempera : he o antidoto da corrupção , & lisonja do gosto : he o preservativo dos preservativos ; & o sabor dos sabores : *Sal incorruptionem corporibus , quibus fuerit aspersus , impertit , & ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est*. Taes como isto devem ser os remedios , com que se hão de conservar as Republicas. Conservativos sim , mas defabridos não. Obrar a conservação , & saborear , ou ao menos não offender o gosto , he o primor dos remedios. Não tem bons efeitos o sal , quando aquillo , que se salga , fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservação , que se escuse quanto for possível o sentimento. Tirou Deos huma costa a Adam para a fabrica de Eva ; mas como a tirou ? *Immisit Deus soporem in Adam* , diz o Texto Sagrado: Fez Deos adormecer

cer a Adam, & assim dormindo lhe tirou a costa.

145 Pois porque razão dormindo, & não acordado? Disse-o advertidamente o nosso Portuguez Oleastro, & he o pensamento taõ tirado da costa de Adam, como das entranhas dos Portuguezes: *Ostendit, quàm difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quamobrem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit.* A costa, de que se havia de formar Eva, tirou-a Deos a Adam dormindo, & não acordado, para mostrar quam difficultosamente se tira aos homens, & com quanta suavidade se deve tirar ainda o que he para seu proveito. Da creação, & fabrica de Eva dependia não menos que a conservação, & propagação do genero humano; mas repugnaõ tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo que se lhe tem convertido em carne, & sangue, ainda que seja para

bem de sua casa, & de seus filhos, que por isso traçou Deos tirar a costa a Adam, não acordado, senão dormindo: adormeceo-lhe os sentidos, para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto, se ha de tirar aos homens o que he necessario para sua conservação. Se he necessario para a conservação da Patria, tire-se a carne; tire-se o sangue, tirem-se os ossos, que assim he razão que seja; mas tire-se com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homens não o sintão, nem quasi o vejaõ. Deos tirou a costa a Adam, mas elle não o vio; nem o sentio; & se o soube, foi por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do Emperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes; vos addita tributa nescitis*: Eu sei que ha tributos; porque vejo as minhas rendas acrescentadas: vós não sabeis se

se os ha ; porque não sentis as vossas diminuidas. Razaõ he que por todas as vias se acuda à conservaçaõ, mas como somos compostos de carne, & sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Taõ asperos podem ser os remedios, que seja menos fea a morte, que a saude. Que me importa a mim sárar do remedio, se hei-de morrer do tormento?

146 Divina doutrina nos deixou Christo desta moderaçaõ na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cesar, & disse-lhe que fosse pescar, & que na boca do primeiro peixe acharia huma moeda de prata, com que pagasse. Duas ponderaçõens dêmos a este lugar. o dia passado: hoje lhe daremos sete a diferentes intentos. Se Deos não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasiaõ,

fendo ao parecer superfluo? Pudéra o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, & que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispoem que se pague o tributo não do preço, senão da moeda, que se achar na boca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, & mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que este he o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade, & com taõ pouco dispendio seu, que satisfazendo às obrigaçoens de tributario, não perca os interesses de Pescador. Coma o seu peixe como dantes comia, & mais pague o tributo que dantes não pagava. Por isso tira a moeda não do preço, senão da boca do peixe: *Aperto ore ejus, invenies staterem.* ¹⁷
Aperto ore: notai. Da boca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque he bem, que para o tributo se

se tire da boca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves, & os violentos: que os suaves tirão-se da boca do peixe; os violentos, da boca do pescador. Haõ-se de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção: *Invenies statorem*: que pareça o dinheiro achado, & não perdido, dado por mercê da ventura, & não tirado à força da violencia. Assim o fez Deos com Adam; assim o fez Christo com S. Pedro; & para que não diga alguem, que são milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria he supplemento da Omnipotencia, & o que faz Deos por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

§. IIII.

148 **S**Im. Mas que industria poderá haver para que os tributos se não sintão;

Tom. II.

para que sejaõ suaves, & faceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ.* Não se mete Santo Antonio a discursar arbitrios particulares, que seria cousa larga, & menos propria deste lugar, posto que não difficulosa: hum só meyo aponta o Santo nestas palavras, que transcende universalmente por todos os que se arbitram, com que qualquer tributo, se for justo, será mais justo; & se facil, muito mais facil, & mais suave. *Vos estis sal terræ.* Nota aqui S. João Chrysostomo a generalidade; com que fallou Christo aos discipulos. Não lhes chamou sal de huma casa, ou de huma familia, ou de huma Cidade; ou de huma nação, senão sal de todo o Mundo, sem exceptuar a ninguem: *Vos estis sal terræ, non pro unâ gente, sed pro universo Mundo*: commenta o Santo Padre. Queremos, senhores, que o sal, qualquer que for, não seja desabrid?

I

do?

do? Queremos, que os meyoys da conservação pareçaõ suaves? *Non pro unâ gente, sed pro universo Mundo.* Não sejaõ os remedios particulares, sejaõ universaes: não carreguem os tributos sòmente sobre hums, carreguem sobre todos. Não se trate de salgar sò hum genero de gente: *Non pro unâ gente*: reparta-se, & alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.*

Convida Christo aos homens para a aceitação, & observancia de sua Ley, & diz assim: *Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos:*

Matth.
11. 28.

Vinde a mim todos, que taõ cançados, & molestados vos traz o Mundo, &

Ibidem
29.

Eu vos aliviarei: *Tollite jugum meum super vos, & invenietis requiem animabus vestris:* Tomai o meu jugo sobre vós, & achareis

Ibidem
30.

descanço para a vida: *Jugum enim meum suave est, & onus meum leve:* Porque o jugo de minha Ley he suave, & o peso de meus preceitos he leve.

149 Ora se tomarmos bem o peso à Ley de Christo, have mos de achar, que tem alguns preceitos pesados, & segundo a natureza assaz violentos. Haver de amar aos inimigos: confessar hum homem suas fraquezas a outro homem: bastar hum pensamento para offender gravemente a Deos, & ir ao inferno: estes, & outros semelhantes preceitos não ha duvida, que são pesados, & difficultosos; & por taes os estimou o mesmo Senhor, quando lhes chamou Cruz noísa: *Tollat Crucem suam, & sequatur me.* Pois se os preceitos da Ley de Christo, ao menos alguns, são cruz pesada, como lhes chama o Senhor jugo suave, & carga leve: *Jugum enim meum suave est, & onus meum leve?* Antes de o Senhor lhes chamar assim, já tinha dito a causa: *Venite ad me omnes.* A Ley de Christo he huma Ley, que se estende a todos com igualdade, & que obriga a todos

todos sem privilegio : ao grande , & ao pequeno : ao alto , & ao baixo : ao rico , & ao pobre : a todos mede pela mesma medida. E como a Ley he commum sem exceção de pessoas , & igual sem differença de preceito ; moderar-se tanto o pesado no commum , & o violento no igual ; que ainda que a Ley seja rigorosa , he jugo suave ; ainda que tenha preceitos difficultosos , he carga leve : *Fugum meum suave est ; & onus meum leve.* He verdade , que he jugo , he verdade , que he peso , nem Christo o nega : mas como he jugo , que a todos iguala , o exemplo o faz suave ; como he peso , que sobre todos carga , a companhia o faz leve. Clemente Alexandrino : *Non prætergredienda est æqualitas , quæ versatur in distributionibus honorando justitiam : propterea Dominus , Tollite , inquit , jugum meum super vos , quia benignum est , & leve.*

150 O maior jugo de hum Reyno , a mais pesada carga de huma Republica , são os immoderados tributos. Se queremos , que sejaõ leves ; se queremos , que sejaõ suaves , repartão-se por todos. Não ha tributo mais pesado que o da morte , & comtudo todos o pagaõ , & ninguem se queixa ; porque he tributo de todos. Se huns homens morrêraõ , & outros não , quem levára em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade ? Mas a mesma razaõ , que a estende , a facilita ; & porque não ha privilegiados , não ha queixosos. Imitem as resoluçoens politicas o governo natural do Creador : *Qui solem suum oriri facit super bonos , & malos , & pluit super justos , & injustos.* Se amanhece o Sol , a todos aqueenta : & se chove o Ceo , a todos molha. Se toda a luz cahira a huma parte , & toda a tempestade a outra , quem o sofrêra ? Mas não sei

que injusta condição he a deste elemento grosseiro, em que vivemos, que as mesmas igualdades do Ceo, em chegando à terra, logo se desigualão. Chove o Ceo com aquella igualdade distributiva, que vemos; mas em a agua chegando à terra, os montes ficão enxutos, & os valles afogando-se: os montes escoão o peso da agua de si, & toda a força da corrente desce a alagar os valles: & queira Deos, que não seja theatro de recreação para os que estaõ olhando do alto, ver nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemo-nos de algum diluvio universal, que quando Deos iguala desigualdades, atè os mais altos montes ficão debaixo da agua. O que importa he, que os montes se igualem com os valles, pois os montes são a quem principalmente ameação os raios: & reparta-se por todos o peso, para que fique

leve a todos. Os mesmos animaes de carga, se lha deitaõ toda a huma parte, cahem com ella: & a muitos navios meteo nas mãos dos piratas a carga, não por muita, mas por descompassada. Se se reparar o peso com igualdade de justiça, todos o levarão com igualdade de animo: *Nullus enim gravanter obtulit, quod cum aequitate persolvitur*: Porque ninguém toma pesadamente o peso, que se lhe distribuhio com igualdade, disse o Politico Cassiodoro.

§. V.

151 **B**oa doutrina estava esta, se não fora difficullosa, & ao que parece impraticavel. Bom era que nos igualáramos todos; mas como se podem igualar extremos, que tem a essencia na mesma desigualdade? Quem compoem os tres estados do Reyno, he a desigualdade das pessoas. Pois como se haõde igualar

lar os tres estados, se são estados porque são desiguales? Como? já se sabe que ha de ser: *Vos estis sal terræ.* O que aqui pondero he, que não diz Christo aos Apostolos: Vós sois semelhantes ao sal; senão: *Vos estis: Vos sois sal.* Não he necessaria Filosofia para saber que hum individuo não pôde ter duas essencias. Pois se os Apostolos eraõ homens, se eraõ individuos da natureza humana, como lhe diz Christo, que são sal: *Vos estis sal?* Alta doutrina de estado. Quiz-nos ensinar Christo Senhor nosso, que pelas conveniencias do bem commum se haõde transformar os homens, & que haõde deixar de ser o que são por natureza, para serem o que devem ser por obrigação. Por isso tendo Christo constituhido aos Apostolos ministros da Redempção, & conservadores do Mundo, não os considera sal por semelhança, senão sal por realidade: *Vos estis*

sal: porque o officio ha-se de transformar em natureza, a obrigação ha-se de converter em essencia, & devem os homens deixar de ser o que são, para chegarem a ser o que devem. Assim o fazia o Baptista, que perguntado quem era, respondeo: *Ego* Joan. vi *sum vox*: Eu sou huma voz. Calou o nome da pessoa, & disse o nome do officio; porque cada hum he o que deve ser, & senão, não he o que deve. Se os tres estados do Reyno attendendo a suas preeminencias são desiguales, attendaõ a nossas conveniencias, & não o sejaõ. Deixem de ser o que são, para serem o que he necessario, & iguale a necessidade os que desigualou a fortuna.

152 A mesma formação do sal nos porá em pratica esta doutrina. Aristoteles, & Plinio reconhecem na composição do sal o elemento da agua, & do fogo: *Sal est igneæ, & aqueæ naturæ, continens*

duo elementa, ignem, & aquam, diz Plinio. A glosfa ordinaria, & S. Chromacio accrescentaõ o terceiro elemento do ar; (prova seja a grande humidade deste mixto) & diz assim S. Chromacio: *Natura salis per aquam, per calorem solis, per flatum venti constat, & ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur.* A materia; ou natureza do sal saõ tres elementos transformados, os quaes tendo sido fogo, ar, & agua, se uniraõ em huma differente especie, & se convertéraõ em sal. Grande exemplo da nossa doutrina! Assim como o sal he huma junta de tres elementos, fogo, ar, & agua; assim a Republica he huma uniaõ de tres estados, Ecclesiastico, Nobreza, & Povõ. O elemento do fogo representa o estado Ecclesiastico, elemento mais levantado, que todos, mais chegado ao Ceo, & apartado da terra; elemento, a quem todos os outros sustentaõ,

izento ellè de sustentar a ninguem. O elemento do ar representa o estado da Nobreza, naõ por ser a esfera da vaidade, mas por ser o elemento da respiraçaõ; porque os fidalgos de Portugal foraõ o instrumento felicissimo, porque respiramos, devendo este Reyno eternamente à resoluçaõ de sua Nobreza os alentos, com que vive, os espiritos, com que se sustenta.

153 Finalmente o elemento da agua representa o estado do Povo: (*Aqua* Ap. *sunt populi*, diz hum Texto do Apocalypse) & naõ, como dizem os Criticos, por ser elemento inquieto, & indomito, que à variedade de qualquer vento se muda; mas por servir o mar de muitos, & mui proveitosos usos à terra, conservando os commercios, enriquecendo as Cidades, & sendo o melhor vizinho, que a natureza deo às que amou mais. Estes saõ os elementos, de que se compoem a Repu-

Republica. Da maneira pois que aquelles tres elementos naturaes deixaõ de ser o que eraõ, para se converterem em huma especie conservadora das cousas : *Ex eo, quod fuit, in alteram speciem commutatur* : assim estes tres elementos politicos haõde deixar de ser o que são, para se reduzirem unidos a hum estado, que mais convenha à conservaçoõ do Reyno. O estado Ecclesiastico deixe de ser o que he por immundade, & anime-se a assistir com o que não deve. O estado da Nobreza deixe de ser o que he por privilegios, & alente-se a concorrer com o que não usa. O estado do Povo deixe de ser o que he por possibilidade, & esforce-se a contribuir com o que pôde : & desta maneira deixando cada hum de ser o que foi, alcançarãõ todos juntos a ser o que devem : sendo esta concordia de uniaõ dos tres elementos efficaz conservadora

do quarto. *Vos estis sal terra.*

§. VI.

154

AMplifiquemos este ponto, como taõ essencial, & fallemos particularmente com cada hum dos tres Estados. Primeiramente o estado Ecclesiastico deixe de ser o que he por immundade, & seja o que convem à necessidade commum. Serem izentas de pagar tributo as pessoas, & bens Ecclesiasticos, o direito humano o dispoem assim, & alguns querem que tambem o Divino. No nosso passo o temos. Indo propor S. Pedro a Christo, que os ministros Reaes lhe pediaõ o tributo, respondeo o Senhor, que fosse pescar, como dissemos, & que na boca do primeiro peixe acharia o didracma, ou moeda. Difficulto. Supposto que o tributo se havia de pagar do dinheiro milagroso, & não do preço do

peixe, parã que vai pescar S. Pedro? Não era mais barato dizer-lhe Christo, que metesse a mão nã algibeira, & que ahi acharia com que pagar? Para Christo taõ facil era huma cousa, como a outra; para S. Pedro mais facil esta segundã. Pois porque lhe manda que vã ao mar, que pesque, & que do dinheiro, que achar por esta industria, pague o tributo? A razã foi, porque quiz Christo contemporizar com o tributo de Cesar, & mais conservar em seu ponto a immuniidade Ecclesiastica. Pague Pedro; (como se differe Christo) mas pague como Pescador, não pague como Apostolo: pague como official do povo, & não como Ministro da Igreja. Deixe Pedro, por representaçãõ, de ser o que he, & torne por representaçãõ a ser o que foi: deixe de ser Ecclesiastico, & torne a ser Pescador; & entãõ pague por obrigaçãõ do officio, o que não deve

pagar por privilegio da dignidade. *Ita Christus tributum solvere voluit, ut nec publicanos offenderet, nec suum perderet privilegium:* diz o doutissimo Maldonado de sentença de S. Chrystomo, & de Euthymio. A sua razãõ he: *Dum non ex suo, sed ex invento solveret:* porque pagou do dinheiro achado, & não do seu.

155. Mas a mim mais facil me parece distinguir na mesma pessoa diferentes representaçoens, que admitir, receber, & dar sem consideraçãõ de dominio. O pensamento he o mesmo, escolha cada hum das duas razoens, & que mais lhe contentar. E como a materia era de tanta importancia, ainda por outra clausula a confirmou, & ratificou o Senhor, para que este exemplo lhe não prejudicasse. *Da eis pro me, & te:* Dai, Pedro, por mim, & por vós. *Da:* aqui reparo. Quando lhe vieraõ perguntar a Christo, se era li-

cito.

cito pagar o tributo a Cesar, respondeo o Senhor: *Reddite, quæ sunt Cesaris, Casari, & quæ sunt Dei, Deo*: Pagai o de Cesar a Cesar, & o de Deos a Deos. Pergunta Theofilato: *Quare reddite, & non date?* Porque diz Christo, pagai, & não diz, dai? A mesma questão faço eu aqui: *Da eis pro me, & te: Quare da, & non, redde?* Porque diz, dai, & não diz, pagai? Se là diz Christo, pagai, & não dai; porque èà diz o mesmo Senhor, dai, & não, pagai? A razão he; porque là fallava Christo com os seculares, èà fallava com os Ecclesiasticos; & quando huns, & outros concorrem para os tributos, os seculares pagão, & os Ecclesiasticos daõ. Os seculares pagão, porque daõ o que devem; os Ecclesiasticos daõ, porque pagão o que não devem. Por isso Christo usou da clausula, *Da*, com grande providencia; para que este acto tão contrario à immuni-

fiastica, não cedesse em perjuizo della; declarando que o tributo, que hum, & outro estado paga promiscuamente, nos seculares he justiça, nos Ecclesiasticos he liberalidade; nos seculares he dividida, nos Ecclesiasticos he dadiva: *Da: Reddite.*

156 Tanta he a immuni-
dade das pessoas, & bens Ecclesiasticos; mas estamos em tempo, em que he necessario cederem de sua immuni-
dade para socorrerem a nossa necessidade. Não digo, que paguem os Ecclesiasticos; mas digo que dem: não digo, *Reddite*; mas digo, *Da*. Liberalidade peço, & não justiça; ainda que a occasião presente he tão forçosa, que justiça vem a ser a liberalidade. Com nenhum Doutor allegarei nesta materia, que não seja ou Summo Pontifice, ou Cardeal, ou Bispo, para que com o desinteresse em causa propria se qualifique ainda mais a authoridade maior. Quando

do El-Rey de Israel Saul tratava de tirar a vida a David Rey tambem de Israel, que havia naquelle tempo dous, que se intitulavaõ Reys do mesmo Reyno ; hum, Rey injusto, outro, Santo: hum, Rey escolhido por Deos, outro, reprovado por elle. Neste tempo (que parece neste tempo) foi ter David com o Sacerdote Achimelech, ou Abiatar, & com licença sua tomou do altar os paens da proposição, & repartio-os a seus soldados. Acção foi esta, que tem contra si hum Texto expresso no capitulo vinte & quatro do Levitico, desta maneira :

Levit. *Eruntque (panes propositionis) Aaron, & filiorum eius, ut comedant eos in loco sancto: quia Sanctum Sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo.* Quer dizer, que os paens da proposição seriaõ perpetuamente de Aram, & seus descendentes, & que os comeriaõ os Sacerdotes, & não outrem, por ser paõ

Levit.
24. 9.

Eruntque (panes propositionis) Aaron, & filiorum eius, ut comedant eos in loco sancto: quia Sanctum Sanctorum est de sacrificiis Domini jure perpetuo. Quer dizer, que os paens da proposição seriaõ perpetuamente de Aram, & seus descendentes, & que os comeriaõ os Sacerdotes, & não outrem, por ser paõ

santo, & consagrado a Deos. Esta he a verdadeira intelligencia do Texto, conforme huma glossa de fé no capitulo sexto de S. Lucas. Pois se os paens da proposição eraõ proprios dos Sacerdotes, & nenhum homem secular podia comer delles licitamente, como os deo a David hum Sacerdote taõ zeloso como Achimelech, & como os tomou para seus soldados hum Rey taõ Santo como David?

157 Não temos menor interprete ao lugar, que o Summo Pontifice Christo; Author, & Expositor de sua mesma Ley. Approva Christo esta acção de David no capitulo segundo de S. Marcos, & diz assim: *Nunquam legistis, quid fecerit David, quando necessitatem habuit? Quomodo introivit in domum Dei, & panes propositionis manducavit, quos non licebat manducare nisi Sacerdotibus, & dedit eis, qui cum eo erant?* Nunca lestes o que fez David, quando teve necessidade,

fidade, como entrou no templo de Deos, como tomou os paens, que não era licito comer fenaõ aos Sacerdotes, & os deo a seus soldados? De maneira que a total razaõ, porque approva Christo entrar David no templo, & tomar o paõ dos Sacerdotes, he porque o fez o Rey, *quando necessitatem habuit*, quando teve necessidade; porque quando estaõ em necessidade os Reys, he bem que os bens Ecclesiasticos os soccorraõ, & que tirem os Sacerdotes o paõ da boca para o sustentarem a elle, & a seus soldados. Assim declara Christo que precede o direito natural ao positivo, & que pôde ser licito pelas circumstancias do tempo, o que pelas Leys, & Canones he prohibido.

158 E verdadeiramente que quando a nenhum Rey devêraõ os Ecclesiasticos esta correspondencia; os Reys de Portugal a mereciaõ; porque se attentamente se lerem as nossas Chronicas, apenas

se achará Templo, ou Mosteiro em todo Portugal, que os Reys Portuguezes com seu piedoso zelo ou não fundassem totalmente, ou não dotassem de grossas rendas, ou não enriquecesssem com preciosissimas dadivas. Impossivel cousa fora determe em materia taõ larga, & inutil, & taõ sabida. Concorraõ pois as Igrejas a soccorrer a seus Fundadores, a sustentar a quem as enriqueceo, & a offerecer parte de suas rendas às maõs, de cuja realza recebêraõ todas. Mais he isto justiça, que liberalidade; mais he obrigaçaõ, que benevolencia; mais he restituçaõ, que dadiva:

159 Tirou El-Rey Ezechias do templo, para se soccorrer em huma guerra, os thesouros sagrados, & as mesmas laminas de ouro, com que estavaõ chapadas as portas; & justificaõ muito esta resoluçaõ assim o Texto, como os Doutores, por tres razoões. De necessidade em respeito

peito do Reyno ; de conveniencia em respeito do templo ; de obrigação em respeito do Rey. Por razão de necessidade em respeito do Reyno ; (diz o Cardeal Caietano) porque quando o Reyno tinha chegado a termos, que se não podia conservar, nem defender de outra maneira, justo era que em falta dos thesouros profanos substituhissem os sagrados, & que se empenhassem, & vendessem as joyas da Igreja para remir a liberdade publica. *Omni exceptione maius est exemplum hoc Ezechie, ut pro redemptione vexationis ab infidelibus liceat, exhaustis publicis thesauris, ex Ecclesie totalibus subvenire publicæ libertati Christianorum.* Por razão de conveniencia em respeito do templo ; (diz o Bispo S. Theodoreto) porque mais convinha ao templo conservar-se pobre, que não se conservar ; & he certo que na perda, ou defesa da Cidade consistia

juntamente a sua ; porque fazendo-se senhor da Cidade Senacherib, tambem arderia com a Cidade o templo. *Quando non sufficiebant thesauri Regis, mos erat in huiusmodi necessitatibus sacros etiam thesauros consumere ; necessitas autem effecit, ut etiam conflaret portas æneas, ne si bello superior fuisset Senacherib, & urbem, & templum incenderet.* Finalmente por razão de obrigação em respeito do mesmo Rey ; porque, como nota o Texto, *Confregit Ezechias valvas templi, & laminas auri, quas ipse affixerat.*

160 As laminas de ouro, que Ezechias arrancou das portas do templo, elle mesmo as tinha dado ; & era justa correspondencia, que em tal occasião as portas se despissem de suas joyas, & restituhissem generosamente o seu ouro a hum Rey, que com tanta liberalidade as enriquecêra. Os templos são armazens das necessidades, & os Reys, que

offere-

offerecem votos, depofitaõ soccorros. Quando David se vio no deferto defarmado, & perseguido, nenhum soccorro achou fenaõ a espada do Gigante, que confagrara a Deos no templo; que as dadas, que dedicaraõ aos templos os Reys vitoriosos, bem he que as restituãõ os templos aos Reys neceffitados. Isto he o que deve fazer o estado Ecclesiastico de Portugal, & em primeiro lugar os primeiros d'elle; que por isso pagou o tributo naõ outro dos Apostolos, fenaõ S. Pedro.

S. VII.

161. **O** Estado da Nobreza tambem he izento por seus privilegios de pagar tributos: *Capita stipendio censa ignobiliora*: disse la Tertulliano; donde Jeremias falando de Jerusalem: *Principes Provinciarum facta est sub tributo*: contrapoz o tributo a nobreza; & exa-

gerou a Jerusalem senhora, para a lamentar tributaria. No passo; que nos fez o gaffo, temos tambem isto. Quando os ministros de Cesar pediraõ o tributo a S. Pedro, perguntou-lhe Christo: *Quid tibi videtur, Simon? Que vos parece, Pedro, neste caso? Reges terræ à quibus accipiunt tributum, à filiis, an ab alieno?* Os Reys da terra de quem recebem tributo, dos filhos, ou dos estranhos? *Ab alienis*. Dos estranhos; respondeo S. Pedro: *Ergo liberi sunt filii*. Logo izentos fomos nós de pagar tributos? diz Christo: Eu, porque sou Filho do Rey dos Reys; & vós, porque foyis domesticos; & criados de minha Casa; que os que tem foro, ou filiação na Casa Real, izentos; & privilegiados são de pagar tributos. *Hoc exemplum probat*; diz o doutissimo Tanero, *etiam familiares ipsius Christi à tributo liberos esse, cum & in humanâ politia non tantum filius ipse Regis, sed etiam*

Matth. 17. 24.

Ibidem.

Ibidem.

25.

Ibidem.

etiam familia ejus à tributis libera esse soleat. Isto resolveo Christo de jure. Mas de facto que resolveo? Ut autem non scandalizemus eos, vade, & da eis pro me, & te. Resolveo que sem embargo de serem privilegiados, pagassem o tributo; porque seria materia de escandalo, que quando pagavaõ todos, não pagassem elles. Pois se nos casos communs lhe parece bem a Christo, que paguem tributos os nobres, a quem izentaõ as leys; quanto mais em hum caso tão extraordinario, & maior que pôde acontecer em hum Reyno, em que se arrisca a conservação do mesmo Reyno, do mesmo Rey, & a mesma Nobreza?

162. Por duas razoes principalmente me parece que corre grande obrigação à Nobreza de Portugal de concorrerem com muita liberalidade para os subsídios, & contribuições do Reyno. A primeira razão he; porque as

commendas, & rendas da Coroa, os fidalgos deste Reyno saõ os que as lograõ, & logrãõ sempre; & he justo, que os que se sustentãõ dos bens da Coroa, não falem à mesma Coroa com seus proprios bens: *Qua de manu tua accepimus, dedimus tibi.* Não há tributo mais bem pago no Mundo, que o que pagãõ os rios ao mar. Continuamente estaõ pagando este tributo, ou em defatados crystales, ou em prata successiva: (como dizem os cultos) & vemos que para não faltarem a esta divida, se desentranhaõ as fontes, & se despenhaõ as aguas. Pois quem deo tanta pontualidade a hum elemento bruto? Porque se despendem com tanto primor humas aguas irracionaes? Porque? Porque he justo, que tornem ao mar aguas, que do mar fahiraõ. Não he o pensamento de quem cuidais, senãõ de Salamaõ. *Ad locum, unde exeunt, flumina revertuntur.* Tornaõ

Ibidem
26.

Ec.

7.

os

os rios perpetuamente ao mar ; (& em tempos tempestuosos com mais pressa, & muito tributo) porque mais, ou menos grossas, do mar recebem todos suas correntes. Que injustiça fora da natureza, & que escandalo do universo, se crescendo caudalosos os rios, & fazendo-se alguns navegaveis com a liberalidade do mar, repreczaraõ avarentos suas aguas, & lhe negaraõ o devido tributo? Tal seria, se a Nobreza faltasse à Coroa com o ouro, que della recebe. E he muito de advertir aqui huma liçaõ, que a terra nos dà, se já não for reprehensaõ, com seu exemplo. A agua, que recebe a terra, he salgada, a que torna ao mar he doce. O que recebe em ondas amargosas, restitue-o em doces tributos. Assim havia de ser, senhores, mas não sei se acontece pelo contrario. A todos he cousa muito doce o receber ; mas tanto que se falla em dar, grandes

amarguras ! Pois consideremos a razaõ, & pareceremos-ha imitavello exemplo. A razaõ porque as aguas amargosas do mar se convertem em tributos doces, he porque a terra, por onde passaõ, recebe o sal em si. *Vos estis sal terra* : Portuguezes, estranhe-se na terra o sal ; entenda-se, que o que se dà, he o sal, & conservaçaõ da terra ; & logo seraõ os tributos doces, ainda que que pareçaõ amargosas as aguas.

163 A segunda razaõ, porque a Nobreza de Portugal deve servir com sua fazenda a El-Rey nosso Senhor, que Deos guarde, mais que nenhuma outra Nobreza a outro Rey, he porque ella o fez. Já que a fidalguia de Portugal sahio com a gloria de levantar o Rey, não deve queerer, que a leve outrem de o conservar, & sustentar no Reyno. Fazer, & não conservar, he insufficiencia de causas segundas inferiores : os effeitos das causas

causas primeiras dependem dellas *in fieri*, & *conseruari*. He verdade, que muitas vezes tem maiores difficuldades o conseruar, que o fazer; mas quem se gloria da feitura, não deve recusar o peso da conseruação. Peccou Adam, decretou o Eterno Padre, que não havia de aceitar menor satisfação, que o sangue de seu Unigenito Filho. Notificou-se este decreto ao Verbo, (digamo-lo assim) & que vos parece, que responderia? *Ego feci*, *Ego feram*: Eu o fiz, Eu o sustentarei, diz por Isaias. A razaõ, com que o Filho de Deos se animou à conseruação tão difficullosa, & tão penosa de Adam, foi com se lembrar, que elle o fizera: *Ego feci*, *Ego feram*. Para se persuadir a ser Redemptor, lembrou-se que fora Creador; & para conseruar a Adam com todo o sangue, lembrou-se que o fizera com huma palavra. Nobreza de Portugal, já fizestes ao Rey, conser-

uallo agora, he o que resta, ainda que custe: *Ego feci*, *ego feram*. Muito foi fazer hum Rey com huma palavra; mas conseruallo com todo o sangue das veas será a coroa de tão grande façanha. Sangue, & vidas he o que peço; que a tão illustres, & generosos animos petição fora injuriosa fallar em fazenda.

§. VIII.

164. **R**esta que obrigação absoluta de pagar tributos sô o terceiro estado a tenha. E assim o diz o nosso passo, que como atêgora nos acompanhou, ainda aqui nos não falta. Da boca do peixe tirou S. Pedro a moeda para o tributo; mas perguntará algum curioso, que peixe era este, ou como se chamava? Poucos dias ha que eu me não atrevera a satisfazer à duvida; mas fui-a achar decidida em hum Author estrangeiro de nossa Companhia,

pânha chamado Adamus Conthzem, pôde fer que seja mais conhecido dos Politicos, que dos Escriturarios; mas em huma, & outra cousa he muito douto. Diz este Author, fallando do nosso peixe: *Piscis est apud Plinium, qui Faber dicitur, & piscis Sancti Petri Christianis*: Que he este hum peixe, a que hoje os Christaõs chamaõ peixe de S. Pedro; & Plinio na sua historia natural lhe chama: *Faber*. Notavel cousa: *Faber* quer dizer o official. Deforte que ainda no mar, quando se ha de pagar hum tributo, não o pagaõ os outros peixes, senão o peixe Official. Não pagou o tributo hum peixe fidalgo, senão hum peixe mechnico. Não o pagou hum peixe, que se chamasse Rey, ou Delfim, ou outro nome menor de nobreza, senão hum peixe, que se chamava Official: *Faber*. Sobre os officiaes, sobre os que menos podem, cahem de ordinario os tri-

butos; não sei se por ley, se por infelicidade; & melhor he não saber porque. 166 Seguia-se agora, segundo a ordem, que levamos, exhortar o Povo aos tributos; mas não cometerei eu taõ grande crime. Pedir perdaõ aos que chamei Povo, isso sim. Em Lisboa não ha Povo. Em Lisboa não ha mais que dous Estados, Ecclesiasticos, & Nobreza. Vassallos, que com tanta liberalidade despendem o que tem, & ainda o que não tem, por seu Rey, não são Povo. Vai louvando o Esposo Divino as perfeçoens da Igreja em figura da Esposa, & admirando o ar, garbo, & bizzarria, com que punha os pés no chaõ, chama-lhe filha de Principe: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis*: Não ha duvida, que no corpo politico de qualquer Monarchia, os pés, como parte inferior, significão o Povo. Pois se o Esposo louva o Povo da Menar-

Caat. 7.
1.

chia da Igreja, com que pensamento, ou com que energia lhe chama neste louvor filha de Principe: *Filia Principis*? A versãõ Hebraea o declarou ajustadamente. *Filia Principis, idest, filia populi sponte offerentis*. Onde a Vulgata diz, Filha de Principe, tem a raiz Hebraea, Filha do Povo, que offerece voluntaria, & liberalmente. E o Povo que offerece com vontade, & liberalidade, não he Povo, he Principe: *Filia populi sponte offerentis: Filia Principis*. Bem dizia eu logo, que em Lisboa não ha tres Estados, senão dous, Ecclesiastico, & Nobreza. E se quizermos dizer que ha tres, não são, Ecclesiastico, Nobreza, & Povo, senão, Ecclesiastico, Nobreza, & Principes. E a Principes quem os ha de exhortar em materia de liberalidade?

167 Sò digo por conelusão, & em nome da Patria o encareço muito a todos, que ninguem repare em dar com generoso

animo tudo o que se pedir (que não será mais do necessario) ainda que para isso se desfaça a fazenda, a casa, o estado, & as mesmas pessoas; porque se pelo outro caminho deixarem de ser o que são, por este tornarão a ser o que eraõ: *Vos estis sal terræ*. A agua deixãdo de ser agua, faz-se sal, & o sal desfazendo-se do que he, torna a ser agua. Neste circulo perfeito consiste a nossa conservaçoã, & restauraçãõ. Deixem todos de ser o que eraõ, para se fazerem o que devem; desfazãdo-se todos como devem, tornarão a ser o que eraõ. Este he em summa o espirito das nossas quatro palavras: *Vos, estis, sal, terræ*.

§. IX.

168 **T**emos acabado o Sermão. E Santo Antonio? Parece que nos esquecemos d'elle; mas nunca falamos de outra cousa. Tudo

Tudo o que dissemos neste discurso foraõ louvores de Santo Antonio, posto que desconhecidos, por hirem com o nome mudado. Chamámos-lhe propriedades do sal, & eraõ virtudes do Santo. E fenaõ, arribemos brevemente sobre ellas, & vamos-las discorrendo. Se a primeira propriedade do sal he preservar da corrupção, que espirito Apostolico houve, que mais trabalhasse por conservar incorrupta a Fé Catholica com a verdade de sua doutrina, com a pureza de seus escritos, com a efficacia de seus exemplos, & com a maravilha perpetua de seus prodigiosos milagres? Se a segunda propriedade do sal he, sobre preservativo, naõ ser defabrido, que Santo mais affavel, que Santo mais benigno, que Santo mais familiar, que Santo emfim que tenha huns braços taõ amorosos, que por se ver nelles Deos, desceo do Ceo à terra, naõ para lu-

tar como Jacob, mas para se regalar docemente? Se a terceira propriedade do sal Apostolico era naõ ser de huma, fenaõ de toda a terra; quem no Mundo mais sal da terra, que Santo Antonio? De Lisboa deixando a Patria, para Coimbra, de Portugal, com desejo de martyrio, para Marrocos, da arribada de Marrocos para Hespanha, de Hespanha para Italia, de Italia para França, de França para Veneza, de Veneza outra vez a França, outra a Italia, com repetidas jornadas: com os pés andou a Europa, & com os desejos a Africa, & fenaõ levou os rayos de sua doutrina a mais partes do Mundo, foi porque ainda as naõ tinhaõ descuberto os Portuguezes.

169 Se a quarta propriedade do sal foi ser sujeito das transformaçoes dos elementos, em que Santo se viraõ tantas metamorfoses, como em S. Antonio, transformando-se

do-se do que era, para ser o que mais convinha? De Fernando se mudou em Antonio, de secular em Ecclesiastico, de Clerigo em Religioso, & ainda de hum Habito em outro Habito, para maior gloria de Deos tudo, sendo o primeiro, em quem foi credito a mudança, & a inconstancia virtude. Finalmente se a ultima propriedade do sal he confe-guir o seu fim desfazendo-se: quem mais bizar-

ra, & animosamente, que Santo Antonio, se tyrannizou a si mesmo, desfazendo-se com penitencias, com jejuns, com asperezas, com estudos, com caminhos, com trabalhos padecidos constante, & fervorosamente por Deos, até que em trinta & seis annos de idade (sendo robusto por natureza) deixou de ser temporalmente ao corpo, para ser por toda a eternidade à alma, aonde vive, & vivirá sem fim?



SERMAM

DAS QUARENTA

H O R A S,

Em Lisboa, na Igreja de S. ROQUE.

Anno de 1642.

*Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera
matris meae, ut inueniam te foris, & deosculer
te, & jam me nemo despiciat?* Cant. 8.

S. I.

170



QUE occultos são os mysterios da Escri-
tura Divina: & que gran-
de Doutor he o tempo!
Naõ ha melhor interprete
das profecias, que o suc-
cesso das cousas profetiza-
das: nem ha discurso mais

certo para alcançar o que
se naõ entende, que o
discurso dos annos. As pa-
lavras, que propuz, são
dos famosos Canticos de
Salamaõ, em que nenhu-
ma ha, que naõ esteja pre-
nhe de grandes mysterios.
Todos os Santos Padres,
& Doutores Sagrados as
entendem conformemen-
te de Christo Redemptor

Tom. II.

K ij nosso,

nosso, & de sua Esposa a Igreja; mas em diferentes sentidos. Santo Ambrosio, Santo Athanasio, & S. Gregorio Papa reconhecem nellas o mysterio altissimo da Encarnação do Verbo, na qual o Filho de Deos, vestindo-se da natureza humana, apparentou comnosco, & se fez irmão nosso: *Quis mihi det te fratrem meum?* S. João Chrysostomo depois de encarnado o mesmo Senhor, o reconhece já nascido, & aos peitos virginaes de sua Santissima Mãe: (sua, & nossa) *Sugentem ubera matris meae.* Theodoreto, Aponio, & Ruperto não com menos propriedade das mesmas palavras, depois de encarnado, & nascido, o adorárao no altar Sacramentado, para alimento suavissimo das almas, pelas mesmas portas do sentido do gosto: *Et deosculer te.*

171 Aqui parárao, & não disseraõ mais os Expositores antigos; sendo sem duvida que se alcan-

çaraõ a viver na nossa idade, descobririaõ com a experiencia, & com a vista, o que nós estamos vendo neste grande theatro. Não sò desejava a Esposa, (quando ainda não tinha outro ser que o profetico, & figurativo) não sò desejava a Igreja entaõ ver a seu Esposo Christo Sacramentado; mas a respeito da sua presença Sacramental, como causa, considerava nella tres effeitos particulares, taõ maravilhosos, como novos. O primeiro, ver o mesmo Sacramento exposto, & manifestado, & que sahisse fora dos sacraos, donde está encerrado: *Ut inveniam te foris.* O segundo, que o fim de se desencerrar, & apparecer em publico, fosse hum novo invento: *Inveniam*: por virtude do qual ninguem mais desprezasse a mesma Igreja: *Et jam me nemo despiciat.* O terceiro, suspirar, & desejar ardentemente que acabasse já de vir ao Mundo o Author desta grande obra,

Cant. 8.
1.

obra, & duvidar quem se-
ria: *Quis mihi det?*

172 Este he o funda-
mento, & este assim divi-
dido, será o argumento do
que pertendo dizer. Para
prova, & evidencia de tan-
tas cousas juntas, & tão
maravilhosas, nem da par-
te do Prégador eraõ ne-
cessarios discursos, nem
da parte dos ouvintes en-
tendimento: os olhos, & a
memoria bastavaõ. Lem-
bre-se a memoria do que
foi, & do que vio no tem-
po passado: abraõ-se os
olhos ao que he, & ao que
vém no presente; & esta
sõ lembrança, & esta sõ
vista bastará para que co-
nheçamos, & demos gra-
ças a Deos pela differença
taõ notavel de tempo a
tempo. Agora me pudéra
eu descer do pulpito, &
sõ com esta advertência
deixar à memoria, & aos
olhos a consonancia, &
disonancia de tudo o que
melhor se pôde conside-
rar, que dizer.

173 A Filosofia da
consonancia, & disonan-

cia ainda em huma sõ pa-
lavra, ou syllaba, he tão
admiravel, como pouco
advertida. Sendo a conso-
nancia concordia do som,
& a dissonancia discordia;
& sendo o som hum mo-
vimento successivo, que
perde humas partes, quan-
do acquire outras; he cer-
to que quando a parte,
que soa, & existe no ou-
vido, se ouve, a parte, que
passou já não se ouve;
porque já não existe, nem
soa: como pôde logo ser,
que do que se ouve, & do
que se não ouve, se forme
a consonancia, ou disso-
nancia? O como, ou modo
natural desta Filosofia, he,
que a parte do som, que
passou, ainda que já não
soa, nem existe no ouvido,
existe porém, & persevera
na memoria; & da parte
do som passado, que per-
severa na memoria, junta
com a parte do som pre-
sente, que continua no
ouvido, resulta entre o
ouvido; & a memoria a
consonancia, ou dissonan-
cia das vozés. Troque-

mos agora os sentidos, & do ouvir passemos ao ver, & entre os olhos, & a memoria veremos no nosso caso a mesma maravilha. Ponha-se neste feroso theatro a memoria de frente da vista, & a vista de frente da memoria: & na contraposição destes dous espelhos se verá a consonancia maravilhosa do thema, isto he, da profecia com o profetizado: & a dissonancia ainda mais admirável dos tempos, isto he, do passado com o presente. O passado tão descomposto, o presente tão modesto: o passado tão disforme, o presente tão reformado: o passado tão abominavel, o presente tão louvavel: o passado tão gentilico, o presente tão christão: o passado tão impio, & o presente tão santo.

174 Assim que a memoria, & a vista me desobrigavaõ de quanto posso dizer. Mas porque a sensibilidade fraca da nossa natureza não percebe

os discursos, & consequencias do silencio, nem os encarecimentos mudos da admiração, que he a mais eloquente Rhetorica; sendo forçoso que eu haja de fallar; para que diga alguma cousa digna do que a memoria admira: na vista, & do que a vista quasi não pôde crer à memoria; recorramos à Fonte, & à Mãe da graça; para que com ella nos assistaõ. AVE MARIA.

§. II.

Quis mihi det?

175 Assim como na entrada do Templo de Salamaõ estava edificado hum Portico do mesmo nome, lugar tambem sagrado, ao qual primeiro se entrava, & delle, & por elle ao Templo: ou (para que usemos de melhor, & mais alto exemplo) assim como no Sacrosanto sacrificio do Corpo de Christo, antes de o Sacerdote subir ao altar,

altar, pára primeiro na entrada, & considera aonde ha de entrar, com as palavras de David: *Introibo ad altare Dei*; & com profunda inclinação, batendo nos peitos, confessa a propria indignidade para taõ soberanos mysterios; & este rito, & sagrada cerimonia se chama o Introito da Missa: assim antes de entrar no santo tempo da Quaresma, que he o templo da Penitencia, & o sacrificio, em que não só se representa o da nossa redempção, mas nós tambem sacrificamos os nossos corpos ao jejum, & às outras mortificaçoens, & penalidades dos sentidos: assim, digo, ordenou a Igreja antigamente, para que esta entrada não fosse subita, & sem a devida preparação, que nos dias antecedentes aos quarenta seguintes, os altares se vestissem de luto; no canto Ecclesiastico cessassem as alleluias, & tudò quanto se visse, & ouvisse nos Officios Divinos, fossem

os pregoens, & ensayos da mesma Quaresma, os quaes como taõ religiosos, & pios, se chamavaõ o Introito, ou Entrada santa: *Sanctus Introitus.*

176 Durou esta observancia, & costume verdadeiramente christaõ, por muitos annos, em que florescia a Igreja; mas emfim prevalecêraõ contra elle, & contra ella os abusos, & profanidades gentlicas com tal excesso, que as intemperanças dos jogos furiosos de Bacho, chamados por isso *Bacchanalia*, se passáraõ para estes mesmos dias; & porque Luso filho do mesmo Bacho foi o que deo o nome à nossa Lusitania, nella, como peste hereditaria, não lançaõ menores raizes. Chegou a tanto o desprezo da mesma Christandade entre os Christaõs nestes dias, qual S. Pedro Chryfologo Arcebispo de Ravenna o descreve dos gentios de sua Diecesi no primeiro dia do anno. Diz que inventou o
demo-

demonio aquelles, que elle chama portentos de impiedade, & doudice : & a que fim? Ouçamos as palavras do mesmo Santo, que parece fallavaõ de nós, & comnosco. *Ut ridiculum de religione componeret, ut in sacrilegium verteret sanctitatem, ut de honore Dei Deo pararet injuriam.* Tudo o que a Igreja tinha instituido nestes dias, era religião, era santidade, era honra de Deos. E estava taõ trocado, & profanado rudo; que o que era honra de Deos, se tinha convertido em injurias do mesmo Deos: *Ut de honore Dei Deo pararet injuriam*: o que era santidade, se tinha transformado em sacrilegios: *ut in sacrilegium verteret sanctitatem*: & do que era religião, se tinha composto o ridiculo: *ut ridiculum de religione componeret.* E que ridiculo foi este, composto do que era religião? Foi o nome, que todos sabemos; mas não sei se reparavamos na composição

delle. Estes dias pelas obras religiosas, & pias, com que nelles se preparavaõ os Christaõs para entrar no tempo santo da Quaresma, chamavaõ-se, como dissemos, *Sanctus Introitus*: & os mesmos Christaõs depravados, por desprezo, & por materia de riso, tinhaõ composto do mesmo nome outro taõ ridiculo, que em lugar de lhe chamarem, *Sanctus Introitus*, lhe chamavaõ, *Santo Entrudo.* Naõ me atrevéra a nomear deste lugar tal indecencia, senaõ fora tanto do nosso caso, & do que logo hei-de dizer sobre ella.

177 E que faria a Igreja Catholica assim desprezada, & afrontada no meyo de tantos escandalos, taõ continuos, taõ publicos, & taõ alheyo da modestia, composição, temperança, & sobriedade Christã? Chorava, gemia, & suspirava pelo remedio: *Quis mihi det?* mas não havia quem lho desse. Passavaõ huns Pontifices, & outros

& outros Pontifices, & desprezavaõ-se suas censuras: passavaõ huns Reys, & outros Reys, & defobedeciaõ-se seus decretos: nasciaõ, & cresciaõ humas, & outras Religioens, & seus Santissimos Patriarchas, & posto que todos prégavaõ com celestial espirito, & zelo contra estas impiedades; ellas naõ sãõ naõ admittiaõ cura, mas como convertidas em natureza, se reputavaõ incuraveis. Porẽm como a Providencia Divina para maior ostentação de sua Omnipotencia se preza de obrar as cousas maiores por meyo dos instrumentos mais pequenos; assim como para derrubar o Gigante Filisteo escolheo entre os filhos de Jesse o ultimo, & de menor idade, que foi David, o qual armado sãõ do nome do Deos de Israel, como elle mesmo lhe disse, lhẽ cortou a cabeça, & a levou em triunfo: assim entre todas as sagradas Religioens escolheo Deos a de

menoridade, & ainda menor que menor, a minima Companhia de JESU, para em virtude do mesmo Nome Santissimo derubar, degollar, & triunfar deste monstro composto de todos os vicios, taõ abominavel em si, como na composiçaõ, ou decomposiçaõ de seu nome.

178 Começou a Christandade a dar-se o parabem deste novo, & admiravel invento; mas sofrendo mal a emulaçãõ que fosse authora, & inventora d'elle huma Religiãõ taõ nova; houve quem calumniassẽ satyricamente esta mesma solemnidade das Quarenta Horas, dizendo com mordacidade discreta, senãõ fora impia, que os Padres da Companhia, porque naõ tinhaõ Santos, a quem festejar, festejavaõ o *Santo Entrudo*. Verdadeiramente, Senhor, que a constellaçãõ, com que nascestes Sacramento neste Mundo, foi de que nunca vos houvessem de faltar traidores.

Sacra-

Sacramentou-se Christo na mesma noite, em que

1. Cor. o estavaõ entregando : *In*
11. 23. *qua nocte tradebatur* : & sacramentou-se com profecia de que o haviaõ de entregar :

Ibidem *Quod pro vobis tradetur* :

24.

Quanto à primeira parte da calunnia, já a Companhia por mercè de Deos tem Santos, a que tambem festeja : já os seus altares estaõ bastantemente authorizados de Santos Confessores, & os seus Martyres são tantos, que não cabem nos altares. E quanto ao ridiculo da segunda parte, *Ut ridiculum de Religione componeret* : saiba o juízo, onde se forjou esta mal limada agudeza, que quando a Companhia não viera ao Mundo mais que para lhe dar esta volta, seria bem empregado o seu Instituto : & quando o espirito, & zelo de que Deos por sua bondade a dotou, não tivera obrado outra cousa grande ; bastava este sô milagre, que estamos vendo, para a canonizar por

santa. Mas antes que passemos a esta demonstração, que será a coroa do nosso discurso, figamos por sua mesma ordem as palavras do thema.

§. III.

179 **J**A vimos quem foi o inventor, *Quis mihi det* ? Segue-se agora a traça, o artificio, & a efficacia do invento : *Ut inveniam*. O invento foi, diz a mesma Igreja, que o mesmo Christo Sacramentado, que nestes dias tinha razão para se ausentar de nós, apparecesse em publico, & defencerrado do interior dos sacraríos, onde estava occulto, sahisse fóra : *Ut inveniam te foris*. Diremos logo que porque o Mundo nestes dias andava tão fóra de si, quiz tambem o Senhor do mesmo Mundo sair fóra ? Sim, & não foi esta a vez primeira. Ouçamos ao grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio sobre o *foris* do nosso thema.

abr. ma. *Fortis factus est, qui erat*
 Inft. *intus*: O Filho de Deos,
 1. que estava dentro, sahio
 fõra. E onde estava den-
 tro, & quando sahio fõra?
 O mesmo Santo. *Vide illum*
intus, quando legis, quod in
sinu est Patris: agnosce il-
lum foris, quando nos quæsi-
vit, ut redimat: Estava o
 Verbo Divino dentro,
 quando estava occulto no
 Sacratio do Seyo do Pa-
 dre: *Unigenitus, qui est in*
sinu Patris: E sahio fõra,
 quando vestido de nossa
 carne para nos salvar, nos
 veyo buscar ao Mundo:
Exiivi à Patre, & veni in
 8. *Mundum*. Vai por diante
 o mesmo Ambrosio. *Foris*
sibi factus est, ut mihi intus
eset: Sahio fõra de si, para
 estar dentro em mim.

180. O fim das sa-
 hidas foraõ, & saõ as en-
 tradas. Já fõra; & já den-
 tro o mesmo Christo;
 mas com effeitos sempre
 mais maravilhosos, ou
 encarnado, ou commun-
 gado, ou defencerrado, &
 exposto: Encarnado sahe
 de si para entrar em nós:

Foris sibi factus est, ut mihi
intus eset: commungado
 sahe de si, para que nós
 entremos nelle: *In me ma-*
 57. *net, & ego in illo*: & defen-
 cerrado, & exposto, sahe
 a nós, para que nós en-
 trassemos em nós: *Ut in-*
veniam te foris, & jam me
nemo despiciat. Recorra-
 mos à memoria, & ella nos
 dirá quam fõra de Deos,
 & quam fõra de si anda-
 vaõ os homens nestes dias.
 Andavaõ taõ fõra de
 Deos, que naõ pareciaõ
 Christaõs: & andavaõ taõ
 fõra de si, que naõ pare-
 ciaõ homens. Pois para
 que tornem em si os que
 esquecidos da humanida-
 de andavaõ taõ fõra de si:
 & para que se tornem a
 Deos, os que taõ esqueci-
 dos da Christandade anda-
 vaõ taõ fõra de Deos; saya
 Deos tambem, & appareça
 fora: *Ut inveniam te foris*.

181 Nasce Christo em
 Belem, & naõ dentro, se-
 naõ fõra da mesma Cida-
 de: *Non erat ei locus in di-*
 2. *versorio*. Mas porque ra-
 7. zaõ em Belem, & naõ den-
 tro,

tro, senão fora? Para intelligencia do que hei de responder, he necessario suppor duas cousas, huma, que sabem todos os doutos, outra, que poucos tem advertido. A primeira he, que Christo Senhor nosso tem dous corpos, hum natural, outro mystico, & ambos verdadeiros. O natural he o que nasceo no Presépio, & morreo na Cruz: o mystico he a congregação universal de todos os Fieis, por outro nome a Igreja, cuja cabeça he o mesmo Christo, & os Fieis somos os membros. Esta supposição he de Fé expressa em muitos lugares de S. Paulo: *Vos autem estis corpus Christi, & membra de membro* Em outro lugar: *Quia membra sumus corporis ejus, &c.* A segunda cousa tambem certa, & de poucos advertida, he, que o corpo natural de Christo foi figura de seu corpo mystico; de tal sorte, que as acçoens de sua vida eraõ profecias dos

1. Cor
12. 27.

Ephes.
15. 30.

sucessos futuros da sua Igreja.

182 As acçoens de Christo Senhor nosso no tempo, em que viveo neste Mundo, demonstra-vaõ sòmente o que eraõ, & o que obra-vaõ: mas para os tempos futuros da sua Igreja, em que entraõ os nossos, significavaõ o que entãõ havia de ser, & o que o mesmo Senhor havia de obrar nella. Assim se colhe de outro Texto do mesmo S. Paulo, no qual diz, que a idade do corpo mystico de Christo, que he a Igreja, se ha de medir pela idade do corpo natural do mesmo Christo, & que nella ha de ter o seu complemento. Isso querem dizer aquellas palavras: *In mensuram ætatis plenitudinis Christi.* E neste sentido as declarou literalmente o Eminentissimo Cardeal Guzano, Author naõ sò sapientissimo, mas extatico, em tratado particular desta materia, escrito ha perto de trezentos annos. Isto supposto, tor-
ne

ne agora a nossa queſtaõ. Chriſto nafceo em Belem, & não dentro, ſenaõ fóra da Cidade: & ſe elle como Senhor de tudo nafceo onde quiz, & como quiz; porque razaõ em Belem, & porque razaõ não dentro, ſenaõ fóra?

183 Quanto à primeira parte, Santo Agostinho, S. Gregorio Papa, S. Bernardo, & todos os Santos. commummente, dizem, que quiz o Senhor nacer em Belem, porque Belem quer dizer, *Domus panis*, Casa de pão: em profecia, que debaixo de especies de pão havia de tornar a nacer outra vez, como nafceo, no ultimo dia de ſua vida, & nafce todos os dias por virtude das palavras da confagração no Santissimo Sacramento do altar. Este foi o myſterio de nacer em Belem: E o myſterio de nacer não dentro, ſenaõ fóra da meſma caſa de pão, era profecia tambem, que viria tempo, em que debaixo das meſmas especies

lhe ſeria neceſſario ſair fóra, como defejava a Eſpoſa: *Et inveniam te foris*: a fim, como ella tambem diz, porque ſaindo aſſim em publico, confe-guiria a preſença de Sua Mageſtade o reſpeito, que os homens tinhaõ perdido à ſua Igreja: *Et jam me nemo deſpiciat.*

184 Digaõ agora os olhos, & a memoria, ſe he iſto o que vimos, & o que vemos. Mas porque ainda viſto parece fabula, vejamos em hum eſpelho tambem fabuloſo a cauſa de taõ eſtranha mudança. Naquelle grande tempeſtade, em que ſegunda vez ſe vio perdida Troya, & tambem perdida Roma, antes de o ſer, (porquenas ruinas de huma nau-fragavaõ os fundamentos da outra) introduz o Principe dos Poetas Latinos ao deos Neptuno, que ſahira em peſſoa a pôr em paz a tormenta; & para representar, que o meſmo foi apparecer o Deos ſobre as ondas, que parar ſubi-

fubitamente a furia dos ventos discordes, traz esta comparaçãõ.

Æneid. *Ac veluti magno in populo*
1. *cum saepe coorta est*

Seditio, sævitque animis
ignobile vulgus;

Jamque faces, & saxa vol-
lant; furor arma mi-
nistrat:

Tum pietate gravem, ac
meritis si forte virum
quem

Conspexere, silent, arre-
ctisque auribus adstant.

185 Vistes o que cada dia acontece nos povos, & Cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos huma briga, ou arruido fubito, que na campanha se pudéra chamar batalha? todos puxaõ pelas armas, & saõ armas tudo o que de mais perto se offerece às maõs: chovem os golpes, voaõ as pedras: huns ferem, outros cahem, todos correm, & acodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa: huns incitados do odio, & da ira; outros sem ira, nem odio,

tudo he grita, tudo desordem, tudo confusaõ. No meyo porèm deste tumulto popular, se apparece huma personagem de grande authoridade, & respeito, no mesmo ponto abatem todos as armas, embainhaõ as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga, & naõ ha quem se mova. Tal aconteceo naquella tempestade do mar (diz o Poeta) tanto que appareceo o Deos Neptuno: & muito melhor direi eu: Tal he o que se vio nas nossas tempestades da terra taõ furiosas, tanto que appareceo no meyo dellas o Deos verdadeiro. Que era Lisboa, que era o Mundo nestes dias, se naõ hum mar tempestuoso, & huma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, defrenava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o sifõ. E com estes quatro ventos taõ soltos, & furiosos, que ondas se naõ levantavaõ entre os homens de afrontas, & injurias mal soffridas?

186 Que naufragios não fazia a compostura, & urbanidade politica, a modestia, & a charidade Christã, & a mesma vida, sem causa nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos deste destroço a agua, o fogo, o ferro, as pedras, & tudo o que podia inventar a locura, & occorrer ao furor: emfim propriamente, & sem metáfora: *Faces, & saxa volant: furor arma ministrat?* E quem imaginára que toda esta tempestade a havia de serenar huma nuvem, da qual mais naturalmente se podiaõ esperar, ou temer rayos? Mas assim a serenou com o silencio, & attençaõ que vemos: *Silent, arrectisque auribus adstant.* Porque naquella nuvem branca appareceo sem apparecer o Senhor do mar, & dos ventos: *Qualis est hic, quia venti, & mare obediunt ei?*

Tom. II.

S. IIII.

187 **J**A nestas ultimas palavras tenho feito christã a comparaçaõ fabulosa. Pela travessa do mar de Tiberiades navegava Christo com os Apostolos, quando se levantou huma tal tempestade, que elles, com serem creados no mar, se deraõ por perdidos. O Senhor no mesmo tempo dormia: *Ipsè verò dormiebat.* Esperáraõ-no a grandes vozes, dizendo: *Salva nos perimus.* E que faria, & diria aquella vigilante Providencia, que ainda quando dorme não dorme? Aos Apostolos reprehendeo-os de pouca Fé: *Modicæ fidei:* ao vento mandou-lhe que parasse: ao mar que se não bolisse: & no mesmo ponto o que era furiosa tempestade, ficou a mais soffegada bonança: *Imperavit ventis, & mari: & facta est tranquillitas magna.* Em tudo foraõ semelhantes aquelle caso, & o

Ibidem
24.

S. IIII
18

L noisso;

nosso ; porém no nosso maior a tempestade , maior o milagre , & maior a Fé. Maior a tempestade ; porque a daquelle dia levantáraõ-nã os mares , & os ventos , que sempre obedecem a seu Creador : a destes dias levantava-a o appetite , a paixãõ , & o livre alvedrio humano , cuja rebeldia sô pôde resistir a Deos , & dizer-lhe na cara , Não quero.

188 Maior o milagre , porque lá fôï necessario espertar Christo do somno , levantar-se , apparecer visivel aos dous elementos , reprehendellos , como Luc. 8. diz S. Lucas : *Incepavit* : & mandar-lhe com imperio , que se fôsségassem : *Imperavit ventis*. Porém cá sem apparecer , nem se mostrar visivel , sem fallar , sem reprehender , sem mandar , & sem acordar do somno , sendo tantos os elementos alterados , quantos saõ os homens , todos se fôsségáraõ em hum momento , & se puzeraõ na paz , que vemos.

E disse ; Sem espertar do somno ; porque o somno naõ he outra cousa , que huma doce prisãõ de todos os sentidos do corpo : & tal he o estado do corpo de Christo no Sacramento , por força do modo sacramental : (a que os Theologos chamaõ , Ubi definitivo) & posto que o Senhor alli nos está vendo sempre com os olhos da Divindade , em quanto Deos ; & com os olhos da alma , em quanto homem : os do corpo naõ sãõ lhos. vendou o nosso amor , mas lhe embargou juntamente de todos os outros sentidos o uso.

189 Finalmente fôï maior a Fé ; porque a Fé dos Apóstolos naquelle tempo era muito fraca : *Modica fidei*. Muito fraca ; porque cuidáraõ , que Christo podia menos dormindo , que acordado : muito fraca ; porque bastando a vontade do Senhor sômente para o milagre , foraõ necessarias todas aquellas açõens exteriores,

lores, & visiveis, para que elles cressem, que a obediencia dos ventos era effeito do seu imperio, & por isso lhe tornou a dizer entãõ: *Ubi est fides vestra?* Em summa, muito fraca; porque como affirma expressamente entre os Padres antigos S. Joaõ Chrysolstomo, & entre os Expositores mais graves Dionysio Carthusiano; os Apostolos naquelle tempo ainda não criaõ a Divindade de Christo. E quando os Apostolos da primeira Companhia de Jesu na tempestade de Tiberiades, que era hum lago, tiveram tão pouca Fé: a Fé dos Apostolos da segunda Companhia do mesmo Jesu (nome, que ella deve a Portugal.) foi tão grande, tão animosa, tão firme, que sendo a tempestade maior que o mar, & tão immensa, como o Mundo todo, creraõ, entenderãõ, & suppuzeraõ com evidencia, que para o mesmo Senhor a fossegar em hum momento,

não era necessario acudir, nem levantar-se, nem fallar, nem mandar, nem mostrar-se visivel, nem correr aquella cortina, que o leito da barca não tinha, mas debaixo, & cuberto della sair somente fora: *Ut inveniam te foris.*

190 Este fim, que foi o maior triunfo do Sacramento do Corpo de Christo, & se pôde dizer com razãõ, que permittio Deos esta grande tempestade só para estabelecer a Fé do mesmo Sacramento. Depois do famoso milagre da multiplicação dos paens no deserto, seguiu se immediatamente o milagre de outra tempestade, que padeceo a barca de S. Pedro, a qual o mesmo Christo fozsegou com sua presença. E porque não se pudeffe cuidar, que a consequencia destes dous milagres succederia acaço, notaõ os Evangelistas, que obrado o primeiro milagre em terra, logo o Senhor dispoz o segundo, que havia de obrar no

mar, obrigando os discipulos por força a que se embarcassem: *Et statim coegit discipulos suos ascendere navim*, diz hum Evangelista. E outro: *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam*. Notem-se as duas palavras, *coegit*, & *compulit*, que ambas significão a resistencia dos discipulos, o empenho do Mestre, & ser a viagem forçada. Qual foi logo a razão, ou o mysterio, por que ordenou o Senhor, que ao milagre de multiplicar os paens, succedesse immediatamente, *statim*, o de aplacar a tempestade? Admiravelmente o descubrio S. Marcos. *Cessavit ventus, & plus magis intra se stupebant, non enim intellexerunt de panibus*. Tanto que virão cessar a tempestade, pasmárao muito mais todos: & pasmárao, porque não tinhaõ entendido o milagre dos paens. Desorte que ordenou o Senhor, que ao milagre da multiplicação dos paens succedesse immédia-

tamente o da tempestade fozlegada com a sua presença, para que o testemunho do segundo milagre confirmasse a verdade do primeiro, & a evidencia da tempestade aplacada, que viaõ, lhês ensinasse o mysterio dos paens multiplicados, que não entenderão: *Non enim intellexerunt de panibus*. Ora vede:

191. O milagre dos paens multiplicados foi o primeiro ensayo, ou a primeira prova do Sacramento; porque assim como Christo multiplicou o pão, & com elle multiplicado sustentou tantos mil homens; assim debaixo das especies de pão havia de multiplicar o Sacramento de seu Corpo, que no mesmo Sacramento está multiplicado em todas as partes do Mundo. Tanto assim, que sobre aquelle mesmo milagre, como consta do capitulo sexto de S. Joaõ, assentou Christo toda a Fé, & doutrina do que elle ensinou, & nós cremos do Santíssimo Sacramento

eramento do altar. Sobre
 6. aquelle milagre disse: *Hic*
 9. *est panis, qui de celo descen-*
dit; sobre aquelle milagre
 disse: *Caro mea verè est ci-*
bus; sobre aquelle milagre
 disse: *Qui manducat hunc*
panem, vivet in æternum. E
 como os discipulos não en-
 tendéraõ os mysterios oc-
 eultos do paõ multiplica-
 do; por isso o Senhor
 ajuntou logo ao milagre
 do paõ multiplicado o da
 tempestade sosegada sô
 com a sua presença, para
 que a experiencia manife-
 sta do milagre, que viaõ,
 os instruisse, & confir-
 masse na Fé do que não
 entendéraõ: *Cessavit ven-*
tus, & plus magis intra se
stupebant; non enim intelle-
xerunt de panibus.

192 Mas com quem
 fallarei eu agora? Passô da
 terra ao mar, & fallo com-
 vosco, ô navegantes des-
 sas naos Septentrionaes,
 que de todos os portos do
 Norte vos achais agora no
 de Lisboa. Muitos de vós
 enganados por Calvino,
 por Beza, por Zuínglio,

Tom. II.

& pelos outros Hereges;
 negais a Fé, & verdade da
 presença de Christo no Sa-
 cramento: & que vós di-
 rei eu para vos convencer?
 Lembrai-vos do que vistes
 neste mesmo Emporio,
 & nestes mesmos dias, &
 abri os olhos ao que agora
 podeis ver. Lembrai-vos
 da tempestade, que nestes
 dias vistes em Lisboa, ma-
 ior que todas, as que ex-
 perimentastes no mar, &
 por medo da qual vos não
 atrevieis a sair em terra;
 & se algum sahia, ou tor-
 nava ferido, ou não tor-
 nava. E vendo agora a
 tempestade convertida em
 tão estupenda bonança,
 toda aquella guerra em
 paz, todo aquelle tumulto
 em silencio, todas aquellas
 doudices em siso, & toda
 aquella confusão, & per-
 turbação das ruas, & pra-
 ças em piedade, em deva-
 ção, & em culto Divino
 nas Igrejas: com a vista
 de fronte da memoria, &
 os effeitos à vista da causa,
 deste segundo, & tão evi-
 dente milagre não podeis

reis negar a Fé; & verdade do primeiro. Obrigados pois a conhecer, & confessar, a pezar da heresia, & do inferno, que dentro daquelle circulo breve, & debaixo daquelles accidentes, que parecem de paõ, está realmente presente o verdadeiro; & todo poderoso Deos; pois só a sua Omnipotencia podia obrar huma tão prodigiosa mudança; sem outro instrumento, ou meyo natural, & humano mais, que abrirem-se as portas ao sacrario, onde o Divinissimo Sacramento estava encerrado, & sair fora: *Ut inveniam te foris:*

§. V.

193 **O** Que a Igreja Catholica (deixados os Hereges) se prometia deste novo, & milagroso invento, era que ninguem depois d'elle a desprezaria: *Et jam me nemo despiciat:* & tornando a fallar comnosco, mostraremos aos olhos este mi-

lagre, & fechemos todo o discurso com huma chave, se eu me não engano, de ouro. Pregado Christo na Cruz, era tão deshumano o odio de seus inimigos, que ainda alli lhe multiplicavaõ as dores, as injurias, as afrontas, & com varias illusoens, & allusoens ao que tinha dito em vida, as blasfemias. Blasfemavaõ-no os Escribas, & Fariseos, blasfemavaõ-no os Principes dos sacerdotes, blasfemavaõ-no os soldados, que lhe jugáraõ as vestiduras, blasfemavaõ-no todos os que assistiaõ no Calvario; & até os que passavaõ de longe, lhe não perdoavaõ as blasfemias: *Prætereuntes blasphemabant eum.*

194 Espirou emfim o Senhor mais depressa do que se imaginava. Quiz-se assegurar hum soldado de que estava morto, abrindo-lhe o peito com a lança: *Unus militum lancea percutit eum, & latius aperuit.* Sahio da ferida sangue, & agua: *Exiit sanguis, & aqua:* & desde

desde o mesmo ponto se trocáraõ as coulas de sorte, que aos opprobrios succedéraõ obsequios, às afrontas honras, às injurias, & blasfemias veneraçõens naõ imaginadas. Esta foi a mudança subita, & taõ digna de reparo, que o mesmo Evangelista a notou, & quiz que todos a advertissem. Acabava de narrar o acto cruel da lançada, & logo accrescenta com ponderaçãõ enfatica: *Post hæc autem*; Porẽm depois disto. E depois disto que foi? Tudo o contrario do que dantes tinha sido. *195* Tres vezes repete S. Joãõ o *autem*, ou o porẽm da differença. *Post hæc autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathæa: Venit autem & Nicodemus, qui venerat ad Jesum nocte: erat autem in loco, ubi crucifixus est, hortus, & in horto monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.* Antès dagora õs discipulos publicos, & conhecidos fugiráõ; *Post*

hæc autem, porẽm agora õs discipulos, que eraõ ocultos, se publicáraõ, & declaráraõ descubertamente pela sua parte, & em serviço de seu Mestre, & Senhor. Atẽgora naõ havia quem se atrevesse a fallar por elle huma palavra, nem a lhe dar huma sede de agua: *Post hæc autem*; porẽm agora, *audacter*, animosamente, & sem temor entráraõ pelo Pretorio de Pilatos a demandar o Sagrado Corpõ, para lhe dar honorifica sepultura. Atẽgora tinha mandado Pilatos, que para morrer mais depressa, lhe quebrassem os ossos, como aos outros dous crucificados: *Ut frangerentur eorum crura: Post hæc autem*, porẽm agora o mesmo Pilatos naõ sõ concedeo liberalmente o que era vedado a todos os que morriaõ por justiça, mas fez doaçãõ do Corpõ defunto, como diz S. Marcos: *Donavit Corpus Joseph*; para que se lhe fizessẽ as exequias, & honras publi-

Marc.
15. 43.

Joan.
19. 31.

Marc.
15. 45.

cas, succedendo à desnudez as olandas, às feridas os balsamos, & aromas, & à pobreza, & desemparo o culto, a veneração, & a pompa funeral: *Sicut mos est Judæis sepelire.*

Joan. 19. 40. 196 Dous discipulos, ou criados fieis, Joseph, & Nicodemus, foraõ os ministros destas finezas, & nelles se representáraõ todos os estados, & nellas todas as virtudes Christãs, que vemos, & já naõ admiramos neste fermoso concurso, tudo notadõ pelos quatro Evangelistas. Concorreraõ os Principes: *Princeps Judæorum*: concorreraõ os Confe-
 Luc. 23. 51. lhos: *Hic non consenserat consilio eorum*: concorreraõ os Doutores, & Le-
 Joan. 3. 10. trados: *Tu es Magister in Israel*: concorreo a No-
 Marc. 15. 43. breza, & a Milicia: *Nobilis Decurio*: concorreraõ os naturaes; & os. estra-
 Luc. 23. 51. nhos: *Ab Arimathæa civitate Judææ*: concorreo a
 Ibidem 50. bondade, & a justiça: *Vir bonus, & justus*: concorreo
 Matth. 27. 57. a riqueza: *Quidam homo*

dives: concorreo á liberalidade, ou mais propriamente a prodigalidade: *Ferens mixturam myrrhæ, & aloes, quasi libras centum*: concorreo finalmente em tudo o affeyo, o primor, o preço, a decencia; & a novidade, naõ havendo cousa, que houvesse tido outro uso, ou servisse a outrem: a mortalha nova: *Mercatus sindonem*: & a sepultura nova: *Monumentum novum, in quo nondum quisquam positus erat.*

197 Ao nosso ponto agora. Supposto que esta mudança taõ notavel de afrontas, & desprezos de Christo em obsequios, & veneraçoes do mesmõ Christo se seguio immediatamente ao golpe da lança: *Post hæc autem*; que segredo, que mysterio, ou que effeito obrou aquella lançada, para que della resultasse huma taõ prodigiosa mudança? Por ventura foi a chaga do lado, que se abriu no peito do Senhor? Naõ foi a chaga, que se abriu; mas foi o que por ella

ella logo sahio : *Continuò exiuit sanguis, & aqua.* Ora vede. Todos os Santos Padres sem exceiçãõ alguma dizem que assim como do lado de Adam dormindo tirou Deos a costa, de que formou a Eva ; assim do lado de Christo morto sahiraõ os Sacramentos, de que formou sua Esposa a Igreja. Mas entre esses mesmos Sacramentos houve huma grande differença : porque os outros Sacramentos sahiraõ do lado de Christo simbolicamente, & sò em representaçãõ ; porèm o Santissimo Sacramento do altar sahio em realidade. O que sahio, foi sangue, & agua : & aquelle Sangue he realmente o mesmo, que adoramos no caliz ; & o caliz usual, em que Christo o consagrou, & nós o consagramos, tambem levou, & leva juntamente agua. E como aberto o lado de Christo, sahio fora o Santissimo Sacramento : *Exiuit sanguis, & aqua* ; por isso no mesmo ponto as afrontas, &

desprezos de Christo cessaraõ, & se converteraõ em obsequios, & veneraçoes, que he o que a Esposa esperava, & dizia : *Ut inveniã te foris, & jam me nemo despiciat.*

198. Notou neste caso Santo Agostinho, que não disse o Evangelista, que o soldado ferio o lado, senão que o abriu : *Non dixit ; percussit, aut vulneravit, sed aperuit.* E disse, *aperuit*, com grande mysterio, acôrdo, & advertencia, como accrescenta o mesmo Santo : *Vigilanti verbo* ; porque no sacratio do peito de Christo estava encerrado o Divinissimo Sacramento, & tanto que as portas do mesmo sacratio se abriãõ com o ferro da lança, que foi a chave : *Lancea latus ejus aperuit* ; assim como no mesmo ponto, *Continuò* ; sahio fora não em figura, senão em realidade, & em sua propria substancia o Sacramento : *Exiuit sanguis, & aqua* : assim no mesmo ponto, em que elle sahio, entrã-

entráraõ os homens em si, & se seguiraõ as maravilhas de taõ prodigiosa mudança : *Post hæc, autem.* Deste modo o tinha eu imaginado, naõ sem grande dor de naõ ter quem me confirmasse a novidade do pensamento ; quando fui achar, que ha perto de seiscentos annos o tinha escrito Ruperto Abade, o mais douto, & agudo Expositor do seu tempo, por estas expressas palavras : *De patefacto Christi latere sanguinis, & aquæ Sacramentum productum est, & exinde statim Ecclesia reformata.* Todas as palavras dizem o que eu quero dizer, o que tenho dito, & o que diz o Texto.

Rupert.
lib. 2. de
Operi-
bus Spi-
rit. S.
cap. 19.

199 Note-se muito o *Statum*, que he o *Continuõ* : o *Exinde*, que he o *Post hæc* : o *Productum*, que he o *Exiivit* : o *De patefacto latere*, que he o abrir-se o sacrario ; *Latus ejus aperuit* : o *Exiivit sanguis, & aqua*, que he o apparecer o Sacramento em suas proprias especies : *Sacra-*

mentum productum est : & sobre tudo a differença do *Post hæc autem* ; porque a Igreja, que por este soberano invento se prometia naõ ser mais desprezada como dantes : *Et jam me nemo despiciat* : assim o experimentou immediatamente : *Et exinde statim Ecclesia reformata.* A Igreja atègora nestes dias naõ sô estava disforme, mas informe : disforme, porque tinha perdido a sua termosura ; & informe, porque tinha perdido a sua propria fórma, parecendo mais gentilica, que Christã ; mas tanto que vio fora o Divinissimo Sacramento, de que, perdido tudo o mais, naõ tinha perdido a Fé, o vello fora, *Ut inveniam te foris*, foi o mesmo que entrar ella dentro em si, & ficar taõ outra, taõ mudada, taõ diferente do que pouco antes era, & taõ reformada, & transformada no que dantes tinha sido, como a vemos : *Et exinde statim Ecclesia reformata.*

§. VI.

200 **A**inda não está
esgotado o my-
sterio do sangue, & agua.
Assim como Ruperto, &
outros Doutores pela
uniaõ da agua elementar,
que se consagra no caliz
(qual foi a que sahio do
lado) suppoem nella, &
no sangue hum sò Sacra-
mento, que he o da Eu-
charistia; assim outros,
porque estes dous sagra-
dos licores sahíraõ dividi-
dos, & distintos, hum pri-
meiro, & outro depois;
na agua reconhecem o Sacra-
mento do Baptismo, &
no sangue o Santissimo do
altar. *Non casu; & sim-
pliciter hi fontes scaturiunt,
sed quoniam ex ambobus
Ecclesia constituta est: sciunt
hoc initiati, per aquam enim
regenerati, per carnem, &
sanguinem nutriti.* Não
acaõ, senaõ com altissi-
mo conselho (diz S. Joaõ
Chrysofomo) brotáraõ
do peito aberto de Chri-
sto duas fontes, huma de

agua, outra de sangue;
porque, como sabem todos
os Christaõs, pela agua,
que he a materia do Sacra-
mento do Baptismo, so-
mos todos regenerados,
& pelo sangue, que he a
do Sacramento do altar,
sustentados. O mesmo diz
S. Jeronymo, S. Cyrillo
Alexandrino, & Terrul-
liano em mais breves pa-
lavras: *Ut qui aqua se la-
vassent, etiam sanguinem
potassent.* Mas desta mes-
ma sentença taõ recebida,
resulta huma bem funda-
da duvida. Primeiro he o
Sacramento do Baptismo,
que o do altar. Assim o
acaba de dizer Terrullia-
no: assim o notou o mes-
mo S. Chrysofomo: *Nam
prius diluimur, postea my-
sterio dedicamur.* Assim o
significou a figura do Ve-
lho Testamento, porque
primeiro chovia o Ceo o
orvalho em significação
do Baptismo; & depois ca-
hia do mesmo Ceo o Man-
ná em representação do
Divino Sacramento. Logo
do mesmo modo, & pela
mesma

Tertull.
de Bapt.
cap. 16.

meſma ordem, primeiro havia de ſair do lado de Chriſto a agua, & depois o ſangue: pois porque razão ſahio primeiro o ſangue, & depois a agua: *Exiuit ſanguis, & aqua?*

201 Em outras occaſioens tem eſta duvida outras repoſtas; porẽm na occaſiãõ preſente pedia a verdade do myſterio, & a evidencia do eſfeito, que primeiro ſahiffe o Sacramento da Euchariftia no ſangue, & depois o do Baptiſmo na agua: porque? Porque o Mundo neſtes dias tinha-fe feito gentilico, ſeguindo as feſtas, ou as furias de Bacho, por iſſo chamadas, *Bacchanalia*: & como não houve outro remedio para as emendar, & destruir, ſenãõ o de ſair fõra o Santiffimo Sacramento, não fõõ representa-do, mas preſente no ſangue: *Exiuit ſanguis*; por iſſo o Baptiſmo representado na agua não podia vir, nem apparecer antes do meſmo Sacramento, ſenãõ depois: *Exiuit ſan-*

guis, & aqua. Eſta foi a conſequeſcia dõ eſfeito, & eſta a energia do meſmo Baptiſmo mais vivamente declarada em ſeus proprios termos. Como õ Mundo nas profanidades deſtes dias ſe tinha deſbaptizado, & feito gentio; & por virtude do Santiffimo Sacramento ſair fõra, ſe havia de tornar a rebaptizar, & fazer outra vez Chriſtiãõ, que he o que eſtamos vendo; claro eſtã, que o eſfeito milagroſo do Mundo convertido rebaptizado não havia de apparecer, nem ſair antes do Sacramento, ſenãõ immediatamente depois. E eſte depois, he o depois do Euangelista taõ ponderado na differença dos ſeus eſfeitos: *Poſt hac autem*.

202 Mais ainda; porque ainda falta a coroa de todo o myſterio. E ſahio do ſacrario do lado o Diviniſſimo Sacramento, não na primeira eſpecie, & ſuſtancia, que he a do corpo, & da hoſtia, ſenãõ na ſegunda, que he a do ſangue

gue, & do caliz : *Exiuit sanguis* ; porque na primeira transfundencia-se o corpo debaixo das especies de paõ , & na segunda o sangue debaixo das especies de vinho. Assim o dizemos na Missa : *Per hujus aquae ; & vini mysterium*. E como o vinho era a materia dos sacrificios profanos, & embriaguezes de Baco, pertencia a vitoria das Bacchanalias mais propria ; & mais naturalmente aquella parte do Sacramento , que se consagra debaixo da mesma materia. Por esta propriedade, & proporção tão admiravel, se eu tivera authoridade para fazer a troca ; não se havia de expor nestes dias o Santissimo Sacramento na hostia, senão no caliz. O caliz cercado de rayos, como rayo, que antes do dia da Cinza desfez em cinzas este monstro ; servindo-lhe o mesmo monstro de peanha, he o que havia de apparecer triunfante naquella throno. Funda-se a minha ra-

zaõ na semelhança da enfermidade com o remedio, & na da materia vencida com a vencedora. Assim como he proprio da Medicina natural curar contrarios com contrarios : *Contraria contrariis curantur* ; assim he gloria, & a mais heroica da Omnipotencia Divina curar semelhantes com semelhantes. Curou Deos as mordeduras das serpentes no deserto : curou o veneno universal da arvore vedada no Calvario : curou a raiz de todos os males humanos, que he a carne, & sangue no mesmo Sacramento. E com que ? Semelhantes com semelhantes. As serpentes com serpente : *Sic² Joan. 3⁷ ut Moyses exaltarit serpentem in deserto* : a arvore com arvore : *Ut qui in ligno vincebat, in ligno quoque vinceretur* : a carne, & sangue com carne, & sangue : *Caro mea verè est ci- Joan. 6⁵ bus ; & sanguis meus verè 56. est potus*. Logo não seria sô maior propriedade, senão energia, & elegancia grande

grande da mesma vitoria vista pelos olhos, se de semelhante a semelhante triunfasse hum caliz do outro: o caliz sagrado do profano; o caliz Christaõ do gentilico; o caliz da sobriedade, & continencia: *Vinum germinans virgines*: que a Fé adorna os altares do verdadeiro Deos, do caliz da intemperança, descompostura, & embriaguez, em que a gula bebia, & desbaratava o fiso nas meas de Bacho.

Zachar.
9. 17.

204. E porque não pareça, que pela vileza da palavra, embriaguezes, se desprezará Christo da vitoria, como menos decente a mysterio tão sagrado, o mesmo Senhor ao mesmo seu caliz attribue a mesma embriaguez, & não por outra palavra, ou frasi, senão a mesma. *Calix meus inebrians quam præclarus est!* O meu caliz, diz aquelle Senhor sacramentado, õ quam insigne, õ quam excellente, õ quam admiravel he! Em que? Quem se atrevera ao

Psal. m.
22. 5.

pronunciar, se o mesmo Christo o não differa? He insigne, he excellente, he admiravel, & particularmente milagroso em embriagar, & fazer dar volta ao juizo dos homens: *Calix meus inebrians.*

205. Todos os Santos Padres celebraõ os admiraveis effeitos deste Divino caliz, não com outro nome, senão o de embriaguez. S. Cypriano: *Calix Dominicus bibentes inebriat, ut sobrios faciat, & mentes ad spiritualem sapientiam dirigat.* S. Cyrillo: *Inebriati sunt sobria ebrietate, quæ peccatum mortificat, & cor vivificat.* Santo Ambrosio: *Hæc ebrietas sobrios facit, hæc ebrietas gratiæ, non temulentia est.* S. Bernardo: *Illa ebrietas vero non mera inmergitans, non madens vino, sed ardens Deo.* Querem dizer estes Santos, que a embriaguez do caliz Divino, chamando-lhe todos embriaguez, he semelhante, mas contraria à do caliz profano. A do caliz profano, de sedudos faz loucos:

loucos: a do caliz Divino, de loucos faz fefudos. A do profano, de sobrios faz intemperantes: a do Divino, de intemperantes sobrios. A do profano, de modestos furiosos: a do Divino, de furiosos modestos. A do profano, de pacificos discordes, & bellicosos: a do Divino, de discordes, & inquietos, pacificos. A do profano, de pios impios: a do Divino, de impios, espirituaes, & devotos. A do profano, de racionaes brutos: a do Divino, de feras homens. A do profano, de Catholicos Atheos: a do Divino, de gentios Christaos. A do profano, de livres, escravos do gofsto, do appetite, da paixao: a do Divino, de escravos, senhores de todas as paixoens da fua alma, & de fi mefmos. Em fim o profano he cauza de todas as profanidades, & escandalos, de que se lembra a memoria: a do Divino, de toda a piedade, religiao, & exemplo mais celestial, que da terra,

mais Angelico que humano, que estaõ vendo os olhos. Estas saõ as Divinas embriaguezes do caliz de Christo, que por isso se não afronta; mas preza muito de lhe chamar seu: *Calix meus inebrians.*

206 O que o mesmo Senhor accrescenta a estas palavras, he o que as faz não sò admiraveis, mas estupendas. *Calix meus inebrians quàm præclarus est!* Este meu caliz, cuja embriaguez causa tal mudança nos entendimentos, & juizos humanos, ô quam claro he, & mais que claro: *Quàm præclarus est!* He admiraçao do mesmo Christo sacramentado, como se differa: Sendo tanta a escuridade não de hum, nem de muitos homens, senão das Cidades inteiras, & do Mundo todo envolto, & revoltado nas trevas da ignorancia, da doudice, da confusaõ, da cegueira, do desatino, que apparecendo o meu Sacramento, como o Sol na noite mais escura, mais tempe-

tempestuosa, & mais horrenda, subitamente a esclareceffe, amanhecendo aos homens convertidos em brutos, & feras o lume da razão, he maravilha, & milagre, que a mim mesmo me causa admiração, & espanto: *Quàm praeclarus est!* Perguntaõ os Theologos, se em Christo cabe admiração. Respondo: Admiração ou he filha da ignorancia, ou do encarecimento. A da ignorancia não cabe em Christo; no qual estaõ encerrados todos os thesouros da Sabedoria, & sciencia de Deos, como diz S. Paulo: a do encarecimento sim, & tal he esta admiração. *A Domino factum est istud; & est mirabile in oculis nostris.* Se esta obra he de Deos, (argue David) como he admiravel nos nossos olhos? De nenhuma cousa se devem admirar os homens por grande, rara, & estupenda que seja, quando sabem que he obra de Deos. E que o mesmo Deos no seu Sacramento,

Psalm.
117.23.

& em si mesmo sacramentado, quando sahe fora, se admire da mudança, que faz nos homens! Sim.
207 A razão he de S. Paulo. Porque aquillo que entre os homens allumia- dos com a luz do Ceo, primeiro foi santo, & depois de santo se, perverteo, & se fez vicioso, & dissoluto, tornar outra vez a se converter, & ser santo, como dantes, por arrependimento, & emenda, he caso tão difficul- toso, tão arduo, & digno de admiração, que não duvidou o Apostolo de lhe dar nome de impossivel: *Im- possibile est enim, eos, qui se- mel sunt illuminati, gusta- verunt etiam donum cele- ste, & participes facti sunt Spiritus Sancti, & prolapsi sunt, rursus renovari ad penitentiam.* E isto he o que experimentou a Igreja ne- stes dias primeiro fataes, & depois prodigiosos em duas mudanças notaveis. No principio da sua in- stituição eraõ tão pios, espirituaes, & devotos os
Chri-

Christãos, & tão sagrados estes dias, que pôr serem a entrada daquelles quarenta, a que a mesma Igreja chama, *Dies salutis*, se chamárao elles, como vimos, o Introito Santo: *Sanctus Introitus*: mas foi tal a mudança, & descaimento deste tão santo, & perfeito estado, que imitando os mesmos Christãos as festas, & liberdades do mais livre, & infano deos dos gentios, se não distinguiaõ delles mais que no nome, conservando sô o da Fé morta nos costumes, & no abismo de taes profanidades verdadeiramente sepultada.

208 A segunda mudança foi depois de muitas centenas de annos refulscitar do profundo daquella miseria à felicidade da piedade Christã, & à consonancia deste santo nome, a que a vemos restituida. E se alguém me perguntar, qual destas duas mudanças foi mais admiravel, se a da morte, ou a da resurreição: se a

da santidade ao extremo dos vicios, ou a dos vicios à antiga virtude, & santidade: digo que na mesma morte, & na mesma resurreição temos a reposta. Assim como a morte não he digna de admiração alguma, assim o degenerar a santidade em vicios não tem que admirar; porque a propria inclinação, & peso da natureza corrupta leva o homem ao peyor, & o precipita sem parar aos abismos mais profundos de toda a maldade. E tal foi aquella primeira, & passada mudança. Porém a segunda, & presente, assim como a resurreição à natureza he impossível, & à omnipotencia hum dos maiores milagres; assim a virtude, & santidade depois de perdida, & por muitos tempos morta, & sepultada, tornar outra vez a reviver, surgir, & restituir-se à fermosura do seu primeiro, & florecente estado, he huma cousa tão difficilissima, tão ardua, & digna de

toda a admiração, & espanto, que até os gentios conheceraõ a differença de huma, & outra, quando disseraõ: *Facilis descensus Averni: Sed revocare gradum, superasque evadere ad auras, Hoc opus, hic labor est.*

209 Boa he esta razão, & a verdadeira, pela qual a mudança taõ notavel, que estamos vendo, seja admiravel aos nossos olhos: *Et est mirabile in oculis nostris.* Mas que o mesmo Christo, (torno a instar) que o mesmo Christo se admire de taes effectos no seu Sacramento, onde está encerrada toda a sua Divindade, & Omnipotencia! Sim outra vez. E para que os mesmos olhos, que se admiraõ, vejaõ a opposição de hum caliz a outro caliz, entre no theatro com o profano na maõ a mesma profanidade, brindando a todo o Mundo. Vio S. Joaõ no seu Apocalypse huma mulher taõ ornada nos vestidos, como desordenada na

vida, a qual tinha na maõ hum caliz de ouro, cheyo de todas as abominaçoens; & torpezas: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione, & immunditia.* Com este caliz convidou, & provocou a todos os habitadores da terra, a que bebessem. Beberaõ, & pela efficacia da bebida perdéraõ todos o juizo: *Et inebriati sunt, qui habitant terram, de vino prostitutionis ejus.* Chama-va-se aquella mulher, *Babylon*, *Babylonia*; & foi tal a embriaguez dos que beberaõ o seu caliz, como vérte com discreta propriedade o Texto Arabico, que todos ficáraõ *Babyloniados*: *Biberunt omnes populi, & Babyloniati sunt.* As Cidades *Babyloniadas*: & ficou *Jerusalem* huma *Babylonia*, *Roma* outra *Babylonia*, *Lisboa* outra *Babylonia*, & em cada Cidade tantas *Babylonias*, quantos eraõ os habitadores dellas, trocada toda a ordem em confusaõ, que isso quer dizer, *Baby-*

Babylonia : trôcado todo
ô juizo em infania , toda a
paz em discordia , toda a
quietaçãõ em tumulto ,
toda a urbanidade em des-
cortezia , & afrontas.

210 Emfim tudo em
toda aquella perturbaçãõ
indigna do trato não sô
Christãõ , mas humano ,
de que se lembra com hor-
ror hoje a nossa memoria.
Esta era a deplorada mis-
eria , & o estado mais que
miseravel , a que tinha re-
duzido todo o Mundo o
caliz profano da mão de
Babylonia. Se não quan-
do apparece Christo na-
quelle throno, como o vio
David com o caliz Divino
cheyo de toda a fantidade,
& pureza : *Calix in manu
Domini vini meri.* E que
succedeo no mesmo mo-
mento ? Os Anjos clamá-
raõ a vozes : *Cecidit, ceci-
dit Babylon:* Cahio , cahio
Babylonia. Duas vezes
differaõ : Cahio ; porque
cahio em dous sentidos.
Cahio Babylonia , porque
cahio vencida , prostrada,
& convertida : aos pés de

Christo : & cahio Babylo-
nia ; porque os homens
cahiraõ em si , & entrãraõ
em si taõ admirados do
que tinhaõ sido, como ad-
mirado Christo de ver o
que agora saõ , que he o
meu ponto. Ouçamos ao
mesmo Christo por boca
de Isaias. *Babylon dilecta
mea posita est mihi in mira-
culum :* Tu , ô Babylonia,
que dantes eras louca , &
agora sefuda , dantes im-
pia, agora pia, dantes pro-
fana, agora religiosa, dan-
tes gentilica , agora ver-
dadeiramente Christã ; tu
que dantes eras taõ abor-
recida de mim, & agora es
a minha amada : *Dilecta
mea :* tanto me admiro de
te ver taõ mudada , taõ
convertida, taõ outra, que
não havendo para minha
Sabedoria cousa maravi-
lhosa, tu para mim es hum
milagre : *Posita es mihi in
miraculum.*

§. VII.

211 **V**Ejamos este mi-
lagre, & acabo.

Foi Jonas prégar a Nini-
ve, & a sua pregação era:

Joan. 3. *Adhuc quadraginta dies &*
4. *Ninive subvertetur:* Daqui

a quarenta dias se ha de
soverter Ninive. Ninive
assim como era a maior de
todas as Cidades, assim
era naquelle tempo a ma-
ior de todas as Babylonias.

Reynava nella Sardana-
palo tão esfragado, ou en-
golfado em todas as in-
temperanças da gula, que
em todas as idades do
Mundo nenhum tão pro-
priamente pudéra repre-
sentar nelle a brutal, &
sordida figura do Entrudo
profano: tal era o Rey, &
tal o povo. E posto que a

Ninive material ficou em
pé, he certo, diz Santo
Agostinho, que a interior,
& moral verdadeiramente
se soverteo; porque a bru-
tal, & profana desappa-
recco, & a que se vio de

novo, toda era racional;
toda temente a Deos, &
toda tão santa, como pe-
nitente. Mas no tempo,
ou dias, em que Nivive
deo esta grande volta, ha
huma das maiores diffi-
culdades de todas as letras
sagradas; porque onde o
Texto original diz: *Ad-
huc quadraginta dies:* Da-
qui a quarenta dias; o
Texto dos Setenta Inter-
pretes, que tambem he de
Fé, & do qual usárao os
Apostolos; diz: *Adhuc
tres dies:* Daqui a tres dias:
Pois se a subversaõ, ou
conversaõ de Ninive ha-
via de ser dalli a quarenta
dias, & assim o prégoi Jo-
nas; como escrevem os In-
terpretes do mesmo Tex-
to tão dignos de Fé como
elle, que havia de ser dalli
a tres dias?

212 A razão verda-
deira desta grande difficul-
dade he, que os Setenta
Interpretes foraõ seten-
ta homens Hebreos, os
quaes por industria del-
Rey Tolomeo divididos
em outros tantos lugares,

fem

sem saberem huns dos outros, vertéaõ o Texto Hebreo em lingua Grega, ou Egypcia com tanta consonancia, que todos escrevéraõ o mesmo sem discreparem em huma sô palavra: & como isto fizeram inspirados por Deos com lume profetico, assim quiz o mesmo Deos, que em alguns lugares rarissimos concordassem tambem todos em mudar alguma palavra, na qual revelassem algum novo, & grande mysterio. E tal foi o de dizerem, tres dias, onde Jonas tinha dito quarenta. Mas agora resta saber esse mesmo mysterio quando havia de ser, quando se descubrio, & qual he. Não he outro, senão o que estamos vendo; porque o que se havia de fazer, & não fez nos quarenta dias de Jonas, se fez, & se cumprio nestes tres dias. Jejuáraõ os Nivitas, & fizeram penitencia aquelles quarenta dias; mas não conseguiraõ o fruto della, porque depois

tornáraõ a recair nos mesmos peccados, & como diz Tobias, foi sovvertida Ninive. Jejuavaõ do mesmo modo os Christaõs, & faziaõ penitencia nos quarenta dias da Quaresma, no primeiro dia dos quaes com a cinza, que se lhe lançava sobre a cabeça, parece que se lhes restituhia o siso; mas tambem sem o desejado fruto, porque no anno seguinte continuavaõ os mesmos abusos, & cada anno mais accrescentados. E o que nem huns, nem outros conseguiraõ em quarenta dias, logramos nós em tres dias. Contai as horas, que correm no espaço de quarenta dias, & achareis que são quasi quatrocentas: & o que elles não conseguiraõ em quatrocentas horas de quarenta dias, logramos nós nos tres dias das quarenta horas. Este he o grande milagre, de que até o mesmo Deos se admira: *Babylon dilecta mea posita est mihi in miraculum.*

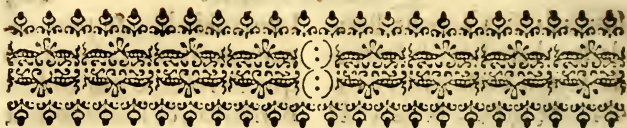
213 Que resta pois, fenaõ que demos o parabem à Igreja Catholica, & as graças ao Divinissimo Sacramento? Parabem vos seja, Igreja sempre Santa, & hoje mais Santa: parabem vos seja o verdes taõ felizmente cumpridos os vossos anciosos desejos. Desejaveis que se acabassem os vossos desprezos: *Et jam me nemo despiciat*: & os mesmos, que não ouviaõ vossas exhortaçõens, nem observavaõ os vossos preceitos como deviaõ, aqui os tendes todos neste nobilissimo, & innumeravel concurso obedientes, & rendidos com toda a veneraçãõ, & culto, que vos he devidõ. Desejaveis que houvesse alguem, que inventasse algum novo, & efficaz remedio, com que curar aquellas taõ inveteradas chagas, que tanto vos affligiaõ: *Quis mihi det*? E nesta minima Companhia, donde menos se podia esperar, & nesta Casa, donde já se vai dirivando a

outras, o achastes efficacissimo.

214 Desejaveis, que depois do mysterio da Encarnaçãõ o mesmo Deos sacramentado sahisse fora do encerramento dos seus sacrarrios: *Ut inveniam te foris*: para que entrassem em si, os que taõ fora de si andavaõ: & aqui os tendes prostrados diante da Magestade daquelle já triunfante throno, exposto o mesmo Sacramento aos obsequios dos que dantes se retirava, por não soffrer presente as suas injurias. Bemdita, & louvada seja, Senhor, a vossa Sabedoria, que ella foi a inventora de taõ soberano remedio: bemdita, & louvada seja a vossa Omnipotencia, que sãõ ella o podia facilitar: bemdita, & louvada seja a vossa Providencia, que o guardou para nossos tempos: bemdita, & louvada seja a vossa Justiça, que assim levantou o castigo, de que nós eramos os reos, & os executores: bemdita, & louva-

louuada seja a vossa Bon-	humanidade ; & para di-
dade : bemdita , & louva-	zer em huma palavra , o
da seja a vossa Misericor-	que se resume em todas :
dia : bemdita , & louuada	Bemdito , & louvado seja
seja a vossa Divindade , &	o Santissimo Sacramento.





SERMAM

DO EUANGELISTA


S. LUCAS,

Padroeiro dos Medicos. Na sua Festa.

*Curate infirmos, & dicite illis: Appropinquavit
in vos regnum Dei.*

Luc. 10.

S. I.

215  OM tres
dedos, diz
o Profeta
isaías, que
sustenta Deos todo o peso,
& machina deste Mundo:

Isai. 40. *Appendit tribus digitis mo-
lem terræ.* E abaixo destes

Glossa
ibidem. tres dedos, em que a Glos-
sa do mesmo Texto reco-
nhece as tres Pessoas Di-
vinas, não ha outros taõ
maravilhosos, como os da

maõ de S. Lucas, tambem
tres, & tres vezes admira-
veis. Foi S. Lucas Euan-
gelista, foi Pintor, foi Me-
dico. Admiravel, quando
com tres dedos tomava a
penna como Euangelista:
admiravel, quando com
tres dedos tomava o pin-
cel como Pintor: admira-
vel, quando com tres de-
dos tomava o pulso como
Medico.

216 De Hermes aquel-
le famoso Atleta do Anfi-
teatro

teatro Romano, famoso na espada, famoso na lança, famoso no Tridente, disse com elegante encarecimento o Poeta Gênio:

*Hermes omnia solus, & ter-
unus*: Hermes he tres vezes hum, & tudo elle sô. Este elogio, se Roma já entaõ fora Christã, pudéra ella applicar com maior propriedade, naõ ao seu fabuloso Jupiter; senaõ ao verdadeiro Deos Trino, & hum. Elle sô he tudo: *Omnia solus*: & elle sô he tres vezes hum, & o mesmo, & *ter unus*.

217 Homem foi S. Lucas; mas taõ grande homem, que esta he já a segunda vez que se nos equivoca naõ com menos pessoa, ou pessoas, que com as tres Divinas. Foi S. Lucas tres vezes hum, *ter unus*: huma vez hum, como Euangelista: outra vez hum, como Pintor: & a terceira vez hum, como Medico. Hum, como Matheus, ou Joaõ: hum, como Apelles, ou Zeuxis: hum, como Esculapio, qu

Hippocrates. Tudo isto foi S. Lucas sô, *omnia solus*: mas como? Naõ com tudo o que elle era, nem com duas maõs, como Hermes, nem com huma sô maõ, senaõ com tres dedos sômente della. O quam grande, õ quam varia, õ quam fermosa, & agradavel materia nos offereciaõ hoje estes tres dedos, dividida já em outros tantos discursos, se o tempo nos dera lugar para ver separadamente o que a natureza, a arte, & a graça organizou, & unio naquellas extremidades, & naõ todas, de taõ prodigiosa maõ? Mas por que a presente solemnidade toda se dedica, & confagra ao mesmo Santo em quanto Protector, & Prototy-
po da sciencia Medica; para que tambem concor-
ra a ella do modo que pôde ser em quanto Euangelista, & em quanto Pintor; na primeira parte do discurso em quanto Euangelista, nos descreverá em si, & no Euange-

lho a idéa, & original do perfeito Medico: & na segunda parte em quanto Pintor, nos retratará do mesmo original as copias, para que o possam ser por imitação todos os Professores da mesma faculdade. Desta sorte será o dia, & a celebridade toda de S. Lucas, & toda dos devotos que a celebraõ. A V E M A R I A.

§. II.

Curate infirmos, & dicite illis: Appropinquavit in vos regnum Dei. Luc. 10.9.

218 **H**Uma das maiores maravilhas da Providencia, & Sabedoria Divina, ou por falar mais ao certo, a maior de todas foi conquistar, & sujeitar Christo o Mundo com tão poucos homens, tirados pela maior parte da barca, & do remo. De pescadores de peixes vos farei (disse) pescadores de homens. Mas de que modo, ou com que artifi-

cio? Trocando-lhe os instrumentos de tal sorte, que assim como no mar pescavaõ os peixes, matando-os, assim na terra pescassem os homens com lhes dar vida. Este cevo da vida, que he o mais fabuloso, o mais util, & o mais precioso na estimação de todos os mortaes, he o que voluntaria, & espontaneamente os rende todos à obediencia de Christo, & ao jugo, sò por isso mais suave, da sua Ley. Os homens sò conheciaõ por experiencia huma vida, que he a temporal; & a outra, que he a immorttal, & eterna, sò a tinhaõ os mais Republicos por necessaria politicamente à opiniaõ do vulgo, mas verdadeiramente por falsa, & fabulosa.

219 Assim o ensinava Seneca, assim o prégava Tullio, & os outros que em Roma tinhaõ nome de fabios. E que fez a Sabedoria Divina, & humana do Senhor, & Redemptor do Mundo? Mandou por todo

todo elle os Prégadores da sua Fé, armados de dois poderes sobre ambas as vidas : o primeiro , para confervar , & estender a temporal ; o segundo , para prometer , & segurar a eterna. Isto he o que contém expreffamente as palavras que tomei por thema. *Curate infirmos, & dicit illis : Appropinquavit in vos regnum Dei :* Curai os enfermos , & dizei-lhe , que he chegado o tempo , em que se haõde abrir as portas do Ceo , que atõgora estiverão fechadas. Natura dos enfermos milagrosa se continha o poder de confervar , & estender a vida temporal : *Curate infirmos :* & na promessa do Reyno do Ceo confirmada com os mesmos milagres se assegurava a immortal , & eterna : *Appropinquavit in vos regnum Dei.*

220 Mas daqui nasce huma grande difficuldade ao que havemos de dizer : & he , que a mesma propriedade que nos introduzio o thema , parece que

nos exclue o assumpto. Porque o thema falla da virtude sobrenatural com que os Apostolos , & Discipulos de Christo curavaõ as enfermidades milagrosamente : & o nosso assumpto suppoem , & ha de fallar da sciencia da Medicina com que os Medicos curaõ naturalmente , & sem milagre : logo naõ assenta bem o assumpto sobre o thema , que he o mesmo que tirar os aliceses ao edificio. Respondo que o thema naõ só falla da Medicina sobrenatural , senaõ tambem da natural : & que os Apostolos assim como nem sempre fallavaõ pelas linguas do Espirito Santo , senaõ tambem pela propria ; assim nem sempre curavaõ sobrenatural & milagrosamente , senaõ por si , ou por outros , pelos meyo , & remedios da natureza , & da Arte. Provo com o exemplo dos dous maiores Apostolos S. Pedro , & S. Paulo.

221 Da fogra de S. Pedro diz o mesmo Euangelista

Luc. 4.
38. gelista S. Lucas, que jazia com grandes febres sem se poder levantar de humacama: *Socrus autem Simonis tenebatur magnis febribus.* E assim como he admiravel moderação do Principe dos Apóstolos que a não farsse milagrosamente, como podia, applicando-lhe os remedios do Ceo, assim he certo da sua charidade, que lhe não negava os naturaes, & da terra. E S. Paulo não menos poderoso, na primeira Epistola que escreveo a seu discipulo Timotheo, lhe mandou a receita com que naturalmente se havia de curar das suas frequentes enfermidades: *Noli ad- huc aquam bibere, sed modico vino utere propter stomachum tuum, & frequentes tuas infirmitates.* Pois se S. Pedro passando pelas ruas sarava os enfermos esfranhos, bastando só que os tocasse com a sua somba: a enferma que tinha dentro de casa, tocando-lhe taõ de perto no parentesco, porque a não sara-

va? E S. Paulo, que taõto adoezia das enfermidades alheas, como os doentes das proprias: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* se dentro na mesma carta podia mandar a Timotheo a saude, porque lhe manda a receita para o remedio? Quanto á sogra de S. Pedro, dizia eu noutra occasião, que ainda em prudencia economica, & politica se podia deixar estar enferma só por ser sogra. Huma sogra tal vez he melhor estar doente, que sã: porque doente, a mesma doença a tem quieta a hum canto da casa, & sã, rara he a que não se contente com menos, que com todos os quatro cantos della. A mesma palavra, *tenebatur*, parece que diz que a doença a tinha alli atada. Mas agora digo, que a deixava S. Pedro estar assim, para que ella exercitasse a paciência, & elle a charidade. E com o mesmo zelo S. Paulo não quiz livrar a Timotheo das suas enfermidades, posto que fre-

frequentes ; porque ainda que na saúde teria mais livres as acçoens para servir à Igreja , na enfermidade tinha mais seguras as occasioens em que aperfeiçoar a virtude : *Nam virtus in infirmitate perficitur*, diz o mesmo S. Paulo.

222 Pelo que toca porém ao nosso caso , ou as razoens dos dous Apostolos fossem estas , ou quaesquer outras , o que a mim me serve dos exemplos referidos , he a certeza do mesmo facto ; do qual se prova que os Apostolos , & discipulos de Christo na cura das enfermidades não são usavao da virtude sobrenatural , & milagrosa , mas tambem se ajudavao da medicina natural , & humana , que he a propria do nosso assumpto. Nem as palavras do thema dizem o contrario , antes confirmao o mesmo. E senão , pergunto : As palavras do thema dizem , *Curate infirmos*. E porque não disse o Senhor , cujas ellas são , *sanate* , senão , *cu-*

rate ? Porque não disse , *sarai* , *senão* , *curai* ? Porque o sarar , que tem por effeito passar de repente da enfermidade à saúde , he só de virtude sobrenatural , & milagrosa ; por isso dos que tocavao o corpo , ou vestiduras de Christo , não se diz que os curava a sua virtude , senão que os sarava : *Quia virtus de illo exhibat , & sanabat omnes*. Luc. 6. 19. Porém a palavra *curate* , segundo a sua mesma etymologia , mais propriamente significa a saúde que se alcança não subitamente , & immediatamente , senão por meyo da virtude natural dos medicamentos : & assim usa da mesma palavra a Sagrada Escritura.

223 Adoeceo mortalmente El-Rey Ezechias , & depois que o mesmo Profeta que lhe tinha denunciado a morte , lhe applicou à parte lesta a massa dos figos , *Afferte massam ficorum* ; entao diz o 4. Reg. 20. 7. *Textus* que foi curado : *Quam cum posuissent super ulcus ejus , curatus est*. E. S. Ra-
fael.

fael quando mandou a Tobias o moço, que com o fel do peixe que tinha tomado no caminho, ungi-se os olhos de seu pay, & elle com este remedio cobrou a vista, tambem o declarou, sendo Anjo, com o mesmo verbo de curar: *Et nunc misit me Dominus ut curarem te.* Finalmente Isaiás, que foi de todos os Profetas o que mais propria, & elegantemente soube fallar, onde diz, *Vulnus, & livor, & plaga tumens, non est circumligata, nec curata medicamine, neque fota oleo;* expressamente ajuntou o medicamento com o curar, & o curar com o medicamento. E se os dous principaes discipulos da primeira, & segunda Escola de Christo assim entendéraõ, & praticáraõ o *curate infirmos* do Evangelho, quanto mais o mesmo S. Lucas, que o escreveu, sendo Medico de profissãõ, & taõ amado, & estimado Medico, como diz S. Paulo: *Lucas Medicus charissimus?*

Tob.
12. 14.

Isaiaz 1.
6.

Colof.
4. 14.

§. III.

224. **A** Ssentado assim o fundamento do nosso assumpto, para que nem elle, nem o escrupulo de algum ouvinte tenha em que tropeçar; tomando toda a materia em sua primeira fonte, formou Deos o corpo humano com suas proprias maõs, de barro, & logo com o alento de sua propria respiraçãõ, (para que todo, & de todos os modos fosse seu) lhe deo a vida. Mas como esta consiste na conservaçãõ do calido, & humido, que sempre se fazem guerra, & por isso naturalmente se havia de ir enfraquecendo, & mais tendo as raizes no mesmo barro, para reparo desta fraqueza tinha o soberano Author da mesma vida plantado no meyo do Paraíso huma arvore de tal virtude, que comido o fruto della, lhe restituisse o vigor perdido, & a repuzesse outra vez nas suas primei-

primeiras forças. Estes foram os principios da nossa vida, & os remedios que Deos lhe tinha prevenido não são para a conservação, senão para a perpetuidade de annos, & seculos. Mas como pelo appetite de Eva, & desobediencia de Adam, & pelo peccado de ambos, ambos foram lançados do Paraíso; para que comendo da arvore da vida, a não pudessem perpetuar, às portas do mesmo Paraíso poz Deos em guarda della hum Cherubim armado com huma espada de fogo, com a qual lhe defendesse a entrada. Desta maneira toda aquella felicidade se converteo em miseria; & a vida que havia de ser quasi immortal, succedeo a sentença de morte, ao vigor do corpo a fraqueza, a saúde as enfermidades: & tudo sem remedio, nem esperança delle, impedido formidavelmente o accesso da arvore vital com as primeiras armas de fogo que houve no Mundo, &

nao meneadas por maos, ou braços humanos, senão por impulsos, & forças insuperaveis, quaes são as Angelicas.

225 Que faria porém no estado desta desesperação a misericordia daquelle Senhor, tão prezada sempre de se exaltar gloriosa sobre as execuções da sua mesma justiça? Dai-me agora grande attenção ao que hei-de dizer. O que fez Deos, foi plantar fora do Paraíso outra arvore da vida, & entregar a guarda della a outro Cherubim, não armado de fogo, senão de luz, o qual não só defendesse, mas cultivasse a mesma arvore, & com os seus frutos recuperasse aos homens a saúde, & lhe acrescentasse a vida. E que arvore, & que Cherubim foram estas? A arvore foi a sciencia da Medicina, & o Cherubim he o Medico. Não he isto invento, ou consideração minha; senão verdade de Fé, & Texto expresso da Sagrada

Escri-

Eccli.
38. 4.
Juxta
LXX.
Janfen.
& alii.
Ibidem
I.

Escritura. *Altissimus creavit de terra Medicinam*: O Altissimo creou da terra a Medicina: eis-aqui a arvore. *Honora Medicum propter necessitatem: etenim illum creavit Altissimus*: Honrai o Medico por amor da necessidade, porque o Altissimo o creou a elle: eis-aqui o Cherubim.

226 Desorte que assim como Deos no Paraíso creou a arvore da vida antes do peccado de Adam, assim depois do peccado creou fõra do Paraíso a Medicina: *Altissimus de terra creavit Medicinam*. E assim como Deos entregou a guarda, & defença da arvore da vida a hum Cherubim, assim entregou a guarda, & cultura da Medicina ao Medico: *Etenim Medicum creavit Altissimus*. E a ração destas duas novas creações, que depois da criação do Mundo fez o Altissimo, repetindo em huma, & outra a mesma palavra, *creavit*, foi, como acrescenta o mesmo Texto, da

parte de Deos; porque toda a Medicina he obra sua: *A Deo est enim omnis medela*: & da parte do homem; porque todo o homem prudente não deve recusar os medicamentos: *Et vir prudens non abhorrebit illa*. Vamos agora por partes.

227 *Altissimus de terra creavit Medicinam*: Deos creou da terra a Medicina: mas de que terra, ou em que terra? Assim como a primeira arvore da vida foi creada no meyo do Paraíso: *Lignum vite in medio Paradisi*; assim a terra de que Deos, & onde Deos creou a segunda, foi o meyo da redondeza da mesma terra. A prova, & a ração he; porque em todas as quatro partes do Mundo creou Deos para serviço, & uso da Medicina varios antidotos, ou instrumentos medicinaes conforme as qualidades, & enfermidades das mesmas terras. Os Romanos nas suas Conquistas queixavaõ-se de que entre as novas

novas riquezas, que de là traziaõ, vinhaõ tambem os contagios de novos generos de doencas, com que parece que os conquistados se vingavaõ dos seus mortos, matando tambem dentro em Roma os seus mesmos conquistadores. Nem he alheyo deste pensamento, o com que, sendo El-Rey D. Manoel o fundador dos Hospitaes de Lisboa, se dizia delle, que justamente fabricava os Hospitaes, quem com as suas conquistas accrescentára os enfermos. Mas nesta mesma experiencia se vé, & reconhece mais claramente o altissimo conselho da Providencia Divina, pois saõ muitos mais os novos, & exquisitos remedios, que das mesmas conquistas se descubriãõ, ainda contra as antigas enfermidades, do que requerem as novas.

228 Plantada pois no meyo das quatro partes do Mundo a segunda arvore da vida, ella com as

suas raizes penetra atè o centro da terra, donde com maior utilidade que a cobiça, defenterra todo o genero dos mineraes de tanto mais poderosas virtudes, quanto mais simples. De là cava naõ são o ouro, & a prata morta, & viva; senaõ tambem o ferro para os casos extremos: de là tira as esmeraldas, os rubis, os jacintos, & todas as outras pedras preciosas, de que a branda Medicina se serve, & se cõroa, taõ differentes na efficacia, como nas cores, & tanto de maior valor quando liquidas as bebe a faude, que quando solidas se engastaõ nas joyas. Regaõ estas raizes os rios, & fontes, humas quentes, outras frias, todas saudaveis. E as mesmas aguas do mar, posto que salgadas, as naõ fertilizaõ, nem enriquecem menos, fecundas, & abundantes dos remedios, que ou nadaõ nos ossos, & entranhas dos peixes, ou morraõ, & se encerraõ nas con-

chás dos que não podem nadar.

229 Dos lodos mais profundos recebe o tributo das perolas, & aljofares: das áreas limosas o mysterioso coral, que primeiro he vime verde, & brando, & logo pedra vermelha, & dura: & até da furia das tempestades, ou da fome das Baleas os sobejos odoríferos do ambar, que estas arrancão, & aquellas lançaõ às prayas. Das raizes assim regadas cresce, & se engrossa o tronco de toda a famosa arvore, formado de todos os lenhos medicinaes, que eriaõ os visinhos, & remotos climas: dos quaes, ou abertos os póros com o calor do Sol, se destillaõ em suores, ou feridos mais interiormente nas veas, correm como sangue os balsamos, & as myrrhas: & estas pelo parentesco que tem de humores, ou restringindo, ou relaxando (como no instrumento as cordas) os reduzem facilmente à natural harmonia.

230 Daquella arvore, que vio em sonhos Nabucodonosor depois de referir Daniel que estava plantada no meyo da terra, & se estendia até os ultimos fins do Mundo, como nós diffemos da nossa, accrescenta o mesmo Profeta que debaixo della habitavaõ todos os animaes, & nos seus ramos conversavaõ todas as aves: *Subter eam habitabant animalia, & bestiae, & in ramis ejus conversabantur volucres caeli.* E he sem duvida que da segunda arvore da vida não em apparencias sonhadas, mas com experiencias muito certas se verifica com toda a propriedade o mesmo; porque de todos os Authores da Historia natural, que escrevêraõ afim dos animaes terrestes, mansos, & feros, como das aves domesticas, & de rapina, consta que de huns & outros, sem exceção, tirou a Medicina diversos generos de remedios, & até da vibora a mais venenosa de todas as serpentes formou

formou a Triaga. E o que nesta parte mais se deve admirar, & venerar, (porque onde não ha docilidade, não pôde haver sciencia) he que a mesma sciencia da Medicina se deixou ensinar, & não se envergonhou de aprender dos mesmos brutos, aprendendo do Veado entre os animaes o medicamento do Dictamo, & da Andorinha entre as aves o da Chelidonia. Tanto assim, que prezando-se os Egypcios de inventores desta grande Arte, o geroglifico com que pintárao a Medicina, foi huma Pomba com hum ramo de louro na boca: por ser o louro o remedio, com que esta ave por instinto da natureza se cura.

231 Das folhas da nossa arvore não posso dizer mais, nem devo dizer menos, que o que doutra arvore da vida disse S. João no seu Apocalypse: *Lignum vitae, & folia ligni ad sanitatem gentium*: alludindo, & conformando-se

com Ezechiel, que ainda o disse com mais breves palavras: *Folia ejus ad medicinam*. A primeira arvore da vida tinha a virtude de conservar no fruto, que por isso disse Deos quando a vedou: *Ne comedas*. E se a segunda tem a faude, & a Medicina nas folhas, que folhas posso eu dizer, ou interpretar que são estas da Medicina, senão as innumeraveis de tantos livros, que della se tem escrito, nos quaes não há folha alguma, que não contenha algum remedio para a faude do homem: *Folia ejus ad sanitatem gentium*. Finalmente, acabando com as flores, & com os frutos; conforme os aforismos do maior Medico do Mundo, que foi Salamaõ; flores, & frutos pedio a sua esposa que lhe applicassem: *Fulcite me floribus, stipate me malis*. E he certo que com estes dous simples farou, & tornou em si, sendo o accidente tão perigoso como hum deliquio, & desmayo mortal,

ral, causado daquella febre, que nascendo do coração, não he calor que se diffunde por todo o corpo, mas que abraza toda a alma, & a derrete: *Quia amore langueo.*

§. IIII.

232 **A** Ssim descrita, ou mal pintada a segunda arvore da vida; que he a Medicina, tomá-ra eu agora o pincel de S. Lucas para pintar o Cherubim, que he o Medico. Mas quando chegarmos às copias do Original, que he o mesmo S. Lucas, se o não delinearmos com as cores do seu pincel como Pintor, descreevelo-hemos com a verdade da sua pena como Evangelista. Diffe que a guarda desta segunda arvore da vida era tambem outro segundo Cherubim, não armado de fogo para a defender, senão de luz para a communicar. E porque não pareça encarecimento, ou atrevimento chamar ao

Medico Cherubim, a razão, & merecimento deste nome he, porque Cherubim quer dizer, *Plenitudo scientiæ*, A enchente das sciencias. Cada huma das outras faculdades he huma sciencia: a faculdade, & sciencia do Medico he hum ajuntamento de todas, & por isso entre os homens, como o Cherubim entre os Anjos.

233 O Author da vida do homem em sua criação foi só Deos, mas o Author da conservação da mesma vida he Deos, & o Medico: de Deos dependente *in fieri*; de Deos, & do Medico *in conservari*. E como a vida do homem, & sua conservação he o objecto do Medico, já se vé qual deve ser a sua sciencia. David fallando com Deos, dizia: *Tu formasti me, & posuisti super me manum tuam. Mirabilis facta est scientia tua ex me*: Vós, Senhor; me formastes com vossas mãos, & he admiravel em vós a sciencia que tendes de mim.

mim. O homem chama-se Mundo pequeno ; & S. Gregorio Nazianzeno diz que o pequeno he o Mundo, & o homem o grande ; porque mais difficultosamente se pôde comprehender o que ha dentro nelle. Terrulliano refere de certo Medico que fez anatomia em seiscentos mortos, & não acabou de entender a fabrica do corpo humano. E se a sciencia, & conhecimento deste labyrinth he admiravel no supremo Architecto, que o fabricou, *Mirabilis scientia tua ex me* ; quanto mais admiravel será em quem a ha de curar, & não pôde sem o entender ? O Medico não só ha de conhecer a compleição de hum homem, senão de todos os homens, & de todas as naçoens, cujos temperamentos são tão diversos como as cores. E do mesmo modo ha de conhecer as qualidades não só de huma terra, senão de todas as terras, nem de huma só agua, senão de todas as

aguas, nem de hum só ar, senão de todos os ares, & todos os climas.

234 Não só ha de fazer juizo da enfermidade pelo que vé no enfermo, mas ha de tomar o pulso ao Sol, à Lua, & às Estrelas, observando suas conjunçoens, fugindo, ou aproveitando-se de suas influencias, & não só contando os dias criticos, mas vigiando sobre as horas, & sobre os momentos ; porque o mesmo medicamento applicado a seu tempo he antidoto, & fôra delle veneno. Os antigos, que tinhaõ por deos da Medicina a Esculapio, consagraraõ-lhe o gallo, & a serpente : a serpente, pela astucia, & prudencia ; o gallo, pela vigilancia. Mas que vigilancia he necessaria, & pôde ser constante, não digo já para as enfermidades, senão para os mesmos remedios ? O Mitridatico inventado por Mitridates compoem-se de cincoenta & quatro ingredientes : a Triaga in-

ventada por Andromacho compoem-se de noventa : & cada hum destes simples ha de entrar a fazer composição regulado por certo peso, & por certa medida. Mas que vaso haverá taõ ajustado, que os possa medir, & que balança taõ sutil que os possa pesar, & sobre tudo, que maõ humana taõ igual, que os possa temperar, & unir? Por isso he necessario que o Medico seja mais que homem, & passe a ser Cherubim.

235 Parece demasiado encarecer ; mas a evidencia da demonstração tirará toda a duvida ao espanto. E senão basta por prova do nome de Cherubim a etymologia, & definição do mesmo nome, *Plenitudo scientiæ* : nem basta o concurso universal de todas as sciencias, que no perfeito Medico se ajuntão, nem menos, como acabámos de ver, o conhecimento de todas as cousas creadas, quantas immensamente abraça, & comprehende

em si o mesmo universo ; se tudo isto, como digo, não basta para prova, bastará a authoridade Divina, que não sô o ensinou : assim de palavra, mas visivelmente mostrou ao Profeta Ezechiel o famoso exemplar do perfeito Medico, & Protector de todos S. Lucas. E em que fórma, ou em que figura? Em fórma, & figura natural de Cherubim, & não por outro título, ou sciencia, senão pela da Medicina. He Texro ao intento mais milagroso, que admiravel, & como tal se deve ouvir, & ver com a attenção dos sentidos muito abertos.

236 Duas vezes vio Ezechiel aquella famosa carroça chamada da gloria de Deos ; pela qual tiravaõ quatro animaes enigmaticos com outras tantas figuras, de homem, de leão, de aguia, de boy. A primeira vista, ou vista refere o Profeta no primeiro capitulo, & a segunda no decimo ; mas nesta

com

que os Euangelistas todos forão iguaes na sciencia sobrenatural, & Divina, com que escrevêraõ: & se algum excedeo nella, foi S. Joaõ. Porém o mesmo Texto desfaz estes embargos com novo mysterio, & novo, & grande reparo; porque na primeira visãõ, em que o boy ainda não tinha passado a Cherubim, diz que a aguia voava sobre todos: *Et facies aquilæ desuper ipsorum quatuor*: porém depois que o boy foi Cherubim, abateo a aguia as azas, & ficou como cada hum dos outros dous: *In tertio facies leonis, & in quarto facies aquilæ*. Pois se a ventagem de S. Lucas era em sciencia, em que sciencia foi? Já tenho dito, & torno a dizer, que na da Medicina.

238 Na sciencia de Euangelista, & de Escriitor Canonico commum a todos quatro, era como os outros tres; mas na Medicina era singular entre elles; porque sò elle era Medico, & os outros não:

& nessa sciencia consistio a ventagem. Ha Author que o diga? Nenhum: mas pois eu o digo, eu o prova-rei, & do mesmo Texto. Notai. Antes de o boy ser Cherubim, era o mais humilde de todos os quatro animaes; porque do boy he trabalhar, & servir, & os outros tres todos eraõ, & saõ Reys: o homem Rey do Mundo, o leão Rey dos animaes, a aguia Rey das aves: logo se o boy feito Cherubim se aventajou aos outros pela sciencia, segue-se que não podia ser por outra, senão pela Medicina. Porque? Porque entre todas as sciencias sò a Medicina tem sujeitos, & debaixo de seu imperio aos Reys. Admiravelmente Plinio, & mais sendo pouco affecto aos Medicos. *Medicina una ar-^{PI} tium Imperatoribus quoque²⁴ imperat*: Entre todas as artes, & sciencias, sò a Medicina impera aos Emperadores; porque assim como todos obedecem ao Emperador, & ao Rey, af-
fim

fim os Imperadores, & os Reys obedecem ao Medico: logo se o boy, depois de ser Cherubim, passou do ultimo lugar, em que estava, ao primeiro, & ficou superior ao Rey dos animaes, ao Rey das aves, & ao Rey do mundo, ainda que o Cherubim tenha todas as sciencias, *plenitudo scientiae*; naõ podia ser por outra, senaõ pela Medicina: *Medicina una artium Imperatoribus quoque imperat.*

§ V.

239 **J**A temos a S. Lucas, em quanto Medico, Cherubim da segunda arvore da vida a Medicina. E para prova de que era Cherubim naõ armado de fogo, como o do Paraizo, senaõ vestido de luz, como eu prometti; o seu mesmo nome seja o primeiro testemunho. Na Epistola aos Colossenses fallando S. Paulo em S. Lucas, chama-lhe Lucas: *Salutat vos Lucas Medicus*:

& na Epistola aos Romanos, chama-lhe Lucius: *Salutat vos Timotheus, & Lucius adjutor meus.* Aqui se deve muito notar o principio, & fim destes dous nomes no principio taõ semelhantes; & no fim taõ diferentes. E porque taõ diferentes no fim, & no principio taõ semelhantes? No fim taõ diferentes; porque na Epistola aos Colossenses fallava S. Paulo com os Gregos; & na Epistola aos Romanos fallava com os Latinos: & no nome Lucas observou a terminaçãõ Grega, & no nome Lucius a terminaçãõ Latina. Pelo contrario no principio dos mesmos nomes nenhuma cousa alterou da sua natural semelhança; porque em ambos seguiu a propriedade da dirivação, na qual assim Lucas, como Lucius, hum; & outro nome se deriva de luz.

Rom. 16. 21.

240 Mas passando do nome à pessoa, & dos ouvidos aos olhos, vejamos ao mesmo Lucas, & ao mesmo

mesmo Lucio no seu proprio, & natural retrato. O Profeta Daniel nas suas visões, & S. João Evangelista nas suas descrevem hum homem todo, não só vestido, mas composto de luzes. O rosto era como o Sol, quando mais resplandecente: *Facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua*: os olhos como duas alampadas: *Oculi ejus ut lampas ardens*: os braços, & o resto do corpo até os pés como de aurichalco (metal semelhante ao ouro) quando sahe da fornalha ardente: *Similis aurichalco in camino ardenti*: & a sua voz como voz não de hum homem, senão de muitos: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis*. Atè aqui ambos os Profetas, hum como pintura original, outro como copia. Mas quem era, ou a quem representava esta figura toda luz, ou toda luzes? S. Jeronymo diz que representava a S. Lucas: *Beatus Lucas, de quo dici potest, facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua*.

Da virtude do Sol diz Malachias, que traz a saude nas pennas, chamando pennas aos rayos da sua luz: *Sanitas in pennis ejus*. ^{Mal} Taes eraõ os rayos da luz, ⁴ & sciencia Medica de S. Lucas. Quando as pennas da sua mão escreviaõ receitas, não receitavaõ medicamentos, receitavaõ saudes.

241 Isto faziaõ os seus tres dedos com a penna. E a sua voz com as palavras, que fazia? Esta he a ultima, & maior maravilha. Não mudo, como costumãõ ser os outros: *Vox sermonum ejus, ut vox multitudinis*: A voz das suas palavras era como a voz da multidaõ. A multidaõ nos casos da Medicina não está bem acreditada. *Turba Medicorum Caesarem perdidit*, disse Menandro: A multidaõ dos Medicos marou ao Cesar: & o Emperador Adriano experimentando em si a verdade deste dito, dizem que o mandou escrever por epitafio na sua sepultura. Nem foi menor

nõr a observaço de Marcial, o qual visitado do Medico Symmacho com toda a multidaõ dos discipulos, que levava comfigo à pratica, ao uso de Roma; em hum achaque leve, disse jocosamente:

*Centum me tetigere manus
aquilone gelata;*

Non habui febrem, Symmacho; nunc habeo.

Para sentenciar com justiça as enfermidades; ou sem perigo os enfermos, as juntas não haõde ser de muitos Medicos, fenaõ de muita sciencia em hum sõ Medico. Assim o entendo o grande juizo de Homero, quando disse:

Vn Medicus par est multorum millibus unus.

241 **E** verdadeiramente taõ grande atrevimento he nos que curaõ; como nos que se deixaõ curar; que sendo as enfermidades sem numero, as haja de conhecer, & remediar hum sõ homem. Os Egypcios com esta consideração, como refere Plutarco, com tal igualdade, &

proporção repartiraõ, ou distribuiraõ as enfermidades, & os Medicos; que hum Medico não pudesse curar mais que sõ huma. Desorte que debaixo do genero das febres hum curava as agudas, outro a terça, outro a quarta, outro a diaria, outro a ethica, outro a thifica. Mas isto que intentou; & não conseguiu a industria humana; repartindo a multidaõ das enfermidades pela multidaõ dos Medicos, isto mesmo obrava sõ, & com infallivel successo a voz de S. Lucas: *Vox sermonum ejus ut vox multitudinis*: & não porque naquelle novo, & segundo Cherubim se multiplicasse a multidaõ das pessoas; senão a multidaõ das luzes.

§. VI. *Quid dicitur de lumine*

242 **E** Se alguem me perguntar por que razaõ, ou difficuldade necessita, a perfeita Medicina de tanta luz, & tantas luzes entre todas as outras

outras sciencias? A razão, de que não se pôde duvidar, he por ser a Medicina sciencia conjectural, que cura o que não vê, & nesta conjectura não só se pôde enganar o discurso, mas até a mesma experiencia se engana, como confessou Hippocrates, *Experimentum fallax*. Aristoteles disse que onde acaba a Filosofia, alli começa a Medicina. E quam futil, & allumiado ha de ser o entendimento, que penetre hum chaos tão occulto, & tão escuro como o interior humano? Baldo depois de estudar a Medicina, experimentando que não acertava a curar humas maleitas, passou ao geral das Leys, & foi na Jurisprudencia tão eminente, que se poz hombro por hombro com Bartolo. Tanto mais necessita de luz humana sciencia, que a outra. O Jurista para dar, ou tirar a vida a hum homem, vê as Leys, & vê os autos: o Médico vê as Leys, mas dos autos não se lhe dá vista.

243 Se eu houvesse de fazer o anel ao Médico, o metal do círculo não havia de ser ouro; senão electro, & a pedra não havia de ser diamante; ou rubi, senão ametisto. Porque ambos estes simples tem virtude de adivinhar, & descobrir o veneno, ou por fuor, ou por tremor, ou por outro effeito extraordinario, de quem o tem no dedo, sendo o dedo annular o que tem maior correspondencia com o coração. Os Americanos, com serem barbaros, deraõ em huma notavel politica, & foi, que debaixo do mesmo nome Pagé ajuntáraõ o officio de Médico com o de feiticeiro, entendendo que só quem souber adivinhar, pôde curar com acerto. Com a mesma prudencia, ou astucia (não sei se antes, se depois) os Egypcios na Africa, os Gregos na Europa, & os Bracmenes na Asia uníraõ a sciencia magica com a Medica, para que o que não podia alcançar a Medi-

Medicina conjecturando, supprisse a Magia adevinhando.

244 E se o Medico Christão duvidar, se em algum caso se poderá valer da arte magica para adevinhar o que a sua não alcança: respondo que sim: se o instrumento for S. Lucas. S. Lucas foi perpetuo companheiro de S. Paulo: & porque S. Paulo era do Tribu de Benjamim, diz S. Pedro Damiaõ, que em lhe dar tal companheiro, o aventajou Christo aos outros Apostolos, como Joseph a Benjamim aos outros irmaõs. Foi o caso, que quando os irmaõs de Joseph voltáraõ do Egypto com o pão que lá tinhaõ ido comprar; mandou Joseph ao seu veador que nos saccos de cada hum não sò metesse o trigo, senão tambem o dinheiro, & particularmente no de Benjamim além do trigo, & do dinheiro metesse a taça por onde elle bebia. Feito assim, & caminhando já todos os

irmaõs, veyo apoz elles o copeiro de Joseph brádan-do, que lhe levavaõ roubada a taça de que seu senhor usava não sò para beber, mas era o instrumento magico, com que adevinhava todas as cousas: *Scyphus, quem furati estis, Gen. ipse est in quo bibit dominus 44. 5. meus, & in quo augurari solet.* E levados todos diante de Joseph, elle confirmou o mesmo, dizendo: *An ignoratis quòd non Ibidem sit similis mei in augurandi 15. scientia?* Não sabeis que na sciencia de adivinhar nenhum ha semelhante a mim? Isto posto, diz agora S. Pedro Damiaõ, fallando de S. Lucas: *Quid per Petr. Benjamin nisi Paulus, qui Dam. de Tribu Benjamin origi- ferm. de nem duxit? S. Luca. Soli autem Paulo etiam scyphus adjicitur:* S. Paulo he signficado em Benjamim, porque foi do Tribu de Benjamim: & assim como sò ao sacco de Benjamim se accrescentou a taça de Joseph, assim sò a S. Paulo foi dado por companheiro S. Lucas.

245 E que semelhança tem S. Lucas com a taça de Joseph ? A que disse o seu copeiro , & elle confirmou : ser o instrumento por onde adevinhava todas as cousas : *Scyphus in quo augurari solet dominus meus.* A virtude sobrenatural, & Divina , com que a Joseph eraõ manifestas as cousas occultas , bem celebrada he nas Sagradas Escrituras : & porque elle a quiz declarar pelo modo com que os Magicos do Egypto costumavaõ adevinhar , por isso a attribuiu à taça por onde bebia ; & por isso com grande propriedade semelhante a S. Lucas : *Soli Paulo scyphus adjicitur.* S. Lucas como companheiro inseparavel de S. Paulo foi depois d'elle o segundo vaso de eleição cheyo de todas as graças do Espirito Santo , como Evangelista proprio seu (diz Ecumenio) no livro dos Actos dos Apostolos : no qual S. Lucas escreveu a vinda do Espirito Santo sobre os

Apostolos , & o que por si mesmo , & por elles obrou o mesmo Divino Espirito na primitiva Igreja. E não ha duvida que sendo taõ intimos companheiros Paulo , & Lucas , assim como Lucas bebia como de fonte as revelaçoens de Paulo , assim Paulo como de taça bebia tambem as de Lucas.

246 E esta he a razão porque o mesmo Paulo ao Evangelho de S. Lucas chamava Evangelho seu , *Secundum Evangelium meum.* E neste Evangelho de ambos , he circumstancia muito digna de se norar , que os outros Evangelistas escreveraõ o que viraõ : & S. Lucas , porque não vio a Christo , nem foi seu discipulo , tudo o que escreveu no seu Evangelho foi por influencia , ou elevação daquella virtude , que fica fõra da jurisdicção , & esfera da vista , que he o que faz difficultosos os acertos da Medicina. Ditofo pois aquelle Medico , que por devaçãõ , & inter-
cessãõ

cessão de S. Lucas merecer que elle o admitta à participaçãõ desta graça tão particularmente sua: para que depois de esgorado tudo o que a Medicina natural alcança, bebendo naquella taça a Mágia sobrenatural, & Divina, suppra ella com verdadeira certeza nas enfermidades as duvidas, & perigos da conjectura. E não haja enfermo tão desconfiado da faude, nem enfermidade tão incuravel, que o Medico por intercessão, & graça de S. Lucas, & S. Lucas por meyo delle não cure: *Curate infirmos.*

§ VII.

247 **E** Stabelecido affim nas luzes da sciencia de S. Lucas o exemplo, ou exemplar com que elle foi, & com que poderá ser excellentè Medico todo o que o quizer imitar; segue-se que passemos da theorica à pratica, & que o mesmo Protomedico nos ensine os parti-

culares preceitos, ou maximas com que exercitou a parte curativa da sua arte. Mas porque referir todos os documentos deste exercicio he impossivel, & muito difficultoso escolher delles os mais necessarios; para não errar na eleição, ponderarémõs sòmente o que o mesmo S. Lucas com o indice dos tres dedos nos apontar no seu Euangelho.

248 O primeiro capitulo da instrucção que Christo Senhor nõsso deo aos que mandou curar o Mundo, he que não levem bolsa, nem dinheiro. Isto quer dizer, *Nolite portare sacculum*: ou como lê o Texto original, *crumenam*: mas este mesmo preceito, ou conselho parece totalmente encontrado com o intento, esperança, & fim dos professores da Medicina. O fim que ordinariamente leva às Universidades os candidatos da sciencia Medica, he aquella promessa vulgar do seu Galeno, *Dat Gale-*

mus opes. A Theologia, & Santo Thomas promette dignidades Ecclesiasticas; a Jurisprudencia, & Justiniano, honras seculares; a Medicina, & Galeno, riquezas.

249 Já em tempo de Isaiás tinha lançado rai-
zes esta opiniaõ, & tinha o
mesmo credito a Medici-
na. Conta Isaiás perfeita-
mente, que os pequenos se
levantáraõ contra os gran-
des, & elegéraõ por Go-
vernador do povo hum
homem, sò porque tinha
bom vestido para repre-
sentar o cargo: *Vestimen-*
tum tibi est, Princeps esto
noster. E o tal homem que
responderia? *Non sum*
Medicus, & in domo mea
non est panis, nolite constitue-
re me Principem populi. Res-
pondeo que não era Me-
dico, nem tinha paõ em
sua casa, & que por isso
nem elle quer, nem he
bem que elles queiraõ que
seja Governador do povo.
Duas incoherencias aeho
nesta reposta: a primeira,
não querer o eleito ser Go-

Isaiæ 3.
6. 7.

vernador do povo, por-
que não tem paõ em sua
casa. Antes, porque não
tendes paõ em vossa casa,
por isso deveis aceitar o
governo. Para quem go-
verna, qualquer terra he
mais fertil de paõ que Sici-
lia. Aceitai as provisõens,
& logo tereis a vossa casa
muito bem provida. Com-
tudo este homem quem
quer que fosse, em não
querer aceitar o governo,
mostrou que no juizo era
sefudo, & na consciencia
timorato. Porque os go-
vernos são para fazer bem
com o paõ proprio, & não
para accrescentar os bens
com o paõ alheyo. O mes-
mo Christo o disse por
boca do nosso S. Lucas:
Qui potestatem habent super
eos, beneficii vocantur: Os
que tem poder sobre o
povo, se governaõ como
devem, são chamados Be-
neficos. E este nome, be-
nefico, ainda que se deriva
de bem, não he dos bens
que se recolhem, senaõ
dos que se semeaõ; nem
dos que se acquirem, senaõ
dos

dos que se repartem. Bem disse logo aquelle homem, posto que tumultuariamente eleito, quanto à primeira objecção.

250 A segunda he dizer que não tinha pão, porque não era Medico: *Non sum Medicus, & in domo mea non est panis*: & tambem aqui tirou a consequencia taõ discreta, como verdadeiramente. Porque a todas as outras sciencias, ou officios pôde faltar o pão, mas ninguem o tem sempre mais seguro que o Medico. Como todos fomos mortaes, sò o Medico vive do que nós morremos: & taõ certo he na Medicina o pão, como na mortalidade a doença. Nunca lhe pôde faltar ao Medico o pão em abundancia; porque não ha lavoura menos dependente do tempo, ou chova, ou faça Sol, que a da Medicina. Antes quando a chuva afoga as searas, & o Sol as queima, entaõ cresce mais a lavoura dos Medicos, porque entaõ

lavraõ mais as enfermidades. As Quaresmas dos enfermos saõ as Paschoas dos Medicos, & com as dietas de huns se fazem os banquetes dos outros.

251 Este he o riquissimo patrimonio da Medicina, & por aquelle legado de Galeno, *Dat Galenus opes*, proprio, & hereditario de todos os Medicos. Pois porque prohibe Christo aos seus a bolsa, & o dinheiro: *Nolite portare sacculum?* Porque quiz o supremo Legislador reduzir a Medicina à sua natural nobreza: & que os professores della a não descreditassem com a fazer venal. A hum Prégador dos que tomaõ a Escritura pela toada, ouvi eu arguir os Medicos de se venderem muito caros, & o provava com o Texto de S. Paulo: *Salutat vos Lucas Medicus charissimus*. Pouco conhece a riqueza da saude quem cuida que por algum preço pôde ser cara, quanto mais carissima.

Non est census super censum Eccli. 30. 26.
salu-

salutis corporis : diz o Espirito Santo que não ha riqueza no Mundo , que se iguale à faude do corpo. E Plataõ fazendo hum catalogo dos bens desta vida , & dando por sua ordem o lugar que merece cada hum , no primeiro poem a faude , & no quarto as riquezas : *Primum locum obtinet bona valetudo , quartum opes*. Donde se segue que se o Medico der ao enfermo a faude , & o enfermo ao Medico todas as riquezas , menos recebe o Medico , que o enfermo :

Plat. lib.
1. de Le-
gibus.

252 Sendo pois o objecto da Medicina a faude do corpo , *Corpus sanandum* , não ha duvida que faria grande injuria à Medicina , & à mesma faude o Medico interessado que a quizesse embolsar , & que se lhe pagasse a dinheiro. Porque ? Porque seria pôr preço ao que não tem preço. O Profeta Zacharias fallando nos trinta dinheiros que os Principes dos sacerdotes deraõ a Judas , diz que foraõ o preço do

apreçado , a quem apreçaraõ os filhos de Israel : *Triginta argenteos , pretium appretiati , quem appretiaverunt à filiis Israel*. De forte que não pondera o Profeta ser Christo vendido , senão ser apreçado : *Pretium appretiati* : & não encarece que os Principes dos sacerdotes o comprassem , senão que o apreçassẽ : *Quem appretiaverunt* : & atilim foi ; porque Judas não poz o preço , & fõ disse : *Quid vultis mihi dare* ? & os que avaliaraõ , ou almotaçaraõ o preço , foraõ os sacerdotes : *Illi constituerunt ei triginta argenteos*. Esta foi na venda de Christo maior injuria , & afronta que lhe fizeraõ , porque fõ porem preço ao que não tem preço. *Illius pretio aestimati qui inestimabilis est* , diz Theophilacto. De-nos agora licença o mesmo Christo , faude das nossas almas , para que della deçamos à dos corpos.

253 Prohibe o mesmo Senhor aos seus Medicos a bolsa,

bolsa, & o dinheiro; porque sendo a saude entre os bens temporaes o maior de todos, seria grande afronta da mesma saude apreçalla, ou por-lhe preço, como se ella o tivesse. Isto deviaõ fazer por propria eleição os professores da Medicina por credito da sua sciencia. Zeuxis ao principio vendia as suas pinturas por muito dinheiro, depois dava-as de graça. E perguntado porque; respondeo, porque já não tinhaõ preço. *Quod nullo satis digno pretio permu-
tari posse diceret*, diz Plinio. Assim o faziaõ os dous famosos Medicos Cosmo, & Damiaõ, por isso chamados Anergérios, que quer dizer, os sem dinheiro. E porque ninguem me diga que eraõ santos; como se por isso foraõ me- nos para imitar, ouçaõ os Medicos ao feu Hippocrates, o qual escreveu aos Abderitas, que pelo uso da Medicina nunca receberá paga: *Se nunquam pro medicina usu mercedem accepisse.*

254 E donde lhe vinha esta generosidade a Hippocrates? Não por ser Rey, mas por ser Medico. Seja prova desta grande excellencia da Medicina huma observação minha, que muito me admira não ser de todos. Não houve homem mais perseguido neste Mundo (& bastava ser mais que homem) que Christo Senhor nosso. Quantas vezes o quizerão apedrejar, quantas traças, & traçoens buscáráo para lhe tirar a vida, até que o puzeraõ na Cruz? Mas quaes foraõ os seus perseguidores? De todos os Euangelistas consta que foraõ os Escribas, & Fariseos, os Principes dos sacerdotes, em summa, os ecclesiasticos. E eu cuidava que não haviaõ de ser senaõ os Medicos. Todos os enfermos concorriaõ a Christo, & bastava que lhe tocassem em hum fio da roupa para ficarem saõs de qualquer enfermidade. E deste bem commum taõ universal só se podiaõ

O ij quei-

queixar os Medicos, porque estavaõ ociosos, as boticas fechadas, & todos elles, & os seus ministros sem remedio. Exemplo seja aquella mulher de Cesaréa, que tendo gastado com os Medicos toda a sua fazenda em huma doença chronica de doze annos, pela fama de Christo, o veyo buscar, & sô com lhe tocar a ponta do man-

255

Marc. 5.
26.

to, sarou. Assim o diz o Euangelista S. Marcos: *Quæ fuerat multa perpeſſa à compluribus Medicis: & erogaverat omnia ſua, nec quidquam profecerat.* Pois se os Medicos por esta causa eraõ os mais prejudicados; antes aquelles unicamente que perdiaõ os interesses do seu officio, & todo o seu remedio, porque se não queixavaõ, & porque se não ajuntavaõ tambem aos outros perseguidores de Christo? Eu não acho outra razãõ, ou fundamento desta differença, senãõ porque eraõ Medicos. Provo. Porque se olharmos para a Patria

dos Medicos, os Escribas, & Fariseos eraõ da mesma Patria: se olharmos para a ley, que era a de Moyfés, elles guardavaõ a mesma ley: se olharmos para a religiaõ, elles professavaõ a mesma, & como ecclesiasticos eraõ mais obrigados a ella: & com tudo sô pelo temor de poderem perder os interesses das suas prebendas, *Venient Romani, & tollent locum noſtrum,* crucificaraõ a Christo: logo não resta outra razãõ deste desinteresse dos Medicos, senãõ a sua propria facultade, & sciencia, a qual he taõ noble, & generosa, que por si mesma influe, ainda nos casos mais apertados, o desprezo de todo o interesse.

256 Mas daqui se segue huma grave, & bem pesada difficuldade; porque se os Medicos pelo uso da sua sciencia não haõ de levar dinheiro, quem os ha de sustentar? Respondo que os enfermos, mas não por preço, senãõ por tributo devido à Rainha de

de todas as sciencias. Assim o manda o mesmo Deos, que creou a Medicina, naquelle Texto, *Honora Medicum propter necessitatem*: Honrai o Medico pela necessidade; isto he, não só pela necessidade que vós tendes delle, senão pela que elle tem de vós. É que quer dizer alli aquelle *honora*? Quer dizer o mesmo que no quarto mandamento, *Honora patrem tuum*. Em hum, & outro lugar quer dizer que os filhos ao pay, & os enfermos ao Medico tem obrigação de assistir, & servir com a condigna sustentação: *Honora, idest, praebe illi sustentationem condignam*: diz com a commun interpretação o doutissimo A Lapidé. E chama-se esta sustentação com grande propriedade, & energia condigna; porque se aos pays devemos o sustento, porque nos deraõ a vida, aos Medicos a devemos com o mesmo direito, porque no-la conservaõ. E isto mesmo con-

firmou admiravelmente o mesmo Christo nõ mesmo Euangelho, em que prohibio a bolsa, & o dinheiro, & não huma, senão duas vezes: huma vez, dizendo: *Manducate quae apponuntur vobis, & curate infirmos*; & outra vez: *Edentes, & bibentes quae apud illos sunt*. Notem-se muito os termos de humas & outras palavras, que são notaveis. Não diz que se sustentaráõ por onde forem como peregrinos, ou hospedes, senão como senhores, & como se os celeiros, & despensas das Cidades, & tudo o que nellas houver, fosse seu: *Edentes quae apud illos sunt*. E o que he muito mais, que isto o receberáõ, & lograráõ sem se lhes fazer a face vermelha com o pedir; porque tudo sem cuidado, nem diligencia sua se lhes porá diante: *Manducate quae apponuntur vobis*.

Luc. xvi.

8. 9.

Ibidem.

7.

§. VIII.

257 **O** Segundo documento do Mestre, & Medico Divino na instrucção que deo aos seus, he que no caminho a ninguem saudassẽm : *Neminem per viam salutaveritis*. E tomando tambem de caminho estas palavras sem reparar no mais interior dellas ; he certo que não admittẽm em quem acode aos enfermos a menor detença, porque nenhuma ha, ainda que seja de hum sò instante, em que se não possa arriscar a vida. A mesma ordem deo o Profeta Eliseu a Giezi familiar de sua casa, quando o mandou com o seu báculo ao filho morto da Sunamitis, esperando que posto sobre elle o resuscitasse. Mas naquelle caso era menor o perigo da dilacção, ou detença. O morto sem novo risco podia esperar huma, ou mais horas pela resurreicção ; mas o vivo tal vez apertado do

Ibidem
4

accidente mortal, qualquer momento que lhe tarde o remedio, o perde para sempre. E he materia muito escrupulosa que se detenha em saudar a hum sam, quem leva a saude a hum enfermo.

258 Mas dando hum passo mais adiante neste caminho, não vejo combinar, & ponderar como he razão a energia com que Christo Senhor nosso prohibe ao Medico o saudar a quem encontra, quando vai curar a quem padece a enfermidade : *Neminem per viam salutaveritis*. A palavra *salutaveritis*, deriva-se da saude, *salus* : & he o mesmo que desejar saude àquelle com quem se falla. Para estas saudaçoens formáram os Latinos hum verbo, que a nossa lingua não tem, ao qual deraõ hum sò tempo no singular, que he *salve*, & no plural *salvete*. *Salve sancte parens, iterum salvete recepti* *Nequicquam cineres*. E como o *salutaveritis* significa este desejo da

da saúde ; com grande razão, & energia prohibe o Divino Mestre as fadações aos Medicos : *Neminem salutaveritis* ; porque he grande abuso, & implicancia impedir, ou divertir o dar saúde ao enfermo com faudar ao fam, sendo que o verdadeiro faudar, he dar saúde. Que cousa são essas fadações & complimentos, ienaõ *officiosa mendacia* ? & que maior sem-razaõ que trocar a verdade pela lisonja, & arriscar por hum complemento vam a maior importancia da vida ?

259 Com tudo como o faudar com os iguaes he acto de amizade, com os maiores de urbanidade, & com todos de humanidade ; parece que he fazer aos Medicos menos urbanos, & menos cortezes, & mais se apertarmos bem aquelle *neminem*, a ninguém, *neminem salutaveritis*. E que seria se aquelle, a quem se negasse a fadação, fosse pessoa de grande authoridade, & de

grande respeito ? Neste caso muito mais, & por isso mesmo. Porque esses respeitos, & esses, & outros obsequios são os que mais encontraõ a saúde dos mesmos respeitados, & a obrigação, & consciencia do Medico. A maior tentação do Medico he quando a enfermidade he grave, & tambem he grave o doente. Para que eu melhor me declare, ouçamos a S. Gregorio Nazianzeno, fallando dos Medicos do seu tempo. Vistes já a hum Medico tomar o pulso ao enfermo, & arqueando as sobranças com gestos de admiração fazer o compasso com a cabeça aos golpes do mesmo pulso ? Pois aquelles movimentos da cabeça do Medico, diz Nazianzeno, são os da balança, em que elle está pesando duas cousas, de huma parte a difficuldade da doença, & da outra o preço que lhe haõde dar pela cura, & por isso a difficulta. *Capitis motu salutem velut lance*

mercedem augens, aut deploratum morbum esse significat. Isto se entende dos Medicos cubiçofos, que já refutei; o que agora digo, & não louvo, he dos obsequiosos, & respectivos. Quando a enfermidade he grave, & tambem grave o enfermo, o Medico lisongeiro, & de pouco valor está pefando, como em balança, a graveza da doença, & a gravidade da pefsoa: para que? Para temperar os medicamentos com tal brandura, que a doença se modere, & a pefsoa de nenhum modo se moleste, & aggrave. Se isto he adular o gosto, ou zelar a faude, julguem-o os mesmos que são juizes della.

260 A primeira coufa, diz Ariffoteles, que se ha de considerar no enfermo, he o fujeito, mas não quem he, fenaõ qual. Consta que eftando enfermo aquelle grande Príncipe dos Filofosofos, & provando, como já diffemos delle, que onde acaba a

Filofofia, começa a Medicina, disse ao Medico, como refere Eliano, que advertisse primeiro que elle não era cavador, nem vaqueiro, & sobre isto depois de examinada a causa, veria se havia de obedecer às suas receitas. *Ne, inquit, me cures ut bubulcum, aut fofsozem, sed prius causam ediffere, fci enim facile perfuafione me morigerum reddideris.* Distingue-se o Filofoso do cavador; porque o cavador com a enxada na mão, quanto come, & bebe em todo o dia, fua em mea hora; & o Filofoso com a efpeculação da fua fantasia avoca os efpiritos à cabeça, & ficaõ mal affiftidas as officinas do fangue, & fontes da vida: Deforte que a consideração do fujeito ha de examinar, se he robusto, ou delicado, se de muitas, ou poucas forças, se deste, ou daquelle exercicio; mas nesta diftineção, & na do temperamento não ha de entrar a da qualidade, & dignidade da pefsoa,

peſſoa, ſob pena de ficar
bem liſongeado o doente,
& mal curado. Por iſſo ve-
mos que melhor, & mais
facilmente ſe curaõ os
criados, que os amos, os
eſcravos, que os ſenhores.
Donde nãce, que curadas
nos nobres, & ricos mais
mimosa, & naõ radical-
mente as enfermidades,
ou ſãõ frequentes as reca-
hidas, ou, como grave-
mente diſſe Tertulliano,
quaſi tanto padẽce o mal
ſãõ a ſua ſaude, como pa-
decia a doença: *Ex aliqua*
og. *valetudine ſanitatẽm ſuam*
27. *patitur.*

261 E ſe iſto ſuccede
às qualidades particula-
res, que ſerã nas ſupremas,
& coroadas? Adõceo de
huma febre El-Rey D. Se-
baſtiaõ, & ſendo chamado
de Coimbra aquelle Ora-
cũlo da Medicina, que nas
cadeiras da meſma Uni-
verſidade he allegado com
nome de *Magnus Thomã*;
& que remedio applicou
ao Rey, que era de pouca
idade? Ordenou que lhe
fiſſẽm huma cama de

Rofas, & deitado nella,
ficou ſãõ. Mas o que
naquelle grande ſciencia
obrãraõ as Rofas, em ou-
tra menor ſe pôde curar
com eſpinhas. He policia
da Corte da China darem-
ſe às doenças do Rey os
meſmos titulos que à peſ-
ſoa Real. E aſſim dizem os
Medicos: A muito alta, &
muito poderosa febre de
Voſſa Mageſtade, Rainha
ſobre todos os Reys, &
Emperadora ſobre todos
os Emperadores, ou eſtã
mais remetida, ou mais al-
terada. E como nas doen-
ças dos Reys ſe cura a Ma-
geſtade, & naõ a nature-
za, & o reſpeito applica
os medicamentos, & naõ
o juizo; por iſſo a meſma
natureza, que no viver, &
morrer fez a todos iguaes,
naõ coſtuma obedecer ſe-
naõ àquelles remedios (po-
ſto que mais auſteros)
onde ella depositou a vir-
tude, & poz a efficacia.

262 O Medico naõ
cura a purpura, nem a co-
roa, ſenãõ o homem deſ-
pido, & o corpo, que em
todos

todos he do mesmo barro : & aonde o Medico quiz fazer distincção de barro a barro , alli se perdeo. Passando acafo Alexandre Magno por junto a hum cemeterio, vio nelle a Diogenes : & como lhe perguntasse que fazia naquele lugar ; respondeo o Filosofo : Ando aqui buscando os ossos de Filippe de Macedonia , mas não os posso distinguir : *Ossa Philippi patris quondam tui quero ; sed inter plebeorum non discerno.* Assim respondeo a liberdade do famosissimo Cynico à arrogancia daquelle soberbissimo monstro, como lhe chama Seneca ; & o ensinou a que se não estimasse mais que os outros homens , pois os ossos do pay, que lhe derao ser , & o sangue , se não distinguião dos outros. Mas como os palacios dos Reys , aonde os Medicos não são chamados senão por necessidade, assim como tem as portas sempre abertas à adulação , & lisonja , assim ellas por si

Maximil.
Sand. in
Dedic.
lib. de
Morte.

mesmas se fechaõ à verdade ; muito valor ha mister a do Medico que houver decurar a hum Rey, como a hum homem.

263 Em summa , posto que esta materia seja tão alhea da minha profissão, eu a reduzo confiadamente a huma só palavra. E qual he ? Que os Medicos devem ser como as enfermidades. Assim como as enfermidades não respeitão qualidades , nem dignidades , assim o devem elles fazer. A enfermidade não respeita qualidades , porque aindaque a nobreza se chame sangue, a enfermidade não se compoem , ou descompoem deste só humor , senão da discordia de todos quatro. E não respeita dignidades ; porque tão sujeito está à febre em palacio o Rey, como o moço do monte , & em Roma o Papa, como o faquino. Sejaõ pois os Medicos como as enfermidades ; porque *contrariorum eadem est ratio* , & não he bem que sejaõ de melhor

melhor condição os males, que os remedios. E por que todo o Medico se empenha muito pela verdade, & acerto do seu prognostico, sirva de conclusão a este ponto, & de prefação ao seguinte, que he de maior importancia, hum caso que agora me lembra, tão merecedor de ser ouvido por discreto, como de ser imitado por verdadeiro.

264. Estando enfermo S. Francisco de Borja no tempo, em que era Duque, tomou-lhe o pulso o Medico, & disse: Que me dará Vossa Excellencia, se à manhã lhe pedir as alviçaras de estar livre da febre? Estava no aposento hum aparador com muitas peças ricas de prata, & respondeo o Duque, que daquella baxella escolhesse o que lhe parecesse melhor: & escolheu a maior de todas, que era hum grande prato. Tornou ao outro dia o Medico, tomou o pulso, & equivocando como Castelhana na pala-

vra Plato, disse: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*: Vossa Excellencia ainda tem febre. Não refere o Historiador o que respondeo o Duque; mas eu lhe não dera então o prato, senão ametade da baxella: & se accrescentára que a febre tinha degenerado em maligna, lha dera toda. Maior acção que a deste meu pensamento veremos depois. Em dous casos obrará culpavelmente a inteireza, & verdade do Medico: ou na applicação respeitosa dos remedios, de que acabámos de fallar, ou no silencio, & dissimulação do perigo, de que agora fallaremos. Huma cousa he a doença que ameaça a saude temporal, outra a que pôde arriscar a eterna: a primeira pertence à cura da enfermidade, a segunda ao defengano da morte. E quantos Medicos ou por falta de valor, ou com soberba, & mal entendida piedade, por não desanimar os enfermos, & por não descon-

desconsolar os vivos, são causa de que se condemnem os mortos? Contra a enfermidade pecca-se na cura não se lhe applicando os remedios efficazes, posto que duros. E contra o enfermo, quando a doença he mortal, pecca-se muito mais gravemente na dissimulação, não o desenginando logo do seu perigo. O primeiro peccado he contra o *Curate infirmos*: o segundo contra o *Dicite illis: Appropinquavit in vos regnum Dei*. Este he o terceiro documento do Evangelho. Dizei aos enfermos, a quem curardes, que he chegado a elles o tempo de passar desta vida, & de ir reynar com Christo.

266 Que bem conhecido a difficuldade deste desengano, & a força deste respeito El-Rey Jeroboão! Estava gravemente enfermo o seu primogenito: quiz saber se viveria, ou não, & disse à Rainha, não fiando a materia de outrem, que disfarçada em

trajos de huma mulher ordinaria, fosse consultar o Profeta Ahias, & lhe dissesse que tinha hum filho muito doente, do qual dependia o remedio da sua casa, & que para saber o que havia de dispor della, lhe pedia, como a Oraculo de Deos, a certeza da sua vida, ou morte. Por ventura faltavaõ a Jeroboão os seus Medicos da Camera, & estes, como se costumava, não eraõ os mais doutros de todo o Reyno? Pois porque os não consultou o Rey, & ainda para tirar a verdade da boca do Profeta, com o engano do disfarce da Rainha quiz alcançar delle este desengano? O mesmo facto he a razão delle. Não consultou os Medicos, porque aindaque não duvidava da sua sciencia, tinha por certo que nenhum delles teria valor para não dissimular a morte do filho, & lhe manifestar com clareza que não podia escapar. E atè do mesmo Profeta que lhe tinha annunciado

nunciado a Corôa, quiz alcançar por meyo daquelle disfarce a verdade, que tanto cuidado lhe dava; porque a primeira revelação era dar a hum particular a nova de hum Reyno, & a segunda dar a hum Rey a da morte de hum filho.

267 Oh quanto trabalha o demonio para impedir, principalmente aos Reys, estes defenganos! Para impedir o fruto da primeira arvore da vida, disse a Eva: *Nequaquam morte moriemini*: para impedir o fruto da segunda, que he a Medicina, assim como poz estas palavras nos ouvidos da primeira mulher, assim poem as mesmas na boca d'os Medicos. Notai muito aquelle *Nequaquam*. Não disse que não morreriaõ, senaõ, que de nenhum modo haviaõ de morrer: *Nequaquam morte moriemini*. A promessa foi huma, & as mentiras foraõ sem numero; porque sendo innumeraveis os modos de

morrer, como experimentamos os filhos de Eva, elle disse que de nenhum modo morreriaõ. Foraõ tantos os modos de mentir, como saõ os modos de morrer, para que em nenhum modo de morrer faltasse o seu modo de mentir. E por isso saõ tantos os modos de enganar, ou de naõ defenganar, com que encobrem a morte aquelles que tem obrigação naõ sò de a declarar, mas a tempo.

268 Grande exemplo do maior dos Profetas maiores. Adoeceo mortalmente El-Rey Ezechias, no meyo (como elle cuidava) da sua idade: *In die medio dierum meorum*. Isaías 38. 10. Avisei-o Haías para morrer, & foi o aviso com estas palavras: *Dispone domui tuae*, 4. Reg. 20. 1. *morieis enim tu, & non vires*: Dispoem de tua casa, porque hasde morrer tu, & não hasde viver. Quem haverá que não admire esta repetição? Haver de morrer, & não haver de viver, não he o mesmo? O mesmo

mesmo he, mas mais claro. E repetio o Profeta o mesmo descengano, para que o Rey o não duvidasse. Quando Christo disse aos Apostolos que hia a morrer, por mais que lhes declarou o tempo, o lugar, o modo, os executores, & o mesmo genero da morte, diz o Euangelista que elles

Luc. 2.
50. o não entenderão: *At ipsi non intellexerunt*: porque não ha cousa mais difficiltoza de entender que esta palavra morrer. Por isso o Profeta o declarou não huma, senão duas vezes, nem por hum, senão por dous modos: huma vez por affirmação, *morieris*, & outra por negação, *non vives*. Imaginas que estás no meyo dos teus dias, & enganas-te; pois os passados já são de morte, *morieris*, & os futuros não hão de ser de vida, *non vives*. A vida dos Reys he de mui desigual esfera à dos outros homens, mas estas desigualdades, que só faz a fortuna, já he chegada a ti, ô Ezechias, a morte

que as iguala. *Morieris*, morrerás à vida, & *non vives*, & já não viverás à fortuna: *morieris*, morrerás ao Mundo, & *non vives*, & já não viverás à Magestade: *morieris*, morrerás como homem, & *non vives*, & já não viverás como Rey: *morieris*, morrerás como todos, & *non vives*, & já não viverás sobre todos.

269 Tudo isto quer dizer, *Morieris tu*, & *non vives*. Porém aquelle *tu*, não deve passar sem reparo. A palavra *tu*, na lingua Hebraica, como na Latina, he commum para todos: mas os vassallos quando fallão com os Reys; em lugar de *tu*, dizem, *Domine mi Rex*, que val o mesmo que, Vossa Magestade, como consta de toda a Escritura Sagrada nos livros dos Reys: & os Profetas quando menos à palavra *tu* accrescentão *Rex: Tu Rex*. Assim fallou Daniel a El-Rey Nabucodonosor: *Tu Rex Dominus cogitare coepisti*. Assim a

El-Rey

El-Rey Balthazar : *Pater inquam tuus, ô Rex* : & assim a El-Rey Dario : *Coram te, Rex, delictum non feci*. Pois se Isaiás era Profeta, & vassallo del-Rey Ezechias, & entre os Profetas, como o mais polido, & discreto de todôs, era chamado o Profeta Correzaõ, porque deixado hum, & outro titulo, fallou ao seu Rey nem como vassallo, nem como Profeta, senaõ taõ nua, & secamente com hum *tu: Morieris tu, & non viues*? Porque a occasiã não era de lisonjas, nem ainda de cortezias, senaõ de defenganos. Annunciava-lhe a morte, em que são iguaes todos os homens, & por isso lhe fallou como a qualquer outro homem, & não como a Rey. Assim como não usou de prologos, ou prefaçoens, nem de rodeyos, ou metáforas para a clareza, assim cortou pelas cortezias da Magestade, por não perdêr aquellê pouco tempo, aonde são taõ importantes os instan-

tes. Não esperou a que a debilidade da natureza o avisasse do seu perigo, mas elle lho declarou em quanto os sentidos, & potencias do corpo, & alma esta-vaõ inteiras, & em seu vigor para orar, como orou, para chorar, como chorou, & para recorrer a Deos, como recorreo, & entaõ o advertio que dispuzesse de sua casa, *Dispone domui tuae*, quando o podia fazer com o juizo, quietaçaõ, & sossego, que não permittem os accidentes nos desmayos, & perturbacoens da morte, & pois perdia a vida, que acaba com o tempo, seguia-se a que não ha de acabar por toda a eternidade.

270. Aonde não houver este valor, esta liberdade, & esta verdade de Isaiás, he certo que faltará a sua obrigaçaõ (como muitas vezes tem faltado) não sô os Medicos do corpo, senaõ tambem os da alma, taõ enganados nos respeitos humanos, ou deshumanos, de que se deixaõ

deixaõ cegar, que elles faõ os maiores traidores dos Reys, & dos Reynos; sendo pelo contrario dignos das maiores mercès, & dos mais aventajados premios os que com verdadeiro zelo, & amor não sò os defenganaõ livremente do perigo da vida, senaõ da certeza da morte. Aqui entra agora o exemplo da heroica acção, que eu prometti, muito maior que o meu pensamento, sobre o Medico de S. Francisco de Borja. Estando El-Rey Balthasar na ultima cea de sua vida, brindando aos seus idolos nos mesmos vasos sagrados, de que seu pay Nabucodonosor tinha despojado o templo de Jerusaleem; apparecêraõ tres dedos de huma mão invisivel, que escreviaõ na parede humas letras não conhecidas. Chamado Daniel para a interpretação dellas, disse ao Rey, que nas primeiras se continha o numero dos seus dias, nas segundas o peso das suas obras, & nas tercei-

ras, & ultimas o fim da sua vida, & do seu Reyno, que seria naquella mesma noite. Oh terrivel, & tremenda sentença! E que faria Balthasar ouvindo-a? Immediatamente o conta o Texto, & foi huma resolução, se pôde ser, ainda mais admiravel que a do Profeta. *Tunc, jubente Rege, indutus est Daniel purpurâ, & circumdata est torques aurea collo ejus, & prædicatum est de eo, quòd haberet potestatem tertius in regno suo.* No mesmo ponto, sem fallar outra palavra, o que fez Balthasar, foi mandar que Daniel fosse logo vestido de purpura com o collar de ouro, que era a outra insignia Real, & que na presença dos convidados, que eraõ mil, os maiores de toda a Monarchia, fosse apregoado no poder, & mando pela terceira pessoa do seu Reyno, sendo a primeira o mesmo Rey, a segunda a Rainha, & a terceira Daniel. E haverá quem pudesse imaginar tal resolução

ção no maior caso por todas suas circunſtancias que pôde ſucceder no Mundo?

271 De maneira que porque Daniel notificou a hum Rey a morte, & a privação do Reyno, que era a Monarchia dos Affyrios, & Chaldeos, a maior que nunca houve; o meſmo Rey avaliou com tal extremo eſte deſengano, que o não pagou, nem premiou menos, que com igualar ao meſmo Daniel no poder, & na dignidade a ſi, excepta ſomente a coroa. Mas não parou aqui o caſo, nem a cauſa da admiração, ainda vai por diante. *Eadem nocte interfectus eſt Balthaſar Rex Chaldaeus, & Darius Medus ſucceſſit in regnum:* Naquelle meſma noite, tomada por força de armas Baby-lonia, foi morto Balthaſar Rey Chaldeo, & lhe ſuccedeo no Reyno Dario Medo: com que parece que a purpura, o colar, o poder, & a dignidade de Daniel tambem eſpirou, ou havia de eſpirar com o

Rey, que.lha tinha dado. Mas não foi aſſim, porque Dario, poſto que como inimigo, & vencedor de Balthaſar, nenhuma obrigação tinha de confirmar o que elle tinha mandado, tendo porẽm noticia do que Daniel havia dito, & feito, não ſo o conſervou nas preeminencias da meſma dignidade, mas acrescentou a ellas o amor, o reſpeito, & a eſtimação que lhe devia o deſunto. Para que entendão os Reys, quam animados, & confiados devem ter os miniſtros de ſua ſaude, & vida, para que nos perigos della os deſenganem com toda a liberdade. E qual ha de ſer a verdade, & inteireza com que os meſmos miniſtros os devem deſenganar ſem temor de perderem a ſua graça, nem a de ſeus ſucceſſores.

S. X.

272 **D**Aqui não há que passar, para que acabem bem os enfermos. E para que acabem bem os Médicos, falta alguma cousa? Como andão sempre com a morte entre as mãos, ou entre os dedos, pôde acontecer que lhe tenhaõ perdido o medo. Mas para que seja com confiança da vida, que ha de durar para sempre, lembrem-se daquelle proverbio: *Medice cura te ipsum*: assim como curao os outros, não se esqueçaõ de se curar a si. Este he o maior exemplo que devem admirar, & imitar em S. Lucas. S. Lucas, como Euangelista de Christo, como companheiro perpetuo de S. Paulo, como aquelle Varaõ Apostolico: que peregrinou com elle tantas partes do Mundo por mar, & por terra, exercitando sempre as obras de misericordia; as corporaes, curando os corpos; as espirituaes, con-

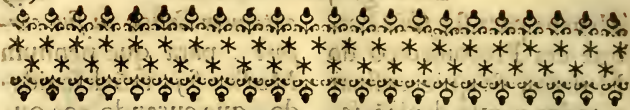
Luc. 4.
23.

vertendo, & salvando as almas; podia confiadamente ter por segura a salvaçaõ propria; & com tudo; como se fora hum grande peccador, que fazia? A mesma Igreja o diz: *Qui crucis mortificationem jugiter in suo corpore pro tui nominis honore portavit*. Sendo o seu corpo taõ santo, & taõ puro, que perpetuamente foi virgem; esse mesmo corpo mortificava, & martyrizava perpetuamente; & sem cessar, *jugiter*, & não com menor mortificaçaõ que a da cruz, *Crucis mortificationem*; a qual não para satisfazer por seus peccados, senaõ por honrado nome de Christo, *pro tui nominis honore*, sempre levava sobre o mesmo corpo às costas; *in suo corpore portavit*. Quando Christo Redemptor nosso sahio com a Cruz às costas, diz o Texto Sagrado: *Bajulans sibi Crucem, exiit*: que levava a Cruz para si. Pois se Christo não tinha necessidade della, porque a leva-

á levava para si, sibi? Por-
que era Protomedico do
Mundo, & quiz ensinar
a todos o que deviaõ fa-
zer. Christo, *Bajulans sibi
Crucem*: Lucas, *Mortifi-*

*cationem Crucis in suo cor-
pore*: para que nenhum
Medico seja taõ descuida-
do, que curando aos ou-
tros, se naõ cure a si: *Me-
dice cura te ipsum.*





S E R M A M

Do Beato

ESTANISLAO KOSKA

Da Companhia de J E S U S,

Prégado na lingua Italiana, em Roma, na Igreja
de Santo Andre de Monte Cavallo, Novi-
ciado da mesma Companhia.

Anno de 1674.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

§. I.

273



LOUVAR O
filho pela
mã, ou
engrande-
cer a mã pelo filho, in-
vento foi naõ vulgar de
huma eloquencia do vul-

go. Assim disse quem naõ
tinha aprendido a bem fal-
lar na lingua propria : &
assim o farei eu na estra-
nha. Hei-de fallar de hum
Beato; & naõ posso deixar
de beatificar o ventre de
que nasceo : *Beatus venter,*
qui te portavit. Esta he a
obriga-

obrigação de louvar o filho, & está a necessidade de não poder não louvar juntamente a mãe. Mas qual mãe? O filho he Estanislao: & quando eu ponho os olhos neste bendito filho, vejo huma, duas, & tres mãys; cada huma das quaes o quer por seu. Não basta aqui a espada de Salamaõ; porque são mais que duas: as que litigão:

274. Viveo pouco Estanislao, & não podia viver muito. Aos Anjos concede-se pouca via, ou pouco espaço de viadores: & não pôde continuar muito quem começa pelo fim. Com tudo em huma via tão breve, & em huma vida tão curta, foi Estanislao tres vezes concebido, & tres vezes nascido. Não digo cousa nova, & sem exemplo: mas o exemplo he tão unico, & tão alto, que a faz mais admiravel, & mais nova. Fallando de seu proprio Filho diz Deos por boca de David: *Filius meus es tu, Ego hodie*

genui te: Vós fois meu Filho, & Eu vos gerei hoje. Mas quando foi este *hodie*, & este hoje? Em hum, em dous, & em tres nascimentos. *Hodie*, hoje na geração eterna: *hodie*, hoje na encarnação temporal: *hodie*, hoje na resurreição gloriosa. Assim o affirma S. Paulo. E isto que sô se cré de hum homem Deos, nós o verémos por seu modo em hum moço-finho, que não chegou a ser homem. Christo tres vezes nascido de hum só Pay; Estanislao tres vezes nascido, mas de tres mãys:

275. E que mãys foram éstas? Huma em Polonia illustrissima: outra em Germania Divinissima: & a terceira em Roma perfeitissima. Em Polonia a mãe natural, que lhe deo o primeiro ser: em Germania a Mãe de Deos, & sua, que lhe deo o segundo: em Roma a Companhia de JESUS, que lhe deo o ultimo, & apenas concebido no ventre o trespassou à sepultura. Foi

Gen. 3.
20.
Apocal.
1. 5.

Estanislao o primeiro, que morreo nesta Casa : & sendo ella verdadeiramente *Mater viventium*, elle foi o seu *Primogenitus mortuorum*. Não devia hum tal mãy ter outro primogenito, nem hum tal primogenito outra mãy. A primeira mãy cede facilmente à terceira : a terceira cede gloriosamente à segunda : & eu para louvar a Estanislao em todas tres, que farei? Não farei, nem posso fazer mais, nem menos, que provar o meu thema em todas tres. Veremos pois em outros tantos correlativos hum filho bemaventurado beatificado em tres mãys, & tres mãys bemaventuradas, & beatificadas em hum filho: *Beatus venter, qui te portavit*. Temos não só proposto, mas já dividido o discurso ; comecemos pela primeira parte.

§. II.

Beatus venter, qui te portavit.

276 **C**ONCEBIDO que foi Estanislao : (começo assim, porque em materia grande, & em tempo breve, nem se deve perder tempo, nem palavra) Concebido que foi Estanislao no ventre da primeira mãy ; eis que apparece milagrosamente sobre o mesmo ventre o nome de JESUS, não escrito, ou pintado, mas esculpido, & relevado na mesma carne ; & todo cercado de rayos. Ouvistes ; ou lestes algum hora caso semelhante ? Prodigio verdadeiramente estupendo, & inaudito ; mas se eu me não engano, já de muito longe antevisto, & promettido. Do nome de JESUS tinha profetizado Isaias em huma palavra de dobrada significação duas cousas singulares, que verião os seculos futuros.

A pri-

A primeira, que aquelle nome seria nomeado do Ceo ; a segunda, que do Ceo seria esculpido. *Nomen, quod os Domini nominabit : nomen, quod os Domini insculpet.* E quando se cumprio este oraculo ? A primeira promessa se cumprio antes da conceição de Christo, quando o Anjo annunciou do Ceo o nome de JESUS, *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.* A segunda não estava ainda cumprida, & se verificou na conceição de Estanislao, quando no ventre da mãy appareceo o nome de JESUS esculpido: *Nomen, quod os Domini insculpet.* Mas o nome de JESUS no ventre de huma mulher ? No ventre de huma mulher aquelle nome, *Quod est super omne nomen,* não só escrito, ou sobreescrito com letras; não pintado, ou divisado com cores; mas formado da mesma carne. Sim, da mesma carne: & aqui está o mais admirável, & o mais mi-

raculoso do milagre. Nas entranhas da Mãy de Deos encarnou Deos o seu Verbo: & nas entranhas da mãy de Estanislao encarnou o Verbo o seu nome. Naquelle ventre a encarnação do Verbo occulta; neste a encarnação do nome manifesta: naquelle com milagre novo, & inesfavel, que não terá segundo; neste com milagre novo, & inaudito, que não teve primeiro. Oh mulher verdadeiramente beatificada, & consagrada: O teu ventre foi o primeiro templo de Estanislao: & posto que ainda se não podia adorar o Santo, já se devia adorar o templo: *Ut in nomine Jesu omne genu* Ibidem. *flectatur.*

277 Esta he, senhores, a primeira folha da vida de Estanislao, na qual vos peço, que façais reflexão sobre o que eu principalmente admiro, & he, que sendo todos os Santos obra de Deos, sô esta firmou o mesmo Deos, & sobreescreveo com o seu nome.

nome. Se vissemos que hum famosissimo Artifice depois de ter entalhado em marmore muitas estatuas, ou pintado em laminas de bronze muitas figuras, todas que espirassem vida, & causassem espanto, & ao pé de huma só dellas imprimisse a sua divisa, ou escrevesse o seu nome, que diria o Mundo? Diria com razão que aquella era a obra mais primorosa da sua arte, aquella a mais estimada delle, & mais perfeita. Eu não me atrevo a dizer tanto; mas tanto he o que em semelhantes casos fazem os Artifices humanos, & tanto o que fez (bem que huma só vez) o Divino. Daqui se entenderá hum famoso Texto de S. João, ainda entre os doutos difficuloso. *Hunc enim Pater*

Joan. 6.
27.

signavit Deus. Quer dizer, que no composto ineffavel de Christo imprimio, & estampou Deos Padre o seu sello. Assim o declara mais expressamente o mesmo Texto original Gre-

go: *Hunc enim Pater signavit Deus.* Ora vede.

278 Creou Deos, & vestio a terra com tanta variedade de creaturas, cuja fermosa vista suspende, & leva apoz si os olhos; mas não imprimio o seu sello na terra. Creou o Ceo bordado de ouro sobre azul com Sol, Lua, & Estrellas, vencendo a arte, & a ordem não só a materia, senão a fórma de todas as sublunares; mas não imprimio o seu sello no Ceo. Creou os homens, & Anjos, os Cherubins, & os Serafins, & posto que em todos, & cada hum ou com semelhança, ou com diversidade admiravel, tivesse ideado a sua propria imagem, nem por isso imprimio nelles a estampa do seu sello. E porque? Não eraõ obras dignas da mão, & do pincel Divino? Sim eraõ, & muito: *Vidit cuncta, quæ fecerat, & erant valde bona.* Porque razão logo não as honra Deos, ou não se honra de imprimir nellas o seu sello? Porque tinha

tinha o supremo Artifice na mente outra obra mais nobre, mais sublime, mais Divina, mais sua; & esta sô julgou por digna de a sinalar, & distinguir de todas as outras com a divisa do seu nome. Assim foi.

*Creavit Dominus novum
super terram.* Sahio Dêos ao Mundo com aquelle artefacto novo, & incomprehensível, aonde atou o humano com o Divino; o creado com o increado, o finito com o infinito, unidos, & divididos juntamente em hum supposto: & como aquella era a maior obra sua; aonde a Omnipotencia empregou todo o poder, & a Sabedoria compendiou toda a arte; esta sô sobreescreveo com o seu nome, & sellou com o seu sello: *Hunc Pater signavit Deus.* Este he o verdadeiro sentido do Texto: Mas eu tremo de applicar a semelhança: Sô não posso deixar de dizer o que se não pôde negar. De Christo he verdadeiro dizer: *Hunc Pater signavit Deus:*

de Estanislao não se pôde negar: *Hunc Filius signavit Deus.* Christo sinalado com o sello do Padre; Estanislao sigillado com o nome do Filho.

279 Mas qual será o significado deste grande final? Hum final, hum prodigio, hum portentoso taõ novo, & inaudito não podia não ter, & encerrar em si huma grande significação. E qual foi esta? Todos dirão, que ser Estanislao sinalado no ventre da mãy com o nome de J E S U S, significa que aquelle minino seria hum insigne, ou assinaladissimo Jesuita. (Fallo ao vosso modo.) Hum Xavier, hum Borja, hum Gonfaga, & tantos outros Martyres, & Confessores, & ainda o mesmo Pay de todos, forão Jesuitas feitos: Estanislao foi Jesuita nascido. Esta he a energia, com que dizemos, que o Orador se faz, & o Poeta nasce. Foi Estanislao Jesuita nascido, & o que he mais, muito antes de nascido já Jesuita.
Morreo

Morreo Estanislao no noviciado : & podia competir na antiguidade com o mesmo Fundador. Santo Ignacio viveo sessenta & cinco annos ; & teve dezafeis de Jesuita : Estanislao viveo dezoito annos ; & teve de Jesuita dezanove ; porque já desde a conceição era Jesuita.

280 Certamente este significado parece proprio, & natural ; mas segundo a nossa divisaõ pertence à terceira mãy, & não à primeira, de que agora fallamos. Qual foi logo o verdadeiro significado daquelle miraculoso JESUS em respeito à primeira mãy de Estanislao, que he a de Polonia ? Eu não quero, nem posso querer outra interpretação, nem mais propria, nem mais certa, que a do primeiro Interprete do mesmo nome. O Anjo, que foi o primeiro, que pronunciou, & interpretou o Santissimo nome de Jesus, que disse ? *Ipsè enim salvum faciet populum suum*: Porque elle salvará o seu

povo. Este he o verdadeiro significado daquelle final. Sabeis que quer dizer o nome de JESUS estampado sobre Estanislao concebido em Polonia ? Quer dizer, que aquelle Minino seria o salvador, & libertador do seu povo : *Ipsè enim salvum faciet populum suum*. O effeito provou o prodigio. Quantas Cidades de Polonia, & quantas vezes ardiaõ em peste, & recorrendo a Estanislao não sã Catholicos, mas tambem hereges, & como se ao seu mandado embainhasse a espada o Anjo percussor, todas ficavaõ livres ? Porèm estes eraõ povos particulares, & o final diz mais : *Populum suum* : não hum, ou alguns povos, mas todo o povo, todo o Reyno, toda a nação : & assim o experimentou a Polonia toda.

281 O maior perigo, em que já mais se vio toda Polonia, foi o anno de seiscentos & vinte & hum, quando Osman com exercito de trezentos mil Tur-

cos, & maior numero de Tartaros não sô a vinha invadir, mas inundar: não sô a conquistalla em parte, mas a dominalla, & devoralla toda. E qual foi o remedio, & o foccorro em caso, & aperto taõ desesperado? Já o Rey, & o Reyno tinhaõ pedido a Roma a cabeça de Estanislao, para que elle o fosse das suas armas, sustento, & muro da Patria; quando entre grande temor, & pouca esperança amanheceo o dia decretorio de dez de Outubro, decretorio, mas immortal. No mesmo dia entrou a cabeça de Estanislao na Polonia: no mesmo dia appareceo Estanislao visível no ar, não armado, mas orando: no mesmo dia foi visto o Minino Jesus, que do collo, & braços da Mãy voltado a Estanislao lhe dava a mão: no mesmo dia se deo a desigualissima batalha; & no mesmo foi roto Osman, & a multidaõ immensa dos barbaros feros, armada, & attonita preci-

pitou a fugida. Assim ficou em pé, & salva aquella gram muralha do Christianismo: & Estanislao nas vozes, nas pinturas, nas estatuas, nas escrituras acclamado salvador, & libertador da sua Patria, & do seu povo: *Ipse enim salvum faciet populum suum.*

282 Tal foi o significado daquelle grande final. Mas a maior gloria do caso, a meu juizo, he, que o final, o significado, a mãy, o Filho, a vitoria, o Turco, tudo foi visto por S. Joaõ, & o deixou escrito, ou retratado de sua propria penna em humas das mais famosas figuras do seu Apocalypse. E agora (contra o que costumo) citarei a multidaõ de Authores, que quando não são necessarios, mais fervem de embarçar, & escurecer, que de declarar o que dizem. Santo Antonino, Ubertino de Casalis, Paulo Burgenfe, Pedro Galatino, Celio Pannio, Lyrano, Dionysio Carthusiano, Serafino de Fermo,

Fermo, Ribera, Viegas, Sá, Cornelio A Lapide, & os outros Commentadores, que escrevéraõ depois do Imperio Ottomano, todos concordão que em boa parte do Apocalypse estaõ historiadas as perseguiçoens da feita Mahometana contra a Igreja, & as vitorias, & triunfos da Igreja contra ella. Isto posso, ouçamos o Texto de S. Joaõ. Diz que vio succellivamente no Ceo (isto he no ar) dous sinaes; ambos grandes, & espantosos: o primeiro taõ fermoso, & alegre, como o segundo feyo, & formidavel. O primeiro era hum mulher vestida de Sol, coroadade Estrellas, & que tinha a Lua debaixo dos

Apocal.
12. 1.

pés: *Signum magnum apparuit in caelo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona Stellarum duodecim.* O segundo era hum grande dragaõ de cor leonada, ou vermelha, o qual tinha sete cabeças, & nellas sete diademas, & dez pontas:

& assim soberbo, & armado se presentou, & poz em campo contra a mulher, que estava prenhe, para tragar hum filho, que della havia de nascer: *Et visum est aliud signum in caelo: Et ecce draco magnus rufus, habens capita septem, & cornua decem: & in capitibus ejus diademata septem: & draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset, filium ejus devoraret.* E quem forraõ, ou haviaõ de ser esta mulher, & este dragaõ?

283 Além dos Commentadores citados, Cedrino, Zonaras, Genebrardo, Capomzachio, Ludovico Legronense, & outros graves Authores, reconhecem no dragaõ o Turco, & seu Imperio: dragaõ venenoso, feroz, & sanguinolento por violencia, & tyrannia, & por discordia, & focordia nossa formidavel no poder, & dominador de tantas Provincias, & coroadado de tantos Reynos. A mulher, posto que com diferente expli-

explicação, & applicação, se ouve commummente nomear nos pulpitos: este sentido na fecundidade das Eferituras não desfaz, nem contradiz a probabilidade de outros, principalmente sendo o mais certo interprete das profecias o tempo, cujos successos futuros, sem descreditar os passados, se de claraõ mais nõs presentes. E se o Author da Historia Profetica Carmelitana, & os que o seguem, reconhecem naquella mulher prodigiosa a mãy de Elias, vencedor futuro do Antechristo: & Aurelio, & outros a explicaõ da mãy de Heraclio, vencedor já passado de Cosroas, com muito maior razaõ a posso eu interpretar da mãy de Estanislao, famoso triunfador em nossos dias de todo o poder Ottomano.

284 Para que se veja a propriedade do caso, voltemos com a applicação sobre a mesma Historia. Primeiramente a mãy de Estanislao com aquelle

Santissimo Nome bordado, ou esculpido no claustro natural, que desde sua conceição o encerrava, & cobria, ninguem pôde negar, que fosse hum grande, & prodigioso sinal, *Signum magnum*. Diz o Texto, que a mesma mulher estava prenhe, *In utero habens*; & assim era. Diz, que o parto desta visinha esperança havia de ser hum filho varaõ, pouco depois arrebatado ao Ceo; *Peperit* Ibidem *filium masculum, qui raptus est ad Deum, & ad thronum ejus*; & assim o foi Estanislao na primeira flor da sua idade arrebatado, & roubado do Ceo. Diz, que a mulher estava vestida do Sol, *amicta Sole*; & este Sol era aquelle nome de JESUS, o qual por isso como Sol estava todo cercado de rayos, & resplandores. Diz, que entãõ appareceo contra elle o dragaõ formidavel, *rufus*; ameaçando fogo; & fangue; soberbo com todas as coroas, que tem, & de que lie cabeça, *In capitibus*

tibus ejus diademata septem; & armado com todo o poder, & fortaleza de seus exercitos, *& corona decem;* & estes são os com que o Turco invadio a Polonia. Diz finalmente, que tambem a mulher appareceu coroada, & não com coroa tecida das folhas Murciaes; senão de Estrellas, *In capite ejus corona Stellarum;* & assim havia de apparecer coroada pela famosissima vitoria; & com coroa de Estrellas, porque a vitoria foi do Ceo, & não da terra. E para que ninguém duvidasse da verdade do mysterio, como se S. João na base da figura escrevesse a summa da historia, conclue com aquellas poucas, & grandes letras, *Et Luna sub pedibus ejus,* que a mulher tinha a Lua debaixo dos pés; porque a lua Ottomana, aquella lua, que ondeando nas bandeiras inimigas ameaçava hum taõ grande eclipse à Igreja, ella foi a eclipsada, ella a rebatida, & abatida, ella a

pizada, & metida debaixo dos pés, *sub pedibus.* E posto que a vitoria fosse do triunfante filho libertador da Patria; com tudo o Profetico Euangelista a attribue à mãy prodigiosa; porque segundo o Texto taõ louvado do Euangelho, a gloria do filho se deve attribuir à mãy, & ao felice ventre, que em si o trouxe: *Beatus venter, qui te portavit.*

S. III.

285 **A** Segunda mãy de Estanislao foi a Mãy de Deos. Offereceo Estanislao à Mãy de Deos hum dom grande, & lhe pedio outro maior. O que offereceo foi a pureza virginal com perpetuo voto: o que pedio foi, que a mesma Mãy sempre Virgem fosse mãy sua. Se o alcançou, ou não, aqui pôde estar a duvida. A virgindade, que offereceo, parece que merecia a maternidade, que pedia; porque a S. João, entre todos

os Apóstolos, foi concedida a maternidade de Maria, não por outra prerrogativa; que pela da virgindade: *Matrem Virginem virgini commendavit.* Com tudo este exemplo, por ser singular, & unico, não faz argumento. E ainda que o fizesse, não he bastante; porque, como notou Salmeirão, daquelle Texto de S. João: *Ex illâ hora accepit eam discipulus in suam:* sô se prova, que João aceitou a Virgem por mãy; mas não que a Virgem aceitasse a João por filho. E se esta aceitação se pôde duvidar de João, quanto mais (dirá alguem) de Estanislão?

286. Para solução da dúvida, & prova da minha proposição, ouvi hum caso maravilhoso, & não maravilhoso com huma sô, senão com tres maravilhas. Enfermo mortalmente Estanislão em Germania, entre as ultimas respiraçoens da vida o affligia huma sô dor: não de

mor, mas de morrer sem o Santissimo Viatico; porque a casa era de hum hegege, que por nenhum modo o quiz consentir. No meyo destas devotas angustias ouviu o Ceo as ansiosas preces de Estanislão, & o soccorreo não com hum, mas com tres milagres. O primeiro foi, que dous Anjos, em falta de Sacerdote, lhe trouxerão o pão dos Anjos, & o commungárao por Viatico. O segundo, que logo appareceo no mesmo aposento a Bemditissima Virgem, & com a sô vista sua toda chea de Divindade o restituhio da morte à vida. O terceiro, que depondo amorosamente o Minino Jesus, que trazia nos braços, o recostou no mesmo leito, em que jazia Estanislão. Retende na memoria os dous primeiros milagres, em quanto eu admire este ultimo, & lhe tiro a consequencia. O Minino Jesus no leito de Estanislão, & Estanislão, & o Minino Jesus ambos no mesmo

mesmo leito? Logo este foi o acto de posse, com que a Virgem aceitou a filiação de Estanislao, & lhe deu a investidura da sua maternidade. Quiz a Mãy de Deos, que o Minino Jesu, & Estanislao como dous irmãos, & como dous filhinhos da mesma Mãy repoufassẽm juntamente no mesmo leito, para declarar, que desde aquelle ponto em diante hum, & outro eraõ seus filhos, & hum, & outro entre si irmãos.

287. Não he confissão minha, mas de Sallamaõ. Tinha dito a alma

Cant. 3.
1. *In lectulo meo quaesivi quem diligit anima mea: & continuando sem cessar neste mesmo desejo, em seguimento sempre do que tanto suspirava, rompeo neste amoroso affecto:*

Cant. 8.
1. *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meae, ut inveniam te! Oh irmão meu, se eu fosse tão felice, que depois de vos buscar tantas vezes, & com tão ancioso desejo, fi-*

nalmente vos achasse pendente dos peitos, & braços de minha mãy! Assim dizia, & assim desejava aquella alma: & eu entendendo bem o que deseja, mas não entendo como falla. Quer achar o Minino Jesus, & em lugar de dizer, o meu Senhor, diz, o meu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* Que-lo achar pendente dos braços, & peitos da Mãy, & em lugar de dizer, da Mãy sua, diz, da mãy minha: *Sugentem ubera matris meae?* Sim; porque aquella alma fallava desejando, & fallava muito coherente ao seu desejo. Desejava achar o Minino Jesus, & o lugar onde o buscava, era o seu leito, *In lectulo meo quaesivi quem diligit anima mea:* & huma vez que o achasse onde o buscava, huma vez que o tivesse consigo no mesmo leito, já o Minino Jesus era seu irmão: *Quis mihi det te fratrem meum?* & já a Mãy do Minino Jesus era Mãy sua: *Sugentem ubera matris*

matris meae. Logo bem digo eu, & bem provo, que meter a Virgem o Minino Jesus no mesmo leito com Estanislao, foi aceitar a Estanislao por filho, & dar-lhe solemnemente a posse da sua maternidade.

288 O mesmo rito, ou a mesma solemnidade se observou no acto de aceitar por filho a Joao, naõ na Cruz, como todos cuidaõ, senaõ na Cea. Na Cruz foi publicada a filiaçaõ, na Cea foi tomada a posse. E quando? Quando foi admittido Joao a fazer no mesmo leito com Christo, & a repousar sobre o seu peito. Todos os que lem a Escriitura Sagrada, sabem que era uso dos Hebreos porem-se à mesa naõ assentados, senaõ jazendo; naõ em cadeiras como nós, senaõ em leitos. E que fez S. Joao? Passou do seu leito ao de Christo, alli se recostou sobre o seu peito: *Recubuit super pectus ejus.* E aqui tomou a primeira posse de irmaõ de Christo, & filho.

Tom. I I.

de Maria, a qual posse depois foi declarada, & publicada na Cruz. Exquisitamente Arnaldo Carotenense: *Discipulus, qui in Cœnâ Dominicâ cervical sibi in pectore Magistri aptavit, post illud reclinatorium vices filii naturalis accepit.*

Assim Joao, & assim Estanislao: Joao reclinado sobre o peito de Jesus, & Jesus passado dos peitos da Mãe ao peito de Estanislao; & ambos jazendo, naõ em diferentes leitos, senaõ no mesmo. Logo, & por isso Joao, & Estanislao, hum, & outro irmaõ de Jesus, hum, & outro filho de Maria: *Post illud reclinatorium naturalis filii vices accepit.*

289 E se alguem me perguntar qual maternidade, ou qual filiaçaõ fosse mais perfeita, se a de Joao, ou a de Estanislao; digo que a de Joao foi mais autentica, porèm a de Estanislao mais perfeita. Quem mais altamente fallou de S. Joao no privilegio de filho da Virgem,

Q

foi

foi o Cardeal S. Pedro Damiaõ. Chegou a imaginar, que as palavras, *Ecce filius tuus*: *Ecce mater tua*, tiverão a efficacia das palavras da consagração: & como Christo nosso Senhor no mysterio da Sagrada Eucharistia consagrou o corpo, & sangue recebido da Virgem Maria, assim em S. João consagrou a relação de filho feu: & que por isso não contente com dizer, *Ecce filius tuus*, ajuntou, *Ecce mater tua*; porque a relação devia ser mutua, & reciproca de mãy a filho, & de filho a mãy: de mãy a filho, *Ecce filius tuus*: de filho a mãy, *Ecce mater tua*. Com tudo tal pensamento he mais forte, que solido; porque para fundar verdadeira relação não basta sô o affecto da mãy a respeito do filho, & o obsequio do filho a respeito da mãy: mas he necessario de mais, que a mãy de verdadeiramente ao filho o ser, & a vida. Isto não teve S. João, &

Joan.
19. 26.
27.

Estanislaõ sim. Lembrai-vos agora dos dous milagres já referidos, que deposte em a vossa memoria.

290. S. João não recebeu o ser, & a vida da Virgem Santissima Senhora nossa; mas a Virgem he certo, que verdadeiramente a deo a Estanislaõ; porque estando mais morto que moribundo, & quasi espirando; a mesma Senhora, como sua segunda mãy; lhe deo milagrosamente a segunda, & nova vida. Atè aquelle ponto filho Estanislaõ da mãy natural, que lhe deo o primeiro ser: daquelle ponto em diante filho da mãy sobrenatural, que lhe deo o segundo. Agora entenderis o mysterio de huma grande implicancia, que se acha em hum milagre combinado com o outro. O primeiro foi, que os Anjos lhe deraõ o Viatico: o segundo, que no mesmo ponto a Rainha dos Anjos Maria Santissima Senhora nossa lhe restituiu a vida.

a vida. Já se vé a implicancia. Se lhe queria restituir a vida, porque lhe faz dar o Viatico? E se lhe dá o Viatico para a morte, porque lhe restitue a vida? Porque naquelle mesmo ponto acabava Estanislao huma vida, & começava outra. Morria à vida recebida da mãy natural, & por isso se lhe deo o Viatico: nascia ao ser recebido da mãy sobrenatural, & por isso se lhe deo a vida. E como Estanislao verdadeiramente recebeu o ser, & a vida de Maria Santissima Senhora nossa, & Joáo não; por esta circumstancia tão sustancial foi mais perfeitamente filho seu, que o mesmo Joáo.

291. E para que se veja quam bem merecida foi esta filiação, fundada como a de Joáo na prerogativa da pureza virginal, & quam propria de filho da mãy virgem; quando a Virgem Santissima Senhora nossa foi annunciada pelo Anjo, Tur-

bata est in sermone ejus. E porque? Sòmente porque as palavras da embaixada parecião contrarias ao voto da sua virgindade.

Por isso se perturbou de tal forte, que para que não desmayasse, foi necessario, que o Anjo chamado *For-*

Ibidem

10.

titudo Dei, a confortasse, dizendo: *Ne timeas, Maria.* E a pureza de Estanislao era tão propria de filho daquella purissima mãy, que se alguma vez acaso ouvia alguma palavra menos casta, se perturbava elle tambem com tal excessõ, que subitamente desmayava, & cahia amortecido. He exemplo, que não se lé de algum outro Santo, & tanto mais raro, quanto não foi huma sò vez, senão muitas as que lhe acontceo. Mais: Eraõ tão Divinos os rayos de pureza, que resplandecião no soberano rosto da Mãy de Deos, que como diz Santo Epifanio, sò com ser vista infundia castidade; & foi experiencia de mu-

ros, sendo tentados do vicio contrario àquella virtude, que sô com podem os olhos no rosto de Estanislao, fugia a tentação. Era a vista de Maria Santissima Senhora nossa como a vista de Deos, que faz semelhantes a si aos que o vêem: *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum.* Esta graça, que communicou Deos a sua Mãe, communicou a Mãe de Deos a seu filho Estanislao.

1. Joan.
3. 2.

292 Mas o que eu mais admiro; he, que nunca em toda a sua vida se atrevesse o demonio ao tentar em materia da pureza, ainda com hum mínimo pensamento: privilegio verdadeiramente Divino, & muito mais admiravel em tal sujeito. Era Estanislao moço, illustre, & de gentil presença, & estas são as tres lanchas, com que o Joab do inferno fere mortalmente, & todas emprega no peito dos Absaloens. Logo se o demonio se achava

tao fortemente armado contra Estanislao, porque o não tenta? Porque era filho da sempre Virgem Santissima Senhora nossa. Ao filho primogenito desta grande Mãe tentou o demonio tres vezes: a primeira na gula, a segunda na vã gloria, a terceira na cubiça; mas como nota o Angelico Doutor Santo Thomás, não o tentou na castidade. E porque motivo, ou respeito? Christo permittio ser tentado não por outro fim, que o do nosso exemplo: & o exemplo desta difficil virtude, era o mais necessario à fragilidade humana. Porque não deo logo esta permissão ao demonio em materia da pureza? Porque era indecente huma tal tentação ao Filho de Maria Santissima Senhora nossa. Nos outros vicios tentado, mas não vencido: neste vicio nem vencido, nem tentado. Como Filho de Deos, *Si Filius Dei es*, tentou-o o demonio com

com todas as outras fugestoes : como filho de Maria, *Filius hominis*, posto que tao descomedido o demonio, nao se atreveo ao tentar em tal materia.

293 Este foi o respeito, porque o demonio nao teve atrevimento para tentar a Estanislao na pureza. Mas nem por isso deixou de o tentar em outros modos huma, duas, & tres vezes, como a Christo. Revestio-se de noite de huma fantasma medonha, & appareceo a Estanislao em figura de hum monstro fero, & esfaimado, que com huma grande boca aberta, & os dentes arreganhados ameaçava de o engulir. E que fez Estanislao ? Rio-se daquella mascara tao fea, como quem a pintava, & com dous dedos em forma de Cruz o fez retirar, & fugir. Mas eu lhe quero tomar o passo. Para demonio. Tu nao sabes ser tentador. Queres tentar a Estanislao, & o tentas com cocos como a minino ? Tenta-o como a

mancebo com outra figura daquellas, de que tu te ferves para render aos da sua idade. Tenta-o como a Sichem, como a Joseph, como a Samsao. Qual he pois a razao, porque o demonio nao tenta a Estanislao como a mancebo com figuras deleitosas; que provoquem o appetite, senao medonhas, feas, & fantasticas como a minino ? Porque Estanislao estava convertido em minino por milagre da castidade heroica. Ouvi huma Filosofia desta virtude, que por ventura nunca ouvistes. A castidade heroica cresce para baixo. E quanto hum homem sobe pela idade, tanto desce pela castidade.

294 Escreve o Texto Sagrado a historia de Joseph, & antes de ser tentado lhe chama *vir* : *Erat* Gen. 39. 2.
vir in cunctis prosperè agens : vai por diante, & quando foi tentado da Egypcia lhe chama *adolescens* : *Et* Ibidem 10.
mulier molesta erat adolescenti : finalmente chega ao

Q iij cárc-

carcere, onde já vencedor padecia pela mesma virtude, & lhe chama *puer*. *Erat ibi puer*. *Hebraeus*. Já vedes a difficuldade. Primeiro se devia chamar *puer*; depois *adolescens*; depois *vir*: mas primeiro *vir*, depois *adolescens*, depois *puer*? Sim; porque Joseph tinha dous modos de crescer: *Filius accrescens* Joseph, *filius accrescens*. Pela idade crescia para cima, *puer, adolescens, vir*: pela castidade decrescia para baixo, *vir, adolescens, puer*. Assim o significou o mesmo Joseph, respondendo à tentadora. *Quomodo possum?* Não disse, não quero; senão, não posso; porque aquillo, que no homem he livre, no minino he necessario; aquillo, que no mancebo he virtude, no minino he impossibilidade: *Quomodo possum?* Ao mesmo modo Estanislao. Joseph como heroe da castidade crescia da juventud à adolescencia, & da adolescencia à puericia: & Estanislao, que ainda não chegava à

perfeita juventud; crescia da adolescencia à puericia, & da puericia à infancia. E porque o demônio em Joseph tinha já aprendido esta Filosofia, que dantes não sabia, desesperado de vencer a Estanislao como mancebo, o tentou como minino. Mas como este minino era irmão do outro, & ambos filhos da Mãe Virgem, ambos lançárao fora o espirito immundo. E merece a mesma Mãe, que nós lhe digamos pela virtude deste segundo filho o mesmo, que lhe foi dito pela virtude do primeiro: *Beatus venter, qui te portavit*.

§. IV.

295 **S**omos chegados à terceira mãe, & posto que tarde, já estamos em casa. Depois de Estanislao ter por mãe a Mãe de Deos, parece que não era necessario, nem conveniente, nem decente ter outra. Mas a mesma Mãe de Deos por eleição sua

sua lhe deo a terceira mãy, mandando a Estanislao, que entrasse na Companhia de Jesus. Se esta Religião não tivera outro louvor, este sò bastava para a fazer gloriosa. O Filho de Deos mandou os seus discipulos da sua escola à escola do Espirito Santo: *Ille vos docebit omnia, quaecumque dixerit vobis.* A Mãy de Deos mandou o seu filho amado da sua escola à escola da Companhia.

296 No mesmo ponto tratou Estanislao de entrar no Noviciado de Vienna, onde então se achava. E porque não foi recebido por respeito de seu pay, se deliberou a fugir incognito, & ir buscar a Companhia em Augusta. Nesta viagem noto eu, que não fazendo Estanislao milagre algum já mais em beneficio proprio, sò por vir à Companhia fez milagres. Caminhava elle disfarçado em trajo de peregrino, pobre, sò, a pé, & com hum bordaõsinho na mão, quando de hum seu

irmão mais velho, & do seu ayo, que em huma carroça a seis cavallos o vinhaõ seguindo, foi descoberto em tal passo, que se vio Estanislao como o povo de Israel entre os carros de Faraó, & o Mar Vermelho. Diante impedida a passagem hum rio, que cortava a estrada: detraz vinha correndo a toda a furia a carroça de seus perseguidores. Que fará o pobre fugitivo? Como se o bordaõsinho de Estanislao fosse a vara de Moyfés (mas mais piedosa, & mais innocente) a carroça, & os cavallos, a pezar do cocheiro, & dos repetidos golpes do açoute, paráraõ immoveis, como se fossem de marmore: & o rio passou-o elle por cima da agua a pé seguro, & enxuto, como se de huma à outra ribeira fosse continente. Não fez barca da capa, como seu patricio S. Jacinto, porque a não tinha.

297 Desta maneira fazendo milagres por se ver

na Companhia, chegou Estanislao a Augusta. Mas ainda naquelle Collegio o não quizerão receber. O mesmo vento, que apaga o fogo, se he pequeno; se he grande, o accende mais. Assim cresceu com a contrariedade a constancia de Estanislao, & de huma resolução tão grande subio a outra maior. Resolve vir a Roma com intenção, & animo firme, se não fosse admittido em Italia, de passar a França, a Hespanha, às Indias, & a qualquer parte do Mundo até conseguir a Companhia. Fez Estanislao pela Companhia, o que a Companhia faz por Deos. A profissão da Companhia he servir a Deos em qualquer parte do Mundo; & a resolução de Estanislao foi buscar em qualquer parte do Mundo a Companhia, para servir a Deos nella.

298 Agora entenderéis a razão, ou o artificio, porque a Beatissima Virgem assignalando a Estanislao a Religião, que ha-

via de pertender, não lhe assignalou o lugar, em que o haviaõ de admittir. Mãe Santissima, se mandais a Estanislao, que entre na Companhia, porque não lhe assignais a Provincia; o Collegio, o Noviciado aonde ha de entrar? Quiz a Santissima Mãe, que o seu filho fosse filho de toda a Companhia, & que vivendo, & morrendo em hum sò lugar, merecesse, & se sacrificasse a Deos em todos. Fez a Mãe de Deos como Deos. Disse Deos ao pay dos crentes: Abraham sacrificame o teu filho. E aonde Senhor? *Super unum montium, quem monstravero tibi*: Em hum dos montes, que eu te mostrarei depois. E porque não assignalou Deos o monte determinado, onde havia de ser sacrificado Isaac, isto he, o Monte Moria? Porque quiz Deos fazer de hum sacrificio muitos sacrificios: & que havendo de ser sacrificado o filho em hum sò monte na execução; no proposito, & na intenção

tenção fosse sacrificado em todos os montes. Caminha va o animoso pay com o fogo em huma mão, & com a espada na outra; via hum monte, & dizia: Aqui he; & não era alli: passava adiante, via outro monte, dizia: Este he; & não era aquelle: & como baxel no meyo da tempestade, que cada onda parece que o ha de sumergir, & lhe perdoa, assim Abraham subindo, & descendo, hia passando de monte em monte, até chegar ao destinado. Morria, em que finalmente sacrificou o filho, sacrificado já em todos os outros. Do mesmo modo Estanislao, depois que recebeu o preceito da Mãe de Deos. Em Vienna dizia: Aqui he; & não era Vienna: em Augusta dizia: Aqui he; & não era Augusta. E posto que o monte destinado para o sacrificio havia de ser o monte Quirinal, & a ara o Noviciado de Santo André; já elle anticipadamente se tinha sacrificado em todas as Provincias, &

em todas as Casas da universal Companhia. Passava à Alemanha, como se passasse à Europa, & ao Mundo: atravessava o Danubio, como se atravessasse o Mediterraneo, & o Oceano. E não tendo ainda lugar na Companhia; pela immensa extensão do seu grande proposito, já tinha entrado, & servia a Deos em todos.

299 Com esta vastissima resolução, tendo caminhado a pé mil & duzentas milhas, chegou Estanislao com o habito de peregrino, & mendigo a Roma; aonde por fim entre os braços do Padre Geral S. Francisco de Borja foi admittido à Companhia nesta Casa. O Noviciado já sabeis, que he o ventre materno, em que a Religião concebe, & fórma a seus filhos. E que fez Estanislao neste Noviciado de Santo André? Esta pergunta dà em terra com todo o meu panegyrico. Entrando aqui Estanislao não fazia mais, que o que fazem

fazem todos os outros no-
viços. Não mais do que
fazem todos os outros?
E para isto lhe mandou a
Mãe de Deos, que entras-
se na Companhia? Quem
poderá crer tal cousa? Os
demais vem à Religião
para ser Santos; & Estani-
slao parece que entrou na
Religião ou para deixar
de ser Santo, ou para ser
menos Santo do que dan-
tes era. No seculo he certo
que Estanslao vestia aspe-
ros, & continuos cilícios;
& aqui não sempre: no se-
culo se disciplinava cada
dia com cadeas de ferro
atè derramar sangue; me-
nos vezes, & com menos
rigor aqui: no seculo se
levantava sempre à mea
noite a ter oração, atè a
Alva; & aqui se levantava
tambem à oração, porém
mais tarde, & por menos
tempo: no seculo tinha
aquelle seu irmão, que
pela virtude o affligia, &
martyrizava, como hum
cruelissimo tyranno; &
aqui se achou em meyo de
tantos irmãos, que o tra-

tavaõ com summa charida-
de, & benevolencia. Logo
veyo Estanslao (dirá al-
guem) à Companhia não
a ser, senão a deixar de ser
Santo; & se foi Santo, &
taõ grande Santo, foi San-
to no seculo, & não na
Companhia.

300 Quem assim dis-
corre, não sabe que cousa
seja Religião, nem que
Religião seja esta. Muito
maior Santo foi Estanslao
na Companhia fazendo
menos, que no seculo fa-
zendo mais; porque na
Religião o que diminua
nas obras, multiplicava
nas virtudes; & o que tira-
va ao precioso accrescen-
tava ao preço. Dizei-me:
como se lavaõ os diaman-
tes? Poem-se o diamante
na roda, & tirando-lhe
ao diamante partes de dia-
mante, fica o diamante
mais polido, & lustroso.
Por isso poz a Soberana
Virgem este diamante ne-
sta Officina. Mas que ha-
via de tirar Estanslao, se
era todo Santo? A propria
vontade, ainda que taõ
santa

santa. No seculo era Santo ; mas Santo à sua vontade : & na Religiaõ Santo ; mas debaixo da roda daquella virtude , que he mais propria da Companhia, isto he, a obediencia ; & por isso muito mais Santo. No seculo merecia no que fazia ; na Religiaõ merecia no que fazia , & no que não fazia ; porque quanto fazia , & quanto deixava de fazer , era por obediencia. Com esta arte aperfeiçoou a Companhia a santidade de Estanislao, & aquella virtude , que era já fantã , a fez quasi Divina.

301 Pediraõ os Hebreos a Aram , que lhes fizesse hum deos visivel. E que respondeo Aram ? *Tollite in aures aureas de uxorum , filiorumque , & filiarum vestrarum , & afferte ad me* : Trazei-me os ornatos de ouro das orelhas de toda a vossa familia. E para fazer hum deos, o ornato das orelhas ? Sim. Obrou mal Aram ; mas discorreo bem. A orelha,

como todos sabem , he o sentido da obediencia : *In Psalm. auditu auris obedivit mihi.* 17. 45.

Julgou pois Aram , que sô do ouro , que he ornato daquelle sentido , sô da materia da obediencia se podia fabricar huma estatua da divindade. A razã he ; porque aquillo , que se faz por propria vontade , por mais santo que seja , tem liga de humano ; porrêm aquillo , que se faz por obediencia , todo he Divino. Fallo da perfeita obediencia , que he aquella , que se ensina nesta escola. Em dous sujeitos está Deos unido ao homem : em Christo , & no Superior : Christo he Deos , & homem ; o Superior he homem , & Deos : *Ego dixi : Dii estis*. E qual he maior uniaõ , aquella , com que está unido Deos ao homem em Christo , ou aquella , com que está unido Deos ao homem no Superior ? Fallo a auditorio erudito , o qual bem sabe que aquella uniaõ Fysica , & Hypostatica , he absolutamente

tamente maior que a outra Moral. Comparando porém de huma parte a Fyfica, & da outra a Moral, ao proposito, em que eu fallo, esta he maior que aquella. E porque? Porque a uniaõ de Deos ao homem em Christo, admite duas vontades distintas, huma humana, outra Divina; de modo, que nem a Divina he humana, nem a humana he Divina: *Non mea voluntas, sed tua fiat.* Porém a uniaõ de Deos ao homem no Superior, não admite duas vontades distintas, senão huma sò, com tal indistinctaõ, & unidade, que a humana he juntamente Divina, & a Divina he juntamente hu-

Luc. 12.
42.

mana; porque a vontade de Deos he a vontade do Superior, & a vontade do Superior he a vontade de Deos: *Qui vos audit, me audit.* Daqui he, que o que renunçea inteiramente a vontade propria na vontade do Superior, já as suas obras não tem nada de humanas, mas em tudo são

Luc. 10.
16.

Divinas. E porque esta he a obediencia ensinada de Santo Ignacio, & praticada nesta primeira escola sua da perfeiçãõ; esta foi a razaõ, porque a Mãe de Deos mandou a seu querido filho viesse a esta officina, escolhendo-a a ella entre todas não sò para aperfeiçoar mais a perfeiçãõ de Estanislao, nem sò para santificar mais sua santidade, senão tambem para a divinizar. Tal foi neste Noviciado a vida de Estanislao, não de Anjo, como todos lhe chamavaõ, mas de mais que Anjo, & verdadeiramente Divina.

§. V.

303. **S**omente (com isto Sacabo) se pôde duvidar, & com grande admiraçãõ: Se a Mãe de Deos mandou a Estanislao à Companhia para purificar, para refinar, & para santificar mais a sua santidade, porque lhe concedeo taõ pouca vida na mesma Companhia? Corria o decimo

cimo mez de feu Noviciado, & era o dia de S. Lourenço, quando Estanislao com a meditação daquellas chammassas se sentio accender mais ardentemente daquelle fogo Divino, que sempre o abrazava. Era taõ forte o incendio, que passando muitas vezes da alma ao corpo, o arrancava da terra, & levantava no ar: ou lhe inflammava o coração, o peito, & o rosto com hum fogo taõ sensível, & taõ vivo, que era necessario ser socorrido com banhos de agua fria, para que não se abrazasse totalmente, & se convertesse em hum carvão Serafico, como aquelle de Isaiás. Vencido finalmente, & arrebatado deste incendio, toma Estanislao a penna, escreve huma terríssima carta à sua segunda mãy, na qual lhe representava a força já intoleravel de seus desejos, & lhe supplicava o chamasse ao Ceo à visinha festa de sua gloriosa Assumpção. Caso miraculoso, & ver-

dadeiramente suavissimo! Encomenda a carta ao mesmo S. Lourenço, para que a ponha em mãos de sua mãy: persevera sam atè os quatorze do mesmo mez; & ao amanhecer do dia seguinte, como já tinha predito, foi assumpto à festa da Assumpção. Assim deixou Estanislao o Noviciado, & a Companhia; que este Paraíso se podia deixar por aquelle Paraíso, & esta mãy se por aquella mãy. Porém eu não admiro tanto o milagre da morte, quanto a brevidade da sua vida. Para taõ poucos dias he mandado Estanislao à Companhia? Para taõ poucos dias tanto aparato de appareçoens, de difficuldades, de peregrinaçoens, de perseguiçoens, de milagres? Sim: para taõ poucos dias. Porque era conveniente assim, tanto para a gloria do filho, como para a gloria da mãy. O filho miraculoso em se aperfeiçoar, a mãy miraculosa em o parir, ambos em taõ breve tempo.

304. Notaveis forão o primeiro, & ultimo milagre de Christo. No primeiro converteo a agua em vinho. Porèm isto he o que faz a vide. Chove a agua do Ceo, & a vide a converte em vinho. No ultimo milagre, & o maior de todos converteo o pão, & o vinho em carne, & sangue; & isto he o que faz o corpo humano. Come pão, & bebe vinho, & o converte em carne, & sangue. E posto que esta não he transustanciação (maravilha propria sòmente daquelle altissimo mysterio) he verdadeira conversão. Pois se a natureza na vide converte a agua em vinho, & no corpo humano converte o pão, & o vinho em carne, & sangue; estes porque razaõ não haõde ser milagres? Pela differença do tempo. A natureza, porque ha mister introduzir as disposições pouco a pouco, obra depois de largo tempo; mas se aquillo mesmo que a natureza faz depois de

muito tempo, se fizesse em brevissimo, já não seria obra da natureza, senão milagre da Omnipotencia. Assim succedeo em Estanislao, & tanto com maior milagre, quanto a graça he superior à natureza. A natureza para formar hum elefante, o traz dous annos no ventre da mãy. E Santo Ignacio, que queria formar sujeitos grandes, não se contentou com hum anno, instituhio dous de noviciado, & depois o terceiro. A estes espaços se havia de ir aperfeçoando Estanislao pouco a pouco, se a graça houvesse de obrar connaturalmente; porèm como a Omnipotencia queria fair ao Mundo com hum grande milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes. Oh bemaventurado, & milagroso filho! Oh bemaventurada, & milagrosa mãy! O filho milagroso em se aperfeçoar sem tempo, a mãy milagrosa em o parir antes de tempo.

tempo. Da mãy do Bapti-
sta diz o Euangelho : *Im-
pletum est tempus pariendi,
& peperit.* E da mãy de
Estanislao podemos dizer
com Isaiás : *Antequam par-
turiret, & peperit.*

305 Sabeis, senhores,
que cousa foi Estanislao,
este moço tão santo, este
noviço tão divino ? Não
foi outra (deixai-mo diz-
er assim) não foi outra
cousa que hum aborto da-
quella grande mãy. Aborto-
u a Companhia o pri-
meiro parto, & pario hum
filho morto, que já tem re-
fuscitado seis mortos. Da
infinidade de outros mila-
gres não quero fallar. S.
Paulo diz de si, que foi
aborto de Christo : *Novis-
simè tamquam abortivo, vi-
sus est & mihi.* E porque foi
abortivo S. Paulo ? Por-
que os outros Apostolos
riverão o noviciado da
escola de Christo não sò de
dous annos, senão tam-
bem de tres : & S. Paulo
começando o noviciado
em Damasco, abreviando-
se-lhe o tempo, o foi aca-

bar no Paraíso, & da esco-
la de Ananias passou à do
Ceo. Assim o diz Santo
Thomás, & o collige em
boa Chronologia das pa-
lavras do mesmo Apосто-
lo : *Ante annos quatuorde-*
cim. Abortivo Paulo, &
abortivo Estanislao : Pau-
lo da primeira Companhia
de Jesus : Estanislao da se-
gunda, & ambos gloria de
huma, & outra mãy. Bem-
aventurada pois a tercei-
ra, & ultima mãy de Esta-
nislao ; bemaventurada a
Companhia de Jesus. pelo
primeiro dos seus Beatos ;
& bemaventurada esta
Casa pelo primogenito de
seus Filhos : & não bem-
aventurada, porque che-
gou ao parir ; mas bem-
aventurada, & mil vezes
bemaventurada, sò porque
o trouxe em seu ventre :
*Beatus venter, qui te por-
tauit.*

2. Cor.
12. 2.
D.Tho.
ibid.

§. VI

306 **E** Stanislao meu, já
tenho acabado :
& a minha oração cança-
da do pouco, que se tem
adrian-

adiantado em vossos louvores, humildemente se poem a vossos pés, não perorando, mas orando. O memorial, que vos presente, he breve, & não meu, senão desta vossa mãy, que tanto amastes sempre. O que vos supplica vossa terceira mãy, he, que diante do throno da segunda vos lembreis de presente que sois filho da primeira. Aquelle grande dragão já duas vezes vencido de vós, agora enfurecido, & contumaz levanta a cabeça, infesta, & ameaça a vossa Polonia. Em campanha está o Marté daquelle grande Reyno; & posto que laureado de tantos triunfos, & seguido de fortissimo, & florentissimo exercito, & sobre tudo acompanhado de si mesmo; sem vós, se tem por só. Está digo na campanha El-Rey João o III. cuja espada, como a de Gedeão, he de Deos juntamente, & sua: *Gladius Domini, & Gedeonis*. Em quanto sua, não menos que

Judic.
7. 20.

a do gram Machabeo, confia mais em vossa ajuda, que em seu proprio valor. Vós sois o seu Jeremias defunto, & vivo, de quem confessa eompiedade Christã, & verdadeiramente Real o que do outro dizia Onias: *Hic est fratrum amator, hic est qui multum orat pro populo*. Na batalha, & vitoria memoravel do anno passado no campo de Cocim, (na qual o mesmo Rey deo o Reyno ao Reyno, antes que o Reyno lhe desse a coroa) elle foi o Capitaõ, & vós o vencedor. Assim o confessa Sua Magestade, que vos escolheo por Patrono, primeiro daquelle jornada, & depois de todo o Reyno. Assim o escreveu à Santidade de nosso Senhor Clemente X. supplicando-lhe confirmasse o seu patrocínio, & assim o provastes vós, rendendo-se Cocim no mesmo dia voffo, hoje faz hum anno.

307 Isto he, o novo, & glorioso Protector da vossa Patria, isto he o que tendes

tendes feito, & esta a summa da nossa supplica: *Quod facis, fac.* Prosegui, imitai-vos a vós mesmo, & como sois a todos admiração, sede a vós mesmo exemplo. Se aquelle barba-ro infesta a Polonia, & na Polonia ameaça o Mundo: defendei vós a muralha universal do Christianismo; & se a soberba da sua mea lua traz por mote: *Donec totum impleat orbem: seja a alma da vossa empreza: Donec auferatur luna.*

308 Mas para que rogo eu, & exhorto a Estanislao, se elle tem empenhado a sua cabeça em defen-
sa da sua Patria, & a este fim desfez hum milagre para fazer muitos? Duas vezes foi aberto o sepulchro de Estanislao: a primeira se achou o seu corpo incorrupto, & inteiro, premio devido à sua pureza: a segunda (& foi ao tempo, quando Polonia mandou pedir a sua cabeça) se acháraõ os ossos despídos da carne, & soltos. E que razão haveria

(dizeis vós) para cessar o primeiro milagre? Não para que tivesse fim, não: senão para que se multiplicasse em outros maiores, & mais proveitosos ao Mundo. Para que nos ossos de Estanislao repar-tidos pelo mesmo Mundo se semeasse nelles o remedio, a saude, & a vida dada por seus merecimen-tos a tantos; & principal-mente para que pudesse passar a Polonia a sua cabeça, como o maior, & mais poderoso soccorro, que lhe podia mandar a cabeça do Mundo. Oh ditosa Patria, ditoso Reyno, ditoso Rey!

309 El-Rey Joram si-
tiado de Senacherib, & de
potentissimo exercito dos
Assyrios, ameaçou que ha-
via de tirar a cabeça a Eli-
seu, porque não fazia le-
vantar o sitio com suas
oraçoens. *Hæc faciat mihi* 4. Reg.
Deus, & hæc addat, si ste- 6. 31.
terit caput Elisei super ip-
sum hodie. E o successo foi,
que Eliseu por livrar a sua
cabeça, levantou o sitio

no mesmo dia. Não assim Estanislao; senão que elle mesmo se tirou a si a cabeça, & nella se levou a si à sua Patria, para salvar ao seu Rey, & ao seu Reyno. Segura pois está, & estará a Polónia, em quanto este Eliseu ajudar o seu Joram. Tendo-se pedido licença a El-Rey D. Manoel de Portugal, chamado o Conquistador, para que pudessem ser trazidos da India ao sepulchro dos seus maiores os ossos do grande Albuquerque, a negou, dizendo, que em quanto estivessem em Goa os ossos de Albuquerque, estaria seguro o Oriente. E com quanta maior razão

posso eu esperar, & prometter, que em quanto as reliquias de Estanislao estiverem em Polonia, está seguro o Rey, seguro o Reyno, & segura a muralha da Christandade?

310 Isto deve Estanislao à primeira mãy: isto lhe pede continuamente a terceira; & isto lhe concederá sem duvida com seu potentissimo braço a segunda. E por isto emfim será elle tambem sempre louvado em todas as suas tres mãys, & por todas tres se lhe cantará com applauso concorde do Ceo, da Patria; & de todo o resto do Mundo: *Beatus venter, qui te portavit.*



SERMAM

DO

DEMONIO MUDO,

No Convento de Odivellas, Religio-
sas do Patriarcha S. BERNARDO.

Anno de 1651.

*Erat Jesus ejiciens demonium, & illud erat
mutum.*

Luc. II.

S. I.



3 II
 IGIAT, &
 estai àlerta,
 diz o Apo-
 stolo S. Pe-
 dro, porque o demonio,
 voffo inimigo, como leaõ
 bramindo cerca, & anda
 bufcando a quem tragar:
*Sobrii estote, & vigilate,
 quia adversarius vester dia-*

*bolus tamquam leo rugiens
 circuit, querens quem devo-
 ret. Necessaria, & temero-
 sa advertencia he esta; mas
 muito mais necessaria, &
 muito mais temerosa a de
 que hoje nos avisa o Eu-
 angelho. Porque? Porque
 o demonio, de que nos
 manda acautelar S. Pe-
 dro, he demonio com bra-
 midos, Tamquam leo ru-
 giens;*

R ij

Luc. 11. 14. *giens; & o demonio de que falla o Evangelho, he demonio mudo: Erat Jesus ejiciens demonium, & illud erat mutum.* Se o demonio vem bramindo, os mesmos bramidos daõ rebate do perigo, & ninguém haverá taõ descuidado, ainda que esteja dormindo, que não esperte assombrado, & se acautele; porèm se o demonio vem mudo, debaixo do mesmo silencio, em que se esconde o perigo, descansa, & adormece o cuidado.

312 O demonio sempre he inimigo, *Adversarius vester diabolus*; mas quando vem bramindo, vem como inimigo declarado: quando vem mudo, vem como inimigo occulto; & muito mais para temer he o inimigo occulto, & dissimulado, que descuberto. Quando o exercito contrario com as bandeiras estendidas ao som de caixas, & trômbetas se vem avançando aos muros, não são necessarias vigias; mas quando de noi-

te vem marchando à surda com todos os instrumentos bellicos em silencio, entã he necessario que as sentinellas estejaõ com os olhos muito abertos. Quando o demonio vem como leaõ bramindo, avisa-me o leaõ, & avisa-me S. Pedro; mas quando elle vem mudo, nem o leaõ, nem S. Pedro me pôde avisar. Emfim a differença do demonio (como leaõ, & bramindo) ao mesmo demonio (como demonio, & mudo) atè aos mesmos sentidos he manifesta: como leaõ ve-se, & como bramindo ouve-se; porèm como demonio, que he invisivel, não se pôde ver, & como mudo que não falla, não se pôde ouvir.

313 Este he o demonio, que Christo hoje lançou fóra: & este o milagre, que muitas vezes repete por meyo dos Prégadores, se o estado já incapaz dos ouvintes o não impede. Quando o leaõ levava algum cordeiro do rebanho de David, se não estava ainda

ainda tragado, & engulido de todo, & lhe ficavaõ as orelhas de fõra, pelas mefmas orelhas o tornava elle a tirar da garganta do leaõ. He o que diz o Profeta Amõs, que tambem foi pastor: *Quomodo servat pastor de ore leonis extremum auriculæ.* Eu naõ duvido que possa haver neste auditorio alguns, a quem tragasse o demonio, porq̃ elle naõ bramio, nem elles o ouviraõ. Se tambem lhe tragou as orelhas, naõ lhe vejo remedio; mas se ainda lhe ficaraõ de fõra, por ellas, & pelos ouvidos, se poderãõ livrar, se ouvirẽ com a atençaõ, que pede taõ grave materia. AVE MARIA.

§. II.

314 **O** Grande Patriarcha S. Bernardo, que sendo entre os outros Doutores Sagrados taõ eminente, neste lugar he o maior, expondo o Texto de S. Pedro, diz que dava graças ao grande leaõ do Tom. I I.

Tribu de Judá Christo Senhor nofso, porque permitindo o bramir ao leaõ do inferno, naõ lhe permittia o ferir: *Gratias ago illi leoni de Tribu Juda: rugire iste potest, ferire non potest.* E porque naõ pôde ferir, se pôde bramir? Por isso mefmo. Quando o leaõ vem bramindo, na mefma boca, em que traz o perigo, traz juntamente o remedio. Os seus bramidos nos livraõ dos fetos dentes, & as fúas ameaças das fúas garras. Mas se elle, que assim como pôde bramir, pôde naõ bramir, se vier mudo, que ferá? Aqui ha de bater o nofso ponto. Vai por diante o Texto, & diz que naõ sãõ vem bramindo, fenaõ cercando: *Rugiens circuit, quærens quem devoret.* E posto que estes cercos do demonio naõ darãõ muito cuidado a S. Bernardo; porque os muros da sua Religiãõ sãõ muito altos, muito seguros, & muito fortes; com tudo, se o demonio despir a pelle, & o R. iij corpo

corpo de leão, pouca resistencia lhe podem fazer os muros. E tal he o caso, & a Casa, em que estamos.

315 O demonio como espirito, & como espirito soberbo, atrevido, & sem temor, nem reverencia dos lugares sagrados, entra pelos claustros religiosos, & passeia os corredores, & dormitorios, & por mais fechadas que estejaõ as cellas, sem gazua, com ser ladraõ, se mete, & mora nellas muito de assento. Por final, senhoras, que muitas o deixastes na vossa cella, & o achareis lá quando tornardes. Ninguem se benza, porque esta verdade, posto que não seja Fé Catholica, he Romana. He a novidade, que de lá trago, para que vos peço nova attençaõ.

316 Sendo o estado das virgens consagradas a Deos a mais illustre porçaõ do rebanho de Christo, como lhe chama S. Cypriano: *Illustrior portio gregis Christi*; que meyo tomaria o supremo, & vi-

Cyprianus.

gilantissimo Pastor Innocencio X. que Deos guardou de muitos annos, para conservar o mesmo estado em sua pureza, & perfeicãõ, & onde estiveffe descahido, o restituir a ella? Elegeo Sua Santidade em Roma hum Religioso de grande virtude, & prudencia, & mestre do espirito muito experimentado, ao qual encomendou que visitasse de secreto os Conventos das Religiosas não sò em commum, senão tambem nas cellas, ou aposentos particulares: & que procurasse de lhes tirar (naõ por violencia, mas com a suavidade de santas exhortaçõens) tudo o que julgasse menos decente à fé, & unico amor, que devem a seu Divino Esposo. Fello assim o Visitador com o zelo, que delle se esperava; & depois de alguns mezes, dando conta ao mesmo Summo Pontifice da sua missãõ, disse, que vinha muito edificado do que achára, mas não de todo contente.

tente. Edificado; porque achára tantas penitencias, tantos jejuns, tantas disciplinas, & cilicios, & tantas oraçoens, & devaçoens, que lhe fora necessario moderar o excessõ, & ir à mão a taõ demasiados fervores. Edificado tambem; porque havendo nos ditos aposentos algumas alfayas, ou pessas de maior preço, & curiosidade do que permite a pobreza, & simplicidade religiosa, todas, posto que com alguma repugnancia, as fizera despedir, & applicar a melhores usos, excepta sòmente huma. E porque esta a não pudéra arrancar das paredes, & muito menos dos affectos, fenaõ em muito raras daquellas Monjas, por isso não estava toralmente satisfeito da sua diligencia. Entaõ perguntou Sua Santidade, que alfaya, ou que pessa era aquella. Ao que respondeo o Visitador, que o espelho. O espelho? Beatissimo Padre, sim. E a razão do meu des-

contentamento he; porque tenho alcançado por larga experiència, que em quanto huma Religiosa se quer ver ao espelho, não tem acabado de entregar todo o coração ao Esposo do Ceo, & ainda lhe ficaõ nelle alguns resabios do amor, & vaidade do Mundo.

317 Tal foi a resposta do Visitador daquelles Conventos, ouvida não menos que da boca de Sua Santidade. E com esta taõ autentica, & bem fundada noticia, fiquei eu persuadido a huma cousa, & me resolvi a outra. A primeira, a que fiquei persuadido, com boa vénia de taõ veneravel Commuidade, he, que nos Conventos, & cellas das Religiosas o espelho he o diabo mudo. A segunda, a que juntamente me resolvi, foi, que vindo a Portugal, & prégar este caso no primeiro lugar a que pudesse pertencer. Elle pois será hoje o argumento do meu discurso, &

R. iiij huma

huma allegoria tão propria das palavras, que propuz no thema, como ellas mostrarão.

§. III.

318 **E**rat Jesus ejiciens *dæmonium*, & *illud erat mutum*. Diz o Evangelista S. Lucas, que estava Christo lançando do corpo de hum endemoninhado hum demonio, que era mudo. E porque não diz que o lançou, ou que o lançára, senão que o estava lançando, *Erat ejiciens*? Este reparo he de todos os Expositores, os quaes tambem respondem todos, que aquelle estar, ou aquella detença, & tardança significava a repugnancia, a rebeldia, & a resistencia, & contumacia, com que o demonio se não queria despegar daquelle corpo, nem deixar-se arrancar delle. Mas isto mesmo tem nova difficuldade no Evangelho do mesmo S. Lucas. Diz este Evangelista, que quando Chri-

sto lançava os demonios fora dos corpos, não era necessario que o Senhor lho mandasse com alguma palavra, mas bastava que o endemoninhado tocasse as vestiduras fagradas, para logo ficar livre: *Qui vexabantur à spiritibus immundis, curabantur: & omnis turba quærebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes*. Pois se a virtude de Christo tão facilmente lançava dos corpos os demonios; porque experimentou tanta resistencia, & difficuldade na expulsão deste demonio mudo? Por ventura por ser mudo? Não: antes por ser mudo era conveniente que o lançasse por hum tacto tambem mudo, & juntamente passivo como aos demais. Apertemos a duvida em todo o rigor. He certo que o demonio não podia resistir à virtude de Christo, que era omnipotente. E tambem he certo que as difficuldades, & resistencias do *Erat ejiciens*, eraõ affe-

afectadas pelo mesmo Christo, para debaixo dellas nos dar alguma importante doutrina. Que queria logo significar o Senhor naquelle demonio mudo, & naquellas resistencias? Antes da prova ninguem tenha a reposta por paradoxa. No demonio mudo queria o Senhor significar o espelho, & nas resistencias a grande difficuldade, com que o espelho se lança fóra. No mesmo exemplo de Roma, que acabo de referir, temos a prova, & muito mais encarecida:

319 Quando Christo Senhor nosso mandou aos seus discipulos prégarem deo-lhes juntamente poder sobre os demonios, para que os lançassem dos corpos. Com este poder lançavaõ fóra indifferentemente todos os demonios, até que lhe trouxeram hum tambem mudo, como consta do Evangelho de S. Matheus, o qual por mais exorcismos que lhe fizeram, era taõ obsti-

nado, & rebelde, que de nenhum modo o pudéramos arrancar os Apostolos do corpo, de que se tinha apoderado. Deraõ conta desta novidade ao Divino Mestre, perguntando a causa della: & o Senhor lhes respondeu, que os demonios daquela casta, não se lançavaõ fóra, senão com oração, & jejum: *Hoc genus demoniorum non ejicitur nisi in oratione, & jejunio.* Ao nosso ponto agora. Naquellas devotas Religiosas de Roma, que deram motivo ao nosso discurso, não ouvimos que eraõ taõ continuas as orações, & os jejuns, que foi necessario moderar-lhes o excessõ destes santos exercicios? Sim. Pois se os demonios mudos se lançam com orações, & jejuns, as mesmas que tanto oravaõ, & jejuavaõ, porque repugnavaõ tanto a que se lhes tirasse da cella o espelho? Porque o espelho he hum demonio mudo, de peyor casta que os outros demonios mudos: os outros

Math. 17. 20.

Marc. 9. 28.

tros lançaõ-se com oraçoens, & jejuns, *in oratione, & jejumio*; porèm estes são muito mais rebeldes, & obstinados. Estaõ taõ pegados à parede, & muito mais ao coração, que orará, & jejuará a dona da casa quanto quizerdes, & muito mais do que quizerdes, mas o espelho não ha de ir fóra.

Depois, & mais em seu lugar declararémos a razão, ou semrazão desta difficuldade; agora vamos seguindo o Texto, & tirando as duvidas, ou os escrupulos, que pôde ter a nossa allegoria.

§. IIII.

320 **A** Palavra *Ejiciens* segue-se *demonium*. E chamar demonio ao espelho parece que não só he fazer injuria à arte, senão à mesma natureza. O espelho depois de muitos annos (quando já o Mundo não tinha muito que ver em si, senão muito que aborrecer) foi in-

vento artificial, & humano. Porèm na sua primeira origem já tinha sido o espelho obra da natureza, & do Soberano Author della. As Estrellas são espelhos do Sol : os rios são espelhos das arvores : huma fonte, que não de véra, foi o espelho fatal de Narciso : & o mesmo mar espelho daquelle rustico presumido, que dizia: *Nuper me in littore vidi, cum placidum ventis faret mare.* Seneca com toda a severidade Estoica diz que os espelhos (em que os primeiros homens encontravão com a sua imagem em qualquer pedra liza) foram ordenados desde seu principio pela natureza, como mãy, & mestra dos bons costumes, para que o moço que nasceo bem afigurado, vendo no espelho a sua gentileza, a não afeasse com os vicios : & o que nasceo feyo, supprisse, & emendasse aquelle defeito com a fermosura das virtudes. Do mesmo modo para que o man- cebo

cebo vendo-se robusto, & forte, empregasse as suas forças em honestos, & honrosos trabalhos: & o velho considerando as suas cãs, as não afrontasse com acção indigna dellas; antes reconhecendo os poucos dias, que lhe podia restar de vida, os perpetuasse com exemplos merecedores da immortalidade. Esta mesma doutrina tinha sido a de Platon, & Socrates, em cujas escolas estava collocados espelhos, para que a elles se vissem, & compuzessem os discipulos das virtudes, que nellas se ensinavaõ.

321 Pois se o espelho desde sua origem não foi obra humana, senão Divina: se o fim deste instrumento natural foi para que o homem creado à imagem de Deos, vendo a sua no espelho, a procurasse conformar com a perfeição, & soberania de tão alto Original; não he aggravo, & afronta, sobre impropriedade grande, comparar o espelho ao de-

monio, & chamar-lhe demonio? Não. Porque desde sua mesma origem não ha duas cousas, que Deos creasse mais parecidas, & semelhantes, que o demonio, & o espelho. O demonio primeiro foi Anjo, & depois demonio: o espelho primeiro foi instrumento do conhecimento proprio, & depois do amor proprio, que he a raiz de todos os vicios.

322 E para que se veja quam alheyo de aggravo, nem encarecimento he o nome de demonio, que dei ao espelho; ouçaõ todos com assombro o que agora hei-de dizer. E he, que de hum espelho não artificial, ou fingido, senão natural, & verdadeiro, & de huma fermosura tambem natural, & verdadeira, que nelle se vio, nascéaõ todos os demonios, quantos depois de serem Anjos, ardem no inferno.

323 Os espelhos, em que se vêm os Anjos (& o mesmo se entende das nossas almas) não são com-

compostos de vidro, & aço, ou de outra materia corporea, senão espirituaes como os mesmos Anjos: os quaes nos actos do proprio entendimento, como em espelhos naturais, & clarissimos, se vem a si, & as expressas imagẽs de si mesmos. Em Deos q̄ he o Supremo Espirito, & exemplar de todos, temos o melhor, & mais qualificado exẽplo. Deos Padre desde o principio sem principio de sua eternidade, produzio, & està sempre produzindo por acto de entendimento o Verbo Divino, & o mesmo Verbo he hũ espelho de candidissima luz, & sem macula, no qual vè Deos a sua essencia, a sua Magestade, a sua grandeza infinita, & todos seus attributos: *Candor est enim lucis æternæ, & speculum sine maculâ Dei maiestatis, & imago bonitatis illius.* Assim o diz o Espirito Santo no Livro da Sabedoria: & assim por seu modo se vem os Anjos a si mesmos, não fóra, senão

Sapient.
7. 26.

dentro de si no espelho natural, & imagẽ expressissima do proprio entendimento.

324 Isto posto, tanto que foi creado o mayor, & mais excellente de todos os Espiritos Angelicos, Lucifer., viose neste seu espelho mental, & contẽplando nelle a sua fermosura, mayor sem contraversia q̄ a de todos os Anjos, ficou tam namorado & elevado da mesma vista: *Elevatum est cor tuum in decore tuo:* que não se contẽtou com menos que ser como Deos: *In Cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum, sedebo in monte testamenti, ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo.* E que se seguiu daqui? O mesmo que ao homem quando quiz ser como Deos: *In quocumque die comederitis, aperientur oculi vestri, & eritis sicut dij.* Note-se com muito grande attençaõ esta paridade. O homem querendo ser mais do que era, per-

perdeo o que era : quiz ser como Deos, & perdeo a dignidade de homem, ficando semelhante aos brutos : *Homo cum in honore esset, comparatus est jumentis, & similis factus est illis.* E Lucifer do mesmo modo, querendo ser como Deos, perdeo a dignidade de Anjo, & em final de ficar tambem como bruto, lhe nasceu logo huma cauda taõ grande, que arrastou, & derrubou com ella a terceira parte de todas as Jerarchias Angelicas : *Et cauda ejus trahabat tertiam partem Stellarum caeli, & misit eas in terram.* De forte, como dizia, que vendo Lucifer a sua ferrosura natural, & verdadeira em hum espelho tambem natural, & verdadeiro, deste espelho, & desta vista, como de pay, & de mãy, nasceraõ todos os demonios, quantos com o mesmo Lucifer ardem no inferno. A certo demonio perguntou Christo huma vez como se chamava; & elle respondeo : *Le-*

gio, quia multi sumus : que ^{Marc.} se chamava Legião, por- ^{5. 9.} que não era hum sò demonio, senaõ muitos mil. E se ao espelho, por ser em Lucifer origem de todos os demonios, se podia dar o nome de todos, bem se segue quam curto lhe vem o de hum sò demonio : *Erat ejiciens dæmonium.*

§. V.

325 **S**O resta a ultima, & principal differença de mudo : *Et illud erat mutum.* E não he necessaria outra prova mais certa, & mais evidente que a mesma experiencia dos que se vêm, & muito mais das que se vêm ao espelho. Não ha eloquencia, nem Rhetorica com todas suas figuras, que mais diga, que mais persuada, & que mais deleite, que aquelle lisongeiro mudo. Mudo adula, mudo encarece, mudo attrahe, mudo afeiçoa; mudo enfeitica; mudo engana, mudo mente, & desmente juntamente

mente negando o que he , & fingindo o que agrada. Nonno Poeta antigo , & taõ erudito nas linguas , como nos silencios , chamou ao espelho , pregoeyro mudo : *Tacito præcone (speculo) imagini credebat puella suæ pulchritudinis*. E diz discretissimamente que huma donzella , que se vio ao espelho , pregoeyro mudo , naõ cria da sua fermosura o que ella via , senaõ o que elle apregoava. Saõ os mysterios do espelho como os da Fé , em que huma cousa he a que se vé , & outra a que se cré : ve-se o que concedeo a natureza mais , ou menos avara ; & cre-se em fé do amor , ou desejo proprio , naõ o que retrata o espelho , senaõ o que representa a imaginaçãõ : *Imagini credebat pulchritudinis suæ*. Fermosura apregoada naõ está muito longe de vendida. Diga-o a de Sára , quando as vozes do pregaõ chegáráõ aos ouvidos de Pharaó. Se Deos naõ acudira pela honra de

Abraham , já elle de antemaõ tinha recebido boa parte da paga : *Fueruntque ei oves , & boves , & servi , & famulae , &c.*

326 Para este juizo falso , & mudo concorre com o espelho huma testemunha tambem falsa , & muda , que he a fermosura. Com este sobrenome taõ pouco ameno a censurou Theophrasto referido por Laercio na vida de Aristoteles. *Pulchritudinem esse silentem fraudem* : que a fermosura he hum engano , & huma mentira muda. De sorte que deste mudo , & desta muda se representa no theatro do espelho hum dialogo , que se ouve sem voz , taõ aparente à vista , taõ pintado ao desejo , & que tanto persuade , engana , & tenta como o mesmo demonio. Aqui está a propriedade do demonio , & mudo. O demonio tentou a Christo fallando : a nós tenta-nos mudo , & sem dizer palavra. Mas de que modo , se o naõ vemos , nem ouvimos ?

mos? Ouçãõ agora esta Filosofia os que a não sabem, posto que todos a experimentaõ.

327 Dentro na nossa fantasia, ou potencia imaginativa, que reside no cerebro, estaõ guardadas, como em thesouro secreto, as imagens de todas as cousas, que nos entrãõ pelos sentidos, a que os Filozofos chamaõ especies. E assim como nós das letras do A, B, C, que são sõmente vinte & duas, trocando-as, & ajuntando-as, variamente escrevemos, & damos a entender o que queremos; assim o demonio daquellas especies, que são infinitas, ordenando-as, & compondo-as como mais lhe serve, pinta, & representa interiormente à nossa imaginaçãõ, o que mais pôde inclinar, afeiçoar, & attrahir o appetite. E deste modo mudamente nos tenta, mudamente nos persuade, & mudamente nos engana. Isto mesmo he o que passa entre a vista, & o espelho,

& tanto mais viva, & enganosamente, quanto he maior o desejo de bem parecer. Sahem as especies directamente do rosto ao espelho, & recebidas no vidro, & rebatidas do açõ, tornaõ reflexamente aos olhos; & nesta ida, & volta ambas mudas, & em silencio por engano do amor proprio, se pinta, ou des-pinta de tal forte o mesmo objecto, que mais parece milagre da transfiguraçãõ, que illusaõ da vista.

327 Diz S. Paulo que o demonio algumas vezes se transfigura em anjo de luz: *Ipse enim Satanas transfiguratur se in angelum lucis.* E estas são as transfiguraçoens, que cada dia faz o diabo mudo. Ve-se tal-vez ao espelho huma figura sõ, por sua antiguidade veneravel, & quando aos que a vêm de fora, lhes parece aquella cara pouco menos fea que hum demonio; ella depois que se vio, sahe taõ transfigurada, que na confiança, & estimaçãõ da propria belleza,

2. Cor.
11. 14.

leza, sò lhe faltaõ as azas para cuidar que he hum Anjo. Assim o cuida, porque assim se vio ; & assim se vio , porque assim se quiz ver : como se o espelho naõ fora espelho do rosto, senaõ da vontade. A' Visaõ Beatifica, com que os Bemaventurados vêm a Deos, chamaõ sabiamente os Theologos: *Speculum voluntarium*: Espelho voluntario. E o demonio (que como bogio de Deos, diz S. Gregorio Nazianzeno, em tudo o arremeda) transformando-se no espelho, o fez muito mais voluntario do que he Deos na Visaõ dos Bemaventurados. Deos na Visaõ Beatifica he espelho voluntario ; porque sò se vé nelle, & delle o que quer Deos, que he o espelho. E o espelho, em que se transformou o demonio, he muito mais voluntario, porque se vé nelle à medida, & ao arbitrio da propria vontade, naõ o que quer, ou representa o espelho, senaõ o que quer,

& como quer quem se vé. Sò naõ pòde fazer o demonio que as que se vêm ao espelho, como querem, sejaõ vistas tambem como querem ; mas isto se suppre com as receitas, que se vaõ buscar à botica, que no mesmo espelho ensina por acenos o mesmo diabo mudo.

S. VI.

329 **J**A temos chegado ao lugar para onde reservei a razaõ, ou sem-razão do *Erat ejiciens*, ou de ser taõ difficultoso de se arrancar da parede de huma cella, ou do affecto de huma Religiosa o espelho, que alli está taõ pegado. He possivel que huma virgem consagrada a Deos, & desposada com o Filho de Deos, ha de estar taõ casada com o espelho ? He ella mulher ? He ella filha de Eva ? Pois de là lhe vem esta inclinação ; & naõ he muito que tenha lançado taõ fortes raizes. Diz Tertulliano, que quando Eva foi creada no Paraiso, se já se

se tivessem inventado as li-
sonjas, com que se costumava
enfeitar a fermosura, & se já
ouveſſe tambem os eſpelhos, aos
quaes foſſe licito enganar, & men-
tir, como hoje fazem, que tam-
bem Eva ſe havia de deixar enganar
delles: *Si margaritæ canderent, & ce-
rammia coruſcarent, & ſpeculo tantum
mentiri liceret; & Eva concupiſſet.*
Iſto cuidou Tertulliano de Eva;
& eu cuido do demonio, que ſe já
houveſſe eſpelhos, não havia elle de
pedir empreſtada à Serpente a
lingua, para a enganar, & render.
Mais digo: que ſe a Serpente lhe
prometteſſe: Serás como Deos;
& o eſpelho lhe diſſeſſe: Verás
em mim tua fermosura; que havia
Eva de aceitar o partido, & offerta
do eſpelho, & não a promeſſa da
Serpente. E para que não pareça
couſa inſcrivel no juizo de huma
mulher antepor a gloria; ou idolatria
de eſtar contemplando a ſua fermosura
à dignidade, & divindade.

Tom. II.

de de ſer como Deos; ſeja
juiz; & prova o meſmo demonio.

330 Quando Lucifer diſſe: *Similis ero Altiffimo,* Ifai. 14. 14.
julgarão muitos Doutores; principalmente
antigos; que neſta ſemelhança com
Deos (que he o *ſicut dij*) affectara
Lucifer a divindade; porẽm muitos
outros Interpretes nam menos doutos;
que vieraõ depois (não por ſerẽ mais
amigos do demõnio, ſe não porque
não meſmo demonio ſe deve fazer
juſtiça, quando elle a tiver) tem
para ſi, que hum eſpirito de tam
ſublime entendimento não podia
cahir em huma ignorancia tam
evidente; & em hum erro tam
caſſo; ſenaõ em outro mais natural,
& mais proprio da fermosura,
em que tambem podem ſer
complices os noſſos eſpelhos.
E qual foy? Foy que vendo
Lucifer ſua eſtremada fermosura,
ficou tam ſatisfeito della, que
renunciando a viſta de Deos,
nam quiz outra

S mais

mais que a sua.

331 Em que consiste a gloria, & bemaventurança de Deos? Consiste em se estar sempre vendo a si mesmo, contemplando a sua essencia, a sua divindade, a sua fermosura eterna, infinita, immensa. Pois assim como Deos se vê no espelho do seu entendimento, assim eu (diz Lucifer) me quero ver no espelho do meu. E assim como elle tem a sua gloria em se estar vendo a si mesmo; assim eu quero ter a minha em me estar vendo a mim; & por isso não quero a sua gloria, nem a sua bemaventurança, senam a minha.

332 Esta vista pois, & esta contemplação da propria fermosura he a femelhança de Deos, que Lucifer affectou, quando disse: *Similis ero Altissimo*: & a mesma vista, & contemplação, se já houvesse espelhos no Paraiso, como dizia Tertulliano, seria a mayor tentação de Eva, tendo experimentado o

demonio em si mesmo; quanto mais poderosa era para a persuadir, & render o silencio do espelho mudo, que a astucia da Serpente, fallando. E porque esta experiencia nam teve lugar em Eva, porque ainda não havia espelhos; bem se vio, depois que os houve, o appetite que herdaraõ da mesma Eva as suas filhas. E por isso ha tantas no mundo, (& fóra do mundo) que gastaõ as horas, & perdem os dias inteiros em se estar vendo, revendo, & contemplando no espelho, como se nam tiveraõ, nem esperaraõ outra gloria.

333 Exemplo seja Blefilla, aquella nobilissima viuva Romana, da qual escreve S. Jeronymo, que desde amanhecer o Sol até noite empregava com grande vagar, & estudo o dia todo em se enfeitar ao espelho: *Blefilla vidua nostra antè morosior ornabatur, & die tota quid sibi deesset, querebat ad speculum.* Nam desengano

nou a Blefilla nem a morte, que a fez viuva, nem a mortalha, que a obrigou ao capello, para lhe enfiar aquelle immortal appetite de se estar sempre vendo ao espelho. Mas pode tanto a graça triunfadora da natureza, que com mudança não imaginada, a mesma Blefilla, como se fora outra, renunciando ambos os mundos, se vestio de hum habito grosseiro de penitencia, & se fez Religiosa. Disse, renunciando ambos os mundos; porque além deste mundo, em que todos vivemos, em frasi de Latinos, & Gregos ha outro mundo; que são os enfeites das mulheres: *Mundus muliebris.* Não acharam os homens mais sabios, nê outra menor cõparaçam, com que definir, nem outro menor nome, com que declarar o excessõ desta vaidade, & appetite mulheril. E que fazia depois a que assim gastava os dias em semelhantes enfeites? O mesmo S. Jeronymo

comparando os dias de entaõ às noites de agora, cõtinua dizendo com admiração: *Nunc ad orandum festina consurgit, & tinnula voce ceteris Alleluia præripiens, prior incipit laudare Dominum suum:* Aquella Blefilla, que dantes taõ mal empregava os dias, agora aproveita tam santamente as noites, que ella he a primeira, que se levanta às Matinas, & com a voz, & campainha, *tinnula voce*, esperta as outras Monjas, nam para se verem, & contemplarem a si, mas para irem ver, & contemplar a Deos naquelle espelho da oraçam elevada, em que nesta vida, como diz S. Paulo, vê menos claramente o rosto divino os que depois o haõ de ver face a face: *Vide- 1. Cor. mus nunc per speculum in 13. 12. enigmatè: tunc autem facie ad faciem.*

334 Este mesmo appetite de as mulheres se verem ao espelho, declara S. Justino Martyr com hum notavel abuso, que

refere do seu tempo por estas palavras : *Uſuuenit quibusdam ſe ipſas fallentibus, ut cum apertè vultum pigmentis fingere non audeant, arte id faciant, in undam, aut oleum facie inclinatà deſpicientes.* S. Juſtino floreceo duzentos annos depois da vinda de Chriſto, em que ainda durava o primitivo eſpirito da Igreja, & era prohibido às mulheres Chriſtãs o uſo dos eſpelhos. E que obraria nellas o appetite tam contrario a eſte preceito, & ainda ao de ſe pintarem, como fazião as Gentias, & como hoje fazem as Chriſtãs idolatras, que tem o ſeu roſto por idolo ? Diz o Santo, que nam ſe atrevendo a ter, nẽ uſar dos eſpelhos artificiaes, com outra arte ſe viaõ, ou no azeite, ou na agũa, *ad undam, aut oleũ facie inclinatã.* Mas nam parava aqui a curiosidade, que ſe podia perdoar. A deoſa Pallas tambem ſe vio na agua, & lhe ſervio de emendar hum defeito,

que nam via. Como creada nos valles do môre Ida entre os Paſtores, recreavaſe a deoſa em tocar huma frauta paſtoril : mas como ao paſſar de hum ribeiro viſſe nelle q̃ a frauta lhe deſcompunha a armonia das faces, inchan-do mais huma dellas, Naõ quero eu (diſſe) comprar a tanto cuſto a conſonancia da frauta ; & lanço-a de ſi muito longe.

I procul hinc, dixit, non eſt mihi tibia tanti,

Ut vidit vultum Pallas in amne ſuum.

335 Se aquellas boas, ou mãs Chriſtãs uſãram dos dous eſpelhos naturaes para emendar alguma deſcompoſição, ou deformidade do roſto; venial podia ſer o peccado contra o preceito. Mas diz com grande inveſtiva o zelo de S. Juſtino, que o fazião para ver, ſe a natureza as tinha dorado de algumas prendas das que agradaõ aos olhos dos homens, & para as converterem em armas, com que fa-

fazer guerra à castidade: *Ut de se ipsis judicarent, an adversus castitatem belligare possent.* Tanto mais abominavel era que o verem-se, o fim porque se viaõ. De Archimedes famosissimo Mathematico sabemos, que em hũ porto de Sicilia fabricou hũs espelhos de tal fórma, que reverberando nelles os raios do Sol, convertidos em fogo, abrazaraõ hũa Armada inimiga. E tal era a diabolica tençaõ destas mathematicas do inferno, para abrazarem as almas dos que falsamête se chamaõ amigos.

336 Ainda he mais impio, & por seu modo sacrilego este appetite mulheril de se verem ao espelho. Quasi estive duvidoso se o diria, com receyo de que haja quem lhe tome a invençaõ. Nas terras do Norte saõ mais usadas as oraçoens dos livros, q̃ as das contas; & a todas as Senhoras leva hum criado à Igreja em hum faco de veludo o livro porque

Tom. II.

ha de rezar. Ouçamos agora ao Author do grande Theatro da vida humana, Archipresbytero da Cathedral de Antuerpia, o qual como testemunha de vista, diz assim fallado das mulheres: *Harum luxuries eò processit, ut etiam in libellis, quos ad Ecclesiam deprecaturæ adferunt, specula componant, quibus mundum muliebrem, & phaleras suas, ac capellitium inter fervidas scilicet suas preces adornent.* Tem chegando (diz) o luxo, & vaidade das mulheres a tal excessõ, que até nas Horas, ou livros de orar, que levão à Igreja, vão entre as folhas enquadrados espelhos, nos quaes estaõ compõdo de novo os seus enfeites, a fim de que as suas fervorosas oraçoens naõ appareçaõ diante de Deos defacõpanhadas deste ornato. Àtèqui o Author, a cujo theatro, se isto houvesse de fahir por farsa, naõ haveria cousa mais ridicula. Mas se se houver de representar, & pon-

337

S iij de-

derar com juizo, nenhũa pôde ouvir a Christandade nem mais tragica, nem mais triste, nem mais injuriosa. Desorte que à Igreja, onde as mulheres vão orar, & adorar a Deos, se vão idolatrar a si mesmas: & naquelles livros santos, cujas folhas hũas tem estampadas as Imagens da Virgem Maria, outras as de Jesu Christo crucificado, se não pejam de que appareção tãbem as suas? Se vos não atreveis a estar duas horas sem vos ver por amor de Deos, como esperais ver a esse mesmo Deos eternamente? Oh Christandade! oh Gentilidade! Conta Pausanias, que no templo mayor da Arcadia, estava hum espelho, no qual os homens, que olhavam para elle, nam se viaõ a si, mas só viaõ as imagẽs dos deoses. E quando os Genticios adoradores dos deoses falsos entenderaõ, que nos espelhos dos templos nam se haviaõ de ver outras imagens que as dos

mesmos deoses, tem nome, & fé de Christãs as que levaõ os espelhos aos templos do Deos verdadeiro nam só para tirarem os olhos dos altares, & os porem em si, nem só para se verem a si, que seria menor escandalõ, mas para verem, & enfeitarem o modo, com que desejam ser vistas?

338 E como este appetite de bem parecer herdado de tam longe, & esta inclinaçõ, & estimaçõ fundada nos ornatos de huma caveira, & no esquecimento della, he tam natural, & tam propria do genero feminino, & ainda na adulaçam do amor proprio mais enganado, não ha gentileza tam perfeita, que nam tenha que emendar, nẽ tam inteira, que nam tenha q̃ supprir, nem tam sã, que nam tenha que curar, de que o espelho he o Medico; esta he a razaõ, ou sem-razaõ da difficuldade, & resistẽcia, com que nos mesmos claustris religio-

ligiosos, & entre as mefmas, que professaõ o desprezo dos olhos humanos, sejaõ tam raras dentro das suas quatro paredes as q̄ deixem despegar, & sahir dellas o espelho.

§. VII.

339 **D**Aqui (fallando agora comnosco) parece se seguem duas consequencias certas. A primeira em respeito das Religiosas, que renunciarem o espelho, o grande sacrificio, que farrão a Deos: a segunda em respeito das que se nam atreverem a tanto, huma natural desculpa de o nam fazerem.

Quanto ao sacrificio, estaõ nelle escõdidos dous extremos rigores, em q̄ ninguem repára. O primeiro he, que quem renuncia o verte no espelho, nam só sacrifica a vista, senão tambem os olhos, cõ que se vê. Fundase esta proposiçãõ em huma sentença aprovada, & louva-

da pela Filosofia Conimbricense, que he a mais authorizada, & elegante, que atẽgora appareceo no mundo: *Scitẽ dictum est, ut speculum oculus est artis, ita oculus esse naturæ speculum.* Quer dizer este grande repãro filosofico: que assim como os olhos sãõ espelhos da natureza, assim os espelhos sãõ os olhos da arte. Os olhos sãõ espelhos da natureza, porque nelles se retratãõ as imagens de quem se vê, a que chamamos mininas. E chamaõse mininas, & não mininos, porque a mesma natureza parece que fez os espelhos para as mulheres, & nam para os homens. E porque sãõ os espelhos olhos da arte? Admiravelmente, porque os olhos naturaes nam se vem a si mefmos, nem o proprio rosto: & fez a arte os espelhos como segundõs olhos fóra de nõs, para que nos pudeffemos ver a nõs. Logo quem sacrifica o espelho, nam só sacrifica a vista, senam

tambem os olhos, com que se vê , & sem os quaes se não pôde ver. E esta he a mayor mortificação , ou rigor da natureza neste sacrificio.

34^o O segundo , & ainda mais apertado he; porque quem sacrifica o espelho, não sò sacrifica a vista, com que se havia de ver, senão tambem a vista, com que se tem visto. Esta proposição, que parece mais difficultosa, nam he menos que Theologica, fundada em outra de fé. Diz o Apostolo Santiago, que os que ouvem a palavra de Deos, & não fazem o que ouvem , são semelhantes aos que vem no espelho o seu rosto natural , & logo se esquecem da figura , & feiçoens do mesmo rosto, que virão : Si

Jacob. 1.
23. *quis auditor est verbi, & non factor, hic comparabitur viro consideranti vultum nativitatís suæ in speculo: consideravit enim se, & abiit, & statim oblitus est, qualis fuerit. Isto que diz o Apostolo, & he de fé,*

porque elle o diz , a experiencia ordinaria o ensina. Vê hum homem aos outros, & lembra-se claramente das feiçoens do rosto, & figura de cada hum , & ausente o retrata na imaginação assim como o vio ; mas se se vio no espelho a si mesmo, logo se esquece , nem se pôde pintar, ou figurar como he. E donde vem , ou se causa esta differença tam notavel? Vem do differente modo com que vemos as cousas no espelho , ou em si mesmas. Em si mesmas vemolas por especies directas, que são mais vivas, & mais fortes: no espelho vemolas por especies reflexas, que não tem aquella vida, ou aquella viveza, nem aquella força. E a razão he; porque o reflexo que as rebate no espelho, as enfraquece de tal sorte , que quando chegaõ à potencia , onde se formão as especies memorativas, por meyo das quaes nos lembramos , ou estas se não produzem , ou não tam

tam tenues, & quasi mortas, que se não pôde servir dellas a memoria, & se segue naturalmente o esquecimento. Logo quem sacrifica o espelho, não só renuncia nelle a vista futura, senão tambem a passada. A futura; porque se não ha de ver, pois nam tem espelho: a passada; porque por falta do mesmo espelho não pôde renovar na memoria, nem supprir no esquecimêto o retrato de quando se vio: *Et oblitus est, qualis fuerit.* Tanto renunciaõ, & dão para sempre a Deos as Religiosas de animo varonil, que por seu amor, & reverencia lhe sacrificão o espelho.

342 E quanto à fraqueza das que se não animão, nem atrevem a tanto, & à desculpa, que parece tem natural de nam degolarem para sempre em si mesmas a vista do proprio rosto; verdadeiramente considerada a miseria dos nossos tempos, & o desmayo, & frieza, a que

tem descahido geralmente o valor, & espirito da perfeição Christã, não são no estado secular, senão tambem no Religioso: parecerá do mesmo modo, que nos devemos contentar com esta moderação, posto que não sem dor. Mas se nos puzermos fóra dos nossos tempos, & fóra tambem das obrigações da Christandade, acharemos, que a chamada desculpa natural neste caso he tam grande miseria, tam grande fraqueza, & tam grande afronta de qualquer Cõgregação religiosa; que nem dizer, nem ouvir, nem imaginar se pôde, sem igual confusão, como agora demonstrarei, com lastimosa evidencia:

343 Postos pois fóra dos nossos tempos, & fóra da Christandade, antes de Salamão edificar o famosissimo Templo de Jerusalem, fabricou Moyses outro Têplo menor, & portatil, chamado o Tabernaculo, em que no caminho

nho da terra de promissão se fazião os sacrificios, & se enfazavão as outras ceremonias, que depois se havião de exercitar no Templo. E sendo huma das peças notaveis deste Tabernaculo hum tãque, ou lavatorio grande para uso, & purificação dos Sacerdotes, antes de entrarem a sacrificar; diz o Texto sagrado, que este lavatorio era fundido de bronze, & que este bronze era dos espelhos das mulheres, que de dia, & de noite servião, oravão, & vigiavão no Tabernaculo: *Fecit & labrū æneum cum basi suâ de speculis mulierum, quæ excubabant in ostio Tabernaculi.* Não faça duvida ser o brôze dos espelhos; porque os espelhos ordinarios daquelle tempo erão de bronze, como tinhão sido os primeiros de estanho, & depois se fizeram tambem de prata, & ouro, guarnecidos de pedraria: pelo que disse Seneca, que hum destes espelhos valia mais, que o

Exod.
39. 8.

dote, com que o Senado dotára as filhas de Cipião Africano, sendo aquelle grande triunfador de Cartago tam pobre, que não teve com que as dotar. Mas por isto mesmo digno, como diz o mesmo Seneca, de que tivesse por fogro o Senado Romano.

344 De maneira, (tornando aos espelhos de bronze) que assim como Aram do ouro das arrecadas das mulheres tinha fundido o idolo do bezerro, assim Moyses do bronze dos espelhos tambem das mulheres fundio a grande concha do purificadorio sacerdotal. Com huma differença porém muito notavel, que as arrecadas forão trazidas por mandado de Aram, arrancandoas os homens das orelhas de suas mulheres, & filhas: & os espelhos sem mandado de Moyses, ou outra authoridade superior, espontanea, & voluntariamente, por pura, & mera devação das mulheres foram

offic-

offerecidos a Deos, & dedicados ao serviço, & uso do Tabernaculo. Assim o observou, & pondera elegantemête Philo Hebreo: *Ex vasis jam antea expolitis in usum tamen alium, quem mulieres mira animi alacritate certatim contulerant: specula enim, ad quæ formam curare solitæ fuerant, sponte, nemine jubente, Deo dicaverant; hæc ad se delata opifex in unam massam confundit.* Das quaes palavras se colhe quam accita fosse a Deos, & quam grata aos olhos divinos aquella offerta, assim por serẽ os espelhos, & o cuidado, & cultura da gentileza a coufa, q̃ mais estimão, & de q̃ mais se prezão as mulheres, *Specula, ad quæ formam curare solitæ fuerant,* como pela vontade, & promptidão de animo, & pela alegria justamente chamada admiravel, com que forão offerecidos, *mira animi alacritate, certatim contulerant.* E sobre rudo, sem q̃ alguem a isso obrigasse

aquellas devotas mulheres, *nemine jubente*, que he o que Deos mais estima, mais preza, & mais ama no que se lhe offerece, como diz S. Paulo: *Non ex tristitia, aut necessitate; hilararem enim datorem diligit Deus.*

2. Cor.
9. 7.

345 Provado assim o muito que agrada a Deos a renuncia, & sacrificio dos espelhos, que he a primeira parte da nossa proposta, segue-se a segunda, que prometi de mostrar, de não terem desculpa, nẽ escusa as Religiosas, que o não fazẽ, & repugnão. E senão, pergunto, para que me respondão. Estas mulheres, que tam animosa, & valerosamente, & com animo, & resoluçam mais que varonil, dedicarão os seus espelhos a Deos, & ao Tabernaculo, que mulheres erão? Erão aquellas Hebreas, que havia hum anno tinhão sahido do cativoiro do Egypto, onde muitas dellas como escravas adoravão os idolos de seus senhores:

res : havendo tambem hū só anno, (& o meſmo) q̄ Deos tinha dado no monte Sinai a Ley de Moyſes. E eſtas mulheres tinham voto de Religião? Não; porque ainda não havia taes votos, nem tal nome no mundo. E erão Virgēs conſagradas a Deos? Também não; porque dahi adous mil annos deu principio a Virgem das Virgens a tam ſoberano instituto. Qual era logo o eſtado deſtas tam admiraveis mulheres? Humas erão caſadas, outras viuvas, outras donzellas; & aſſim o confeſſão atè Calvino, & Beza, os Hereges mais inimigos do eſtado religioſo.

346 Vamos agora ſubindo por eſta meſma eſcada, & vejão as Religioſas Chriſtãs, não naquelles eſpelhos deixados, ſe não nas meſmas, que os deixarão, ſe tem deſculpa, ou eſcuſa alguma de eſtarẽ tam pegadas aos ſeus. Com os meſmos olhos, cõ que as Hebreas ſe coſtu-

mavão ver, & enſeitar aos ſeus eſpelhos, os virão depois quebrar, deſfazer, derreter, & fundir, nam chorando aquella deſtruição, nem tendo ſaudades do tempo, em que nelles ſe vião, mas grande gloria ſim do differente uſo, & emprego, em que os virão trocados. E ſe iſto fazião mulheres caſadas, ou que o forão, ou q̄ o podião ſer; que devem fazer, ou ter feito as que com vinculo perpetuo, & indiffolúvel, ſe deſpoſarão com o Filho de hum Pay eterno? Se eſte conſentimento commum, & impeto fervoroſo de eſpírito ardia nos coraçõs das filhas de Iſrael ſucceſſoras de Rachel, & Lia; qual era bem que ſe veneraſſe nas filhas dos Baſilios, Bentos, & Agoſtinhos, & muito particularmẽte nas de S. Bernardo ſucceſſoras das Umbelinas, das Leogardes, das Eduvigias, & de tantas outras? Se aquelle zelo, & devaçõ ſe admirava na Synagoga,

goga, & Ley de Moyfes, quanto se deve estranhar não só a falta delle, mas o contrario nas Recoletas da Igreja Catholica, & Ley de Christo? Hê tanta a differença da Ley de Moyfes à Ley de Christo, quanta vay da sombra à luz, da noite ao dia, da figura à verdade, & da Ley da Graça, que só ella pôde dar, àquella que não podia. E se tanta fé, & lealdade guardavão a Deos as que havia hum só anno, que o conhecião; as que antes de terem entendimento, receberão a Fè do mesmo Deos no Bautifmo, & antes de ter lingua, promettêrão nelle que renunciavão ao demónio, & a todás as suas pompas, porque ha de poder tanto com ellas o mesmo demónio tambem mudo, & sem lingua, que na idade capaz de arrependimento lhe tornem a dedicar as pompas renunciadás, & não occultamente, senam nos olhos do mundo, & na propria cara, sem se lhe

fazerem as faces vermelhas de pejo, & confusão, senão de outra cor?

§.no VIII.

347 **M**As passando do tempo das Hebreas, que tinhão fé; às gentias; & idolatras sem conhecimêto do Deos verdadeiro; no Egypto assim como era venerado por deos Osyris, q̄ tinha sido seu Rey, assim Isis, que fora sua mulher, era venerada por deosa. E no dia, em que se celebravão as festas desta segunda, & falsa deidade, & era levada de hum templo a outro em procissão; diz Apuleyo, que hia diante hum coro de dōzellas vestidas de gala, & coroadas de flores, as quaes levavaõ tambem em açafates, & semeandoas por toda a parte fazião prados as ruas. Diz mais, que ao meyo do caminho vinha outro coro a encontrar, & receber a deosa, & que estas (de cujas galas se nam faz

faz menção) traziaõ lan- çados detrás das costas os espelhos, & os mesmos espelhos tambem voltados do aveço, com que nem ellas, nem outrem se podia ver nelles. Isto posto, sabida coufa he vulgarmente, que os Egypcios, como primeiros inventores das ciencias, sempre significavaõ mais do que diziaõ; & todas suas açõens eraõ mysterios. Que mysterio tinha logo o primeiro coro das donzellas alcatifando as ruas de flores, & o segundo trazendo os espelhos detrás das costas? He certo que humas, & outras se queriaõ mostrar devotas, & obsequiosas à deosa; mas esta devação, & obsequio attribue o mesmo Author mais principal, & declaradamente às segundas, que às primeiras: *Aliæ, quæ nitentibus speculis pone tergum reversis venienti deæ obviam demonstrarent obsequium.* Saibamos agora: E porque era mayor obsequio o dos espelhos vol-

tados, & lançados detrás das costas, que o das flores semeadas pelas ruas, por onde a deosa havia de passar? Porque nas flores significavaõ as primeiras donzellas, que cada huma consagrava à deosa a flor das suas idades: & nos espelhos significavaõ as segundas, que sacrificavam à mesma deosa o q̄ aquella idade mais preza, & mais estima, que he o verse ao espelho. Deforte que cõpetindo as donzellas Egypcias a quaes se haviaõ de mostrar mais obsequiosas à divindade, que adoravaõ; a juizo dos sabios instituidores daquela publica solemnidade, mayor era o obsequio, & sacrificio das que se cõdenavaõ a não se ver mais ao espelho por amor, & reverência della, que as que vestidas de festa lhe offereciaõ, & punhão aos pès a flor de sua idade.

348 Em humas, & outras se representavaõ com propriedade grãde as Religiosas Chriãtas. Nas primeiras

meiras ; as que entrando
 noviças na Religião, con-
 sagraõ a Deos a primave-
 ra dos annos , & flor da
 idade : nas segundas, as
 que professas , & antigas
 no mesmo instituto , &
 provectas na virtude , &
 no juizo, lhe sacrificãõ a
 perpetua , & voluntaria
 cegueira do objecto mais
 amavel , & mais amado ,
 nam se querendo ver ao
 espelho, nem vello ; que
 por isso as mais discretas
 os levavaõ detrá das cof-
 tas. E se ellas isto faziaõ.
 tam alegre , & animosa-
 mente, guiadas sõ pelo di-
 ctame da razaõ natural,
 sendo gentias, & idolatras,
 que excusa , ou desculpa
 põdem ter de o repugnar
 nõ estado mais sublime da
 Fè, & Christandade , as
 que tendo renunciado o
 mundo por amor do ver-
 dadeiro Deos , não só se
 chamaõ esposas , mas ver-
 dadeiramente o saõ de seu
 proprio Filho ? Diga-o
 por todas huma , em que
 saõ significadas todas.

349 Nos Canticos

de Salamaõ , a que alli se
 chama Esposa Santa , era
 huma figura profetica das
 que depois na Ley da Gra-
 ça haviaõ de ser esposas
 de Christo. O mesmo Es-
 poso lhe deu entãõ o no-
 me, & sobrenome cõ que
 hoje se chama cada huma,
 Esposa, & Soror , *Soror*
mea sponsa. Diganos ago-
 ra aquella Esposa, & aquel-
 la Soror, que he o de que
 mais se prezavaõ os seus
 olhos. Tinha-os ella
 formado pelo exemplar,
 que o mesmo Esposo lhe
 mostrara nos seus, (pen-
 samento singular de São
 Gregorio Nisseno) & fal-
 lando de huns, como de
 outros, diz que eraõ seme-
 lhantes a duas pombas, as
 quaes estãõ sobre os rios
 das aguas , não se lavavaõ
 em agua, senãõ em leite: *O-*
culi ejus sicut columbæ super
riuos aquarum, quæ lacte
sunt lotæ. Notavel dizer,
 & tam difficuloso a todos
 os Interpretes, como no-
 tavel ! He certo que nesta
 comparaçãõ nam se louva
 a cor , que nos olhos he
 tam

Cant. 4.
9. 10.

Cant. 5.
12.

tam varia; porque louvar nelles a brancura, seria louvor tam frio como a mesma neve. Que quiz logo significar a Espôsa, quando diz, que os seus olhos como pombas, *sicut columbæ*, em cima dos rios d'agua, *super rivulos aquarum*, não se lavavaõ em agua; senão em leite, *quæ lacte sunt lotæ*? O mesmo Gregorio Niffeno, como tão eminente Filosofo, por observação sua, & experiencia certa, diz que todos os outros licores podem servir de espelho; só o leite não; porque ninguém, nem coufa alguma se pôde ver nelle. As palavras do Santo são estas: *Verè in lacte hoc observatũ est, solum inter humida proprietatem hanc habere, ut in eo nullius rei simulacrum, aut similitudo conspiciatur.*

350

E como entre todos os licores só o leite não pôde servir de espelho; por isso os olhos da Espôsa, informados do Espôso divino, eraõ semelhantes àquellas pombas, que estando so-

bre os rios d'agua; *super rivulos aquarum*, nam se lavavaõ na mesma agua, na qual se podiaõ lavar, & ver juntamente; mas deixada totalmente a agua, posto que tam visinha, se lavavaõ só em leite, *quæ lacte sunt lotæ*; porque no leite só se podiaõ lavar, mas não se podiaõ ver. Lembremos agora dos espelhos, de que Moyses fez a concha, ou tanque, em que os Sacerdotes se haviaõ de lavar antes do sacrificio. Aquelles Sacerdotes já se nam podiaõ ver nos espelhos; de que se tinhaõ feito as margens do tanque; mas podiaõ se ver na agua delle, em que se lavavaõ. Porém as pombas, em que eraõ significados os olhos das Religiosas do nosso tempo, *Oculi ejus sicut columbæ*, ainda que estavaõ sobre as aguas dos rios, em que se podiaõ lavar, & ver, *super rivulos aquarum*; para mayor, & total sacrificio, não só renunciavaõ na mesma agua todos os licores,

cores, em que se podiaõ ver, mas no leite, que fõ nam pôde servir de espelho, renunciavaõ todos os espelhos, *ut in eo nullius rei simulacrum, ac similitudo conspiciatur.*

§. IX.

351 **A** Fronta seria de huma tam religiosa, & santa Cõmunidade, como a presente; depois dos dous exêplos das Hebreas, que tinhaõ fé de Deos, & das gentias, que a não tinhaõ, se a houvessemos de exhortar à imitação desta, que tambem no tal caso seria injuria chamarlhe fineza. Esta he a razaõ, que eu tenho para não querer persuadir, como não quero, o desuso dos espelhos; mas para os reduzir religiosamente a huma bem entendida concordata. E qual he? Que as filhas de São Bernardo os não deixem, mas que os troquem, & que esta troca se faça, vêdose daqui por diante ao

Tom. II.

espelho não mudo; senaõ eloquente, não lisongeiro, senaõ verdadeiro, não do mundo, senaõ do Ceo; qual he o que o mesmo Santo Patriarca compoz, para que todos os seus Monges, & Monjas se vissem, & compuzessẽ a elle.

352 Compoz S. Bernardo hum breve, & excellente tratado, que intitulou, *Speculum Monachorum*, Espelho de Monges; o qual começa assim: *Si quis emendationis vite desiderio tactus, cogitationum, locutionum, operumque suorum excessus corrigere nititur, presentis paginae frequenti lectione tamquam in speculo interioris hominis sui faciem contempletur.* E porque o Santo com a cõprehenção profundissima de taõ consummado artifice, divide, & compoem o dito espelho daquellas tres partes essenciaes, *cogitationum, locutionum, operumque*, que são pensamentos, palavras, & obras; de cada hum destes tres lumes

T

mes

mes apontarei sómente o mais breve, & elevado.

353. Quanto aos pensamentos, *cogitationum*, diz o espelho de São Bernardo, que cuida cada hū, ou cada hūa das suas Religiosas, & diga consigo: Neste mundo não ha mais que Deos, & eu: *Sic se existimet, quasi ipse sit solus, & Deus.* Oh admiravel, & divino documento! Em quanto no mundo não houve mais que Deos, & Adam, conservouse o Paraíso naquella bemaventurada felicidade, sem perigo de se perder, nê mudar. O Paraíso da terra he a Religião. E quando se perderá este Paraíso? Quando nelle, além de Deos, houver Adam, & Eva, ou Eva, & Adam. Quem introduzio no genero humano o uso dos espelhos, foi o appetite de quem se vê nellês, querer contentar a outros olhos, que aos de Deos. Declarando Deos ao Profeta Samuel a differença que ha dos seus olhos aos nossos, disse:

Homō videt ea, quæ parent, Dominus. autem intuetur cor: O homem olha para o rosto, Deos olha, & vê o coração. E como Deos encobrio o coração, & o poz, ou escondo fóra da esfera dos olhos, claro está que não ha de ter cuidado de se ver ao espelho, quem só quer parecer bẽ a quem vê os coraçõens. Quer o espirito de S. Bernardo que sejaõ as suas filhas como aquellas primitivas creaturas, a q̄ Deos deo o ser, desde o primeiro até o quarto dia. No primeiro dia creou a luz: no segundo o firmamento: no terceiro as plantas: no quarto o Sol, & a Lua; mas em todas ellas não havia olhos no Mundo. O ar estava allumiado com os resplandores da luz; o firmamento esclarecido com os crystaes do segundo elemento; os prados vestidos de Rosas, flores, & boninas; os Ceos bordados de ouro sobre azul, no Sol, na Lua, & nas Estrellas. E posto que todas aquellas creatu-

creaturas estavaõ ornadas dos esmaltes da natureza, de que se haviaõ de fazer depois os maiores encarecimentos da fermofura ; a graça de que todas ellas mais se deviaõ prezar , era de não haver nõ Mundo outros olhos, a que pudesse , ou quizessem parecer bem, senaõ os de Deos, que sã as viaõ: *Vidit Deus quidd esset bonum.*

354 Quanto à segunda parte, ou segundo lume do espelho de S Bernardo, quer o Santo que nelle se vejaõ as palavras : *locutionum.* Nem faça duvida parecer, que as palavras sã pertencem ao sentido de ouvir , & não ao de ver ; porque là disse Moyfés , quando Deos dava a sua Ley no Monte Sinai, que o povo via as vozes : *Populus autem videbãt voces.* Quaes diz pois o Santo que hãõ de ser as palavras de quem guarda as suas leys ? *Cum loquitur, non studeat eloquentia : sermo ejus sit potiùs rusticanus, quam urbanus : in omnibus*

agendis non studeat curialis videri. Quer dizer : Que quando houverem de fallar , não se prezem as suas palavras de ser eloquentes , & discretas : mas que antes sejaõ rusticas , que urbanas, & que de nenhum modo pareçaõ cortezans, & de Corte. Difficiloso preceito para Odivellas, que tão perto está de Lisboa , & tem contra si a opiniaõ, & dito commum. Dizem que o polido , & discreto do fallar de S. Bernardo o herdáraõ as filhas, & não os filhos. E assim como a segunda parte deste dito he praga , & falsidade , assim a primeira, se fõsse verdadeira, não seria louvor ; senaõ descredito.

Si quis loquitur, quasi ser- 1. Peti.
mones Dei, diz o Apostolo 4. 11.
S. Pedro : Os servos , & muito mais as servas de Deos hãõ de fallar como o mesmo Deos : poucas palavras, graves, sem artificio , nem affectaçãõ , & fantas. Os Conventos sãõ as Cortes , & palacios de Deos, & huma das cousas,

em que se haõde distinguir dos palacios do Mundo, he a linguagem. Antes pareça do monte, que da Corte: *Rusticanus potiùs, quàm urbanus.*

355 No palacio do Pontífice Caifaz pela linguagem descubrio o mesmo S. Pedro, & deo a con-

Matth. 26. 73. nhecer quem era: *Nam & loquela tua manifestum te facit.*

Tres annos havia que elle andava na escola de Christo, & ainda fallava em Jerusalem taõ rustica ou rusticanamente, como nas prayas de Galilea. Da pouca urbanidade, com que o mesmo Christo disfarçado fallou à Magdalena, quando lhe disse,

Joan. 20. 15. *Mulier, quid ploras?* entendo ella que era hortelaõ:

& da muita cortezia com que a Magdalena lhe respondeu, *Domine, si tu sustulisti eum,* pudéra collegir o hortelaõ, que era senhora, & da Corte. Ainda que naõ fora proverbio de Salamaõ, que Deos gosta de conservar naõ com os discretos, senaõ com os

simples; *Cum simplicibus sermocinatio ejus,* além das outras filhas do espirito de S. Bernardo, que já referimos, podem servir de exemplo às demais as Sanctas, as Therezas, & as Mafaldas, todas Portuguezas, & todas de sangue Real.

356 Finalmente vindo às obras, diz assim o Santo Legislador: *Singulis diebus capitulum sibi teneat, & ponat rationem diligenter, quid ipso die deliquerit publicè, vel privatim:*

Todos os dias diante deste espelho faça a Religiosa capitulo de si mesma, & chamando a juizo: todas as suas potencias, & sentidos, peça conta à sua consciencia do que no mesmo dia tiver delinquido. Examine, & pergunte à memoria, o de que se lembrou; ao entendimento, que cuidou; à vontade, o que amou, ou aborreceo; aos olhos, o que virão; aos ouvidos, o que ouviraõ; & às outras portas da alma, o que por ellas

ellas entrou, ou sahio. E se parecer demasiado, & não necessario este rigoroso capitulo de cada dia, dentro das paredes da religião, aonde todas as accoens são taõ ordenadas, & santas, lembremo-nos das obras da creação do Mundo, as quaes Deos hia fazendo cada dia, & cada dia no mesmo dia as examinava. Assim o nota o Texto Sagrado: *Vidit Deus quòd esset bonum; & factus est dies unus: Vidit Deus quòd esset bonum; & factus est dies secundus:* & com a mesma expressão nos dias, & obras seguintes. Pois se todas aquellas obras eraõ obras feitas pela Divina Sabedoria, em que não podia haver erro, & pela Divina Bondade, em que não podia haver mal, & pela Divina Omnipotencia, em que não podia haver defeito; porque as examina Deos taõ exacta, & miudamente? Esta mesma duvida propoz Oleario a Deos sobre a creação da primeira

obra, que foi a luz. E responde fallando com o mesmo Creador: *Ut examinem ego tenebras meas; siquidem tu examinasti lucem tuam.* Não examinastes, Senhor, as vossas obras, porque ellas tivessem necessidade deste exame; mas porque nós a tinhamos deste exemplo: para que eu examine as minhas trevas, pois vós examinastes a vossa luz. Quantas luzes ha não sò no Mundo seccular, senão tambem no religioso, muito estimadas por taes, que se bem se examinassẽ, se havia de achar que são trevas? Os exercicios da religião todos são obras de luz, & luz approvada pelo Espirito Santo; mas se não forem feitas puramente por agradar sò a Deos, & entre Deos, & ellas se atravessar qualquer respeito da terra, ou de amor, ou de odio, ou de emulação, ou de inveja, ou de ambição, ou de fingimento, ou de qualquer outro affecto contrario à charidade, &

verdade ; he certo que ficarão taõ eclipsadas , & escurecidas essas obras de luz , que não mereçam a Deos pôr os olhos nellas. Por isso S. Bernardo fez tanto caso deste , que chamou capitulo de cada dia , que torna a dizer que o dia de hontem se ha de comparar com o de hoje , & o de hoje com o de amanhã , para que veja o Monge se vai adiante , ou torna atraz no espirito. Neste caso será bom remedio perguntar-se cada hum a si , como fazia o mesmo Santo : *Bernarde , ad quid venisti ?* Bernardo , a que viesste ? E quando isto não baste , acrescentar outra mais apertada pergunta , & dizer : Eu vim à religião para me salvar , & se eu agora não fizer o a que vim , depois aonde irei ?

§. X.

358 **A** Vista deste espelho , no qual se retratou hum taõ santo , & amoroso Pay , para que o

imitem seus filhos , & filhas ; tenho para mim , que ao menos estas (posto que dantes as mais empenhadas) não sò terão perdido o amor , senão também renunciado as faudades de todos os outros espelhos. Mas quando forem arrancados das paredes , para que ellas não fique quem nuas , senão muito melhor ornadas ; dissera eu que ao seu lugar se passassem duas Imagens , que supponho haver em todas as cellas : huma do mesmo Senhor , que hoje lançou fora o demonio mudo ; & outra da Virgem Santissima , que por occasião deste mesmo milagre , mereceo as aclamaçoens da Mãe de tal Filho : *Beatus venter , qui te portavit.* Este pensamento me occorreo , sem outra reflexão sobre o presente assumpto mais que de acabar com o mesmo Euangelho , que nos deo o fundamento delle. Agora porèm estou vendo , que nestas duas Imagens , as mais santas , & soberanas

beranas de todas, se fará huma segunda, & mais preciosa troca, substituindo por hum espelho da terra os dous espelhos, em que se estaõ continuamente vendo, & revendo os Bemaventurados do Ceo.

359 Dous foraõ os fins do nosso discurso, ou hum sò fim dividido em duas partes. A primeira, exhortar as virgens esposas de Christo a que sò queiraõ parecer bem aos olhos do seu Divino Esposo: a segunda, o despego, ou renuncia daquelle natural appetite, a que os olhos, ou cegueira humana chamaõ fermosura. Quanto à primeira parte, que melhor, & que mais natural, ou sobrenatural espelho para todas as virgens consagradas a Deos, que a Rainha das Virgens? Assim diz fallando com todas o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio: *Sit vobis tanquam in imagine descripta virginitas, vitæque Beatæ Mariæ: de qua velut in speculo refulget spe-*

cies castitatis, & forma virtutis. Hinc sumatis licet exempla vivendi, ubi tanquam in exemplari magisteria expressæ probitatis, quid corrigere, quid effugere, quid tenere debeatis, ostendunt.

Porque me dizem que nesta Communidade ha sò quatro, que entendem a lingua Latina, para as demais romanciarei as palavras do Santo, que dizem assim: Tende sempre, ô virgens, diante dos olhos a Imagem da Virgem Maria, na qual, como em espelho, resplandece o verdadeiro retrato da castidade, & de toda a virtude. Este he o exemplar, a que deveis compor todas as vossas açcoens; porque nelle, como mestra da perfeição, vos mostrará, & ensinará a mesma Virgem das Virgens o que deveis emendar, o que deveis fugir, & o que deveis imitar.

350 Quanto à segunda parte de renunciar, & aborrecer o falso, & cego desejo, & estimação da fermosura, ainda he mais evi-

T iij dente,

dente, & quasi temeroso espelho a Imagem de hum Christo pregado na Cruz. Com os olhos em hum Christo crucificado, dizia o devotissimo Drogo Hostiense: *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ*: Desse vossó corpo, Senhor, fizestes hum espelho à minha alma. Oh que temeroso outra vez, & que formidavel espelho! O mais fermoso de todos os filhos dos homens foi

Psalm.
44. 3.

Christo: *Speciosus forma præ filiis hominum*. E aquelle mesmo rosto, que no Tabor excedia o resplendor, & fermosura do Sol, no Calvario, & na Cruz estava tão escurecido, & desfigurado, que nenhuma semelhança tinha do que pouco antes fora. Os que dantes o viaõ com admiração, & summo agrado, agora com horror o não conheciaõ, nem podiaõ ver, & duvidavaõ se era o mesmo, ou outro.

Isaia:
53. 2. 3.

Non est species ei, neque decolor, vidimus eum, & non erat aspectus, & desideravi-

mus eum despectum, & novissimum virorum, & quasi absconditus vultus ejus: diz o Profeta Isaías. E à vista de tão lastimoso retrato, quem haverá (& mais com obrigaçoens de esposa) que tenha rosto para apparecer diante d'elle em outra melhor figura, & ainda lhe fiquem olhos para se ver, & compor a outro espelho? Sò S. Bernardo soube entender, & dizer como nos haviamos de conformar com esta vista, para não ser feíssima a nossa ingratação, & má correspondencia. No Ceo, diz S. João, que havemos de ser semelhantes a Deos, porque o havemos de ver como elle he: *Similes erimus, quoniam videbimus eum sicuti est*. Pois assim como no Ceo (exclama Bernardo) nos havemos de transformar em Deos, fazendo-nos semelhantes a elle, porque o veremos como elle he; assim na terra vendo ao mesmo Deos, tão desfigurado na Cruz, & tão demudado de sua natu-

natural fermosura , nos devemos tambem transformar , & fazer semelhantes a elle , pois veremos no seu rosto qual elle se quiz fazer por amor de nós : *Siquidem similis eris illi , cum videris eum sicuti est ; esto & nunc similis ei , videns eum sicuti propter te factus est.*

§. XI.

361 **D**Aqui se não pôde passar : & era justo nesta clausula acabar de emudecer. Mas porque o Euangelho diz , que lançado fóra o demonio fallou o mudo , o mesmo espelho , que atègora mudo lisongeava , dirá fallando , (pois já pôde) & descobrirá a verdade dos enganos , que a vista dos mesmos olhos ou dissimulava , ou fingia.

Eu (diz o espelho) como formado de vidro , sou fragil ; mas muito mais fragil he , ô filhas de Eva , a que vós chamais fermosura. Ouvi ao mes-

mo Compositor da arte , que ensinou como se havia de amar esta enganadora :

Forma bonum fragile est , quantumque accedit ad annos

Fit minor.

A fermosura (diz elle) he hum bem fragil , & quanto mais se vai chegando aos annos , tanto mais vai diminuindo , & desfazendo em si , & fazendo-se menor. Seja exemplo desta lastimosa fragilidade Elena , aquella famosa , & fermosa Grega , filha de Tindaro Rey de Laconia , por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dez annos , & ao passo que hia durando , & crescendo a guerra , se hia juntamente com os annos diminuindo a causa della. Era a causa a fermosura de Elena , flor emfim da terra , & cada anno cortada com o arado do tempo ; estãva já taõ murcha , & a mesma Elena taõ outra , que vendo-se ao espelho , pelos olhos , que já não tinhaõ a antiga viveza , lhe corriaõ as lagrimas,

mas, & não achando a causa, porque duas vezes fora roubada, ao mesmo espelho, & a si perguntava por ella:

*Flet quoque, ut in speculo
rugas conspexit aniles
Tindaris, & secum cur sit
bis raptā requirit.*

363

Que cousa he a fermosura, senão huma cãveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a cor, & antes de a morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça daquella exterior, & apparente superficie de tal sorte, que se os olhos pudessem penetrar o interior della, o não poderiaõ ver sem horror? Louvando Salamaõ a fermosura da Alma Santa em corpo, diz que o vermelho das suas faces era como huma ro-

*Cant. 4.
3.
mã partida: Sicut fragmen
mali Punci, ita genæ tuæ:
& deixando de notar que
(o que naquellas faces era
vermelho, em outras he
vermelhaõ) accrescenta o
mais sabio dos homens sa-
biamente: Absque eo quod*

intrinsecus latet: que aquelle gabo se entendia sem o que as mesmas faces encobrem pordentro. Aqui pudera o espelho fazer hum bem grande, & pouco vistoso reparo, que S. Bernardo pondera com todos os debruns da sua fealdade.

364 Mas como estes interiores estaõ fora da esfera, & jurisdicãõ do espelho, não he o seu intento, nem o meu desacreditar a fermosura, nem a estimaçãõ, ou defejo della. Antes para acabar sem aggravar ainda dos olhos mais apaixonados, & sem variar, nem dizer nada do que fica dito; digo por fim, & exhorto a todas as fieis esposas de Christo, que para agradar a seu Divino Esposo, amem, de-sejem, & procurem com todo o affecto conservar, & augmentar a fermosura; mas não a fragil, senão a constante; não a que descompoem a enfermidade, senão a de que se compoem a faude; não a que diminuem os annos, senão

fenaõ a que dura mais que
 os seculõs ; naõ a que he
 despojo do tempo , fenaõ
 a que ha de triunfar na
 eternidade. E ha , ou pôde
 haver espelho , a que se
 veja , & componha esta
 fermosura ? Sim tambem.
 Mas naõ aquelle , que os
 Pontifices procuraõ tirar
 das cellas , fenaõ o que el-
 les canonizaõ , & nos faz
 bemaventurados no Ceo.
 He hum espelho de taõ
 differente artificio , que
 olhando para elle , naõ nos
 veremos semelhantes a

nós , mas elle sô com a sua
 vista nos fará semelhantes
 a si. Isto he o que já nos
 referio com authoridade
 de Fé o Gloriosissimo Pay
 desta sagrada Cmomuni-
 dade, S. Bernardo. *Similes*
ei erimus, quoniam videbi-
mus eum sicuti est : Sere-
 mos semelhantes a Deos,
 porque veremos a Deos
 como elle he. Fiquem ago-
 ra considerando os olhos
 mais cegos , se se deve dei-
 xar hum espelho , que he
 o demonio, por hum espe-
 lho , que he Deos.



SERMAM DOMESTICO,

Na vespera da Circumcisaõ, & Nome
de JESUS, em que na Companhia
do mesmo nome se renovaõ os
votos religiosos.

Anno de 1689.

*Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur
Puer, vocatum est nomen ejus Jesus. Luc. 2.*

§. I.

365



ENDO a
renovação
do espirito
hum dos
meyos mais particulares
da nossa Companhia, para
conservar, & adiantar a
perfeiçãõ de seus filhos;
coufa he verdadeiramente,

(fallo de mim) coufa he
verdadeiramente naõ sã
digna de admiração, mas
de confusaõ grande, que
repetindo-se esta mesma re-
novação duas vezes cada
anno, passẽ os annos,
& tantos annos com taõ
pouco fruto. No dia de
à manhã se cerraõ cento &
trinta & cinco dias de re-
novação,

novação, em que, por mercê de Deos, me tenho achado indignamente nesta sua Companhia. E que maior confusão, que contar tantos annos, & tantos dias, & olhar para mim? As renovaçoens passadas perdérao-se: a presente, sabe Deos se será a ultima: as futuras, he certo, que não podem ser senão muito poucas: que remedio? Ora eu considerando neste ponto; (que he o que nos deve levar toda a consideração) o meyo, ou remedio, que me occorreo, foi ver se no caminho da perfeição se poderá descubrir algum atalho, ou compendio breve, pelo qual todas as renovaçoens mal aproveitadas se possaõ reduzir a huma renovação bem feita.

366 Deos nosso Senhor não sô tem caminhos, senão tambem atalhos: *Vias tuas, Domine, demonstra mihi*: eis-ahi os caminhos: & *semitas tuas edoce me*: eis-ahi os atalhos. E se

bem olharmos para todas as circunstancias desta solemnidade, todas ellas nos estaõ ensinando isto mesmo. No Euangelho, que he o mais breve do anno, temos a eternidade do Verbo reduzida a oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo*: temos a grandeza, & immensidade de Deos reduzida ao corpinho de hum Minino: *Puer*: temos o preço infinito do Sangue de Christo reduzido às poucas gottas do golpe da Circumcisão: *Ut circumcideretur*: & temos todos os nomes do mesmo Senhor, que são innumeraveis, & incomprehenfíveis, reduzidos a hum sô nome: *Vocatum est nomen ejus Jesus*. Não paraõ aqui os compendios. Votamos à Divina Magestade, *Divinae Maiestati tuae*, no Santissimo Sacramento, que he o compendio de todas as maravilhas: votamos em presença da Santissima Virgem, *Coram Sacratissima Virgine Maria*, que he o compendio

Luc. 2.

21.

Ibidem.

pendio de todas as graças: votamos neste santo lugar, posto que taõ estreito, o qual nõ dia de à manhã he o compendio de toda a Corte celestial: *Et curiã tuã caelesti univẽrsã*: votamos finalmente huma tal promessa, & com huma tal condiçaõ, que he o compendio de todas as constituiçoens da Companhia: *Omnia intelligendo juxta ipsius Societatis constitutiones.*

367 Nãõ serã logo cousa alhea nem deste mysterio, nem deste dia, senãõ muito conforme a elle, que nõs tambem façamos hum compendio muito abreviado, no qual, & pelo qual se reduzaõ todas as renovaçoens a huma sãõ renovaçaõ, todos os votos a hum sãõ voto, & toda a perfeiçaõ do espirito a huma sãõ virtude. Isto he o que hoje me quizera persuadir a mim mesmo. Deos me ajude com sua graça, para que acerte a me declarar.

§. II.

368 **O** Erro, ou engano, porque na vida espirital em muito tempo se aproveita pouco, he porque tomamos as cousas a vulto, & nãõ reduzimos a multidaõ à unidade. A multidaõ difficulosamente se pòde abarcar, a unidade facilmente se comprehende. Esta he a razaõ, porque a Sabedoria, & Providencia Divina reduzio todas as suas leys a huma sãõ ley, & todos os seus preceitos a hum sãõ preceito, que he o da Charidade. Assim o declarou o Apostolo S. Paulo, o qual a este preceito hum, & unico, a que se reduzem todos os outros, chamou vinculo da perfeiçaõ: *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis.* A perfeiçaõ defatada, sãõ infinitas virtudes, & infinitos actos de cada huma dellas: atada porẽm, & reduzida à unidade, he huma sãõ virtude.

E que

E que se segue daqui? Segue-se que a mesma perfeição desatada, & sem este vinculo, pela multidão, a que se estende, he muito difficultosa de se observar; atada porém com o mesmo vinculo, pela unidade, a que se reduz, se pôde observar facilmente.

369 Ouçamos ao mesmo Legislador Divino: *Qui diligit me, sermonem meum servabit: qui non diligit me, sermones meos non servat.* Quem me ama, (diz Christo) guarda o meu preceito: quem não me ama, não guarda os meus preceitos. Para notar a differença destes termos, nem ponderação. Desorte que à sua mesma Ley huma vez lhe chama Christo muitos preceitos: *Sermones meos*: & outra vez lhe chama hum preceito: *Sermonem meum*. Mas quando lhe chama muitos preceitos, diz que se não guardaõ, *Sermones meos non servat*: & quando

lhe chama hum preceito, diz que se guarda: *Sermonem meum servabit*. E porque? O mesmo Texto dà a razão, & he: porque a Ley de Christo huns a tomaõ atada, & unida com o vinculo da perfeição, que he a Charidade: *Qui diligit me*: & outros a tomaõ desatada, & desunida por falta do mesmo vinculo: *Qui non diligit me*: & quando a perfeição se toma desatada, assim como os preceitos entãõ são muitos, pela sua mesma multidão são difficultosos de guardar: *Sermones meos non servat*: porém quando a perfeição se toma atada, & unida, assim como effes preceitos se reduzem a hum sò, assim por essa mesma unidade se observaõ, & observarãõ facilmente: *Sermonem meum servabit*.

370 Assentado este principio, (que he primeiro principio na vida espiritual) se bem examinarmos as renovaçoens passadas; & o pouco fruto, com

com que ellas paſſáraõ por nós , ou nós por ellas , acharemos , que a cauſa principal deſte pouco fruto foi , porque tomámos as meſmas renovaçoens a vulto , naõ reduzindo os defeitos a hum ſõ defeito , que facilmente ſe pudéra emendar : nem reduzindo a perfeiçaõ a huma ſõ virtude , que facilmente ſe pudéra adquirir. Eſta he a razião fundamental , & ſolidã : nem S. Paulo lhe achou outra. Aſſim como S. Paulo , eſcrevendo aos Coloffenſes , .reduzio a perfeiçaõ ao vinculo de huma ſõ virtude , como vimos ; aſſim eſcrevendo aos Romanos , depois de relatar todos os preceitos , os reduzio tambem a hum ſõ : *Et ſi quod eſt aliud mandatum , in hoc verbo inſtauratur*. No Texto Grego em lugar de *inſtauratur* , eſtã *renovatur*. E tudo he. Em tantos annos , & tantas renovaçoens pudemos ter levantado hum grande edificio de perfeiçaõ ; & eu naõ vejo em

Rom.
13. 9.

mim ſenaõ ruinas. Em tantos annos , & tantas renovaçoens pudemos ter adquirido hum grande cabedal de virtudes ; & eu naõ vejo em mim ſenaõ perdas. Que remedio logo para renovar o arruinado , & reſtaurar o perdido ? *In hoc verbo renovatur , in hoc verbo inſtauratur*. O remedio he reduzir tudo à unidade. Procuremos reduzir todos os votos a hum ſõ voto : procuremos reduzir toda a perfeiçaõ a huma ſõ virtude : & neſte compendio , ou neſta recopilaçãõ , como lhe chama Santo Agõſtinho , ſe as ruinas forem nos votos , todas ficarãõ renovadas na unidade de hum ſõ voto , *In hoc verbo renovatur* : & ſe as perdas forem nas outras virtudes , todas ficarãõ reſtauradas na unidade de huma ſõ virtude : *In hoc verbo inſtauratur*.

§. III.

371 **S**uppoſto pois que eſta renovaçaõ , & reſtau-

restauração se reduz a hum só voto, & a huma só virtude; que voto, & que virtude será esta? Digo, que a virtude, he a primeira virtude, que Christo à manhã exercitou: & o voto, he o ultimo voto, que nós à manhã professamos: *Obedientiam perpetuam in Societate Jesu.* Aquelle Senhor, que à manhã se chamou Jesus, em hum dia mereceo a imposição deste santissimo nome, & em outro a exaltação delle; mas sempre pela virtude da obediencia. A imposição do nome pela obediencia da Circumcisão: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus:* a exaltação delle pela obediencia da morte de Cruz: *Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Este he o Divino, & humano exemplar, que hoje, & à manhã nos poem diante dos olhos a Companhia, à cuja imitação

nesta mesma hora com tão fervorosa devação está exhortando a seus filhos. Entendamos todos os que professamos religião de baixo do mesmo nome de Jesu, que se queremos inteiramente responder à dignidade de tão soberano nome, & às obrigações de huma profissão tão alta, só por meyo da imitação da sua obediencia, & na unidade della o podemos fazer. A razão he manifesta pelo que fica dito; porque se todos os votos se devem reduzir a hum só voto, & toda a perfeição a huma só virtude; o voto, a que se reduzem todos os votos, & a virtude, a que se reduz toda a perfeição, & todas as virtudes, he só a virtude da obediencia. Não digo cousa nova, senão aquella mesma, que sobre todas nos deixou em testamento nosso Santo Patriarcha, confirmando esta maxima, que bastava ser sua, com a famosa sentença de S. Gregorio Papa: *Obedientia sola virtus est;*

*qua virtutes ceteras menti
inferit, insertasque custodit.*

372 Antes de votarmos, o que já fizemos, & à manhã repetimos, tinha a obediencia sobre nós muito menor esfera; porque Deos não nos obrigava a guardar pobreza, nem castidade, nem a mesma obediencia religiosa: mas depois que nós nos obrigamos a Deos, Deos tambem nos obriga a nós. E para nos desempenharmos desta obrigação, posto que ella seja de tres votos, nós o podemos fazer com hum só voto, se elle for o da obediencia. Porque obedecendo a Deos, não são fomos obedientes, mas obedientes, castos, & pobres, são com differença dos nomes. Com a mesma differença são dos nomes define Santo Thomás, que a obediencia em respeito do Prelado he observancia: em respeito dos pays he piedade: & em respeito de Deos he religião. Não he a obediencia, diz o mesmo Doutor Angelico, vir-

tude Theologal; mas se eu creyo, porque Deos me manda crer, a minha obediencia he Fé; se eu espero, porque me manda esperar, a minha obediencia he Esperança; se eu amo, porque me manda amar, a minha obediencia he Charidade.

373 Nas virtudes moraes corre a mesma regra. Se a materia dellas he devida, a obediencia he justa; se he duvidosa, a obediencia he prudencia; se he ardua, a obediencia he fortaleza; se he delêitavel, a obediencia he temperança. E que diremos das virtudes, & exercicios proprios da Religião? Isto mesmo, & com a mesma certeza. Se a obediencia me applica às cousas, que o mundo tem por baixas, he humildade: se às que molestaõ, & causaõ pena, he paciencia: se às casuaes, & varias, segundo o pede a occasião, he indifferença: se me manda que não olhe, he modestia: se me manda que não falle, he silencio:

lencio : se me manda que não saya, he clausura : se me nega o que desejo, & me obriga ao que repugno, he mortificação : se me responde, ou castiga os meus defeitos, he penitencia : & se me poem a hum canto, como bordaõ de hum homem velho, de que se quer ajudar quem o tem na mão, he ocio santo com mais tempo, & maior liberdade para orar, & contemplar em Deos.

374 Mas porque alguns dos exercicios da obediencia são meramente temporaes, aqui se deve muito advertir que a obediencia não sò he todas as virtudes, mas faz que se façã virtude as que o não são. Assim como a alquimia por arte tudo converte em ouro, assim a obediencia por natureza tudo transforma, & converte em virtude. E daqui vem que atè as açoens, que não tem nome de virtuosas, antes o contrario, ella faz que se façã não sò virtude, senão melhores ainda

que as mesmas virtudes. E como, ou porque ? Não porque he melhor obedecer, que sacrificar; porque isso he comparar huma virtude com outra; mas porque (por exemplo) o comer, & o dormir, a recreação, & o descanso, & outras açoens, & divertimentos deste genero são cousas meramente temporaes, naturaes, & indifferentes, & melhor he comer por obediencia, que jejuar : melhor he dormir por obediencia, que vigiar : melhor he recrearme por obediencia, que trabalhar : melhor he não fazer nada por obediencia, que trazer este Collegio às costas, & servir mais que todos. Tanto assim, (tornando ao primeiro exemplo) que Santa Theresã de Jesus com espirito proprio do seu sobrenome chegou a dizer, que melhor he comer por obediencia, que commungar sem ella. E se a obediencia tão altamente transforma, & santifica as açoens

V ij indiffe-

indifferentes , que não são virtuosas , quanto mais as mesmas virtudes , convertendo-as todas em si , & convertendo-se nellas ?

§. IIII.

375 **S**O parece que pôde argumentar em contrario a Theologia , & dizer : Todas as virtudes tem os seus objectos particulares , pelos quaes se distinguem , & desses mesmos objectos toma cada huma a sua essencia , a sua especie , & a sua differença propria : logo sendo todas , & cada huma essencial , & totalmente diversas da obediencia , parece que se não podem incluir , nem resumir nella . Mas a esta objecção responde já tacita , & excellentemente o mesmo S. Gregorio , quando disse , que a obediencia , & só a obediencia he , a que enxerta na alma todas as outras virtudes : *Quae virtutes ceteras menti inserit.* Os ramos , ou garfos , que

se enxertão em hum tronco , todos são de outras arvores , ou plantas , donde tem o seu nascimento ; mas depois de enxertados , já não vivem , nem se sustentão das suas raizes proprias , senão da raiz , & sustancia do mesmo tronco taõ intimamente incorporadas nelle , que se o tronco está verde , os enxertos tambem reverdecem ; & se o tronco seccou , tambem elles seccaõ . O mesmo succede a todas as outras virtudes com a obediencia . De tal maneira vivem nella , & della , & por ella , que se a obediencia se murchou , seccou , ou morreo , todas as outras virtudes adoecem juntamente , & perdem a cor , a fermosura , o vigor , a vida , & deixaõ de ser virtudes . Pelo contrario , se a obediencia se conserva em seu ser , & vive , & persevera , ellas tambem perseveraõ , vivem , & se conservaõ ; & (como diz nosso Santo Padre) En quanto ella floreciere , todas las demas

mas se veran florecer, & llevar el fruto, que yo en vuestras animas defeo.

376 Este he o desejo de Santo Ignacio, & o mesmo deve ser o nosso. Mas porque não basta a especulação do que está dito, senão se desce à praxe: esta praxe donde a tomaremos nós? Digo que do mesmo Minino Jesus, & do mesmo mysterio profundissimo da tua Circumcisaõ, tirando de todas as circumstancias da sua obediencia os documentos da nossa.

§. V.

377 *Postquam consummati sunt dies octo.*
Obedeço Christo à ley da Circumcisaõ ao dia oitavo, não porque dantes não desejasse dar o sangue por nós: mas porque? Porque o verdadeiro obediente não só se ha de conformar com a obra, senão também com o tempo. Ha de fazer o que se manda, & quando se manda. Fazello antes não he diligen-

cia: fazello depois he tardança. Pois quando ha de ser este quando? Quando a letra já está começada, & ainda não está acabada. Naquelle ponto preciso consiste a pontualidade da obediencia. Gentio era Seneca, mas grande Filosofo; & escrevendo de Roma a Lucilio seu discipulo, que estava em Sicilia, diz assim: *Spero sic te vivere, ut, ubicumque sis, sciam quid agas*: Espero, Lucilio, que tragas a tua vida tão concertada com o tempo, que em qualquer parte, onde estejas, saiba eu o que fazes naquella hora. E quando isto se esperava de hum Estoico, que se deve esperar de hum Religioso? Que faz agora o Irmaõ da Companhia? São às cinco para as seis da manhã, está em oração. He dia Santo, são das oito para as dez, em que se occupa agora? Está estudando. Deraõ tres quartos para as onze, & neste quarto qual he o seu exercicio? Está fazendo ex-

ame.

ame. Desorte que ha de bastar saber-se a hora, para que se saiba em qual-quer parte o que fazemos. Todo o relógio perfeito não sò dà as horas, mas tem hum braço mostrador, com que as aponta. O Religioso ha de ser como hum relógio, mas com dous braços mostradores, hum que mostre as horas, outro que mostre as acçoens. Se a acção concorda com a hora, anda o relógio certo; se não concorda, anda destemperado. Caso notavel no mysterio da Circumcisaõ! He de Fé que Christo se circumcidou: & com tudo o Euangelista não diz que se circumcidasse; sò se contentou com dizer que chegára o dia da Circumcisaõ: *Consummati sunt dies octo, ut circumcideretur*; porque na obediencia de Christo bastava que constasse do tempo, para que fosse de Fé a acção. Assim seraõ quasi de Fé as nossas, se imitarmos a sua obediencia.

378 A circumstancia do tempo não accrescentou o Euangelista a do lugar, em que o Senhor obedeceo à ley. Santo Hilario com opiniaõ singular, & não recebida, diz que foi em Jerusalem. Se assim fosse, alguma escusa podiaõ ter os espiritos, a que eu sò quero dar nome de Cortezaõs. Querem professar religiaõ, querem viver debaixo de obediencia, mas ha de ser em Jerusalem, nas Cortes dos Principes, nas cabeças dos Reynos, nas Metropolis das Provincias. Se he em Italia, ha de ser em Roma: se he em França, ha de ser em Pariz: se he em Portugal, ha de ser em Lisboa: & se he nesta parte da nossa America, não ha de ser no Sertão, nem ha de ser na Aldea, nem na Capitania, nem em outras Cidades menores, ainda que sejaõ Cathedraes; senão na principal, & maior de todas. Se este espirito he da Companhia, não he da companhia daquelle Jesus, que

que para encarnar escolheu Nazareth, & para nascer Belem. Ainda nessa Belem, com ser naquele tempo habitada pouco mais de pastores, não quiz o Senhor; que se foubesse de certo o lugar, aonde offereceo a Deos as primicias desta sua obediencia. Quando chegárao a Belem os Magos, diz o Evangelista, que entrando na casa, achárao o Minino: *Intrantes domum inveniunt puerum.*

379 Daqui infere Santo Epifanio com outros Padres, que o Santo Minino já não estava no Presépio, & que a industria de S. Joseph, depois que a Cidade se foi desfogando da multidaõ da gente, pode melhorar de aposento. E como no espaço daquelles treze dias se podia cumprir o dia oitavo da Circumcisão, ou estando ainda no Presépio, ou morando já na casa; não se sabe, nem quiz o mesmo Senhor, que se foubesse o lugar certo de sua obedi-

encia; para ensinar a nossa, que ha de abstrahir totalmente do lugar, & que o não ha de ter, nem querer, nem procurar certo. Se a Circumcisão foi na casa, era na Cidade; se no Presépio, era fóra della: se na Cidade, era entre homens; se no Presépio, era entre brutos: se na Cidade, & em casa, era já com alguma commodidade; se no Presépio, era com o maior incommodo, & total desamparo. E a todas estas differenças de lugares ha de estar sempre indifferente a prompta obediencia; ou para viver nas Cidades, ou fóra, & longe dellas; ou no povoado entre homens, ou no deserto, & no meyo das bre-nhas entre os brutos, & as feras; ou com commodidade, ou sem commodidade; ou com algum abrigo, ou sem nenhum abrigo; ou em casa debaixo das telhas, ou no campo debaixo das Estrellas. *O ubi da obediencia he ubique.* Os soldados da Companhia de

Jesus são soldados volantes, & se estes perguntarem à nossa regra o lugar onde haõde ter o seu posto : o lugar he em qualquer parte do Mundo, onde se espera maior seruiço de Deos, & ajuda das almas.

§. VI.

380 **U**T circumcidetur puer. Temos aqui a Circumcisaõ passiva, mas não temos a activa. A passiva foi o Miniño circumcidado : a activa foi o ministro da Circumcisaõ, do qual não diz palavra o Euangelista. Seguindo o ceremonial da ley, eraõ ministros da Circumcisaõ, primeiro os sacerdotes, depois os Levitas, & em falta destes, como cá no Baptismo, outra qualquer pessoa, ainda que não tivesse ordem, nem grão Ecclesiastico; & tal vez o mesmo pay, ou a mesma mãy. Parece que Santo Ignacio commentou este mysterio, quando nos escreveo aos Portu-

guezes, Que o verdadeiro obediente não olha a pessoa, a quem obedece. Ou seja Sacerdote, ou não seja Sacerdote, ou seja Levita, ou não seja Levita, ou tenha grande dignidade, ou pequena, ou nenhuma, com a mesma pontualidade havemos de obedecer ao Irmaõ cosinheiro, que ao Padre Géral da Companhia.

381 E quanto ao ministro da Circumcisaõ do Santo Minino, a opiniaõ mais prõvavel, & mais pia he, que assim como Sephora circumcidou a seu filho, assim a Virgem Maria circumcidou o seu. Oh que excellente retrato de hum bom Superior, & de hum bom subdito, quando as obediencias são taes, que podem doer. Verdadeiramente era caso não só para enternecer, mas para assombrar, ver a piedosissima Virgem ferir com suas proprias mãos, sem lhe tremer, nem demayear o braço, & derramar o sangue do Filho de Deos,

Deos, & feu. O golpe primeiro cortava o coração da Mãy, & depois a carne do Filho: o Filho sofrendo sem resistir, a Mãy constante sem retroceder: o Filho chorando, a Mãy chorando. De ambos era a dor: de ambos eraõ as lagrimas, & o sangue tambem de ambos; para que nem o Superior se acovarde, nem o subdito o estranhe. Ha de ser porẽm taõ reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto sinta quem executa, como quem obedece: tanto se lastime quem forçado fere, como o mesmo ferido: tanto se doa o Superior, como o subdito; & muito mais o Superior, que isto he ser mãy. Os instrumentos daquelle rigor, consta da Escriitura, que eraõ de pedra: *Cultros lapideos*: & diz S. Bernardo, que eraõ de pedra, & naõ de ferro; porque a pedra naõ cria ferrugem. Oh se quizesse Deos que as obediencias fossem recebidas taõ liza-

mente, como saõ lizos os instrumentos!

382 Mas passẽmos a outro documento naõ menos necessario. *Ut circumcideretur*. A Circumcisaõ era huma ley muito dura, mas de pouca dura. Havia-se de acabar cedo, como se acabou, succedendo em feu lugar o Baptismo. Pois se aquella ley naõ havia de durar, porque a observou o Senhor tanto à sua custa, que lhe custou gottas de sangue? Sem duvida porque estava antevendo, que havia de vir tempo, em que fosse necessario este forte exemplo da sua obediencia para confirmar as fraquezas da nossa. Quando a obediencia ordena alguma cousa de novo, ou quer emendar algum abuso; os que por ventura gostavaõ mais dos abusos, do que gostãõ da emenda delles, consolãõ-se com dizer, que aquillo naõ ha de durar. Variar-se-ha a successãõ das causas segundas, & logo se emendará tudo, & tornar á

nará ao que dantes era: Mas ainda que esta profecia fora tão infallivel, como a sciencia, que Christo tinha de se mudar a Circumcisaõ, nem por isso se deve desprezar, ou desobedecer o que de presente se ordena. Pois que se ha de fazer? O que fez o mesmo Senhor. Agora em quanto durava a Circumcisaõ, circumcidou-se: depois quando vier o Baptismo, tambem se baptizará. Se a ley presente não ha de durar, observe-se em quanto dura; & se depois se ha de trocar por outra, entãõ observaremos tambem essa, & seremos duas vezes obedientes.

383 A ley não tem obrigaçãõ de ser sempre a mesma; mas o obediente tem sempre obrigaçãõ de obedecer à ley, qualquer que ella seja. Se a Circumcisaõ tira sangue, & o Baptismo lava com agua, sangremos-nos agora, & banharnos-hemos depois. Mas porque eu espero pelo banho, não querer to-

mar a sangria, isso he não querer sarar. Santo Ignacio diz, que as cousas da obediencia se haõ de aceitar, & crer como se foraõ de Fé; mas como ha heresges da Fé, assim ha heresges da obediencia. E quem são estes? São huns espiritos inquietos, que são na propria vontade achaõ quietaçãõ. Não declarou Santo Ignacio esta quasi heresia, porque a não suppoz na sua Religiaõ, mas disse-o expressamente o Profeta Samuel: *Quasi peccatum ariolandi est: & quasi scelus idololatriæ nolle acquiescere.* Almas inquietas (diz Christo) se quereis aquietar, obedeci: *Tollite jugum meum super vos, & invenientis requiem animabus vestris.*

§. VII.

384 **S**omos chegados à ultima circumstancia, a qual parece poderá inquietar o mesmo Christo, senãõ fora tão obediente. *Ut circumcideretur.*

retur. A Circumcisaõ era remedio do peccado, & marca de peccador; & daqui se segue, que quem visse circumcidar aquelle Minino, por consequencia natural podia inferir naõ sò que naõ era Deos, mas que nem era justo, nem estava em sua graça; pois se o circumcidar-se Christo era tanto contra o credito da sua Divindade em quanto Deos, contra o credito da sua innocencia em quanto homem, & contra o credito da sua dignidade em quanto Messias; porque se quiz sujeitar à Circumcisaõ com tantos descreditos? Para tirar, & arrancar naõ do Mundo, senaõ das Religioens a maior peste dellas, que saõ estes dous nomes, *credito*, & *descredito*. Oh quantos trabalhos, quantos desgostos, quantas perturbaçoens tem causado na Religiaõ, & quantas vocaçoens tem perdido a falsa adoraçaõ deste maldito idolo! Ando triste, ando desconsolado,

ando tentado contra o que prometti, & renovei tantas vezes. E porque? Porque me vejo desfacreditado.

385 Ora diga-nos este Padre, a quem naõ quero chamar Reverendo, ou este Irmaõ, a quem naõ quero chamar Charissimo; qual he a razãõ, porque cuida, & diz que está desfacreditado. Estou desfacreditado; porque à minha antiguidade antepuzeraõ outro mais moderno: estou desfacreditado; porque à minha sciencia antepuzeraõ outro menos douto: estou desfacreditado; porque ao meu grande talento antepuzeraõ outro muito inferior: estou desfacreditado; porque à minha virtude, & à minha edificaçãõ antepuzeraõ outro que naõ tem tanta. Bem o prova essa humildade. Mas dado que ser anteposto hum, seja descredito do outro, que naõ foi preferido: a Andrè mais velho, foi anteposto Pedro: a Joseph o Justo, foi anteposto Mathias:

thias : & ao Justo dos Justos, o Filho de Deos, foi anteposto Barrabás. Certamente que entre estes desacreditados, bem pudéra hum homem de bem não se afrontar de ser hum delles. Mas vamos à resposta, que não tem reposta. Assim como o credito do soldado consiste em ser bom soldado, o credito do estudante em ser bom estudante, & o credito do official em qualquer arte, em ser bom official; assim o credito do Religioso consiste em ser bom Religioso. E o ser bom Religioso em que consiste? Ninguem pôde negar que na obediencia, em fazer o que lhe mandaõ, & em se contentar com que lhe não mandem o que deseja. Este he todo o crediro, & toda a honra do Religioso, & não ha outra. Entender o contrario será de filho de Adam, & não de filho de Santo Ignacio.

386 O homem, que Deos poz neste Mundo com maior honra, & ma-

ior credito, foi Adam : & que diz David deste homem taõ acreditado, & taõ honrado? *Homo cum in honore esset, non intellexit* : O homem estando na honra não entendeu. E que he o que não entendeu? Não entendeu onde estava a honra. Elle estava na honra : *Cum in honore esset* : & não entendeu onde a honra estava. Entendeu que a honra estava em ser como Deos; & ella não estava em ser, senão em obedecer. Em quanto obedecio, todas as creaturas o respeitavaõ, & veneravaõ : tanto que desobedeceo, atè os jumentos zombáraõ delle. Queira Deos que no paraíso da Religiaõ nos não engane do mesmo modo a serpente. A honra, & credito do Religioso não está em ser o que elle deseja, ou presume, senão em obedecer ao que lhe mandaõ, por mais que seja em cousas, que pareça o desacreditaõ. Que maiores descreditos, que aquelles, que ponderavamos

ravamos na Circumcisaõ de Christo? Mas como o Senhor ainda assim obedeceo, da mesma Circumcisaõ sahio muito mais honrado do que dantes era; naõ sò em quanto homem; senaõ em quanto Deos: Como entrou Christo na Circumcisaõ, & como sahio? Entrou obediente, & sahio Jesus: *Ut circumcideretur Puer, vocatum est nomen ejus Jesus.* E isto foi em todo o rigor da Theologia fair muito mais honrado do que era, ainda em quanto Deos. Quando eu digo, Deos: nomeyo este nome com o barrete na cabeça; mas quando digo, Jesus: tiro o barrete; porque o mesmo Deos de baixo deste nome he digno de maior veneraçãõ, & de maior honra. E esta maior honra naõ a alcançou o mesmo Filho de Deos antes da Circumcisaõ, senaõ depois que obedeceo a ella: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur.*

387. **E** Stas foraõ na Circumcisaõ de Christo as circumstancias da sua obediencia; & estes saõ os documentos da nossa: Se os puzermos em praxe, conheceremos que a renovação de todos os votos se reduz a este sò voto, & a renovação de todas as virtudes a esta sò virtude. Para maior evidencia quero acabar com a demonstraçaõ contraria. Se tivermos todas as virtudes, & nos faltar a obediencia; nenhuma virtude temos: pelo contrario se tivermos a obediencia, nella teremos todas as virtudes: porque? Porque assim como a obediencia he o compendio, & a uniaõ de todas as virtudes, assim a desobediencia he o dispendio, & destruiçaõ de todas. Adam no Paraiso todos sabem os que foi creado em justiça original com todas as virtudes, que Deos lhe infundio na alma.

alma. E quanto lhe durará?
 Em quanto obedecce, conservou todas; tanto que desobedece, perde todas. E se isto succede no Paraíso, cá fora que será; senão o mesmo?
 Ponghamo-nos longe delle não sô na terra, senão no mar. E que tempestade he aquella, que no Mediterraneo levanta as ondas atê as nuvens? Que navio he aquelle, que está bñtendo, & cõmendando os mares? Que homem he aquelle, que lançado ao mar o engole huma Baileá? O homem he Jonas: o navio he de huns gentios, em que elle navegava; a tempestade furiosa he a que por sua causa se levantou. E quem era este Jonas? Era hum Profeta do numero dos doze: era hum homem, de cujo espirito, & zelo fiou Deos a missãõ, & conversãõ de Ninive: era hum Santo entãõ reputado por tal, & depois canonizado. Pois este homem de tantas virtudes he o que levantou huma taõ

grande tempestade? Este he o que poz a perigo de se ir apique o navio? Este he o que mereceo que o lançassem ao mar? Sim, este. Porque com todas essas virtudes nesta mesma occasiãõ foi desobediente. Pelas virtudes mereceo a eleiçãõ: pela desobediencia perdeu as virtudes. Os do navio, diz o Texto, que faziaõ oraçãõ aos seus deoses; porque todos eraõ idolatras: & a tempestade, que não levantou a idolatria de tantos gentios, levantou-a a desobediencia de hum Santo. Não ha que fazer caso de santidades sem obediencia. Muita modestia, muita compostura, muita penitencia, muita edificaçãõ, muitas illustraçõens do Ceo, muitas profecias, mas tudõ isto sem obediencia he hum pouco de vento. Mal disse em dizer, hum pouco: he tanto vento, que levanta tempestades, que poem a perigo de naufragar o navio, & que se Deos não acudira com hum

hum milagre, o Profeta se
fovertéra no mar, & Ni-
nive na terra.

§. IX.

389 **T**odos estes do-
cumentos dita-
dos na escola daquelle mi-
nino de oito dias, que para
fer admiracão dos Dou-
tores não ha de esperar
pelos doze annos, são os
que nos ensinaõ pratica-
mente que para a breve,
& perfeita renovação do
espirito, o voto, a que se
haõde reduzir todos os
votos, & a virtude, a que
se haõde reduzir todas as
virtudes, he a obediencia.
Assim como a Circumci-
são era a divisa, que distin-
guia os filhos de Abraham
dos outros povos; assim a
obediencia he o caracter,
que distingue os filhos de
Santo Ignacio dos outros
Religiosos. Em outras
Religioens (diz o Santo
Patriarcha) podemos so-
frer que nos fação vent-
agem nas asperezas, que
cada hum fantamente ob-

serva; porèm na pureza
da obediencia, desejo, Ir-
maõs charissimos, que se
assinalem os que nesta
Companhia servem a Deos
nosso Senhor, & que nisto
se conheçaõ os verdadei-
ros filhos della. Se formos
verdadeiros obediẽtes,
seremos verdadeiros fi-
lhos da Companhia de
Jesus; mas se o não for-
mos, bem nos podemos
despedir deste nome; por-
que nem elle, nem Santo
Ignacio, nem a Compã-
nhia, nem o mesmo Mun-
do nos conhecerá por fi-
lhos seus. Perdeo-se o
Mundo, & o Paraíso por
falta de obediencia: & sô
pela obediencia poderá a
Companhia salvar o Mun-
do, & ser ella o Paraíso.
Oh que Paraíso na terra
seria a manhã, & será este
Santo Collegio, se todos
com grande uniaõ entre
nós; & grande sujeicão
à obediencia, nos refol-
vermos com toda a appli-
cação, com todo cuida-
do, com todas nossas ora-
çoens, & devaçoens, &
com

de hum exame mais particular a conseguir a perfeição desta sô virtude: m
 390 Digo, desta sô virtude; porque não he necessario acrescentar de novo cousa alguma, senão fazermos o mesmo, que fazemos; e cada hum segundo o seu estado, sô por obediencia. O Irmao Coadjutor na sacristia, na portaria, na enfermaria, & nas outras officinas, faça o que costuma trabalhar; mas por obediencia. O Sacerdote no altar, no pulpito, no confessionario, nos hospitaes, nas cadeas, na assistencia, faça o que costuma exercitar; mas por obediencia. O Irmao Estudante, nas Grammaticas, nas Humanidades, nas Filosofias, nas Theologias, faça o que costuma estudar; mas por obediencia. Mas por obediencia, torno a dizer; & não para ser grande letrado, nem para ser grande Prégador, nem para ser Mestre, nem para ser Lente, nem para ser professo

de quatro votos; senão para ser professo de hum voto. A obediencia he o voto, que faz os verdadeiros professos, & em que todos o podemos ser. Aos que se applicaõ a outros meyo, ainda que santos, para conseguir a perfeição; parece-me que lhês está dizendo Christo como a Martha: *Turbatis erga plurima: porrò unum est necessarium.* Este unum reduzido à unidade da obediencia, he sô o necessario: este unum reduzido à unidade da obediencia, he o que sô basta para conseguirmos toda a perfeição do espirito, & todo o espirito da perfeição. Assim como reduzimos todos os fins a hum sô fim, que he Deos, assim havemos de reduzir todos os meyo a hum sô meyo, que he a obediencia, obedecendo a Deos em todos os seus Mandamentos, obedecendo a Santo Ignacio em todas as suas regras, & obedecendo ao Superior, que he a voz de Deos, & regra.
 viva,

viva, em tudo o que dif-
puzer de nós.

391 Tal he a renova-
çaõ, que o Ceo de nós
espera no dia de à manhã;
& nós não fõ por ser o
proprio dia dedicado para
ella; mas por ser o primei-
ro daquelle anno fatal, no
qual o mesmo Ceo noster
prevenido com a demon-
straçaõ ou de huma pal-
ma, ou de hum alfange,
para que veja cada hum
aonde a sua obediencia,
ou a sua desobediencia o
põde levar, como levou a
muitos. O que resta he,
que com todo o affecto de
nossos coraçõens peçamos
àquelle Minino todo po-

deroso pelas gottinhas do
fanguede sua Circumcisaõ,
& à Santissima Mãe pelas
copiosas lagrimas, que ella
lhe custou, nos concedaõ
em honra de taõ soberano
mysterio esta mesma reso-
lucãõ muito efficaz, mui-
to verdadeira, muito for-
te, muito deliberada, &
muito constante, para que
assim como o mesmo Se-
nhor pela sua obediencia
merecõ o nome Santissi-
mo de Jesus, assim nós pela
mesma obediencia nos fa-
çamos dignos de o servir
perpetuamente na Com-
panhia debaixo do mesmo
nome: *Obedientiam perpe-
tuam in Societate Jesu.*



S E R M A M
DE SANTO
A N T O N I O,

Em dia da SANTÍSSIMA TRINDADE,
na Cidade do Maranhão.

*Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in
regno calorum. Matth. 5.*

§. I.

392



AM só ha
predestina-
ção para os
homens, se-
nao tambem para os dias:
os homens predestinados
para a gloria de Deos ; &
os dias predestinados para
Deos ser glorificado nel-
les. Naõ he esta propo-
ção, ou distincção minha,

senão da mesma Sabedoria
Divina no capitulo trinta
& tres do Ecclesiastico.
Faz alli este Author, tao
Canonico como todos os
outros da Escriitura Sagra-
da, huma notavel questao:
*Quare dies diem superat, &
iterum lux lucem, & annum
annum à sole ?* Qual he a
razaõ porque hum dia he
mais celebre que o outro
dia, & tambem neste mes-
mo

mo dia hum anno mais celebre que o outro anno, sendo que o mesmo Sol faz os dias, & mais os annos? Responde o mesmo Texto, que a razão desta differença não he outra, senão a vontade, & eleição Divina. E assim como Deos predestinou os homens não só para serem gloriosos no Ceo, mas tambem para serem mais santos, mais sabios, mais nobres, mais ricos, & mais poderosos, & illustres na terra; assim tambem predestinou os dias, para que huns fossem mais santos, mais festivos, & de maior veneração, & celebridade, por serem dedicados a maior culto Divino, ou na Fé da sua mesma Divindade, ou na memoria, & reconhecimento de seus particulares beneficios. Esta he a resposta quanto à primeira parte da questão, & quanto à differença dos dias: *Quare dies diem superat?* Quanto à segunda parte, & à differença dos mesmos dias

na variedade dos annos: *Et iterum lux lucem, & annus annum*; a razão da differença he; porque variando-se com os annos os tempos; a ordem, & o lugar dos dias tambem se varia: da qual variedade, & mudança se segue que as festas, & celebridades dos dias ou se dividem entre si, ou se ajuntão no mesmo dia. E tudo isto não succede acaso, senão porque assim o ordenou a disposição da Sabedoria Divina. *A Domini scientia* ^{Ibidem} *separati sunt, facto sole,* ^{8. 9.} *& preceptum custodiente. Et immutavit tempora, & dies festos ipsorum, & in illis dies festos celebraverunt.*

393 Tudo o que atégora disse (& foi necessario dizer-se, por ser sabido, & advertido de poucos) he o que temos, & celebramos neste grande dia, sempre grande, & hoje com especial grandeza: sempre grande universalmente, por ser o dia da Santissima Trindade, Creadora, & Conserva-

Mathe
40. 12.

dora do Mundo, o qual como pendente de tres dedos, sustenta a Omnipotencia do Padre, a Sabedoria do Filho, & a bondade do Espirito Santo: *Appendit tribus digitis molem terre.* E grande principalmente na Monarchia, & Reynos de Portugal, isto he, nas quatro partes do mesmo Mundo, na Europa, na Africa, na Asia, & nesta America, por ser juntamente dia do nosso Portuguez Santo Antonio. A uniaõ, & concurso destas duas celebridades no mesmo dia, poderia parecer ser succedida acaõ pela variedade do anno: mas como já nos consta por revelaçõ, & authoridade Divina, que assim a dignidade dos dias, como a variedade dos annos, tudo está predestinado, & ordenado *ab æterno* pela disposiçõ, & eleiçõ daquelle suprema Providencia, que assim como creou todas as cousas, assim decretou, & sinalou a cada huma dellas a differença

dos tempos; com muita razaõ podemos duvidar na uniaõ deste mysterioso concurso, a qual das duas partes se deve attribuir principalmente o motivo, ou empenho do mesmo encontro: se à religiaõ, & virtudes de Santo Antonio, para com ellas nos ensinar a crer, a admirar, & celebrar dignamente o mysterio profundissimo, & incomprehenfivel da Santissima Trindade; ou à mesma Trindade Santissima para nos declarar, & fazer entender as grandezas, & excellencias do seu grande servo Antonio.

394 Parece que este mesmo nome de servo, & de hum servo taõ estremadamente zeloso em procurar sempre, & em tudo a maior gloria de seu Senhor: & de hum servo que neste mesmo dia da Santissima Trindade prérgou tantas vezes aos ignorantes, & fez crer aos infieis, que sendo hum em Essencia, he Trino em Pessoas; & sendo as Pessoas tres, & cada

cada huma dellas Deos, não são tres Deoses, senão hum sô Deos : & de hum fervo que todos os dias, & momentos da vida, sem tomar, ou reservar para si hum sô instante, os dedicou, & consagrou a este mesmo culto, a esta mesma veneração, & a este mesmo obsequio, com nome, com habito, & com profissão de Menor, que ainda na mesma Gloria professa : sendo finalmente certo, & mais conforme à razão, & à obrigação, & à natureza, que o fervo busque ao Senhor, & não o Senhor ao fervo : por estas, & infinitas outras considerações parece que neste concurso, ou encontro de festas, & dias, o de Santo Antonio sem duvida he o que se vem sujeitar, render, & servir, para tambem com o seu, & consigo celebrar, & festejar o da Santissima Trindade.

395 Com tudo, se eu hei-de dizer o que sinto, o meu parecer, sem lisonja, nem encarecimento, he,

Tom. II.

que não acafo, mas por ordem, & disposição Divina, como fica mostrado, não he o dia de Santo Antonio o que neste concurso vem celebrar, & servir o da Santissima Trindade; senão o da Santissima Trindade o que vem authorizar, honrar, & engrandecer o de Santo Antonio. Primeiramente não he acção menos decente, ou alhea da magestade das tres Pessoas Divinas virem ellas assistir com modo de presença mais alta, & mais sublime aos servos seus mais fieis, & mais diligentes, que dignamente sabem amar, obedecer, & servir à mesma Magestade. Assim o préguei deste lugar o Domingo passado com palavras do mesmo Christo. *Si quis diligit me, sermonem meum servabit,* Joan.
& Pater meus diliget eum, 14. 23.
& ad eum veniemus: Quem me ama (diz Christo) obedecerá, & guardará meus preceitos, & a quem os obedecer, & observar, amará meu eterno Pay, & a

X iij

& a

& a elle viremos. E quem são estes que haõ de vir, & assistir ao que ama, & obedece a Christo, *Et ad eum veniemus* ? He o mesmo Padre, & o Filho, & o Espirito Santo, as tres PESSOAS da Santissima Trindade, diz a Fé, & a Theologia, com todos os Santos Padres. E se a Santissima Trindade em Pessoa, ou em PESSOAS, promete vir assistir a quem ama a Christo, & observa seus preceitos, como negará este favor no seu dia a Santo Antonio, tão diligente, & exacto observador naõ só dos preceitos, senaõ dos acenos da vontade de Christo, & tão amante, & amado seu ? Quando o mesmo Christo, que por amor de nós se fez homem, & por amor de Santo Antonio se fez menino, & se lhe veyo pôr nos braços, como o vemos, quem foi o que buscou, & a quem ? Naõ foi Antonio a Christo, senaõ Christo a Antonio. Pois se para honrar a obediencia,

& corresponder ao amor, naõ he Antonio o que vai a Christo, senaõ Christo o que vem a Antonio; o que fez a segunda Pessoa da Santissima Trindade, porque o naõ fará tambem a primeira, & a terceira, *Et ad eum veniemus* ?

396 Assim he hoje: & naturalmente assim havia de ser, nem podia ser doutra forte no concurso destes dous dias. Porque ? Porque o dia de Santo Antonio he dia estavel, & fixo, que se naõ muda, nem varia com a mudança dos annos: o dia da Santissima Trindade he dia naõ fixo, senaõ mudavel, que com a variedade dos annos se varia tambem, & se muda: logo este he o que só podia vir, & o que veyo. Este singular favor naõ succedido agora acaso, senaõ por decreto, & disposiçaõ eterna, he o que na ordem, & dignidade dos dias estava destinado, & predestinado pela Divina Providencia, para que o dia da Santissima Trin-

Trindade, & a Santissima Trindade nelle viesse authorizar, & honrar com infinitos augmentos de celebridade o dia de Santo Antonio : & para que a mesma Trindade, como Authora das excellencias, & grandezas do nosso Santo, fosse tambem a Prégadora dellas.

397 Tudo isto, & nada menos he o que dizem as palavras do Evangelho, que tomei por thema. *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in regno caelorum* : Aquelle que fizer, & ensinar, terá nome de grande no Reyno do Ceo. Na terra, que he hum ponto em respeito do Ceo, naõ pôde haver grandes, como bem, & Filosoficamente notou Seneca condemnando o nome de Magno em Alexandre. Santo Antonio foi verdadeiramente grande, porque foi grande no Reyno do Ceo. Mas porque estas grandezas no mesmo Reyno do Ceo são maiores, & menores ; para ma-

nifestar a grandeza deste prodigioso Menor, sô o podia fazer toda a Santissima Trindade ; porque toda ella o fez grande. Este será o assumpto do meu discurso : esta a uniaõ, ou unidade a que reduzirei o concurso destes dous dias : & este o nõ indissoluel com que em tanta disparidade de extremos atarei, & concordarei huma, & outra festa. Que diz o Evangelho ? Tres cousas grandes em tres palavras : *Qui fecerit, & docuerit, magnus vocabitur* : & as mesmas tres cousas mostrarei eu que foraõ aquellas com que as tres Pessoas da Santissima Trindade fizeraõ grande a Santo Antonio. Mas de que modo ? A Pessoa do Padre dando-lhe o *fecerit*, a Pessoa do Filho dando-lhe o *docuerit*, & a Pessoa do Espirito Santo dando-lhe o *vocabitur*. Supposto, & proposto assim o que hei-de dizer, espero que para gloria da mesma Trindade em taõ nova, &

Matth.
5. 19.

difficultosa empreza nos
naõ saltará com sua graça
a Filha do Padre, a Mãy
do Filho; & a Esposa do
Espirito Santo; porque
como bem disse Richardo
de Santo Laurencio, *Per
ipsam, & in ipsa, & ex ipsa
angetur gloria Patris; &
Filii, & Spiritus Sancti.*
AVE MARIA.

Richardus de
S. Laur.
lib. 2. de
Laud.
Virg.

§. II.

398 **Q**Uando Deos
obra fõra de si
mesmo (que os Theolo-
gos chamaõ *ad extra*) he
certo com certeza de Fé,
que para qualquer effeito
maior, ou menor, naõ sò
concorre como primeira
causa a Unidade da Essencia
Divina, senaõ tambem
igual, & indivisamente
a Trindade das Pefsoas.
Com tudo na expressaõ
deste mesmo concursõ ha
huma differença taõ nota-
vel, que se a obra, posto
que grande, naõ he a mais
excellente, attribue-se o
effeito à Unidade, isto he,
a Deos em quanto hum;

mas se he a mais nobre, &
mais excellente de todas,
refere-se expressamente à
Trindade, isto he, a Deos
em quanto Trino. Na pri-
meira, & mais antiga obra
de Deos temos a prova, &
o exemplo desta particu-
lar expressaõ. No princi-
pio, diz o Texto Sagrado,
creou Deos o Ceo, & a
terra: *In principio creavit
Deus celum, & terram:* Gen.
continuou a obra da crea-
çaõ por todos os seis dias
seguintes, & sempre falla o
Texto pelos mesmos ter-
mos: chegado finalmente
o fim do mesmo sexto dia,
em que Deos creou o ho-
mem, muda a Escritura
Sagrada o estylo, & diz,
que disse Deos, *Faciamus
hominem ad imaginem, &
similitudinem nostram:* *Ibid.*
Façamos o homem à nossa
imagem, & semelhança.
Pois se no principio disse
creavit; porque agora diz
faciamus? Todos os San-
tos Padres, & Interpretes
entendem concordemen-
te, que a palavra singular,
creavit, significa a Unida-
de

de de Deos ; & a palavra do numero plural , *faciamus* , significa a Trindade das Pessoas. Pois se a primeira , & todas as outras obras da creação se attribuem a Deos em quanto hum ; porque razão a ultima , que foi o homem , se refere expressamente ao mesmo Deos em quanto Trino ? Porque todas as outras obras , ainda que grandes , não eraõ as mais nobres , & mais excellentes , como feitas por Deos para servirem ao homem : porẽm o homem creado , & formado pelo mesmo Deos , como imagem sua , para dominar , & ser senhor de todas , era a mais nobre , & mais excellente de todas. E posto que todas eraõ obras do mesmo Deos , & da mesma Omnipotencia , as menos nobres attribuem-se à Unidade , & a Deos , em quanto hum na Essencia ; & a mais nobre , & a mais excellente à Trindade , & ao mesmo Deos em quanto Trino em Pessoas.

399 Não sou tão apaixonado das grandezas de Santo Antonio , que ordene este primeiro alicesse do meu discurso a dizer que a differença que faz o homem a todas as outras creaturas , faz Santo Antonio a todos os outros homens. O encarecido a que falta o solido ; he vaidade , & não verdade : & as verdades deste grande homem foraõ tão grandes , que nem se podem declarar , quanto mais encarecer. O que sò quiz affentar por primeiro fundamento do que hei-de dizer , he , que as grandezas , & dotes singulares com que Deos levanta humas creaturas sobre outras creaturas , & humas obras suas maiores sobre outras , posto que grandes , por exceiçãõ , ou propriedade , & quando menos por expressãõ particular pertencem à Trindade do mesmo Deos , & às tres Divinas Pessoas. Pede David a Deos que se dignè de bendizer , ou abendiçoar o seu

seu povo com tal ventagem, que nelle singularmente, como povo seu, seja Deos reverenciado, & remêdo de todas as outras naçoens do Mundo, & diz assim: *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus, & metuant eum omnes fines terræ.* E porque razaõ, ou com que energia invoca David a Deos nesta petiçaõ, repetindo tres vezes o nome de Deos, *Benedicat nos Deus, Deus noster, benedicat nos Deus*? Porque como a sua petiçaõ era que o povo de Israel fosse abençoado sobre todos os outros, coherentemente, & segundo a propriedade do que pedia, havia de invocar a Deos em quanto Trino, & a todas, & cada humas das tres Pessoas da Santissima Trindade. De maneira que o primeiro nome *Deus*, significa a Deos Padre, *Benedicat nos Deus*: o segundo nome *Deus*, significa a Deos Filho, & por isso *Deus noster*, Deos nosso; porque sô a Pessoa

Psalm.
66.7.8.

400

do Filho se fez homem como nós: & o terceiro nome *Deus*, significa o Espirito Santo, *benedicat nos Deus*. Assim declaraõ este famoso Texto todos os Intrepretes. E particularmente Hugo Cardeal o confirma com outro do capitulo sexto dos Numeros, em que Deos mandava expressamente que o povo se abendiçoasse naõ com huma, nem com duas, senaõ com tres bençoens. A primeira, em nome do Padre: *Benedicat vos Dominus, & custodiat vos: ecce benedictio Patris.* A segunda, em nome do Filho: *Ostendat Dominus faciem suam vobis: ecce benedictio Filii.* A terceira, em nome do Espirito Santo: *Et det vobis pacem: ecce benedictio Spiritus Sancti.*

401 E se perguntarmos: Estas tres bençoens da Pessoa do Padre, da Pessoa do Filho, & da Pessoa do Espirito Santo; como se distinguiaõ entre si, & quaes eraõ, ou haviaõ de ser? Responde o mesmo

mesmo Doutor Eminentiſſimo, como ſe eu o tivera ſubornado para eſte dia. *Pater in Potentia, Filius in Sapientia, Spiritus Sanctus in Beneficencia.* A benção do Padre havia de ſer communicando o Poder: a benção do Filho communicando a Sabedoria: a benção do Eſpirito Santo communicando a Bondade, & Santidade. Agora ſe entende claramente o que eu prometti no thema do Euangelho ſem o declarar: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur.* Atè os meſmos doutos ſabem que ao Padre ſe attribue o Poder, ao Filho a Sabedoria, ao Eſpirito Santo a Santidade. E eu que diſſe? Que concorrendo toda a Santiſſima Trindade para as grandezas de Santo Antonio, o Padre lhe dera o *fecerit*, o Filho lhe dera o *docuerit*, & o Eſpirito Santo o *vocabitur*. E agora veremos que verdadeiramente aſſim foi. Porque a Pefſoa do Padre para Santo An-

tonio fazer taõ prodigioſas maravilhas, *qui fecerit*, lhe deo o Poder: a Pefſoa do Filho para ensinar, & converter o Mundo, *docuerit*, lhe deo a Sabedoria: & a Pefſoa do Eſpirito Santo naõ ſò para ſantificar as almas, mas tambem para ſer chamado por Antõnomasia o Santo, *vocabitur*, lhe deo ſeu proprio nome, ou o ſeu nome proprio.

402 Mas antes que paſſemos à prova particular de cada hum deſtes titulos, (porque naõ pareça exceſſo de novidade referillos às tres Pefſoas Divinas) vejamos como ſe portou com Deos, & com ſigo o noſſo Menor orna- do pelo meſmo Deos, ou por melhor dizer, cheyo de taõ extraordinarias grandezas. Aquelle grande Expositor tambem Portuguez, a quem chamáraõ em Heſpanha el Padre de los conceptos, porque quando ſahio com os ſeus Commentarios ſobre o Apocalypſe, andando mui validas nos pulpitos

as comparaçoens , ou os
 similares , entaõ se introdu-
 ziraõ em seu lugar , ou se
 acreditáraõ mais os que
 hoje se chamaõ conceitos.
 (E digo, se chamaõ ; por-
 que (como bem disse hum
 grande Poeta do mesmo
 tempo tambem Castelha-
 no) muitos saõ taes , &
 tem taõ pouca sustancia ,
 Que parecen concepto , y
 es sonido.) Este Expositor
 pois naquelles tres As do
 Profeta Jeremias , *A, A, A,*
Domine Deus , reconhece
 que falla o mesmo Profe-
 ta com as tres PESSOAS da
 Santissima Trindade. E so-
 bre as palavras que Deos
 lhe tinha dito , *Priusquam*
te formarem in utero , novi
te ; & antequam exires de
vulva sanctificavi te , &
Prophetam in gentibus de-
dite : diz que a palavra ,
novi te , foi do Padre , a pa-
 lavra , *sanctificavi te* , do Fi-
 lho , & a palavra , *Prophe-*
tam dedi te , do Espirito
 Santo. As do Expositor
 saõ estas. *Loquebatur enim*
cum eo Sancta Trinitas :
Pater dicens , novi te : Filius

Jerem.
 15. 6.
 10.

Viegas
 Apocal.
 6. sect.
 5.

dicens , sanctificavi te : Spi-
ritus Sanctus dicens , Pro-
phetam dedi te. Naõ he
 logo pensamento (posto
 que favor grande) nem
 alheyo, nem menos digno
 da Magestade das tres Pes-
 soas Divinas ; que no dia
 da Santissima Trindade ,
 em que a mesma Trinda-
 de vem honrar a Santo An-
 tonio , as tres PESSOAS Di-
 vinas tomem cada huma
 por sua conta as tres pala-
 vras do Euangelho : o Pa-
 dre a palavra *fecerit* , o Fi-
 lho a palavra *docuerit* , o
 Espirito Santo a palavra
vocabitur. No *vocabitur* si-
 gnificou a terceira Pessoa
 a Santidade para o nome ;
Sanctificavi te : no *docuerit*
 significou a segunda a Sa-
 bedoria para a doutrina ;
Prophetam dedi te : no *fe-*
cerit significou a primeira
 o poder para as obras ,
Novi te : que assim declarou
 este conhecimento a pro-
 visaõ dos poderes : *Ecce*
constitui te super gentes , &
super regna , ut evellas , &
destruas , & disperdas , &
dissipes , & aedifices , & plan-
tes.

§. III.

tes. Com tanto excessõ como este (a que tambem podemos chamar trino) se portou Deos liberal, & grandioso com Santo Antonio. E Santo Antonio com Deos, de que manei- ra? Quando mais levanta- do, entaõ mais humilde: quando maior, entaõ me- nor. *A, A, A, Domine Deus: ecce nescio loqui, quia puer ego sum.* Jeremias es- cusava-se allegando a me- noridade dos annos, *Quia puer ego sum*; & Santo An- tonio repetindo tres vezes *A, A, A*, ao Padre allega- va o ser menor na idade, ao Filho o ser Menor no Habito, ao Espirito San- to o ser menor no nome. Mas quanto se escusava por mais incapaz, & quan- to se reconhecia por mais indigno das grandezas a que as tres Pessoas Divi- nas o levantavaõ, tanto era mais digno de todas, & mais igual a todas, como agora veremos.

404 **H**E taõ propria da Pessoa do Pa- dre a attribuiçaõ da Om- nipotencia para as obras, que o mesmo Christo lhe attribuhia todas as suas: *Pater in me manens, ipse Joan. 14. 10. facit opera.* E Santo Anto- nio no poder que lhe foi communicado com o *fecerit*, obrava com taõ Di- vina moderaçaõ nas que fazia, que bem mostrava serem dirivadas da Om- nipotencia do Padre. A Moysés concedeo Deos na vara huma larga partici- paçaõ do poder Divino; mas quantas vezes a vara se converteo em serpente, & o mesmo poder na maõ de Moysés foi veneno? Digaõ-no as pragas hor- rendas do Egypto em to- dos os elementos: a mor- te, & degollaçaõ univer- sal em huma noite de to- dos os primogenitos: & o Mar Vermelho aberto, & levantado em duas ferra- nias, que logo tomaraõ a
cor

cor do mesmo nome, & afogado Faraó com todos seus exercitos debaixo das ondas, a agua, como cantou o mesmo Moysés, foi a terra das suas sepulturas. Os mesmos poderes, senão foraõ maiores, deo Deos a Elias tambem Santo, mas não Capitaõ, ou soldado, senão Religioso. E que castigos não fez no Mundo a espada do seu zelo sempre ardente? Elle foi o que mandou às nuvens que não chovessem sobre a terra, sem dar licença à Aurora para que destilasse sobre ella huma fõ gotta de orvalho. Secáraõ-se os rios, as fontes, os montes, os campos, os valles, sem se ver huma folha verde naquelle perpetuo, & tremendo Estio sem Inverno, nem Primavera. Abrazavaõ-se os gados, as feras, as aves, os homens: mirrava-se a vegetativa, mugã a sensitiva, clamava ao Ceo a racional: & não havia vida, ou cousa vivente que não morresse, & estallasse à

sede. Sò Elias que tinha as chaves na maõ, se não abrandava, porque se ellas eraõ de ferro, elle era de diamante.

405 Elle foi o que sobre os dous Capitaens que lhe leváraõ recados del-Rey Achab para que descesse do monte, fez descer fogo do Ceo que aos Capitaens, & aos soldados desfez logo em cinzas. Elle o que por sua propria maõ, & dos que o acompanhavaõ, em hum dia degollou sobre o Rio Cison oitocentos & cincoenta sacerdotes de Baal, & dos outros idolos. E assim usava Elias da espada que Deos lhe meteo na maõ com os seus poderes. Finalmente o mesmo Jeremias, que pouco ha nos servio de outro exemplo; tambem nos poderes que Deos lhe deo, o foi de semelhantes severidades, castigos, & ruinas. Disse-lhe Deos que o tinha constituido sobre os Reys, & sobre os Reynos para arrancar, & plantar, para disti-

par,

par, destruir, & edificar; mas nas execuções deste supremo Imperio não vimos Reynos plantados, senão arrancados: não edificados, & levantados, senão destruidos, & arruinados: sujeitos ao jugo estranho, dominados, & cativos. Muitos annos andou Jeremias, com affombro dos que viaõ aquelle portento, carregado de jugos, & cadeas, as quaes pelos Embaixadores que estavaõ em Jerufalem hia mandando aos seus Reys, em final do cativeiro que lhes annunciava, como foi ao Rey de Edom, ao Rey de Moab, ao Rey de Amon, ao Rey de Tyro, ao Rey de Sidonia, & ultimamente ao Rey da mesma Jerufalem Sedecias.

406 Oh Antonio não menos poderoso que todos estes Ministros de Deos tão Santos, com a investidura de toda a Omnipotencia Divina, obsequiosa, por não dizer sujeita a vosso imperio! Mas nunca para destruições,

nunca para ruinas, nunca para damno, castigo, perda, ou dor de alguém; mas para remedio, para alivio, para consolação, para alegria, para bem, & utilidade de todos. Nisto mostrastes, & provastes claramente ao Mundo, que os poderes com que obraveis em tudo quanto fizestes, *qui fecerit*, eraõ participaçãõ não de outra Pessoa da Santissima Trindade, senão do Padre, que como Pay tudo faz para bem, & não sabe fazer mal.

407 Estava Abraham no valle de Mambre esperando à porta da sua casa, ou tabernaculo os peregrinos que por alli passavaõ, para os hospedar: (charidade pela qual se chamou Seyo de Abraham aquelle lugar debaixo da terra, aonde os Santos antigos tambem esperavaõ até que se lhe abrissem as portas do Ceo) quando vio, o mesmo Abraham, tres caminhanes notaveis, que não eraõ propriamente nem o que pareciaõ,

reciaõ, nem o que eraõ, senaõ o que representavaõ. Pareciaõ tres homens, eraõ tres Anjos, mas representavaõ as tres Pefsoas da Santissima Trindade. Neste sentido diz a Igreja, *Tres vidit, & unum adoravit*. Hospedadas debaixo deste disfarce as tres Divinas Pefsoas, duas dellas partirãõ a castigar a Sodoma, como a castigãõ com fogo descido do Ceo, & huma entretanto se deixou ficar com Abraham. Atèqui o Texto expressamente, o qual porèm no que callou, ou naõ exprimio, nos deixou tambem huma duvida bem curiosa, & necessaria; mas naõ facil de resolver. Se as Pefsoas eraõ todas as tres da Santissima Trindade, porque foraõ executar este castigo sò duas? E se huma se deixou ficar com Abraham, qual foi esta que naõ foi? Naõ falra quem diga modernamente, depois de ler os Expositores, que foi a Pefsoa do Filho, o qual como elle

Efcobar
ibi.

sò se fez homem, se com-
padeceo mais daquelles
homens. Mas esta mesma
razaõ de ser homem, como
logo veremos, he a prõva
de naõ ser elle o que ficou.

408 Eu respondo confi-
adamente, que foi sem
duvida a Pefsoa do Padre:
& o provo do mesmo Tex-
to, aonde dizem assim as
duas Pefsoas que foraõ
executar aquelle castigo:
Delebimus locum istum, & quòd increverit clamor eorum coram Domino, qui misit nos, ut perdamus illos.
Naõ podemos deixar de ca-
stigar esta Cidade, porque
o clamor de seus habitado-
res chegou à presença do
Senhor, que nos mandou
fazer esta execuçaõ. E da-
quella palavra, *misit nos*, se
convence que estas duas
Pefsoas eraõ o Filho, & o
Espirito Santo, porque
como ensina a Theologia,
& consta das Escrituras, o
ser mandado, *misus*, sò se
põde dizer das duas Pef-
soas, huma mandada do
Padre, que he o Filho, ou-
tra mandada do Padre, &
do

do Filho, que he o Espirito Santo, & de nenhum modo do Padre. Assim o tinha eu imaginado com algum receyo, por ser pensamento sem Author; quando venturofamente o fui achar em Santo Agostinho no livro 2. de Trinitate, onde excita, & resolve a questao pelo mesmo fundamento com estas palavras. *Sed quas duas Personas hic intelligimus? An Patris, & Filii, an Patris, & Spiritus Sancti, an Filii, & Spiritus Sancti? Hoc forte congruentius quod ultimum dixi: Misos enim se dixerunt, quod de Filio, & Spiritu Sancto dicimus: nam Patrem misum nusquam scripturarum nobis notitia occurrit. Atque* qui Agostinho. Accrescento do mesmo Texto outra congruencia, & confirmação não pequena.

409 Acabando de comer os tres Divinos hospedes, todos perguntarão a Abraham aonde estava Sara: *Dixerunt ad eum, ubi est Sara uxor tua?* E logo não todos, senão hum sò

lhe disse, que no anno seguinte por aquelle mesmo tempo, de Sara, que era esteril, teria hum filho:

Cui dixit, Revertens veniam ad te tempore isto, & habebit filium Sara uxor tua. Ibidem 10.

Logo aquelle que agradeceo, & pagou a hospedagem, assim como era o que mandou aos dous, assim foi o que prometteo o filho, & fez pays a Abraham, & a Sara. Porque? Porque a prerogativa, & attribuição de fazer pays, he propria sò, & unica da Pessoa do Padre, como afirma S. Paulo: *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Domini nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in caelis, & in terra nominatur.* Supposto pois que a primeira Pessoa da Trindade, o Padre, he o que ficou com Abraham, porque não foi tam-

bem com as outras duas Pessoas à execução daquelle castigo, a qual pertencia à justiça, à Providencia, & à Omnipotencia, que he commum à

Y todas

todas as tres Pessoas Divinas ? A mesma razãõ em que se funda a pergunta, he a resposta. Aquella missãõ, ou commissaõ das outras duas Pessoas era para castigar, para destruir, para assolar, para abraçar, & desfazer em cinzas aquella depravada, & miseravel Cidade; & a ruina, & damno, & qualquer mal dos homens não quer a Pessoa do Padre, como Pay, que se attribua a elle.

4.º E senaõ, passemos dos principios ao fim do Mundo. No dia do Juizo, feita aquella separaçãõ de todos os homens, huns à mão direita, outros à esquerda de Christo, aos da direita, chamando os para o Ceo, dirá o supremo

Marthi. Juiz : *Venite benediãti Patris mei* : Vinde bemditos de meu Padre ; & aos da

25. 34. esquerda, mandando-os para o inferno : *Ite malediãti*

Ibidem 41. *in ignem æternum* : Ide malditos ao fogo eterno.

Parece que nesta segunda parte da sentença falta huma palavra, como bem

notou Origènes : *Considerandum est, quod Sanctis non solum dictum est, benediãti, sed cum additamento, Patris mei : è contra autem non dicitur, malediãti Patris mei.* Pois se aos que vão para o Ceo chama Christo bemditos de seu Padre, aos que haõde ir para o inferno, & lhes chama malditos, porque lhes não acrescenta tambem o sobrenome de malditos de seu Padre ? Já está dito, & as mesmas palavras o dizem. Porque as bençoens, o dar o Ceo, & todos os outros bens pertencem à distribuiçãõ do Padre ; as maldiçoens, o inferno, & todos os outros males não quer elle que se lhe attribuaõ. Se sois bemdito, & bemaventurado, sois do Padre : *Benediãti Patris mei* se sois maldito, & malaventurado, *Ite malediãti*, não sois do Padre, sois vosso, que de vós, & não delle vos vieraõ esses males : *Nam benediãtionis quidem ministrator est, malediãtionis autem unusquisque sibi est auctor.*

411 E se esta prerogativa singular da Pessoa do Padre se verificou no principio do Mundo, & se ha de verificar no fim : se assim foi no passado, & assim ha de ser no futuro, assim tambem, & não de outra maneira he no presente. Grande, & admiravel Texto em materia occultissima, & verdade que a mesma Pessoa do Padre quiz nos fosse revelada no Evangelho, para que todos soubeffemos o que temos na sua beneficencia. *Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne judicium dedit Filio* : O Padre (diz Christo) a ninguem julga, & todo o poder, & officio de julgar cometeo, & deo ao Filho. Destas palavras nascem duas grandes, & graves questoes : primeira, porque a Pessoa do Padre a ninguem julga : segunda, porque o officio de julgar o cometeo todo ao Filho. A razaõ da primeira he ; porque ao officio de julgador pertence não sò absolver, senão tam-

bem condemnar, & o Padre não quer condemnar a ninguem : o officio de julgador, ainda que proceda justamente, elle, & a mesma justiça, aos máos castiga, & faz mal, aos bons premia, & faz bem. E posto que esta segunda parte he muito propria da Pessoa do Padre, a primeira he muito alhea da sua piedade, & misericordia. E daqui se segue a razaõ, & fundamento da segunda questaõ declarada pelo mesmo Christo. *Potestatem dedit ei judicium facere, quia Filius hominis est : Deo a Pessoa do Padre o officio, & poder de julgar, à Pessoa do Filho, porque o Filho he tambem Filho do homem. Pois se a Pessoa do Filho he Deos pelo que tem do Padre, & he homem pelo que tem de nós, porque quiz que nos julgasse em quanto Filho nosso, & não em quanto Filho seu ? Admiravelmente S. Bernardo : *Ipse Pater Deus dedit Filio suo judicii potestatem* (notai agora*

V ij muito)

muito) *non quia suus, sed quia Filius hominis est: ò verè Pater misericordiarum!* Deo o Padre poder de julgar ao seu Filho, mas naõ em quanto seu, senaõ em quanto nosso; naõ porque he Filho de Deos; senaõ porque he Filho do homem; porque o officio de julgar he de justiça, & de fazer justiça, & o Padre naõ he Pay da justiça, nem das justiça, senaõ da misericordia, & das misericordias: *O verè Pater misericordiarum!*

§. IIII.

412 **J**A, ainda que naõ quizeffemos, estamos vendo, que a Pessoa do Padre he a que deo a Santo Antonio o *fecerit*; & que em todos os poderes desta sua Omnipotencia delegada foi perfeitoissimo imitador do mesmo Padre, usando della sò para fazer bem, & de nenhum modo mal, & para obras sempre de misericordia, & nenhuma, posto que licita,

de justiça. Condemnado o pay de Santo Antonio à morte, & naõ o podendo livrar, ou suspender a execuçaõ os seus embargos; Bom partido, diz o filho, seja testemunha no caso o mesmo morto. Aceita a proposta com riso, porque naõ conheciaõ a quem a fazia, (& bastava ser Portuguez, para que em Portugal a naõ creffem) chega o Fradinho à sepultura, manda ao defunto, como Christo a Lazaro, que saya fõra: pasmaõ todos de o verem vivo, & já naõ duvidavaõ do que havia de dizer. Perguntado se era aquelle homem o que o matára; respondeo que naõ. Eu cuidava que com a vista do milagre se haviaõ de embotar os fios ao cutello; mas os executores do crime com fereza mais de carniceiros, que zelo de ministros da justiça, instavaõ, & requeriaõ ao Enqueredor milagroso que perguntasse mais ao resuscitado quem fora o seu matador. Agora eraõ elles

elles os dignos de riso : a boa porta batiaõ. Respondeo muito mefurado o Franciscano, metendo as mãos nas mangas, que elle viera a livrar o innocente, & não a condemnar culpados. Não respondéra mais a Pessoa do Padre, se fallára por boca de Frei Antonio.

413 Não foi isto mais que huma amostra do panno, & de como o Santo usava dos poderes que Deos lhe tinha dado, sempre para bem como o Padre, & nunca para mal. Assim como a Providencia Divina fez a Moysés Deos do Egypto com poder sobre os elementos: *Constitui te Deum Pharaonis*; assim fez a Santo Antonio com aquelle *fecerit*, não Deos de hum sò Reyno, ou parte do Mundo, senão de todo, com dominio, & imperio universal sobre todas as creaturas. E como o mesmo Mundo está fundado em huma concordia discorde, & não ha cousa nelle que não te-

nha o seu contrario; a maior maravilha deste Deos, ou Vice-Deos Portuguez foi que nesta mesma contrariedade não fõ elle seguio sempre as partes do bem; mas, com violencia de toda a natureza, a obrigou a que as seguisse. Quantas vezes mandou Antonio ao fogo que não queimasse, ao vento que não assoprasse, à agua que não molhasse? & porque o demonio deitou na lama a huma senhora, que vinha ouvir o Santo, mandou tambem à terra que o lodo lhe não tocasse, nem descompuzesse o vestido. Que direi do mesmo demonio, instrumento sempre do mal, já que fallámos nelle? Tendõ este tentado hum Noviço a que deixasse o Habito, & a Religiaõ, não quiz Antonio ajudar-se dos Anjos, (os quaes lhe eraõ taõ obsequiosos, que como correys lhe traziaõ as cartas, & duas vezes em seus hombros o leváraõ a lugares muito distantes) mas

mandou ao mesmo demonio que elle fosse buscar o Noviço , & o trouxesse, como trouxe , à Religiaõ. Atè ao demonio , muito a seu pezar, obrigou a fazer bem. Chamavaõ a Santo Antonio Martello dos hereges , mas eu não sei que casta de martello era este, que não parecia de ferro, senão de cera, porque sempre reduzio os hereges com brandura , & nunca com rigor. Santos houve que os cegáraõ, & emudecêraõ ; mas como os havia de emudecer , nem cegar aquelle, que a tantos cegos deo vista , a tantos mudos lingua , & a tantos surdos ouvidos ?

414 Dos braços do Anjo sahio Jacob manco : & a quantos mancos , & aleijados deo Antonio pés, & braços ? A hum filho desobediente , que reprehendido pelo Santo se cortou a si mesmo o pé com que tinha desacatado a sua mãy, o mesmo lho restituiu outra vez a seu lugar, & unio à perna : com ma-

ior milagre que o do manco de S. Pedro na porta Especiosa do Templo. Que bem pareceria o retrato daquelle pé entre tantas muletas penduradas diante dos altares de Santo Antonio ! Oh que gloriosas alampadas ! Mas ainda luzem , & resplandecem mais as amarras, as cadeas, & as mortalhas que tambem se vêm pendentes diante das suas Imagens em todos os Santuarios do Mundo : as amarras dos naufragantes salvos, as cadeas dos cativos em terra de Mouros livres , as mortalhas dos agonizantes, ou não permittidos morrer, ou depois de mortos resuscitados. Nove resuscitou de huma sô vez este grande Dominador da vida , & da morte : mandando à mesma morte , que a infinitos enfermos que já mastigava , os não engulisse , ou que engulidos já , como a Balea de Jonas , os vomitasse vivos.

415 Nenhum Santo daquelles, a quem commu-
nicou

nicou Deos seus poderes, teve maior, & mais justa causa para usar delles pela parte da severidade, & rigor, como Santo Antonio. Dominava na Lombardia hum tyranno chamado Encelino, taõ soberbo, taõ insolente, & taõ cruel, que de huma sò vez com exquisitos generos de tormentos matou a onze mil Paduanos naturaes daquella nobilissima Cidade taõ devota de Santo Antonio, que mereceo lhe dèsse o seu sobrenome. E como vingaria o Santo aquellas, & outras injurias? A esta fera, a este monstro, a este inimigo capital do genero humano foi buscar pessoalmente, & quando feria obra digna do seu poder, & do seu zelo, se por suas proprias maõs o fizesse em pedaços, como fez o Profeta Samuel a Agag Rey dos Amalecitas: & quando com maior razão lhe pudéra dizer o que disse o mesmo Profeta, Agora te farei o que tu fizeste a tantos: ou quan-

do pelo menos com huma sò palavra, como S. Pedro a Ananias, o pudéra derubar morto a seus pés; o castigo com que se contentou a sua bondade (proprio da bondade, & piedade de pay) foi compadecer-se do miseravel, & tremendo estado a que as suas tyrannias o tinhaõ já condemnado em vida, às penas do inferno: à morte que por tantas mortes tinha merecido: os clamores dos innocentes que bradavaõ ao Ceo: a justiça, & vingança Divina tantas vezes, & por tantos modos provocada: a paciencia do mesmo Deos com que ainda lhe prometia o perdão, & esperava a emenda: as oraçoens, & penitencias que o mesmo que o reprehendia tinha offerecido por ella: & tudo isto com tal efficacia de espirito, & com razoens taõ accesas em vivo fogo de charidade, que aquelle coração mais duro que os bronzes, não pode deixar de se abrandar, & derre-

ter ; & quando os soldados que o cercavaõ temiaõ , & aguardavaõ contra o Santo algum excessõ furioso da sua tyrannia ; Encelino desaperando o cinto , & lançando-o como barão ao pescoço em reconhecimento de suas culpas , se lançou humilde a seus pés. Oh vitoria nunca imaginada em huma batalha tão difficultosa ! Assim venceo hum poderoso a outro poderoso , triunfando do poder injusto , cruel , & tyranno , que tantos , & tão execrandos males fazia , o poder piedoso , amigo , & santo , que todo se empregou sempre em fazer bem a todos.

417 Acabou finalmente na flor da idade aquella vida , que tanto se aprefsou a consummar a carreira ; mas nem a morte lhe diminuiõ o poder , nem mudou a condição de fazer a todos bem , & a ninguém mal. Morto Santo Antonio , & concorrendo todos os enfermos ao seu sepulchro , nelle experi-

mentavaõ tal differença , que os que hiaõ confessados , & em graça de Deos , todos de qualquer enfermidade ficavaõ de repente saõs com inteira , & perfeita saude ; mas os que não levavaõ esta disposição da graça , tornavaõ tão enfermos como vieraõ. O que reparo , & admiro neste grande , & tão notavel caso , não he que o corpo de Santo Antonio morto dèsse vida a huns ; o que a mim , & a todos deve causar maior admiração , he , que pelo mesmo modo não dèsse morte aos outros. O corpo de Christo , que tambem no Sacramento está morto , & sepultado , aos que chegaõ a elle em graça , dà vida , & se não vaõ em graça , morte : *Mors est malis , vita bonis*. Pois porque não faz o mesmo Santo Antonio ? Não he elle o que com o Divinissimo Sacramento nas mãos , adorado pelo mais bruto de todos os animaes , converteo o herege mais bruto que elle ?
Porque

Porque razaõ logo não imita nos seus milagres ao mesmo Senhor, & aos que vem em graça, dà vida, & aos que falta a graça, morte? A soluçãõ verdadeira he a que provámos em todo este discurso. Dà vida a huns, & não dà morte a outros, porque os seus poderes eraõ do *fecerit*, que lhe communicou a Pessoa do Padre, & como taes, sò podia fazer bem, & não podia fazer mal. Assim havemos de dizer coherente mente.

418 Mas desta mesma soluçãõ nasce outra maior instancia. A bondade da Pessoa do Padre he de tal condiçãõ, que o mesmo bem que faz aos bons, faz tambem aos máos. Assim o notou, & provou Christo com o exemplo do Sol: *Ut sitis filii Patris vestri, qui Solem suum oriri facit super bonos & malos*. Não haveis de fazer bem aos que vos amaõ sòmente, fenaõ tambem aos que vos não amaõ, para mostrar-des que sois filhos do Pay

do Ceo, o qual faz nascer o seu Sol sobre os bons, & sobre os máos. Sendo pois os poderes de Santo Antonio derivados do poder da Pessoa do Padre; porque farava sò aos bons, & aos máos não? Respondo que sim farava; porque experimentando os máos que não faravaõ porque não estavaõ em graça como os que hiaõ confessados, confessavaõ-se tambem, & postos em graça de Deos recebiãõ igualmente a do Santo. Por este modo assim os bons, como os máos, todos faravaõ; sò com huma differença, que aquelles faravaõ primeiro, & estes hum pouco depois. E nisto mesmo imitava o Santo com grande propriedade o exemplo do mesmo Padre, *Qui Solem suum oriri facit*; porque ainda que o Padre faz nascer o seu Sol para todos, o Sol primeiro allumia aos que vigiaõ, & depois aos que dormem. Assim o fazia tambem Santo Antonio, mostrando em tudo, & por

& por tudo, que tudo o que vivo, & morto fazia, era em virtude dos poderes do Padre, que lhe dera o *fecerit*.

§. V.

419 **M**ostrado como a primeira Pessoa da Santíssima Trindade o Padre, para o poder das obras maravilhosas que fez, deo a Santo Antonio o *fecerit*; segue-se ver como a segunda Pessoa o Filho, para a sciencia da doutrina tambem chea de maravilhas que ensinou, lhe deo o *docuerit*. Como ao Padre se attribue a Omnipotencia, & o provámos com o Texto do mesmo Christo; assim ao Filho se attribue a Sabedoria, & se prova com o testimonho de S. Paulo: *In quo sunt omnes thesauri sapientiae, & scientiae absconditi*. Mas quem poderá declarar dignamente de quanta parte destes thesouros foi enriquecido Santo Antonio? Depois

Coloss.
2. 3.

de estarem muitos annos escondidos, quiz Deos que se descobrissem, & logo lhe mandou por huma carta seu grande Patriarcha S. Francisco que exercitasse o officio de ensinar, *docuerit*, & que fosse, como foi, o primeiro Mestre da Theologia, & Escritura Sagrada de toda a Religião Serafica. De maneira que os Alenses, os Boaventuras, os Escotos, & os outros famosissimos Doutores desta grande Athenas da Igreja Catholica, todos foraõ rayos daquelle primeira Luz. Quando ao quarto dia da creação do Mundo apparecêraõ no Ceo o Sol, a Lua, & as Estrellas, naõ diz a Escritura que creou Deos aquellas luminarias celestes, senaõ que as poz no firmamento: *Et posuit eas in firmamento*. E se as poz entaõ, quando as creou? Todos os Santos, & Interpretes do Texto Sagrado dizem que foraõ creadas na luz do primeiro dia, quando Deos disse:

Fiat

Fiat lux; & esta primeira luz foi a que o Creador repartio por todos os sete Planetas, & por todas as Estrellas sem numero do firmamento.

420 Assim pois como todas as luzes que de dia, & de noite allumiaõ o Mundo, devem o seu principio, o seu nascimento, & o seu ser àquella primeira luz; assim todos os astros, & constellaçoens Seraficas, que tanto tem allumiado, allumiaõ, & haõ de allumiar o Mundo atè o fim delle, ou com a voz em infinitos Prégadores, ou com a penna em infinitos volumes, todos são rayos, & rios daquella fonte de luz, (como a que vio Mardocheo) & todos são resplandores, & filhos daquelle Pay, a quem a immensa, & luzidissima Familia Franciscana pôde chamar com razaõ, *Pater luminum*, Pay dos lumes. Ainda entaõ naõ tinha fahido a luz o lume da Theologia Santo Thomás, ainda entaõ muitos daquelles

profundos mysterios que hoje estaõ taõ manifestos, estavaõ occultos, muitas daquellas questoons que hoje estaõ taõ declaradas, estavaõ escuras, & toda aquella silva innumeravel de conclusõens, & decisõens Theologicas estava inculta, impenetravel, confusa, intricada, & sem ordem; & o grande Antonio foi o Jason, foi o Prometheo, & foi o Thefeo, que com o prumo do seu juizo sondou o mais profundo, com o farol do seu engenho allumiou o mais escuro, & com o fio do seu discurso abriu o caminho ao mais intricado.

421 Saindo Antonio, ou antes de sair das cadeiras, subio aos pulpitos: & naõ ha entendimento que possa comprehender, nem lingua que possa declarar com palavras a Sabedoria, & eloquencia Divina, o espirito, a efficacia, a luz, & os prodigiosos effeitos da sua doutrina. A aula em que ensinava, naõ eraõ os templos, por magnificos,

cos, & mais capazes que fossem, porque não cabia o auditorio senão nos campos. Os dias em que pré-gava, ainda que fossem ferias, a sua prégação, para que não se tocavaõ os finos, & sò a fama de que havia de prégar, os fazia de guarda. Fechavaõ-se as logeas, fechavaõ-se as tendas, fechavaõ-se os tribunaes; & nem os officiaes attendiaõ às suas artes, nem os mercadores aos seus interesses, nem os requerentes aos seus pleitos, nem os ministros aos seus despachos; em fim dias santos. E se estes dias santos não começavaõ das Vesperas, começavaõ das Matinas; porque não sò madrugavaõ os ouvintes, mas à meia noite, como dizem todas as Chronicas, se preveniaõ muitos a tomar lugar nos campos. S. Jeronymo, S. Gregorio, S. Leão Papa, & muito particularmente Santo Agostinho se queixavaõ do Anfiteatro Romano, por-

que lhes tirava os ouvintes; mas quando em Roma pré-gava Santo Antonio, os Anfiteatros eraõ os desertos, & os desertos, & os campos os Anfiteatros.

422 Grande maravilha, que em huma Cidade de tantos passatempos, & delicias; a sua maior delicia fosse hum homem que a despovoava. Como eraõ taõ innumeraveis os ouvintes, não era menor maravilha que todos ouvifsem o Prégador. Em tanta vastidaõ de campo, & descampado huns estavaõ perto do pulpito, outros muito longe; mas taõ claramente o ouviaõ so de longe, como os de perto: por final que não podendo vir ao sermaõ huma devota mulher, deseiosa de ouvir o Santo, em sua casa, que distava duas milhas, o ouvio como se estivera ao pé do pulpito. Todos ouviaõ, & com maior maravilha todos entendiaõ o Prégador, como se fallasse na sua propria lingua, porque a lingua do Apóstolo

ftolo Portuguez era das
mesmas com que sobre os
de Christo desceo o Espiri-
to Santo. Isto se vio parti-
cularmente em hum anno
santo , em que todo o
Mundo concorre a Roma.
Achavaõ-se no immenso
auditorio Italianos , Hes-
panhoes , Francezes , In-
glezes , Alemaens , Sue-
cos, Dinamarcos, Polácos,
Moscovitas, Gregos, Ar-
menios, Persas, Turcos ;
Mouros, Ethiopes, & to-
dos, como se na Cidade de
S. Pedro ouviffem ao mes-
mo S. Pedro , ouviaõ em
huma lingua todas as lin-
guas, & cada hum a sua :

*1. Audivimus unusquisque lin-
guam nostram, in qua nati
sumus.*

423 Mas que novo
ouvinte de Santo Antonio
he este que eu estou ven-
do, nem esperado, nem
imaginado por elle ? Caso
singular, & inaudito ! Es-
tava Santo Antonio pré-
gando em hum Capitulo
Géral da sua Ordem, & o
fermaõ era da Cruz ; se-
naõ quando S. Francisco

que estava em outra Ci-
dade muito distante, ap-
parece no ar à vista de to-
dos com os braços abertos
em figura de Cruz. Santo
Patriarcha, & Serafico Pa-
dre, quem nos pôde decla-
rar o mysterio desta vossa
apparição, fenaõ vós mes-
mo ? Tres cousas naõ en-
tendo : o modo com que
viestes aqui : o fim para
que viestes : & a fôrma em
que apparecestes. Quanto
ao modo, supposto que
naõ deixastes de estar aon-
de estaveis, viestes repro-
duzido : & quem vos re-
produzio ? Naõ ha duvi-
da que este vosso filho, & a
sua palavra. Oh maravi-
lha estupenda ! Em Deos o
Padre produz ao Filho, &
aqui o filho, se naõ produ-
zio, reproduzio ao Padre.
Là a palavra he a produ-
zida, aqui a palavra foi a
producente. E a que fim,
ou para que ? Para o mes-
mo fim que teve o Padre.
Deos quando appareceo
no Tabor. Fallava o Fi-
lho da mesma Cruz de que
fallava Antonio, & quiz
mani-

Matth.
17. 5.

manifestar a todos o Padre Serafico, que aquelle era o seu filho mais amado, & encomendar a todos que o ouvissem: *Hic est filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui, ipsum audite.* Finalmente sendo elle seu ouvinte, representou-se de repente em forma de Cruz, para mostrar que era tanta a efficacia da palavra de Antonio, que não só podia fazer os homens amigos da Cruz, senão convertellos em Cruzes. A imagem do Serafim transformou a Francisco em crucificado, & a pregação de Antonio transformou-o em Cruz.

424 E donde lhe vinha a Santo Antonio esta tão extraordinaria efficacia? Vinha-lhe do que dizia, & da voz, & acção com que o dizia. O que dizia eraõ tudo verdades tiradas, & cavadas das minas das Sagradas Escrituras, & particularmente do Euangelho. O Papa Gregorio IX. que dentro no mesmo anno canonizou a

Santo Antonio, ouvindo-o prégar, chamou-lhe Arca do Testamento; mas disse pouco, porque a Arca do Testamento só continha as taboas da ley, parte do Testamento Velho; mas na memoria, & entendimento de Santo Antonio estavaõ encerrados os thesouros de ambos os Testamentos, & no segundo as palavras de Christo sobre todas as Divinas Divinifimas. Este era o fino aço do que dizia, forjado na fornalha do coração, limado na agudeza do entendimento, & despedido pela lingua em settas: *Sagittæ tuæ acutæ, populi sub te cadent in corda inimicorum Regis.* Como as settas eraõ agudas, *sagittæ acutæ*, & a agudeza não era para li-fongear os ouvidos, senão para ferir, & penetrar os coraçãoens, *in corda*; por isso os povos inteiros cahiaõ a seus pés: *Populi sub te cadent.*

425 Das acçoens de Santo Antonio no pulpito não acho mais que huma
na

na sua historia. Estando huma vez prégando no campo, tordou-se o Ceo, começárao a se ouvir trovoadas com horror, & ameaças de grande tempestade: & que fez entao o Prégador? Moveo huma maõ para o mais espesso das nuvens, & bastou o poder, ou a graça deste meneyo para que emudecessẽ os trovoadas, a tempestade se suspendesse, & a nuvem feruisse ao auditorio de tordo, & ao Santo de docel. (mas sem gotteiras) Estes mesmos effeitos causava aos ouvintes o ar das suas açcoens, que era o compasso das vozes, suspensos todos, & mudos na admiração do que viaõ, & ouviaõ, naõ havendo em tantos milhares de homens, mulheres, & mininos, quem rompesse com hum ay (& mais havendo muitas lagrimas) a atençaõ extatica do silencio.

426 O modo de dizer já moderado, já forte, já mavioso na compaixaõ, já formidavel, & tremen-

do nas investivas, emfim qual o requeria a impressaõ dos affectos; basta suppor que era taõ vivo, taõ efficaç, taõ poderoso, & sem resistencia, como se colhe sem discurso, tanto do que feria, como do que curava. Sò para documento de muitos Prégadores, & do modo com que se deve fallar no pulpito, naõ deixarei de ponderar o que succedeo a Santo Antonio prégando, naõ huma, senaõ duas vezes. Prégava na noite de Quinta feira maior ao tempo em que no seu Convento se cantavaõ as Matinas; & lembrado que lhe tocava no choro huma liçaõ, que faria? Parou no que hia dizendo, & sem sair do pulpito, appareceo no choro, onde foi visto, & ouvido de todos cantar a sua liçaõ; & tanto que là acabou, continuou cá o que hia prégando. Outra vez lhe succedeo semelhante caso, presente o Santo ao mesmo tempo no pulpito, & presente no choro; mas
com

com a mesma circumstancia , & advertencia , que em quanto cantava em huma parte , estava mudo na outra sem fallar palavra. Pois se Santo Antonio estava no mesmo tempo presente em dous lugares , porque não cantava , & prérgava juntamente em hum , & outro ? O estar presente em dous lugares era o milagre ; mas suppostas as duas presenças , naturalmente , & sem milagre podia fallar juntamente em ambos ; porque razão logo quando cantava , não prérgava ?

427 O mesmo facto está dizendo que a musica ha de estar tão longe do sermaõ , como o pulpito do choro. Quando prérgava , não cantava , & quando cantava , não prérgava ; porque a lingua de Santo Antonio não era dos Prérgadores que cantaõ quando prérgaõ. Isto de prérgar cantando , he hum vicio , & abuso , que se tem introduzido nos pulpitos , froxo , fraco , frio , & quasi

morto : sem força , sem efficacia , sem energia , sem alma : contra toda a rhetorica , contra toda a razão , contra toda a arte , contra toda a natureza , & contra a mesma graça. O prérgar não he outra cousa que fallar mais alto. Prérgar cantando he muito bom para adormentar os ouvidos , & conciliar sono , por onde ainda os que mais cabeceaõ , dormem ao tom do sermaõ. As vozes do Prérgador haõde ser como as caixas , & trombetas da guerra , que espertaõ , animaõ , & tocaõ à arma , como eraõ as de Santo Antonio : por isso todos o ouviaõ com huma attençaõ tão vigilante , & tão viva , que nem pestancar podiaõ , quanto mais dormir.

428 Assim era ouvido Santo Antonio , & sò não resta saber como se portava com os que o não queriaõ ouvir. Os hereges rebeldes , & obstinados não queriaõ ouvir os golpes daquelle martello , que tanto os feria. E que fez o Santo

Santo para os converter
sem que o ouvissem? Aos
Apostolos disse Christo ,
th. *Faciam vos fieri piscatores*
9. *hominum* : Atêgora eréis
pescadores de peixes , Eu
farei que sejais pescadores
de homens. Assim o fez
Santo Antonio ; mas por
tal modo, & tal arte, qual
nunca elles , nem antes
quando pescadores , nem
depois quando Apostolos
inventáraõ. Quando pes-
cadores, Pedro, & os de-
mais, pescavaõ os peixes
com as redes ; quando
Apostolos , pescavaõ os
homens com a prégação.
E Santo Antonio trocou
hum , & outro artificio.
Aos peixes pescou-os com
a prégação, & aos homens
pescou-os com os peixes ,
fazendo dos mesmos pei-
xes a rede com que os pes-
cava. Ambos os lanços, af-
sim o do mar , como o da
terra foraõ iguالمême ven-
turosos. O lanço do mar
pescou os peixes , que vie-
raõ todos a ouvir da boca
do Santo a palavra de Deos
com a atençaõ que sabe-

mos : & o lanço da terra
pescou os homens ; porque
os hereges que o não que-
riaõ ouvir , com a eviden-
cia, & assombro do mesmo
milagre , cercados , & pre-
sos dentro na rede , & ata-
dos de pés , & maõs , não
tendo para onde fugir ,
vencidos , & convencidos
se convertêraõ.

§. VI.

429 **E**Ste foi o novo, &
admiravel artifi-
cio com que Santo Anto-
nio trocando as palavras
de Christo , para se fazer
pescador de homens, se fez
primeiro pescador de pei-
xes , & pescando os peixes
naõ com redes , senãõ com
a prégação da palavra de
Deos, da pescaria da mes-
ma palavra fez as redes
com que pescou aos hom-
mens. E se me pergunta-
rem quem ensinou a San-
to Antonio esta doutrina
taõ encontrada com que
se fez ouvir dos brutos,
que o ouviraõ como ra-
cionaes , quando os racio-

Z

naes

naes o não queriaõ ouvir como brutos; respondo, que a segunda Pessoa da Santissima Trindade, o Filho, o qual lhe communicou o *docuerit*, & a sabedoria Divina de ensinar. E posto que a doutrina parece encontrada em hum, & outro caso; no dos Apostolos, & no de Santo Antonio a temos expressa não por outrem, senão pelo mesmo Christo. Disse Christo a S. Pedro que lançasse as redes ao mar; & elle sobre o desengano do que tinha experimentado no mesmo mar toda aquella noite, respondeo que assim o faria, mas não confiado na rede, senão na sua palavra: *In verbo tuo laxabo rete*. Foi a rede ao mar, & a palavra de Christo trouxe a ella tanta multidão de peixes, que a não podiaõ arrastar, nem os pescadores a tinhamõ visto semelhante. Já aqui temos a primeira parte da pescaria de Santo Antonio, pescando os peixes com a palavra de Deos,

Luc. 5.
3:

vejamos agora a segunda, em que dos peixes assim pescados fez as redes com que pescar aos homens.

430 Saltando S. Pedro em terra com os outros companheiros, o que succedeo entãõ, refere S. Lucas com palavras tão milagrosas como o mesmo milagre. *Stupor enim circumdederat eum, & omnes qui cum illo erant, in captura piscium*: Vendo a multidão dos peixes pescados em virtude da palavra de Deos, Pedro, & todos os que com elle estavaõ, ficaram cercados de pasmo. Note-se muito muito a palavra *circumdederat*: não diz que o pasmo os assombrou, ou desmayou, ou tirou fõra de si, senão que os cercou: *Stupor circumdederat eos*. E porque? Porque naquelle caso houve dous cercos, hum no mar, outro na terra: no mar o cerco da rede que cercou, & tomou os peixes em virtude da palavra Divina: *In verbo tuo*: & na terra o pasmo do milagre dos

dos peixes tomados , do qual pasmo fez Christo a rede com que cercou , & tomou os homens : *Stupor enim circumdederat eos.*

431 E que se seguiu deste caso ? Duas cousas : huma , que S. Pedro se lançou aos pés de Christo confessando-se por peccador : *Exi à me , quia peccator sum , Domine* ; como os hereges convertidos , & prostrados aos pés de Santo Antonio , confessárao o peccado da sua infidelidade. A segunda , dizer Christo a S. Pedro que dalli aprenderia a ser pescador dos homens : *Ex hoc jam homines eris capiens* : porque com a palavra de Deos , *In verbo tuo* , & com a evidencia dos milagres , *In captura piscium* , os Apostolos tanto , & Santo Antonio tantos annos depois converteo o Mundo.

432 Por certo que este famoso exemplo tão bem ensinado em Christo , & tão bem aprendido , & imitado em Santo Antonio , bastava por prova de que

a sciencia , da qual elle recebeu o *docuerit* , foi a da segunda Pessoa da Santissima Trindade. Mas posto que bastasse como prova publica , ainda temos outra maior , & mais admiravel , que foi a secreta , & occulta. A maior maravilha , & o maior milagre do nosso Taumaturgo Portuquez não foi o resuscitar mortos , (como resuscitou nove de huma sò vez) nem o dominar todos os elementos , nem o ter sempre aparelhada , & prompta aos acenos da sua vontade a mesma Omnipotencia ; mas qual foi ? Foi que tendo o peito cheyo daquella extraordinaria sabedoria adquirida , & sobrenatural , que depois rebentou , & sahio a publico , ao tempo que a Providencia Divina tinha determinado , com assombro , & pasmo do Mundo ; elle não se chamando Mestre , ou Doutor , nem ainda discipulo , com o simples nome de Frei Antonio , tivesse encuberto , & sepultado dentro

tro em si mesmo tudo o que sabia com tal segredo; que fosse reputado de todos por idiota, & ignorante.

433 Daqui nasceo que como tal, & de nenhum prestimo, ou talento, desestimado, & desprezado de seus proprios Irmaos, naquella grande Capitulo Géral em vida de S. Francisco, não houvesse Guardia, ou Prelado algum que o quizesse aceitar por subdito: & o que he mais que tudo, que nem elle para remir esta necessidade, desamparo, & desprezo, manifestasse a menor luz dos thesouros que debaixo da rudeza, & remendos do seu burel estava encerrados. Oh milagre sobre todos os milagres! Oh prodigio sobre todos os prodigios do mais prodigioso, & milagroso de todos os Santos! Agora havia eu de começar o sermão, para cavar no descobrimento destas minas o immenso de virtude, de capacidade, de

poder, que nesta unica açcaõ, ou omillaõ não de hum dia, ou muitos dias, fenaõ de annos sobre annos, reconhece, & faz estremecer o juizo humano.

434 O mais alto ponto, o mais fino, & o mais difficil da sabedoria não he o saber; he o saber, & poder encubrir o que sabe. Sabia muitas cousas por revelaçã Divina o Profeta Jeremias, as quaes não podia manifestar, & diz assim: *Factus est in corde meo quasi ignis exestuans, claususque in ossibus meis: & defeci, ferre non sustinens.* A pessa de artelharia carregada se lhe tapára a boca, & lhe poem fogo, rebenta, não ha bronze que o resista. Tal he, diz o Profeta, o que sei, & não posso occultar: arde dentro no meu coraçã como fogo que me penetra os ossos, com tal violencia, & tormento, que me faltaõ as forças; desmayo, & o não posso soffrer. Hum sã segredo, que não podia passar delle, guardava dentro em si o

Profe-

Profeta Isaiás : *Secretum meum mihi, secretum meum mihi* : & declarando o Texto original os effeitos que causava este segredo no interior donde não podia sair, diz : *Macies est mihi, macies est mihi : tabes est mihi, tabes est mihi* : Ay de mim, que me vejo emagrecer, & myrrhar, ay de mim que me vejo entificar sem remedio, pela força que me faço em não dizer huma cousa que sei. A muitos entifica o estudo por saber, a Isaiás entificava-o o saber : porque o havia de occultar. Ah Isaiás : ah Jeremias ! vós fois os dous Profetas maiores : & pois no forçoso silencio de não poderdes dizer o que sabeis, se vos aperta tanto o coração; pedi a Santo Antonio que parta com vosco da largueza, & capacidade do seu. Nelle tem encerrados todos os segredos da Filosofia; nelle todos os segredos da Theologia; nelle todos os segredos vossos, & de toda a Sagrada Escritura; & nelle to-

Tom. II.

das as revelações, & illustrações Divinas que continuamente recebe do Ceo, & nem por isso se lhe aperta, ou estreita o peito, nem os seus ossos se secção, ou entificação: antes arrendo dentro nelles muito maior fogo, nem o fumo da menor luz apparece cá fóra.

435 Eliphaz Themanites o primeiro dos quatro Sabios que disputarão com Job, escusando-se de lhe haver de dizer o que trazia meditado, ainda que o houvesse de molestar; tomou esta salva: *Conceptum sermonem tenere* Job. 4. *quis poterit?* Que homem haverá que o que tem concebido no entendimento, o possa impedir, & ter mão; para que não say a lingua? Allude à conceição corporal, à qual necessariamente se segue o parto, sem que haja poder, ou força em todas as da natureza que o possa impedir. Primeiramente ao *quis poterit* de Eliphaz, respondendo que este homem, que elle teve

teve por impossível, foi Santo Antonio, pois estando tão cheyo, & como re-
bentando, de sabedoria, elle a soube, & pode con-
ter dentro em si mesmo, como se a não tivera. E
quanto à conceição, & parto a que allude o mesmo
Sabio, accrescento que a força desta consequencia,
& semelhança ainda foi mais forte, & mais admira-
vel no mesmo Santo pelo muito que tinha de Di-
vino o seu entendimento. Deos tambem concebeo *ab*
eterno, *Ex utero ante lu-*

Pfalm.
109. 4.

ciferum genui te : & assim como o conceber na Pef-
soa do Padre, juntamente foi conceber, & fallar ; as-
sim o ser concebido na Pef-
soa do Filho, juntamente foi ser concebido, & ser
Verbo, & palavra do Padre.

436 E como o enten-
dimento de Antonio tinha
tanto de Divino, & tanta
propensão, como Divino,
à se communicar todo ; o
não lhe fair à lingua, nem
por huma palavra o muito
que tinha concebido, as-

sim como era maior esta
violencia, assim foi maior
maravilha a vitoria de a
reprimir, & conter. Deos
quanto sabia, disse (nem
pode deixar de o dizer)
em huma palavra : & San-
to Antonio, de quanto sa-
bia nem huma só palavra
disse. E para que vejamos
em frase, & termos huma-
nos quanto teve de Divino
este silencio ; o proverbio
humano diz : *Scire tuum*
nihil est, nisi te scire hoc
sciat alter : Todo o vossò
saber he nada, se ninguem
sabe o que vós sabeis. Don-
de se segue que fazendo
Santo Antonio que nin-
guem soubesse o que elle
sabia, com esta acção aos
outros homens quasi im-
possível, aniquilou toda a
sua sabedoria : *Scire tuum*
nihil est. Agora pergunto :
E qual he aquella potencia
no Mundo, que pôde ani-
quilar ? Sò aquella que de
nada creou todas as cou-
sas. Assim o resolve a me-
lhor Filosofia, que o crear,
& o aniquilar he regalia
sò de Deos. E tendo Deos
dado

dado ao entendimento de Santo Antonio a primeira parte de Divino para poder comprehender o que soube; tambem lhe deo, & com maior maravilha, esta segunda para poder aniquillar o que sabia.

437 De tudo o que atêgora tenho dito, claramente teraõ entendido os que não sô ouviraõ com os ouvidos, senaõ com os olhos abertos, que toda a sabedoria de Santo Antonio, & muito mais nesta ultima circumstancia de a encubrir, foi participaçãõ, & influencia da segunda Pessoa da Santissima Trindade, que lhe deo o *docuerit*. Antes de a mesma Pessoa, o Verbo Divino encarnado, fair a ensinar, *Cœpit facere, & docere*, que fez? O mesmo nem mais, nem menos que Santo Antonio. Quando Christo em sua menor idade perdido, foi achado no Templo entre os Doutores, não sômente admirados elles, mas pasmados, como diz o Texto, do que per-

guntava, do que respon-
dia, & do que sabia: *Stu- Luc. 2.
pebant super prudentia, &*
responsis ejus; parece que
deviaõ dizer os Pays, isto
he, S. Joseph, & a Senho-
ra: Este Minino não está
perdido em Jerusaleem, em
Nazareth he que está per-
dido, deixemo-lo ficar en-
tre os Doutores, pois tan-
ta habilidade tem para as
letras; mas não foi assim.
Tornou para Nazareth,
& alli se exercitava, ou
ferrando, ou acepilhando
hum madeiro com Joseph,
& levando os cavacos à
Mãe, para que dos suos
res de ambos guizasse o de
que se haviaõ de sustentar
todos tres.

438 Desta maneira
esteve eclipsado por mui-
tos annos aquelle Divino
Sol, & reputada a sua Sa-
bedoria por ignorancia,
atè que sahio a allumiar o
Mundo. Pôde haver maior
retrato, ou mais vivo ori-
ginal de Santo Antonio?
Em seus primeiros annos,
em Habito de Conego Re-
grante, com o nome de

Dom Fernando, sendo a fama da Universidade de Coimbra, & a admiração dos seus Doutores. E depois trocando a Murça com o burel, & mudando o nome de Fernando em Antonio, para desbaptizar a sua sabedoria, o que fez em Italia entre os seus Frades, foi a profissão de idiota, & ignorante, servindo na cozinha, & nos outros exercicios mais baixos, & humildes da Casa, com que elle se escusou, quando a primeira vez foi mandado prégar. Assim imitou pelos mesmos passos o nosso filho de S. Francisco ao Filho do Eterno Padre. Sendo certo: (reparai muito no que agora digo) sendo certo, que a hum, & a outro Filho mais difficultoso foi o estudo da ignorancia, que o uso da sabedoria.

439 Peccou Adam, & antes de Deos em figura de homem lhe perguntar aonde estava, *Adam* Gen. 3. *ubi es*, diz o Texto, que andava o Senhor passcan-

do no Paraíso, & fallando comsigo em vozes que o mesmo Adam ouvio: *Cum audisset vocem Domini deambulantis in Paradiso*. E que fazia o Filho de Deos, (que o Filho era, pois tinha tomado fôrma de homem) que fazia andando, & fallando assim? Profundissimamente Tertulliano: *Interrogans Adam quasi nesciens, ubi es, quæ erat persecuturus, ediscebat*, O Filho de Deos sabia muito bem aonde Adam estava, & havia-lhe de perguntar aonde estava, como se o não soubera, *quasi nesciens*; & como havia de mostrar que ignorava o que sabia, andava passeando, & repetindo como estudante, & aprendendo o que havia de dizer para não errar, *Quæ erat persecuturus, ediscebat*. Taõ difficultoso he aprender a ignorar, atè à Sabedoria, que tudo sabe. E não sò no caso de Adam, *quasi nesciens*, nem sò no caso do diluvio, *quasi non præsciens*, nem sò no caso de Abraham, *quasi igno-*

rans quid sit in homine; mas em infinitos outros, diz o mesmo Tertulliano, tornava a aprender Deos esta lição todas as vezes que perguntando, ou arguindo, ou dissimulando, havia de mostrar que ignorava o que sabia: *Qua erat persecuturus, infinita semper ediscebat.*

440 Para que se veja com quanta cautela, com quanta circumspecção, & com quanta vigilancia havia de viver Antonio como argos de si mesmo, & como reo de sua propria sciencia, exposto aos olhos, ouvidos, & linguas não de huma, mas de muitas comunidades, & comunidades de gente regular, cujos olhos são os mais agudos para ver, cujos ouvidos os mais descobertos para ouvir, & cujas linguas as mais promptas para não perdoar: & todos, por tudo, os mais lindos para nada se lhes esconder. Assim estudava, & se desvelava a sua humildade depois de jubilado nas

letras, por conseguir na opiniaõ o grão de idiota: estudo tanto mais difficuloso à natureza, & à honra, quanto he mais custoso à presumpção abater as sobranceiras, que queimar as pestanas. Mas isto se entende daquella sciencia que se aprende nas escolas publicas da vaidade, & não debaixo do magisterio secretissimo da Divindade: cuja segunda Pessoa, como lhe tinha dado para se esconder o exemplo, assim lhe communicou para ensinar o *docuerit.*

§. VII.

441 **D**Eclarada a verdade, & o modo com que a primeira Pessoa da Santissima Trindade deo a Santo Antonio o *fecerit*, & a segunda o *docuerit*; só resta que vejamos como a terceira lhe deo o *vocabitur.* E se nesta distribuição de suas grandezas tocou ao Padre o *fecerit* pela attribuição da Omnipotencia, & ao Filho o *docu-*

docuerit pela attribuição da Sabedoria ; não menos propriamente pertence ao Espirito Santo o *vocabitur* pela attribuição da Santidade, que significa o mesmo nome de Santo, o qual sendo commum a todas as Pessoas Divinas, he proprio, & especial da terceira.

Ajunta-se este nome no nosso Texto com o *magnus*, *Magnus vocabitur in regno caelorum* ; porque no Ceo , aonde sã os nomes sã verdadeiros , o nome de Santo como maior , & mais excellente, he tambem o unico , & sobre todos com que Deos he louvado. Aquelles Serafins que assistião perpetuamente ao throno de Deos, o que cantavaõ a côros, como diz o Profeta Isaias, era, *Sanctus, Sanctus, Sanctus* : *Sanctus* ao Padre, *Sanctus* ao Filho, *Sanctus* ao Espirito Santo : & tres vezes não mais, nem menos, porque cantavaõ à Santissima Trindade. Mas se as perfeçoens da Santissima Trindade sã taõ

Isaiæ 6.
3.

infinitas como o mesmo Deos, & os cantores eraõ Serafins, os espiritos, & entendimentos supremos de toda a Corte do Ceo; porque não variavaõ a musica, & os louvores, assim como alternavaõ as vozes ? Porque sendo tambem infinitos os nomes de Deos, nenhum ha que mais lhe agrade que o nome de Santo, por ser este sobre toda a excellencia o mais excellente. Assim responde o grande Dionysio Areopagita no admiravel livro que compoz de *Divinis nominibus. Deus per excellentem cuncta excellentiam Sanctus predicatur.*

442 Este nome pois de Santo, (que no Ceo he o maior, & mais cantado, & celebrado de todos) he tambem o proprio da terceira Pessoa da Santissima Trindade ; & o que ella tomou para si, & deo a Santo Antonio. Mas para que vejamos quanto deo, saibamos a razã porque o tomou. Na Santissima Trindade o Padre he Espirito

Di
de
nor
cap

rito & Santo, o Filho he Espirito & Santo, o Espirito Santo he Espirito & Santo. Pois se este nome he commum a todas as Pessoas Divinas, porque o tomou a terceira Pessoa por particular, & proprio feu? Porque este nome era o que melhor nos podia declarar a igualdade que tem o Espirito Santo com o Padre, & com o Filho, naquella mesma differença em que parece que lhe não he igual. Ora vede. A Pessoa do Padre gera o Filho, a Pessoa do Padre, & a do Filho produzem o Espirito Santo; porèm a Pessoa do Espirito Santo, nem sò como o Padre, nem acompanhado como o Padre & o Filho, produz outra Pessoa Divina, porque não he possível outra. Logo parece que não he igual a Pessoa do Espirito Santo à do Padre, & à do Filho. E se são iguaes, como verdadeiramente são, *Qualis Pater, talis Filius, talis Spiritus Sanctus*; esta que parece defigural-

dade, & verdadeiramente he differença muito notavel; com que se supprio? Com o nome de Santo.

443 Com o nome de Santo, digo, não sò como commum a todas as Pessoas da Santissima Trindade, mas como proprio da terceira. Não he o Espirito Santo, como o Pay, que gera outra Pessoa Divina, qual he o Filho; mas he Santo como o Pay: não he como o Filho, que com o Pay produz outra Pessoa Divina, qual he o mesmo Espirito Santo; mas he Santo como o Filho. E como he igual ao Padre, & ao Filho no nome, não de santificado, mas de Santo, nem de santidade accidental, senão sustancial, nem recebida de outrem, mas propria; porque he Santo como o Pay, ainda que não seja Pay, & porque he Santo como o Filho, ainda que não seja Filho; he tão igual, & tão Deos como o mesmo Filho, & como o mesmo Pay. Excellentemente Origenes:

genes : *Sanctus Spiritus ita Sanctus est, ut non sit sanctificatus : nec initium sanctitatis ejus accepit. Similique modo de Patre, & Filio intelligendum est. Sola enim Trinitas substantia est, quæ non extrinsecus accepta sanctificatione, sed natura sua sit sancta.*

444 Deste nome proprio de Santo, fundado na fantideia sustancial da terceira Pessoa da Santissima Trindade, se deriva com a mesma propriedade natural o de santificador, santificando, & distribuindo a mesma santificação como absoluto, & independente Senhor, como, & a quem quer. *Divisiones gratiarum sunt, idem autem spiritus dividens singulis prout vult*: diz S. Paulo. E o maior exemplo deste poder, como notaõ os Theologos, & o mais semelhante ao que logo veremos em Santo Antonio, foi o do mysterio ineffavel da Encarnação do Verbo. Trazendo o Anjo Gabriel esta embaixada, (a que sô a

grandeza de hum animo capaz de receber dentro em si a todo Deos, pudéra ter que replicar) respondeo ao reparo da Senhora: que aquella obra quanto ao modo naõ teria nada de humana, porque assim como a Pessoa que havia de encarnar, era a segunda da Santissima Trindade; assim os soberanos Artifices da mesma uniaõ seriaõ a primeira Pessoa, que he o Altissimo, & a terceira, que he o Espirito Santo: *Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi.* E que se seguiriaõ destes dous concursos unidos em hum, ambos Divinos, & no mesmo sujeito? O mesmo Anjo declarou que seriaõ dous effeitos, & dous nomes taõ ineffaveis como o proprio composto: hum que se chamaria Filho de Deos, & outro que seria por Antonomasia o Santo; *Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei.*

445 Agora (quanto he

x. Cor.
12. 4.
11.

Suar. de
Trinit.
lib. 2.
cap. 5.

he licito comparar, ou equiparar por semelhança extremos taõ infinitamente distantes) tomemos destas duas clausulas o *Sanctum*, & o *vocabitur*. O *vocabitur* he o que dissemos, & himos provando, que deo, & communicou a Santo Antonio a terceira Pessoa da Santissima Trindade: & o *Sanctum*, o nome de Santo absoluto, & por Antonomasia, com que o mesmo Espirito Santo, sem outro exemplo mais que o presente, fez que Santo Antonio singularmente entre todos os Santos fosse chamado o Santo. S. Bernardo ponderando as palavras do Anjo: *Et quod nascetur ex te Sanctum*; admirado da novidade do termo, exclama: *Ut quid ita simpliciter Sanctum, & absque additamento*? Santo, & simples, & absolutamente Santo sem additamento: que he isto? He o que disse o Anjo do Verbo depois de encarnado, & o que quiz o Espirito Santo, que tam-

bem se verificasse de Santo Antonio, *Sanctum, & absque additamento*. Santo Antonio em Padua aonde tem o seu sepulchro, naõ se chama Santo Antonio, senaõ o Santo por Antonomasia, & sem additamento. Vou ao Santo, venho do Santo, sem outro nome, quer dizer, vou a Santo Antonio, venho de Santo Antonio. E para que se veja que isto foi naõ por affecto, ou devaçãõ particular humana, senaõ por instinto Divino inspirado pelo mesmo Espirito; quando Santo Antonio passou desta vida, temendo os seus Religiosos que o povo o naõ deixasse sepultar, resolvéraõ a ter a morte em segredo atè lhe darem sepultura com as portas fechadas; mas os mininos, por Divino instinto, no mesmo instante em que espirou começaram a brádar por todas as ruas: Morreo o Santo, morreo o Santo. E como, *Ex ore infantium, & lactantium perfecisti laudem*; ^{Psalms} 8. 3.
tambem

tambem elles como linguas do Céu o nomeavaõ por Santo sem additamento. Oh excellencia grande de Antonio ! Naõ digo bem. Oh excellencia grande do Santo entre todos os Santos ! S. Francisco feu Santo Padre chama-se Santo ; mas com additamento S. Francisco : S. Domingos companheiro , & irmão do mesmo S. Francisco, chama-se Santo; mas Santo com additamento, S. Domingos: os dous filhos dos mesmos Pays, Doutores , & lumes da Igreja, o Angelico , & o Serafico, tambem se chamaõ Santos; mas Santos com additamento, hum, Santo Thomás, outro, S. Boaventura; porẽm Santo Antonio singular entre todos , Santo sem additamento, & por isso com muita razaõ Santo Antonio de Padua, porque sò Padua lhe acertou com o nome proprio, sendo que teve muitos nomes. Em Lisboa se chamou no Baptifmo Fernando, em Coimbra na mu-

dança do Habito se chamou Antonio ; & sò Padua lhe acertou com o verdadeiro nome , Santo , & nada mais, porque he mais que tudo : *Sanctum sine additamento.*

S. VIII.

447 **E** Posto que para provar que a vocação , ou imposição deste nome parece que bastava à verdade do que acabo de referir ; para que este ultimo discurso se parecesse com os dous passados, determinei mostrar como o *vocabitur* em Santo Antonio naõ fora menos proprio do Espirito Santo , que o *fecerit* , & o *docuerit* do Padre , & do Filho. E naõ sei se o mesmo Santo Antonio , ou o mesmo Espirito Santo me quiz reprehender como covarde , & castigar como escasso em seus louvores. Naõ he mais dar o Espirito Santo , que receber delle quanto pôde dar ? E naõ he mais que dar o Espirito Santo,

Santo, dallo do modo que fò o pôde dar aquelle, de quem o mesmo Santo recebeo o ser? Estes dous mais são taõ estupendos, que tanto podia tremer a lingua de os imaginar, como a mesma Fé de os crer. Mas eu offenderia gravemente ao mesmo Espirito Santo, & faria igual agravo a Santo Antonio, se não referisse lizamente o que agora direi. Depois de fortemente tentado por muitos dias hum Noviço da mesma Ordem, rendido emfim à força da tentação, resolveo-se a deixar o Habito. E que faria a dor, & charidade de Frei Antonio, que se achava no mesmo Convento, para o conservar na vocação? Oh prodigio sobre toda a admiração estupendo! Tambem parece dirivação do *vocabitur*. Vai aonde estava o Noviço, abre-lhe com as mãos a boca, mete-lhe por ella a respiração, & alento da sua, dizendo: *Accipe Spiritum Sanctum*: Recebe o Espiri-

to Santo: & no mesmo ponto fugio o espirito tentador, tornou em si o tentado, triunfou do inimigo que o tinha vencido, & perseverou até morte na Religião como filho digno de tal Mãe, & segunda vez gerado de taõ Santo Pay. Não foi isto dar o Espirito Santo, que he mais que recebello?

448 Vamos agora ao modo sem comparação mais admiravel que a mesma obra. Christo Senhor nosso deo o Espirito Santo aos Apostolos, & deo tambem poder aos Apostolos para darem o Espirito Santo: mas de que modo? Com huma differença muito notavel. Os Apostolos communicavaõ o Espirito Santo pela imposição das mãos, pondo-as sobre aquelles, que o recebiaõ, como diz S. Lucas: *Imponebant manus* Act. 8;
super illos, & accipiebant 17.
Spiritum Sanctum. E Christo communicou o Espirito Santo aos Apostolos com o alento, & respira-
ção

ção da sua propria boca , a qual respiração elles recebiaõ nas suas , como o mesmo Senhor juntamente lhes disse : *Insufflavit , & dixit eis : Accipite Spiritum Sanctum.* E qual foi a razão desta differença ? Muito grande, muito particular , & muito necessaria. Porque os Apostolos com a imposição das mãos significavaõ nellas que o fazião com poder , & authoridade recebida de Christo : & Christo com o alento , & respiração da sua boca significava que elle era, como segunda Pessoa da Santissima Trindade, a que juntamente com a primeira produzira , & espirára o mesmo Espirito Santo. (que essa he a palavra , & termo Theologico com que se declara a produçãõ , & processãõ com que o Espirito Santo procede do Padre , & do Filho) Assim o dizem Santo Agostinho , S. Cyrillo , Beda , & os outros Padres na Exposição do mysterio desta acção de Christo. E

Joan.
20. 22.

August.
tract.
121.

nós à vista do que fez Santo Antonio , ou da confiança , poder , & authoridade que teve para o fazer , que podemos dizer , senão pasmar ? De maneira que havendo de comunicar Santo Antonio o Espirito Santo , não o fez como S. Pedro , S. Paulo , S. Joaõ , & os outros Apostolos com a imposição das mãos sobre o Religioso tentado , & vencido , senão com o alento , & respiração da sua boca , & dizendo : *Accipe Spiritum Sanctum* , pelo mesmo modo assim na acção , como nas palavras , com que o mesmo Christo quiz significar , & representar nellas , como segunda Pessoa da Santissima Trindade , que delle procedia a terceira. Tanto he o que amou , & o que honrou o Espirito Santo àquelle Santo , a quem com a propriedade do nome deo a Antonomasia do seu.

449 E pois temos na boca de Santo Antonio por obra , & por palavra huma

huma tam singular figura da processão do Espírito São; vejamos nella hũa nova prerogativa do mesmo Divino Espírito, participada tambem de Santo Antonio, & gloriosamente continuada nelle. Fallando Christo da sua processão em quáto segunda Pessoa da Santissima Trindade, & da processão do Espírito São em quáto terceira Pessoa: de si diz q̄ procede: *Ego ex Deo processi*: & do Espírito Santo diz que procede: *Spiritum veritatis, qui à Patre procedit*. As processões aslim do Filho, como do Espírito Santo, ambas foraõ *ab eterno*; pois como fallando Christo de huma, & outra, da sua diz que procedeo, de preterito, *processi*, & da do Espírito São diz que procede, de presente, *procedit*? A razaõ he, porq̄ as processões eternas *ad intra* ajuntou o Senhor as temporaes *ad extra*, quádo o Filho, & o Espírito Santo vierão a este mudo. Expressamente consta de

hũ, & outro Texto; porq̄ no primeiro accrescenta, *ven*; & no segundo, *cum venerit*: no primeiro, *Ego ex Deo processi, & veni*; & no segundo, *Cum venerit Paraclitus, qui à Patre procedit*. Diz pois Christo fallando de si, que procedeo, & veyo, de preterito; porque de tal maneira veyo do Padre a este mundo, q̄ tornou outra vez para o mesmo Padre: *Exivi à Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem*. Pelo contrario, do Espírito Santo diz de presente q̄ procede, & vem; porque de tal maneira veyo, q̄ sempre vem, & sempre está vindo, comunicando a todos os seus dons, & graças. A questaõ foy agudamente excitada pelo Abbade Ruperto, & a soluçãõ tãbem he sua, cõ hũa não menos aguda, & bem fundada advertência: Mas porque a mesma foy primeiro de S. Athanasio; & mais expressa, & elegantemente declarada por elle; as suas palavras saõ estas:

Ioan. 16
28.

450

Rupert.
l. 1. de
process.
Spiriit.
Sanct. c.
11.

Athan.
q. 79.

tas. *Dei quidem Filius post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est: Spiritus verò Sanctus super Apostolos veniens, & super omnem carnem effusus, non est rursus assumptus, sed in generationes transit omnes, & si quemlibet hominem invenit, habitat super eum.* E porque a segunda Pessoa da Santíssima Trindade veyo à terra, & depois tornou para o Ceo; & a terceira veyo, porèm não tornou, mas està sempre com-nosco em todo o tempo, & em todo o lugar. Esta mesma graça de estar sempre com-nosco communicou o mesmo Espirito Santo a Santo Antonio: & para que fosse primeiramente em todo o tempo, não sò lha concedeo em vida, senão também depois de morto.

451 Os outros Santos geralmente neste mudo trabalhãrão, padecẽrão, glorificãrão a Deos, fervirãrão ao proximo, vencẽrão o demonio, pizãrão o mundo, mortificãrãrão a

carne, com o exercicio das virtudes cultivãrão as Almas proprias, com a palavra, & o exêplo as alheas, bons para si, & fazendo bẽ a todos. Isto em quãto viverãrão: acabada porèm feliz, & constantemente a carreira da vida, deixãrãrão este mudo, & foraõ-se para o Ceo a gozar o fruto dos seus trabalhos, & descãçar delles. Bem assim como Christo, o qual, *post impletam totam dispensationem, tandem assumptus est.* Pelo contrario S. Antonio imitando também a Pessoa do Espirito Santo, pela prerogativa do nome, em ficar sempre cõ-nosco, *Assumptus non est, sed in generationes transit omnes.* Quatrocentos & vinte & sete annos faz hoje q̃ S. Antonio foy tomar posse do eminẽtissimo lugar q̃ tẽ na Corte do Ceo, como grande della, *Magnus in Regno Calorum;* mas nẽ por isso em todos os annos, & dias de tantos seculos deixou de estar sẽpre cõnosco na terra, nada menos poderoso, & vigilante

lante em nos assistir, acudir, & ajudar, senão muito mais que quando vivia. Quando vivia (que he a segunda parte da mesma prerogativa) estava juntamente em differêtes lugares, agora está em todos os do mundo, & se hoje o nam vemos na propria Pessoa, vemolo nos mesmos, & maiores effeitos.

452 Pouco tivera feito o Espirito São em dar a S. Antonio com o *vocabitur*, o nome de Santo, se lho não dera acompanhando das outras partes, de que inteiramente se compoem o seu proprio nome. O nome da terceira Pessoa da Sãtissima Trindade, pelo que he em si, & pelo que obra em nós, compoem-se inteira, & ineffavelmente destas tres palavras: *Spiritus, Sanctus, Paraclitus*: Espirito, Santo, Paraclito. E por virtude, & extensão do mesmo *vocabitur*, nam só comunicou a mesma Pessoa Divina a Santo Antonio o nome de São, senão tam-

bem o antenome de Espirito, & o sobrenome de Paraclito: o de Espirito, cuja propriedade he estenderse a todas as quatro partes do mundo, como diz Ezechiel: *A quatuor ventis insuffla spiritus*, & o de *Paraclitus*, q̄ quer dizer *Consolator*, Cōsolador: para q̄m todas as partes do mesmo mundo assistisse como espirito, & em todas fosse cōsolador, como he, de todos os q̄ tivesẽ necessidade de consolação. Quando o Espirito Santo desce do Ceo, veyo em figura de espirito, *Spiritus vehementis*, & em figura de linguas de fogo, *Linguae tanquã ignis*: não só pelo q̄ entãõ significava nos Apostolos, senão pelo q̄ depois havia de obrar cõ todos: em figura de espirito; porq̄ como espirito havia de encher todo o mudo: *Spiritus Domini replevit orbem terrarum*. & em figura de linguas, & essas de fogo; porq̄ como consolador havia de alumi- ar, & alentar a todos cõ a luz, & cōsolação das suas

Ezech.
37.9.

Act. 2.
3.

Sap. 1.7.

Ibid.

453

vozes: *Et hoc quod continet omnia, scientiam habet vocis.* E quem não vê nestas mesmas figuras retratado hoje a S. Antonio? Depois q̃ a sua Alma se despio do corpo, elle ficou espirito, & do corpo só lhe ficou a lingua incorrupta, & incorruptivel como he o fogo: o espirito para a assistência universal de todo o mūdo, & a lingua para cõfolação tambem universal de todos em qualquer parte delle. Neste mesmo dia, & nesta mesma hora em q̃ nòs celebramos a S. Antonio na America, o celebraõ, & festejaõ cõ muito mayores demonstraçoẽs de solênidade na Europa, na Africa, & na Asia todas as naçoẽs, & todos os Estados do mundo: & porque? Porque nenhũa naçaõ, nẽ Estado ha nelle grãde, ou pequeno, q̃ nos trabalhos, & necessidades, a q̃ todos estaõ expostos, não invoque, & chame por S. Antonio: & nenhũa voz ha dos q̃ o invocaõ, a q̃ elle nam responda: Aqui estou. He verdade q̃ o não vemos cõ

os olhos, mas vemos nos efeitos. Isso he ser invisivel como espirito, & effectivo como consolador. E fenaõ, digaõ-no todos em todo o tẽpo, & lugar. Os lavradores no câpo, os navegantes no mar, os soldados na guerra, os mercãtes nos cõmercios, os pleiteãtes nas demãdas, os requerentes nos despachos, os presos nos carcerees, os cativos nas masmorras, os enfermos nas doenças, os agonizantes na morte, & atẽ os mortos nas sepulturas; porq̃ não ha lugar, nẽ estado tam alheyo de toda a esperãça, & remedio, a q̃ as consolaçoẽs deste Paraclyto universal se não estendaõ.

454 O mayor trabalho, & o mais universal do mūdo, de que ninguẽ, & nenhũa cousa escapou, foy o diluvio de Noé: & este nome de Noé lhe poz seu pay Lamech, q̃ era Profeta, dizendo: *Iste consolabitur nos*, Este nos conso-lará: porque Noé na lingua Hebraica quer dizer, *Consolator, & Consolatio*, Con-

consolador, & consolaçam. E cumprio-se a profecia, & significaçam do seu nome no mesmo Noé; porque elle foy o restaurador, & reparador do mundo, & o consolador, & a consolaçam daquella perda universal, & immensa, em que se incluíram todas as da fazenda, as da fortuna, as da natureza, as da vida, & as de quanto em mil & seiscentos & cincoenta & seis annos tinha cultivado o trabalho, adquirido a cubiça, levantado a ambiçam, & multiplicado, & gerado a propagaçam humana. Entaõ prometteoDeos que nam haveria mais outra perda universal como aquella; mas deixou o mesmoMundo fugeito a tantas outras particulares, ou livres, ou violentas, (sobre as da mesma fragilidade natural de entaõ para cá mais enfraquecida) que apenas ha casa, familia, nem pessoa, nem dia neste valle de lagrimas livre de tristezas, afflicçoens,

& trabalhos; para cuja consolaçam nam ha outro consolador, & paraclito mais prompto, & mais familiar, & domestico, & que invocado diga: Aqui estou: como Santo Antonio. De quam vivas, effi-⁴⁵⁵cazes, & effectivas sejam as razoens da sua lingua para a consolaçam das mais desesperadas tristezas, & afflicçoens, pudera referir muitos casos todos admiraveis, dos quaes só contarey hum, por ser succedido em nossos dias, & me parecer que do mundo velho, onde foy muy celebrado, ainda nam passou ao novo. Na Cidade de Napoles estava sentenciado à morte hum pobre homem, a quem nam valeram arzeoados, nem embargos, nem, como elle dizia, a propria innocencia, prevalecendo contra tudo a prova das testemunhas; com o triste defengano de haver de fahir a justicar ao outro dia, fez à ventura huma petição, a qual entregou a sua mulher igualmente afflicta,

456 para que a levasse ao Viso-Rey, & lançada a seus pés, o procurasse mover com suas lagrimas, a que ao menos lhe commutasse o castigo em outro que não fosse de morte. Foy a desconsolada requerente a Palacio; mas nam teve entrada, porque aquellas portas sempre patentes aos ricos, & poderosos, só para os pobres que nam tem, nem podem, costumaõ de ordinario estar fechadas. E que faria sobre esta desesperaçãõ a miseravel? Devia ser boa Christã: resolveose a bater às portas do Ceo, pois que achava fechadas as da terra. Vayse à Igreja de S. Antonio, & entre lagrimas, & soluços poem a petiçam sobre o Altar aos pés do Santo, dizendo, que pois tinha nos braços o Rey, nam só dos Viso-Reys, mas dos Reys, delle esperava o seu despacho, o qual viria buscar ao outro dia. Ainda nam tinha bem amanhecido, quando a que esperava que as portas da Igreja se abrissem, chegou

ao Altar, aonde achou o seu papel, ao que mostrava sem nenhuma mudança. Abrio-o, vio que tinha mais escriptura, pedio, porque nam sabia ler, que lhe declarassem, & como lhe dissessem que continha o perdãõ do Viso-Rey, & que logo puzessem ao condemnado em sua liberdade; já se vê como correria alegre a lhe levar a nova, & a vida. Presentou o despacho ao Carcereiro, o qual porém o teve por novo crime, entendendo que a letra, & a firma era furtada. Eis aqui trocada outra vez a tristeza em novo susto. Levou o Carcereiro o papel ao Secretario, que tambem confirmou o furto da letra, admirado da grande semelhança, & propriedade della: & suppondo que o caso pedia nova inquiriçãõ, & exame, para ser cortada a mão que tal escrevera; & nam imaginando, nem lhe passando por pensamento o que o Viso-Rey poderia responder, lhe presentou aberta a petiçam.

Mas

Mas oh Antonio, verdadeiro, & universal paraclito! Oh Antonio piedoso consolador, & certissima consolação de todos os angustiados, & afflictos! Oh lingua viva, & immortal! Oh lingua a mais eloquente, & poderosa oradora para convencer entendimentos, & trocar vontades, & para render a Divina, & as humanas à vossa! Respondeo o Viso-Rey, que a letra nam era fingida, senam sua, & que elle escreveu o despacho, & o firmára de sua mão. E dando a causa de nam só haver moderado a sentença, mas de absolver totalmente o Reo solto, & livre: Este mesmo papel, disse, me trouxe aqui hum Fradinho de São Francisco, que me disse taes coufas, & com tal efficacia, que eu nam pude deixar de fazer, & escrever o que elle quiz. Executouse o perdão, divulgouse o caso, pasmáraõ os que nam conheciaõ bem o Author; mas os que conhecem o seu poder, & as suas maravilhas,

fem admiraçam, nem novidade, só diziaõ: Isto he ser Santo Antonio. E eu que direy? Sò digo, que a terceira Pessoa da Santissima Trindade tem bem desempenhado neste discurso o *vocabitur*, pois para dar o Espirito Santo inteiramente a Santo Antonio todo o seu nome, nam só lho deo em quanto Santo, senam tambem em quanto Espirito, & em quanto Paraclito: *Sanctum quoque, & Paraclitum spiritum.*

§. IX.

458 **T**Enho acabado, posto que mais largamente do que eu quizera, as tres partes do meu discurso. E para que imitando a Santo Antonio em todas ellas, offerçamos também algum obsequio á fiel veneraçam das tres Pessoas da Santissima Trindade, do que o nosso Santo imitou em cada hũa tiremos muito brevemente tres documentos. O primeiro, para os que a fortuna fez poderosos:

Aa iiij fos:

ios: o segundo, para os que o estado faz sabios: o terceiro, para os que a profissão deve fazer Santos. Todo o homem tem obrigação de ser semelhante à Santíssima Trindade. Por isso Deos, nam só em quanto hum, senão em quáto Trino (fallando entre si as tres Pessoas Divinas) quando creou o homem, disse: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram*: Façamos o homem à nossa imagem, & semelhança. Se o Poderoso puder moderar o que pôde, usando do poder só para o bem, será semelhãte à Pessoa do Padre, & imitará a Santo Antonio no *fecerit*. Se o Sabio souber encobrir a seu tempo o que sabe, &

só manifestar o que conuem, será semelhante à Pessoa do Filho, & imitará a Santo Antonio no *docuerit*. Se o que deve ser Santo, estimar a verdade deste nome sobre todos os titulos do mundo, será semelhante à Pessoa do Espirito Santo, & imitará a Santo Antonio no *vocabitur*. Desta maneira o Poder moderado, a Sabedoria bem entendida, & a Santidade sobre tudo estimada, lhe alcançarão a sólida, & eterna grãdeza, não na terra, aonde tudo he pequeno, & pouco, senão no Ceo, aonde tudo he muito, & grande: *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in Regno Cælorum*.

Gen. I.
26.



S E R M A M
D O S

B O N S A N N O S ,

Em Lisboa, na Capella Real ,

Anno de 1641.

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Iesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur. Luc. cap. 2.

§. I.

459 **E**M hū mundo tam avaro de bês, onde apenas se encontra com hum bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficuloso empenho: Deos que he Author de todos os

bens, os dè a V. Reaes Magestades felicissimos (muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservação, & aumento de Estados, que as esperanças do mūdo publicaõ, que o bem da Fè Catholica deseja, que a Monarchia de Portugal ha
mister,

mister, & que eu hoje quizera prometter, & ainda assegurar.

460 Em hum mundo, digo, tam avarento de bês, onde apenas se encontra cõ hum bom dia, ter obrigação de dar bons annos, difficuloso empenho! E na minha opiniaõ cresce ainda mais esta difficuldade, porque isto de dar bons annos, entendo-o de differête maneira do que commummente se pratica no mûdo. Os bons annos nam os dà quem os deseja, senaõ quẽ os assegura. A quantos se desejaraõ nesta vida, a quãtos se deraõ os bons annos, que os nam lograram bons, senaõ muy infelices? Segue-se logo, propria, & rigorosamente fallando, que nam dá os bons annos quẽ só os deseja, senam quem os faz seguros. Esta he a difficuldade, a que me vejo empenhado hoje, que o tẽpo, & o Euangelho fazem ainda mayor. Em todo o tempo he difficulosa cousa segurar annos felices; mas muito mais em tempo de

guerras, & em tempo de felicidades. Se o dia dos bens he vespora dos males; se para merecer huma desgraça, basta ter sido ditoso; quem fará confiança em glorias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha he hũa mesa de jogo onde se ganha, & se perde, se as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vario, que as menea, quem se promettera firmeza na guerra, que derriba muralhas de marmore? E como a guerra, & a felicidade saõ dous accidentes tam variõs: como a fortuna, & Marte saõ dous arbitros do Mûdo taõ incõstãtes; como poderei eu segurarãmente prometter bons annos a Portugal, em tẽpo q̃ o vejo por hũa parte cõ as armas nas maõs, por outra com as maõs scheas de felicidades? Se appello para o Euangelho, tambem parece q̃ promette ameaças, mais que esperanças; porque nos apparece nelle hum Cometa abrazado, & sanguinolento, *ut circumcideretur puer,* &

& os Cometas desta cor sê-
pre foraõ fataes aos Rey-
nos, & formidaveis às Mo-
narchias.

*Terret fera Regna Cometes
Sanguineum spargens ignem:*
dissê lá Silio. A materia dos
Cometas saõ os vapores, ou
exhalaçoens da terra sub-
idas ao Ceo ; & como no
mysterio da Encarnaçam
subio ao Ceo a terra de nos-
sa humanidade, que outra
coisa parece Christo hoje
com o sangue da Circumci-
são, senão hum Cometa a-
brazado, & sanguinolento,
& por isso funesto, & reme-
roso? Ora com isto se re-
presentar assim, com o
Euangelho, & o tempo pa-
recer que nos prometem
poucas esperanças de feli-
ces annos, dõ mesmo tem-
po, & dõ mesmo Euange-
lho hey de tirar hoje a pro-
va, & segurança delles. Serà
pois a materia, & empreza
do Sermaõ esta : *Felicitades
de Portugal, juiço dos an-
nos, que vem.* Digo dos an-
nos, & nam do anno, por-
que quem tem obrigaçam
de dar bons annos, nam fa-

tisfaz com hum só, senam
com muitos. Fundame o
pensamento o mesmo Eu-
angelho, que parece o def-
favorecia ; porque toda a
materia, & sentido delle, he
hum pronostico de felicida-
des futuras. Toda a ma-
teria do brevissimo Euan-
gelho, que hoje cáta a Igre-
ja, vem a ser a Circumcisaõ
de Christo, & o nome san-
tissimo de JESUS. E destes
dous grandes mysterios se
compoz hũa constellaçam
benignissima, que tomada
no horizonte oriental de
Christo, foy figura de to-
do o bem, & remedio do
mundo, que o Senhor havia
de obrar em seus mayores
annos. S. Cyrillo : *Vocatum* 462
*est nomen ejus Jesus, quod
interpretatur Salvator; edi-
tus enim fuit ad totius mundi
salutem, quam sua circumci-
sione præsfiguravit.* Grande
palavra ! De sorte que cir-
cumcidarse Christo, & cha-
marse Jesvs no dia de hoje,
foy levantar figura, *præfi-
guravit*, aos successos dos
annos seguintes, à salvaçaõ,
& felicidades futuras de to-
do

do o genero humano: *Totius mundi salutem, quam sua circumcissione praefiguravit.* Nem desfaz esta verdade a representação do sangui-
nolento, com que parece nos atemorizava Christo nos effeitos da Circumcisaõ; porque aquelle bello Infante nam he Cometa, he Planeta: nam he terra subida ao Ceo, he Ceo decido à terra. E o Ceo quando se poem de vermelho, q̄ pronostica? O mesmo Christo o disse, que nam he menos que sua esta Mathematica. *Serenum erit, rubicundum est enim Caelum.* Quando o Ceo se veste de vermelho, pronostica serenidade. Sempre a serenidade foy: titulo natural das purpuras. E como aquelle Ceo animado, como aquelle Rey celestial se veste hoje da purpura de seu sangue, serenidades, & felicidades grãdes nos pronostica, q̄nas acçoens do tẽpo, & nas palavras do Euangelho, iremos discorrẽdo por partes.

Matth.
26.2.

463 **P**ostquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur. Comeemos por estas ultimas palavras. Diz São Lucas, que passados os oito dias, termo da Circumcisaõ, he puzeraõ a Christo por nome JESUS; & nota, antes manda notar o Evangelista, que este nome foy annunciado pelo Anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.* Dá a razão desta advertencia a Glossa Interlineal, & diz que foy: *Ne homo videretur machinator hujus nominis:* Para que não parecesse este glorioso nome machinado por invento de homens, senaõ mandado, como era, pela verdade de Deos. Entrou Christo no mundo a reduzillo com nome de Salvador, & Libertador, que isso quer dizer JESUS: pois para

para que esta appellidada liberdade nam a possa julgar alguem por invenção, & obra humana, seja profetizada, & revelada primeiro por hum ministro da Providencia Divina: *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur.*

464 Nam quero referir profecias do bem q̄ gozamos, porque as supponho muy prégadas neste lugar, & muy sabidas de todos; reparar sim, & ponderar o intento dellas quizera. Digo, que ordenou Deos que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos successos della, tanto tempo antes, & por tam repetidos oraculos profetizada, para que quando vissemos estas maravilhas humanas, entendessemos que eraõ disposições, & obras Divinas; & para que nos alumiasse, & confirmasse à fé onde a mesma admiraçam nos embaraçasse. (Fallo de fé menos rigorosa, quanta cabe em materias não de-

finidas; posto que de grande certeza.) Allega Christo hū texto do Psalmo 40. em que descreve David o meyo extraordinario por onde os procedimentos injustos de hum máo homem dariaõ principio à redempção de todos, como seria trahido o Redemptor, como o pertenderiaõ derrubar por engano de seu estado; & intimando o Senhor o casto aos Discipulos, disse estas particulares palavras: *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit credatis, quia ego sum.* ^{Ioan. 13} 19. Eu sou este de quem aqui; falla David: (que assim explica o lugar Santo Agostinho, Ruperto, Theophilacto, & outros) & digovos isto antes que aconteça; para que depois de acontecer o creais. Notavel Theologia por certo ! Se o Senhor differa, Digovos estas cousas para que as creais, antes que aconteçaõ; facilmente dito estava; isso he fé, crer o que nam se vé; mas dizer as cousas

cousas antes que se fação, a fim de que se creão depois de feitas : *Ut cum factum fuerit credatis ?* O que está feito, o que se vê, o que se apalpa, necessita de fé ? Algumas vezes sim; porque succedem casos no mundo, como este, de que Christo fallava, taõ novos, & inauditos; succedem cousas tam raras, taõ prodigiosas, & por meyo de proporção taõ desigual, & muitas vezes taõ contrarios ao mesmo fim, que ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas cõ as mãos, nam basta a evidencia dos sentidos para as naõ duvidar, he necessario recorrer aos motivos da fé para lhes dar credito : *Dico vobis, antequam fiat, ut cum factum fuerit, credatis.* Taes considero eu os successos nunca imaginados de nosso Portugal, que como excessivamente nos acreditam, assim excedem todo o credito. Quiz Deos que fossem tantos annos antes, &

465

tam vulgarmente profetizados estes successos, nam tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crermos presentes; nam para nos alentarem a esperança antes de succedermos, mas para nos confirmarem a fé depois de succedidos. Havião de succeder as cousas de Portugal, como succederam, de tam prodigiosa maneira, que ainda depois de vistas, parece que as duvidamos; ainda depois de experimentadas, quasi as nam acabamos de crer: pois profetizese esta venturosa liberdade, & ainda o nome felicissimo do libertador, muito tempo antes, *priusquam in utero conciperetur*; para q̃ entre as duvidas dos sentidos, entre os asõbros da admiração, peção os olhos foccorro à fé, & creão o que vê por profetizado, quando o nam creão por visão.

466 Por duas razõs se persuadem mal os homens a crer algumas cousas, ou por muito difficul-

tosas,

rosas, ou por muito dese-
 jadas: o desejo, & a diffi-
 culdade fazem as cousas
 pouco criveis. Era Sára
 de idade de novêta annos
 sobre esteril, promette-
 lhe hum Anjo, que Deos
 lhe daria fruto de benção,
 & diz a Escritura, que se
 rio, & zombou muito dis-
 so Sára; & ainda depois
 de ter hum filho chamou-
 lhe Isaac, que quer dizer
 riso: *Risum fecit mihi Deus.*
 Estava S. Pedro em poder
 del Rey Herodes preso, &
 com apertada guarda, ap-
 pareceo lhe outro Anjo,
 que lhe quebrou as ca-
 deas, & o livrou, & diz o
 Texto sagrado: *Existima-
 bat autem se visum videre:*
 que cuidava Pedro que
 era aquillo sonho, & illu-
 são. Pois Pedro, pois Sá-
 ra, que incredulidade he
 esta? Vê-se Sára cõ hum
 filho nos braços, & cha-
 malhe riso? Vê-se Pedro
 com as cadeas fóra das
 mãos, & chamalhe sonho?
 Assim havia de ser, porque
 ambas erão cousas muito
 difficultosas, & ambas

muito desejadas. Deseja-
 va Sára hum filho, como a
 successão de sua casa: dese-
 java Pedro a liberdade,
 como a mesma liberdade,
 & bem da Igreja: a succes-
 são de Sára estava em po-
 der de noventa annos: a
 liberdade de Pedro estava
 em poder de Herodes, &
 de seus Soldados; & co-
 mo a difficultade era tam
 grande, & o desejo igual à
 difficultade, ainda que
 vião com seus olhos, & ti-
 nhão nas mãos o que de-
 sejavão; a Sára parecialhe
 cousa de riso: a Pedro pa-
 recialhe cousa de sonho.
 Que Sára esteril haja de ^{467.}
 ter filho! Que a prosapia
 Real Portugueza esterili-
 zada, & atenuada na de-
 cima-sexta geração, haja
 de ter descendente, que lhe
 succeda! Que Sára depois
 de noventa annos! Que a
 Coroa de Portugal depois
 de sessenta! O que não te-
 ve quando estava na flor
 de sua idade, o que nam
 teve quando estava com
 todas as suas forças, o
 viesse alcançar depois de
 tam

tam envelhecida , & quebrantada ? Muito desejavamos , muito suspiravamos por este bem , mas quanto mayor era o desejo , tanto mais parecia , & quasi parece ainda coufa de riso : *Risum fecit mihi Deus.* Que Pedro em poder del Rey Herodes ! Que Portugal em poder nam de hum , senao de muitos Reys que o dominavam , lhe houvesse de escapar das maos tam facilmente !

Act. 12.
4.

Que Pedro cercado de guardas *Quatuor quaternionibus militum* ! Que Portugal , presidiado de Infantaria em tantos castellos , em tantas fortalezas , sem se arrancar huma espada , sem se disparar hu arcabuz , conseguisse em huma hora sua liberdade ! Era empreza esta tam difficullosa , representava-se tam impossivel ao discurso humano , que ainda agora parece que he sonho , & illusaõ : *Existimabat se visum videre.* Assim lhe aconteceu aos filhos de Israel , quando se viraõ li-

Ibid. 9.

vres do cativeiro de Babilonia : *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lè o Hebreo) *sicut somniantes* : que incredulos de admirados tinhão a verdade por imaginação , & cuidavão que estavaõ sonhando , o que vião com os olhos abertos. E como os successos de nossa restauração eraõ materias de tam difficuloso credito , que ainda depois de vistos parecem sonho , & quasi se não acabão de crer ; ordenou Deos que fossem tanto tempo antes , com tam singulares circumstancias , & com o nome do mesmo libertador profetizadas , para q a certeza das profecias desfizesse os escrupulos da experiencia ; para que sendo objecto da Fè , não parecesse illusaõ dos sentidos ; para que revelãdoas tantos ministros de Deos , se visse que não erã inventos dos homens : *Ne homo videretur machinator hujus nominis , quod vocatum est. ab Angelo , priusquam*

quam in utero conciperetur.

§. III.

468 **T**emos confidrado o 'priusquam, vamos agora ao postquam. Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer. O que aqui pondera, & sente muito a piedade dos Santos, principalmente S. Bernardo, he, que nascido de oito dias, sugeitasse o Senhor aquelle corpozinho tenro ao duro golpe da Circumcisaõ. Tam depressa? aos oito dias, ja derramando sangue? Desta pressa se espantam os Doutores, mas eu não me espáto senão deste vagar. Que venha Christo a remir, & que espere dias? & que espere horas? & que espere instantes? Quem cuida, que he pouco tempo oito dias, mal sabe que he esperar pela redépção. Quando Christo se encontrou com os Discipulos de Emaüs, hiaõ elles contando a historia de seu Mestre, & a causa, que os leva-

Tom. II.

va peregrinos por esse mundo, & disserão estas Luc. 24 notaveis palavras: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel; & nunc super hac omnia tertia dies est hodie*: Nós esperavamos, que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israel; & no cabo de tudo isto vemos agora que ja se vão passando tres dias. Tres dias? pois que muito he isso? que espaço de tempo saõ tres dias para huns homẽs desmayarem? para huns homens se entristecerem? para huns homens se desesperarem tanto? Não se desesperavão, porque erão tres dias, senão porque eram tres dias de esperar pela redempção. Esperavão aquelles Discipulos, que o Senhor havia de remir a Israel: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel*. E para quẽ 469 está cativo, para quem espera pela redempção, tres dias he muito tempo: *Et nunc super hac omnia*: como se foraõ passadas tres eternidades: *Tertia dies est*

Bb hodie:

hodie : Já se vão passando tres dias. E se tres dias he muito tẽpo para quẽ espe-
ra pela redempção, quanto mais tempo ferião os oito dias, q̃ se dilatou a Circũ-
cisão de Christo, pois espe-
perava o mundo nelles, que começasse o Senhor a derramar o sangue, & dar opreço, com que o remio? Não ha duvida que foy muito cedo para a dor, mas não foy muito cedo para o remedio; foram poucos dias para quem vivia, mas muitos para quem esperava. Bem o entendeo assim o Euange-
lista: porque havendo de contar estes oito dias; ve-
jase o aparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt*; Depois que forão consummados: parece que armava a dizer oito seculos, ou oito mil annos, segundo a grã-
deza vagarosa, & ponderação das palavras; & no cabo disse, *dies octo*, oito dias, que como erão dias de esperar redempção, ainda que não forão mais que oito, parecião huma

duração muy comprida, & que não acabavão de chegar, segundo tardavaõ: *Postquam consummati sunt.*

470 E se oito dias de esperar pela redempção, & ainda tres dias he tanto tempo; quanto seria, ou quanto pareceria, não tres dias, nem oito dias, nam tres annos; nem oito annos, senão sessenta annos inteiros, nos quaes Portugal esteve esperando sua redempção, debaixo de hum cativoiro tam duro, & tam injusto? Não me paro ao ponderar; porque em dia tam de festa, não dizem bem memorias de tristezas, ainda que os males passados, parte vem a ser de alegria. O q̃ digo he, que nos devemos alegrar com todo o coração, & dar immortaes graças a Deos, pois vemos tam felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos peze de ter esperado tam lógamente; porque se ha de recompençar a dilacão da esperança com a perpetuidade da posse. Perguntão os Theologos com

Santo Thomàs na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mysterio da Encarnação , porque não desceo o Verbo Eterno a remir o mundo , senão depois de tantos annos. Varias razoes dão os Doutores ; a de Santo Agostinho he muito propria do que queremos dizer : *Diu fuit expectandus, semper tenendus.* Quiz o Verbo Eterno , que esperassem os homens , & suspirassem tâtos seculos por sua vinda, porque era bẽ que fosse muito tempo esperado hum bem, que havia de ser sempre possuido. Havião os homens de gozar para sempre a presença de Christo , havia o Verbo de ser homẽ perpetuamente ; porque, *Quod semel assumpsit nunquam demisit,* O que huma vez tomou, nunca mais o largou ; seja pois este bem por muito tempo esperado, pois ha de ser por todo o tempo possuido , & mereça com as dilaçoens da esperança a perpetui-

dade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus.* Não necessita de acõmodação o lugar , de firmeza sim, pelas dependencias, que tem do futuro ; mas hum espirito profetico, & Portuguez nos fiarà a conjectura desta tam gostosa verdade. São Fr. Gil, Religioso da sagrada Ordem de S. Domingos, naquellas suas tam celebradas profecias , diz desta maneira : *Lusitania sanguine orbata Regio diu ingemiscet* : A Lusitania , o Reyno de Portugal , morrendo seu ultimo Rey sem filho herdeiro, gemerà, & suspirarà por muito tempo. *Sed propitius tibi Deus:* Mas lembrar-se ha Deos de vòs, ó patria minha, diz o Sinto : *Et insperatè ab insperato redimèris* : & fereis remida nam esperada mente por hum Rey nam esperado. E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe succederà ? *Africa debellabitur* : Serà vencida , & conquistada Africa. *Imperium*

perium Ottomanum ruet. O Imperio Ottomanico cahirá fugeito, & rendido a seus pès. *Domus Dei recuperabitur*: A Casa Santa de Jerusaleem será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitorias, *Ætas aurea reviviscet*, Refuscitará a idade dourada. *Pax ubique erit*: Haverá paz universal no mudo. *Felices qui viderint*: Ditosos, & bemaventurados os que isto virẽ. Atẽ aqui São Frey Gil profetizando. Deforte que assim como antes da redempção houve suspirar, & gemer; assim depois da redempção haverá possuir, & gozar: & assim como os suspiros, & gemidos durarão por tãtos annos; assim as felicidades, & bẽs permanecerã sem termo, & sem limite. O muito, quer Deos que não custe pouco, & era justo, que a tanta gloria precedesse tanta esperança, & que quẽ havia de gozar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diu ingemiscet. Diu*

fuit expectandus, semper tenendus.

472 E já que vay de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquellas palavras mysteriosas da profecia: *Inspere ab insperato redimẽris*. De proposito reparei nellas, para refutar cõ suas proprias armas alguma reliquia, que dizem que ainda ha daquella feita, ou desesperação dos que esperavão por ElRey Dom Sebastião de gloriosa, & lamentavel memoria. Diz a profecia: *Inspere ab insperato redimẽris*. Que seria remido Portugal não esperadamente por hum Rey nam esperado. Segue-se logo evidentemente que nam podia ElRey Dom Sebastião ser o libertador de Portugal. Porque o libertador prometido havia de ser hum Rey nam esperado: *Inspere ab insperato*, & ElRey Dom Sebastião era tam esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mefmos sequazes desta opi-

opinião com seu esperar destruíção sua esperança ; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavão mais que nam era elle o promettido ; podendo-lhe applicar propriamente aquellas palavras, que São Paulo disse de Abraham: *Contra spem in spem credidit*: que crêrão em huma esperança contraria à sua mesma esperança ; porque pelo mesmo que esperavão, tinhaõ obrigação de nam esperar.

§. IV.

473 **M**As ainda que concedamos que os Portuguezes nam foubirão esperar, não lhe neguemos que foubiram amar, & com muita ventura: que tal vez buscando a hum Rey morto, se vem a encontrar com hũ vivo. Morto buscava a Magdalena a Christo na sepultura, & a perseverança, & amor, com que insistio em o buscar morto, Tom. II.

foy causa de que o Senhor lhe enxugasse as lagrimas, & se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre maõs. Assim como a Magdalena cega de amor chorava às portas da sepultura de Christo, assim Portugal sempre amante de seus Reys insistia ao sepulchro del Rey Dõ Sebastião, chorando, & suspirando por elle ; & assim como a Magdalena no mesmo tempo tinha a Christo presente, & vivo, & o via cõ seus olhos, & lhe fallava, & não o conhecia, porq̃ estava encuberto, & disfarçado: assim Portugal tinha presente, & vivo a El Rey nosso Senhor, & o via, & lhe fallava, & nam o conhecia. Porque? Não só porque estava, senão porque elle era o *Encuberto*. Ser o encuberto, & estar presente; bem mostrou Christo neste passo que nam era impossível. E quando se descobrio Christo? Quando se manifestou este Senhor encuberto? Até esta cir-

cunſtancia nam faltou no
 Texto. Diſſe a Magdale-
 na a Chriſto: *Tulerunt Do-*
minum meum: Leváraõ-
 me o meu Senhor, & o Se-
 ñhor não lhe deferio. *Ne-*
ſcio ubi poſuerunt eum: quei-
 xouſe que nam ſabia onde
 lho puzeraõ; & diſſimu-
 lou Chriſto da meſma ma-
 neira. *Si tu ſuſtulisti eum*:
 Se vòs Senhor o levastes,
dicito mihi, dizemo; &
 ainda aqui ſe deixou o Se-
 ñhor eſtar encuberto ſem
 ſe manifeftrar. Finalmen-
 te alentandoſe a Magdale-
 na mais do que ſua fra-
 queza permittia, & tiran-
 do forças do meſmo a-
 mor, accreſcentou: *Et ego*
eum tollam: E eu o levan-
 tarey; & tanto que diſſe,
 eu o levantarei: *Ego eum*
 474 *tollam*: então ſe deſcobrio
 o Senhor, moſtrando, que
 elle era por quem chora-
 ya; & a Magdalena o re-
 conheceo, & ſe lançou a
 ſeus pès. Nem mais, nem
 menos Portugal depois da
 morte de ſeu ultimo Rey.
 Buſcava-o por eſſe mudo,
 perguntava por elle, nam

ſabia onde eſtava, chora-
 va, ſuſpirava, gemia, & o
 Rey vivo, & verdadeiro
 deixava-ſe eſtar encuber-
 to, & nam ſe manifeftava;
 porque não era ainda che-
 gada a occaſiã; porẽm
 tanto que o Reyno ani-
 moſo ſobre ſuas forças, ſe
 deliberou a dizer reſolu-
 tamente, *Ego eum tollam*,
 Eu o levantarei, & ſuſten-
 tarei com meus braços;
 então ſe deſcobrio o en-
 cuberto Senhor, porque
 então era chegado o tem-
 po: dizendonos aos Por-
 tuguezes o que diz São
 Gregorio que diſſe Chriſto
 à Magdalena manifeftan-
 doſe: *Recognosce eum, à qua*
recognosceris: Reconhecci a
 quem vos reconhece: re-
 conhecci por Rey, a quem
 vos reconhece por vaſ-
 fallos. Então ſim, &
 nam antes, então ſim, &
 não depois, porque aquel-
 le, & não outro, era o tẽ-
 po opportuno, & deter-
 minado de dar principio à
 noſſa redempção.

475 Recebeo Chriſto
 o golpe da Circumciſiã, &
 deo

deo principio à redêpçam do mundo, nam antes, nê depois, senão pontualmête aos oito dias: *Dies octo, ut circumcidetur puer.* Pois porque não antes, ou porque nam depois? Nam se circumcidára ao dia septimo? Não se circumcidára ao dia nono? Porque não antes, nem depois, senão ao oitavo? A razão foy; porque as cousas que faz Deos, & as que se hão de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assinalado nas Escrituras para a Circumcisão era o dia oitavo, como se lê no Genesis, & no Levitico: *Die octavo circumcidetur infantulus.* E por isso se circumcidou Christo, sem se anticipar, nem dilatar, aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo;* porque como o Senhor remio o genero humano por obediencia aos Decretos Divinos, o tempo que estava assinalado na Ley para a Circumcisão, era o que

estava predestinado para dar principio à redêpçam do mundo. Da mesma maneira se deo principio à redempção; & restauração de Portugal em taes dias, & em tal anno, no celebradissimo de 40. porque esse era o tẽpo opportuno, & decretado por Deos; & não antes, nem depois como os homens quizerão. Quizeram os homens que fosse antes, quando succedeo o levantamento de Evora: quizerão os homens q̄ fosse depois, quando assentáráo, q̄ o dia da Acclamação fosse o primeiro de Janeiro, hoje faz hum anno; mas a Providencia Divina ordenou, que o primeiro intento se não conseguisse, & que o segundo se anticipasse, para que pontualmente se dêsse principio à restauraçam de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo.*

S. V.

476 **D** Aqui fica tacitamente res-pondida numa nam mal

Bb iij

fun-

fundada admiraçam, com que parece podiamos reparar os Portuguezes, em que os Serenissimos Duques de Bragança vivefsem retirados todos estes annos, sem acodirem à liberdade do Reyno, como legitimos herdeiros, que erão delle. Respondido està; declaro mais a reposta: Christo Redemptor nosso, ainda em quanto homem, como provaõ muitos Doutores, era legitimo herdeiro da Coroa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus: & regnabit.* Tinha tyrannizado este Reyno Herodes homem estrangeiro, a quem por este, & por muitos outros titulos não pertencia; & como sobre ter usurpado o Reyno lhe quizesse tirar a vida a Christo, diz o Texto, que o Senhor se lhe nam oppoz, antes se retirou para o Egypto: *Secessit in Egyptum.* Notavel acção! Nam fois vós, Senhor, o verdadeiro Rey de Israel, comõ legi-

timo herdeiro seu, que ainda que não empunhais o Cetro, Rey fois, & Rey nacestes, & assim o confessão as naçoens, & Reys estrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judæorum?* Pois como vos retirais agora, como vos nam oppondes à tyrannia de Herodes, como ides viver ao Egypto, & tantos annos? Não vedes o que padecem tantos innocentes? Nam ouvis que já chegaõ ao Ceo as vozes da lastimada Rachel, que chora seus filhos: *Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus, Rachel plorans filios suos?* Pois se a vós como a Rey natural incumba a restauraçam do Reyno, como vos retirais da empreza? Nem me alleguem em contrario os poucos dias que tinha o Senhor de vida, ou idade depois dos oito da Circuncisaõ, porque na mesma Circuncisaõ, & na mesma retirada do Egypto tinha, & lhe sobejava rudo o que era necessario para livrar do

Luc. 1.
32.

Mat. 2.
14.

M.
2.

M.
18

do cativoiro os que nelle tinham a esperança da liberdade. Ou Christo os havia de remir com o sangue proprio, ou com o alheyo: se com o proprio, bastava huma só gota do sangue da Circumcisão, para remir nam só o Reyno de Israel, senam todo o mundo. Se com o sangue alheyo, o mesmo Anjo, que disse a S. Joseph, *Fuge in Ægyptum*, podia fazer a Herodes, & a todos seus presidios, & soldados, o que o outro Anjo fez aos exercitos del Rey Senacherib, matando em huma noite oitenta & cinco mil dos que sitiavaõ a mesma Jerusalem. Pois se isto era nam só possível, mas facil ao legitimo, & verdadeiro Rey de Israel, porque o nam executou entã? Porque nam era ainda chegado o tempo, diz excellentemente Saõ Pedro Chryfologo: *Cedens temperi, non Herodi*. Tinha decretado, & disposto, q̃ o tempo da Redempçam fosse dalli a trinta & tres

annos: & se a Providencia Divina, que tudo pôde, espera pelas disposiçoens, & circumstancias do tempo; quãto mais a providência humana? a qual o nam feria, se com toda a attenção, & vigilancia as nam observasse, aguardando pelas mais convenientes, & opportunas, que Deos, & o mesmo tempo lhe offerecesse. Assim que podiaõ responder aquelles Principes, como legitimos, & naturaes senhores, & herdeiros da Coroa de seus avós, o que em semelhante caso disseram os famosos Machabeos, assim antes, como depois de restituídos ao seu proprio patrimonio: *Neque alienam terram sumpsimus, neque alienam detinemus, sed hæreditatem patrũ nostrorum, quæ injustè ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessa est; nos verò tempus habentes vindicamus hæreditate patrum nostrorũ.*

Mac. 15.

33.

478 E foy de tanta importancia esperar pela oportunidade do tẽpo, que

que por esta dilaçam, se veyo a lograr aquella primeira maxima de toda a razão de Estado, assim da Providencia Divina, como da providencia humana, que he saber concordar estes dous extremos, confeguir o intento, & evitar o perigo. Já perguntámos, que razão teve Christo para receber a Circuncisaõ ao oitavo dia conforme a Ley. Agora pergunto: que razão teve a Ley para mandar que a Circuncisaõ se fizesse ao oitavo dia? A Circuncisaõ naquelle tempo era o remedio do peccado original, como hoje o he o Bautismo, bem que com diferente perfeiçãõ. Pois se na Circuncisaõ consistia o remedio do peccado original, & a liberdade das almas cativas pelo peccado; porque não mandava Deos, que se circuncidassem os meninos logo quando naciaõ, ou ao terceiro, ou ao quarto dia, senão ao oitavo? A razão literal foy, diz o Abulenfe,

porque quiz Deos applicar o remedio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.*

Quando os meninos nascem, em todos aquelles primeiros sete dias correm grande perigo da vida, porque são dias criticos, & arriscados, como diz Aristoteles, & Galeno: pois ainda que o remedio dos recém-nacidos, & sua espirital liberdade consistia na Circuncisaõ, nam se circumcidem, diz a Ley, senão ao oitavo dia, passados os sete; que esta he a excellente razão de Estado da Providencia de Deos, saber dilatar o remedio, para escusar o perigo; dilate-se o remedio da Circuncisaõ até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que ha do primeiro ao setimo: *Quia ante octo dies potest esse vitæ periculum.*

479 Se Portugal se levantara em quanto Castella estava victoriosa, ou quando menos, em quanto estava

estava pacifica, segundo o miseravel estado, em que nos tinhaõ posto, era a empreza muy arriscada; eraõ os dias criticos, & perigosos; mas como a Providencia Divina cuidava tam particularmente de nosso bem, por isso ordenou, que se dilatasse nossa restauraçãõ tanto tempo, & que se esperasse a occasiam opportuna do anno de quarenta, em que Castella estava tam embaraçada com inimigos, tam apertada com guerras de dentro, & de fóra, para q̃ na diversãõ de suas impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resoluçam. Dilatou-se o remedio, mas segurou-se o perigo. Quando os Philisteos se quizeraõ levantar cõtra Samsam, aguardaram, a que Dalila lhe tivesse presas, & atadas as mãos, & entãõ deraõ sobre elle. Assim o fizeram os Portuguezes bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Samsam, que os

opprimia, & como o tiverãõ assim embaraçado, & preso, entãõ se levantãõ cõtra elle tam opportuna, como venturosamente. Mas vejo que me dizem os lidos na Escritura, que he verdade que os Philisteos se levantãõ cõtra Samsam, mas que elle soltou as ataduras, voltou sobre elles, & desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vay de Samsam a Samsam, & de Philisteos a Philisteos. Mas dado que em tudo fora a] semelhãça igual, esta mesma replica cõfirma mais o meu intento. Nam tiverãõ bõ successo os Philisteos, porque ainda que nõs os imitãmos em parte, elles nõ nos derãõ exêplo em tudo. Intentãrãõ, mas não conseguirãõ; porque as diligencias que fizerãõ, não as applicãrãõ a tempo. As diligencias que fizerãõ os Philisteos contra Samsam, foy, atarem-lhe as mãos, & cortarem-lhe os cabellos; mas não aproveitãrãõ estes efeitos, ainda

da q̄ se obrarão, por q̄ de-
vendose fazer ao mesmo
tempo, fizeraõ-se em di-
versos. Quando lhe atã-
rão as mãos, deixáraõ-lhe
ficar os cabellos, com que
teve força para se defatar;
quãdo lhe cortãrão os ca-
bellos, deixáraõ-lhos cres-
cer outra vez, com que
teve mãos para se vingar.
Poís que remedio tinhão
os Philisteos para se livra-
rem de todo, & acabarem
de hũa vez com Samsam?
O remedio era, fazerem
como nõs fizemos, & co-
mo nõs fazemos, & como
nõs havemos de fazer. Em
quanto Samsam estã com
as mãos atadas, cortar-lhe
os cabellos no mesmo tẽ-
po, & acabou-se Samsam.
Assim o podiaõ vencer os
Philisteos com muita fa-
cilidade; que doutra ma-
neira naõ seria tam facil.
Porque se lhe nam cortas-
sem os cabellos, teria for-
ças para defatar as mãos,
& se desatasse as mãos, se-
ria necessaria muita força
para lhe cortar os cabel-
los. Tanto como isto im-

porta executar os reme-
dios a tempo, como nõs,
por mercè de Deos, o te-
mos feito atè agora tam
felizmente, conseguindo a
mayor empreza, & evitaõ-
do o menor perigo; por-
que soubemos esperar pe-
los dias opportunos, co-
mo mandava a Ley espe-
rar pelos da Circumcisãõ:
*Dies oõto, ut circumcidere-
tur puer.*

§. VI.

481 **U***T circumcide-
retur puer, vo-
catum est nomen ejus Jesus.*
Tãto que se circumcidou
o Menino, logo se chamou
Salvador. Mas com que
consequencia? pergunta S.
Bernardo. *Circumciditur
puer, & vocatur JESUS:*
quid sibi vult ista connexio?
Que parêtesco tem o no-
me com a acção, que com-
binaçam tem o salvar com
o circumcidarse? Tres ra-
zoens acho nos Santos;
duas repito, huma só pon-
dero. S. Bernardo, & Eu-
febio Emiseno dizem, q̄
foy

foy a Circúçifam de Christo , *Totius superfluitatis abjectio* , Huma estreita , & muy reformada privada de todo o superfluo. Vinha Christo como Rey , & Redemptor do mundo a remillo , & restaurallo , & a primeira coufa , que fez , como a mais necessaria , & importante , foy estreitar-se em sua pessoa , cercear demasias , cortar superfluidades , & fazer huma prematica geral có seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio*. Muitas graças sejaõ dadas a Deos , que para confirmaçam , ou imitação desta grande razaõ de estado Divina , nam temos necessidade de cançar a memoria , senam de abrir os olhos : nam de resolver escrituras antigas , senão de venerar , & amar exemplos presentes. Assim obra quem assim reyna , assim sabe libertar quem assim se sabe estreitar : *Ut circumcideretur puer , vocatum est nomen ejus JESUS*.

he de Santo Epiphanio , & diz que foy : *Ut confirmaret Circumcisionem , quam olim instituerat ejus adventui servientem*: Que quiz o Redemptor confirmar desta maneira , & honrar a Circumcisaõ , pelo que antes de sua vinda tinha servido. Bem advertido , mas muito melhor imitado. Parece que os decretos do governo de Portugal , & decretos da Providencia Divina corrêrão parellas (quanto pôde ser) na sua , & na nossa redêpçaõ. Decretou Deos , que à Circumcisaõ se lhe confirmassem suas antigas horas , havendo respeito ao bem que tinha servido ; & o mesmo decreto se passou cá ; & com muita razão : *Ut confirmaret Circumcisionem ejus adventui servientem*. Tinha servido a Circumcisaõ no tempo passado , & na Ley Velha , pois honre-se no tempo presente , & premie-se na Ley Nova ; que nam he bem que a felicidade geral venha a ser infortunio dos

dos que servirão. Que a Circumcisão , que tinha tantos annos de serviços, que a Circumcisão, que tinha derramado tanto sangue, houvesse de ser desgraçada, porque o mundo foy venturoso , nam estava isso posto em razam. Pois baixe hum decreto, q̄ lhe confirme effectivamente todas as honras passadas: *Ut confirmaret Circumcisionem, quam olim instituerat*, que he bem que a Ley da Graça premie nam só os serviços seus, senão os da Ley antiga, para mostrar nisso mesmo, que he Ley da Graça. Oh q̄ grande politica esta, assim humana, como Divina ! El Rey Assuero mandava ler as historias, & chronicas do Reyno, para fazer mercês aos que em tempo de seus antecessores tinham servido. El Rey Salamaõ sustentava de sua propria mesa aos filhos de Berzelai, por serviços feitos em tempo, & à pessoa de David : & o Rey dos Reys Christo Redemptor nosso,

483

quando no Monte Thabor desêbargou suas glorias, (que tambem pôde ser expediête estarem embargadas por algum tempo) repartio-as a tres que servião, & a dous que tinham servido: a S. Pedro, a S. Joaõ, & a Santiago, porque a actualmente servião; & a Moyfes, & a Elias, hum vivo, & outro defunto, porque tinham servido em tempos passados. Assim recebe Christo, & authoriza hoje a Circumcisão, conforme as honras do tempo antigo: não porque se quizesse servir della, que já estava muy envelhecida, & a queria aposentar; senam pelo bem, que dantes tinha servido: *Ejus adventui servientem.*

484 A terceira, & ultima razão he de Santo Ambrosio, de Santo Agostinho, de S. Joaõ Chryfostomo, de Santo Thomás, & ainda de S. Paulo, ou quando menos fundada em sua doutrina, & he esta: (Allego tâtos Dou-
tores

tores pela difficuldade da razão.) *Ea ratione pro nobis circumcisus est, ut Circumcisionem auferret.* Recebeo Christo a Circumcisaõ, porque como Author da Ley Nova, queria tirar do mundo a Circumcisaõ. Estranha sentença! Pois porque Christo queria tirar do mundo a Circumcisaõ, por isso recebe, & executa em si a mesma Circumcisaõ? Antes parece que para a tirar do mundo havia de entrar condemnando, desterrando, prohibindo sob graves penas, & nam a admitindo por nenhum caso. Pouco sabe das razoens verdadeiras de Estado que assim discorre. Circumcida-se Christo para tirar do mundo a Circumcisaõ, porque quem entra a introduzir huma Ley nova, não pôde tirar de repente os abusos da velha. Ha de permittir com dissimulação, para tirar com suavidade: ha de deixar crescer o trigo com siza-
 nia, quando não faça mal às raizes do trigo. Todo o zelo he mal soffrido, mas o zelo Portuguez mais impaciente que todos. A qualquer reliquia dos males passados, a qualquer sombra das desigualdades antigas, já tomamos o Ceo com as mãos, porque não está tudo mudado, porque não está emendado tudo. Assim se muda hum Reyno? Assim se emenda huma Monarchia? Tantos entendimētos assim se endireitão? Tantas vontades tam diferentes assim se temperaõ? Rey era Christo, & Rey Redemptor, & nenhuma cousa trazia mais diante dos olhos, que extinguir os usos da Ley Velha, & renovar, & introduzir os preceitos da Nova; & cõter sabedoria infinita, & braços omnipotentes, ao cabo de trinta & tres annos de Reyno, muitas cousas deixou como as achára, para que seu successor S. Pedro as emendasse. Já Christo não estava

tava vivo, quando se rasgou o veo do Templo, figura da Ley antiga. E q̄ cousa se podia representar mais facil, que romper hũ tafetá em trinta & tres annos? Pouco, & pouco se fazem as cousas grandes, & não ha melhor arbitrio para as concluir cõ brevidade, que não as querer acabar de repente. Instituiu Christo Redemptor nosso o Sacramento da Eucharistia, & instituiu-o na mesma mesa, em que estava o cordeiro legal. Pois Senhor meu, que combinação he esta, ou que companhia? O cordeiro com o Sacramento? As ceremonias da Ley Velha com os mysterios da Nova na mesma mesa? Sim, que assim era necessario que fosse, para q̄ viesse a ser o que era necessario. Queria Christo introduzir o Sacramento, & lançar fóra' o cordeiro da Ley, & para isso permitto que o cordeiro estivesse embora na mesma mesa com o Sacramento:

que desta maneira se deterrão com suavidade as sombras das leys velhas, & se vão introduzindo, & conciliando os resplandores das novas. Estejão agora juntos o Sacramento, & o cordeiro, que à manhã irá fóra o cordeiro, & ficará só o Sacramento. Com este vagar faz Deos as cousas, & assim quer q̄ as fação os que estão em seu lugar: (quando ellas o sofrem) & tenha mais paciencia o zelo, não seja tão estreito de coração. Mais doe aos Reys que aos vassallos dissimular cõ algumas cousas; mas por força se hão de fazer assim, para se não fazerem por força. Muito lhe doco a Christo, gotas de sangue lhe custou contemporizar com a Circumcisaõ; mas foy necessario dissimular com dor, para remediar com successo. Não he o mesmo permittir, que aprovar, antes o que se permite já se suppoem condemnado. A benevolencia, & dissimulaçãõ, como são
affe-

afectos da mesma cor, equivocou-se facilmente nas apparencias; & quantas vezes se chorárao ruínas, os que se envejaram favores! Vem a ser industria no Principe, o que he razão de Estado no Lavrador, que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro. Assim abraçou Christo a Circumcisão, porque a queria cortar, & arrancar do mundo: *Ea ratione circumcisus est, ut circumcisionē auferret.* Mostrando na suavidade desta razão, & nas outras cousas porque se circumcidou, quam bem se proporcionava cô os meyoys, o nome que lhe puzeram de Salvador: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus JESUS.*

487 Mas porque se chamou Salvador? Porque não tomou outro nome? Que o não tomasse de algum attributo de sua Divindade, bem está, pois vinha a ser homem: mas ainda sem quanto homem tinha Christo a mayor di-

gnidade da terra, que era a de Rey. Pois já que havia de tomar o nome do officio, & não da pessoa, porque não se chamou Rey, porque se chamou Salvador? A razão deo Tertulliano: *Gratus illi erat pietatis nomen, quam maiestatis.* Deixou Christo o nome de Rey, & tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome de piedade, que o titulo de Magestade. O nome de Rey era nome magestoso, o nome de Salvador era nome piedoso: o nome de Rey dizia imperar, o nome de Salvador dizia libertar; & fazendo o Senhor a eleição pela estimação, tomou o de nosso remedio, deixou o de sua grandeza. Por isso os Anjos na embaixada que derão aos Pastores, puzerão primeiro o nome de Salvador, & depois o nome de unguido: *Quia natus est vobis hodie Salvator, qui est Christus Dominus.* Luc. 2. 11. E por isso no titulo da Cruz se chamou o Senhor

Joan. 19
17.

JESUS Rey, & não Rey

JESUS : *JESUS Naza-**renus Rex Judæorum* ; pa-

ra mostrar no principio,

& no fim da vida, que es-

timava mais o exercicio

de nossa liberdade, que a

grandeza de sua Magesta-

de: *Gratius illi erat pieta-**tis. Se os corações pu-*

488

derão discorrer sensivel-

mente, quanto melhor fal-

lárão neste passo, do que

os poderá copiar a lin-

gua? Isto que Tertullia-

no disse pelo primeiro Li-

bertador do genero hu-

mano, pudemos nós di-

zer com acção de graças

pelo segundo Libertador

de Portugal. O qual nes-

ta felicissima, & verdadei-

ramente real acção mos-

trou bem quanto mais es-

timava o nome da pieda-

de, que o titulo da Mage-

dade; pois convidado tan-

tas vezes para a grandeza,

regeitou generosamente o

Cetro; & agora chamado

para o remedio, aceitou

animosamente a Coroa:

*Gratius illi erat pietatis no-**men, quàm maiestatis. Rey*

não por ambição de rey-

nar, senão por compaixão

de libertar: Rey verda-

deiramente imitador do

Rey dos Reys, que sobre

todos os titulos de sua

grandeza estimou mais o

nome de Libertador, &

Salvador: *Vocatum est no-**men ejus JESUS.*

§. VII.

489

A Cabouse o Eu-

angelho, & eu

tenho acabado o Sermão.

Mas vejo que me estaõ ca-

lumniando, & arguindo,

porque não provei o que

prometti. Prometti fazer

neste Sermão hum juizo

dos annos que vem, &

eu não fiz mais que re-

ferir os successos dos an-

nos passados. Mostrei a

razão das profecias, as di-

laçoens da esperança, a

oportunidade do tempo,

o acerto dos decretos, a

propriedade, & mereci-

mento do nome, & tudo

isto he historia do que foy,

& não pronostico do que

ha

ha de ser. Ora ainda que o não pareça, eu me tenho desempenhado do q̄ prometti, & todo este discurso foy hum pronostico certo, & hum juizo infallivel dos annos que vem. Tudo o que disse, ou foram profecias cumpridas, ou beneficios manifestos da mão de Deos; & em profecias, & beneficios começados, o mesmo he referir o passado, que pronosticar, & segurar o futuro.

490 Partio Christo desterrado a Egypto, & diz o Euangelista S. Mattheos: *Ut impleretur, quod dictum est per Prophetam. Ex Egypto vocavi filium meum*: que aqui se cūprio a profecia do Profeta Oseas, em que dizia Deos, que havia de chamar, & tirar do Egypto a seu Filho. Dificultoso lugar! Argumento assim: As profecias não se cūprem, senão quando succedem as cousas profetizadas: Christo nam voltou do Egypto senão dahi a sete

annos: logo não se cūprio então, nem se pode cumprir esta profecia de Oseas. Se dissera o Euangelista que se cūpria a profecia de Isaias: *Ecce*

Isai. 19.
1.

Dominus ascendet super nubem levem, & ingreditur

Egyptum: claro estava, mas dizer, quando entrou no Egypto, que então se cūprio a profecia de quando sahio, que não foy senão dahi a tantos annos, como pôde ser? Reparo foy este de Ruperto Abade, o qual satisfaz à duvida com hũa razão mystica; mas a literal, & que nos serve, he esta. Como

491

as profecias quanto à evidencia se qualificam pelos efeitos, & na execução do que promettem tem a canonização de sua verdade; he consequencia tam infallivel, cumpridas as primeiras profecias, haverem-se de cumprir as segundas, que quando se mostra o cumprimento de humas, logo se podem dar por cumpridas as outras. Por isso o Euange-

litta ainda discursando humanamente , quando vio que se cumpria a profecia de Christo entrar no Egypto, deo logo por cūprida tambem a profecia de haver de voltar para a patria, & assim disse : *Ut impleretur quod dictum est per Prophetam* : que entrão se cumprio o que tinha profetizado Oseas, não quanto à execuçam, senão quanto à evidencia: porque o cumpriemento da profecia passada, era nova & certa profecia de se cūprir a futura; que se numa parte não faltou o effeito, como poderia faltar na outra ? Muitas felicidades tem logo que ver Portugal nos annos seguintes, & muitas lhe tenho eu pronosticado neste Sermão ; porque como as mesmas profecias , que promettêrão o que vemos cumprido , promettem ainda outros mayores aumentos a este Reyno , ou a este Imperio, como ellas dizem : o mesmo foy referir o desempenho feli-

cissimo das profecias passadas, que pronosticar, antes segurar com firmeza o cumpriemento infallivel das que estão por vir. Se as nossas profecias na parte mais difficullosa foram profecias , na parte mais facil, que resta , porque o não serám ?

492 Sete cousas profetizou o Anjo Embaixador à Virgem Maria: *Ecce concipies in utero, & paries filium, & vocabis nomen ejus JESUM. Hic erit magnus, & filius Altissimi vocabitur, & dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, & regnabit in domo Jacob in æternum, & Regni ejus non erit finis.* que conceberia; que pariria hum filho; que lhe poria por nome JESUS; que seria Grande; que se chamaria Filho de Deos; que Deos lhe daria o throno de David seu pay; que reynaria na casa de Jacob para sempre; & que seu Reyno não teria fim. E destas sete profecias, vendo cumprida Santa Isabel

fôa primeira, pelos effeitos della, julgou que se havia de cumprir todas as
 45. mais : *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* O mesmo discurso fiz eu, & o devemos fazer todos os Portuguezes, se não queremos ser hereges da boa razão, & de huma fé mais que humana, dando todos o parabem a Portugal, & chamandolhe mil vezes felice : *Quoniam perficientur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino.* Porque como se começarão a cūprir as profecias em sua restauraçãõ, assim as levará Deos por diãte, & lhes darà o cumprimento gloriosissimo, q̃ ellas promettem. Atè agora era necessaria pia affeiçãõ para dar fé às nossas profecias ; mas já hoje basta o discurso, & boa razão ; porque os effeitos presentes das passadas, são nova profecia dos futuros ; bem assim como (para que atè aqui nos nam faltè o Euangelho) a imposição do nome de Jesv,
 Tom. II.

q̃ hoje chamaraõ a Christo: *Vocatum est nomen ejus JESUS* : foy cumprimẽto do que estava profetizado, & profecia do que estava por cumprir. Foy cumprimento do que estava profetizado, porque profetizado estava, que se chamaria Jesvs o Filho da Virgem: *Paries filium, & vocabis nomen ejus Jesum.* Foy profecia do que estava por cumprir ; porque o nome de JESU, q̃ quer dizer Salvador, era profecia que havia de salvar Christo, & remir o genero humano: *Vocabitur nomen ejus JESUS: ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum.* Matt. 1.
21.

§. VIII.

493 **N**Os beneficios passa o mesmo. Muitos lugares pudera trazer, hum só digo, que pela propriedade do nome tem privilegio de se preferir a todos. Nacço S. Joaõ Baptista, & asfentãrão comfigo os vishos
 Cc iij nhos

nhos daquellas mōtanhas, que havia de fer o minino pessoa notavel, & q̄ esperavaõ grandes venturas em seus mayores annos:

Luc. 1.
66.

Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit? Pois donde o tiraraõ estes homens? que fundamento tiveraõ para se resolverem tam assentadamente nas grandezas de Joaõ, & em seus aumentos? O fundamento que os moveo, elles mefmos o differaõ, ou o Euangelista

Ibid.

por elles: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.* Viaõ os milagres, viã as maravilhas, viã as mercès extraordinarias, que Deos com maõ tam liberal fazia a Joaõ logo em seus principios, & do *erat*, tiraraõ o *erit*; das experiencias do que era, inferiaõ evidencias do que havia de fer; porque aquelles beneficios de Deos presentes eraõ pronosticos das felicidades futuras: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Assim como a Chiro-

mancia humana, quando quer dizer a boa ventura, olha para as maõs dos homens; assim a Chiromancia Divina, a arte de adivinhar ao celeste olha para as maõs de Deos, & como a maõ de Deos estava tam liberal com Joaõ: *Etenim manus Domini erat cum illo*: na disposiçam destas primeiras liberalidades, como em caracteres expressos, estavaõ lendo a successaõ das futuras, & das grandezas maravilhosas, que jaõ erã, julgavaõ as que correndo os annos, haviã de fer: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim manus Domini erat cum illo.*

494. Ora grande simpatia tem a maõ de Deos com o nome de Joaõ. Bem o mostrou o Senhor na felice Acclamação de Sua Magestade, que Deos nos guarde, como ha de guardar muitos annos; pois aos eccos do nome de Joaõ, despregou da Cruz o braço o mesmo Christo, asseguraõdonos, que assim como

como a mão de Deos estivera com o primeiro João de Judea, assim estava, & havia de estar sempre com o Quarto de Portugal: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Bem experimentamos esta assistência nos successos que referi, & em todos os felicissimos do anno passado, que em todas as cousas que Sua Magestade poz a mão, poz também a Divina a sua. E se estes, ou semelhâtes effectos da mão de Deos forão bastâtes pronosticos para huns montanhezes rusticos, affaz claro foy o modo de pronosticar, que se guí, fallando entre Cortezãos tam entendidos. Nem aqui tambem nos faltou o Euangelho; porque se nos confirmou a primeira razão cõ o mysterio do nome de JESU, agora nos prova a segunda com o da Circumcisaõ, da qual dizem commumente os Doutores, que aquelle pouco fangue, q̃ o Senhor derramou hoje no Presépio, foy final, &

comõ pênhor de haver de derramar todo na Cruz; que como Deos he liberal com omnipotencia, & bõ sem arrependimento, o mesmo he fazer hum beneficio menor, que pênhorarse a outros mayores. E se estes beneficios, que da Divina mão temos recebido, se podem chamar menores, os mayores quam grandes seraõ?

495 Nem nos desconfiem estas esperanças, os temores que propuzemos ao principio da variedade dos successos da guerra, da inconstancia das felicidades do mundo; porque só as felicidades, que vem por mão dos homens, saõ inconstantes; mas as que vem por mão de Deos, saõ firmes, saõ permanentes. Quando Josué à entrada da terra de Promissaõ venceu aquellas primeiras, & milagrosas batalhas; mostrando os inimigos mortos aos Soldados, lhes disse, o que eu tambem digo a todos os Portuguezes;

Josue 10
25.

zes: *Confortamini, & estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos dimicatis.* Grande animo valentes Soldados, grande confiança, valerosos Portuguezes, que assim como vencestes felizmente estes inimigos, assim haveis de vencer todos os demais; que como saõ vitorias dadas por Deos, este pouco sangue, que derramastes em se de seu poderoso braço, he pronostico certissimo do muito que haveis de derramar vencedores: nam digo sangue de Catholicos, que espero em Deos que se haõ de desapaixonar muito cedo nossos competidores, & que em vosso valor, & seu defengano, haõ de estudar a verdade de nossa justiça; mas sangue de Hereges na Europa, sangue de Mouros na Africa, sangue de Gentios na Asia, & na America, vencendo, & sujeitando todas as partes do mûdo a hũ só Imperio, para todas em humia Coroa

as meterem gloriosamente debaixo dos pès do Successor de S. Pedro. Assim o contaõ as profecias, assim o promettem as esperanças, assim o confirmaõ estes felices principios, q̃ a Divina bondade se sirva de prosperar atè os fins felicissimos, q̃ desejamos, que saõ os com que remata hum Sermaõ deste dia S. Bernardo, cujas palavras tantas vezes tem sido profecias a Portugal: *Multiplicabitur sanè ejus Imperium, ut meritò Salvator dicatur pro multitudine etiam salvandorum, & pacis non erit finis.*

496 Para que nossas oraçoẽs comecem a obrigar a Deos, não peço tres Ave Marias, senaõ tres petiçoens do Padre nosso: *Sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum: Fiat voluntas tua.* Santificado, & glorificado seja, Senhor, vosso nome; porque ao nome santissimo de JESUS, como a primeiro, & principal Libertador reconhecemos dever a liber-

berdade , que gozamos. *Adveniat Regnum tuum:* Venha a nós , Senhor, o vosso Reyno: vosso, porque vosso he o Reyno de Portugal , que assim nos fizestes mercè de o dizer a seu primeiro fundador El-Rey Dom Affonso Henriques: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire.* E por isso mesmo *adveniat*, venha; porq̃ como ha de ser Portugal hum tam grande Imperio, posto q̃ tem já vindo todo o Reyno, que era, ainda o Reyno, que ha de ser, nam tem vindo todo. E para q̃ nossas más correspondencias não desmereção tan-

to bem: *Fiat voluntas tua:* Fazei, Senhor; que façamos inteiramête vossa santa vontade; porque assim como nos pronosticos humanos para advertir sua contingencia se diz: Deos sobre tudo; assim eu neste Divino, para assegurar sua certeza , digo tambem: Deos sobre tudo; porque se sobre tudo amarmos a Deos, cumprindo perfeitamente sua vontade , sem duvida se inclinará o Senhor a ouvir, & satisfazer os affectos da nossa, perpetuando a successam de nossas felicidades na perseverança de sua graça: *Quam mihi, & vobis, &c.*



S E R M A M

QUINTA DOMINGA

da Quaresma,

Em Lisboa, na Capella Real,

Anno de 1655.

Quis ex vobis arguet me de peccato? Si veritatē dico vobis, quare non creditis mihi? Joan. 8.

S. I.

497



Hũa Corte, & seus Principes, à Corte de Jerusalem, & aos Principes dos Sacerdotes prègou Christo hoje hum Ser-

maõ, cujo exordio em duas clausulas he o que eu tomei por thema. O Sermaõ já naquelle tempo accommodandose ao lugar, & aos ouvintes, foy de hũa famoso Acto da Fé contra os Judeos. Na primeira clausula provoulhe o

Sc-

Senhor que era o Messias: na segunda convêceo os, & condenou-os de o nam crerem. *Quis ex vobis arguet me de peccato?* Quem de vós me arguirá de peccado? Nesta pergunta, a que não podião respóder, né replicar, provou Christo com evidencia que era o Messias; porque homê sem peccado ninguem o foy, nem podia ser, senão hum homem q fosse jutamente Deos, qual era o Messias prometido na Ley. E se eu, (côtinua a segunda clausula.) & se eu sou o Messias, & como verdadeiro Messias vos digo a verdade: *Si veritatem dico vobis*; porque me não credes á mim: *Quare non creditis mihi?* Se eu sou o esperado, porque nam sou crido? Se a vossa esperança he esta; porque não cócordais a vossa fé com a vossa esperança? Day a razão que não tendes, né podeis ter: *Quare, quare?*

498 A minha obrigação hoje, como sempre, he seguir o exemplo de Chri-

sto, & o Texto do Evangelho. E sendo o tempo, o lugar, & o auditorio tam diverso, qual será o Sermao? Nas circunſtancias será tambem diverso; mas não assumpto o mesmo. O assumpto; & Sermao de Christo foy de: hum Acto da Fè contra os Judeos; o meu será de outro Acto da Fè, não cótra os Judeos, senão cótra os Christaos. Prazá à bondade; & misericordia Divina que se não verifique tambem em nós a maldiçaõ do Povo Judaico; que tendo olhos não vejaõ, tendo ouvidos não ouçaõ, & tendo, ou devendo ter entendimento, não entendaõ: *Excæca cor populi hujus, & auribus ejus aggravata, & oculos ejus claudet: ne forte videat, oculis suis, & auribus suis audiat, & corde suo intelligat.*

Isai. 61.
10.

499 **D**Eixados os Judeos, que não creemna Christo, como verdadeiro Messias,

& fallando cõ os Christaõs que o cremos, confessamos, & adoramos, com as mesmas palavras convence o Divino Prægador a huns, & a outros; mas muito mais forte, & muito mais efficazmente aos Christaõs: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Que diz Christo aos Judeos? Se vos digo a verdade, porque me não credes? Que diz Christo aos Christaõs? Se credes a verdade que vos digo, porque a não obrais? Os Judeos erraõ em não concordar a sua fé com a sua esperança: os Christaõs erraõ em não concordar a sua vida com a sua Fé: & qual he mayor erro, & mayor cegueira? Nam ha duvida que a dos Christaõs. Porque? Porque a fé he das cousas que não se vem: *Argumentum non apparentium*; & o não crer pôde ter alguma desculpa nos olhos: porèm crer huma cousa, & obrar a cõtraria, nenhuma desculpa pôde ter, nem apparencia

de razaõ ainda falsa. Aqui nos aperta a nõs mais que aos Judeos aquelle *quare*. *Quare?* Porque razaõ? Day-a cà. Todos os que aqui estamos, por mercè de Deos, somos homens, & somos Christaõs: em quanto Christaõs somos obrigados a ter Fé; em quanto homens, somos obrigados a dar razaõ: & se eu tenho razaõ para crer o que Christo diz, q̄ razaõ posso ter para nam fazer o que Christo diz? Se tenho razaõ para dar a vida pela Fè, que razaõ posso ter para não concordar a Fè com a vida?

500 Dito he antigo, & como verdadeiro, & discreto muito celebrado, q̄ na Christandade não havia de haver mais q̄ duas prisõens, a dos carceres do Santo Officio, & a da casa dos Orates. Porque hum homem qualquer que seja, ou tem Fé, ou não tem Fé: se não tẽ Fé, he herege, & pertence aos carceres do Santo Officio: se tẽ Fé, & crẽ q̄ ha Deos, &

& Ceo, & Inferno, & com tudo vive, como se o nam crera, he rematadamente doudo, & pertence à casa dos Orates. Os Judeos do nosso Evangelho, de hũa, & outra censura, & de huma, & outra pena se mostrarão bem merecedores. Quanto à fé, & ao *creditis*, não só negarão a fé a Christo, *non creditis mihi*; mas à sua infidelidade acrescentarão blasfemias: *Nome benè dicimus nos, quia Samaritanus es tu, & dæmonium habes?* Desorte que no mesmo Acto da Fé, & no mesmo Cadafalso, se pela infidelidade merecião a fogueira, pela blasfemia merecião a mordaga. E quanto ao juizo, & ao uso da razão, *quare*: diz o Texto que tomárão pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum.* No sagrado do Têplo nem as pedras eraõ taõ mudas, nem taõ soltas, que as pudeffem tomar alli: final he logo que já as trazião comfigo. Vede se

merecião ser levados à casa dos Orates, pois não só erão doudos, senão doudos de pedras?

501 Passemos agora de Jerusalem à Christianidade. Por ventura he melhor o nosso uso da razão, que o seu *quare*? he melhor a nossa Fé, que o seu *non creditis*? Não crer, he ter o entendimento cego, & obstinado: crer huma cousa, & obrar outra, he totalmente não ter entendimento: se não temos entendimento, não somos homens: se não temos Fé, não somos Christãos. Que somos logo? Terrível consequencia huma, & outra! Se não somos homẽs, quando muito somos animaes: se não somos Christãos, & Catholicos, quando menos somos herèges. Não me atrevèra a dizer tanto, senão tivera experimentado ambas estas consequencias, & visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem: (Seja-me licita a narraçam do caso, que por raro, & proprio

prio'do intento , he bem notavel.) Nesta ultima viagem minha, q̄ foy das Ilhas a Lisboa , em que aquella travessa no Inverno he huma das mais trabalhosas : o navio era de hereges , & hereges o Piloto, & Marinheiros : os passageiros eramos alguns Religiosos de differentes Religioens , & grande quãtidade daquelles musicos Insulanos, que com os nossos rouxinoes , & pintacilgos vem cã a fazer o coro de quatro vozes, canarios, & melros. As

502 tempestades forão mais q̄ ordinarias, mas os effeitos q̄ nellas notey, verdadeiramente admiraveis. Os Religiosos todos estavamos occupados em oraçoens, & Ladainhas , em fazer votos ao Ceo, & exorcismos às ondas, em lançar reliquias ao mar, & sobre tudo em actos de contrição , confessandonos como para morrer huma, & muitas vezes. Os Marinheiros, como hereges , com as machadinhas ao

pè dos mastos comiaõ , & bebiaõ alegremente mais que nunca , & zombavaõ das nosias que elles chamavão ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foraõ de instrumêtos musicos, desfaziaõse em cantar. Oh valhame Deos! Se o trabalho , & o temor nam levassẽ toda a attenção, quem se não admiraria neste passo de effeitos tam varios, & tam encontrados , sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio , todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo , & huns a cantar , outros a zombar, outros a orar , & chorar? Sim. Os passarinhos cantavão, porque não tinham entendimento: os hereges zombavão , porque nam tinham Fé : & nõs que tinhamos Fè , & entendimento , bradavamos ao Ceo, batiavamos nos peitos, choravamos nossos peccados.

quinta Domingo da Quaresma.

437

503 Isto he o que eu vi, & passy, & isto mesmo o que nós nam vemos, estando no mesmo, & em peyor, & mais perigoso estado. A travessa he da terra para o Ceo, & da vida mortal para a eternidade: o mar he este mundo: os navegantes somos todos: o navio o corpo de cada hum, tam fraco, & de tam pouca resistencia por todos os costados: & a tempestade, & as ondas muito mayores: *Ascendunt usque ad Caelos, & descendunt usque ad abyssos:* são tam grandes, ou tam imensas as ondas, diz David, que humas sobem atè o Ceo, & outras deecem aos abyssos. Isto que nos Poetas he hyperbole, no Profeta he verdade pura, & certa sem encarecimento. Se quando a onda vos affoga, estais em graça, poem-vos no Ceo: *Ascendunt usque ad Caelos:* se quando vos çoçobra, & tolhe a respiração, estais em peccado, metevos no inferno: *De-*

scendunt usque ad abyssos. E que no meyo de hum perigo mais que horrivel, & tremendo, em que o menos que se perde he a vida, huns não temão, & cantem, outros zombem, & não fação caso, & sejaõ tam poucos os que se cõpunjaõ, & tratem da salvação? Sim outra vez; porque os menos saõ os que tem entendimento, & Fè: os demais nem tem Fè, nem entendimento. Ora já que todos himos embarcados no mesmo navio, pergunte-se cada hum a si mesmo, a qual destas partes pertence. Sou dos que cantaõ? Sou dos que zombaõ, ou sou dos q̃ choraõ? Sou dos Christaõs, & Catholicos, ou sou dos hereges? Sou dos homês com uso de razão, ou dos irracionaes? Que as avefinhas não reconheçaõ o perigo da vida, nam alcança mais o seu instinto: que os hereges nam temaõ a estreiteza da conta, esta he a cegueira da sua infidelidade: mas que hum

504

hum homem Christão no meyo destes dous perigos com a morte , & a conta diante dos olhos , neste mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos , & zombando ao balanço das ondas ! Christão , aonde está a tua Fè ? homem aonde está o teu entendimento ? Se tens uso de razão , dà cá a razão : *Quare, quare ?*

§. III.

505 **H**E tam difficultosa , & tam impossivel esta razão , que nenhum homem ha , nem houve , nem haverá , que por mais voltas que dê ao entendimêto, a possa dar , não digo verdadeira , & solida , mas nem ainda falsa , & apparente. Se consultardes os bons , & os justos que caminão pela estrada real da verdade , & da virtude , todos haõ de dizer , & dizem constantemente que a vida se ha de concordar cõ a Fè. E se fizerdes a mes-

ma pergunta aos máos , & aos pessimos que seguem os caminhos do erro , & os precipicios da infidelidade , até estes , se não reponderem que a vida se ha de conformar com a Fè , ao menos haõ de dizer que a Fè se ha de conformar com a vida. Ouvi agora huma notavel ponderação , & tam certa , como admiravel. Sendo a Fè huma só Fè , assim como Deos he hum só Deos : *Unus Deus, una Fides* ; qual he o fundamento , ou motivos porque os homens se dividirão em tantas feitas ? Nam ha duvida q̃ se lhe cavarmos ao pè , & lhe buscarmos as raizes , acharemos que todas se semeãraõ nos vicios , & delles brotáraõ , & naceraõ. Primeiro se depraváraõ as vontades , & depois se pervertéraõ os entendimentos. Epicúro era delicioso , Masfoma era torpe , Lutéro , & Calvino eraõ relaxados da sua profissam , & depois depravados em tudo. Vinde cá máos homens,

mens, sede embora máos, & viciosos, vivey embora, ou na mà hora, à vossa vôtade, largay a redea a vossos appetites; mas não façais, nem inventeis novas feitas. Epicúro seja quam delicioso quizer; mas não negue a Deos o attributo da justiça, para que os homens tenham por bemaventurança as delicias. Mafoma seja tam torpe, & taõ abominavel como foy; mas não faça tambem torpe o Ceo, para que os homens esperem na bemaventurança as torpezas. Lutéro, & Calvino vivaõ tam viciosa, & depravadamente como viverão; mas nam ensinẽ q̃ o sangue de Christo nos ha de salvar sem cooperação nossa, para q̃ os homens creão que pòde haver salvação, & bẽaventurança sem obras. Pois se estes homens podião fatar a bruteza dos seus appetites sem aggravo, nem mudança da Fè; porque a mudãram tam cegamente, & formãram feitas taõ barbaras, & taõ

novas?

507 Aqui vereis como não ha entendimento tam depravado, & taõ ceigo, nem erro tam irracional, & tam atrevido, que ditasse, ou admittisse já, mais que a vida nam havia de concordar com a Fè. A vida, dizião todos, necessariamente ha de concordar cõ a Fè: nõs nam queremos mudar a vida, senão continuar em nossos vicios; que faremos logo? Não temos outro meyo, senão trocar os mesmos extremos, & mudar a Fè, porque desta maneira, já que a vida nam concorda com a Fè, ao menos a Fè concordarã com a vida. Nam queremos fazer vida nova? pois façamos Fè nova: & assim o fizeram. Assim o fez na Gentilidade Epicúro: assim o fez no Paganismo Mafoma: assim o fizeraõ na Christandade Lutéro, & Calvino: & se tornarmos ao Acto da Fè dos Judeos; assim o tinhaõ elles já feito

muito antes de todos.

508 No Capitulo 32. do Deuteronomio, parte referindo o passado, & parte profetizando o futuro, se queixa Moyses de que viessem ao Povo de Israel deuses novos, q̄ seus pays nam tinhaõ conhecido: *Immolaverunt dijs, quos ignorabant: novi recentisque venerunt, quos non coluerunt patres eorum.*

Deut.
32.17.

Exod. 3.
6.

O Deus antigo, & verdadeiro em que crêraõ seus pays, era aquelle que pelos honrar, & se honrar delles, se chamava, *Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob.* E donde aos filhos de Abraham, Isaac, & Jacob, deixado o Deus antigo, & verdadeiro, lhe vieraõ estes deuses novos, & falsos: *Novi, recentisque, venerunt?* Vieraõlhe do Egypto: vieraõlhe de Canaã, & vieraõlhe da mesma terra de Israel. Vieraõlhe do Egypto; porq̄ esquecidos da doutrina de Joseph, imitárão as larguezas, & intemperanças dos Egyptios, & adorárão os deo-

ses do Egypto. Vieraõlhe de Canaan; porque desprezada a Ley que já tinham recebido de Moyses, sem freyo de ley, nem ração, seguirão as cegueiras, & vicios dos Canaões, & adorárão os deuses de Canaan. Vieraõlhe da mesma terra de Israel; porque abraçando os preceitos impiamente politicos de Jeroboão, deixavão o unico Templo de Deus verdadeiro em Jerusalem, & em todos os montes, & bosques levantavão altares aos idolos da gentildade, & se fartavão das torpezas, & abominações dos seus sacrificios. Desorte que não forão os primeiros que vierão os deuses novos, senão os vicios novos: nem foy a fê, ou superstição nova a que ensinou o modo de viver novo; mas a novidade das vidas, & dos costumes foy a que introduzio a novidade dos deuses: *Novi, recentisque venerunt.*

509 Aqui se deve notar de caminho huma advertencia

tencia digna de grande reparo, & de grande doutrina, & delengano para os que ainda não acabão de crer em Christo; & he, com quanta verdade disse David ser cegueira propria dos Judeos não só errar na Fè, senão errar sempre: *Et dixi, Semper hi errant corde.* Vede-o no tempo passado, & no presente. De maneira, filhos de Abraham, Isaac, & Jacob, que no tempo da Ley Velha buscaveis deoses novos: *Novi recentesque venerunt*; & no tempo da Ley Nova buscais, & adorais o Deos velho? Não he isto errar sempre? Respondem que não: & parece que dizem bem, porque os Judeos deste tempo não adorão idolos. E se não adorão idolos como seus antepassados, o q̄ elles confessão, & nam podem negar, que he o q̄ adorão? Dizem que adorão a unidade de Deos, q̄ he a frase com que se explica em toda a parte. Agora torno eu a pergun-

tar: E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que he Trino? Não. E esse Deos, cuja unidade adorais, confessais tambem que se fez homem? Não. Logo tam idolatras sois agora, como fostes antigamente; porque adorar o Deos verdadeiro, negado que he Trino, & adorar o Deos verdadeiro negando que se fez homem, he adorar hú deos que não ha, he adorar hum deos fingido, & falso, que he a verdadeira idolatria. E senão, vamos à experiencia. A verdadeira Fè entre os Judeos nunca chegou a durar quarenta annos, como notou o mesmo David no mesmo lugar: *Quadragesima annis proximus fui generationi huic, & dixi, Semper hi errant corde.* Pois se quando a vossa Fè não chegava a durar quarenta annos, Deos sempre se compadeceo de vós, & vos acudio, livrandovos de tantos cativos, mandandovos Profetas, & Redemp-

res;

510

Ibidem.

res; agora que ha mil & seiscientos annos que perseverais nessa Fè do verdadeiro Deos, porque vos não acode? Porque essa que vòs chamaes Fè, he tam verdadeira idolatria, & muito mais refinada do que era dantes.

S. I V.

511 **M**As continuemos o Acto da Fè dos Christãos, com os quaes o juizo do meu discurso nam ha de ser menos recto. Acabamos de dizer, que os Judeos tambem seguirão, ou anticiparão os passos dos Gentios, dos Pagaõs, & dos Hereges, em trocar, & mudar a Fè para a concordar com a vida; agora saibamos se os Christãos procedem mais coherentemente, & conforme à razão, & se respondem melhor àquelle *quære*. Os outros mudão a Fè, os Christãos não a mudão: a Fè dos outros mudada, he falsa; a Fè dos Christãos conservada, he a verdadeira: mas se olhar-

mos para as vidas; as dos outros concordão com a sua Fè: as de muitos Christãos não concordão com a sua. Quaes vivem logo, & procedem mais coherentemente, & mais conformes com a razão? Não ha duvida: (miseria, & vergonha grande!) não ha duvida que mais conforme à razão procede o Gêntio, mais conforme à razão o Pagão, mais conforme à razão o Herege, & mais conforme à razão o Judeo, que saõ todas as quatro especies da infidelidade. E porque? Porque todos esses seguem cõ a vida o que crem com a Fè: & o máo Christão cõ a Fè cre hũa cousa, & cõ a vida segue outra. Ouçamos neste ponto ao homẽ mais zelador da verdadeira Fè, Elias. Estava no seu tempo o Povo de Israel quasi no mesmo estado, ou verdadeiramente no mesmo em que hoje vemos a Christandade. E que fez o grande Profeta? Quando Jacob acabou

bou a luta com o Anjo, tocoulhe o Anjo em hum joelho, com que dahi por diante ficou manco: *Teti-^{n. 32}git nervum femoris ejus, &^{31.} statim emarcuit: ipse verò claudicabat pede.* O joelho significa a adoração, & o manquejar Jacob de hum joelho, significava que o Povo de Israel descendente do mesmo Jacob, com hum joelho, que era o saõ, & direito, havia de adorar o verdadeiro Deos, & com outro, que era o manco, & torcido, havia de adorar os idolos. E tal era o estado em que naquelle tempo se achava o mesmo Povo por huma parte adorando o Deos de Israel, & por outra o idolo de Baal. Vendo pois Elias esta differença, & confusão de adoraçoens tam discordes, & tam côtrarias, convocou o Povo, & disselhe desta maneira: *Usquequo claudicatis in duas partes?* Atè quando, ó Povo infensato, haveis de manquejar na Fè, divididos, & discordes de vós

mesmos em duas partes? *Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum:* Se o Deos de Israel, a quem eu adoro, he o verdadeiro Deos, segui o Deos de Israel: & se Baal, a què vós adorais, he o Deos verdadeiro, segui a Baal.

§ 13 Só a espada de Elias podia cortar tam direito, & fallar tam resolutamente. Ouvida a galharda proposta, diz o Texto sagrado, que todo o Povo emudeceo, & nam houve quem abrisse a boca, ou replicasse huma só palavra: *Et non respondit ei Populus verbum.* É porque razãõ, *quare?* Porque assim como nam ha cousa mais coherente, nem consequencia mais posta em razãõ, q̃ seguir hũ homẽ cõ a vida aquillo q̃ adora, & crè com a Fè; assim nam ha, nem pôde haver dictame mais irracional, & mais contrario a toda a razãõ, que crer hũa cousa com a Fè, & seguir outra com a vida. Ou a Fè

Ibidem.

seja de Deos , ou a Fè
seja de Baal , sempre a vi-
da, & as obras haõ de se-
guir a Fè. Crer em Deos,
& seguir a Deos, huma, &
outra cousa era boa : crer
em Baal, & seguir a Baal ,
huma , & outra cousa era
mã. Mas posta huma vez
a Fè de Deos verdadeira ,
& a fé de Baal falsa , tam
errada consequencia era ,
& tam contraria a toda a
razaõ nam seguir a Baal ,
como nam seguir a Deos:
*Si Dominus est Deus , se-
quimini eum ; si autē Baal ,
sequimini illum.*

514 | Christaõs, (os
que nam obramos o que
devemos) a quem adora-
mos ? a quem cremos ? a
quem seguimos ? *Usque-
quo claudicatis in duas par-
tes?* Será bem que tenha-
mos hum pè em Roma a-
dorando a Christo , outro
em Constantinopla guar-
dando o Alcoraõ ? Hum
em Roma beijando o pè a
S. Pedro, outro em Jerusa-
lem beijando a maõ a He-
rodes ? Hum em Roma
rezando a Santa Maria

Mayor, outro em Chipre
offerecendo sacrificios à
deosa Venus ? Hum em
Roma visitando as sete
Igrejas , outro em Lon-
dres , ou Amsterdam pro-
fanando os altares , & per-
dendo a reverência às ima-
gens sagradas ? Isto faz o
Turco , o Judeo , o Genti-
o , o Herege, & cada hũ
conforme a sua fé : &
sendo a nossa tam contra-
ria, ferà bem que em nós
Christaõs, & Catholicos se
ache o mesmo ? Se nam
concordar a vida com a
Fè, he hum dictame tam
barbaro, & tam irracional,
que nam cabe no entendi-
mento de Lutero, que naõ
cabe no entendimento de
Epicúro , que nam cabe
no entendimento de Ma-
foma ; & como cabe no
nosso entendimento ? Pôr
a bemaventurança nas deli-
cias como Epicúro, he ser
Gentio ; passe : pôr a bem-
aventurança nas torpezas
como Mafoma , he ser
Turco ; seja : esperar a
bemaventurãça sem obras
como Lutero, & Calvino,
he

he ser Herege; vã na mã hora. Mas ser Christaõ na Fè, & a vida ser de Epicúro? Ser Christaõ na Fè, & a vida ser de Mafoma? Ser Christaõ, & Catholico na Fè, & a vida ser de Lutero, & de Calvino; em que entendimento pôde caber tam rematada locura? Ha quẽ respõda, ha quẽ dè razãõ, ha quẽ diga o *quare*?

515 O Povo Judaico junto, ficou tam convencido da propõsta de Elias, que todo emudeceo, sem haver quem replicasse hũa sô palavra. E eu em toda a Escritura sagrada sô acho hum homem que satisfizesse à minha pergũta, & respondeffe a propõsito. E que homem serà este? Christaõ? Nam. Judeo? Nam. Gentio? Nam. Turco? Nam. Herege? Nam. Pois que casta de homem serà, ou pôde ser o que sô respondeo a propõsito ao nosso *quare*? Hum Atheo. Todos effoutros ou fieis, ou infieis conhecem a Deos: sô o Atheo o nam conhece,

& sô este pôde dar a verdadeira razãõ do que perguntamos. ElRey Faraõ tinha cativo o povo de Israel no Egypto, & com o mais duro, & intoleravel cativeiro que se pôde imaginar. Nam lhe pagava o trabalho, antes lho acrescentava cada dia, para q̃ não tivessem hora de defcanço: punhalhe por ministros que superintendessẽ às obras, em que serviãõ, os de condiçãõ aspera, & cruel, para que mais os opprimissem: nam lhes dava de comer com que sustentar a miseravel vida, & atè os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os pudessem esconder, nem livrar: em fim o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se não ouviãõ mais que clamores ao Ceo, chegou Moyses ao Egypto, & notificou a Faraõ da parte de Deos, q̃ dèsse liberdade ao seu Povo, para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte* Exod. 5. 1.2.

Populum meum, ut sacrificet mihi in deserto. E que vos parece que responderia Faraó? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?*

Que Deos, & que Senhor he esse para q̃o eu obedeca? *Nescio Dominum, & Israel non dimittam.* Nam

conheço tal Deos, nem tal Senhor, nẽ hei de dar tal liberdade ao Povo. Oh barbaro! oh rebelde! oh insolente, & brutal tyranno! Isto he o que estão dizendo todos; mas eu não digo assim. Digo que respondeo Faraó muito coherente, & discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido: como desobediente sim; mas como desobediente racional. Não conheço a Deos, & não hey de libertar o seu Povo? Roim Fè; mas boa consequencia. Na Fè fallou como bruto, na consequencia respondeo como homem. Não obedecer a Deos, & dar por razão, não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deos,

& dizer conheço a Deos; & não querer fazer o que manda Deos, he consequência, & razão que nam cabe em nenhum entendimento.

Oh quantos Faraós mais barbaros, oh quantos Atheos mais irracionaes ha na Christandade! Opprimir os povos, cativar os livres, gemerem os pobres, triunfarem os poderosos; nam se dar de comer a quem trabalha, nam se pagar a quem serve: tirarem-se as vidas aos innocentes, & viverem os que as tirão não s̃o do seu fuor, senão do seu sangue: & dar por razão de tudo isto: *Nescio Dominum*: Não conheço a Deos; he obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, cativar, destruir, roubar, assolar, afrontar, matar, tyrannizar; & sobre isto dizer, conheço a Deos, sobre isto dizer, sou Christão, sobre isto dizer, tenho Fè; não ha juizo humano, nem entendimento racional, em que cai-

caiba tal cousa. E senão, day cá a razão, *Quare, quare?*

517 Para confirmação desta minha instancia tantas vezes repetida, não quero allegar nem oráculos de Deos, nem evidencias de Anjos, nem discursos de homens, senam ditos, & palavras dos mesmos brutos irrationaes, & o que elles sentirão, & differão, ou differão sem o sentir. Duas vezes sabemos que fallarão neste mundo os brutos: a serpente que fallou cõ Eva, & o jumento que fallou com Balam. E que differão? Coufa notavel! Sêdo ambos irrationaes, hũ à mulher, outro ao homem, ambos lhe pedirão razão. A serpente a Eva:

Cur præcepit vobis Deus? O jumento a Balam: *Cur percutis me?* Cur he o mesmo que *quare*, porque razão? E qual he a razão porque pedirão razão os animaes, que não tem uso de razão? Porque são tam obrigados os homens

a dar razão do que fazê, que atè os animaes tem direito para lha pedir, & elles obrigação de lha dar. Mais ainda. Pedirão razão estes dous animaes, & de que a pediraõ? Das mesmas duas cousas em q̃ nõs litigamos, Fé, & obras. A serpente a Eva pediuhe razão do que cria: *Cur præcepit vobis Deus?* O jumento a Balam pediuhe razão do que obra: *Cur percutis me?* E se atè os mesmos brutos sem uso de razão pedem razão ao homem da sua Fé, & das suas obras; nõs porque a nam pediremos, cada hum a sy mesmo? Se esta he a minha Fé, & a minha Fé he a verdadeira; as minhas obras porque são tam alheas della, & tam contrarias? Que o cego nam veja, & caya, q̃ o Judeo nam conheça a verdade que lhe diz Christo, & o não crea, *Non creditis mihi*, pòde o escusar a sua cegueira; mas que o Christão que crê, adora, & confessã a Christo, & pro-

professa a sua Ley, na vida, & nas obras negue a mesma verdade! assim como ao Judeo o escusa a sua cegueira, assim a nossa luz accusa mais, & condena a nossa. Se differamos publicamente, como Faraõ, *Nescio Dominum*, que não conhecemos a Deos, tinha coherencia, & desculpa o nosso Atheismo; mas depois da agua do Bautismo, depois do oleo da Chrisma, & o que he mais, confessando, & cõmungando, no gremio da Igreja Catholica, & na face de toda a Christandade haja professores della, que na soltura dos costumes, & no escandalo da vida se não distinguão dos Atheos! os mesmos brutos irracionaes, & o mesmo irracional dos brutos, se Deos lhes soltára as linguas, assim como duas vezes pedirão razão aos homens, assim têm razão de dizer duas mil, & clamar ao Ceo, & à terra que somos mais brutos que elles.

§. V.

519 **S**Outaõ amigo, & reverenciador da razão, que atè as sombras della ouço de boa vontade. Podem instar os Christaõs que não guardão a Ley de Christo, & argumentar por si nesta forma. He verdade que os infieis de todo o genero, & ainda os mesmos Atheos parece que procedem mais coherentemente, & mais conforme à razão, porque elles concordão a sua Fè com a sua vida; & nós não concordamos a nossa vida com a nossa Fè. Mas nesta mesma differença ha outra muito mayor, & melhor, que faz pela nossa parte. É qual he? He que nelles a Fé he mà, & a vida tambem má; porèm em nós ainda que a vida seja má, a Fè he boa. Logo ao menos em ametade dos procedimentos são melhores os nossos, que os seus? Assim parece, mas não he assim.

quinta Dominga da Quaresma. 449

assim. Porque? Porque aonde a vida he má, não pôde a Fé ser boa. Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum, & mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* Quem diz que conhece a Deos, & não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que cre he verdade? Admiravel, & subtilissimamente se explicou o mesmo S. João: *Mendax est, & in hoc veritas non est.* Mente, & a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios que cre, mas não está no que cre os Mysterios. Nota y. Huma cousa he a verdade da Fé em si, a qual propriamête se chama Fé; outra he a verdade da Fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A Fé em si sempre he verdadeira, a crença em nós pôde ser verdadeira, & pôde ser falsa: se concorda com a vida, he verdadeira, porque obramos conforme cremos; se não con-

corda com a vida, he falsa, & mentirosa, porque cremos huma cousa, & obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que crea, & confesse tudo o que ensina a Fé, mente, & não está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est.* Se o Christão, & Catholico cuida que a sua Fé he melhor que a dos infieis, sómente porque cre o que ensina o Credo, engana-se, & mente-se a si mesmo: não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos.

521 Daqui se entenderá hum notavel dito de David no Psalmo 118. aonde allega, & diz a Deos que cria nos seus Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O crer pertence ao Credo, & não aos Mandamentos; ao Symbolo, & não ao Decalogo. O Symbolo, & o Decalogo são duas Escrituras Divinas, em que cõ-

fiste

Pf. 118.
66.

fiſte toda a obrigação, & perfeição Chriſtã. O Symbolo contém os myſterios da Fé, o Decalogo contém os Mandamentos da Ley: os myſterios da Fé temos obrigação de os crer, os Mandamentos da Ley temos obrigação de os guardar. Pois porque troca David os termos, & em lugar de dizer a Deos q̄ guardava os ſeus Mandamentos, diz que os cria: *Quia mandatis tuis credidi?* Porque aludio o Profeta com elegante energia, & picou, & condenou os que ſó crem no Credo. Eſte Pſalmo 118. foy compoſto por David pelas letras do A, B, C, para o cantarem, como cantavão, os q̄ hião em romaria ao Templo. E quiz ensinar a todos, que o A, B, C, da Fè, he ajuntar o Symbolo cõ o Decalogo, & a crença do Credo com a crença dos Mandamentos: *Quia mandatis tuis credidi.* O Symbolo que não anda junto com o Decalogo, não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo.

522 Explico a propoſição, porque bem entendendo que a não entêdem todos. Eſcrevendo S. Paulo aos Corinthios, & fallando da Fé, & dos Mandamentos, que todos ſe reduzem ao da charidade, pondo o exemplo em ſi, diz deſta maneira: *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum:* Se eu tiver toda a Fè, & tal, & tam efficaç que poſſa abalar os montes, & paſſalos de hũ lugar para outro, & não tiver charidade, nenhuma couſa fou. E ſe quereis q̄ vos declare eſte nada que fou, com huma ſemelhança: *Factus sum velut aes sonans, aut cymbalum tinniens:* Sou como hum ſino de metal, que não faz mais que ſoar, & tinnir. Comparay-me agora o Symbolo com o cymbalo: o Symbolo he o que contém toda a Fé: *Si habuero omnem fidem:* & com toda eſta Fé ſem charidade, na qual conſiſtem os Mandamentos,

quinta Dominga da Quaresma.

551

rôs, *charitatem autem non habuero*; que he, ou que ferá qualquer Christão? *Velut aes sonans, aut cymbalum tinniens.* Será como o sino que não tem mais que o soar, & o tinnir. Passa o Santissimo Sacramento por junto a huma Igreja, repicão os sinos das torres: & que vem a ser esta correspondencia? O Sacramêto he o mystério da Fé; mas os sinos nenhuma cousa tem de Fé, mais q̃ o soar, & o tinnir, *sonans, & tinniens.* Eis aqui qual he a Fé de todo o Symbolo em que cremos, se lhe falta a observancia dos Mandamêtos de Deos. Não he Symbolo da Fé, he Fé do cymbalo. Que importa o soar do crer sem a consonancia do obrar? Que importa o tinnir, ou os tinos da Fé cõ os desatinos das vidas?

523 Má vida, & boa Fé, torno a dizer, he mentira. E por que outra vez? Porque o que professa a Fé, nega o a vida: o que diz o som das palavras, ne-

ga o a dissonancia das obras. Vede como concorda S. Paulo com S. João, os dous mayores Theologos da Escola de Christo. *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*: Com as vozes confessão a Fé de Deos, & com as obras negão o mesmo Deos; & a mesma Fé que confessão. Dizeyme: He boa a Fé dos Christãos, que a negão em Argel? Pois sabey que para ser renegadõs, não he necessario ir lá cativos. Ouvi a S. Salviano Bispo de Marcelha, que está de frente do mesmo Argel. *Christiani sine operibus bonis nil sibi per fidei supercilium usurpare debent.* Note-se muito o *fidei supercilium*. Por huma parte não só vafios de obras boas, senão cheyos; & carregados de obras más: & por outra com as sobrance-lhas levantadas; muito prezados; & presumidos de Christãos, usurpando; & roubando o nome que lhês não he devido. Por huma parte com a voz, & com

Ad Tit.
1.16.

com os pensamentos blasfonando que navegão na barca de Pedro, & por outra com ambos os braços remando nas galês de Mafoma. He boa Fé esta? He melhor que a dos mesmos Turcos? Não faltará quem replique, & diga que sim, & com o mesmo exemplo. Porque os Christãos forçados que remão nas galês de Mafoma debaixo das badeiras Turquescas, nem por isso perdem a Fé de Christo.

524 Agradeço a agudeza da replica; mas vamos navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mesma galé ao porto de Chipre, salta Muley Amet no meyo da coxia, defembainha a semitárra, & diz assim: Com esta a todo o Christão que não adorar aquella imagem de Venus hey de cortar a cabeça. E que succederà neste caso? O Christão que não quiz adorar, perdeu a cabeça, & ficou martyr: o que adorou, conservou a vida, & ficou renegado. Ago-

ra pergunto: E se aquelle Christão, que por força, & contra sua vontade adorou a Venus em huma estatua de marmore, he renegado; que diremos daquelles que não por força, senão muito por sua vontade, & por seu gosto adorão a mesma Venus não em huma estatua de marmore, senão em outras que não são de pedra? Se aquelle que dantes era Christão, & depois negou a Fé, he renegado, o que no mesmo tempo confessou a Fé, & a nega, que será? Destes he que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negat*: No mesmo tempo confessou a Deos, & no mesmo tempo o negão: & Fé jutamente confessada, & negada, que Fé he? Peyor que a do Turco: porque o Turco não nega o que confessou, o Christão nega o que confessou, com manifesta contradicção. Assim o definio com authoridade Pontifical S. Gregorio Papa: *Si fidem operibus tenet,*

net, si moribus non contradicit: confessar a Fé com tão manifesta contradicção, não só he crer em Deos com fé falsa, mas he crer em Deos à falsa fé: com fé mentirosa, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta Fé dos que se chamão Christãos, peyor que a do Turco; porque o mesmo S. Paulo estranhádo muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer, que só pela omiffão dellas era peyor o Christão, que o infiel: *Et est infideli deterior.*

§. VI.

525 **S**upposto o muito que fica dito, já eu me pudèra contentar cõ estes dous grandes testemunhos de S. João, & S. Paulo, ambos de Fé Mas porque a Ley diz, *In ore duorum, vel trium stet omne verbum*; quero acrescentar o terceiro do Apostolo Santiago, o qual en-

tre todos os doze foy o primeiro que provou a sua Fé com a mayor de todas as obras, que he o dar a vida. Tomou Santiago entre mãos este ponto da Fé com obras; (às quaes chamou Salviano elegantemête *Testes fidei*) & porque o apertou mais forte, & efficazmête que todos, ouçamos o que diz. *Fides Jacob. 2 si non habeat opera, mortua 17. 18. est in semetipsa. Sed dicet 19. quis: Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniã unus est Deus, benè facis, & demones credunt, & contremiscunt.* Atèqui a força dos argumentos, ponderemos cada hum de por si.

526 Primeiramente diz Santiago, que a Fé sê obras he Fé morta: *Fides sine operibus mortua est in semetipsa.* Didymo declarando esta sentença, diz: *Fides mortua non est fides, sicut homo mortuus non est homo.* Assim como o homem

Didym.
hic.

mem morto não he homem, assim a Fé morta não he Fé: Mas este comento parece que he contrario ao Texto: porque o Texto diz: *Mortua est in semetipsa*: que a Fé he morta em si mesma. Logo se he a mesma, he Fé? Sim: he Fé, & a mesma Fé, mas assim como o homem morto he o mesmo homem. Do mesmo homem (nomeado por seu nome) dizemos que morreo: que vay a enterrar: que está sepultado: que ha de refucitar. E com tudo esse mesmo não he já homem. Ainda que hum homem não faça, nã tenha obra alguma boa, dirá: Eu creyo tudo o que crê a Santa Madre Igreja: logo a minha Fé he a mesma que a do mayor Santo? Assim he. A mesma, mas morta: *Mortua in semetipsa*. No Santo he viva, porque he Fé com obras: & em vós, porque carece de obras, he morta. O mesmo Santiago tornou a declarar a sua sentença

por outra frase: *Sicut enim corpus sine spiritu mortuum est, ita & fides sine operibus mortua est*: Assim como o corpo sem alma he morto, assim a Fé sem obras he morta. Da maneira que as obras saõ a alma da Fé: & do mesmo modo que o homem com a alma he homem vivo, & sem alma he homem morto; assim a Fé com obras he Fé viva, & sem obras he Fé morta. He Fé sem alma; ou Fé defalmada; porque he Fé de Christaõs defalmados.

527. E se alguem me perguntar: Como morre, ou se mata a Fé? Respondo, que por hum de dous modos, ou natural, ou violentamente. Se a Fé sómente carece de boas obras, morre naturalmente, & como à fome: se além de não ter boas obras exercita as más, morre violentamente, & como à espada. Quanto ao primeiro modo, diz assim Santo Agostinho: *Sicut corpus cibo reficitur, sic fides charitate*.

tate animatur : Assim como o corpo vive do comer com que se nutre, & sustenta, assim a Fé se anima, & alimêta cõ as obras de charidade. Donde se segue, que do mesmo modo, assim como o corpo, faltando-lhe o comer, morre à fome, assim tambem morre à fome a Fé, faltando-lhe as obras de charidade. Nam tem menor Author esta consequencia, que o mesmo Santiago, o qual argumenta nesta forma : *Si frater, aut soror nudi sint, & indigeant victu quotidiano, non dederitis autem eis quæ necessaria sunt corpori, quid proderit ? Sic & fides, si non habeat opera, mortua est in semetipsa.* Quer dizer: Se o pobre estiver despido, & não tiver que comer, & vós lhe não derdes o necessario para o corpo, que lhe aproveita ? Logo a Fé sem obras he morta. Parece que não havia de inferir assim o Apostolo, nem attribuir a morte à Fé, senão ao pobre ; porque o

pobre sem comer morrerá à fome, & sem vestir morrerá de frio : logo a Fé, que lhe não dá o necessario, mata ao pobre ? Nam, diz o Apostolo ; porque o pobre, se eu lhe não der a esmola, dar-lha ha outrem ; mas a Fé, como não se pôde sustentar das obras alheas, senam das proprias, ella he a que no tal caso se mata à fome a si mesma : *Mortua est in semetipsa.*

528 Quanto ao segundo modo de morrer a Fé, ou se matar violentamente, & como à espada, disse-o S. Bernardo, chamando homicida da propria Fé ao que a mata cõ más obras : *Si munus mortuum offers Deo, sic Deum honoras, & placas, tuæ fidei interfector ?* Matador da Fé lhe chama, & verdadeiramente he mais cruel matador da Fé que os tyrannos mais cruéis. Os Neros, & Dioclecianos nam atormentavam os Christãos, para lhes tirarem a vida, senão para lhes ma-

Bern.
Ser. 24.
in Cât.

tar a Fé: por final que se negavão a Fé, logo lhes davão a vida. E que succedia então? Comparay-me Christão com Christão, & tyranno com tyranno. O bom Christão soffria as cataftas, os equuleos, as laminas ardentes, as grellhas, as rodas de navalhas, & deixava matar a vida para conservar viva a Fé. E o máo Christão hoje mata a Fé por nam perder hum gosto, hum appetite, hum interesse vil da covarde, & infame vida. O tyranno Gentio por hum dos deoses falsos procurava matar a tormẽtos a Fé alhea, & o tyranno Christão, mais cruel q̃ todos os tyrannos, sem fazer caso do Deos verdadeiro, nem o temer, & por fartar a sua vontade, não duvida fer homicida, & matador da Fé propria: *Tue fidei interfectõr.*

§. VII.

529 **D** Este primeiro argumen-

to passa o Apostolo ao segurado, tanto mais forte, quanto mais evidente, porque dece da especulacão à pratica, da razão à experiencia, & do discurso aos olhos. He hum desafio de Fé a Fé, huma armada de obras, & outra sem ellas, confiada só em si mesma, & diz assim: *Tu fidem habes, & ego opera habeo: ostende mihi fidem tuam sine operibus, & ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Faz aqui Santiago o mesmo que fez Elias, que forão as duas melhores espadas da Ley Velha, & da Nova. Elias para mostrar aos olhos a verdadeira Divindade de Deos, & a falsa de Baal, Fazey vòs, diz, sacrificio ao deos que adorais, & eu o farey tambem ao que adoro; & sobre qual decer fogo do Ceo, esse seja crido por verdadeiro Deos. Responderão todos: *Optima propositio*: Boa proposita: & tal he a de Sãtiago. Vòs, diz o Apostolo, dizeis q̃ tendes Fé, eu digo que

tenho obras : mostre agora cada hum de nós a sua Fè, vòs sem obras a vossa, & eu com obras a minha, & seja tida por verdadeira Fè a que mostrar que o he. A demonstração da Fè que he interior, & invisivel, parece difficullosa, & impossivel, & não he senão muito facil. A Fè he cega, mas assim como o cego me não vê a mim, & eu o vejo a elle; assim a Fè não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos; mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente, & sem obras como se pòde ver?

530 O exemplo que allega Santiago da Fè cõ obras, he Abraham, que por isso se chamou, *Pater credentium*, Pay dos que crem. E não fallando naquella façanha singular de sacrificar o proprio filho, nos deixou Abraham outra figura da Fè cõ obras, menos ardua, mas igual-

mente significativa. Querendo casar a seu filho Isaac, mandou ao mordomo de sua casa, que lhe fosse buscar mulher, obrigando-o primeiro cõ juramento que de nenhum modo fosse da terra de Canaan, mas de Mosopotamia sua antiga patria, porque os Cananeos erão totalmente idolatras, & os de Mosopotamia tinham conhecimento do verdadeiro Deos. Este dote da Fè (de que hoje ainda os Principes Catholicos fazem menos conta) era o que Abraham principalmente buscava para seu filho. Partio o mordomo, chegou à patria de seu senhor: & porque as joyas que levava para a Espõsa erão humas arrecadas, & huns braceletes, sabendo por certos finaes de Deos que a espõsa era Rebecca, encontrando-a fóra de casa, lhe pendurou das orelhas as arrecadas, & lhe atou nas mãos os braceletes. Assim o diz elle por formaes palavras: *Suspendi*

Gen. 24 di inaures ad ornandam faciem ejus, & armillas posui in manibus ejus. Com este

531

novo enfeite chegou Rebecca a casa, mas de tal maneira mudada, que mostrou as arrecadas não nas orelhas, senão nas mãos: he mudança que consta expressamente do mesmo

Ibid. 30.

Texto: *Cum vidisset (Laban) inaures in manibus ejus.* Pois se a Rebecca lhe pendurárão as arrecadas nas orelhas, porque as passou às mãos, & as mostrou nellas? Porque era esposa escolhida pelo dote da Fè, & figura da verdadeira. As orelhas, & os ouvidos são o sentido da

Rom. 10

27.

Fè: *Fides ex auditu*; as mãos são o sentido, & o instrumento das obras: & ainda que a Fè se recebe pelos ouvidos, não se mostra, nem se vê senão nas mãos: *Cum vidisset inaures in manibus ejus.* A Fè que nos prèga, & ensina a Igreja Catholica, ouve-se, & recebe-se pelos ouvidos, como Rebecca recebeu as arrecadas nas ore-

lhas; mas o verfe, & o mostrar-se, *Ostende mihi fidem tuam, ostendam tibi fidem meam*, não se mostra, nem se vê senão pelas mãos, & pelas obras, *ex operibus.*

532 Estava Christo Senhor nosso adorado de joelhos por Rey no Pretorio de Pilatos: as vozes que se ouvião das bocas dos que o adoravaõ, eraõ as de mayor respeito, & reverencia: *Ave Rex Judæorum.* O mesmo S. João ao pé da Cruz nam poderia dizer, nem ler no titulo della outra verdade mais de Fè. Mas quando isto se ouvia nas vozes, que he o que se via nas mãos dos mesmos adoradores? Humas mãos lhe bariãõ as faces com bofetadas: *Dabant ei alapas*: outras mãos lhe pizavaõ o rosto cõ punhadas: *Cõlaphis eum ceciderant.* Quem crêra tam horrendo, & mais q̃ sacrilego atrevimento, se o não differaõ los Evangelistas? Mas que differença havia entre huma, &

Joan 3.

Ibid.

Mat 26.

&c

& outra afronta, ambas tam iguaes? A differença era, que as bofetadas afrontavaõ, & offendiaõ a Christo com as mãos abertas, as punhadas com as mãos fechadas. E nota S. Mattheos que os authores desta afronta foraõ os Soldados do presidio Romano; porque não só se havia de achar semelhante excesso de maldade na perfidia Judaica, senam tambem na Fé Romana, q̄ he a nossa. Cõ as mãos abertas offende a Christo o filho Prodigio, com as mãos fechadas o Rico avarento: com as mãos abertas o que desperdiça, com as mãos fechadas o q̄ enthesoura: cõ as mãos abertas o que dà o que não devèra, com as mãos fechadas o que não paga o que deve: com as mãos abertas o que recebe a peita, com as mãos fechadas o que nega a esmola: com as mãos abertas o q̄ rouba o alheyo, & com as mãos fechadas o que não restitue o roubado. Olhe ago-

ra cada hum para as suas mãos, & verá qual he a sua Fé. Eu taparey os ouvidos ao que se diz, & só direy o que se vê com os olhos, & se aponta com o dedo. Como estamos na Corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem tem nome de casas; busquemos esta Fé em alguma casa grande, & dos grandes. Deos me guie.

533 O escudo desta portada em hum quartel tem as Quinas, em outro as Lizes, em outro Aguias, Leoões, & Castellos; sem duvida este deve ser o Palacio em que mora a Fé Christã, Catholica, & Christianissima. Entremõs, & vamos examinando o que virmos parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavallos, liteiras, & coches: vejo criados de diversos calibres, huns com libré, outros sem ella: vejo galas, vejo joyas, vejo baixelas: as paredes vejo-as cubertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins, &

ao longe quintas : em fim vejo todo o Palacio, & também o Oratorio ; mas não vejo a Fé. E porque nam apparece a Fé nesta casa ? Eu o direy ao dono della. Se os vossos cavallos comem à custa do Lavrador, & os freyos que mastigão, as ferraduras que pizaão, & as rodas, & o coche que arrastão são dos pobres officiaes, que andão arrastados sem poder cobrar hum real ; como se ha de ver a Fé na vossa cavalheriça ? Se o que vestem os lacayos, & os pagens, & os soccorros do outro exercito domestico masculino, & feminino depende das mezadas do mercador que vos assiste, & no principio do anno lhe pagais com esperanças, & no fim com desesperaçoes, a risco de quebrar ; como se ha de ver a Fé na vossa familia ? Se as galas, as joyas, & as baixelas, ou no Reyno, ou fóra delle forão adquiridas com tanta injustiça, & crueldade, que o ouro, &

534

a prata derretidos, & as sedas se se espremerão, haviam de verter sangue ; como se ha de ver a Fé nessa falsa riqueza ? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, & os miseraveis a quem despiestes para as vestir a ellas, estão nus, & morrêdo de frio ; como se ha de ver a Fé, nem pintada nas vossas paredes ? Se a Primavera está rindo nos jardins, & nas quintas, & as fontes estão nos olhos da triste viuva, & orfaõs, a quem nem por obrigação, nê por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pays vos servirão ; como se ha de ver a Fé nessas flores, & alamedas ? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desdos telhados atè os alicesses estão chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazieis feria, & se querião ir buscar a vida a outra parte, os prendieis, & obrigaveis por força ; como se ha de ver a Fé, nem sombra della na vossa casa ?

Mas

535 Mas passemos do Pulpito ao Confessionario. Se o Confessor, quando com toda esta carga vos pondes a seus pès, puxa pelo *quare* do nosso Texto, & vos pergunta a razão porque não restituís devendo tanto; a resposta, & a Theologia que trazeis muito estudada, he que sem embargo das dividas, deveis sustentar a vossa casa com a decencia que pede o vosso estado, & que as rendas não dão para tanto. Bem. E os pays de quem herdastes esse mesmo estado, & erão tam honrados como vòs, não sustentavão a honra, & a decencia d'elle com menos pompa, cõ menos criados, com menos librès, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decencia, senão com as indecencias da casa, & da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A mayor galantaria he, que ao outro dia depois da confis-

saõ, & desta escusa, ouve o mesmo Confessor sem sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruzados, & que pela manhã os mandastes em dobroens a quem os ganhou; porque he contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jugais com os homès, & assim com Deos, & esta he a vossa Fè.

536 Dirmeha porém em contrario a nossa Corte, que se em algumas casas particulares està a Fé tão morta, & tão corrupta, que nas Casas de Deos està mais viva, & mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê, & demonstra em todos os Templos de Lisboa, a qual muito a boca chea póde dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam.* Eu tenho visto a mayor parte da Christandade da Europa, & em nenhuma, entrando tãbem nesta conta a mesma Roma,
Ec iiij ma,

ma, está o culto Divino exterior tam subido de ponto, & cada dia mais. Seria lastima grande ver aqui desfazer, & arruinar nòs mesmos Templos as fabricas antigas de tanta fermosura, & preço, se depois se não vissem as mesmas ruínas gloriosamente resuscitadas com tanto mayores riquezas da materia, & tanto mayores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo he tanta a cobiça de adquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deos. Que Igreja ha nesta multidão de tantas em hum dia de festa, que se não pareça com a que vio decer do Ceo S. João:

Apoc.
21.2.

Tāquam sponsam ornatam viro suo? O ouro, & os

brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos choros suspensão, & elevação dos ouvidos: o ambar, & almiscar, & as outras especies aromaticas q̃ vaporão nas caçoulas, atè pelas ruas re-

cendem muito ao longe, & convocão pelo olfato o concurso. He isto terra, ou Ceo? Ceo he, mas cõ muita mistura de terra. Porque no meyo desse culto celestial, exterior, & sensível, o desfazem, & contradizem tambem sensivelmente não só as muitas offensas que fóra dos Templos se cõmettem, mas as publicas irreverencias com que dentro nelles se perde o respeito à Fè, & ao mesmo Deos. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, huma verdade muito sincera, & que te descubra hum engano, de que a tua piedade muito se gloria? Esta tua Fè taõ liberal, tam rica, tam enfeitada, & tam cheirosa, não he Fè viva: pois que he? He Fè morta, mas embalsamada.

§. VIII.

538 **P** Assemos ao terceiro, & ultimo argumento de Santiago, que será tambem o ultimo do

b. 2
do nosso discurso. *Tu credis quoniam unus est Deus, bene facis: & daemones credunt, & contremiscunt:* Vós credes em hum só Deos: fazeis bem: isso mesmo he o que nós cremos, & o que ensina, & canta a Igreja depois do Euangelho, *Credo in unum Deum.* Mas não basta esse primeiro bem, que he bẽ crer, senão for acompanhado do segundo, que he bem obrar. Aquella Estrella que appareceo aos Magos no Oriente, era muito resplandecente, muito fermosa, & muito certa, & segura no caminho que lhes mostrava, como he a Fè; mas se elles se deixãrão ficar nas suas terras, & a não seguirão atè Belem para onde os guiava, que importaria a sua vista, & entenderem o que significava? Tam Magos, & tam Gentios ficaram como dantes erão. He necessario ajuntar o ver com o vir: *Vidimus, & venimus.* Melhor exemplo a ainda. Quando os fi-

lhos de Israel depois de sahirem do cativeiro do Egypto, & passarem o Mar Vermelho, caminhavão para a terra de Promissão, levavão por farol daquella viagem hũa columna, a qual de noite era de fogo que os allumiava, & de dia de nuvem q̃ lhes fazia sombra. A esta columna seguia todo o exercito, (que era de mais de seiscentas mil familias) de tal sorte, que quando a columna fazia alto, & parava, todos paravão, & fixavão as suas tendas no mesmo lugar; & quando a columna abalava, & se movia, tambem o exercito se punha em marcha, & ao mesmo passo; & compasso hião caminhando, ou fossẽ montes, ou valles, sem mudar, ou variar a derrota. E que figurava, ou significava tudo isto? S. Paulo: *Omnia in figura continebant illis.* Tudo era figura naquelle tempo do que havia de ser neste nosso. O cativeiro do Egypto significava

o peccado: a passagem do Mar Vermelho, a agua do Bautifmo, que por virtude do fangue de Christo nos havia de pôr em graça: a terra de Promiffam, a patria, & bemaventurança do Ceo, para onde todos caminhamos: & a coluna de fogo, & nuvem, a Fé que vay diante, & nos guia. Como coluna; porque ella he a coluna, & firmeza da verdade: como de fogo; porque ella nos alumia: & como de nuvem; porque he luz juntamente clara, & escura, em quanto nos manda crer muitas cousas que não vemos. Agora pergunto: E se quádo a coluna se movia, & caminhava, parte do exercito se deixasse ficar nos arrayaes, chegarão estes à terra de Promiffão? Claro está que de nenhum modo. Mais, & peyor ainda. E se em lugar de seguir a coluna, lhe voltassem as costas, & tornassem para o Egypto, cõsegurião o mesmo fim? Muito menos. Pois estes

540

saõ os que não acompañão a Fé com boas obras: & muito mais, & peyor os que a contrarião com obras más. Em lugar de a Fé os levar à terra de Promiffão, & ao Ceo, elles com a mesma Fé se acharão no inferno. Em quanto negarê a Fé só cõ as obras, & não com a palavra, não bastará esta culpa para que a Sãta Inquifição da terra os condene, & mande queimar na Ribeira; mas será não só bastante, senão certo, & infallivel, que por sentença do supremo Tribunal da Divina Justiça irão arder eternamente no fogo do inferno.

541 Isto he o que admiravel, & tremendamente infere Santiago. *Tu Jacob credis, quoniam unus est Deus: & demones credunt.* Contentais-vos sómente com crer em Deos? Tambem os demonios crem no mesmo Deos, & nem por isso deixão de ser demonios. Oh se Deos nos abrisse os olhos, como haviamos

mos de ver todo este mundo, as ruas, as casas, & as mesmas Igrejas cheas de demonios, os quaes não vemos, assim como não vemos os Anjos da Guarda que nos assistem. E em q̄ differê os demonios de muitos homens? Só differem em que os demonios são invisiveis, & os mãos homens são demonios que vemos. Primeiramente quanto à Fé, o demonio não he Gentio, nem Turco, nem Herege, nem Atheo. Cre no mesmo Deos verdadeiro em q̄ nós cremos: *Et daemones credunt.* E se a melhor Fé, & só verdadeira he a dos Christãos, o demonio também he Christão. Assim consta de muitos lugares do Euangelho, em que os demonios confessarão a Christo por Filho de Deos. Em que são logo peyores os demonios que os homens, em que são peyores que muitos Christãos? Por ventura nas obras? Ainda mal porque são tão semelhantes. O demonio

com a sua fé he soberbo; & tu Christão com a tua não só es soberbo, mas a mesma soberba: o demonio sente mais os bens alheios, que as suas proprias penas; & tu a enveja mais te atormenta, & abraza com as felicidades que vês em quem devias amar, que todos os males que padeces em ti mesmo: o demonio procura de roubar, & fazer cair a quantos quer mal; & tu com o poder do teu officio, ou com a malignidade da tua informação, & do teu conselho, a quantos tens derrubado, & destruido? O demonio favorece os mãos, & persegue os bons; & tu a quem persegues, & a quem favoreces, se os peyores, & os mais viciosos, porque servem, & ajudam os teus vicios; são os teus validos? O demonio he pay da mentira; & a tua adulação, o teu odio, & a tua ambição quando fallou verdade? Os teus enganos, as tuas artes, as tuas machi-

nas, os teus enredos, que demonio houve já mais q̄ tam futilmente os inventasse? Quantos peccados cõmettes tu em que o demonio nunca peccou, nem pôde? Elle não pecca nos excessos da gula, porque não come; nem no luxo, & monstruosidade das galas, porque não veste; nem nas intemperanças, & torpezas da sensualidade, porque he espirito: & tu escravo desse corpo vil a quantas baixezas destas abates a tua alma, q̄ Deos te deo igual aos Anjos?

543 Mais. E não sou eu o que o digo, senão o mesmo Santiago na ultima clausula que nos resta por ponderar. *Dæmones credunt, & contremiscunt*: Os demonios crem em Deos, & tremem delle; & tu Christão com a tua Fé cres em Deos, mas não tremes, nem temes. Grande lastima, & miséria he q̄ até o demonio te possa servir de exemplo não só neste mundo, senão no mesmo inferno. Neste

mundo, sendo mayor o poder do demonio que o de todos os homens, nenhum demonio faz todo o mal que pôde. A Job tirou a fazenda, matou os filhos, martyrizou a pessoa com tam exquisitos tormêtos; mas nenhuma cousa fez sem licença de Deos. E quantas fazem, & cõmettem os Christãos não só sem licença, mas vedadas pelo mesmo Deos, estendendo os poderes q̄ não tem, & executado o que não podem? Vamos ao inferno. Alli atormentão os demonios os condenados, mas a todos conforme o merecimento de cada hum, sem perdoar, nem estender o castigo, não digo em hũa faisca do fogo, mas nem em hũ só átomo: & a justiça humana com Fé de Christã, a quantos culpados absolve, & a quantos innocêtes cõdena? Pois se os demonios neste, & no outro mundo tam observantes são das leys de Deos, porque crem nelle, & tremem delle; nõs que

o cremos com melhor Fé, porque não tememos, nê trememos de o offender? Apertemos bem este ponto. Cres, Christão, que has de morrer? Creyo. Cres que no dia do Juizo, & antes daquelle dia te ha Deos de julgar na hora da morte? Creyo. Cres que se fizeres boas obras, has de ir ao Ceo, & gozar de Deos por toda a eternidade; & se as fizeres más, por toda a mesma eternidade, & sem fim has de arder no inferno? Creyo. Pois se cres todas estas verdades, & os demonios crem, & tremem, *credunt, & contremiscunt*; tu porque não temes, & tremes de offender a Deos? Dá cá a razão: *Quare, quare?*

544 A razão verdadeira nenhum entendimento a pôde dar, porque a não ha. A falsa, & aparente, por mais que nós nos queiramos enganar, todos a vemos, & experimentamos. O que cre a Fé, he o futuro, o que leva apos si a vida, he o

presente: & pôde mais comnosco o pouco, & breve presente, que o muito, & eterno futuro; porque o presente consideramolo ao perto, & o futuro ao longe. As Estrellas do Firmamento todas são muito mayores que a Lua, & cõ tudo a Lua parecenos mayor, & faz em nós continuos, & mayores effeitos, porque as Estrellas estão longe, & a Lua perto. Assim nos acontece com as cousas do outro, & deste mundo. As do outro mundo, que são as que cremos por Fé, representamolas ao longe; as deste, porque as pôde conseguir a vida, parecenos que estão perto, & no erro destas medidas se enlea, & nos perde o nosso engano. Mas dando que a falsa apprehêsaõ deste longe, & deste perto fora verdadeira; ainda a nossa conta seria muito errada; porque o certo, posto que ao longe, sempre esta mais perto que o duvidoso. O duvidoso as mais vezes falta; o certo, ainda

ainda que tarda , sempre chëga ; & assim como todas as cousas da Fè são certas , assim todas as da vida são duvidosas.

545 Para mim não quero mais que esta razão. Os que se não fatifizerem della , oução outra mais clara , & mais sensível. As cousas da outra vida estão tam longe de nós , quãõ longe está a morte ; as cousas desta vida estão tam perto de nós , quãõ perto nós estamos de as alcançar : nós corremos apos ellas , a morte corre apos de nós : & quãtas vezes nos alcança primeiro a morte , do que nós as alcançemos ? Chegado a este ponto , & reconhecendo com os olhos os lugares desta Real Capella ; naquelle (que depois dos Altares he o mais sagrado) com horror do que hey de pronunciar , nam vejo depois de tam breve ausencia o que alli costumava ver. Viã-se alli dous Soes ; hum levantado ao Zenith , outro pou-

libra

co distante do Oriente ; hum coroadado de rayos , outro a quem tinha destinado a natureza , & promettia a esperança a mesma Coroa. E quem havia de imaginar que este chegasse primeiro ao fim , & se escondesse no Occaso ? Cuidavamos que o nosso grande David , tam ousado , tam valente , & tam venturoso contra o Gigãte , depois de pendurar a vitoriosa espada no Templo da Paz , & ferrolhar as portas de Jano , entregasse o cetro laureado ao que já naquella idade era Salamaõ. Mas que he delle ? Elle subio aonde o levava a vida , que sempre concordou com a Fè ; & nós ficamos chorãdo em perpetua faudade o engano de medirmos os seus annos com os nossos desejos , & os espaços da sua vida com os da nossa esperança. Se retratassemos em hum quadro a figura deste enigma , veriamos , que em differêtes perspectivas os escuros faziaõ os longes , &

& os claros os pertos. Mas se chegassemos a tocar cõ a mão a mesma pintura, achariamos que toda aquella diversidade, q̃ fingem as cores, não he mais que huma illusão da vista, & hum sonho dos olhos abertos, & que tanto o remontado dos longes, como o visinho dos pertos rudo tem a mesma distancia. Aquelle necio do Evangelho: *Stulte*: por isso era necio, porque quando a sua falsa esperança lhe promettia tantos annos, quantos eraõ os bens, com que o tinha enganado a fortuna: *Multa bona in annos plurimos*; nem os bens haviaõ de ser seus, senaõ

alheys, nem os annos haviaõ de ser annos, ou dias, ou hum só dia, senaõ os brevissimos instantes da mesma noite, em que isto imaginava: *Hac nocte animam tuam repetunt à te.*

Assim empresta as vidas o Senhor dellas até o preciso, & occulto termo da sua Providencia; para q̃ acabemos de nos defenganar quam erradas são as contas dos que fomaõ os futuros, pelos presentes: & q̃ sãõ saõ sezudos, & sabios os que não medem a vida com a esperança, mas trataõ só de a cõcordar cõ a Fè, em que consiste a eterna.





SERMAM

DAS DORES DA

Sacratissima Virgem

MARIA,

Depois da morte de seu benditissimo Filho,

Em Lisboa, na Igreja de S. Monica, & a Religiosas de
Santo Agostinho. Anno de 1642.

Dolores inferni circumdederunt me. Psalm. 17.

§. I.

547



E as dores incôsolaveis podem ter algũa consolação, & alivio he a semelhança, ou companhia de outrem, que as padeça iguacs. Assim o poz em

proverbio o cômum sentimento dos homens, posto q̄ deshumano em parte. Levado deste pensamento o Profeta Jeremias com os olhos neste mesmo dia, & nesta mesma hora, em que estamos, & cõsiderando os extremos da dor, com que a espada de Si-

Simeão trespassou a alma da Mãe de Deos na morte lastimosissima de seu Filho; em nome da mesma Senhora, & em figura da Cidade de Jerusaleem cuberta de luto, pergunta a todos os que passavaõ à vista do Monte Calvario, se todos; ou algum delles viraõ alguma hora dor semelhante à sua: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor similis sicut dolor meus.* E como ninguém respondesse, nem pudeffe satisfazer à pergunta do Profeta, na suspenção deste silencio voltou elle para dentro de si a mesma pergunta, & poz-se a considerar comfigo a q̄ creatura de quantas abraça o Univerfo (entrando tambem na comparação as insensiveis) compararia a grandeza daquella dor: *Cui comparabo te? vel cui assimilabo te, filia Jerusaleem? vel cui exequabo te, & consolabor te, virgo filia Sion?* E como não achasse a sua imaginação cousa

alguma nem de mayor grandeza, nem de mayor amargura, que o mar; em fim se resolveo, que só no mesmo mar podia achar a semelhança, & na mesma semelhança a consolação, que buscava: *Magna est velut mare contritio tua.*

548 Assim disse Jeremias; mas sendo hum tam grande Profeta, & o mais exercitado em casos lastimosos, & tristes, disse pouco. O fel he mais amargoso que o mar; & o fel, que a Senhora vio dar a seu Filho naquella ardentissima sede, foy huma pequena parte das suas amarguras. E posto que o mar seja hum elemento tam vasto, & tam immenso, em que huma onda sobre outra onda, todas quebrando naquelle lastimado coração, tinhaõ alguma semelhança com os golpes repetidos, & com a immensidade da sua dor; muito mayor, mais alto, & mais pezado era o pégo sem fundo da sua pena, como aquelle, cuja tempestade

Pl. 68.3

tade subio acima do Ceo , & em cujas ondas chegou a naufragar ; & affogar-se o mesmo Deos : *Veni in altitudinem maris , & tempestas demersit me.* Supposto esta verdade , & havendo nós hoje de vadear de algum modo o diluvio incomprehenfivel das dores da Virgem Mãy na confideração da morte de feu Filho ; não lhe achando comparação, ou semelhãça nem no mar , nem na terra : aonde a irey bufcar ? Seguindo os passos da mesma dor , adverti , q̃ a alma da Mãy seguia a do Filho ; & que a do Filho descia ao inferno : *Descendit ad inferos.* E por ventura descendo Christo ao inferno, padeceo as penas, que lá se padecem ? Não : antes as desfez , como diz S. Pedro : *Solutis doloribus inferni.* Supposto isto, já achey o que buscava. O Filho no inferno sem dor , a Mãy neste mundo com dores, a que se não acha comparação ? Logo o Filho , & a Mãy nesta

Act. 2.
24.

hora partirão entre si o inferno : o Filho descendo ao lugar , & a Mãy padecendo as dores : *Dolores inferni circumdederunt me.* Este será o meu assumpto, que em tempo tam breve como o sinalado , só sendo tam extraordinariõ podia ser grande. E posso que o nome de inferno pareça medonho , a propriedade da mesma cõparação lhe tirará o horror.

S. II.

549 **F**ortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus emulatio, disse profeticamente Salamaõ fallando do Esposo , & da Esposa , isto he, Christo , & sua Mãy. Poem de hũa parte o amor , & da outra a emulação competindo-se : & por extremos da cõpetencia da parte do amor a morte , & da parte da emulação o inferno. E quaes serão os competidores ? Os que já dissemos. Da parte do amor o Filho, que chegou a mor-
rer

rer por amor dos homens: & da parte da emulação a Mãe, que vendo o Filho morto, chegou a padecer por elle as dores do inferno. Desorte que comparando a fortaleza do amor com a dureza do inferno, no sepulchro do Filho se pôde escrever por epitafio: *Fortis est ut mors dilectio*: & no coração da Mãe por trofeo: *Dura sicut infernus amulatio*. Dos extremos do amor forte como a morte pregaram hoje todos os pulpitos: dos extremos da dor dura como do inferno hey de fallar eu agora: & peço attençaõ.

550 Duas penas se padecem no inferno: a pena de dano, & a pena de sentimento. A pena de dano consiste na ausencia de Deos. E começando por esta: tal foy a primeira pena da dor de Maria. As outras ausencias, ainda q̃ sejaõ de quem muito se ama, são penas desta vida: só a privaçaõ, & ausencia de Deos he pena como a

que no inferno, por antonomasia da perda, se chama pena de dano. Privaçaõ era a que Deos considerou em Adam, quando disse: *Non est bonum esse hominem solum*. Privaçaõ foy a que considerou Jacob em Benjamin pela morte de seu irmão, quando disse: *Et ipse solus remansit*. Mas como as penas, & as ausencias eraõ semelhantes a companhia, de que hum se via falto, & outro privado, não mereciaõ o nome de dano, que só por excellencia se deve à privaçaõ da companhia, & vista de Deos, qual era a que a Senhora padecia nesta hora privada da presença, & vista de hum Filho, que juntamente era seu Filho, & seu Deos.

551 Disse o Ladrão a Christo: *Domine mememento mei*. E o Senhor lhe respondeu: *Hodie mecum eris in Paradiso*. Pois como, se Christo nõ mesmo dia desceo ao inferno, & lá o achou o Ladrão, quando pouco de-

Gen. 2.
18.

Gen. 42
38.

Luc. 23.
42.

Ibid 43.

pois espirou? Christo no inferno, & o Ladrão no inferno naquelle dia, & tambem nós dous seguintes, & diz-lhe Christo, Hoje estarás comigo no Paraíso? Sim, & por isso mesmo. Nam vedes que disse Christo ao Ladrão, que estaria com elle: *Mecum eris*? Pois por isso acrescenta tambem, que estaria no Paraíso; porque estar cõ Christo em qualquer lugar, ainda que seja no inferno, he estar no Paraíso. O *in Paradiso* foy consequencia do *mecum eris*. E se a gloria de estar com Christo no inferno faz do inferno Paraíso, vede se a pena de estar sem Christo neste mundo faria do Paraíso inferno? A presença, ou ausencia de Deos he a que faz o inferno, ou o Paraíso, & nam os lugares. O inferno começou no Ceo, quando os Anjos foraõ privados da vista de Deos: & o Paraíso começou no inferno, quando os Santos Padres virão lá a Christo. E esta

era a differença, em que os olhos, & coração da Senhora se vio nesta hora.

552 Se aos Bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda que ficassem no Ceo os mesmos Bemaveturados, deixarião subitamente de o ser, & começarião a padecer a pena de dâno, que he a privação da vista de Deos. Isto mesmo lhe succedeo hoje à Virgem: *Et lumen oculorum meorum, & ipsum non est mecum*. Faltoulhe o lume de seus olhos; & nesta privação da vista de seu Filho, & seu Deos padecia huma pena em tudo semelhante à pena de dâno. Comparay aquelle *mecum eris* cõ este *non est mecum*; & assim como alli tirou Christo por consequencia o Paraíso, assim aqui devemos nós tirar pela mesma consequencia o inferno.

Oh que profunda conferencia faria a Senhora sobre este *Et ipsum non est mecum*! Lembrada de quando lhe disse o Anjo:

Do-

Dores da Sacratissima Virgem Maria. 475

1. *Dominus tecum* : Então (diria) ainda que me annunciassse Gabriel, q̄ meu Filho havia de remir o mundo, & eu sabia bem q̄ havia de ser por morte de Cruz; como me disse, que elle estava, & havia de estar comigo, tudo se me fazia leve. Quando outra vez nos veyo annunciar o desterro do Egypto, como disse, *Accipe puerum, & matrem ejus*: nelle, & com sua companhia se me fazia facéis todas as perfeiçoens, & todos os trabalhos. Huma vez o perdi com dor quasi semelhante a esta; mas então tive liberdade para o buscar, & achallo: agora que entre mim, & elle está em meyo toda a terra, que remedio pôde ter a minhador? Facilmente me resolveria a fazer o que disse Jacob na morte de Joseph, tanto menos desconfolado, quanto vay de filho a filho: *Descendam ad filium meum lugens in infernum*. Mas esta graça de acompanhar a meu filho na

morte, não quiz elle, que eu a tivesse. Em fim só isto tem menos de inferno a minha pena, que he conformarme com a sua vontade.

553. Porém se nisto era menor a pena da Senhora, que a pena de dāno, que no inferno se padece; em outra circumstācia a excedia muito, que era a do amor. A pena de dāno do inferno he sōmente carecer da vista de Deos; mas não da vista de Deos amado; porque os que no inferno padecem esta privação, tam longe estão de amar a Deos, que antes o aborrecem furiosamente. E se a privação de Deos ainda que aborrecido he a mayor de todas aquellas penas; qual será a privação do mesmo Deos summamente amado? Amava a Senhora incomparavelmente mais que todas as mãys a seus filhos; amava incomparavelmente mais que todos os Bemaventurados a Deos. Vede que pena feria a sua na privação

ção da prefeção, & da vida de hum Filho Deos? *Dura sicut infernus emulatio.*

§. III.

554 **M**As porque este genero de pena excede toda a cõprehensão humana; passemos à segunda, q̃ he a pena de sentido. As penas de sentido no inferno são muito diferentes de todas as que se padecem nesta vida; porque as desta vida padecem-se em tempo successivamente, & por partes, & as do inferno padecem-se na eternidade, que he duração indivisivel, & simultanea; & assim não se padecem huma depois da outra, senão todas juntas. Esta mesma differença tiverão as penas da Senhora nesta hora comparadas com as suas, & as de seu Filho na Paixão. Na Paixão primeiro se padecerão as injurias da prisão, depois os aqoutes da coluna, depois os espinhos da coroação, &

ultimamente os cravos, & a Cruz. Porém nesta hora padecco-as a Senhora todas juntas.

555 Assim o disse a mesma Senhora por boca da Alma Santa: *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur.* A myrrha como tam amargosa foy figura da Paixão de Christo; & como tal offerecida a elle nos mysteriosos dons dos Reys do Oriente. Pois porque diz a Senhora, que para ella, *mihi*, & não para seu Filho, foy a Paixão hum feixe de myrrha? Porque Christo na sua Paixão padecco os seus tormentos divididos; & a Senhora depois della, & na sua cõsideração padecco-os juntos. Elle divididos em diversos tempos, & partes do corpo; ella juntos no mesmo tempo, & no mesmo coração. O odio dos inimigos de Christo por mais cruel que fosse, não o pode atormentar senam por partes: & assim como o Senhor padecco todos

os tormentos successivamente, & divididos; assim tambem a Mãy, quando o seguiu, & acompanhava. Porém depois da sua morte, só sem elle, & comsigo considerava tudo o que naquelle dia tinha passado. Alli se atirão, & unirão todos os tormentos da prisaõ, dos açoutes, da coroa, da Cruz, dos cravos, da lança, & de todos os outros tormentos, & se fez hum composto de penas, que sendo cada hũ insofrivel, & immenso para a dor, cabia todo junto dentro do coração, & entre aquelles sagrados peitos, que em diferente cor havião dado ao Filho o mesmo sangue, que derramou: *Inter ubera mea commorabitur.*

556 E para que se veja quanto mayor força tinha esta apprehensãõ, & comprehensãõ de toda a Paixão por junto, para atormetar a alma da Mãy, vejamos os effeitos, q̃ fez na alma do Filho. Estando Christo no Horto, foy

tal o temor, o horror, & a tristeza, que concebeo dos tormentos de sua Paixão, que tres horas inteiras postrado por terra pediu a seu Eterno Pay o absolvesse della: *Transat à* Matth. 26.39.
me calix iste. E finalmente vendo, que não era

possivel segundo os decretos Divinos, foy tal, & tam estranha a sua agonia, que fuou copioso sangue, & foy necessario que viesse hum Anjo a confortallo. Neste ponto entrou o Senhor a padecer os mesmos tormentos, & todos soffreo com admiravel paciencia, & constancia, sem escusa, sem se lhe ouvir palavra, sem anticipar o sangue às feridas, & sem que homem da terra, nem Anjo do Ceo o animasse; antes vendo que se acabavão, disse: *Sitio*: não tanto pela fede, que o atormentava, como pela fede, que tinha de mais padecer. Pois se agora padece com tanto valor, alegria, & magnanimidade, sendo estes tormentos não outros,

tros , senão os mesmos , que antevia , & considerava no Horto ; porque então lhe causarão tão horror , & lhe parecerão , & verdadeiramente erão tão intoleraveis , & infofri-
veis , & agora não ? Porque então estavam todos juntos na apprehensão , & agora divididos no sofrimento : *Transfat à me calix iste* : então estavam todos os tormentos juntos em hum caliz , & este mesmo composto de todos os ingredientes da Paixão , que depois bebidos por partes erão muito inferiores à sua paciencia , & valor ; unidos todos , & representados por junto , à mesma paciencia , & valor erão infoportaveis , & infofri-
veis. Tal foy a differença dos tormentos , que agora padecia a Senhora , aos que tinha padecido ao pé da Cruz. Estes forão como os que Christo padecio no Calvario , aquelles como os que padecio no Horto : estes dividi-

dos , & por partes , como tormentos desta vida ; aquelles todos juntos , & & sem successão , como os da eternidade , & do inferno : *Dura sicut infernus emulatio.*

558 Finalmente , para que lhe não faltasse a circumstância de dureza , & rigor semelhante à do inferno ; notay , que sendo tam grandes , não bastarão a lhe tirar a vida. Forão tam excessivos os tormentos da Virgem na Paixão de seu Filho , que diz S. Bernardo , que se se repartissem por todas as creaturas viventes , bastariam a tirar a vida a todas. Mais. Era tam grande o amor da Senhora , & o affecto ternissimo , com que desejava não se apartar da presença , & vista de seu Filho , que teria por grande beneficio ou morrer , para que elle não morresse , como dizia David na morte de Absalaõ ; & já que isto não pudesse ser , ao menos morrer juntamente com elle. Pois se

fe a Senhora desejava tanto a morte, & os tormentos erão bastantes para lhe tirar mil vidas; porque não morreo entre suas penas? Porque esta he a propriedade dos tormentos do inferno: *Dura sicut infernus æmulatio*: não só dura, porque atormenta duramente; senão tambem, porque atormentando, endurece a quem atormenta, & matando, immortaliza para sempre matar. Nesta vida temem os homens a morte, & todos andão fugindo della: no inferno pelo contrario, todos desejão morrer, & a morte foge de todos: *Fugiet mors ab eis*. Eis-aqui qual foy a dureza, & o rigor dos tormentos, & penas da Mãe de Deos depois da morte de seu Filho. A de dâno, & a de sentido, ambas como as do inferno, em a atormentar, & ambas como as do inferno em lhe não darem a morte.

559 Esta foy aquella grãde maravilha, que vio

Moyfes no deserto de Madian: *Vadã, & videbo visio-* Exod. 3.
*nẽ hanc magnam, quare non
comburatur rubus.* O fogo desta vida consome tudo o que abraza: o fogo do inferno abraza, & não consome. E que Sarfa era a que assim ardia, senão a que foy representada nella? & nunca com tanta propriedade como nesta hora, toda espinhos, toda tormentos, & toda dores; mas toda ardendo em hũ fogo, que devendolhe tirar a vida, para mayor continuacão do sentimento, a conservava viva, & immortal. O fogo do amor, & dos tormentos de Christo, foy como fogo da terra, que lhe tirou a vida: *Fortis est ut mors dilectio*: o fogo do amor, & tormentos de Maria, foy como fogo do inferno, q̃ a endureceo cõtra a morte: *Dura sicut infernus æmulatio*. Este foy o cerco, em que aquellas dores puzerão a mayor, & mais angustiada alma, tão apertado, que o não podia

dia sofrer a vida, & tam
 fechado, que o não podia
 aliviar a morte: *Dolores*
infernī circumdederunt me.

1560 Mas o que nam
 puderaõ declarar as mi-

nhas palavras, veção ago-
 ra os olhos naquella pie-
 dosa Imagem viva sem vi-
 da, & morta sem poder
 morrer: *Vadam, & vide-*
bo visionem hanc magnam.



SERMAM

DE

ACÇAM DE GRAÇAS PELO
felicissimo nacimiento do novo Infante, de
que a Magestade Divina fez mercè às de
Portugal em 15. de Março de 1695.

*Ecce hæreditas Domini, filij; merces, fructus
ventris.* Psalm. 126.

§. I.



Quando as mer
cès, & favores
da Providência,
& benignida
de Divina são
tam singulares, que os fa
vorecidos se avêtajão com
grande excessõ aos que o
não são; para que as mes
mas mercès se recebão cõ

a estimação que merecê;
quer a mesma Providência,
que nõs cõsideremos nel
las não só a quem as faz
Deos, senão tambem a
quem as não faz. Todo o
Psalmo 147. gasta o Pro
feta Rey em referir co
piosamente os favores, &
privilegios particulares,
cõ que Deos ennobreceo
o povo, que naquelle tẽ
po

po chamava seu; & a clausula com que poz o sellõ à narraçõ destas mercês, foy dizer, que as não fez taes a algũa outra nação:

Pl. 147.
20. *Non fecit taliter omni nationi.* Abel, & Caim ambos offererão sacrificio ao Creador, & a mayoria, & excessõ do agrado, cõ que os olhos Divinos acẽitãrão o de Abel, consistio na exclusiva de hum Não, com q os não poz no de Caim: *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus, ad Caim verò, & ad munera illius non respexit.* Assim elegeo a Divina Magestade em Israel o Tribu Real de Juda, & a excellencia, & soberania desta eleiçãõ, com que ficou mais acreditada, & mayor? Com outro Não do mesmo Deos, que não elegeo o Tribu de Efraim, posto q comprehendia dez Tribus: *Elegit Tribum Juda, Tribum Ephraim non elegit.* Finalmente S Paulo querendo encarecer, & subir de ponto a mayor obra do amor, & Omnipotencia

Gen. 4.
4.5.

Pl. 77.
67.68.

Divina, que foy a Encarnação do Verbo, diz que não resplandeceo só em Deos se fazer homem, mas sendo nove os Choros dos Anjos, em não se fazer Anjo: *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abraham apprehendit.* Assim pezou a balança, & assim avaliou o juizo de S. Paulo o que fez Deos a huns, pelo que não fez a outros: o que fez, & concedeo aos filhos de Abraham, pelo que não fez, & negou às Jerarchias do Ceo.

562 Mas aonde caminha este meu discurso? E aonde o leva a verdade desta altissima Providencia? Debaixo della caminhava o meu pensamento em direitura a Lisboa, para me achar presente às festas Reaes da nossa Corte, pelo felicissimo nascimento do novo Principe, que Deos nos deo, & Deos nos guarde: & como tal vez succede aos navios, q parte de cá, não sey que vento me derrotou a outro porto de Espanha.

Achei-

Achei-me logo na Corte de Madrid, à qual cõ muito verdadeiro coração desejára eu tambem ver divertida nos regozijos, que lá chamão, de semelhante felicidade à nossa. Mas lastimado de ver o seu silencio, & orfandade, comecei a dizer dentro em mim: He possível que a Portugal dá Deos tam multiplicados filhos, & ao resto de Espanha na união de tantos Reynos, nem hũ só filho? Assim he, Bahia: assim he, Lisboa: assim he, Portugal; para que no espelho desta differença, & em huma Monarchia tam grande, & tam visinha, cõsiderando o que Deos nos faz a nós, & não faz a ella; considerando o que a nós nos sobeja, & a ella falta; considerando o que Deos tam liberalmête nos concede, & o mesmo Deos por seus occultos juizos lhe nega; conheçamos na mercè presente, sobre as passadas, quam devedores fomos à Providencia, & benignidade Divina.

563 Ainda se não aquietta a minha admiração, & a minha confusão juntas. De todos esses Reynos taõ fieis, & Catholicos não estão continuamente subindo ao Ceo tantas oraçoens, & sacrificios? Todos elles não tẽ no mesmo Ceo tantos Santos, tantos advogados, & intercessores? Qual he logo a causa desta differença, ou preferencia tam notavel, tam sensível, & por suas consequencias tam dura? No meyo desta suspensaõ abri o livro dos Oraculos de David, & nas palavras, que propuz, me mostrou elle com o dedo não só huma, mas duas causas, ambas fundamentaes, & certas de tam admiraveis effectos. *Ecce* ^{Pf. 126.}
hereditas Domini filij, mer-
ces, fructus ventris. ^{3.} *Ecce,*
 eis aqui Portugal, de que fallamos: & este Reyno não he a herdade de Deos, *hereditas Domini?* Sim. E a herança dessa herdade nam he dos Reys Portuguezes? Tambem. Pois essa

essa he a causa de Deos a confirmar, & estabelecer com tantos filhos herdeiros : *Ecce hereditas Domini, filij*. Mais. Não disse Deos, que na decima-sexta geração do Reyno de Portugal attenuada, poria nelle os olhos de sua misericordia, & olharia, & veria : *Respiciam, & videbo?* E eu não demostrey na occasião passada, com o texto de Anna mãy de Samuel, que o olhar, & ver de Deos, he dar filho, & filho varão : *Si respiciēs, videris, dederisque servum tuæ sexum virilem?* Pois estas são as vistas de Deos repetidas. Olhou Deos, & vio a primeira vez, & deo-nos o primeiro Principe : olhou, & vio a segunda, & deo-nos o segúndo: tornou a olhar, & ver, & deo-nos o terceiro; & agora o'hou, & vio finalmente, & deo-nos o quarto. E esta he a primeira causa dos filhos.

564. A segunda está também apontada com o dedo nas palavras seguin-

tes : *Mercēs, fructus ventris*: que o fruto da fecundidade o dà Deos por premio, & paga do merecimento dos mesmos pays. Assim o entendem literalmente todos os Expositores : *Fructus ventris, id est fecunditas prolium, est mercēs, & premium justitiæ ipsorum*. Deforte que a fecundidade dos filhos da parte de Deos he a promessa hereditaria, có que Deos se obrigou aos Reys de Portugal, a qual pertence tanto aos passados, como aos futuros : & a mesma fecundidade da parte dos Reys he o premio, & a paga dos merecimentos, com que os mesmos Reys servem, & obrigão a Deos, a qual só pertence aos presentes. Torneo a dizer, Só aos presentes : & não he lisonja. Porque ? Porque de quantos puzerao a Coroa de Portugal sobre a cabeça, não houve hum par, a que tao propriamente pertencesse esta paga, como ás duas Magestades do Rey, & da Rai-

1. Reg.
I. II.

Rainha, que a Providencia Divina nesta era unio, & nos deu por Senhores. Ouçamos a Deos, quando nos deo a Coroa. Disse Deos, que fundava o seu Imperio em Portugal, por ser singular na Fé, & na piedade, *fide purum, pietate dilectum*. E em que par, ou parilha dos nossos Reys se viraõ tam concordados em grao sublime a Fé, & a piedade, como a Fé no segundo Pedro, & a piedade na segunda Isabel. Quanto ao zelo da Fé del Rey, que Deos guarde, diga-o o anno presente no mar, & na terra: no mar Nao para Guiné com hum Principe bautizado em Lisboa á conquistar novos Reynos para a Igreja na Africa: Nao para a China a unir à mesma Igreja já aberto o mayor Imperio da Asia: Nao para o Maranhão, & immenso Rio das Almazonas, a converter a mayor Gentilidade da America: & todas estas Naos nam guarnecidas de Soldados

a dominar novas terras; mas cheas, & carregadas de Mestres, & Missionarios Apostolicos para escalar o Ceo, & opovoar de almas. E quando todos estes lenhos cortados das raizes da Cruz vaõ fulcando as ondas, já na terra em varios Noviciados, & Seminarios ficão plantados, & crescendo outros discipulos, que succedaõ àquelles Mestres, todos sustentados a grandes despezas do mesmo Rey, abertos os seus thesouros, & sem limite, nos erarios Reaes. Se este Pedro fora o primeiro Pedro, a quẽ Christo disse, *Pasce oves meas*; não pudera fazer mais, como verdadeiramente não fez, quanto à extenção do mundo. Jacob, & Laban dividiaõ, & marcavaõ as ovelhas pelas cores; & as ovelhas do nosso Pedro sem distincção, ou exceição de cor, saõ de todas aquellas cores, quantas pintáraõ os rayos do Sol no Mapa universal do genero humano.

E quando este zelosissimo, & Apostolico Rey se emprega todo, & emprega tudo em acrefcetar filhos, & mais filhos à Igreja, como podia Deos faltar em lhe dar filhos?

565 Da Fé do Rey, *fide purum*, passemos à piedade da Rainha, *pietate dilectum*. He admiravel prerogativa neste singular composto de corpo, & alma tanta piedade, & santidade junta com tanta fecundidade. Sára foy Santa, mas esteril Sára: Isabel foy Santa, mas esteril Isabel: Anna da Ley Antiga, Santa, mas esteril Anna: & a Anna precursora da Ley da Graça, mais que todas Sáta, mas igualmente esteril. Em todos estes exemplos porém, como a esterilidade estava junta com a santidade, não podia a mesma santidade deixar de fazer a esterilidade fecunda. Assim foy em todas. Sára primeiro esteril, mas, como era Santa, depois tam fecunda, que deo a Abra-

ham Isaac, & nelle a maior descendencia: Isabel primeiro esteril, mas depois, como era Santa, tam fecunda, que deo a Zacharias o mayor dos nados: Anna, a da Ley Antiga, esteril, mas como Santa, tam fecunda, que deo a Elcana Samuel, & tantos outros irmaos: Anna finalmente nas vesporas da Ley da Graça, Santissima, & igualmente esteril, mas quanto mais Santa que todas, assim excedeo tanto a todas em fecundidade, que deo a Deos não menos que aquella Máy, de quem o mesmo Deos se fez Filho. Sendo pois o Rey tam singular no zelo da Fé, & a Rainha na devação, & piedade, já Deos em premio, & paga destes reaes, & divinos obsequios, lhe devia, & tinha promettido não hum só filho, senão a successão de muitos: *Ecce haereditas Domini, filij; merces, fructus ventris.*

566 A esta proposta do thema, mais larga do q
cu

eu quizera, segue-se fallar com-nosco, & ponderar o que nestas mercês se encerra, para darmos a Deos as devidas graças. E por que nós não podemos dar graças a Deos, sem Deos nos dar a sua; peçamola por intercessam daquelle Senhora, que he Mãe do mesmo Deos, & da mesma graça. *Ave Maria.*

§. II.

Ecce hereditas Domini, filij, merces, fructus ventris. Plalm. 126.

567 **P** Latao, & antes delle Homero ou considerarão, ou fingirão, que no mundo racional havia, ou devia haver tres Graças. Elles, & os outros Gregos, & depois os Romanos, as pintarão em figura de outras tantas donzellas fermosas, & risonhas, as quaes dandose as mãos entre si, fazião hum circulo perfeito. O officio da primeira Graça era fazer, ou dar as mercês: o da segun-

da, aceitarálas: o da terceira, agradecerellas. Este mesmo numero, & ordem determino seguir no que disser.

568 **C**omeçando pela primeira Graça, à qual dissemos que pertence fazer as mercês, & distribuilas; na presente materia do nascimento dos filhos, em que estamos, parece q̄ contra este privilegio da Graça tem legitimos embargos a natureza. O nosso thema chama aos filhos *Fructus ventris*: & quem pôde negar á natureza serẽ estes frutos seus? Assim he; são os filhos frutos da natureza; mas não só da natureza, senão da natureza; & da graça; & muito mais da graça, que da natureza. Toda a natureza sem a graça nam pôde gerar hum só homem; & a graça sem homem, nem mulher creou o primeiro homem, de q̄ nacẽrão todos. São a natureza, & a graça como aquellas duas famosas matronas Anna, & Rachel.

Ambas carecião de filhos, ambas os desejavão muito, & ambas os procurãrão por diferentes caminhos. A natureza por boça de Rachel pediu os filhos a seu marido Jacob:

Gen. 30
1.

Da mihi liberos, alioquin moriar: Jacob, dayme filhos, & senão morrerey de tristeza. Anna pelo contrario, que quer dizer Graça, foy-se ao Templo, fez oração a Deos, & pediu-lhe com grandes instâncias lhe dêsse fruto de bênção. E como respondêrão Deos a Anna, & Jacob a Rachel? Deos a Anna concedeolhe logo o grande Samuel, & depois outros filhos: Jacob a Rachel respondeo, que não

Ibid. 2.

era Deos: *Num pro Deo ego sum?* Por ventura sou eu Deos para vos dar filhos? Para ter filhos, não bastão Jacob, & Rachel; são necessarios Jacob, Rachel, & Deos: Jacob, & Rachel por parte da natureza, Deos por parte da graça. Os Hebreos antigos tinhão hum prover-

bio muito discreto: dizião que Deos reservára para si tres chaves, a da geração, a do sustento, a da resurreição: a da geração no ventre, a do sustento na chuva, a da resurreição na sepultura. Porque ainda que Deos costuma resuscitar poucas vezes, tanto depende do seu poder, & de sua vontade o nacer, como o resuscitar.

569 Este conhecimẽto geral, & está differença da natureza, & da graça, que he doutrina cõmum para todo o mundo; se repassarmos com a memoria o que os olhos virão, & já não vem, no espaço de tantos annos, (os quaes contarey depois) acharemos que foraõ hum desengano, ou pregaõ da Providencia Divina aos Portuguezes: para que? Para que o esquecimento das desconfianças passadas, & a alegria das glorias presentes não degenerem, como se pòde temer, em ingratição. Lembrem-se os que viviaõ entaõ, & saibão

baõ os que naõ eraõ nacidos, quam duvidosa, & vacilante esteve a successão da nossa Coroa; & quam desesperadas, & quasi mortas as esperanças, que hoje festejamos, tam copiosamente resuscitadas.

Já vimos, que o Reyno de Portugal he a herdade de Deos. As herdades dos homens para produzirẽ, & darem fruto, esperam contingentemente, que as regue a chuva do Ceo; porẽm a herdade de Deos, diz o Profeta, tem tal dominio, & imperio sobre a mesma chuva, que usa, & se serve della todas as vezes que a ha mister, a arbitrio da sua vontade:

67. *Pluviam voluntariam segregabis Deus hereditati tue.* Mas esta mesma herdade, em quanto nossa, para os frutos da successão, *flij, fructus ventris*, esteve em todo aquelle tempo tam secca, & esteril, como se Deos se tivera esquecido de que era sua.

570 Assim trabalhavaõ por subir, & chegar

ao Ceo as nossas orações, os nossos suspiros, & a nossa necessidade, de balde. Que meyos nam elegemos, & emprendemos, que logo se naõ desvanecessem? Que caminhos naõ acometemos, & abrimos, que logo se nam fechassem? Pela terra, pelo mar, & pelo ar os buscamos; & todos effes elementos se armáraõ contra nós, como se a terra se convertesse em pedra, o mar em regelo, o ar em tempestade.

571 Dizia Salamaõ, q̃ na terra, no mar, & no ar achára tres cousas muito difficultosas para elle: *Tria Proverb 30.18. sunt difficilia mihi.* Declarãdo logo q̃ tres cousas fossem estas, continuou dizendo, que eraõ outros tantos caminhos. Mas q̃ caminhos saõ, ou podem ser estes para o mais sabio dos homens difficultosos? *Viam colubri super petram:* O caminho da serpente sobre a pedra, que naõ deixa rasto. *Viam navis in medio maris:* O caminho da Naõ

no meyo do mar , cuja esteira confundem logo , & apagaõ as ondas. *Viam aquila in Cælo* : O caminho da Aguia no ar , que ella rompe visivelmente , & elle invisivelmente se torna a unir , & fechar. Taes foraõ os caminhos , que intentamos para o reparo da successão do nosso Reyno. Primeiro apõtarey os que todos viraõ , depois direy o que poucos sabem. O que todos viraõ , por onde começamos , foraõ as vodas del Rey Dom Affonso, elle felicissimo , & ellas pouco felices. Este foy o caminho da terra , como o da serpente , mais rasteiro , & arrastado do que à Magestade , & soberania da Coroa Portugueza era devido. A este se seguiu o do mar na Armada de Saboytam enfeitada , que para lhe dourar atè os costados , fundio o Tejo todas as suas areas. Mas já cu disse naquella occasião , q̄ ainda voltou mais rica do que partira , porque nam

trouxe o que hia buscar. Atè qui o que todos viraõ. O que muitos naõ sabem , he o caminho da Aguia no ar , de que eu fallarey , naõ só como testemunha de vista , mas como quem lhe seguiu os passos.

572 Pelos annos de cincoenta , como El Rey Filippe Quarto naõ tivesse mais que huma unica herdeira a Príncipeza Maria Theresa de Austria , entendèraõ os juizos mais sesudos , antevendo as consequencias , que hoje daõ tanto cuidado , que devia casar dentro de Espanha. E diziaõ livremente , os q̄ de nenhum modo que-riaõ que casasse fóra: Porque no tendremos un Rey con unos vigotes negros? Aos eccos destas vozes , ajudadas de outras intelligeneias secretas , intentou El Rey , que està no Ceo , solicitar o casamento para o Principe Dom Theodosio. E a este fim , debaixo de outros pretextos , me enviou a Roma com as instrucçoens , & poderes necessa-

cessarios , para que lá introduzisse , & promovesse esta pratica. Era Embaixador na Curia o Duque del Infantado, & Assistente de Espanha na Companhia o Padre Pedro Gonzalez de Mendocça seu tio, bom, & domestico interprete. O prologo desta negociação , sem o parecer, fazendome neutral, ou interessado (como verdadeiramente era) por ambas as partes , foy lamentarme de Religioso a Religioso , do muito sangue Espanhol, & Catholico, que se estava derramando nas nossas Fronteiras, triunfando , & fazendose mais poderosos os Hereges com aquella diversaõ. E dohiame juntamête de que as Câpanhas de Flandes pouco antes pacificadas se havião de passar a Espanha , & que aquella guerra seria tanto mais perigosa, quanto mais das portas a dentro. Sobre esta primeira pedra do temor tão bem fundado, em outra cõversação do mes-

Tom. II.

mo Assistente , na qual se achavão dous grandes sujeitos tambem Castellanos da Companhia , Velasques, & Monte Mayor, (os quaes já erão da minha opiniã) vindo à pratica o casamento da Princeza em Hespanha , disse eu : Se as cousas estiverão no estado antigo , pouca duvida podia haver na eleição do esposo. O sangue Real da Casa de Bragança he o mais unido à mesma Princeza ; porque ella, & o Duque de Barcellos são netos dos mesmos avós, & elle sobre tudo , pelas virtudes, & qualidades pessoaes , merecedor do mayor Imperio , como reconhecido, & celebrado no mundo pelo Principe mais perfeito de toda Europa. Todos assentiram com applauso a huma, & outra preferencia, do sangue, & da pessoa , como ambas sem controversia. E eu então , concedida esta evidente premissa , tirey da bainha o meu argumento , & lhe apertey os

Gg iij

pu-

punhos com todas as forças, dizendo assim : Pois se o Primogenito de Bragança só como Duque de Barcellos, & filho de feu pay, he o mais digno de toda a Espanha, para que a Princeza lhe dê a mão; quanto mais no estado presente, trazendo consigo por dote a Portugal, & tudo o que Portugal possui em ametade do Mundo? Dizer, que tudo isto se ha de reconquistar, he pensamento fundado só no desejo; porque tendo mostrado os Portuguezes, que elles por si só se podem defender, he certo que os emulos de Espanha os hão de assistir, & ajudar, como fizeram a Olanda, invencivelmente. Mas quando a côtraria apprehensão tivesse alguma probabilidade, quanto sangue se havia de derramar, quantos thesouros se havião de dispendir, quantos annos se havião de esperar os fins dessa contingencia? Não he melhor, & mais seguro conselho, assim co-

mo tudo se perdeu em hũ dia, recuperar tudo em hũ dia sem golpe de espada? Por ventura foy mais decente a paz com os Olandezes, dandolhes o dominio de sete Provincias, do que será a paz cõ os Portuguezes, não lhes dando cousa alguma, mas recebendo de contado quanto possuem dentro, & fóra do Reyno? Onde se deve muito notar, que o que he Portugal só dentro em si, são partes, & membros da mesma Espanha, com que ella, & a Monarchia se tornará a repor na sua total inteireza. Finalmente com esta reunião, & Portugal restituído, ficará Espanha em muito mais poderoso, & florente estado, que quando o tinha fugeito. Porque ella agora o tem cingido, & sitiado com os seus Exercitos, & elle se defende com os seus em hum cerco de cento, & cincoenta legoas cõ Soldados tam valentes, cõ Capitaães tam experimentados, com Cabos tam famo-

mosos de huma, & outra parte : & todas estas armas juntas, as suas, & as nossas, no mesmo dia ferám suas, & Espanha ficará tam estabelecida, tam forte, & tam formidavel, que seja o amparo dos amigos, a reverencia dos neutraes, & o terror de todos seus inimigos. Atè qui ouvião mudos os circumstantes, olhando huns para os outros. E murmurandose a verdade destas razoens atè chegarem às melhores cabeças da facção Espanhola, crão geralniente approvadas, & com muito particular empenho no voto do Cardinal de Lugo em tudo Eminentissimo. Mas como a questão se havia de decidir não no juizo do Capitolio Romano, senão em outro muito distante, onde a dor, & a ferida estava ainda fresca, & o progresso das nossas armas não tinha amadurecido as verduras do pundonor, que depois humanou a experiencia, & a necessi-

dade; não foy lá aceita a proposta. Assim ficou no ar a Aguia, & no ar a negociação; mas os que então lhe negarão os ouvidos, depois torcêrão as orelhas.

573 Agora me confintão os Portuguezes, q̄ lhes tire huma espinha da garganta. Porque vejo que estão notádo a El Rey, de que quizesse neste côtrato desfazer o que tinha feito, & tornar a unir o que tinha defunido. Mas he, porque atègora calley huma clausula do projecto, sem a qual eu tãbem não havia de aceitar a commissão. A clausula he, que no tal caso a cabeça da Monarchia havia de ser Lisboa: & deste modo se conseguia para o nosso partido a segurança, & para o governo da Monarchia a emenda. O erro que tem causado muitos em Espanha, como ponderão os melhores politicos, he estar a Cortè em Madrid. Por isso El Rey Philippe o Segundo, quan-

do veyo, & vio Lisboa, logo a sua prudencia determinou, & prometteo passar a Corte para ella. E a esse fim se começou a edificar aquella parte de Palacio, que chamão o Forte. Tendo Espanha tanta parte dos seus dominios no mar Mediterraneo, tãta no mar Septentrional, & tantas, & tam vastas em todo o mar Oceano; havia de ter a Corte, onde as ondas lhe bateessem nos muros: & dependendo todo o manejo da Monarchia da navegação de Frotas, & Armadas, & dos ventos, que se mudão por instantes; que politica pòde haver mais alhea da razão, que tella cem legoas pela terra dêtro, onde os Navios só se vem pintados, & o mar só na agua pouca, & doce, que o Inverno empresta ao Mançanares? Mas assim havião de preceder todas estas violencias da razão, & da natureza, para que mais maravilhosamente se lograssem os frutos da

graça. Vejamolo não cõ outros nomes, senão os proprios de ambas.

574 Communicou Deos ao Profeta Samuel, que entre os filhos de Jessé tinha escolhido hum Rey, que muito o havia de servir; & não lhe revelando qual era, mandou que o fosse ungir. Para esta unção encheo o Profeta huma redoma do oleo sagrado, conforme a cerimonia, & rito da Ley Antiga, & na casa de Jessé fez vir diante de si, hum por hum, os filhos, segundo a ordem das suas idades. Veyo em primeiro lugar Eliab, mancebo bizarro: inclinoulhe o Profeta sobre a cabeça a redoma, mas o oleo não correo. Aqui havemos de ouvir agora o commento de S. Basilio de Seleucia, que he singular. *Cornu invergens Propheta rejeEtaneum, ut ungeret cogebat, sed oleum fluere recusabat, ne cum errante Propheta faceret, & fluxa natura sursum detinebatur gratia legibus obsequita.*

quinta. Quer dizer, que inclinando Samuel a redoma, o oleo sendo liquido, & pezado, não correo para baixo, contra o movimento da natureza, porque a graça o detinha, & suspendia para cima. E a causa desta suspensam era por não ser Eliab o Rey escolhido por Deos, nem ser decente que o oleo sagrado concorresse com o erro do Profeta, que não sabia, nem acertava qual fosse. Excluido com este milagre o primogenito, veyo o segundo filho Abinadab, & tambem o oleo não quiz correr sobre a cabeça deste: veyo o terceiro chamado Samma, & nelle, & nos demais continuou o mesmo prodigio. Chegou finalmêre David, que era o ultimo filho, & a primeira inclinação do Profeta correo o oleo da unção, & se derramou todo sobre a sua cabeça, até se esgotar a redoma.

575 Esta foy a famosa historia, na qual quem houverá, que não esteja vên-

do a nossa, obrando a mão de Deos invisivelmente o que succedeo à de Samuel? Quiz El Rey Dom João segurar a successam, & união da Coroa no casamento do seu Primogenito Dó Theodosio, como em Eliab, mas não correo o oleo sobre Dom Theodosio. Quiz o Reyno segurar a successam do Rey D. Affonso, como em Abinadab, mas não correo o oleo sobre D. Affonso. Tomouse por ultimo remedio o casamêto de Saboya, como em Samma, mas não correo o oleo sobre aquelle Principe. Assim se fecharão todos os caminhos, que intentamos pelo ar com a Aguiã voando, pela terra com a serpente arrastando, pelo mar com a Nao navegando; mas na terra, no mar, & no ar, suspendeo a graça o oleo, fêchou a redoma, & os caminhos, porque erã errados: *Ne cum errante Propheta faceret.* Desde o anno de cincoenta até o de oitenta & sete, se

Ps. 106.
40. se verificou em nós a pra-
ga, ou lamentação de Da-
vid : *Errare fecit eos in
invio, & non in via* ; por-
que tam longamente an-
damos errando como os
filhos de Israel pelo deser-
to sem acertar com a terra
de Promissaõ, onde Deos
tinha depositado a nossa
felicidade. Nós a busca-
vamos lá em Castella, em
França, & em Italia; & el-
la estava escõdida em Ale-
manha. Unio-se em fim
Alemanha com Portugal,
celebrarão-se as felicissi-
mas vodas : & em El Rey
Dom Pedro, o ultimo fi-
lho del Rey Dom Joaõ, co-
mo David de Jessé, derramou
Deos, & a graça o
oleo da unção, que ha-
viamos mister, com tanta
abundancia, & tantas ve-
zes, como já estamos con-
tado, & celebrando a quar-
ta.

§. III.

576. **D**epois da pri-
meira Graça,
q̃ faz as mercès, & reparte
os beneficios, segue-se a
segunda, que tem por of-
ficio receberlos. Diz Ari-

stoteles, que tudo o que se
recebe, se recebe ao modo
de quem o recebe. E ha
modos de receber, que di-
minuem, & apoucao o
mesmo, que recebem: isto
he receber com as maõs a-
bertas, & com os olhos fe-
chados. No caso, em que
estamos, não se ha de di-
zer, que naceo a Portu-
gal hum Infante, & aos
seus Reys hum filho, & ao
seu Principe hum irmão :
pois como? Ha-se de fa-
zer tam particular men-
ção do numero, como da
pessoa. Na pessoa he hũ;
mas no numero, sobre os
que por mercè de Deos lo-
gramos, para Suas Mage-
stades he o filho terceiro,
& para Sua Alteza o ir-
mão segundo. E dar Deos
hum segundo irmão ao
Principe de Portugal, he
cõfirmar-lhe a herça mais
em duas vidas; porque os
irmãos são os fiadores da
sua. Anna mãy de Samuel
pedio a Deos hum filho,
& Deos deo-lhe tres : *Visi-*
tavit Dominus Amam, & *1. Reg.*
2. 21.
concepit, & peperit tres fi-
lios.

lios Pois tres, quando pede hum ? Sim. Não só foy excessõ de liberalidade no dar, senão o seguro do que dava. O primeiro filho foy o despacho da petição; o segundo, & o terceiro foy a confirmação da mercê em outras tantas vidas. A mesma vida humana, a sua fragilidade, & inconstância he a razão, & necessidade destes remedios. Causa maravilhosa he, que o morgado de Abraham se continuasse sem quebra até Christo, correndo neste intervallo dous mil & trezentos annos. Não morrião estes homens? Morrião; mas como cada hum tinha outro, que lhe succedesse, sendo os herdeiros mortaes, fizeram immortal a herança. Sem estes refens da mortalidade, se o herdeiro he hum só, tam arriscada tem a herança, como a vida.

577 Na parabolá da vinha, indo os criados do senhor della receber os frutos, rebelláraõse cõtra el-

les os cavadores, ferindo, & matado. Então o pay de familias tomou por expediente mandar lá seu proprio filho, entendendo, que lhe terião diferente respeito: *Verebuntur filium meum*. Mas o uso da enxada assim como caleja as maõs, endurece tambẽ as testas. Foy tam contrario o discurso daquella vilania rebellada, que differão assim: *Hic est hæres, venite, occidamus eum; & habebimus hereditatẽ*. De maneira, que quando o filho he unico, & hum só, & não tem quem lhe succeda, nem a pessoa se lhe guarda respeito: *Verebuntur*; nem falta quem se lhe atreva à propria vida: *occidamus eum*; & huns, & outros querem para si a herdade: *& habebimus hereditatem*. Por isso o nosso Texto fallando desta mesma herdade, de que aos nossos Reys pertence a herança, não só lhes promette filho, senão filhos: *Ecce hæreditas Domini, filij*. E para que entenda a

Math.
21. 37.
38.

se-

segunda graça , como recebadora , o muito , que nesta ultima mercè de Deos tem recebido ; confidere , que crescendo os filhõs , cresce com elles a segurança.

578. Confolava Seneca a hum anõjado pela morte de hum amigo, (q̃ he o mayor parentesco) & dizialhe assim discretamente : Se o amigo, que perdestes, he hum dos que tinheis, he hum dos que perdo que vos faltou com os que ficarão. Mas se elle era não sò hum, senão unico, não choreis sò a vossa perda, senão a vossa culpa: *Quare tu ad unam anchoram stabas ?* Porque estaveis vós sobre hũa só anchora? Quãdo as cousas dependem do proprio alvedrio, estar sobre humã só anchora, não só he desgraça, mas culpa; porèm quando dependem sò da mão de Deos, he providência muito para estimar, & agradecer da mesma graça Divina. Em quanto Deos depois de nos levar

o primeiro, nos deo sò o segundo Principe, estavamos sobre huma só anchora; mas depois que lhõ succederão tam felizmente hum, & outro Infante, já estamos sobre tres. Na antiga Lusitania reynou antigamente hum Principe chamado Gerion, o qual tinha dous irmãos do mesmo nome, tam unidos todos tres entre si, que derão occasião à fabula de viverem em humã só alma, que informava os tres corpos. Dizião mais, que esta união os fazia tão fortes, que chegando a Espanha o domador de todos os monstros do mundo, não derão menos trabalho a Hercules as tres cabeças destes irmãos, que as sete da famosa Hydra.

579. Mas deixada esta fabula, em que parece profetizou, ou pintou a passada Lusitania a fortuna, que ella, & nós haviamos de gozar presente: para que o nosso Principe estime, quanto deve, o nascimento do novo irmão, &

& quanto importa, ou pôde importar a seu tempo hum tal companheiro, & fiador, não só para o reparo da vida, senão para a conservação do Estado; ouçamos hum famoso Oraculo da Sabedoria Divina. *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi civitas firma.* Os Setenta Interpretes ainda mais expressamente: *Frater à fratre adjutus, quasi urbs munita, & excelsa*: Hum irmão ajudado de outro irmão (diz o Espirito Santo) são como huma Cidade no sitio levantada por natureza, & nos muros bem fortificada pela arte. Huma Cidade sem fortificação, por qualquer parte pôde ser invadida, & entrada. Mas os muros que mais fortemente a cercão, & a defendem, não são os que se fabricão de marmores ligados, senão de coraçoes unidos. Perguntados os Espartanos, porque não muravão as suas Cidades, respondião: Si muramos: & os nossos muros (apô-

tando para os peitos) são estes. E se este valor lhe infundia o serem moradores da mesma Cidade, quanto mais se fossem filhos do mesmo pay, & da mesma mãy, ajudado cada par hum do outro: *Frater à fratre?*

580 Assim o entenderão tam politica como militarmente os que especularam o modo compendioso, & facil com que acodir à restauração de Portugal, & a desfazer, & affogar nas mesmas faxas do seu nascimento. Estava militando em Alemanha o Infante Dom Duarte, & antes de se tocar caixa contra os que chamavão rebellados, despachão-se correys secretos com ordens, aonde se não podião mandar, de que o Infante seja logo preso. E porque, ou para que? Para que hum irmão se não ajutasse como outro irmão, & divididos se não pudessem ajudar, nem defender, & conservar a empreza começada. Não se temêrão

rão tanto de toda a união do Reyno , como de que chegassẽ os dous irmãos a ser *Frater, qui adjuvatur à fratre*. Entendẽrão que preso o Infante , com os muros do Castello de Milaõ tinhaõ posto em cerco a Portugal , & que o novo Rey defacompanhado de seu irmão , com todas as forças do Reyno se não podia defender. Mas quando elles com huma divisaõ os quizerão separar , elles com outra divisaõ se foubẽrão unir.

581 Dizia discreta , & fortemente Quintiliano em huma declamação , que a irmandade he huma alma dividida pelo meyo : *Quid est aliud fraternitas , quàm divisus spiritus ?* E que fazia a alma dos dous irmãos assim partida em duas ametades ? A ametade livre do Rey estava presa em Milaõ com a do Infante , & a ametade presa do Infante estava livre em Portugal cõ a do Rey. Tam livre , que succedendo no mesmo tempo sus-

pirar a falta de Cartage-na , & a necessidade de Potosi por cavadores Ethio pes , houve arbitrios em Madrid , que o Infante se trocasse por Angola , & a sua liberdade por muitos cativeiros. Mas como esta noticia chegasse aos ouvidos do Real Prisioneiro , teve elle industria para minar os muros do Castello , & por debaixo da terra escrever huma carta , que de Veneza veyo à Haya Corte de Olanda , (onde eu a li) & da Haya passou a Lisboa. E que continha aquella carta ? Dizer , & protestar a Sua Magestade o generoso Infante , que nem hum torraõ de terra conquistada com o sangue dos Portuguezes se dẽsse pela sua liberdade , nem pela sua vida. Assim estava desde a sua prisãõ defendendo as terras da Africa , & avaliando em tanto preço as gotas do sangue Portuguez , duzentos annos antes derramado nellas. Que seria , se chegassẽmos

aó vér na testa dos nossos exercitos, & nas nossas restituidas campanhas, ganhadas também com o fangue não só dos Soldados, senão dos Reys seus avòs, nas veas do irmão, & nas suas o mesmo?

582 Sem lograr este desejo acabou aquelle heróico Príncipe a vida; & aos dous irmãos, que a distancia dos lugares nam pode separar, separou finalmente a morte. Na ausencia de tam fiel companhia parece que se cumprio: então ficar ElRey verdadeiramente só. Assim o ponderey nas suas exequias, em que tomey por thema: *Mortuus est frater ejus, & ipse remansit solus.* Disse estas palavras Jacob, fallando dos dous irmãos Joseph, & Benjamin filhos seus, & de Rachel. Mas assim como era falso ser morto Joseph, q̄ no mesmo tempo vivia, & governava o Egypto: assim se não verificou em ElRey, como em Benjamin, o ficar só sem elle:

porque? Porque voou de Milão ao Ceo o glorioso Infante, não esquecido de quem era; & daquelle mais alto Castello ajudou fortemente a seu irmão. Na batalha de Barac, diz a sagrada Escritura, que se pelejava da terra, & juntamente do Ceo: *De* ^{Judic. 5.} *Cælo dimicatum est:* sendo ^{20.} as Estrellas de lá hum bẽ ordenado exercito: *Stellæ manentes in ordine suo.* Assim succedeo dalli por diãte. Meteo a justiça da causa o bastão na mão ao bellicoso Infante, & governando as estrellas, elle infundia nellas os seus espiritos, & ellas os influão tam effcazmente nos Portuguezes que pelejavaõ na terra, que no mesmo tẽpo restaurarão na Africa Angola, & na America Pernambuco, & em Portugal já restaurado, o defendião gloriosamente cõ mayor, & mais certo desegano das armas offensivas.

583 A' vista deste exemplo de irmãdade me arre-

arrependo muito do que pouco ha disse , que Portugal se sustenta hoje sobre tres anchoras , sendo certo que são quatro , & a mais segura no Ceo , enchendo este perfeito numero o Principe primogenito, que o mesmo Ceo nos deo, & arrebatou tam brevemente. Grande pronostico de perpetuidade não só para a esperança, senão para a Fé! Fundou Deos neste mundo duas Républicas; a primeira em huma só nação, que foy a Sinagoga; a segunda em todas as naçoens, q̃ he a Igreja; & o fundamento sobre que assentou ambas; foy a irmandade. A Sinagoga sobre Moysés, & Aram irmãos, a Igreja sobre Pedro, & André irmãos, & sobre João, & Jacob tambem irmãos. E porque razão a Sinagoga em huma irmandade, & a Igreja em duas? A Sinagoga em dous irmãos, & a Igreja em quatro? Porque a Sinagoga havia de durar muito, a Igreja sem-

pre; & a perpetuidade deste sempre nos promette a firmeza de huma base sobre o numero quadrado, o qual se aperfeiçoou, & encheo no nascimento felicissimo do ultimo Infante, que celebramos.

584 Já eu aqui me despedira da segunda Graça; mas sey, que anda na boca das gentes, & tambem na estãpa dos livros, que quando reynar hum Rey de certo nome, lhe ha de succeder na Coroa hum Infante de Portugal. Portugal he tam pouco ambicioso, & está tam cheyo de si, que se contenta com o seu. Fiquem estes contos para as Fadas, que os cantem ao nosso Infante quando lhe embalarem o berço, & animarê o somno. A verdãde maravilhosa he, (para que não sejamos ingratos a Deos) que ha poucos annos tinhamos a successão por hum fio por falta de hũ Principe, & agora os podemos repartir, & dar Reys a muitos Reynos. Eu porém o que só qui-

quizera entretanto, he q̄ os nossos derão nelles às duas Magestades de suas Augustísimas Irmãs não só afillhados, mas filhos. Na morte dos innocentes de Belem allega o Evangelista S. Mattheos o texto do Profeta, em que Rachel chorava os seus filhos: *Rachel plorans filios suos*: sendo certo, que os mininos de Belem não erão filhos de Rachel, senão de Lia sua irmã. Mas por isso mesmo lhes chama filhos seus; porque os filhos dos irmaõs tambem são filhos proprios. Assim pôde dar ElRey nosso Senhor à Magestade da Senhora Rainha da Grã Bretanha sua irmã, nam só hum afillhado, senão hum filho. E a Rainha N. Senhora à Magestade da Senhora Rainha de Castella tambem irmã sua, outro. E por este modo ambas as venturosas Magestades, sem as dores, que não padeceraõ, lograrãem em lugar de dor, com summa alegria o fruto desta glo-

riosa fecundidade de Portugal, & sua: *Filijs, fructus ventris.*

§. IV.

585 **S**omos chegados finalmente à terceira, & ultima Graça, à qual pertence agradecer as mercês, & beneficios recebidos; mas o nosso agradecimento se anticipou de maneira a esta terceira Graça, que as nossas se tem já muito desempenhado, ou começado a desempenhar na segunda. Já tinha dito Seneca elegantemente, & o disse depois com mayor elegancia S. Bernardo, q̄ a primeira parte do agradecimêto, & as primicias, que mais agradão, & satisfazem a quem faz o beneficio, he o gofsto, a alegria, & a estimaçam, com que o mesmo beneficio se abraça, aceita, & recebe. As palavras do Santo são estas: *Danti rependi quidquam gratius ab accipiente non potest, quam si gratum*

habuerit, quod gratis accepit. Isto he o que fizeraõ já as nossas publicas, & naturaes demostraçoens naquelle solícito, & cuidadofo repente, com que na Bahia se ouvio a nova do felicissimo parto, em que a Divina liberalidade tinha acrecentado à Profapia Real mais hum penhor de firmeza no repetido nacimêto do novo Infante. Os applausos de grandes, & pequenos: os parabens, que todos se davão: as alviçasas, com q̃ se premiãraõ as primeiras noticias: o cuidado, & receyo interior, de que se despirãõ os coraçõens; & as galas, de que se vestiraõ por fóra: as luminarias, os repiques, as salvas das fortalezas, & artelharia, com que até as pedras, & os bronzes ou sentiaõ, ou mostravaõ a alegria: em fim as festas geraes decretadas para mayor apparato, & credito do mesmo contentamento: tudo isto, & o mais, que se naõ pôde explicar, junto, fo-

raõ hum descomposto tumulto, & huma concertada harmonia dos coraçõens, com que o agradecimento sahindo fóra de si pelas portas de todos os sentidos, com todos se encontrava, & manifestava em todos.

586 Mas isto aonde, & quando? A circumstancia do lugar, & do tempo acredita muito este novo modo de gratificar. Deo o Anjo a nova do Nascimento do Salvador aos Pastores; & elles que fizeraõ? Foraõ a Belem, viraõ o que tinhaõ ouvido, & entãõ tornando para o seu gado, vinhaõ cantando louvores, & dando graças a Deos: *Reversi sunt pastores glorificantes, & laudantes Deum.* Se nõs pudemos tambem ir a Belem, quero dizer, à nossa Corte, & ser testemunhas da sua alegria, nam lhe daria ventagem a nossa, como nem ao que ella obrou nos Pastores. Mas nora nelles o Evangelista duas propriedades, que em

em nós são grandes diferenças. A primeira, que elles estavaõ na mesma região: *Pastores erant in regione eadem.* A segunda, q̄ recebêraõ a nova do Nascimento no mesmo dia: *Quia natus est vobis hodie.* Porém que nós, estando noutra região tam distante, & recebendo a nova tanto tempo depois, nem por isso glorifiquemos, & louvemos menos a Deos? Ninguém diga que a terra do Brasil he ingrata. O agradecimento he filho do amor, & o amor ordinariamente o tempo o esfria, & a distância o apaga: porê o nosso agradecimento, como filho de amor mais nobre, qual deve ser o dos Reys, & da Patria; nem o tempo, com tantos mares em meyo, bastou a lhe esfriar o contentamento, nem as distancias tam remontadas, para não ver, & festejar as causas delle, quanto merecem.

587 Assim sem sahir da segunda Graça, nem entrar na terceira, a quem

pertence o agradecer, só com o agrado, & estimação da mercê recebida temos já pago, & respondido aos eccos só da boa nova, com o melhor, & mais sincero tributo do agradecimento. E para que este passe finalmete à terceira Graça, resta só que ás nossas graças, com humilde, & fiel reconhecimento ao primeiro, & sobrenatural principio donde nacêraõ, se refirão todas a Deos. Este he aquelle perfeito circulo, que as tres Graças, como diziamos, fazem, dandose as mãos entre si: querendo significar, que todas nascem da primeira, & todas tornão a ella. Nacem della, porque della as recebe a segūda; & tornão a ella, porque a ella as refere, & agradece a terceira. Todos os rios quantos regão o mundo, ou mais, ou menos caudalosos, ou mais, ou menos distantes, sempre estão corrêdo ao mar, sendo q̄ nelle se affogão, & perdem o nome. E porque

correm todos ao mar? Porque todos naturalmente tornão, & vão buscar o principio donde nacêrão: *Ad locum unde exeunt, flumina revertuntur*: diz Salamaão. E qual he a Theologia, que nesta natural Filosofia encerra, & está sempre ensinando a natureza de dia, & de noite? Santo Thomás: *Redeunt flumina, id est, beneficia per gratitudinem ad suum principium, unde exierunt, puta, ad Datorē Deum*. Os rios, são os beneficios Divinos, os quaes vão buscar o seu principio, que he Deos; & adonde sahirão por origem, tornão por agradecimento: *Redeunt per gratitudinem*. Aqui temos o circulo das tres Graças em huma só agua, & a mesma. Sahe a agua do mar, penetra por baixo da terra até as fontes: das fontes rebenta aos rios, & nos rios corrêdo torna a buscar o mar. A primeira carreira he secreta, & não se vê donde sahe; & assim

são os beneficios Divinos: a segunda he manifesta, & publica; & assim devem ser, & são as graças, que damos a Deos.

588 E tem algum interesse este tributo de agradecimento, que os rios vão pagar ao mar? Sim, & muito grande. He de graças, mas não de graça. O mesmo Salamaão o disse: *Revertuntur, ut iterum fluant*. Tornaõ os rios agradecidos ao mar, para tornar a correr. Não paraõ para correr, correm para não parar. E que nos quer Deos ensinar neste mesmo espelho? Diga-o o mesmo Cõmentador, como tam excellente interprete dos segredos Divinos. *Ut iterum fluant: quia gratitudo de datis provocat liberalitatem Dei ad nova danda*. Correm os rios para tornar a correr; porque he tam grato a Deos o nosso agradecimento dos seus beneficios, que provoca sua Divina liberalidade a que nos dê outros de novo. De maneira que

Eccl. 1.
7.

Eccl.
7.

que as mercês de Deos antes do agradecimento são dadas, depois do agradecimento são devidas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deos das mercês que nós faz ; depois do agradecimento, as mesmas graças , que damos a Deos, fazem a Deos devedor nosso, & devedor de novas mercês, porque fica obrigada a sua liberalidade a nos fazer de novo multiplicando-as. Daqui se entenderá o mysterio, com que Christo Senhor nosso no banquete do deserto trocou a ordem

an. 6. das graças : *Accepit panes, & cum gratias egisset, distribuit discumbentibus*: Tomou o Senhor os pães nas mãos, & dando primeiro as graças a Deos, então os distribuiu aos convidados. Parece que as graças se havião de dar depois de comer, & não antes. Mas assim convinha, & importava que fosse. Os pães são cinco, & cinco mil os que havião de comer delles : &

Tom. II.

para multiplicarem tanto, era necessario que precedessem as graças, & que o mesmo agradecimento os aumentasse. Tam fecunda he a gratidão nos beneficios Divinos.

§ 89. E supposto que todo o nosso discurso he fundado em huma fecundidade, que com razão chamamos prodigiosa; razão terá tambem alguém de perguntar, ou por curiosidade, ou por receyo, se pôde, ou poderá haver alguma acção, ou ommissão da nossa parte, que faça esteril a beneficencia Divina. Respondo que sim, & he consequencia do q̄ acabamos de dizer. Porque assim como a gratidão tem efficacia para fecundar a mesma beneficencia em Deos, assim a tem igualmente a ingratitude para a esterilizar. Até esta notavel advertencia não passou por alto a David: *Retribuebant mihi mala pro bonis: sterilitatem anime mee*. Eu (diz David) semeey beneficios, & colhi

Pf. 34.
12.

Hh iij in-

ingratidoês : esterilidade da minha alma. A primeira parte desta sentença não tem difficuldade ; mas a segunda muito grande. Semear beneficios , & colher ingratidoês , he monstruosidade da agricultura , que cada dia experimentão os que semeão , ou plantão em tão má terra como a de Adam , & seus filhos. Atè Deos disse da sua vinha : *Expectavi , ut faceret uvas , & fecit labruscas*. Porém que põhia David esta esterilidade em si : *Sterilitatem animæ meæ* : esta he a maravilha. Se puzera a esterilidade nas almas , & mãs almas dos ingratos , bem estava ; mas na sua , que fazia os beneficios ? muito notavel cousa he , mas certa. E porque ? Porque o ingrato não só esteriliza os beneficios , senão também o bem-feitor : esteriliza os beneficios , porque & esteriliza o bem-feitor ; porque vendo o bem-feitor que se pagão com in-

Isai. 5.4.

N. 19

29

iii

gratidoens os seus beneficios , cessa , & não os quer continuar. Isto , que David diz de si , he o que faz Deos. Antes propria , & verdadeiramente de Deos he que o disse o Profeta , & não de si. Estas palavras são do Psalmo 34. o qual todo he de Fé , que falla de Christo. E da sua alma diz o mesmo Christo : *Sterilitatem animæ meæ* ; porque o ingrato (cõmenta Hugo Cardeal) quanto he da sua parte faz esteril a alma do mesmo Christo : *Animam Christi , quantum est in se , sterilem facit*. Note-se o *quantum est in se* ; porque a alma de Christo ainda neste caso não he esteril , mas he esterilizada : da sua parte não he esteril ; porque sempre está prompta para fazer bem ; mas da nossa he esterilizada , porque a nossa ingratidão a esteriliza : *Sterilem facit*.

590 Neste admiravel exemplo nos ensina a terceira , & ultima Graça como devemos conservar ,
ou

ou podemos perder : como devemos aumentar , ou podemos esterilizar a mesma fecundidade , que celebramos. E porque não pareça caso singular , sabemos que assim o tē Deos estabelecido por ley universal desde o principio do mundo. Toda a successão, & geraçoens do género humano ; primeiro creado, & depois restaurado , fundou Deos sobre dous grandes homens, Adam, quando o creou, & depois se perdeu ; & Noé, quando depois de perdido o restaurou. E porque o perdeu Adam, & o restaurou Noé ? Leaõ-se no Texto sagrado os procedimentos de hum, & outro. Adam nem por obra, nem por palavra, nē por offerer sacrificio a Deos, ou lhe dobrar o joelho, nem por movimento, inclinação, ou final algum se lhe mostrou agradecido ; mas sempre, & em tudo duro, desconhecido, ingrato. E como castigou Deos esta ingratião ? Cō

o diluvio, em que todos os filhos de Adam ficarão sepultados. Noé pelo contrario , tanto que desembarcou da Arca com todos os animaes , a primeira cousa que fez , foy levantar altar a Deos, & sacrificar-lhe as victimas , que já trazia separadas , & sem parilha em acção de graças por todos. E como premiou Deos este agradecimento de Noé ? Com a perpetua conservação de seus descendentes , & promessa de não haver mais diluvio , confirmada com o arco que ordinariamente vemos nas nuvens, quando começaõ os primeiros orvalhos da chuva. Desorte que nas Escrituras, & nas nuvens deixou Deos dous perpetuos monumentos ; hum do castigo da ingratião, outro do premio do agradecimento : nas Escrituras o diluvio , como sepultura de todos os filhos de Adão ; & por epitafio nella: *Delebo* Gen. 6.
hominem , quem creavi : nas 7.
nuvens a conservação, &

Gen. 3.
21.

seguro de todos os filhos de Noè, como arco triumphal do agradecimento, & nelle por inscripção: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines.* Não houve jámais, nem pôde haver tal triumpho, como o daquella inscripção em hū arco levantado entre o Ceo, & a terra; porque nelle triumphou, & está sempre triumphando o agradecimento: de quem? Não fó da Omnipotencia, se não também do alvedrio Divino. Da Omnipotencia; porq̃ não pôde Deos fazer o contrario: & do alvedrio; porque nem o pôde querer, ainda que tenha grandes razões para isso.

591 Em summa, que os thesouros da beneficência Divina tem duas chaves, huma de ouro, que os abre; outra de ferro, que os fecha. A de ouro, que os abre, he o agradecimento, que os alcança, aumenta, & conserva: a de ferro, que os fecha; he a ingratição, que depois de rece-

bidos, os corrompe, destroe, & perde. Assim perdeu Adam por ingrato, & affogou no diluvio a geração de todos seus descendentes: & assim cõservou Noé por agradecido a sua, & a conserva, & ha de cõservar para sempre. Não quizera agora fazer reflexão sobre nós; mas he obrigação de todo este discursão. Lembremnos do agradecimento do segundo pay do mundo, & não nos esqueçamos da ingratição do primeiro. Estas mercês, de q̃ damos as graças à Divina misericórdia, já sabemos como as havemos de conservar. Mas temamos também como se podem perder. Faz horror à imaginação, & treme de o pronunciar a lingua. No primeiro Principe, q̃ Deos nos cõcedeo, & tão brevemente levou para si, nos anticipou o exemplo do q̃ elle não permitta, & pôde succeder a todos os que nos tem dado, & pôde dar, ainda que sejam muitos mais. Justo Lypfio
com

Acção de graças.

SIE

com advertencia singular
entre to dos os Reynos, &
Reys do mundo, poê diate
dos olhos a todos, como
tremendo espelho de desfē-
gano, o Reyno de Portu-
gal, & o mais felice de to-
dos os seus Reys El Rey D.
Manoel. Referê os seus
tres casamentos, & o grã-
de numero de filhos, & ne-
tos, com que deixou tam
fundada, (diz) & estabe-
lecida a successão da Co-
roa, q̃ não só entrada, mas
nem refquicio algũ havia,
por onde outra Familia
pudesse aspirar a ella, & cõ-
tudo conclue assim : *Vi-
ginti duo erant, qui Philippū
Regem anteibant, & succes-
sione legitimè arcebant ; &
tamen quò fata vocabant,
venit, & successit. Præmor-
tui omnes illi sunt: quid, nisi
ut unum facerent totius His-
paniæ caput?* Tinha El Rey
Dó Manoel vinte & dous
herdeiros, os quaes prece-
dião a El Rey Philippe Se-
gundo de Castella, & o ex-
cluião da successam ; mas
elle em fim succedeo, por-
que todos os vinte & dous

morrerão antes ; & nelle
vivo ficou toda Espanha
debaixo de hua só cabeça.
592 *Ecce hereditas Do-
mini, filij, merces, fructus
ventris.* Dêtro nestas mes-
mas palavras nos está dã-
do vozes o desfengano do
que he a mortalidade hu-
mana, posto que fecunda.
Ecce : Eis aqui Portugal
em ti o mayor exemplo.
Hereditas : Está he a her-
dade, que se recuperou,
porque se perdeu. *Domini* :
Este he o mesmo Senhor, q̃
ã tornou a dar, porq̃ a ti-
nha tirado. *Filij* : Estes são
os filhos do mesmo traço,
que sendo sete vezes
mais do que hoje temos, a
não pudêrão conservar.
Mas bom animo ; porque
a conservação está na nos-
sa mão, se a quizermos
merecer. A nossa gratidão
no presente, à nossa me-
moria do passado, & às
nossas vidas, & obras pa-
ra o futuro, tem Deos
promettido por premio
os frutos da mesma fecun-
didade : *Mercês, fructus
ventris.*

SER



SERMAM

GRATULATORIO

A S. FRANCISCO

XAVIER,

Pelo nascimento do quarto filho varaõ, que a
 devação da Rainha nõsa Senhora con-
 fessa dever a seu celestial patrocínio.

Quartus frater.

Rom. 16.

S. I.

593



Estreito mapa
 para tam uni-
 versal alegria!
 Pequeno the-
 ma para tam
 grande felicidade! Felice,
 & alegre a Monarchia de
 Portugal com o novo na-
 cimento do quarto Infan-
 te: felices, & alegres. Suas
 Magestades com o novo
 aumento do quarto filho:
 felices, & alegres Suas Al-
 tezas com a nova compa-
 nhia do quarto irmão:
Quartus frater. Toda esta
 significação se encerra ne-
 stas poucas palavras. E

signi-

significa mais alguma outra felicidade, & alegria (ou dentro, ou fóra deste mundo) o mesmo numero, ou sobrenome de quarto. Sim, porque os numeros são os sobrenomes dos Reys. E El Rey Dom Joáo o Quarto, de gloria, & immortal memoria, que está no Ceo, já tinha o nome de Dom Joáo em hum neto o Principe nosso Senhor, que Deos guarda, & agora com o novo nascimento do quarto Infante selhe inteirou vivamente em ambos o nome, & sobrenome de D. Joáo o Quarto. *mais omla o*
 594 Não requeria menos monte que dous Athlantes; o pezo de tam grande nome. Do pezo do nome de Maria, posto aos hombros da Magdalena, differe grave, & elegantemente. São Pedro Chrysologo: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula.* E se passarmos às campanhas de Amalec, acharemos com mayor exemplo no soberano filho

desta mesma may repartido o seu nome, & sobrenome entre os dous maiores heroes daquella idade, Josué, & Moyses. O nome, & sobrenome do Redemptor do mundo, depois de o remir na Cruz, foy Jesus Crucificado. Assim o nomearão os Anjos, assim S. Paulo. Estava pois na cãpanha de Amalec Josué pelejado na testa do exercito, & Moyses no cume do monte com os braços abertos em forma de Cruz orando: & significavão hum, & outro, (como sentem comumente os Santos Padres) Josué no seu nome, o nome de Jesu, & Moyses com os braços em Cruz, o sobrenome de Crucificado. E porque não representavão ambas as figuras ou só Josué, ou só Moyses? Porque nenhum delles, posto que tam grandes heroes, era sufficiente para sustentar só, senão divididos, o pezo de tal nome, & tal sobrenome: *Quia neuter eorum par erat utrique*
substi-

Substituendo cognomini, diz Origenes. Quasi me não atrevo a applicar a semelhança, & passálla do nome, & sobrenome do Redēptor do mundo, ao do Redēptor, & Restaurador de Portugal. Mas para hū Rey, a quē o mesmo Jesus, & na mesma Cruz, não duvidou trespassar a successão do seu proprio Imperio, facilmente me perdoará a sua benignidade (na semelhança sōmente) a applicação, & divisaõ de todo o seu nome.

595 Agora fallando com os leitores do primeiro Sermão de acção de graças pelo mesmo nascimento do Principe, cuja celebridade neste repito, duvido se me haverám perdoado passar nelle em perpetuo silencio, & não fazer menção alguma do Intercessor, ou Terceiro, q̄ nos alcançou este quarto. He certo que tal vez se deve mais o agradecimento à diligencia de quem sollicita, intercede, & alcança as merces, que à libera-

lidade, posto que soberana, de quem as faz. *Egre-dimini, & videte filia Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua*: Sahi às janellas, filhas de Jerusaleem, & vede o Rey Salamão coroado com o diadema, de que o coroou sua mãy.

Quem coroou a Salamão, não ha duvida, como consta do Texto sagrado, que foy seu pay David, o qual privou da Coroa a Adonias filho seu mais velho, & a deo a Salamão. Pois se David foy o que lhe deo a Coroa, porque diz o mesmo Salamão (cujas são estas palavras no Capitulo terceiro dos Canticos) que o coroou nam seu pay, senão sua mãy: *In diademate, quo coronavit illum mater sua*? Porque ainda que David foy o que coroou a Salamão, & lhe deo a investidura do Reyno; as diligencias, os empenhos, & a intercessão de Bersabè sua mãy, como tam valida, & amada do mesmo David, foy, a que

lhe impetrou, & cõseguio a Coroa. E julgou o juizo de Salamão no tal caso, que mais devia a Coroa à intercessão de sua mãy, que à liberalidade de seu pay.

596 Toda esta demonstração não fere a outrem, senão a mim pelo total silencio já confessado, com que no Sermão de acção de graças pelo felicissimo nascimento do novo, & quarto Infante, nem huma só palavra falley em S. Francisco Xavier. Em S. Francisco Xavier, torno a dizer, aquelle grãde Oraculo, & Patrono singular da Rainha nossa Senhora, a cuja poderosissima intercessão attribue Sua Magestade todas as suas, & nossas felicidades, & muito particularmente na successão, dantes tam suspirada, & agora tam multiplicada, de Principes naturaes. Pois se neste (que não quero chamar ultimo, senão quarto Principe) có prodigiosa fecundidade de to-

dos successivamente varenos, devemos novas, & maiores graças; como no Sermão proprio dellas, & discorrendo por todas, em nenhuma achey lugar, em que pôr a Xavier?

Não foy descuido, ou desatenção minha, senão grandeza sua. Hũa Personagem tam grande não cabe em partes. Por isso me resolvi a fazer novo Sermão, que fosse todo seu: & he este

597 Mas segundo a sentença que propuz de Salamão, della se segue huma terrivel consequencia. Salamão no seu caso julgou q̄ mais devia a Coroa à intercessam de sua mãy, q̄ lha cõseguio; q̄ à liberalidade de seu pay, que lha deo: logo diremos nós no nosso caso, que as graças da presente mercê alcançada de Deos por S. Francisco Xavier, mais se devem ao mesmo Xavier, que a Deos? A resposta desta duvida demanda tanto fundo, que me não atrevo a embarcar nella, sem pedir

dir primeiro a graça.

Ave Maria.

§. II.

598 **H**A benefícios de Deos, em que todas as graças se devem a Deos, & nada aos homens. E ha beneficios tambem Divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deos. Vamos por partes.

599 Os beneficios do primeiro genero são aquelles, que Deos faz por amor de si mesmo, como refere por boca de

Isai. 48. *Maías: Propter me, propter me faciam.* E então faz

Deos estes beneficios por amor de si mesmo, diz S. Dionysio Areopagita, quando elle he o Author, & elle o motivo, sem haver outrem fóra de si, que o mova, ou provoque a isso: *Quando ipse sui ipsius, & sibi ipsi provocator, & motor est.* Tal foy o beneficio da criação do mundo, antes do qual não havia homem, nem Anjo, q' lhe pudesse pedir, ou mo-

vera que o creasse. Assim que todas as graças devidas a Deos por tam grande, & universal beneficio, são pura, & meramente suas, sem haver, nem poder haver quem tivesse parte nellas.

Os beneficios do segundo genero são aquelles, que Deos faz por intercessão, & rogos de outrem, principalmente quando o mesmo Deos está deliberrado, & empenhada sua Providencia, ou Justiça a fazer, & executar o contrario. Pelo peccado da adoração do bezerro no deserto, provocado Deos da rebelião, & idolatria daquelle ingrato povo tão poucos dias depois de o ter libertado do cativeiro do Egypto cõ tantos prodigios, deliberou a sua justiça, a sua ira, & o seu furor, como diz o Texto, de o extinguir totalmente, & sepultar no mesmo deserto. Em sim lhe perdoou Deos pelas orações, & instancias de Moyses: & dependeo tã-

to destas oraçoens, & da
força dellas a conservação
do Povo, diz David, que
tendo Deos já aberta a
brecha nas muralhas para
assolação de todos, se a
fortissima resistencia de
Moyfes se não oppuzera
na mesma brecha à defen-
sa, sem duvida seria todo
assolado, & destruido: *Et
dixit, ut disperderet eos; si
non Moyfes electus ejus ste-
tisset in confractiōe in con-
spectu ejus.* E no preciso
destas circumstancias pa-
rece que as graças desta
absolvição mais se devem
aos fortissimos embargos
do advogado, que à senten-
ça revogada do Juiz, tam
justa, & tam justificada na
causa, que se não fora por
elles, sem duvida, & sem
remedio se havia de exe-
cutar: *Si non Moyfes ste-
tisset in confractiōe.* No-
te-se muito aquelle, *Si
non.* De maneira que se
Moyfes não resistisse tam
fortemente a Deos, sem
duvida havia Deos de de-
struir o Povo. Logo as
graças de tamanho bene-

ficio mais se devem à re-
sistencia de Moyfes, que
à desistencia de Deos. A
consequencia não he me-
nos que de Aristoteles:
*Propter quod unumquodque
tale, & illud magis.* Quem
foy aquelle, por amor de
quê perdoou Deos ao Po-
vo? Moyfes. Moyfes foy o
propter quod: logo a elle lhe
pertence o mais, & *illud
magis.*

600 Já nesta conse-
quencia forçosa, & nam
forçada segundo a estima-
ção humana, ninguem
estranhará dizerse que as
presentes graças (como
se inferia) sejam mais de-
vidas a Xavier, q̄ a Deos.
Mas eu não me contento
com esta resposta. E resti-
tuindo a questão ao mes-
mo caso, & nacimiento do
quarto irmão novamente
acrecentado aos nossos
Príncipes: mercê, que a
devaçam da Rainha nos-
sa Senhora, & o applau-
so de todo o Reyno re-
conhece, recebida do po-
deroso patrocinio do San-
to, por antonomasia feu;
naõ

naõ duvido affirmar constantemente, que as graças deste tam repetido favor naõ só se devem a Xavier mais que a Deos ; senão todas a Xavier. E porque ? Porque dando todas as graças a Xavier, damos a Cesar o que he de Cesar, & naõ negamos, nem tiramos a Deos o q̃ he de Deos. E senão, vamos ao caso, & vejamos cõ que entrou nelle Deos, & com que entrou Xavier. Deos entrou com dar os poderes a Xavier, Xavier entrou com applicar a virtude dos mesmos poderes a nosso favor ; & benefício. Logo a Deos, que he glorificado em seus Santos, *Gloriosus Deus in Sanctis suis*, naõ se lhe nega, nem se lhe tira nada do que lhe pertence, que he toda a gloria da liberalidade, & magnificencia, com que deo ao seu Santo os seus poderes. Prova ? Sim : & em hum dos mayores milagres de Christo Redemptor nosso.

601 Estava o Senhor no concurso de hũa Provincia inteira, dentro em huma casa particular, & naõ podendo romper pela multidão, nem entrar pela porta quatro homẽs, que levavaõ hum paralytico no seu leito, subiraõ por cima dos telhados, & feita huma abertura capaz, por ella, & por cordas deceraõ, & puzeram diante do Divino Medico o enfermo, ou quasi morto, sem sentido, nem movimento : & o Senhor cõ duas palavras lhe restituiu a vida, a saude, & as forças tam inteiramente, que por seu pè, o que tinha vindo em oito, & com o mesmo leito às costas, foy admiração, & pasmo aos que o viraõ, que eraõ todos. Mas estes aslim admirados, & pasmados, que disseraõ, ou fizeraõ ? *Glorificaverunt Deum, qui* Mat. 8. *dedit potestatem talem hominibus.* Glorificaram a Deos por hiver dado tal poder aos homens. Desfor-te que glorificáraõ, & de-
raõ

fão a Deos a gloria , não da obra , & beneficio milagroso, senão de ter dado os poderes ao homem, que a fez, tendo a Christo por puro homem, como a palavra, *hominibus*, significa. Assim que tudo o que pertencia a Deos, era a gloria de ter dado os seus poderes, & taes poderes : *Qui dedit potestatem talem hominibus*. E porque não derão tambem as graças a Deos ? Porque essas pertencião ao homem obrador do milagre , & beneficio, assim como nós as devemos dar todas a Xavier.

602 O nacer , como disse Salamão de si , he igual nos Principes, & nos que o não são ; & o nascimento não he só milagre , senão milagre semelhante ao que acabamos de referir; porque ainda que tiverão parte nelle os homens , não o poderam conseguir senão das telhas acima. No nascimento pois do nosso Principe, em que pleiteamos as graças en-

tre Xavier, & Deos, basta-va a distincão de Deos ao homem , dos poderes à obra, & das graças à gloria , para que dando toda a gloria a Deos , & todas as graças a Xavier , Xavier pacificamente, & sem questão , ficasse logrando a preeminencia deste grãde, & novo direito. Mas não he este ainda o fundo da resposta , a que eu disse no principio me temia arriscar. Qual he pois, ou pôde ser sobre toda a novidade do que está dito ? He que não só obrou Xavier na mercè , q̃ nos fez , com os poderes de Deos como de Deos, senão com os poderes, & cõ o mesmo Deos , tudo como seu : & por isso com mayor, & absoluto direito a todas as graças. Vamos à Escritura , & abramos nella hum novo, & grande reparo.

603 Sitiado em Jerusalem El Rey Ezechias por hũ exercito dos Assyrios pderosissimo, recebeu huma embaixada do Rey,

li que

que era Senacherib , na qual lhe persuadia , ou mandava , que se entregasse , offerecendo condições não só indecentes à Magestade Real,mas blasfemas contra a Divina. E como o estado , ou aperro da Cidade era alheyo de toda a esperança de a poder defender , mandou Ezechias as mesmas condições por escrito ao Profeta Isaias com hum recado , no qual lhe rogava muito orasse por elle ao

Isai. 37.
4.

Deus seu : *Si quomodo audiatur Dominus Deus tuus.* Esta palavra, *Deus tuus*, Deus vosso , a qual duas vezes se repete no mesmo recado , he muito enfatica ; porque Ezechias não era Gentio, senão fiel , & muito pio , & adorava o mesmo Deus verdadeiro de Isaias, a quem tambem ficava fazendo oraçoens. Pois se o Deus do Profeta, & o Deus do Rey era o mesmo ; porque não diz Ezechias , oray a Deus , ou oray ao nosso Deus, senão ao Deus vosso , *Deus*

tuus? Porque Deos , ainda que o mesmo, por muito differente modo era Deos do Profeta, que Deos do Rey. Do Rey era seu Deus , do Profeta era Deus seu. E que differença ha de Deus seu , a seu Deus ? Muito grande. S. Agostinho dizia: *O Deus! utinam possem dicere meus!* Oh Deus ! & que ditoso seria eu , se ao nome de Deus pudesse acrescentar o possessivo *meus* ! Meu Deus, quer dizer q̄ Deus me possue a mim ; Deus meu, quer dizer , que eu o possuo a elle: meu Deus, quer dizer , que Deus me tem sujeito a seu mandar : Deus meu, quer dizer, que eu o tenho sujeito a meu querer. Quem isto pôde dizer , verdadeiramente possue tam inteiramente a Deus, que pôde usar del-le como de cousa sua. Por isso o Rey chamou ao Deus de Isaias Deus seu, *Deus tuus*: & por isso Isaias (em admiravel prova de Deus ser seu) sem fazer oração a Deus , respôdeu de

de repente aos Embaixadores do Rey, que seria vencedor, & o modo com que o seria: *Venerunt servi Regis ad Isaiam, & dixit ad eos Isaias.* Entre a embaixada do Rey, & a resposta do Profeta não houve meyo: como que elle usasse da vontade, & da Omnipotencia de Deos, sem a consultar, como sua.

604 Deos he Deos de todos os homẽs, mas nem todos os homens são os seus, senão aquelles, que muito intimamente ama, & estima. Taes eraõ os Apostolos, dos quaes disse o Euangelista: *Cum dilexisset suos.* Do mesmo modo todos os homens são de Deos, mas Deos nam he feu de todos, senão daquelles, que subidos ao supremo grao do amor, & da uniaõ são já possuidores nesta vida do mesmo Deos. Tal era Xavier, como elle mesmo confessava nos seus foliloquios cõ Deos. *Quid mihi est in Cælo, & à te quid volui su-*

per terram? Por ventura, Deos meu, ou na terra, ou no Ceo, quero eu, ou tenho outra cousa, senão a vòs? *Pars mea (id est, possessio mea)* Deos in æternum. Todos os meus bẽs fois vòs, nem possuo, ou tenho de meu outra cousa. Por esta alienaçã de tudo o mais possuhia, & dominava Xavier a Deos, & a tudo o q̃ he de Deos, como fugeito a elle, & propriamente feu. Por isso mandava os mares, & os ventos: por isso refuscitava os mortos: por isso lhe eraõ presentes os futuros: por isso parava o Sol, & os orbes celestes. E ninguem me estranhe a palavra, dominava; porque depois q̃ Deos permittio à penna dos seus Chronistas, que dissessem delle, *Obediente* Jof. 10. 14.

Domino voci hominis: o que Deos concedeo ao grande Josué, não o podia negar ao mayor Jesuita. E porque Xavier em todas as mercès maravilhozas, que de sua maõ recebe o mundo, não só obra-

va como intercessor, senão como Senhor, ou certamente possuidor de tudo o que he de Deos, & do mesmo Deos mais seu, q̄ tudo; não ha duvida, que na gratificação da mercè presente, deixada a Deos toda a gloria, a elle se deuão todas as graças.

§. III.

605 **J**A sabemos como devemos gratificar a S. Francisco Xavier a mercè prefete. Mas para que saibamos quam devidas lhe são todas as graças pelo nascimento do novo Infante, he necessario que comecemos (o q̄ por ventura se não considera) desde o nascimento do terceiro até chegar ao quarto: *Quartus frater.*

606 Segundo os termos, ou intervallos da Providencia Divina, he cousa notavel, & notada na Historia sagrada, ou pararem os partos no terceiro filho, ou degenerarem depois delles as gera-

ções, ou ser muito difficulosa a passagem para chegar ao quarto. Naquelle arca, em que Deos, affogado no diluvio o mundo, guardou para a conservação, & continuaçãõ delle a propagação do genero humano, não houve mais que tres filhõs, Sem, Cham, & Jafet. Na fecundidade de Anna, com quem Deos se mostrou tam liberal, postoque milagrosa, que diz o Texto sagrado? *Visitavit Dominus Annam, & concepit tres filios, & duas filias: Visitou Deos a Anna, & concebeo, & pario tres filhos, & duas filhas. Demaneira que os filhos varoens forão sómente tres: & o sexo masculino, que ella tinha perdido, Si dederis serva tuae sexum virilem,* logo parou no terceiro parto, & degenerou ao feminino. E posto que a Providencia Divina vigia sobre os Reynos, & Reys com mayor cuidado, *Sunt maxima cura Regna Deo,* nam deixa de se observar nelles

nelles esta mesma regra. De Judas aquelle primeiro Rey, em que se continuou a serie dos que precederão a David, & depois d'elle até Christo, diz o Texto sagrado, que lhe nacerão de sua mulher tres filhos: & nota que nacido o terceiro, parou nella a fecundidade, & nam passou ao quarto: Gen. 38. *Tertium quoque peperit, quoniam nato, parere ultra cessavit.* Atè nos mesmos elementos, sendo elles quatro, deixou Deos como estabelecida a mesma ley. O primeiro, que he a Terra, fecundo em todos os generos das vidas tãbem tres, vegetativa, fenfitiva, & racional: o segundo, que he a Agua, fecundo nos peixes: o terceiro, que he o Ar, fecundo nas aves; mas o quarto, que he o Fogo, totalmente esteril, & infecundo.

607 Só com o Ceo parece que dispensou o Creador, apparecendo no quarto dia da creaçam, & no Ceo tãbem quarto, o

Tom. II.

Sol fonte da luz, de quem a recebẽ os outros astros para governo universal do mundo, & dos tempos. Mas tam fóra esteve de fer isto dispensaçãõ daquella ley, ou exceiçãõ daquella regra, que antes foy a mayor confirmaçãõ della. Porque? Porque precedendo no terceiro dia a mayor de todas as fecundidades, que he a das plantas, tudo o que no seguinte appareceo no Ceo, nam foy produzido por elle, ou parto seu, senão huns fragmẽtos, ou pedaços da luz creada no primeiro dia, os quaes foraõ postos no Ceo naõ como filhos proprios, & naturaes, senão alheyos, & peregrinos: & por isso naõ disse Deos ao Ceo, *germinet, ou producat.* O que diz o Texto he: *Posuit in firmamento Cæli*: que poz no ^{Gen. I.} 17. firmamento do Ceo, o q̄ estava já produzido. Com que no mesmo firmamento ficou perpetuada a esterilidade natural, que aos terceiros partos se segue,

li iij

nem

nem com o Ceo dispensada.

E se quizermos inquirir curiosamente a razão fundamental deste limite posto por Deos à fecundidade do numero, ou parto terceiro, posto que não sempre observado fennão em casos mayores; acharemos, que a causa mais connatural de tam notavel providencia não está menos radicada que na essencia do Supremo Exemplar, & efficiente de todas as cousas creadas, Deos em quanto Trino. Diz Aristoteles, & com elle Santo Thomás, que o modo de obrar segue naturalmente o modo do ser. E qual he o modo de ser da virtude Divina em si mesma, ou, como fallaõ os Theologos, *ad intra*? A primeira Pessoa, que he o Padre, he fecunda, & gera o Filho: a segunda, que he o Filho, he tambem fecunda, & juntamente com o Padre produz o Espirito Santo: mas no Espirito Santo, que he

a terceira, pára, & cessa de tal sorte a Divina fecundidade, postoq̃ infinita, & immensa, que não pôde gerar, nem produzir outra, que seja a quarta. Daqui se infere, que se a Providencia, & Omnipotencia Divina, obrando fóra de si, & *ad extra*, conservasse no modo de obrar a proporçam do modo de ser, toda a natureza creada ficaria totalmente estéril no parto terceiro, sem já mais passar ao quarto, mas como à propagaçam do mundo era necessaria esta passagem, para que nella dêsse a necessidade alguma satisfacção à natureza, ou lhe pagasse algũ tributo, tal vez entre hũ, & outro extremo não só estende a mesma Providencia os intervallos do tempo, mas os carrega de taes trabalhos, & perigos, que só por mercê de Deos quasi milagrosa se pôde escapar do meyo delles, & depois do terceiro parto chegar ao quarto.

608 Dos tres filhos
de

de Noé, que dissemos, o terceiro era Jafet, de quem nós descendemos. E como Deus os tinha guardados na arca, & debaixo de chave para a propagação do genero humano, seguro estava nos segredos da sua Providencia, que sendo elle o terceiro filho, lhe havia de succeder o quarto, & os demais. Mas de que modo, & quando? Por meyo dos trabalhos, perigos, & horrores do diluvio; depois de fluctuar muitos mezes metido vivo, & como morto naquella ataude escuro: batido por todas as partes das môtanhas das ondas, sem leme, sem farol, sem piloto; até que por mercê do Ceo chegou a salvamento, & tomou porto em terra.

609 E quem à vista deste espelho se não lembra ainda agora com horror, do que padeceo a faude da Rainha nossa Senhora quasi naufragante no largo intervallo do terceiro ao quarto parto, na

nova qualidade do mal: no rigor, & frequencia dos symptomas: no descachimento das forças: no lento, & habituado do calor, de cuja especie só se duvidava: & sobre tudo na desconfiança sempre mal declarada dos Medicos, aonde o perigo ameaça às supremas cabeças? O amor depois da perda vê-se na dor, antes della no receyo. E tal era a tristeza, & desconsolação de todo o Reyno no receyo. daquella adorada, & arriscada vida, em cuja respiração se sustentava a de todos. Do Reyno passavaõ estes lastimosos eccos às mais remotas partes da Monarchia: onde muito antes tinha levado; ou trazido a fama a das virtudes peffoaes, Reaes, & heroicas, com que todos estes vassallos se gloriavaõ de o ser de tam soberana Senhora. E assim como na tempestade da arca se aguardavaõ com suspensão as novas, que traria o Corvo, ou a Pomba; assim

suspenfos nòs entre temor, & esperança, em apparecendo ao longe navio de Portugal, subidos às torres mais altas com os instrumentos, que acrescentaõ a vista, palpitando entre tanto os coraçoes, vigiavamos se trazia bandeira, & de que cor: o temor receando que fosse da cor do corvo, para se cobrir de luto, & de tristeza; & a esperança confiando em Deos, que fosse a de Pomba com o raminho verde da Oliveira, para se vestir de gala, & alegria.

610 Mas passando da tempestade da arca à da barquinha dos Apostolos na tormenta do ilago de Genezareth, tambem aqui para mayor propriedadeera a passagem entre os dous ultimos quartos nauticos, & militares, por outro nome vigias, isto he, entre o terceiro, & o

Marc. 6.
43.

quarto, *circa quartam vigiliam*, diz S. Marcos. Estavaõ pois os Apostolos no summo da afflicçam, como aquelles, a quẽ mais

dohia o trabalho, & o perigo: & porque a tempestade, por ser da sua mais particularmente Senhora, era tambem cordealmente mais sua. Oravão instantemente ao Ceo; mas cuidavão que Deos os nam ouvia, & que passava de

Ibid.

largo: *Volebat præterire eos*. E sendo que nesta occasiaõ atè o mayor de todos os Apostolos duvidou, & foy reprehêdido de pouca fé: *Modicæ fidei, quare dubitasti?* só a fé, q̃

Math
14:31.

Sua Magestade tinha no seu Santo, nunca vacillou, & sempre esteve constãte. He verdade que tambem elle por algum tempo parece que se ausentou, & escondeo; mas em fim a perseverança da mesma Fè o descobrio, & achou tam propicio, como se alegre, & risinho lhe respondèra com aquellas palavras Divinas, & por isso suas: *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet salutem*. Duas cousas lhe trouxe o seu Santo, quando enferma fò parece que

Prover
8:35.

ne-

necessitava de huma, que era a saude: mas na saude, que lhe trouxe para si, lhe trouxe tambem a vida para o novo filho. A saude facil, como bebida, *hauriet salutem*: & a vida difficil, como achada, *inveniet vitam*: & tam difficil como atègora ponderamos, havendo de ser esse filho o quarto: *Quartus frater.*

S. IV.

611. **A**o successo, em cujas circumstancias mostrou bem Xavier, que elle era o que obrava, mas cõ os poderes não só de Deos, mas do Deos seu. E começando pela do felicissimo parto, foy cousa notavel, que primeiro se soube publicamente, que era nacido o novo Principe, do que precedesse noticia alguma de que estava para nacer, & se offerecessem a Deos as orações tam necessarias naquella hora; final mani-

feito de entrar alli o concurso dos poderes Divinos. Conta, ou revela Isaias, como quem nos segredos de Deos he o mayor Profeta dos mayores, que fallando huma vez o mesmo Deos comfigo, disse desta maneira: *Num-Isai. 66. quid ego, qui alios parere facio, ipse non pariam?* Basta que sendo eu o Author da fecundidade, & que faça fahir a luz todos os que nadem, não terey tambem hum parto, que seja propriamente meu? Ora não ha de ser assim. Primeira, ou ultimamente o nacido do meu parto será hum filho varão, & o parto tam apressado, & tam facil, & tam felice, que se diga delle: Antes de parturir pario: *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum.* A nossa lingua não tem palavra que responda ao *parturir*, & em dia tão festivo permita-se-me *ludere in verbis*, & dizer que parturir, he rir no parto. Tal he o parto da Aurora
mã

mã y do Sol, o qual nasce alegrando o mundo, & ella o pare rindo. E tal foy o do nosso bello Infante ao rir não só de huma, mas de duas Auro-ras, huma no Ceo, outra na terra; senão quizermos acrescentar a terceira do Oriente, festejando as maravilhas do seu Apof-rol: Não podia elle obrar senão como Deos, pois exercitava os seus poderes. Só o mundo mistura o ri-so com dor: *Risus dolore miscbitur*: As mercês de Deos são puras, & alheas de toda a tristeza, & mais em casos tão alegres como o de nacer. Naceo Eva de Adam, & por tal modo, que parecia inevitavel a dor, havendo elle de sofrer, que se lhe arrancasse huma costa do lado. Mas como a mão de Deos era a que obrava aquelle parto, (que assim lhe chama S. Agostinho) foy com tal tento, & recato, que primeiro adormeceo a Adam com hum somno tão profundo, que nem por so-

Proverb
24.13.

nhos pudeffe sentir dor: *Gen. 2. Immisit soporem in Adam: tulit unam de costis ejus.* 21.

612 Assim obra Deos parecendo-se comfigo, & assim Xavier parecendo-se com Deos: Deos no parto, que chamamos seu, evitando totalmête a dor; & Xavier no que tambem attribuímos a seus poderes, tirádo-lhe o tempo das dores. Houve em hum, & outro parto dous privilegios notaveis. O primeiro na dispensação de huma ley, o segundo na moderação, & reparo de outra. Na sentença da primeira mulher conde-nou-a Deos a ella, & a todas a duas penas: huma, que parissem os filhos com dor; *In dolore paries filios*: outra, que estivessem sugeitas ao varão, *Et sub viri potestate eris.* *Gen. 3. 16.* E como dispensou Deos a primeira, & moderou, & reparou a segunda? A primeira dispensou-a, fazendo que o parto, que chamou seu, fosse sem dor: *Antequam parturiret, peperit.*

perit. A segunda mode-
rou-a, & reparou-a, fazē-
do que o filho fosse varão :
Peperit masculum ; porque
no tal caso já o varão fica
fugeito, & debaixo do po-
der da mulher, tendo obri-
gação de a obedecer, & re-
verenciar como mãy.

613 Além destes dous
privilegios, houve no na-
cimento do nosso Infante
outro terceiro. E foy, q̃
as mãys antes do parto
não sabem se ha de ser fi-
lho, ou filha : & a Rainha
nossa Senhora por instin-
to, ou inspiração do seu
Santo, soube certamente
que havia de ser varão,
masculum. Assim consta,
que o declarou Sua Ma-
gestade à Serenissima Rai-
nha da Grã Bretanha, af-
firmando que lhe havia
de dar ailhado, & não a-
ilhada. E para mim não
foy menor prova desta
mesma preciecia o voto,
ou devoto proposito, com
que Sua Magestade de-
terminou, que tanto que
o que trazia em suas en-
tranhas se pudesse pôr em

pê, o havia de vestir do ha-
bito de S. Francisco Xa-
vier. E daqui se infere, q̃
suppunha a Rainha nossa
Senhora, que havia de ser
filho, & não filha. Sim.
Porque se o habito hou-
vesse de ser de S. Agosti-
nho, S. Bernárdo, S. Do-
mingos, ou S. Francisco,
bem o podia vestir filha,
como o vestem as filhas
destes Santos Patriarchas ;
mas havendo de ser de
Xavier, & da Companhia,
não o podia vestir, senão
sendo filho : *Peperit mas-
culum*.

614 A outra circun-
stancia deste prodigioso
nascimento foy ser no dia
de quinze de Março, & na
madrugada delle. Este dia,
como consta do capitulo
vinte & tres do Levitico,
era o da mais solemne fe-
sta, assim pela memoria, &
agradecimento da libera-
de particular do cativeiro
do Egypto, como pela si-
gnificação da universal,
& futura do cativeiro do
genero humano, & redem-
pção do mundo. As pala-
vras

Levit. 23
3: *se primo quarta decima die mensis ad vesperum, Phase Domini est: & quinta decima die mensis hujus solemnitas azymorum Domini est.* O primeiro mez, que se chamava *Nisan*, responde ao nosso Março, & os dias naturaes naquelle tempo começavão ao pôr do Sol no principio da noite, & acabavão ao pôr do Sol outra vez no fim do dia, como Deos os tinha instituido no primeiro dia da criação: *Factum est vespere, & mane dies unus.* Daqui se segue, que o nosso Infante nascendo pela madrugada, naceo quasi ao meyo dia daquelle dia. E segundo as duas figuras do Cordeiro Paschoal, & pão asmo, sahio à luz deste mundo entre os dous maiores prodigios, & mysterios da Divindade humana, que foraõ a instituição do Santissimo Sacramento, & a morte de Christo na Cruz. Porque o primeiro foy instituido à segunda hora da noite,

que foy a da Cea; & o segundo succedeo, conforme o nosso contar, às tres da tarde do dia, que foy a da morte. Computando agora estas horas, que passarão no intervallo de hũ mysterio a outro, consta pontualmente, que forão dezanne: as nove antecedentes ao nascimento do Infante, & as dez seguintes a elle. Mas com que propriedade no mesmo computo? Verdadeiramente admiravel. Como se no numero das mesmas horas nos differa S. Francisco Xavier, & nos apõtára com o dedo, nas nove, os nove dias da sua novena, & na decima, os dez dias das suas festas feiras: & em ambos a hora de cada hum delles, em que Sua Magestade com tam constante, & confiada devação, & fé, (inda contra o parecer dos Medicos, nas mesmas vesporas do parto) mereceo ao seu Santo o felicissimo nascimento de tão estimada prenda.

615. Que figura nos
pa-

parece agora que fará neste mundo hum Principe, que entra nelle acompanhado de hum, & outro lado daquellas mesmas insignias, com que no mesmo mez, & no mesmo dia se representou o mesmo Christo ao mundo antes de vir a elle, nos dous maiores trofeos da sua Omnipotencia, o seu Sacramento, & a sua Cruz? Tremo de considerar na materia; porque em qualquer applicação della quasi periga a reverencia de tão soberanos mysterios. No Presépio nasce Christo humilde entre dous animaes; porque vinha a fazer de animaes homens: & no Tabôr apparece glorioso entre Moyses, & Elias, que forão vistos em magestade: *Visi in maiestate.* Mas que magestade he a de Moyses comparada com a do Sacramento, & a de Elias com a da Cruz? Se no nacimiento do Baptista dizião comsigo os Montanhezes: *Quis, putas, puer iste erit? Etenim*

manus Domini erat cum illo; que diremos nós do nacimêto deste prodigioso menino, assistido não só com a mão do Senhor, senão com o mesmo Senhor duas vezes: todo? *S. V.*
MAs não quero pronosticar mais grandezas, que as que cabem no meu thema; posto que tão pequenino, *Quartus frater.* Atrevermehey a dizer deste quarto irmão, o que disse Nabucodonosor, quando além dos tres; que nam quizerão adorar a sua estatua, vio passeando na fornalha como em hum jardim, & entre as labaredas como entre flores, outro quarto, que lhe pareceo semelhante ao Filho de Deos: *Et species quarti similis Filio Dei?* Mas Nabucodonosor era Gentio, & parecerá especie de gentildade: dizer tanto. O que tó farey, he, que imitando os Santos Padres,

Lac. 1: 66.

616

Luc. 9: 31.

Daniel: 3: 92.

os

Sap. 11.
21.
os quaes fúdados naquelle grande texto , *Omnia in mensura, & numero, & pondere disposuisti* , dos Numeros , em que a Sabedoria , & Providencia Divina dispoz todas as cousas , colligem as intelligencias , & mysterios , q̃ nellas se encerrão. Tomado pois o peso , & a medida ao lugar , & ao numero , em que a mesma Providencia collocou o novo Infante na ordem successiva de seus irmãos , *Quartus frater* ; vejamos do mesmo lugar , & do mesmo numero o que se pòde , & se deve cõjecturar com fundamento.

617 O que mais estimão os Principes em si , & o que mais estima , & celebra nelles o mundo , para cujo governo nacẽrão ; he serem sabios na paz , & valerosos na guerra. E destas duas virtudes tão excellentes , & verdadeiramente Reaes , nos offerrece a Historia sagrada dous famosos exemplos no mesmo nascimento de

filhos , & no mesmo numero de quartos. Salamão foy Rey pacifico , & o mais sabio de todos os homẽs : & o mesmo Salamão filho de David , & quarto filho. Judas tronco do Tribu Real , foy , elle , & o mesmo Tribu , o mais valeroso , & bellicoso de todos ; & o mesmo Judas filho de Rubem , & filho quarto. Mas porque estas eminencias , posto que tão altas , (como as do monte Apenino) se não levantão da terra , de nenhum modo se podem igualar ao que eu cõjecturo , & espero do nosso quarto Principe , & do muito mais que S. Francisco Xavier nos promete nelle. Já não me fundo em exemplos das sagradas Letras , senão em ley expressa do mesmo Deos.

618 No Capitulo 19. do Levitico mãdava Deos , que os frutos da primeira , segunda , & terceira novidade das arvores se não tocassẽ , & que todos no quarto anno , & na quarta novidade se offe-
re-

recessem, & sacrificassem a elle: *Quarto autem anno omnis fructus sanctificabitur laudabilis Domino.* A razão natural era, porque só na quarta novidade estão os frutos perfeitos, & fazonados, & por isso dignos de se offercerem, & sacrificarê ao Creador. E se Deos queria que se observasse esta ley na geração das arvores; quanto com mayor direito nas arvores da geração? Estava a Portugueza no tronco Real não só esteril, mas quasi secca, & quando pelo peregrino enxerto tam venturoso, como Augusto, depois do primeiro, segundo, & terceiro fruto, se vê enriquecida do quarto, como pôde deixar este de se consagrar todo a Deos? Ninguém cuide, que pronostico às faxas do novo Infante a Purpura Ecclesiastica: antes me lembro, & lembrados devemos estar, que junta esta Purpura com a Real na nossa nação, lhe foy causa da sua mais lamen-

tavel fatalidade. Tertuliano chegou a dizer, que nem os Christãos podiaõ fer Cesares, nem os Cesares Christãos: *Si Christiani Cesares esse possent, aut Cesares Christiani.* Mas este foy hum dos erros, em que cahio aquelle profundo entendimento. O que eu quero dizer he, que as virtudes do nosso novo Principe serám tam Christãmente Reaes, & tam Regiamente Christãs, que nam contête com a observancia dos preceitos da ley de Christo, remontandose o seu espirito aos apices altissimos dos conselhos Euangêlicos; nam só será hum Real, & sublimo exemplo da perfeição religiosa, mas consummadamente Santo.

619 Estes foraõ os impulsos inspirados por S. Francisco Xavier, com que desde as entranhas maternas, à semelhança do grande Precursor, o determinou Sua Magestade vestir naõ da Purpura, em que eu fallava, mas do habito

bito do mesmo Apostolo, para que com elle recebesse o mesmo espirito, & seja hum Xavier segundo. Agora peço attençaõ. Pedro Eliseo a seu Mestre Elias, que nelle se dobrasse o seu espirito: *Fiat in*

4. Reg.
2. 9.

me duplex spiritus tuus: não porque pedisse, ou desejasse q. o espirito de Elias fosse dobradamente mayor nelle Eliseo; mas para que multiplicado o mesmo espirito, sendo singular em cada hum, fosse dobrado em ambos. Respondeo Elias, que pedia huma cousa muito difficultosa:

Ebi. 10.

Rem difficilem postulasti; mas em fim lha concedeo; & o modo deste trespasso, ou multiplicação do mesmo espirito foy lançar Elias o seu habito sobre Eliseo, como mais exprefamente declaram os Setenta Interpretes: *Et tulit melotem Eliae, quae ceciderat super eum*. E como o poder, & vontade de Xavier está sempre certa para ouvir as oraçoens, & tantos desejos da Rainha

nossa Senhora, & nenhum pudeffe ser mais Santo, q. desejar ao filho o seu espirito; assim como Elias infundio, & dobrou o seu em Eliseo por meyo dos seus vestidos: assim com semelhãte bençaõ do Ceo, quando a seu tempo o bellissimo Infante por conselho, & inspiraçam do mesmo Xavier se lhe presentar vestido da roupeta; & barretinho, que lhe virãrã nascendo, não ha duvida que o Santo (pagando tambem nisso a sua mãy) o enfeitarã por dentro de todas as joyas, & graças do seu Apostolico espirito.

620 Mas não para aqui, & só nesta semelhãça o meu pensamento: antes o que nelle parece difficultoso, *Rem difficile postulasti*; se confirma admiravelmente pelo successo, & escriptura seguinte. Assim como disse S. Paulo: *Adimpleo ea quae desunt passionum Christi, in carne mea*: assim diz o Ecclesiastico no Cap. 48. que

Coloss.
1. 24.

que as cousas, que o espirito, & zelo de Elias tinha intentado, & não pode conseguir, & executar, porque foy arrebatado ao Ceo, essas acabou depois, & tiverão seu cõplemẽto em Eliseo: *Elias quidem in turbine raptus est, & in Eliseo completus est spiritus ejus*. Isto posto, saibamos agora, que intentou o zelo, & espirito de Xavier, & não pode levar ao cabo, porque o Ceo o arrebatou como a Elias. He cousa certa, & manifesta, que Xavier acabou a vida na Ilha de Sancham às portas da China, onde elle queria entrar, por ser a fonte das idolatrias do Oriente, & não pode. Oh segredos da Providencia Divina! Entre a conceição, & nascimento do nosso Infante chegaõ as novas a Portugal, de que as portas da China fechadas a Xavier, se abriraõ de par em par à publica prẽgação do Euangelho. E quem poderá negar, que o concurso de taes, & tam

remotas circumstancias de tempo a tempo, & de pessoa a pessoa, seja hum prodigioso argumento, de q̃ este menino, sendo herdeiro do espirito de Xavier, como do seu habito, será em mayor idade o Eliseo, que dẽ glorioso fim, & complemento àquella grande empreza intentada, & não consequida pelo seu amado Elias: *In Eliseo completus est spiritus ejus?*

621 Ainda não està posta a coroa a esta famosa figura, que quasi se pôde chamar profetica. Affirma Santo Epifanio, que no dia em que naceo Eliseo, hum dos bezerros de ouro, que fabricou Jeroboam, mugio lamentavelmente, & foy o mugido tam forte, como se fosse hum trovaõ, que se ouvio em toda Jerusaleem. Para intelligencia deste prodigio, devem suppor os que o não sabem, que Jeroboam, criado de Roboam Rey dos doze Tribus, se levantou com a mayor

parte delles , & com o titulo tambem de Rey fez a sua Corte em Sichem : & para que os novos subditos vindo a Jerusaleem, onde estava o templo do verdadeiro Deos, se não unifsem outra vez a seu legítimo senhor, fundio dous bezerros de ouro como o do deserto , os quaes por seu mandado todos adoravaõ. E hum destes bezerros he o que mugio no nascimento de Eliseo , como adivinhando, & doendose lastimosamente de q̄ aquelle menino, entãõ nacido , havia de ser o destruidor de toda a idolatria : *Quã voce significabatur illa die natum esse infantem, qui vitulos aureos, cæteraque idola everteret.* Eu lhe chamey menino , & a declaração do bruto oraculo (que he do Santo) lhe deo mais propriamente o nome de Infante: *Natum infantem.* Mas se os idolos de ouro , & os bezerros eraõ dous , porque mugio hum só ? Porque ao outro já a espada de

Elias lhe tinha cortado a cabeça , & as vozes do seu zelo o tinhaõ emudecido : & o segundo, que elle ainda não pudera vencer , ficava para triunfo de Eliseo. Põde haver caso mais proprio da nossa cõjectura ? Chamemos a Xavier Elias , & ao Infante nacido (a quem ainda não sabemos o nome) demoslhe o de Eliseo, & estã declarando o mysterio de ser hum só bezerro o que mugio. O outro , ou a outra ametade da idolatria da Asia já Xavier a tinha derrubado, emudecido, & convertido à confissão da verdadeira Fè. A da China, que he o outro bezerro já meyo rendido , como he de tantos milhoões de gente, guarda a sua ultima vitoria para o nosso Infante, não mugindo tristemente no seu nascimento, mas berrando , & chamando por elle, como desejoso, & faminto.

§. VI.

622 **E** Se a alguê lhe parecer demasiada esta minha esperança, & que tendo tanto de admiravel, ainda tem mais de difficullosa; he porque não tem lido as nossas Chronicas, ou se esquece dellas. Esta navegação, estas viagens, este caminho maritimo para a India, China, & toda a Asia, havia-o antigamente? Não: nem rasto, ou pensamento humano de tal caminho, antes os mais doutos, & sábios entendimentos o tinhaõ por impossivel. Quem foy pois o que intentou, & conseguiu esta tam notavel, & nunca imaginada empreza? He certo, que o Infante Dom Henrique, filho del Rey Dom João o Primeiro de Portugal, & irmão del Rey Dom Duarte. Desferrouse da Corte na flor da idade este heroico Principe, foy-se viver entre o ruído das ondas

nas prayas mais remotas do Reyno: & dalli por meyo dos seus fortissimos Argonautas, rompendo mares, vencendo promotorios, descobrindo novas terras, novos Ceos, & novos climas, com immensos trabalhos, & horrendos perigos, & com igual constancia de quarêta annos, em fim mostrou ao mundo o que o mesmo mundo não conhecia de si, & não possibilitou sómente, mas facilitou aquelle natural impossivel. Era Governador da Ordem Militar de Christo instituída por El Rey seu pay contra os infieis, & a estes fez novas guerras: era insigne Cosmografo, & Mathematico, & a esta ciencia accrescêto a pratica do q̄ só tinha escuras opinioens, ou não tinha chegado a ter suspeitas: era sobre tudo varaõ de elevado espirito, vida santa, & pureza, como dizem as historias, virginal, & ao passo q̄ hia descobrindo novas gentes barbaras, & idolatras, o

zelo ardentissimo de as converter à Fè lhe ministrava novos espiritos ; & Deos , a quem tanto servia, & agradava, mayores impulsos para proseguir a empreza. E se a Providência Divina fiou , & encarregou os principios desta celestial conquista a hum Infante de Portugal ; os fins della já tam facilitados, porque os não fiará a outro ? Sé hum terceiro filho del Rey Dom Joaõ o Primeiro foy o que lançou a primeira pedra no edificio já tam levantado da Igreja Oriental ; o filho quarto del Rey Dom Pedro o Segundo, do mesmo sangue Real , & de pays tam zelosos da propagação da Fé, & piedade Christã , porque não será aquelle, para quem Deos tenha guardado o fechar as abobadas do mesmo edificio , & levantar nellas por remate o trophéo do Crucificado com as cinco triunfantes Divisas, que o mesmo Senhor, & da mesma Cruz nos mādou pin-

tar nas nossas Bandeiras ?

623 Este he o quarto irmão dos nossos Principes, *Quartus frater* : & este o quarto fruto da arvore Real, que Deos mādava lhe fosse consagrado nas outras arvores : *Omnis fructus quarto anno sanctificabitur Domino*. A palavra, *sanctificabitur*, não declara quem ha de consagrar, & offerecer a Deos este quarto fruto ; mas bẽ se entende , que deve ser o senhor do fruto, & da arvore : acto em que grandemente respládeceo nam só a real urbanidade , senão a sciencia , & sempre bem acordada attenção da Rainha nossa Senhora. Escrevemas cartas , que quando Sua Magestade quiz offerecer , & consagrar a Deos o seu quarto fruto no habito de S. Francisco Xavier , pedio a El Rey, que Deos guarde, o seu consentimento : obsequio não só devido , mas em prudente Theologia necessario , pelo dominio mayor, que o pay tem sobre

bre o filho, aindaque seja alcançado por oraçoens da mãy. Porque Samuel foy alcãgado por oraçoens de Anna, diz S. João Chrysoftomo, que Anna se podia chamar nam só mãy, sennão mãy, & pay de Samuel: *Nequaquam aberraverit, qui hanc mulierem pueri simul & matrem, & patrem appellarit, cujus deprecatio effecit, ut Samuel nasceretur.* Mas ainda no tal caso o direito paterno precede ao materno, & no concurso de ambos, quando he filho o que se sacrifica, consiste a perfeição do offercimento. Esta faltou no sacrificio de Isaac; porque Abraham não se atreveo a pedir o consensó de Sàra. E com tudo não passando o sacrificio a outro effeito mais que o da vôtade, sendo esta só de hum dos pays, daqui se infere quam grato seria à Divina aceitação o devoto, & religioso offercimêto de Suas Magestades no quarto fruto da mãy, & no

quarto filho de ambos. Pelo offercimento de Abraham, sendo só seu, *Quia fecisti hanc rem*, he Gen. 22
16. prometteo Deos o augmento de sua casa, q̄ foy o mayor do mundo, a perpetuidade de sua descendencia, a vitoria de todos seus inimigos, & sobre tudo a benção de todas as gentes, que propriamente se cumprio, & vay cūprindo na Fé, & conhecimêto do verdadeiro Deos em todas as gentilidades. E assim como já pronosticamos com tanto fundamento a Fé, & conversão, que resta das Orientaes aos felicissimos auspicios do novo Infante; assim podemos confiar, que pelo sacrificio, & offercimento, que delle tem feito a Deos a piedade, & voto de seus gloriosos pays, na Real Casa, & Profapia de Suas Magestades se verifiquem todas as outras feittas à de Abraham.

624 E para eu dizer huma palavra, posto que não ouvido, à prodigiosa

infancia do mesmo Príncipe, se a mesma palavra for tam venturosa, q̄ Sua Alteza a seu tempo a lea; o que só lhe protesto he, que quando se vir vestido do habito, & revestido do espirito de Xavier, todas as suas acçoens sejaõ referidas a elle, & não a si. Confiado Eliseo na virtude do vestido, que tinha recebido de Elias, quiz q̄ o Jordaõ se lhe abrisse, para que elle, como o mesmo Elias, o passasse a pè enxuto. Mas o rio nam obedeceo. E que fez en-

taõ Eliseo, quasi desconfiado? Exclamou com alta voz: *Ubi est Deus Eliae?* ^{4. Reg. 2.14.} Onde está o Deos de Elias? E rantõ que o Jordaõ ouvio o nome de Elias, logo se dividio. Invoque pois o discipulo ao mestre, o filho espiritual ao pay, o pequeno Xavier ao grande: que como Deos, que lhe deo os poderes, he seu: *Deus Eliae*: assim quer q̄ depois de se darem ao mesmo Deos todas as glorias, o mesmo Principe, & todos dem a Xavier todas as graças.



INDEX

DOS LUGARES DA SA- grada Escritura.

Os Numeros significação as paginas.

Ex Libro Genesis.

Cap. 1. v. 1. **I**N princi-
pio creavit
Deus Cælu, & terram,
Pag. 350.

1. 3. *Fiat lux*, 369.

1. 5. *Vidit Deus quòd eset
bonum, & factus est dies
unus*, 315.

1. 8. *Vidit Deus quòd eset
bonum, & factus est dies
secundus*, 315.

1. 17. *Posuit eas in firma-
mento Cæli*, 116.

1. 24. *Erunt duo in carne
una*, 82.

1. 26. *Faciamus hominem
ad imaginem, & similitu-*

dinem nostram, 350.

1. 31. *Vidit cuncta, quæ
fecerat, & erant valde
bona*, 254.

Cap. 2. 8. *Plantaverat au-
tem Dominus Deus para-
disum voluptatis*, 83.

2. 9. *Lignum vitæ in me-
dio paradisi*, 214.

2. 17. *In quocumque die
comederis ex eo, morte
morieris*, 17.

2. 18. *Non est bonum esse
hominem solum*, 473.

2. 21. *Immisit Deus sopo-
rem in Adam tulit
unam de costis ejus*, 528.

Cap. 3. 1. *Cur præcepit vo-
bis Deus*, 447.

Kk iij

[3. 3.]

3. 3. *Præcepit nobis Deus, ne comederemus, & ne tangeremus illud, ne forte moriamur, 17.*
3. 4. *Nequaquam morte moriemini, 243.*
3. 5. *In quocumque die cõderitis, aperientur oculi vestri, & eritis sicut dii, 290.*
3. 8. *Cum audisset vocem Domini deambulantis in paradiso, 382.*
3. 9. *Adam ubi es. Ibid.*
3. 16. *In dolore paries filios, & sub viri potestate eris, 528.*
3. 20. *Mater viventium, p. 252.*
3. 22. *Ne comedas, 217.*
3. 23. *Ut operaretur terram, de qua sumptus est, p. 83.*
- Cap. 4. 4. 5. *Respexit Dominus ad Abel, & ad munera ejus; ad Cain vero, & ad munera illius non respexit, 482.*
4. 8. *Egrediamur foras, 102.*
4. 14. *Ecce ejicis me à facie terræ, & à facie tua abscondar. Ibid.*
- Cap. 5. 29. *Iste consolabitur nos, 394.*
- Cap. 6. 7. *Delebo hominem, quem creavi, 509.*
- Cap. 8. 21. *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines, 510.*
- Cap. 12. 16. *Fueruntque ei oves, & boves, & servi, & famulæ, 292.*
- Cap. 15. 1. *Noli timere Abraham, ego protector tuus, 12.*
- Cap. 18. 9. *Dixerunt ad eum, ubi est Sara uxor tua, 359.*
- Ibid. 10. *Cui dixit, Revertens veniam ad te tempore isto, & habebit filium Sara uxor tua. Ibid.*
- Cap. 19. 13. *Delebimus locum istum, eò quod increverit clamor eorum coram Domino, &c. 358.*
- Cap. 21. 6. *Risum fecit mihi Deus, 405.*
- Cap. 22. 2. *Super unum mortuum, quem monstravero tibi, 270.*
- Ibid. 16. *Quia fecisti hanc rem, 539.*
- Cap. 24. 30. *Cum vidisset (Laban) in aures in manibus ejus, 458.*
- Ibid. 47. *Suspendi in aures ad ornadam faciem ejus, &*

- & armillas posui in manibus ejus, 458.*
- Cap. 25. 23. *Duæ gentes sunt in utero tuo, 131.*
- Cap. 28. 3. *Et Dominum immixtum scalæ, 92.*
- Cap. 30. 1. *Da mihi liberos, alioquin moriar, 488.*
- Ibid. 2. *Num pro Deo ego sum. Ibid.*
- Cap. 31. 24. *Vidit in somnis dicentem sibi Deum: Cave ne quidquam asperè loquaris cōtra Jacob, 120.*
- Ibid. 29. *Nunc quidem valet manus mea reddere tibi malum, sed Deus patris vestri heri dixit mihi, &c. 119.*
- Ibid. 30. *Cur furatus es deos meos, 120.*
- Cap. 32. 25. 31. *Tetigit nervum femoris ejus, & statim emarcuit: ipse verò claudicabat pede, pag. 443.*
- Cap. 36. 31. *Reges autem, qui regnaverunt in terra Edom, antequam haberent Regem filij Israel, fuerunt hi, 132.*
- Cap. 37. 35. *Descendam ad filium meum lugens in infernum, 475.*
- Cap. 38. 5. *Tertium quoque peperit; quo nato, parere ultra cessavit, 523.*
- Cap. 39. 2. *Erat vir in cūctis prosperè agens, 267.*
- Ibid. 9. *Quomodo possum, p. 268.*
- Ibid. 10. *Et mulier molesta erat adolescenti, 267.*
- Cap. 41. 12. *Erat ibi puer Hebræus, 268.*
- Cap. 42. 38. *Mortuus est frater ejus, & ipse remansit solus, 501.*
- Cap. 44. 5. *Scyphus, quem furati estis, ipse est in quo bibit dominus meus, &c. p. 227.*
- Ibid. 15. *An ignoratis quidd non sit similis mei in augurandi scientia. Ibid.*
- Cap. 49. 22. *Filius accrescens Joseph, filius accrescens, 268.*
- Ex Libro Exodi.
- Cap. 3. 3. *Vadam, & videbo visionem hanc magnam, quare non comburatur rubus, 479.*
3. 6. *Deus Abraham, Deus Isaac, & Deus Jacob, 440.*
- Cap. 5. 1. *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimittete*

- te populū meum, ut sacrificet mihi in deserto, 445.
- Ibid. 2. *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus ... nescio Dominum, & Israel non dimittam*, 446.
- Cap. 7. 1. *Constitui te Deum Pharaonis*, 363.
- Cap. 20. 18. *Populus autem videbat voces*, 313.
- Cap. 23. 4. *Si occurreris bovi inimici tui, aut asino erranti, reduc ad eum*, 97.
- Cap. 32. 2. *Tollite in aures aureas de uxorum, filiorumque, & filiarum vestrarum, & afferte ad me*, 273.
- Ibid. 4. *Hi sunt dij tui, qui te eduxerunt de terra Egypti*, 44.
- Ibid. 10. *Dimitte me, ut incatur furor meus*, 125.
- Ibid. 14. *Placatus est Dominus ne faceret malū, quod locutus fuerat adversus populum suum*, 126.
- Ibid. 28. *Cecideruntque in die illa quasi viginti tria millia hominum*. Ibid.
- Ibid. 31. 32. *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo, quem scripsisti*. Ibid.
- Cap. 38. 8. *Fecit & labrum aeneum cum basi sua de speculis mulierum, quae excubabant in ostio tabernaculi*, 304.
- Ex Libro Levitici.
- Cap. 12. 3. *Die octavo circumcidetur infantulus*, p. 413.
- Cap. 19. 24. *Quarto autem anno omnis fructus sanctificabitur laudabilis Domino*, 533.
- Cap. 23. 5. *Mense primo, quartadecima die mensis ad vesperum, Phase Domini est: & quinta decima die mensis hujus solēnitās azymorum Domini est*, 530.
- Cap. 24. 9. *Eruntque (panes propositionis) Aaron, & filiorum ejus, ut comedāt eos in loco sancto: quia Sanctum sanctorum est de sacrificijs Domini jure perpetuo*, 158.
- Ex Lib. Numer.
- Cap. 6. 24. *Benedicat vos Dominus, & custodiat vos. Ostendat Dominus faciem suam vobis, & det vobis pacem*, 352.
- Cap. 22. 28. *Cur percussit me*, 447. Ex

da lagrada Escritura.

545

Ex Libro Deuteron.

Cap. 3. 2. 17. *Immolaverunt dies, quos ignorabant: novi, recentesque venerunt, quos non coluerunt patres eorum, 440.*

Ex Libro Josue.

Cap. 10. 12. *Sol contra Gabaon ne movearis, & Luna contra vallem Aialon, 88.*

10. 14. *Obediente Domino voci hominis, 89.*

10. 25. *Confortamini, & estote robusti, sic enim faciet Dominus cunctis hostibus vestris, adversum quos dimicatis, 430.*

Cap. 14. 12. *Da mihi montem istum, in quo Enacim (id est, gigantes) sunt, & urbes magnæ, atque munitæ: si fortè sit Dominus mecum, & potuero delere eos, 23.*

Ex Libro Judicum.

Cap. 5. 20. *De Cælo dimicatum est Stellæ manentes in ordine suo, 501.*

Cap. 7. 20. *Gladus Domini, & Gedeonis, 278.*

Ex Libro 1. Regum.

Cap. 1. 11. *Si respiciens videris, dederisque servæ*

tuæ sexum virilem, 484.

Cap. 2. 5. *Donec sterilis peperit plurimos, & quæ multos habebat filios, infirmata est, 110.*

2. 21. *Visitavit Dominus Annam, & concepit, & peperit tres filios, & duas filias, 496.*

Cap. 14. 6. *Veni, transeamus ad stationem incircūcisorum horum, si fortè faciat Dñs pro nobis, 23.*

Cap. 15. 23. *Quasi peccatū ariolandi est: & quasi scelus idololatriæ nolle acquiescere, 336.*

Cap. 16. 7. *Homo videt ea, quæ parent, Dominus autem intuetur cor, 312.*

Cap. 17. 10. *Ad singulare certamen, 13.*

Cap. 24. 21. *Scio quòd certissimè regnaturus sis, 109*

Ex Libro 2. Regum.

Cap. 3. 1. *Facta est loga concertatio inter domū Saul, & domum David, 109.*

Ibid. *David proficiscens, & seipso semper robustior, Ibid.*

Ibid. *Domus autem Saul decrescens quotidie. Ibid.*

Ex

- Ex Libro 3. Regum.
 Cap. 7. 27. *Fecit decem bases æneas, quatuor cubitorum longitudinis bases singulas, & quatuor cubitorum latitudinis, 5.*
 7. 30 *Et quatuor rotæ per bases singulas, Ibid.*
 7. 33. *Tales autem rotæ erant, quales solent in curru fieri: & axes earum, & radij, & canthi, & modioli, omnia fusilia. Ibid.*
 Cap. 18. 21. *Usquequo claudicatis in duas partes? Si Dominus est Deus, sequimini eum; si autem Baal, sequimini illum, p. 443.*
 Ibid. *Et non respōdit ei populus verbum. Ibid.*
 Cap. 18. 24. *Optima propositio, 456.*
 Ex Libro 4. Regum.
 Cap. 2. 9. *Fiat in me duplex spiritus tuus, 534.*
 2. 10. *Rem difficilem postulasti. Ibid.*
 2. 14. *Ubi est Deus Eliæ, p. 540.*
 Cap. 6. 31. *Hæc faciat mihi Deus, & hæc addat, si steterit caput Elisei super ipsum hodie, 279.*
- Cap. 18. 16. *Cōfregit Ezechias valvas templi, & laminas auri, quas ipse affixerat, 160.*
 Cap. 20. 1. *Dispone domui tuæ, morieris enim tu, & non vires, 243.*
 20. 7. *Afferte massam ficorum. Quam cum posuissent super ulcus ejus, curatus est, 211.*
 Ex Libro Tobie.
 Cap. 12. 14. *Et nunc misit me Dominus ut curarem te, 212.*
 Ex Libro Esther.
 Cap. 3. 1. *Exaltavit Aman, & posuit solium ejus super omnes Principes, p. 103.*
 Cap. 4. 11. *Quod sive vir, sive mulier, non vocatus, interiori atrium Regis intraverit, absque ulla cunctatione interficiatur, 24.*
 Ibid. *Nisi fortè Rex auream virgam ad eum tetenderit pro signo clemētiae, 25.*
 Ex Libro Job.
 Cap. 4. 2. *Conceptum sermonem tenere quis poterit, 379.*
 Cap. 31. 27. *Si osculatus sum*

- ſum manum meam, 44.
- Ibid. 29. *Si gaviſus ſum ad ruinam ejus, qui me oderat, & exultavi quòd inveniſſet eum malum,* 97.
- Ibid. 31. *Quis det de carnis ejus ut ſaturemur,* 32
- Ex Libro Pfalorum
- Pſalm. 2. 7. *Filius meus es tu, ego hodie genui te,* 251.
- Pſalm 5. 7. *Odiſti omnes, qui operantur iniquitatē,* p. 124.
- Pſalm. 7. 5. *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis,* 108.
7. 17. *Convertetur dolor ejus in caput ejus, & in verticem ipſius iniquitas ejus deſcendet,* 37.
- Pſalm 8. 3. *Ex ore infantium, & lactentium perfeciſti laudem,* 387.
- Pſalm. 17. 6. *Dolores inferni circumdederunt me,* p. 472.
17. 45. *In auditu auris obdormit mihi,* 273.
- Pſalm. 22 5. *Calix meus inebrians quàm præclarus eſt,* 196.
- Pſalm. 24. 4. *Vias tuas, Domine, demonſtra mihi, & ſemitas tuas edoce me,* 323.
- Pſalm. 34. 12. *Retribuēbāt mihi mala pro bonis: ſterilitatem animæ meæ,* 507
- Pſalm. 37. 11. *Et lumen oculorum meorum, & ipſum non eſt mecū,* 474.
- Pſalm. 42. 4. *Introibo ad altare Dei,* 175.
- Pſalm. 43. 7. *Gladius meus non ſalvabit me,* 4.
- Pſalm 44. 3. *Specioſus forma præ filijs hominum,* p. 318.
- 44 7. *Sagittæ tuæ acutæ, populi ſub te cadent, in corda inimicorum Regis,* p. 372.
- Pſalm. 48. 13. *Homo cum in honore eſſet, comparatus eſt jumentis, & ſimilis factus eſt illis,* 291.
- Pſalm. 66. 7. 8. *Benedicat nos Deus, Deus noſter, benedicat nos Deus, & metuant eum omnes fines terræ,* 352.
- Pſalm 67. 10. *Pluviam volūtariam ſegregabis Deus hereditati tuæ,* 489.
- Pſalm. 68. 3. *Veni in altitudinem maris, & temporas demerſit me,* 472.
- Pſalm. 71. 7. *Donc auferratur*

- ratur Luna, 279.
- Pfalm. 72. 25. *Quid mihi est in Cælo, & à te quid volui super terram, 521.*
72. 26. *Pars mea Deus in æternum. Ibid.*
- Pfalm. 73. 23. *Superbia eorum, qui te oderunt, ascēdit semper, 129.*
- Pfalm. 74. 9. *Calix in manu Domini vini meri, p. 201.*
- Pfalm. 77. 57. *Conversi sūt in arcum prorum, 37.*
77. 67. 68. *Elegit tribum Juda, tribum Ephraim non elegit, 482.*
- Pfalm. 94. 10. *Quadraginta annis proximus fui generationi huic, & dixi, Semper hi errant corde, p. 441.*
- Pfalm. 105. 23. *Et dixit ut disperderet eos : si non Moyses electus ejus stetit in confractioe in conspectu ejus, 517.*
- Pfalm. 106. 26. *Ascendunt usque ad Cælos, & descēdunt usq; ad abyssos, 437.*
106. 40. *Errare fecit eos in invio, & nō in via, 496.*
- Pfalm. 109. 4. *Ex utero ante luciferum genui te,*
- p. 380.
- Pfalm. 113. 8. *Similes illis fiant, qui faciunt ea, 26.*
- Pfalm. 117. 23. *A Domino factum est istud, & est mirabile in oculis nostris, p. 198.*
- Pfalm. 118. 66. *Quia mandatis tuis credidi, 449.*
- Pfalm. 125. 1. *In convertēdo Dñs captivitatē Sion, facti sumus sicut consolati, 406.*
- Pfalm. 126. 3. *Ecce hæreditas Domini, filij, merces, fructus ventris, 483.*
- Pfalm. 127. 2. *Labores manuum tuarum quia manducabis: beatus es, & benè tibi erit, 93.*
- Pfalm. 131. 11. *Furavit Dñs David veritatē, & non frustrabitur eam: de fructu ventris tui ponam super sedem tuam, 82.*
- Pfalm. 138. 5. 6. *Tu formasti me, & posuisti super me manum tuam. Mirabilis facta est scientia tua ex me, 218.*
- Pfalm. 147. 20. *Non fecit taliter omni nationi, 482.*
- Pfalm. 148. 5. *Ipsè dixit, & facta sunt, 114.*

Ex Libro Proverbiorum.

Cap. 3. 32. *Cum simplicibus sermocinatio ejus, 314.*

Cap. 8. 17. *Ego diligentes me diligo, 124.*

8. 35. *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet salutem, 526.*

Cap. 18. 19. *Frater, qui adjuvatur à fratre, quasi civitas firma, 499.*

Cap. 24. 13. *Refus dolore miscbitur, 528.*

Cap. 25. 21. *Si esurierit inimicus tuus, ciba illum, p. 97.*

Cap. 30. 18. *Tria sunt difficilia mihi: viam colubri super petram: viam navis in medio maris: & viâ aquilæ in Cælo, 489.*

Ex Libro Ecclesiastes.

Cap. 1. 7. *Ad locum unde exeunt flumina revertitur, ut iterum fluant, p. 506.*

Ex Cantic. Canticorum.

Cap. 1. 12. *Fasciculus myrrhæ dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur, 476.*

Cap. 2. 3. *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi, & fructus ejus dulcis*

gutturis meo, 85.

Cap. 2. 5. *Fulcite me floribus, stipate me malis, quia amore langueo, 217.*

Cap. 3. 1. *In lectulo meo quæsi vi quem diligit anima mea, 262.*

3. 11. *Egredimini, & videte filiæ Sion Regem Salomonem in diademate, quo coronavit illum mater sua, 514.*

Cap. 4. 3. *Sicut fragmen mali punici, ita genæ tuæ, absq; eo quod intrinsecus latet, 320.*

4. 9. *Soror mea sponsa, p. 309.*

Cap. 5. 12. *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ. Ibid.*

Cap. 7. 1. *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis, filia Principis, p. 165.*

Cap. 8. 1. *Quis mihi det te fratrem meum sugentem ubera matris meæ, p. 172.*

8. 6. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus æmulatio, pag. 472.*

Ex

- Ex Libro Sapientia.
 Cap. 1. 7. Spiritus Domini
 replevit orbem terrarum,
 p. 393.
 Ibid. Et hoc quod continet
 omnia, scientiam habet
 vocis, 394.
 Cap. 7. 26. Candor est
 enim lucis aeternae, & spe-
 culum sine macula Dei
 maiestatis, & imago bo-
 nitatis illius, 290.
 Cap. 11. 21. Omnia in mē-
 sura, & numero, & pon-
 dere disposuisti, 532.
 Ex Lib. Ecclesiastici.
 Cap. 12. 3. Altissimus
 odio habet peccatores, p.
 124.
 Cap. 30. 16. Non est census
 super censum salutis cor-
 poris, 231.
 Cap. 33. 7. Quare dies diem
 superat, & iterum lux lu-
 cem, & annus annum à so-
 le, 344.
 33. 8. 9. A Domini scien-
 tia separati sunt, factò so-
 le, & præceptum custo-
 diente. Et immutavit tē-
 pora, &c. 345.
 Cap. 38. 1. Honora Medi-
 cum propter necessitatē:
 etenim illum creavit Al-
 tissimus, 214.
 38. 2. A Deo est enim om-
 nis medela. Ibid.
 38. 4. Altissimus de terra
 creavit medicamenta, &
 vir prudens non abhorre-
 bit illa Ibid.
 Cap. 48. 13. Elias quidem
 in turbine tectus est, & in
 Eliseo completus est spiri-
 tus ejus, 535.
 Ex Prophetia Isaia.
 Cap. 1. 6. Vulnus, & livor,
 & plaga tumens, non est
 circumligata, nec curata
 medicamine, neque fota
 oleo, 212.
 Cap. 3. 6. Vestimentum ti-
 bi est, Princeps esto no-
 ster, 230.
 3. 7. Non sum Medicus,
 & in domo mea non est
 panis, nolite constituere
 me Principem populi,
 Ibid.
 Cap. 5. 4. Expectavi ut
 faceret uvas, & fecit la-
 bruscas, 508.
 Cap. 6. 3. Sanctus, sanctus,
 sanctus, 384.
 6. 10. Excæca cor populi
 huius, & aures ejus ag-
 grava, & oculos ejus
 claude, &c. 433.

- Cap. 11. 1. *Egredietur virga de radice Jesse, & flos de radice ejus ascendet,* p. 84.
- Cap. 14. 14. *Similis ero Altissimo,* 295.
- Cap. 19. 1. *Ecce Dominus ascendet super nubem levem, & ingredietur Ægyptum,* 425.
- Cap. 21. 4. *Babylon dilecta mea posita est mihi in rivaculum,* 201.
- Cap. 24. 16. *Secretum meum mihi, secretum meum mihi,* 379.
- Cap. 37. 4. *Si quo modo audiat Dominus Deus tuus,* 520.
37. 5. 6. *Venerunt servi Regis ad Isaiam, & dixit ad eos Isaias,* 521.
- Cap. 38. 1. *Morieris tu, & non vives,* 245.
38. 10. *In dimidio dierum meorum,* 243.
- Cap. 40. 12. *Appendit tribus digitis molem terræ,* p. 206.
- Cap. 46. 4. *Ego feci, ego feram,* 164.
- Cap. 48. 11. *Propter me, propter me faciam,* 516.
- Cap. 53. 2. 3. *Non est*
- species ei, neque decor, vidimus eum, & non erat aspectus,* 318.
- Cap. 62. 2. *Nomen, quod os Domini nominabit,* p. 253.
- Cap. 66. 7. *Antequam parturiret, peperit: antequam veniret partus ejus, peperit masculum,* p. 527.
66. 9. *Numquid ego, qui alios parere facio, ipse non pariam,* 527.
- Ex Prophetia Jeremiæ.
- Cap. 1. 5. *Priusquam te formarem in utero, novi te, & antequam exires de vulva, sanctificavi te, &c.* 354.
1. 6. *A, a, a, Domine Deus, ecce nescio loqui, quia puer ego sum,* 355.
1. 10. *Ecce constitui te super gentes, & super regna, ut evellas, & destruas, &c.* 354.
- Cap. 18. 3. *Et ecce ipse faciebat opus super rotam,* 7.
- Cap. 20. 9. *Factus est in corde meo quasi ignis exarsit, claususque in ossibus meis: & defeci, ferre non sustinens,* 378.

- Cap. 21. 22. *Creavit Dominus novum super terram, 255.*
- Cap. 35. 6. *Non bibemus vinum, quia Jonadab filius Rechab pater noster praecepit nobis, dicens: Non bibetis vinum, &c. 121.*
35. 13. *Numquid non recipietis disciplinam, ut obediat is verbis meis, dicit Dominus. Ibid.*
- Cap. 35. 14. *Prævaluerunt sermones Jonadab filij Rechab, quos praecepit filijs suis, ut non biberent vinum: & non biberunt usque ad diem hanc, &c. 121.*
- Ex Libro Threnorum.
- Cap. 1. 1. *Princeps provinciarum facta est sub tributo, 161.*
- Cap. 1. 12. *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte si est dolor similis sicut dolor meus, 471.*
- Cap. 2. 13. *Cui comparabo te, vel cui assimilabo te, filia Jerusalem, &c. 471.*
- Ibid. *Magna est velut mare contritio tua. Ibid.*
- Ex Prophetia Ezechielis.
- Cap. 1. 10. *Similitudo vultus eorum: facies hominis, & facies leonis à dextris ipsorum quatuor, facies autem bovis à sinistris ipsorum quatuor, & facies aquilæ desuper ipsorum quatuor, p. 221.*
- Cap. 10. 10. *Rota in medio rotæ, 8.*
10. 14. *Facies una, facies Cherub: & facies secundo, facies hominis: & in tertio facies leonis: & in quarto facies aquilæ, p. 221.*
10. 22. *Et similitudo vultuum eorum ipsi vultus, quos videram juxta fluvium Chobar. Ibid.*
- Cap. 28. 17. *Elevatum est cor tuum in decore tuo, p. 290.*
- Cap. 37. 9. *A quatuor ventis insuffla spiritus, p. 393.*
- Cap. 47. 12. *Folia ejus ad medicinam, 217.*
- Ex Prophetia Danielis.
- Cap. 2. 29. *Tu Rex cogitare cœpisti, 244.*

- Cap. 3. 92. *Et ſpecies quarti ſimilis Filio Dei,* p. 531.
- Cap. 4. 9. *Subter eam habitabant animalia, & beſtia, & in ramis ejus converſabantur volucres Cæli,* 216.
- Cap. 5. 11. *Pater, inquam, tuus ô Rex,* pag. 245.
5. 29. *Tunc jubente Rege, indutus eſt Daniel purpura, & circumdata eſt torques aurea collo ejus, &c.* 426.
5. 30. 31. *Eadem nocte interfectus eſt Baltaſar Rex Chaldæus, & Darius Medus ſucceſſit in regnum,* 9.
- Cap. 6. 22. *Coram te, Rex, delictum non feci,* p. 245.
- Cap. 10. 6. *Oculi ejus ut lampas ardens,* 224.
- Ibid. Vox ſermonum ejus, ut vox multitudinis.* Ibid.
- Cap. 12. 5. *Peperit filium maſculum, qui raptus eſt ad Deum, & ad thronũ ejus,* 259.
- Ex Prophetia Oſee.
- Cap. 7. 16. *Facti ſunt quaſi arcus dolofus,* pag. 37.
- Ex Prophetia Amos.
- Cap. 3. 12. *Quomodo ſi ſervat paſtor de ore leonis extremum auriculæ,* 283.
- Ex Prophetia Zachariæ.
- Cap. 9. 17. *Vinum germi- nans virgines,* 196.
- Ex Prophetia Malachiæ.
- Cap. 4. 2. *Sanitas in penis ejus,* 224.
- Ex Lib. 1. Machabæorum.
- Cap. 15. 33. *Neque alienam terrã ſãpſimus, neq; alienam detinemus: ſed hæreditatem patrum noſtrorum, quæ injuſte ab inimicis noſtris aliquo tempore poſſeſſa eſt.* &c. 415.
- Ex Lib. 2. Machabæorum.
- Cap. 15. 14. *Hic eſt fratrum amator, hic eſt, qui multum orat pro populo,* 278.
- Ex Evangelio D. Matthæi.
- Cap. 1. 3. *Dilexi Jacob, Eſau autem odio habui,* 130.
1. 6. *David autem Rex,* p. 73.

- Cap. 1. 1. *Liber generationis Jesu Christi filij David*, 71.
1. 16. *Jacob autem genuit Joseph virum Mariæ, &c.* Ibid.
1. 17. *A David usque ad transmirationem Babylonis generationes quatuordecim, &c.* 82.
1. 18. *Cum esset desponsata mater Jesu Maria Joseph*, 46.
1. 19. *Ioseph autem vir ejus cum esset justus*, p. 69.
- Ibid. *Voluit occultè dimittere eam*, 70.
1. 20. *Ioseph fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam.* Ibid.
- Ibid. *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est*, 70.
1. 21. *Vocabis nomen ejus Iesum*, 73.
- Ibid. *Ipse enim salvum faciet populum suum à peccatis eorum*, 427.
- Cap. 2. 2. *Ubi est, qui natus est Rex Iudæorum*, p. 414.
- Ibid. *Vidimus, & venimus.* 463.
2. 11. *Intrantes domum, invenerunt puerum*, p. 333.
2. 13. *Accipe puerum, & matrem ejus*, pag. 475.
2. 14. *Secessit in Ægyptum*, 414.
2. 15. *Ut impleretur quod dictum est per Prophetam: Ex Ægypto vocavi Filium meum*, pag. 425.
2. 18. *Vox in Rama audita est, ploratus, & ululatus multus, Rachel plorans filios suos*, pag. 414.
- Cap. 3. 9. *Potens est Deus de lapidibus istis suscitare filios Abrahamæ*, 79.
- Cap. 4. 19. *Faciam vos fieri piscatores hominum*, p. 375.
- Cap. 5. 13. *Vos estis sal terræ*, 139.
5. 14. *Non potest civitas abscondi supra montem posita.* Ibid.
5. 19. *Qui fecerit, & docuerit, hic magnus vocabitur in regno calorum*, p. 349.

5. 43. *Audistis quia dictum est antiquis: Diliges proximum tuum, & odio habebis inimicum tuum, p. 98.*
5. 44. 45. *Diligite inimicos vestros: ut sitis filij Patris vestri, 96.*
5. 45. *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super justos, & injustos, 127.*
5. 46. 47. *Si enim diligitis eos, qui vos diligunt.... nonne & Ethnici hoc faciunt, 97.*
- Cap. 8. 24. *Ipsè venò dormiebat, 183.*
8. 25. *Salva nos, perimus. Ibid.*
8. 26. *Imperavit ventis, & mari, & facta est tranquillitas magna. Ibidem.*
8. 27. *Qualis est hic, quia venti, & mare obediunt ei. Ibid.*
- Cap. 9. 8. *Glorificaverunt Deum, qui dedit potestatem talem hominibus, p. 518.*
- Cap. 11. 28. *Venite ad me omnes, qui laboratis, & onerati estis, & ego reficiam vos, p. 150.*
11. 29. *Tollite jugum meum super vos, ... & invenietis requiem animabus vestris. Ibid.*
11. 30. *Fugum enim meum suave est, & onus meum leve. Ibid.*
- Cap. 12. 46. *Ecce mater tua, & fratres tui foris stant quærentes te, 87.*
12. 48. *Quæ est mater mea, & qui unt fratres mei. Ibid.*
12. 49. *Ecce mater mea, & fratres mei. Ibid.*
12. 50. *Quicumque fecerit voluntatem Patris mei, qui in Cælis est, ipse meus frater, & soror, & mater est. Ibid.*
- Cap. 13. 55. *Nonne hic est fabri filius, 48.*
- Cap. 14. 22. *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam, 186.*
14. 31. *Modicæ fidei, quare dubitasti, 526.*
- Cap. 15. 22. *Miserere mei Domine fili David, pag. 72.*
- Cap. 16. 2. *Serenum erit, rubicundum est enim Cælum, 402.*

16. 24. Tollat crucē suam,
& sequatur me, 150.
16. 26. Quid prodest ho-
mini, si mundum univer-
sum lucretur, animæ ve-
rò suæ detrimentum pa-
tietur, 20.
- Cap. 17. 5. Hic est filius
meus dilectus, in quo mi-
hi bene complacui, ipsum
audite, 372.
17. 20. Hoc genus demo-
norum non ejicitur nisi
in oratione, & jejunio,
p. 287.
- Cap. 17. 24. Quid tibi vi-
detur Simon? Reges ter-
ræ à quibus accipiunt tri-
butum, à filijs, an ab alie-
no? Ab alienis, 161.
17. 25. Ergo liberi sunt fi-
lij. Ibid.
17. 26. Aperto ore ejus, in-
venies staterem, 148.
- Ibid. Ut autem non scanda-
lizemus eos, vade, & da
eis pro me, & te, 162.
- Cap. 18. 16. In ore duorū,
vel trium stet omne ver-
bum, 453.
- Cap. 21. 9. Hosanna filio
David, 72.
21. 37. Verebuntur filij
meum, 497.
21. 38. Hic est hæres, ve-
nite, occidamus eum, &
habebimus hæreditatem.
Ibid.
- Cap. 22. 21. Reddite quæ
sunt Cæsaris, Cæsari, &
quæ sunt Dei, Deo, 157.
- Cap. 25. 1. Exierunt ob-
viam sponso, & sponse,
p. 21.
25. 6. Ecce sponsus venit,
p. 18.
25. 9. Ne fortè non suffi-
ciat nobis, & vobis, 20.
25. 34. Venite benedicti
Patris mei, 360.
25. 41. Ite maledicti in
ignem æternum. Ibid.
- Cap. 26. 15. Quid vultis
mibi dare, 232.
- Ibid. Illi constituerunt ei
triginta argenteos. Ibid.
26. 26. Hoc est corpus
meum. 118.
26. 39. Transeat à me ca-
lix iste. 477.
26. 67. Colaphis eum ceci-
derunt, 458.
26. 73. Nam & loquela
tua manifestum te facit,
p. 314.
- Cap. 27. 9. Triginta argen-
teos pretium appetiati,
quem appetiaverunt à
filijs

- filijs Israel, 232.
27. 27. Milites praesidis congregaverunt ad eum universam cohortem, 34.
27. 39. Praetereutes blasphemabant eum, 188.
27. 54. Vere Filius Dei erat iste, 36.
- Ex Evangelio D. Marci.
- Cap. I. 17. Faciam vos freres piscatores hominum, 144.
- Cap. 2. 25. 26. Numquam legistis quid fecerit David, quando necessitatem habuit? Quomodo introivit in domum Dei, & panes propositionis manducavit, &c. 158.
- Cap. 5. 9. Legio, quia multi sumus, 291.
5. 26. Quae fuerat multa perpeſa à compluribus Medicis: & erogaverat omnia sua, nec quidquam profecerat, 234.
- Cap. 6. 45. Et statim coegit discipulos suos ascendere navim, 186.
6. 48. Volebat praeterire eos, 526.
6. 51. 52. Cessavit ventus, & plus magis intra se stupebant; non enim intellexerunt de panibus. Ibid.
- Cap. 10. 47. Fili David miserere mei, 72.
- Cap. 15. 43. Donavit corpus Joseph, 189.
- Ex Evangelio D. Lucae.
- Cap. I. 26. 27. Missus est Angelus Gabriel à Deo in civitatem Galilaeae, cui nomen Nazareth, &c. p. 74.
- I. 28. Dominus tecum, p. 475.
- I. 29. Turbata est in sermone ejus, 265.
- I. 30. Ne timeas Maria. Ibid.
- I. 31. Vocabis nomen ejus Jesum, 73.
- Ibid. Ecce concipies in utero, & paries filium, & vocabis nomen ejus Jesum, &c. 426.
- I. 32. Dabit illi Dominus Deus sedem David patris ejus, 75.
- I. 34. Quoniam virum non cognosco. Ibid.
- I. 35. Spiritus Sanctus superveniet in te, & virtus Altissimi obumbrabit tibi, 386.
- Ibid. Ideoque & quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei. Ibid.

1. 45. *Quoniam perficietur ea, quæ dicta sunt tibi à Domino, 427.*
1. 57. *Impletum est tempus paricndi, & peperit, p. 277.*
1. 66. *Posuerunt in corde suo, dicentes: Quis, putas, puer iste erit, etenim manus Domini erat cum illo, 428.*
- Cap. 2. 4. *Eò quòd esset de domo, & familia David, p. 69.*
2. 7. *Non erat ei locus in diversorio, 179.*
2. 8. *Pastores erant in regione eadem, 505.*
2. 11. *Quia natus est vobis hodie salvator, qui est Christus Dominus, p. 423.*
2. 20. *Reversi sunt pastores glorificantes, & laudantes Deum, 504.*
2. 21. *Postquam consummati sunt dies octo, ... vocatum est nomen ejus Jesus, 323.*
2. 22. *Quod vocatum est ab Angelo, priusquam in utero conciperetur, p. 253.*
2. 27. *Cùm inducerent Iesum parentes ejus, p. 76.*
2. 33. *Et erat pater ejus, & mater mirantes super his, quæ dicebantur de illo. Ibidem.*
2. 41. *Et ibant parentes ejus per omnes annos in Ierusalem in die solemnium Paschæ. Ibid.*
2. 43. *Remansit puer Iesus in Ierusalem, & non cognoverunt parètes ejus. Ibid.*
2. 46. *Audientem illos, & interrogantem eos, p. 90.*
2. 47. *Stupebant super prudentia, & responsis ejus, 381.*
2. 48. *Quid fecisti nobis sic, 90.*
2. 48. *Ecce pater tuus, & ego dolentes quærebamus te, 86.*
2. 49. *In his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse, Ibid.*
2. 50. *At ipsi non intellexerunt, 244.*
2. 51. *Et erat subditus illis, 91.*
- Cap. 3. 23. *Ut putabatur,*

- tur, filius Ioseph, pag. 47.
3. 38. Qui fuit Adam, qui fuit Dei, 95.
- Cap. 4. 23. Medice cura te ipsum, 248.
4. 38. Socrus autem Simonis tenebatur magnis febris, 210.
- Cap. 5. 5. In verbo tuo laxabo rete, 376.
5. 8. Exi à me, quia peccator sum Domine, pag. 377.
5. 9. Stupor enim circumdederat eum, & omnes, qui cum illo erant, in captura piscium, 376.
5. 10. Ex hoc jam homines eris capiens, 377.
- Cap. 6. 18. 19. Qui vexabantur à spiritibus immundis, curabantur: & omnis turba querebat eum tangere, quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes, 286.
- Cap. 8. 25. Ubi est fides vestra, 185.
- Cap. 9. 31. Visi in maiestate, 531.
- Cap. 10. 4. Nolite portare sacculum, 229.
- Ibid. Neminem per viam salutaveritis, 236.
10. 7. Edentes, & bibentes quæ apud illos sunt, p. 235.
10. 8. 9. Manducate quæ apponuntur vobis: & curate infirmos. Ibidem.
10. 16. Qui vos audit, me audit, 274.
10. 41. 42. Turbaris erga plurima: porro unum est necessarium, 342.
- Cap. 11. 14. Erat Iesus ejiciens dæmonium, & illuderat mutum, pag. 282.
11. 27. Beatus venter, qui te portavit, 316.
- Cap. 12. 19. Multa bona in annos plurimos, pag. 469.
12. 20. Hac nocte animam tuam repetunt à te. Ibid.
- Cap. 16. 24. Pater Abraham, mitte Lazarum, ut intingat extremum digiti sui in aquam, ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma, 135.

- Cap. 22. 25. *Qui potestatem habent super eos, benedifici vocantur*, 230
22. 42. *Non mea voluntas, sed tua fiat*, 274.
- Cap. 23. 11. *Sprevit illum Herodes cum exercitu suo*, 35.
23. 36. *Illudebant autem ei & milites*, 35.
23. 42. *Domine memento mei*, 473.
23. 43. *Hodie mecum eris in paradiso*. Ibid.
23. 50. *Vir bonus, & iustus*, 190.
23. 51. *Hic non consenserat consilio eorum*. Ibid.
- Ibid. *Ab Arimathæa civitate Judææ*. Ibid.
- Cap. 24. 21. *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel: & nunc super hæc omnia, tertia dies est hodie*, 407.
- Ex Evangelio D. Joannis.
- Cap. 1. 1. *Et Verbum erat apud Deum*, 116.
1. 3. *Omnia per ipsum facta sunt, & sine ipso factum est nihil*. Ibid.
1. 14. *Verbum caro factum est*, 81.
1. 23. *Ego sum vox*, 153.
- Cap. 3. 1. *Nicodemus, Princeps Judæorum*, 190.
3. 4. *Adhuc quadraginta dies & Niniue subvertetur*, 292.
3. 10. *Tu es Magister in Israel*, 190.
3. 14. *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto*, 195.
- Cap. 5. 22. *Neque enim Pater judicat quemquam, sed omne iudicium dedit Filio*, 361.
5. 27. *Potestatem dedit ei iudicium facere, quia Filius hominis est*. Ibid.
- Cap. 6. 11. *Accepit panes, & cum gratias egisset, distribuit discumbentibus*, p. 507.
6. 27. *Hunc enim Pater signavit Deus*, 254.
6. 56. *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*, 195.
6. 57. *In me manet, & ego in illo*, 32.
6. 59. *Hic est panis, qui de Cælo descendit*, 187.
- Cap. 8. 42. *Ego ex Deo processi*, 391.
8. 46. *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi,*

- mibi, pag. 433.
8. 48. Nonne bene dicimus nos, quia Samaritanus es tu, & demonium habes, 435.
8. 59. Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum. Ibid.
- Cap. 11. 48. Venient Romani, & tollent locum nostrum. 234.
- Cap. 13. 1. Cum dilexisset suos, 521.
13. 19. Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit, credatis quia ego sum, 403.
13. 27. Quod facis, fac, p. 279.
- Cap. 14. 10. Pater in me manens, ipse facit opera, p. 355.
14. 23. Si quis diligit me, sermonem meum servabit, & Pater meus diliget eum, & ad eum veniemus, 347.
14. 24. Qui non diligit me, sermones meos non servat, 325.
14. 26. Ille vos docebit omnia, quaecumque dixerit vobis, 269.
- Cap. 15. 26. Cum venerit
- Paracletus, qui a Patre procedit, 391.
- Cap. 16. 28. Exivi a Patre, & veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem. Ibidem.
- Cap. 18. 12. 13. Cohors er- go, & tribunus comprehenderunt, & ligaverunt eum, & adduxerunt ad Annam, 34.
- Cap. 19. 2. Et milites ple- tentes coronam de spinis imposuerunt capiti ejus, p. 35.
19. 3. Ave Rex Judaeorum, 458.
- Ibid. Dabant ei alapas. Ibid.
19. 17. Bajulans sibi cruce- cem, exiit, 248.
19. 19. Jesus Nazarenus Rex Judaeorum, 74.
19. 23. Milites ergo cum crucifixissent eum, 35.
19. 24. Et dixerunt, non scindamus eam, sed sor- tiamur de illa: & milites quidem hoc fecerunt, 35.
19. 26. Ecce filius tuus, p. 264.
19. 27. Ecce mater tua. Ibid.

- Ibid. *Ex illa hora accepit eam discipulus in sua*, 261.
 19. 31. *Ut frangerentur eorum crura*, 189.
 19. 34. *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit*, 35.
 19. 38. *Post hæc autem rogavit Pilatum Joseph ab Arimathæa ... venit autem & Nicodemus, qui venerat ad Iesum nocte*, 189.
 19. 39. *Ferens mixturam myrrhæ & aloes, quasi libras centum*, 190.
 19. 40. *Sicut mos est Iudæis sepelire*. Ibid.
 19. 41. *Monumentum novum, in quo nodum quisquam positus fuerat*. Ibid.
 Cap. 20. 13. *Tulerunt Dominum meum, & nescio ubi posuerunt eum*, 412.
 20. 15. *Si tu sustulisti eum, dicito mihi, & ego eum tollam*. Ibid.
 Ibid. *Mulier, quid ploras*, p. 314.
 Ibid. *Domine, si tu sustulisti eum*. Ibid.
 20. 22. *Insufflavit, & dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum*. 390.
 Cap. 21. 17. *Pasce oves meas*, 485.
 21. 20. *Recubuit super petrus ejus*, 263.
 Ex Libro Actuum Apostolorum.
 Cap. 1. 1. *Cæpit facere, & docere*, 381.
 Cap. 2. 2. 3. *Spiritus verberantis linguæ tamquam ignis*, 393.
 2. 8. *Audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus*, 371.
 2. 24. *Solutis doloribus inferni*, 472.
 Cap. 8. 17. *Imponebant manus super illos, & accipiebant Spiritum Sanctum*, 389.
 Cap. 10. 10. *Cum esuriret*, p. 31.
 10. 13. *Surge Petre, occide, & manduca*. Ibid.
 Cap. 12. 9. *Existimabat autem se visum videre*, p. 405.
 Ex Epistola B. Pauli Apostoli ad Romanos.
 Cap. 4. 11. *Pater crediturum*, 457.
 4. 18. *Contra spem in spem credidit*, 411.
 Cap. 8. 15. *In quo clamamus:*

- mus : Abba (Pater) 79.
- Cap. 9. 13. *Iacob dilexi, Esau autem odio habui,* p. 130.
- Cap. 10. 17. *Fides ex auditu,* 458.
- Cap. 13. 9. *Et si quod est aliud mandatum, in hoc verbo instauratur,* 326.
- Cap. 16. 21. *Salutat vos Timotheus, & Lucius adjutor meus,* 223.
16. 23. *Quartus frater,* 512.
- Ex Epistola prima ad Corinthios.
- Cap. 4. 15. *Nam in Christo Iesu per Evangelium, ego vos genui,* 79.
- Cap. 7. 4. *Mulier sui corporis potestatem non habet, sed vir,* 83.
- Cap. 8. 1. *Scientia inflat,* 28.
- Cap. 10. 11. *Omnia in figura contingebant illis,* p. 463.
- Cap. 11. 23. *In qua nocte tradebatur,* 178.
11. 24. *Quod pro vobis tradetur. Ibid.*
- Cap. 12. 4. 11. *Divisiones gratiarum sunt, idem autem spiritus dividens singulis, prout vult,* 386.
12. 27. *Vos autem estis corpus Christi, & membra de membro,* 180.
12. 28. *Primum quidem Apostolos,* 88.
- Cap. 13. 1. *Factus sum velut aes sonans, aut cymbalum tinniens,* 450.
13. 2. *Si habuero omnem fidem, ita ut montes transferam, charitatem autem non habuero, nihil sum,* p. 450.
13. 12. *Videmus nunc per speculum in enigmate: tunc autem facie ad faciem,* 297.
- Cap. 15. 8. *Novissimè tamquam abortivo visus est & mihi,* 277.
- Ex Epist. 2. ad Corinth.
- Cap. 9. 7. *Non ex tristitia, aut necessitate: hilarem enim datorè diligit Deus,* p. 305.
- Cap. 10. 5. *In captivitatè redigentes omnem intellectum in obsequium Christi,* 117.
- Cap. 11. 14. *Ipse enim Sathanas transfiguratur se in angelum lucis,* 293.
11. 29. *Quis infirmatur, & ego non infirmor,* 210.
- Cap.

- Cap. 12. 9. *Nam virtus in infirmitate perficitur*, p. 211.
- Ex Epistola ad Ephesios.
- Cap. 3. 14. 15. *Hujus rei gratia flecto genua mea ad Patrem Dñi nostri Jesu Christi, ex quo omnis paternitas in Cælis, & in terra nominatur*, 359.
- Cap. 4. 5. *Unus Deus, una fides*, 438.
4. 13. *In mensuram ætatis plenitudinis Christi*, p. 180.
- Cap. 5. 30. *Quia membra sumus corporis ejus*. Ibid.
- Ex Epistola ad Philippenses.
- Cap. 2. 9. *Quod est super omne nomen*, 253.
- Ibid. *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur*, 253.
2. 8. 9. *Factus obediens usque ad mortem. Propter quod donavit illi nomen, quod est super omne nomen*, 327.
- Ex Epist. ad Colossenses.
- Cap. 1. 24. *Adimpleo ea quæ desunt passionum Christi, in carne mea*, p. 534.
- Cap. 2. 3. *In quo sunt omnes thesauri sapientiæ; & scientiæ absconditi*, p. 368.
- Cap. 3. 14. *Charitatem habete, quæ est vinculum perfectionis*, 324.
- Cap. 4. 14. *Salutat vos Lucas Medicus charissimus*, 231.
- Ex Epistola 1. ad Timotheum.
- Cap. 5. 8. *Et est infideli deterior*, 453.
5. 23. *Noli adhuc aquam bibere, sed modico vino utere propter stomachum tuum, & frequentes tuas infirmitates*, 210.
- Ex Epistola 2. ad Timotheum.
- Cap. 2. 9. *Laboro usque ad vincula, sed verbum Dei non est alligatum*, 34.
- Ex Epistola ad Titum.
- Cap. 1. 16. *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*, 551.
- Ex Epistola ad Hebræos.
- Cap. 2. 16. *Nusquam Angelos apprehendit, sed semen Abrahæ apprehendit*, 482.
2. 17. *Debit per omnia fratribus similari*, 93.
- Cap.

Cap 6. 4. 5. *Impoſſibile eſt enim eos, qui ſemel ſunt illuminati, guſtaverunt etiam donum cæleſte, & participes facti ſunt Spiritus Sancti, & prolapſi ſunt, ruruſus renovari ad pœnitentiam, 198.*

Ex Epistoſta B. Jacobi Apoſtoli.

Cap. 1. 23. *Si quis auditor eſt verbi, & non factor, hic comparabitur viro conſideranti vultum natiuitatis ſuæ in ſpeculo, &c. 302.*

Cap. 2. 15. 16. 17. *Si frater aut ſoror nudi ſunt, & indigeant victu quotidiano, non dederitis autem eis, quæ neceſſaria ſunt corpori, quid proderit? Sic & fides, &c. p. 455.*

2 17. 18. 19. *Fides ſi non habeat opera, mortua eſt in ſemetipſa. Sed dicet quis: Tu fidem habes, & ego opera habeo: oſtende mihi fidem tuam ſine operibus, & ego oſtendam tibi ex operibus fidem meam. Tu credis quoniam unus eſt Deus,*

benè facis, & dæmones credunt, & contremiſcunt, 453.

2. 26. *Sicut enim corpus ſine ſpiritu mortuum eſt, ita & fides ſine operibus mortua eſt, 454.*

Ex Epistoſta I. B. Petri Apoſtoli.

Cap. 4. 11. *Si quis loquitur, quaſi ſermones Dei, pag. 313.*

Cap. 5. 8. *Sobrii eſtote, & vigilate, quia aduerſarius veſter diabolus tamquam leo rugiens circuit, quærens quem devoret, p. 281.*

Ex Epistoſta I. B. Joannis Apoſtoli.

Cap. 2. 4. *Qui dicit ſe noſſe Deum, & mandata ejus non cuſtodit, mendax eſt, & in hoc veritas non eſt, p. 449.*

Cap. 3. 2. *Similes ei erimus, quoniam videbimus eum ſicuti eſt, 318.*

3. 18. *Diligamus opere, & veritate, 127.*

Cap. 5. 7. *Sunt, qui teſtimonium dant in Cælo: Pater, Verbum, & Spiritus Sanctus: & hi tres unum ſunt,*

- sunt, pag. 118.*
 Ex Libro Apocalypsis.
 Cap. 1. 5. *Primogenitus mortuorum, 252.*
 1. 15. *Similis aurichalco in camino ardenti, 224.*
 1. 16. *Facies ejus sicut Sol lucet in virtute sua. Ibid.*
 Cap. 7. 9. *Et palmae in manibus eorum, 4.*
 Cap. 9. 6. *Fugiet mors ab eis, 479.*
 Cap. 12. 1. *Signum magnū apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole, & Luna sub pedibus ejus, & in capite ejus corona stellarū duodecim, 258.*
 12. 3. 4. 5. *Et visum est aliud signum in Cælo: & ecce draco magnus rufus, habens capita septem, & cornua decem, & in capitibus ejus diademata septem: & draco stetit ante mulierem, quæ erat paritura; ut cum peperisset filium ejus devoraret, Ibid.*
 Ibid. *Et cauda ejus trahebat tertiam partem stellarum Cæli, & misit eas in terram, 291.*
 12. 7. *Factum est prælium magnum in Cælo, 28.*
 Cap. 14. 8. *Cecidit Babylon, 201.*
 Cap. 17. 2. *Et inebriati sunt, qui habitāt terram, de vino prostitutionis ejus, 200.*
 17. 4. *Habens poculum aureum in manu sua, plenum abominatione, & immunditia. Ibid.*
 17. 15. *Aquæ sunt populi, p. 154.*
 Cap. 21. 2. *Tamquam sponsam ornatam viro suo, p. 462.*
 Cap. 22. 2. *Lignum vitæ, & folia ligni ad sanitatem gentium, 217.*

INDEX

Das cousas mais notaveis.

A
Amor. O Remedio cõ
 que se curam
 as enfermidades de a-
 mor, são flores, & fru-
 tos, Numer. 231. Pag.
 217. Aos que digna-
 mente sabem amar, o-
 bedecer, & servir à Ma-
 gestade de Deos, vem
 assistir todas as tres Pes-
 soas Divinas, n. 395.
 P. 347.

Amor de inimigos. Expen-
 dem-se as razoens por-
 que parece difficuloso
 este preceito, n. 87. &
 seqq. pag. 97. Amar aos
 inimigos he muito fa-
 cil, & natural ao homẽ,

Tom. I I.

n. 93. p. 101. Sendo tão
 facil fazer bem aos ini-
 migos, parece muito
 difficuloso: & porque.

Ibid. Assim como o mo-
 tivo de amar he o bem
 proprio, assim o de a-
 bõrrecer são os bens a-
 lheyos, n. 95. pag. 103.

Ainda que ter inimigos
 pareça desgraça, muito
 mayor he naõ os ter,
 n. 97. p. 104. Como o

ter inimigos seja pẽsaõ
 dos beneficios recebi-
 dos de Deos, não se põ-
 de satisfazer a esta o-
 brigaçaõ, senão aman-
 do aos inimigos, n. 98.

p. 105. Atẽ no inferno
 se conhece que os mais
 offendidos devem ser os

Mm mais

mais amantes dos inimigos, n. 133. pag. 135. Mayor valor ostenta quem não tira a vida a seu inimigo, tendo licença de Deos; do que quem tira a vida a seu filho, sendo mandado por Deos, n. 98. p. 106. Quem ama aos inimigos, Deos lhe acrescenta os bês para seu castigo, n. 101. p. 108. Não se pode amar os inimigos, porque Deos o disse, n. 105. p. 111. Varias razões que persuadem ao amor dos inimigos, n. 106. *ibidem*. Utilidades que se seguem do amor dos inimigos, n. 108. p. 113. Se se tratarem os inimigos da sorte que Deos os trata, serão estes mais finalmente amados, do que os amigos, n. 119. p. 124. Os inimigos de quem tivermos recebido mayores offensas, esses devem ser os mais amados, n. 130. p. 133. Assim como Deos he o melhor exemplo dos amigos, assim o he do amor dos inimigos, n. 122. p. 127. *Santo Antonio*. Para com os estranhos he recuperador do perdido, para com os próprios he conservador do que se pode perder, n. 138. p. 141. Quando mais levantado, então mais humilde, n. 403. p. 355. Nas obras que fazia, obrava com tão Divina moderação, que bem mostrava serem derivadas da Omnipotencia do Pai, que como Pai, tudo faz para bem, & não sabe fazer mal, n. 404. *ibidem*. Nunca obrava para destruições, para damno, castigo, ou perda de alguém, mas para alivio, para consolação, para bem, & utilidade de todos, n. 406. p. 357. Communicoulhe o Pai, e o Filho, e o Espirito Santo, e o Padre Eterno os seus poderes, fazendo-o nam Deos de hum só Reyno, ou parte do Mundo, senão de todo, com dominio, & imperio universal.

verfal sobre todas as
 creaturas, n. 413. pag.
 363. Foy a fonte don-
 de beberão a sciencia
 todos os Vaoens infi-
 gñes da Religião Seta-
 fica, n. 420. p. 369. Pes-
 cava os peixes com a
 prègação, & aos ho-
 mens com os peixes, fa-
 zendo dos mesmos pei-
 xes a rede, com que os
 pescava, n. 428. p. 375.
 A segunda Pessoa da
 Santissima Trindade lhe
 communicou a sabe-
 doria Divina com que
 ensinava, n. 429. p. 376.
 Saber, & poder encu-
 brir o que sabia, foy o
 mais alto ponto, o mais
 fino, & o mais difficil
 de sua sabedoria, n. 434.
 p. 378. Mais difficulto-
 fo lhe foy o estudo da
 ignorancia, que o uso
 da sabedoria, num. 438.
 p. 382. Recebeo da ter-
 ceira Pessoa da Santissi-
 ma Trindade o nome
 de Santo, n. 442. p. 384.
 Communicoulhe não
 só o nome de Santo, se-
 não tambem o anteno-

me do Espirito, & o so-
 brenome de Paraclito,
 n. 452. p. 393.

Apostolos. Os Apostolos,
 & Discipulos de Chris-
 to, na cura das enfer-
 midades não só usavão
 da virtude sobrenatur-
 al, & milagrosa, mas
 tambem se ajudavão da
 medicina natural, & hu-
 mana, n. 220. p. 209.

Archimedes. Famoso Ma-
 thematico, em hū por-
 to de Sicilia fabricou
 hūs espelhos de tal for-
 te, que reverberando
 nelles os rayos do Sol,
 convertidos em fogo,
 abrazárão huma Arma-
 da inimiga, num. 335.
 p. 299.

Ausencia. As ausencias
 ainda dos que muito se
 amão, são penas desta
 vida: só a ausencia de
 Deos he pena, como a
 que no inferno se cha-
 ma de dāno, num. 550.
 p. 473. A ausencia, ou
 presença de Deos he a
 que faz inferno, ou Pa-
 raíso, n. 551. pag. 474.
 Sendo a ausencia, ou

privação de Deos, ainda que aborrecido, a maior de todas as penas do inferno; nam tem comparação com a ausencia, ou privação de Deos summamente amado, n. 553. p. 475.

B

Batalha. As batalhas mais invenciveis são as do entendimento; & porque, n. 33. p. 28.

Bemaventurados. Se aos Bemaventurados lhes faltasse o lume da gloria, ainda ficando no Ceo, começariam logo a sentir a pena de damno, que he a privação da vista de Deos, num. 552 p. 474.

Beneficios. Os beneficios de Deos são puros, & alheios de toda a tristeza, & mais em casos tam alegres como os de nascimento, n. 611. p. 528. Os beneficios de Deos antes do agradecimen-

to são dadivas, depois do agradecimento são devidas: antes do agradecimento nós somos devedores a Deos dos beneficios que nos faz; depois do agradecimento, as mesmas graças que lhe damos, o fazem devedor nosso, n. 588. p. 507. Ha beneficios Divinos, em que parece que as graças mais se devem aos homens, que a Deos, n. 598. p. 516. Quem não paga a penção, merece que o privem do beneficio, num. 100. p. 107. Em profecias, & beneficios começados, o mesmo he referir o passado, que pronosticar, & segurar o futuro, n. 489. p. 425.

Blesilla. nobilissima viuva Romana, gastava todo o dia, & noite em se enfeitara ao espelho, n. 333. p. 296.

Bons annos. Não dá os bons annos quem só os deseja, senão quem os assegura, n. 460. p. 400.

C

Castidade.

A Castidade heroica

faz crescer para baixo: & quanto o homem sobe pela idade, tanto decae pela castidade, n. 293. p. 267.

Santa Catharina. Com asombro dos outros Santos, & Anjos, se resolve a fazer abrir outra vez as portas do Ceo já fechadas, para que entrê tambem as Virgês neficias, n. 24. p. 20. Aventureou a vida propria só por conseguir a salvação alhea, n. 28. p. 24. Ainda que não fez Catholico da verdadeira Fè ao Emperador Maximino; chegou contudo a fazello herege da sua: & como, n. 31. p. 27. Forão de tanta efficacia as suas palavras, que a Emperatriz por Fè se vio transustanciada em Catharina, & Catharina por doutrina
Tom. I I.

transustanciada na Emperatriz, n. 38. pag. 32. Entre a Emperatriz, & Catharina succedeo a mutua transustanciação dos que comem o corpo de Christo, *ibid.*

Christão. Vide na palavra Fè.

Christo. Mandou por todo o mundo os Pregadores da sua Fè armados de dous poderes sobre ambas as vidas: o primeiro para conservar, & estender a temporal; o segundo para prometter, & segurar a eterna, n. 219. p. 208. Circumcidouse Christo, porque como Author da Ley Nova queria tirar do mundo a circumcisaõ, n. 484. p. 421. Deixou Christo o nome de Rey, & tomou o de Salvador, porque estimava mais o nome da piedade, que o titulo da Magestade, n. 487. p. 423.

Conservação. He a principal cousa de que se deve tratar, n. 142. p. 144.

Mm iij

De

De tal sorte se ha de cõseguir a conservação , que se escuse , quanto for possível , o sentimento, n. 144. p. 146. & n. 146. p. 148. Se he necessario para a conservação do Reyno tirar carne, & sangue, seja cõtal suavidade, que não o sintão , nem o veção os vassallos, num. 145. p. 147. Quem se gloria da feitura da obra, não deve recusar a obrigação de a conservar , n. 163. p. 164.

Cometa. Os Cometas sanguinolentos sempre foram fataes aos Reynos, & formidaveis às Monarchias, n. 461. p. 401.

D

Demonio. **F** Az muito por impedir o defegano da morte, principalmente aos Reys, n. 267. p. 243. O demonio tambem he Christão, n. 541 p. 465. Os demonios differem

dos homens , em serem invisiveis ; & os máos homens, demonios que vemos, *ibidem*. Nas obras são os homens semelhantes aos demonios, *ibidem*. Em algumas são peyores que elles , *ibid*. O demonio não faz todo o malque pòde , n. 543. p. 466.

Deos. Aos amigos, & inimigos cõmunica igualmente os seus thesouros, n. 122. p. 127. & n. 124. p. 130. Mayores são os favores que Deos faz aos inimigos, do q̄ aos amigos, num. 125. & seqq. pagin. 130. Deos não só tem caminhos , mas tambem atalhos, n. 366. p. 323. As obras que Deos faz, & as que se haõ de fazer bem feitas , não se fazem antes, nem depois, senão a feu tempo, n. 475. p. 413.

Dom Duarte , Filho del Rey Dom João o Primeiro, do Ceo para onde gloriosamente voou, ajudava mais fortemente

mente a seu irmão nas batalhas que depois teve, n. 582. p. 501.

E

Ecclesiasticos. **S** Aõ isentos de pagar tributos, n. 154. p. 155.

Enfeite. Os enfeites das mulheres chamaõ-se, *Mundus muliebris*, num. 333. p. 297.

Enveja. Assim como Deos acrecenta os bẽs ao envejado para mayor castigo, & dor do envejofo; assim os tira ao envejofo, para mayor hõra, & vingança do envejado, n. 101. p. 109.

Espada. A espada cõ que Judas Machabeo alcançou tão grandes victorias, foy trazida do Ceo pela alma do Profeta Jeremias, n. 4. p. 4. Essa mesma que lhe fervira de credito ao seu valor, foy testimunha presente de sua morte, na batalha que deo a Barchides, & Alcimo, *ibidem*.

Espartanos. Perguntados porque não muravão as suas Cidades, respõdêrão: Sim muramos: & os nossos muros (apontando para os peitos) são estes, n. 579. p. 499.

Espelho. O espelho he demonio mudo, num. 319 p. 287. Nas escolas de Socrates, & Platão estavam collocados espelhos, para que a elles se vissem, & compuzessem os discipulos, das virtudes que nellas se ensinavão, n. 320. p. 289. De hum espelho natural, & verdadeiro, & de huma fermosura natural, & verdadeira que nelle se vio, nacêrão todos os demonios, quantos depois de serẽ Anjos, ardem no inferno; & como, n. 322. p. 289. As mulheres do Norte, nos livros de orar com que vão à Igreja, levão entre as folhas enquadrnados espelhos, nos quaes estão compondo de novo os

Mm iij seus

- feus enfeites, num. 336. p. 299. No templo maior da Arcadia estava hum espelho, no qual quem olhava para elle, não se via a si, senão as imagens dos deoses, n. 337. p. 300. Quem renuncia o espelho, não só sacrifica a vista, senão tambem os olhos com que se vê, n. 339. pag. 301. Não só sacrifica a vista, com que se havia de ver, senão tambem a vista, com que se tem visto, num. 340. p. 302. Quem introduzio no mundo o uso dos espelhos, foy o appetite de quem vendose nelles, quiz contentar a outros olhos, que aos de Deos, n. 353. p. 312.
- Esperança.* Para quem espera pela redempção, tres dias he muito tempo, quanto mais oito, n. 468. p. 407. A dilatação da esperança recôpensa-se com a perpetuidade da posse, num. 470. p. 408.
- B. Estanislao.* Foy tres vezes concebido, & tres vezes nacido, n. 274. p. 251. Depois de concebido Estanislao, appareceo sobre o ventre de sua mãy o nome de Jesus, não escrito, ou pintado, mas esculpido; & relevado na mesma carne, & todo cercado de rayos, n. 276. pag. 252. Sendo todos os Santos obras de Deos, só a da cóceição de Estanislao firmou Deos, & sobre-escreveo com o seu nome, num. 277. p. 254. Foy aclamado por salvador, & libertador da sua patria, num. 280. p. 256. Pela virgindade que Estanislao offereceo à Mãy de Deos, mereceo que a mesma Senhora fosse Mãy sua; & elle filho da mesma Senhora, n. 285. p. 260. & n. 291. pag. 265. Estanislao foy mais perfeito filho de Maria, que S. João, n. 289. p. 263. Por ser filho de Maria, não foy tentado na pureza,

reza, n. 292. p. 266. A fãtidade de Estanislao, que fóra da Cõpanhia era já santa; na Companhia se fez quasi Divina pela obediencia, n. 300. p. 273. Como Estanislao era obra da Omnipotencia Divina, que queria sahir ao mundo com hum grãde milagre da mesma graça, o que havia de fazer em muitos annos, fez em poucos mezes, n. 304. p. 276. Foy Estanislao filho abortivo da Companhia, n. 305. p. 277.

Estendarte. Mostra-se a causa porq̃ a Aguiã, timbre, & insignia das bandeiras Romanas, tendo no principio hũa só cabeça, se começou a pintar com duas, n. 46. p. 38.

Eucharistia. Vide na palavra, *Sacramento.*

F

Fè. SE o Christão, & Catholico cuida

que a sua Fè he melhor que a dos infieis, porque cre o que ensina o Credo; engana-se: não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos, n. 520. p. 449. Mayor erro he o dos Christãos em não concordar a sua vida cõ a sua Fé; do que o dos Judeos em não concordar a sua Fè com a sua esperança, n. 499. p. 434. Se o não crer, he ter o entendimento cego, & obstinado: crer huma cousa, & obrar outra, he totalmente não ter entendimento; & quem não tem entendimento, não he homẽ, & quem não tem Fè, não he Christão: segue-se, que o que não he homem, serã animal; & o que não he Christão, serã herege, num. 501. p. 435 & seqq. A verdadeira Fè entre os Judeos nunca chegou a durar quarenta annos, n. 510. p. 441. Os Judeos seguem com a vida

da o que crem com a fé : & o mão Christão com a Fè cre hũa coufa, & com a vida segue outra, n. 511. pag. 442. Não concordar a vida com a Fè he hum ditame tam barbaro, & irracional, que não ha entendimento humano em que cáiba tal coufa, num. 514. p. 444. E até aos mesmos brutos, estáo os homens obrigados a dar razão da sua Fè, & das suas obras, n. 517. p. 447. O A, b, c, da Fè he ajutar o Symbolo com o Decalogo : o Symbolo, que nam anda junto com o Decalogo, não he Symbolo da Fè, he fé do cymbalo, num. 521. p. 450. Aonde a vida he mà, não pôde a Fè ser boa, n. 519. p. 449. Má vida com boa Fè não podem andar juntos, porque o que confessa a Fè, nega-o a vida, n. 523. p. 551. A Fè juntamente confessada, & negada, he peyor que a do Turco, num. 524. p. 452. De dous modos morre a Fè, ou natural, ou violentamente : se a Fè carece sómente de boas obras, morre naturalmente : se além de carecer das boas, exercita as más, morre violentamente, n. 527. p. 454. Os efeitos da Fè são as obras conformes a ella : pelas obras se vê manifestamente, & sem ellas não, num. 529. p. 457. & seqq. Não basta o primeiro bem da Fè, que he bem crer, senão for acompanhado com o següdo bem, que he bem obrar, n. 538. pag. 463. & seqq. Os que contrariaõ a Fè com más obras, em lugar de a Fè os levar ao Ceo, elles cõ a mesma Fè se acharáo no inferno, n. 540. p. 464. Como o objecto da Fè seja o futuro, & o que leva apos si a vida, seja o presente; pôde mais com os homens o presente,

sente, ainda que breve, do que o futuro, ainda que eterno, num. 544. p. 467. As cousas da Fè são certas, como as da vida duvidosas, n. 544. p. 468.

Felicidades. As felicidades que vem por mão dos homêes, são inconstantes, mas as que vem por mão de Deos, são firmes, & permanêtes, n. 495. p. 429.

Fermosura. Que cousa he fermosura, num. 363. p. 320. Fermosura apregoada não esta muito longe de vendida, n. 325. p. 292. He tão appetecida das mulheres a fermosura, que só pela gloria de a contemplarem, deixaram a mayor dignidade, ainda que seja de ser como Deos, n. 329. p. 295. He a fermosura, bem fragil, & quanto mais se vay chegando aos annos, tanto mais se vay diminuindo, n. 362. p. 319. A fermosura de Elena filha de Tin-

damo de Laconia, foy causa da destruição de Troya, *ibidem.*

Filhos. São os filhos não só fructos da natureza, mas tambem da graça, & muito mais da graça, que da natureza, n. 568. p. 487.

Fortuna. Varios modos com que antigamente se pintava a fortuna, n. 5. pag. 4. Ainda que fosse de bronze a sua natureza, nunca lhe havia de faltar por propriedade inseparavel a inconstancia da sua roda, n. 5. pag. 5. Mayor utilidade traz aos homens a fortuna adversa, que a prospera: & a razão porque, n. 8. p. 8. Para a fortuna dar hũa volta inteira aos mayores Imperios, não são necessários annos, nem dias, n. 9. p. 9. Em menos de meyo dia deo a fortuna por terra com a Monarchia dos Assyrios, & Chaldeos; & levantou até às nuvêes a dos Persas, & Medos, n. 10.

n. 10. p. 9. A mesma fortuna correo a famosa Cidade de Lugduno, n. 12. p. 10. Quando o fabio Capitão se vir mais vitorioso, & triunfate na carroça de Marte, & da fortuna, então deve temer mais a volta das suas rodas, n. 13. p. 11. A cósideração das suas voltas obrigou a Sefostris Rey do Egypto a mandar tirar da sua carroça quatro Reys, que por ella puxavão, num. 16. pag. 14. Os Emperadores Romanos dentro do aposento onde dormião, tinhão fabricado de ouro a estatua da sua fortuna, para dormirem seguros, tendo-a por sétinela, n. 47. p. 40. Esta mesma estatua, quando morria algum delles, era levada a casa do seu successor; mostrando com esta vaidade, que podião testar da fortuna como de proprio patrimonio, *ibidem*.

São Francisco Xavier. As graças com que o Reyno de Portugal deve agradecer o repetido favor de ter quarto Infante, não só são devidas a Xavier, mais que a Deos, senão todas a Xavier: & a razão porque, num. 600. p. 518. Na mercè que Xavier fez a este Reyno em lhe dar quarto Infante, não só obrou com os poderes de Deos, como de Deos, senão com os poderes, & com o mesmo Deos, tudo como feu, & por isso absolutamente se lhe devem todas as graças, n. 602. p. 519.

G

Graça. Quando as cousas dependem do proprio alvedrio, estar sobre hũa só anchora, não só he desgraça, mas culpa; porèm quando dependê só da mão de Deos, he

he providencia muito para estimar, & agradecer da mesma graça Divina, num. 578. p. 498.

As Graças. Erão tres as Graças, como fingião os Antigos: cujos officios, o da primeira era fazer, ou repartir as mercês; o da segunda aceitarlas; & o da terceira agradecerlas, n. 567. p. 487.

H

Hippocrates. **N**unca recebo paga pelo uso da Medicina, num. 253. p. 233.

I

Inferno. **O** Inferno começou no Ceo, quando os Anjos foram privados da vista de Deos, n. 551. p. 474.

Ingrato. O ingrato não só esteriliza os benefi-

cios, mas tambem ao bem-feitor, num. 589. p. 508.

Dom João. O Serenissimo Rey Dõ João o Quarto estimava mais o nome da piedade, que o titulo da Magestade; & por esta razão convidado tantas vezes para a Coroa; rejeitou generosamente o Cetro; & depois chamado para o remedio, aceitou animosamente a Coroa, n. 488. p. 424.

São Joseph. Não só foy Pay putativo de Christo, mas legitimo, & verdadeiro, n. 55. p. 48. Foy verdadeiro, & legitimo filho, & descendente de David. *Ibid.*

O Matrimónio de São Joseph com a Virgem Maria Senhora nossa, foy verdadeiro, & legitimo Matrimónio, n. 57. p. 69. He tão superior dignidade ser Pay de Christo, que a nenhum homem se promete, senão a São Joseph, n. 76. p. 88. Era affom-

quaffombro das Jerar-
quias do Ceo, obede-
cer Jesus, & Maria ao
que São Joseph man-
dava, n. 77. p. 88.
Judeos. Os Judeos muito
antes que Epicúro, Lu-
tero, & Calvino, não
querendo mudar de vi-
da, fizeram fé nova, pa-
ra concordar a fé com
a vida, n. 507. p. 439.
E ainda que fizeram fé
nova, não foy esta a q
elles ensinou o novo
modo de viver; mas a
novidade das vidas, &
dos costumes; foy a q
introduzio a novidade
dos deoses, n. 508. p.
440. Ainda que os Ju-
deos deste tempo não
adorem idolos, he a sua
fé verdadeira idolatria;
porq adorando a Deos
em quanto hum, (como
dizem) & não em qua-
nto Trino, adorão a hū
deos que não ha, a hū
deos falso, & fingido,
n. 509. p. 441.
Vide na palavra Fé.

L
Ley. **H**E razão que a
Ley da Graça
premie não só os servi-
ços seus, senão tambem
os da ley antiga, n. 483.
p. 420.
São Lucas. Foy Cherubim
pela sciencia da Medi-
cina, n. 235. p. 220.
Por meyo de S. Lucas
bem pôde o Medico
Christão valerse da ar-
te magica para adivi-
nhar o que a sua não al-
cança, n. 244. p. 227.

M
D. Manoel, **R**Ey de Por-
tugal, fê-
do Fundador dos Hof-
pitaes de Lisboa, se di-
zia delle, que justame-
nte fabricava Hospitaes,
quem com as suas Cõ-
quistas accrescêrara os
enfermos, n. 237. p. 215
Maria Santissima. He opi-
nião provavel, que a
Se-

a Senhora circuncidou
 ao Menino Jesus; & esta
 accção foy verdadeiro
 retrato de hum bom
 Superior, num. 381. p.
 334. Padeceo a Senhora
 a pena de damno, &
 a de sentido; ambas co-
 mo as do inferno em a-
 atormentarem; & am-
 bas como as do infer-
 no em lhe não tirarem
 a vida; n. 558. p. 479.
 Forão as suas dores se-
 melhantes às do infer-
 no, porque sendo tam
 grandes, não bastavão
 a lhe tirar a vida; n. 558.
 p. 478. As penas que a
 Senhora padeceo na sua
 soledade, forão mayo-
 res que as que padeceo
 Christo na sua Payxaõ;
 porque aquellas vieraõ
 todas juntas, & estas
 forão em diverso tem-
 po, n. 554. p. 476. As
 dores que a Senhora
 padeceo na hora de sua
 soledade, forão seme-
 lhantes às que pade-
 cem os damnados no
 inferno por lhes saltar
 a vista de Deos, n. 550.

a pena da Se-
 nhora na sua soledade
 foy como a pena de se-
 ntido que se padece no
 inferno; porque se lhe
 representáraõ todas jün-
 tas, n. 554. p. 476.
 Medicina. Os Egypcios
 forão os inventores da
 Medicina; n. 230. pag.
 1217. O geroglifico com
 que os Egypcios pinta-
 vão a Medicina, era
 hum pomba com hum
 ramo de louro na bo-
 ca; & porque. *Ibidem.*
 He sciencia admiravel,
 n. 233. p. 218.
 Medico. Qualidades que
 deve ter o perfeito Me-
 dico; n. 233. p. 219. &
 seqq. O Medico he ne-
 cessario que seja mais
 que homem; & passe a
 ser Cherubim; n. 234.
 p. 220. A multidão de
 Medicos nos casos da
 Medicina não está bem
 acreditada; n. 241. p.
 224. Instrucçõens pa-
 ra os Medicos; n. 248.
 p. 229. O primeiro do-
 cumento que Christo
 Senhor nosso deo aos
 pro-

professores da Medici-
 sina, he que não levem
 bolsa, nem dinheiro,
ibidem. E porque, n.
 251. p. 231. O segun-
 do documento he, que
 no caminho a ninguem
 faudem, n. 257. p. 236.
 O terceiro documento
 he, que devem defen-
 ganar ao enfermo do
 seu perigo, n. 265. pag.
 242. Como a faude do
 corpo seja o objecto da
 Medicina, farihe-ha
 grande injuria o Medi-
 co, que quizer se lhe
 pague a dinheiro, num.
 252. p. 232. Sendô a
 faude entre os bens tẽ-
 poraes o mayor de to-
 dos, seria grande afron-
 ta da mesma faude, que
 os professores da Me-
 dicina lhe puzessem
 preço, n. 253. p. 233.
 Na Corte da China dão
 os Medicos a doença
 do Rey os mesmos ri-
 tulos que à pessoa Real,
 n. 261. p. 239. O Me-
 dico não cura a purpu-
 ra, nem a Coroa, senão
 o corpo, que em todos

he do mesmo barro, n.
 262. p. 239. Os Medi-
 cos devem ser como as
 enfermidades, que não
 respeitão dignidades,
 n. 263. p. 240. Deve o
 Medico com todo o va-
 lor defengandar ao en-
 fermo, ainda que seja o
 mayor Monarcha, n.
 267. p. 243.

Ministros. Devem deixar
 de ser o que são por na-
 tureza, para chegarem
 a ser o que devem por
 obrigação, num. 151.
 p. 153.

Monarchia. Os muros q̃
 mais fortemente cer-
 cãção, & defendem a Mo-
 narchia, não são os que
 se fabricão de marmo-
 res ligados, senão de
 coraçõens unidos, n.
 257. p. 499.

N

Nobresa. **H**E isêta de
 pagar tri-
 butos, n. 161. pag. 161.
 He materia de escanda-
 lo, quando todos pagão,
 não

não pagar a Nobreza tributos, n. 161. p. 162. He justo que os que se sustentão dos bens da Coroa, não faltem à mesma Coroa cõ seus proprios bens, n. 162. p. 162.

O

Obediencia. **S**O com a obediencia se satisfaz a todos os votos da Religiaõ, n. 372. p. 328. Com a obediencia se exercitaõ todas as virtudes. *Ibidem.* A obediencia não só he todas as virtudes, mas faz que sejaõ virtude as que o não são: & a razão porque, n. 374. p. 329. A obediencia enxerta na alma todas as virtudes, n. 375. p. 330. Tanto que falta a obediencia, logo as demais virtudes perdem a fermosura, & deixaõ de ser virtudes, n. 375. p. 330.

Obediente. O verdadeiro obediente não só se ha

Tom. II.

de conformar com a obra, senão tambem com o tempo, n. 377. p. 331. O verdadeiro obediente não ha de ter, nê procurar lugar certo, n. 379. p. 333.

Omnipotencia Divina. Assim como he proprio da Medicina curar contrarios com contrarios; assim he proprio da Omnipotencia Divina curar semelhantes com semelhantes, n. 203. p. 195. Quando as obras da Omnipotencia, posto que grandes, não são as mais excellentes, attribuem-se à Unidade, ou a Deos em quanto hum; porém se são as mais nobres, & excellentes, attribuem-se à Trindade, ou a Deos em quanto Trino, n. 398. p. 350.

P

Paraiso. **T**Eve o seu principio no inferno, quando os Santos

Nn

tos

os Padres viram lá a
Christo, n. 551. p. 474.

Parto. Mostra-se da Es-
critura sagrada, como
os partos ou paraõ no
terceiro filho, ou dege-
neraõ depois delles as
geraçoes, ou he mui-
to difficultosa a passa-
gem para chegar ao
quarto, n. 606. p. 522.

Pena. A pena de sentido
no inferno he muito
diferente das que se
padecem nesta vida;
porque estas são suc-
cessivas, & por partes;
& aquellas todas se pa-
decem juntas, n. 554.
p. 476.

Perfeição. A perfeiçam
desatada, são infinitas
virtudes, & infinitos
actos de cada húa del-
las, & por isso muito
difficultosa de obser-
var: atada porèm, &
unida, he huma só vir-
tude, & por isso facil de
se guardar, num. 368.
p. 314.

Pintura. Os longes, & os
pertos da pintura to-
dos tẽ a mesma distan-

cia, n. 546. p. 469.

Portugal. Ordenou Deos
que a liberdade, & os
venturosos successos de
Portugal fossem tanto
tempo antes, & por tão
repetidos oraculos pro-
ferizados; para que
quando vissemos estas
maravilhas humanas,
entẽdessemos que erão
disposiçoens, & obras
Divinas; & para que
nos alumiasse, & con-
firmasse a Fè, onde a
mesma admiração nos
em baraçasse, n. 464. p.
403. Como as cousas,
ou por muito deseja-
das, ou por muito diffi-
cultosas se fação incri-
veies, daqui naceo que
os successos de Portu-
gal, ainda depois de vi-
stos, parecião sonha-
dos, num. 466. p. 404.
Ainda que os Portu-
guezes não souberão
esperar, comtudo sou-
berão amar, & com
muita ventagem; por
que buscando a hum
Rey morto, vierão a
encontrar com hum
vi-

vivo, n. 473. pag. 411. Conseguiose a restauração de Portugal em tal dia, & tal anno, nem antes, nem depois, porque este era o tempo opportuno, & decretado por Deos, n. 475. p. 413. Na restauraçam de Portugal fê lógrou aquella primeira maxima de toda a razão de Estado, que he, conseguir o intenro, & evitar o perigo, n. 478. p. 416.

Predestinação. Não só os homens, mas tambem os dias tem sua predestinação : os homens para a gloria de Deos; & os dias para Deos ser glorificado nelles : & a razão porque, n. 392. p. 344.

Principe. Vem a ser industria no Principe, o que he razão de estado no lavrador, que as espigas que ha de cortar, essas abraça primeiro, n. 486. p. 423. Dar Deos segúdo Irmão ao Principe de Portugal, foy

confirmarlhe a herança mais em duas vidas; porque os Irmãos são os fiadores da sua, n. 575. p. 496. Quando o Principe he hum só, tão arriscada tem a herança, como a vida, n. 576. p. 497. O Principe primogenito del Rey Dom Pedro Segundo, que o Ceo lhe deo, & tão brevemente arrebatou, he a mais segura anchora das quatro q̄ tem o Reyno de Portugal, n. 583. pag. 502. Serem sabios na paz, & valerosos na guerra, he a mayor prerogativa, que celebra o Mundo nos Principes, n. 617. p. 532. O Infante que Deos deo a Portugal, por ser quarto em numero, se deve offerecer, & dedicar todo a Deos: & hão de ser as suas virtudes tão Christãmente Reaes, & tão Realmente Christãs, q̄ não contente com a observancia da Ley de Deos, não só serà hum Real, Nn ij &

& sublime exemplar da
 perfeição religiosa, mas
 consummadamente São-
 to, n. 618. p. 533. Não
 pode Xavier entrar pe-
 las portas da China a
 levar a Fè àquelle po-
 deroso Imperio; por-
 que guardava Deos este
 glorioso triumpho para o
 quarto Infante de Por-
 tugal, n. 620. pag. 535.
 Assim como o Infante
 Dom Henrique, filho
 del Rey Dom João o
 Primeiro de Portugal,
 foy o primeiro que in-
 tentou, & conseguiu a
 navegação da India,
 China, & toda a Asia;
 & foy o que lançou a
 primeira pedra no edi-
 ficio da Igreja Orietal:
 assim o quarto Infante
 de Portugal, filho do
 Serenissimo Rey Dom
 Pedro o Segundo, ha de
 ser aquelle, para quem
 Deos tem guardado o
 dilatar a Fé pelo mes-
 mo Imperio, & fechar
 as abobadas do mesmo
 edificio, arvorando nel-
 le as Quinas de Portu-

gal, num. 622. p. 538.
 Não a si, mas ao São-
 to Xavier deve referir
 todas as suas acçoens,
 n. 624. p. 540.

Q

Qualidades. **D** Eclaraõ-
 se as que
 são necessarias para hũ
 perfeito Procurador de
 Cortes, n. 137. p. 140.
 Mostraõ-se as que de-
 ve ter hũ perfeito Me-
 dico, n. 233. p. 219.

R

Rey. **Q** Uando os Reys
 se vem em ne-
 cessidade; atè as mesmas
 Igrejas os devem soc-
 correr, n. 158. p. 159.
 Os Reys que offere-
 cem votos aos Têplos,
 depositão nelles soc-
 orros, n. 160. p. 161.
 Devem os Reys animar
 muito aos ministros da
 sua saude, & vida, para
 que nos perigos della

os

os defenganem cõ toda a liberdade, num. 271. p. 247.

Religioso. Assim como o credito do Soldado cõsiste em ser bom Soldado, assim o credito do Religioso cõsiste em ser bom Religioso, tendo verdadeira obediencia, n. 385. p. 338.

Religiosas. Mayor sacrificio fazem a Deos as Religiosas em renüciar os espelhos, do que em lhe offerecerem a flor da sua idade, n. 347. p. 308. As Religiosas q̃ não apartão de si os espelhos, não tem desculpa, n. 345. pag. 305. A Virgem Maria deve ser o espelho, a que as Religiosas se hão de ver, para parecerem bẽ ao Divino Esposo, n. 349. p. 317. Em lugar do espelho devem pôr na sua cella a Imagem de N. Senhora, & de Christo crucificado, n. 358. pag. 316. Para renunciarem ao falso desejo, & estimação da

fermosura, deve ser o seu espelho Christo crucificado, num. 360. p. 318.

Remedio. Quando os remedios não tem bastante efficacia para curar a enfermidade, he necessario curar os remedios, para que os remedios curẽ ao enfermo, n. 143. p. 145. Remedio para se remediarem os remedios, n. 144. p. 146. Os remedios com que se haõ de conservar as Republicas, haõ de ser conservativos, & nam defabridos. *Ibidem.* O melhor primor dos remedios he obrar a conservação, & saborear o gosto. *Ibidem.*

S
Sacramento. A Constelação em que naceo o Sacramento neste mundo, foy de q̃ nunca lhe haviaõ de faltar traidores, n. 177. p. 177. Foy necessario

exporſe o Sacramento,
 & apparecer em publi-
 co nas Quarêta Horas,
 para attrahir a ſi os ho-
 mens, que andavaõ fó-
 ra de ſi, & fóra de Deos,
 n. 180. p. 179. E para
 conciliar o respeito, q̃
 os homens tinhão per-
 dido à ſua Igreja, n. 183
 p. 181. & 188. n. 193.
 Foy tam. grande a Fè
 dos Apoftolos da ſegū-
 da Companhia de Jeſu,
 que ſendo a tempeſta-
 de, que no mundo ſe ti-
 nha levantado, mayor
 que o meſmo mar, elles
 crêrão, & ſuppuzeram
 com evidencia, que pa-
 ra ſe ſoſſegar em hum
 momento, baſtava ap-
 parecer, & ſahir o Sa-
 cramêto a publico nas
 Quarenta Ho-as, num.
 189. p. 185. Permittio
 Deos eſta tempeſtade,
 para eſtabelecer a Fè do
 meſmo Sacramento, n.
 190. pag. 185. Parecia
 mais proprio nas Qua-
 renta Horas exporſe o
 Sacramento no Caliz,
 & não na Hoſtia : & a

razão porque, n. 203.
 p. 195. A mudança do
 Mundo foy tam prodig-
 gioſo effeito do Sacra-
 mento neſte tempo, que
 não ſó os Gentios, mas
 tambem o meſmo Chri-
 ſto ſe admirou, n. 208.
 p. 200. & ſeqq.

Salvação. Em materias de
 ſalvação não ſe ha de
 admittir duvida, por
 menor, ou minima que
 ſeja, n. 22. p. 19. Arris-
 que-ſe, ou perca-ſe tu-
 do o que ſe pôde per-
 der, com tanto que ſe
 não arrisque, ou ponha
 em duvida a ſalvaçam.
Ibidem. Se o riſco da
 ſalvação propria ſe en-
 contrar com a alhea, ef-
 tà obrigado cada hum a
 tratar da propria, ainda
 q̃ ſe perca todo o mun-
 do. *Ibidem.* Aſſim ce-
 mo he prudencia nas
 couſas duvidofas, & cõ-
 tingentes dizer, *ne for-
 tẽ*; aſſim nas certas, &
 que não podem ter du-
 vida, dizer, *ne fortẽ*, he
 a mayor imprudencia,
 n. 19. p. 17.

D. Sebastião Rey de Portugal, por ser esperado de muitos, não he o prometido nas profecias, n. 472. p. 410.

Seyo de Abraham. Da charidade com que Abraham esperava os peregrinos à porta da sua casa para os hospedar, se denominou Seyo de Abraham aquelle lugar debaixo da terra, onde os Santos antigos esperavão que se lhes abrissem as portas do Ceo, n. 407. p. 357.

Scipião Africano. Foy tão pobre, que não tendo com que dotar suas filhas, lhas dotou o Senado Romano, n. 343. p. 304.

Superior. Ha de ser tam reciproco o sentimento nas materias sensiveis, que tanto se doa o Superior, como o subdito, n. 381. p. 225.

T
Templo OS Templos são armazéns das necessidades, n. 160

p. 160. São deposito de soccorros, nos votos q os Reys lhes offerecê. *Ibidem.*

Themistocles. Nos seus primeiros annos vivia muito triste, porq não tinha inimigos, n. 97. p. 105.

Traição. He justa providencia de Deos, que as traiçoens, & maldades se convertão cõtra seus proprios authores, n. 44. p. 37.

Tributos. Os tributos fazem-se suaves, se todos os pagão igualmente, n. 148. p. 150. Quando a necessidade aperta, concorrer para os tributos, he dadiva, & não paga, n. 156. p. 157.

Triunfo. O modo com que antigamente se celebravão os triunfos, era levantar arvores, nas quaes, desgalhados os ramos, se penduravão as armas, & despojos dos inimigos, num. 14. pag. 12.

Vassallos.

68-340
R. O. Lemos
3-25-68

V

Vasallos OS vassallos que pelo seu Rey dispendem cõ liberalidade o que tem, & o que não tem, nam saõ povo, mas nobreza, n. 166. p. 165.

Vencedor. O primeiro documento que se dà ao vencedor prudente, he tomar bem as medidas ao Paiz vencido, n. 17. p. 15.

Vitoria. Varias razoens

porque se deve temer a vitoria, n. 15. p. 13. As vitorias vistas sem os olhos na roda da fortuna, ensoberbecem; com os olhos nella humilhaõ: aos vencidos causaõ esperança, & aos vencedores temor, n. 16. p. 14.

União. He mayor a união com que Deos està unido ao homem no Superior; do que aquella, com que està unido ao homem em Christo, n. 301. p. 273.

FINIS.





SERMAM

Do felicissimo nascimento

Da Serenissima Infanta

TERESA FRANCISCA
JOSEPHA.

Genuit filios, & filias. Gen. 5.8.

§. I

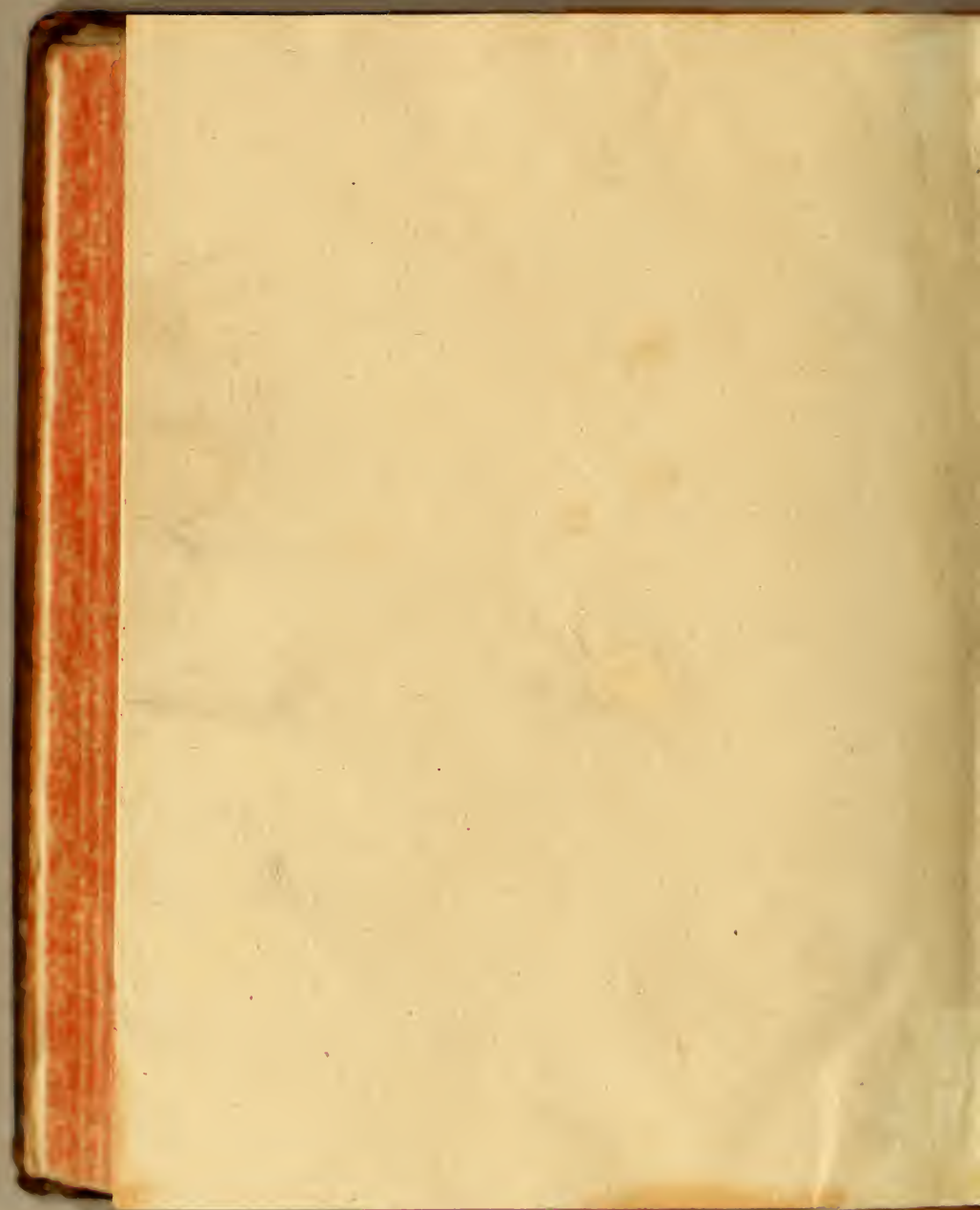


Sta he a vez primeira, que em toda a Escritura sagrada se lê o nome de filha. E este nome acrescentado à gloriosa descendência dos nossos Augustissimos Monarchas no felicissimo, & desejado nascimento da nova, & Serenissima Infanta Teresa

Francisca Josepha, he a votiva solemnidade de acção de graças, em que as vem render ao Soberano Author do ser, & da vida, com tam universal, luzido, & festivo concurso toda a Corte Ecclesiastica, & politica da nossa Metropoli.

Falla o Texto, que propuz, do pay, & geração de todos os homens.

A E



CA679
V6575
11

